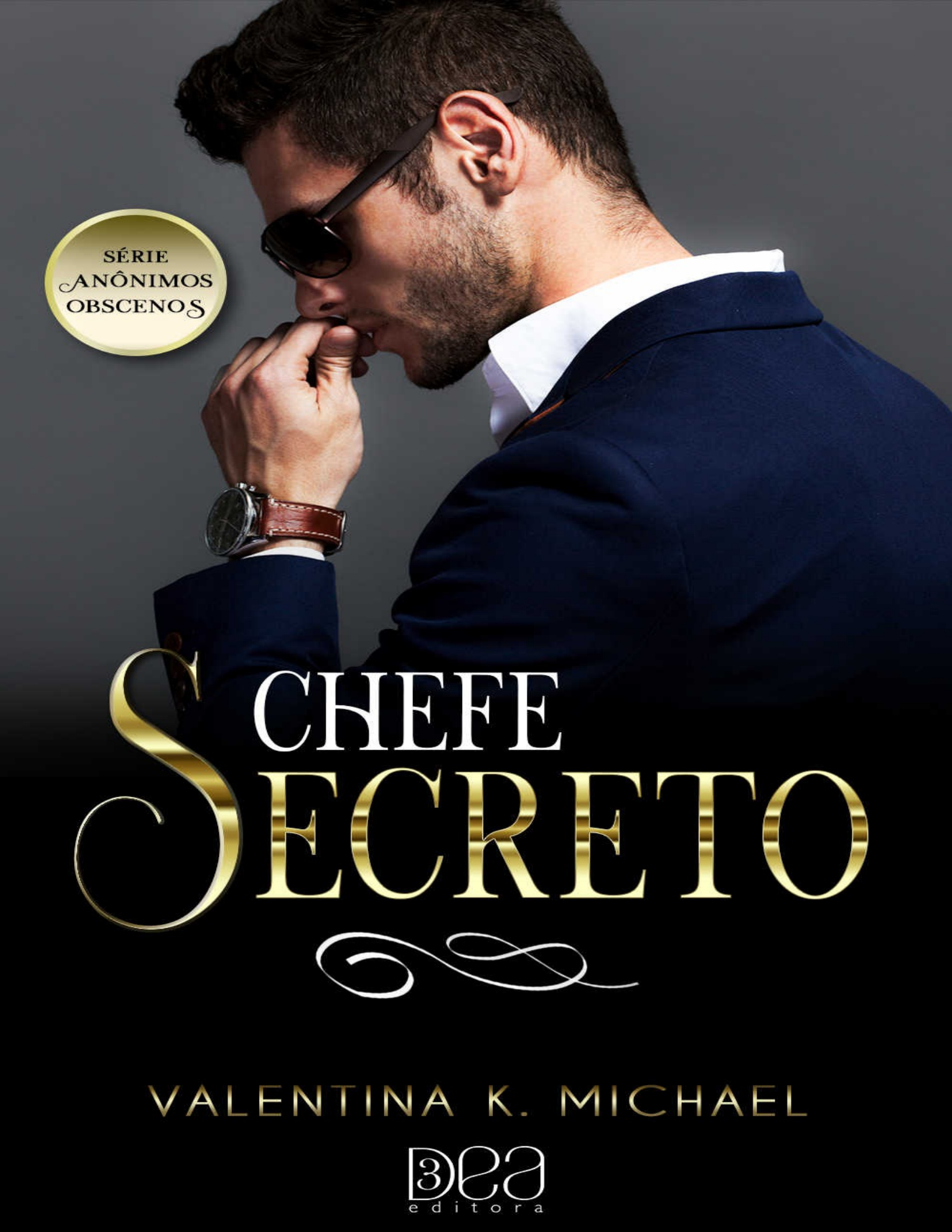




SÉRIE
ANÔNIMOS
OBSCENOS

SCHIEFE SECRETO

VALENTINA K. MICHAEL

Dea
editora



PERIGOSAS

S^{CHEFE} SECRETO



NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

VALENTINA K. MICHAEL

SCHIEFE SECRETO

Séries Anônimos Obscenos

Livro 02



NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Copyright © Valentina K Michael
Editor-Chefe| Patrícia K. Azevedo
Assistente de Desenvolvimento| Milena Assis
Revisor| Cônia Carvalho
Capista| Mia Klein
Diagramação| Cris Spezzaferro

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas o universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998). Todos os direitos desta edição reservados para 3DEA Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M6211Michael, Valentina K.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Chefe Secreto / Valentina K. Michael
Brasília/DF

ISBN:

1. Literatura Brasileira. I. Título.

CDD: B869

NACIONAIS - ACHERON

Sumário

AGRADECIMENTOS

PRÓLOGO

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

QUATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

LORENZO

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

QUARENTA E UM

QUARENTA E DOIS

QUARENTA E TRÊS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

QUARENTA E SEIS
QUARENTA E NOVE
CINQUENTA
CINQUENTA E UM
EPÍLOGO
CONTINUA EM

NACIONAIS - ACHERON

AGRADECIMENTOS

A todos os meus seguidores que vêm me dando tanto apoio, me compreendendo quando atraso, me dando o ânimo que preciso para continuar criando histórias. *Chefe Secreto* foi um livro intenso e bem profundo, com muitas emoções fortes, e durante sua produção, tive grandes apoios.

A Bianca Ferreira que tem me ajudando grandemente em divulgações, revisões e ideias, a Marcela Fontela que disponibilizou seu tempo para me ajudar, a Maria Aparecida Aquino que tem puxado minha orelha, dando-me muitos conselhos construtivos; Mayara Carvalho que tem ouvido minhas ideias e me ajudado com os *banners* e a Carolina Oliveira, pelo apoio com a ajuda do blog Carpe Diem.

Um agradecimento mais que especial para as meninas dos grupos do WhatsApp. Grupo **Romances da Valentina** e o grupo **Indecentes e Obscenos**. Muito obrigada a cada uma de vocês.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PRÓLOGO

Oito anos antes

Exaurida e totalmente cansada, saio da minha sala na empresa quase às oito da noite. Meus pés estão estraçalhados no meu Prada de salto 15. Dia de fechamento de edição é um tormento e olha que estou aqui há apenas seis meses. Abro a bolsa, tiro um espelhinho e olho meu rosto. Na porta do elevador, apenas eu.

— Até amanhã, Angelina. — Ouço e me viro a tempo de ver uma funcionária passar com um monte de pastas de croquis em seus braços.

— Até amanhã! — respondo e volto a me olhar no espelho. Preciso só retocar a maquiagem a tempo de chegar ao encontro com as meninas. Posso fazer isso no carro. Jogo o espelhinho na bolsa quando o elevador abre. Aperto térreo e olho para a parede espelhada à minha frente. Visto o casaco sobretudo por cima do meu vestido exclusivo, desenhado por mim. Ajeito meus

NACIONAIS - ACHERON

cabelos pretos, estalo os lábios e falo: Saaaaa-pa-to.
— Respiro — Corrrrrr-da. — Respiro — Peeen-te.

Minha vida está uma correria ultimamente, não estou tendo tempo para mais nada. Acabei de assumir o cargo de auxiliar de diretoria da empresa do meu pai. Ele queria que eu esperasse mais, tentou negociar para que eu fizesse ao menos vinte anos antes de me afundar em trabalho, como ele diz, mas eu mal podia esperar para vir para a *Madde* e fazer daqui minha vida. Amo tanto esse lugar que sinto meu peito inchar toda vez que coloco um pé pela porta da frente. Estar aqui, em uma das maiores marcas de moda feminina da atualidade, não é só por questões familiares, é por mim, pelo meu sonho. Minha vida é a *Madde*.

Saio no térreo, bato a mão para o porteiro atrás do balcão quando passo o crachá na catraca, e ela abre. Na rua, na calçada, pego o celular na bolsa e mando uma mensagem:

Não fujam! Estou chegando.

Envio e não espero a resposta de Beth, minha

prima. Um carro para à minha frente, um funcionário da empresa sai, me entrega a chave, e eu entro. Jogo a bolsa no banco do lado, ignoro os constantes bipes do meu celular e digito o endereço no GPS do carro. Não fica muito longe. Quer dizer, fica numa área bem fora do meu centro de convivência, no subúrbio, eu diria. As meninas devem estar querendo me matar, mas, como eu ganhei nossa aposta, escolhi o lugar. Encontrei-o na internet , por acaso, num convite de evento do Facebook. E é para lá que eu vou.



A rua é meio estreita, pouco iluminada; consegui uma vaguinha na frente para estacionar. Tentando correr nos meus saltos, ando alguns metros até chegar ao local. Olho de cenho franzido para o letreiro gasto: O *BÚFALO*. Paro na porta repleta de homens de aparência comum, uns gordos com camisa sem manga e copos de cerveja na mão. Outros bem fortes, com tatuagens duvidosas e cavanhaques. Algumas mulheres de roupas questionáveis que me dão vontade de levá-las à *Madde* e oferecer-lhes um *ticket* compra. Odeio top tomara que caia com shortinho curto. Olho para a

NACIONAIS - ACHERON

rua, não muito movimentada. Passa um carro de polícia, dá um alerta de sirene, mas não para, vai embora; eu fico querendo tirar os sapatos e correr. Olho para uma placa na parede que diz:

Hoje! O confronto mais aguardado!

O Caballero Vs Tio Macho.

Seguro forte a alça da minha bolsa e penso nas meninas que já estão lá dentro. Tenho que entrar. Os homens pararam de conversar e começaram a me olhar como se eu fosse de Marte.

— A moça precisa de ajuda? — Um deles pergunta.

— Sim. — Mostro o ingresso que comprei. — Vim ver a luta.

— Veio ao *O Búfalo* ver banho de sangue?

Dou um sorriso modesto e ergo os ombros, tentando parecer normal diante dos olhares incrédulos. O medo me corroendo. Preciso garantir que nada vai me acontecer.

NACIONAIS - ACHERON

— É... conheço o... — olho em volta, meu coração parece que vai sair pela boca. Então vejo a placa e falo: — Caballero. — Empino o nariz.

— Conhece o Caballero? — Dois perguntam em uníssono. Um deles passa os olhos pelo meu corpo e esse olhar me faz puxar as abas do meu sobretudo.

— Sim. Ele me convidou. — E para dar mais ênfase, completo: — Pessoalmente.

— Então, seja bem-vinda. — Um homem estende um braço mostrando a porta e todo mundo sai, abrindo passagem. — Amiga do Caballero é quase dona da casa.

— Obrigada. — Passo por eles completamente aliviada. A mentira me salvou. Poderia ter escolhido dizer que sou amiga do Tio Macho, mas sei que Caballero é cavalheiro em espanhol, então escolhi por esse critério.

Entro por um corredor, gritos e música dançante vêm do fundo. Minhas mãos tremem, seguro mais forte minha bolsa e chego em um

NACIONAIS - ACHERON

pequeno bar, com mesas espalhadas, o chão de madeira gasta, quadros com fotos de homens com cinturões espalhados pela parede e lustres feitos de algo que se parece com chifres de alce. Olho em volta, não vejo as meninas, corro até o balcão e um homem ergue o queixo indagando, calado, o que eu estou querendo.

— A luta. — digo.

Ele apenas aponta para uma entrada. Agradeço, caminho até lá, meu coração gela ao ver uma rampa que some para o subsolo. Mas como as meninas estão aí, preciso ir até lá. Tomo coragem e desço. Lá embaixo, chego numa porta, encontro uma catraca. Sem cerimônia, entrego o ingresso e o homem barbudo me deixa passar.

E então, deparo-me com um enorme salão lotado com todo tipo de gente. O barulho de gritos é insuportável. A plateia é em círculo e no meio, um ringue. Eu sou mesmo uma louca. Poderia ter escolhido ir ao bar stripper masculino ou tentar entrar no clube secreto Dama de Copas que as meninas falaram. Mas não, preferi O *Búfalo*. Paro,

pego meu celular e com a mão pingando de suor, mando uma mensagem para Beth. E a resposta quase me mata. Elas foram embora. Saíram, não me esperaram. O desespero bate muito forte quando me vejo sozinha nesse lugar decrepito. Viro para sair correndo, mas uma barreira de gente me fecha.

— Com licença, preciso passar. — peço apreensiva, mas ninguém me ouve. O povo começa a chegar, todo mundo levantando os braços e gritando. Vão me empurrando e eu sou obrigada a voltar. Acabo ficando bem perto do ringue, quase caindo desmaiada no chão. Então o locutor fala:

— A luta mais esperada da noite. São exatamente nove horas! É a hora da guerra! A hora do sangue! Quero que recebam com gritos, o nosso primeiro gladiador: Tiiiiiooooo Macho! — Coloco uma das mãos no peito e outra na boca ao ver o homem barbudo e de corpo médio entrar. Fico pasma olhando tudo isso à minha volta. Não sei se sinto raiva das meninas ou medo do lugar. Queria poder sair daqui com vida para contar sobre esse dia para meus netos. O ar começa a faltar, os gritos me deixam atordoada. O lutador pula eufórico no

ringue pedindo mais aclamação do povo.

— Agora, ele que é dono do cinturão do *Búfalo*. Recebam o espanhol mais selvagem, o gladiador da casa: Cabaaaaaalleroooo! — Tiro os olhos da tela do celular e vejo entrar no ringue um homem que me deixa de olhos saltados. Diferente de tudo que já vi. Alto, com um corpo perfeitamente esculpido, malhado, atlético e uma enorme tatuagem no braço, e, pelo rosto, é novo. Tem cara de anjo, cara de inocente. Os cabelos são baixos, mas há fios jogados na testa. Fico paralisada com a aparência dele, rústico, mas bonito. Ele não faz tanta algazarra quando entra. Só fica andando de um lado para outro, levantando os braços enquanto o povo grita: "Caballero! Caballero!" Me arrepio toda. Estou encolhida de pé entre vários homens que pulam e vibram, mas nem ligo. Estou vidrada no belo espanhol.

E quando a luta começa, eu quase não vejo nada, tampo meus olhos durante a maior parte do tempo. O embate parece que nunca tem fim, mas quanto mais demora, mais o povo grita. Termina um *round*. Cada um dos lutadores senta num lado

do ringue. E eu tento, a todo custo, mandar uma mensagem, mas estou fora de área, sem falar no povo me empurrando. Uma loira de bunda enorme e peitos saltados em um tipo de biquíni dá uma volta no ringue exibindo uma placa de 2º *Round*. Ela leva os homens à loucura. Merda! Vai começar de novo. Encolho-me, a luta recomeça e, com ela, os gritos e o empurra-empurra. Torno a desviar os olhos, gritar de susto involuntariamente a cada golpe e tampar a cara, mas vejo quando Caballero dá um salto e acerta o Tio Macho com um chute. Ganhou de nocaute. E nesse instante, sinto um baque na minha cabeça e caio desacordada.



— Olá. — Ouço e abro os olhos. Minha cabeça dói, mas isso não me incomoda quando vejo, pairando sobre mim, um rosto sério, bonito, lábios másculos. É o tal do Caballero. Dou um pulo desesperada e percebo que estou em um sofá preto todo velho, cheio de buracos e manchado, numa sala pequena com vários homens ao redor, na verdade, três.

— Ah! — grito. Olhando tudo ao redor. — Não se aproximem! — berro mais, expondo as mãos abertas à minha frente. — Ai, Senhor! Podem levar minha bolsa, mas, por favor, não me mate.

— Não sei se reparou, mas ninguém aqui usa bolsa. — fecho a cara quando o lutador fala e os outros gargalham.

— Então o que querem comigo?

— Você desmaiou, ou melhor, alguém te jogou no chão. — Evitando olhar para ele, passo a mão na minha cabeça, está dolorida. Olho pelo meu corpo e pareço inteira, minha roupa está no lugar. Respiro fundo e então levanto os olhos. Ele ainda está aqui na minha frente, só de bermuda, as mãos na cintura. Subo os olhos pelo seu corpo, demoro um pouco no seu tanquinho poderoso, moreno claro, cor dos latinos. Ah, é! Lembro-me que ele é espanhol.

Tem um peito bonito, o espanhol lutador. Assim de perto, ele parece mesmo bem jovem, acho que não deve ter mais de vinte três ou vinte e

quatro anos. Chego ao seu rosto e ele faz de conta que quer sorrir.

— Não te conheço. — Analisa-me cuidadosamente.

— Eu... só quero ir embora. — digo e percebo que estou descalça. Boquiaberta, olho em volta e um brutamonte estende meu par de sapatos.

— Quebrou um pedaço quando você caiu. — Ele sacode e vejo o salto quebrado. Quase tenho um enfarte. Eu amava esse Prada. Estou quase em lágrimas, olhando o sapato nas mãos do homem.

— Não te conheço mesmo. — O espanhol ainda me analisa. Pouso meus olhos em seu queixo quadrado e lábios bonitos e olho por mais tempo que o necessário. Estou muito envergonhada, muito desconfortável.

— Desculpe. Eu, só... quer dizer... — Ajeito minha franja — ...foi um erro eu ter vindo. — Levanto-me e fico de pé. Pego minha bolsa, fazendo de tudo para evitar olhar para esse projeto de pecado na minha frente. Sou uma garota de
NACIONAIS - ACHERON

classe alta, não posso ficar de intimidade com gente assim. Gosto de homens refinados, elegantes, não desse tipo de caras.

— Veio por quê?

— Minhas amigas... na verdade, deram-me um cano e...

— Meninas ricas fazem encontros num lugar como esse? — Outro cara pergunta.

— Coisa de menina. — Abano a mão. — Quem ganhasse uma disputa escolheria o lugar mais terrível para as perdedoras visitarem. E eu escolhi aqui, tá legal? — falo mais alto. — Vi um anúncio desse antro no Facebook. Aquilo ali é uma barata? — Encolho-me, aterrorizada. Pulo no sofá, ficando de pé, quando o homem bate com meu pobre sapato na barata e ela cai defunta no chão.

— Tire-me daqui. — grito desesperada.

— Venha. — Caballero dá o primeiro sorriso, ou a sombra de um e estende a mão para mim. — Vamos, eu levo você.

Olho para o chão meio sujo e para a mão dele, mordo os lábios. E então, sem esperar, braços fortes passam pelas minhas pernas e costas e sou erguida.

— O que está fazendo? — grito, debatendo-me quando o espanhol me pega e já começa a andar. Não quero tocar nele, pois está sem roupa, mas ao mesmo tempo quero, pois é forte, tem belos músculos.

— Traga a bolsa dela. — Ele pede a um dos homens, e se retira comigo, atravessando um corredor, passando por outro, saindo em uma porta pequena de ferro e já estamos na rua. Está mais vazia, o céu está meio nublado, tornando bem fria a noite.

— Pode me colocar no chão, por favor. — peço, mortificada. E ele me atende. Coloca-me no chão. Puxo a bolsa da mão do outro cara e olho com nojo para meu sapato que ele me estende. Pego na pontinha.

— Veio de quê?

PERIGOSAS

— Meu carro... — Olho em volta. — Ali na frente.

— Volto logo. — Caballero fala para um dos homens.

— Ok. — O homem anui e o espanhol lutador malhado começa a andar. Eu fico parada na rua, descalça, olhando. Ele para, olha para mim.

— Você não vem?

— Droga. — resmungo e corro até ele emparelhando e começamos a andar lado a lado.

Ficamos em silêncio. Só andando. Arrisco, olho ao meu lado e vejo, sob a luz do poste da rua, um hematoma debaixo do olho dele.

— Não vai ao pronto socorro?

— Oi? — Vira o rosto para mim.

— Está machucado. — Aponto para o rosto dele.

NACIONAIS - ACHERON

Recebo como resposta, um desdém, com uma breve careta de boca que o deixa uma perdição de tão bonito. Resolvo voltar a olhar para frente.

— Você luta bem. — Sem saber porcaria nenhuma de qualquer tipo de luta, eu o elogio, depois de alguns segundos em silêncio, pois não consigo ficar calada.

— Por que disse que me conhecia?

Olhamo-nos ao mesmo tempo. Ele de testa franzida.

— Não sei. Não te conheço. Eu só fiquei com medo e queria ter uma garantia de que ninguém me faria nada se eu conhecesse alguém ali.

— Ninguém faz nada com ninguém aqui — ele defende.

— Você é o quê? O chefe? Dono do balaio?

— Mas que porra é balaio? — Ele dá um mini sorriso repuxado. Olha para mim, nossos olhares se encontram e eu gelo, mais que a noite. Ele para de
NACIONAIS - ACHERON

sorrir. Passo a mão no meu pescoço e agarro meu pingente. Desvio os olhos para o asfalto.

— Não sou dono de balaio, nem chefe de nada. Eu apenas frequento esse antro, como você nomeou, desde sempre. Quatorze anos, eu acho.

— Quatorze? — repito perplexa. — O que uma criança de quatorze faz aqui?

— Acho que o mesmo que uma garota rica.

— Não sou uma riquinha mimada, se é o que está pensando.

— Não estou pensando. — Ele tira os cabelos da testa. Sorrio para ele e olho para seu braço tatuado.

— Luta por dinheiro?

— Não.

— Não?

— Não.

Semicerro os olhos para ele.

— Por que alguém subiria num ringue se não fosse por...

— É seu carro? — Ele me corta, apontando para um carro branco.

— Sim. — Paramos ao lado do carro. Abro a bolsa, demoro um instante, mas encontro a chave, chacoalho o chaveiro para ele. — Obrigada por me acompanhar e por... sei lá, me levar para aquele sofá imundo. — Com o punho fechado, encosto no braço dele, como um soco — Você é mesmo um Caballero. — Consigo arrancar dele mais um leve sorriso. É desconcertante como o cara me olha. Algo como se eu fosse um ser de outro planeta.

— Por nada.

— É espanhol de verdade?

— Sim. Sou.

— De onde?

PERIGOSAS

— Barcelona.

— Ah! Adoro Barcelona. Você não tem sotaque. — observo.

— Vim cedo para o Brasil.

— Sozinho? — Preciso ficar olhando com o rosto para cima. Sem salto eu sou relativamente baixinha em comparação a ele.

— Não. Dois irmãos, pai e mãe. Vai sozinha para casa?

— Sim.

Ele olha meus pés encolhidos um em cima do outro e ri.

— Você me faz rir, garota da cidade.

— As pessoas costumam dizer isso. — Balanço meu corpo sem graça.

— Lorenzo. — Ele estende a mão para mim.

NACIONAIS - ACHERON

— Ah! Você tem um nome, garoto do subúrbio. — Sorrio e seguro a mão dele. — Angelina. — Ele aperta minha mão com força e sorri mais amplo.

— Angelina. — pronuncia meu nome. — Se algum dia nada fizer sentido para você, volte ao Búfalo. Problemas não entram lá.

— Lembrarei disso. — Entro no carro, fecho a porta e ele abaixa um pouco para olhar pela janela.

— Vamos nos topar por aí, Angelina?

— Vamos nos topar por aí, Lorenzo.

UM

ANGELINA

Chegou o grande dia. Depois de dois longos meses de babaquice infernal, vou conhecer o chefe secreto. Na minha cama, uma montanha de vestidos. Pego um, experimento, tiro e volto correndo para o closet à procura de um mais apropriado.

Meu quarto é lindo, uma réplica exata de um hotel que fiquei em Londres. Amei tanto que mandei fazer igual aqui para mim em meu apartamento no Rio. A designer foi genial ao elaborar um quarto usando branco, tabaco e bege. Banquinhos com detalhes acolchoados, decorados com botões perolados. Cada poltrona vinda de Paris me custou algo em torno de cinco mil dólares. As almofadas vieram de outro lugar, a cômoda de outro. A mesinha de café comprei em um leilão pela internet. E a cama, de um material perfeito, com cabeceira esculpida a mão e dossel com lençóis de algodão egípcio. Não tem lugar melhor para dormir, minha cama é a melhor do mundo.

Já com um novo vestido, olho-me no espelho do closet e sorrio. Cintura delineada, bunda discreta e seios no lugar certo. O escolhido foi um vestido executivo, que modela meu corpo perfeitamente. Tem um recorte sensacional, de renda no busto com mangas curtas quadradas, para que eu possa usar um simples casaco de *cashmere* por cima e tirar quando chegar ao restaurante.

É a imagem perfeita de uma diretora de moda. Olho para o decote e fico feliz por não revelar a pequena tatuagem acima do meu seio esquerdo que fiz ano passado, em um momento de loucura. Escolho um *scarpin* salto quinze, azul turquesa. Corro e me sento à frente do espelho para me maquiar e arrumar o cabelo.

Nem acredito! Enfim vou ficar cara a cara com o sujeito, ou sujeita. E quando estivermos lá, a única coisa que eu vou falar é: “Por quê? Por que fez tudo isso comigo nesses dois meses?” Pausa na maquiagem. Querem saber o que esse ser horrível fez comigo nesses dois meses? Serei rápida, um resumo básico de tudo que me fez sofrer. Eu e mamãe achamos que é alguém que nasceu numa

família pobre, sempre teve inveja de mim e agora que subiu na vida, sei lá, ganhando na loteria, quis tomar o que é meu por direito. É minha única suposição. Ele nunca deu as caras. Sei que conseguiu grande porcentagem das ações da *Madde*, mas nunca apareceu. Sempre se comunicou por seu advogado e capacho, Lucas, ou por e-mails.

Bom, a primeira ordem veio, mais ou menos, duas semanas depois da posse. E me deixou tão desestabilizada psicologicamente. Foi uma coisa que me fez reviver memórias que eu não queria mais lembrar. Eu recebi a notícia por Lucas, o tal advogado. O que eu tinha que fazer? Apenas participar de um evento de noivas que teria aqui no Rio, e eu nem estava sabendo. Porque, primeiramente, não sou eu que cuido da sessão de noivas. Às vezes acontecem esses eventos, a *Mademoiselle* vai participar e eu só fico sabendo no dia. Até aí, eu não fiquei assustada, foi então que Lucas, com seu sorriso miserável de advogado cinquentão, jogou a bomba: O lugar do evento era num clube privado, uma fazenda, que me remota lembranças terríveis. E o pior: Eu teria que vestir o melhor vestido da *Madde* e ser uma das modelos.

— Como assim, Lucas? Eu não sou modelo, nunca fui, nem tenho estatura e corpo de modelo.

— Desculpe, Angelina. Eu só estou te passando o recado. — Ele me empurrou um papel. — Aqui está onde você deve assinar para que eu possa levar hoje ainda para meu chefe.

— Assinar o quê, criatura? — Tremendo, coloquei meus ósculos de leitura, tentei ler e as palavras dançavam em minha frente.

— Um termo de responsabilidade de que você vai participar. Se não for, concorda em perder dois por cento de suas ações.

Fiquei em pânico, bati o pé, mas não teve jeito. Eu teria que me vestir de noiva e voltar ao lugar que... não consigo mais passar nem perto. Segundo Lucas, isso era para o bem da empresa. As pessoas me veriam e isso daria mais credibilidade ao produto. Como agora ele é dono majoritário, ele manda e eu faço. E lá fui eu, me vestir às pressas, maquiar e chorar muito.

Eu já senti minhas pernas amolecerem quando
NACIONAIS - ACHERON

cheguei à porta do lugar e vi escrito:

Pride - Fazenda Para Eventos.

Tinha outras pessoas, a imprensa já estava lá, e eu fui levada para me arrumar.

Vestida de noiva, corri para o banheiro, tranquei-me lá dentro e chorei com as lembranças do meu passado. De tudo que aconteceu no dia que deveria ser o mais feliz da minha vida. Nos meus pensamentos, eu só conseguia me ver de noiva, sete anos atrás, berrando com meu noivo. O maldito ficou com aquela cara de ofendido e nem tentou se explicar.

Lembro-me de estar lá, no suntuoso quarto, o mesmo em que eu estava agora me arrumando, aos vinte anos, sentada em frente ao espelho, me dissolvendo em choro.

Como ele teve coragem? Como pôde me desrespeitar dessa forma? Logo eu que sempre o amei incondicionalmente, mesmo suportando suas loucuras, temores e demônios, sem perguntar, sem querer saber o que o fez ser tão conturbado. Em
NACIONAIS - ACHERON

seis meses de namoro, sem o conhecer direito, eu já o queria para sempre ao meu lado. E quase me entrego a um canalha. Minha mente me mostra cenas a mil por hora, como um filme, cenas que eu jurava ter apagado por completo.

Em um salto de lembranças, já estou saindo desse mesmo quarto, sete anos atrás, pisando firme e nem espero daminhas, ou madrinhas, ninguém. Saio pela porta da casa da fazenda e ando apressada rumo à passarela no espaço ao fundo. Era outono, folhas secas marrons e amareladas faziam parte da decoração. Tudo estava muito lindo.

As pessoas ficaram sem entender, eu estava entrando correndo, sem marcha nupcial e ele parado conversando com os dois degenerados irmãos dele e quando me viu, ficou sem entender. Levantei o vestido e atravessei toda a passarela quase correndo.

— Amor? — Ele indagou vindo em minha direção. Então acertei um tapa na cara dele.

— Angelina! — Ouço toques na porta e desperto do meu mar amargo de lembranças. Angel, temos que ir. — É Beth, minha prima. — Já vai começar. Você será a primeira. Todos estão te esperando.

Limpo os olhos, a maquiagem borra porque passo a mão. Abro a porta e ela e Olivia arregalam os olhos quando me veem.

— Angel! — Beth coloca a mão na boca. Empurro Beth e corro para fora. Como uma vaca louca, consigo encontrar Karen, minha funcionária que comanda o setor de noivas.

— Quem deu ordem para esse evento aqui?

Ela, toda assustada, me olha, trêmula.

— Eu não sei. É um evento da *Madde*, achei que...

— Você achou? Quem deu a ordem? — berro e ela fica pálida. Está com uma prancheta na mão, passa as folhas e me entrega.

— Aqui.

Olho a assinatura. É de Lucas, o advogado. A fúria me toma. Saio de perto dela e ainda a ouço gritar: “Estou despedida? E Olivia fala: “Vamos seguir com o evento, Karen”.

Eu corro, mas Beth me segura antes de eu sair da casa.

— Ei! Angel! Situe-se. Suas ações. Dois por cento é muito para você perder. Você não pode dar para trás. — Olho para ela, Olivia já se aproxima com um copo de água.

— Foi aqui, Beth... você lembra?

— Sim, eu lembro. Mas isso foi tudo uma coincidência. Milhões de eventos são feitos todos os anos aqui. Foi coincidência, Angel. — Bebi a água, respirei fundo, ela acabou me convencendo a voltar, me maquiar de novo e entrar como noiva. Senti-me humilhada, afinal, isso me fez lembrar que eu estraguei tudo naquele dia, sete anos atrás.

As notícias maldosas saíram no dia seguinte:
NACIONAIS - ACHERON

“Mais uma vez de noiva, Angelina Velasco perde a pose e aparece de cara amarrada nas fotos”.

A segunda vez que ele, o chefe, *trolou* comigo foi em mais um evento. Eu fiquei mais calma e até feliz, pois Lucas me garantiu que o chefe estaria presente, talvez pudesse me cumprimentar e que o evento das noivas não passou de uma infeliz coincidência e que seu chefe pedia humildes desculpas.

Eu, enfim o conheceria. Todos teriam que ir com roupas de baile. E quando entrei estava em uma boate de strip-tease toda vestida de gala. E para piorar, no termo que assinei, dizia que eu tinha que ficar ao menos por meia hora no lugar. Sentei-me em uma mesa, com todos aqueles homens me olhando, e as lágrimas de ódio apenas desciam silenciosas pelos meus olhos.

Na hora em que eu saí, estava chovendo, e o carro com o motorista não estava me esperando. Quando eu liguei para ele, disse que não poderia me buscar, pois o carro havia sido guinchado. Fiquei na chuva esperando por um táxi. Nem liguei

para o vestido exclusivo da *Madde* que estava ficando ensopado assim como meus cabelos. Eu estava literalmente na sarjeta quando um táxi parou e jogou água em mim.

Mais uma vez, Lucas pediu desculpas e disse que foi ele que se confundiu com o endereço. Até me mostrou o pedido real do tal chefe que tinha um endereço diferente.

Agora, nesse presente momento, estou indo a um jantar a dois para conhecer o chefe. A noite está maravilhosa, nada de nuvens negras indicando chuva, mandei averiguar o endereço, é mesmo um belo restaurante, liguei para lá há pouco e tem sim uma mesa reservada no nome de Lucas, vai dar tudo certo. E se ele aparecer lá, eu bato na cara dele com meu *scarpin*. Mesmo que ele já tenha cinquenta anos, não ligo.

Depois de ajeitar os cabelos e a maquiagem, olho na minha caixa de joias e nada me agrada. Quero passar a impressão de uma mulher poderosa, que não caiu com a empresa. Então abro meu cofre e pego um bracelete de esmeraldas e um brinco,

também de esmeralda.

Olho-me no espelho e sorrio. Perfeita. Pego o casaco, a bolsa e saio do quarto. Hoje eu vou no meu carro, para que nada mais aconteça. Aliás, nem quero pensar no que aconteceu na noite da boate de *strip-tease*.

Saio feliz, finalmente vou conhecer o chefe secreto, a pessoa que está comandando a minha vida.



Chego ao restaurante toda glamorosa, exibindo meu belo vestido que até me deixou um pouco mais sensual, não gosto muito das minhas pernas, mas elas ficaram comportadas no vestido. Sem falar no belo bracelete e brincos que foram aposta certa. Não é à toa que está na minha família há três gerações. O restaurante é elegante ao extremo, amo esse lugar, para conseguir uma reserva aqui, precisa marcar com antecedência. Na porta, assim que entro, um homem de terno já vem me receber.

— Senhorita.

— Angelina Velasco. Tenho uma reserva no nome de Lucas Amarante.

Ele assente e dá um vislumbre de sorriso.

— Prefere tomar um drinque no bar enquanto espera ou já deseja se acomodar na sua mesa?

— A mesa, por favor.

— Quer me dar seu casaco? — Estende a mão.

— Por gentileza. — Deixo ele me ajudar a retirar meu luxuoso casaco. Ele acena para uma jovem ruiva, muita bonita, e ela se aproxima, desfilando numa imaginária passarela.

— Tina, leve a senhorita Velasco até a mesa do senhor Lucas Amarante. — A jovem acena e me olha sorridente.

— Por favor, queira me seguir. — Eu a sigo e me acomodo em uma mesa ótima, onde posso ver metade das pessoas. Aqui, tenho uma visão

privilegiada, discreta. Posso ver quem chega à porta.

— Carta de vinhos? — Ela pergunta.

— Vou esperar meu acompanhante.

— Como quiser. — Acena levemente e sai desfilando nos seus belos saltos. Preciso de alguém assim, tão esguia para ser modelo na nova campanha *Supreme da Madde*.

Passo a mão no meu colo, alisando meu vestido, abro a bolsa, vejo as horas, e noto que meu acompanhante misterioso está dez minutos atrasado. Ajeito meu bracelete, espero mais um pouco e outros cinco minutos se passam.

De cabeça baixa a maior parte do tempo, levanto o rosto para pedir ao menos um vinho. E então, eu perco toda sensibilidade do meu corpo. Estou imóvel, paralisada. Boquiaberta. Quase desfalecendo quando vejo quem está na mesa, próxima à minha. Como uma marretada dolorosa, todas as lembranças do meu passado me apunham sem pena.

NACIONAIS - ACHERON

Lorenzo.

Acho que o nome escapou dos meus lábios. Bem baixinho. Ele não me viu. Ou viu e não pareceu se importar. Está acompanhado de uma mulher linda. E isso nem deveria bagunçar a sístole e diástole do meu coração, fazendo-o saltar enlouquecido.

Querem um exemplo? Pense naquele casal maravilhoso que você curte eternamente em algum livro, série, ou novela. E então, do nada, o mocinho decide ficar com outra. Dói, não é? Triplique essa agonia, é o que estou sentindo.

Minha garganta aperta tanto que sinto meu rosto queimar. Como se alguém estivesse me enforcando. Fugi tanto de Lorenzo... de vê-lo em revistas, na TV, em tudo. Não o vejo assim tão de perto desde aquele dia... O dia em que quase nos casamos.

Levo a mão ao meu pescoço e agarro firmemente meu pingente, que uso desde quando tinha quinze anos. Lorenzo acaba de se curvar e

NACIONAIS - ACHERON

beijar os lábios da loira. Ele lhe acaricia a bochecha, beija mais e sorri para ela, um sorriso... apaixonado. Decido não olhar mais. Abaixo o rosto e fico olhando o bordado da mesa.

Eu o perdi... por minha culpa. Exclusivamente minha. Droga, ele está tão lindo! Tão feliz. E eu... me mantendo meio viva, todos esses anos.

O tempo se arrasta e meu pescoço dói, pois continuo na mesma posição, de cabeça baixa. Vejo alguém se aproximar e levanto os olhos. É um garçom.

— A senhorita quer beber alguma coisa?

— Ah... Sim. — Minha boca parece cheia de farinha. Mais seca que o deserto. — Pode me trazer um suco sem açúcar e com gelo?

— Claro. — Ele assente e quando volto meu olhar para a mesa, Lorenzo me fita. Viro poeira na hora. Não literalmente, claro. Mas o olhar dele praticamente me desintegra. Não há nada em seus olhos. Nem susto, nem surpresa, nem ódio. Nada. Apenas me olha, indiferente. Se ao menos ele me

NACIONAIS - ACHERON

odiasse...

Sustento o olhar. Quero levantar, ir lá, talvez abrir a boca e falar e falar sem parar. Mas então ele volta para a loira e sorri para ela, inclina-se mais uma vez e a beija. Perco meu ar e volto a encarar o bordado da mesa. O tempo passa sem pressa, o jantar deles chega.

Estou há trinta minutos sozinha. Tento mandar mensagem para Lucas, mas ele não retorna. Estou completamente humilhada, envergonhada, sozinha aqui, sem nem uma taça de água à minha frente. Todos me olhando, posso sentir olhares sobre mim, mas todos os olhares não me interessam.

O pior de tudo é que Lorenzo está ali, me olhando e possivelmente sentindo pena de mim. Meu suco chega, tomo um gole e respiro devagar. Quarenta e cinco minutos depois de tanto esperar, a jovem ruiva vem até mim e fala baixinho, com o cenho franzido, o rosto cheio de dó.

— Angelina Velasco?

— Sim.

NACIONAIS - ACHERON

— Seu acompanhante acabou de ligar para o restaurante pedindo para dizer a você que não vai poder vir. — Ele... — ela engole em seco. — Está te liberando.

Seguro bem forte o copo junto com uma lágrima. A gente não chora só por dor, ou raiva, ou alegria. Vergonha é uma coisa muito ruim. Ainda mais quando tem alguém... ele, Lorenzo, bem ali, vendo tudo. Eu assinto, levanto e tento caminhar o mais ereto possível.

— Ei... Angelina. - A moça me chama e eu paro no meio do restaurante. Me viro e tento sorrir para ela.

— Oi?

— A conta... — ela fala toda sem graça. Quase desmonto toda no chão e fico ali me fingindo de morta. Evito olhar ao redor. Volto para a mesa e com as mãos trêmulas, abro a bolsa. Não estou com dinheiro, nem cartão. Vim jantar e jurava que alguém iria pagar a conta.

— Escute, pode mandar a conta para a *Mademoiselle*? Mande em meu nome, estou sem cartão.

— Ah, claro. — Ela me entrega a notinha do suco que bebi. — Assine aqui, por favor. — Trêmula, eu assino meu nome, aceno com o queixo para ela e me afasto. Tento, juro que tentei, passar cheia de arrogância perto da mesa de Lorenzo. Mas não deu. Eu olhei, e ele apenas desviou os olhos, voltando a prestar atenção na mulher que o acompanha na noite. Ele me ignorou simplesmente. Pego meu casaco e saio quase desnorteada.

— Por favor, busque meu carro. — peço ao manobrista. Ele assente e sai. Eu fico de pé na calçada, feito estátua, abraço meu corpo por causa do frio. Uma lágrima começa a descer do meu olho, limpo-a rápido, respiro fundo e nesse instante, mãos fortes me pegam. Nem tenho tempo de pensar. São dois homens, mascarados. Não tenho nem tempo de gritar.

— Passa tudo, dona! — Um deles fala e aponta alguma coisa para mim. Uma arma.

Desesperada, terrivelmente aterrorizada, entrego a bolsa a ele. O outro homem segura minha mão e, com uma força sobre-humana, arranca meu bracelete, fazendo meu pulso torcer. Eu dou um grito fino e em seguida, levo um empurrão e caio de bunda no chão. E então, libero todo pranto que segurei lá dentro do restaurante.

DOIS

ANGELINA

— *Então você nunca chupou uma manga?*

— *Sim, claro que já. — De braços cruzados, fitei ao redor, a vasta imensidão de mangueiras, muito apreensiva, me sentindo uma ladra. Olhei para a estrada, o carro parado lá. — Mas não assim... sem lavar, acabar de arrancar e... — perco a fala quando Lorenzo abre a boca e fecha os lábios ao redor da fruta, mordendo-a. — Sem cortar?*

Estávamos voltando do sitio dos meus pais, quando passamos por uma vasta plantação de mangas; ele simplesmente parou o carro e correu para roubar mangas.

— *Você é uma garota da cidade muito fresca. Toma essa. — Ele acaba de erguer o braço, arranca uma manga e me entrega. Coloco a mão na garganta e engulo seco.*

— *Toma, Angel. Chupa.*

— *Ah... eu...*

— *O quê? — Ele riu. Tão lindo, assim, sorrindo debochado.*

— *Ah... eu não. Ok! Eu não sei chupar essa coisa enorme e está sem lavar.*

— *Você sabe me beijar, não é?*

— *O que isso tem a ver?*

— *Faça assim, veja: — sensualmente, ele abre a boca e chupa com gosto e ainda faz hummm. Quando afasta a boca meio melada e passa a língua nos lábios, eu estou sem respirar — Pense que está me beijando.*

Limpo a lágrima que acabou de descer do meu olho. De novo. Estou sentada numa cama de uma enfermaria do pronto socorro, de cabeça baixa, olhando meu pulso enfaixado. Fui trazida para cá depois do assalto. Tudo dói, o corpo e o peito. As lembranças que antes estavam adormecidas, não me deixam em paz nem um segundo.

— Filha. — Meus pais entram na porta do pequeno quarto que estou.

— Ai, meu Deus! Angel! Você está bem? — Minha mãe corre para me abraçar.

Eu pedi ao pessoal do restaurante que não fizesse alarde. Então eles me levaram por uma porta lateral e eu fiquei lá, numa sala, perto do depósito, até os policiais chegarem e eu ser levada ao pronto-socorro.

— Leve-me embora, mãe. Estou bem. — disse apenas. Meu pai se posicionou de um lado e minha mãe do outro, saímos os três juntos.

Vai passar. Aquele baque do quase casamento passou. Por que isso não vai passar?

Exalei profundamente, sabendo que essa noite eu não dormiria, pensando e olhando as atualizações para ver se a Carmem escreveu alguma bobagem sobre mim. Mas eu sabia que iria passar.



Tudo começou dar errado de repente. Do nada. Eu estava numa boa, cuidando da minha vida, tentando seguir em frente, mas de uma hora para outra, meu mundo começou a desabar.

Meu pai quis jogar a toalha assim que a *Madde* começou a descer a ladeira, mas eu sustentei, a levei em meus ombros. Sozinha. Eu nunca esperaria que um dia pudesse ser assaltada na porta daquele luxuoso restaurante, levaram meu celular e meu bracelete. O bracelete que pertencia a minha família. Além de ter me deixado com o traseiro duro por dias e o pulso enfaixado. Nada aconteceu, ninguém foi preso e eu decidi apenas seguir em frente. E acabou se passando um mês inteiro. Como eu disse, passou. Vida que segue.

Hoje acordei mais tarde, pois ontem fiquei terminando de dar os últimos ajustes em uns croquis. Preciso entregar logo os desenhos para a produção e vareei a noite trabalhando.

Arrumei-me, desci e o café já estava pronto. Lourdes trabalha cozinhando para mim. Trabalhava lá em casa, mas quando eu resolvi morar sozinha,

minha mãe pediu para ela dar preferência aos serviços no meu apartamento. Ela faz café, almoço e vai embora. Eu nunca aprendi a cozinhar, não precisei, minha mãe sempre se preocupou em apenas manter minhas unhas e meus cabelos imaculados.

— Oi, Lourdes.

— Oi, Angel. Perdeu a hora?

— Não. — coloco a bolsa e o casaco na mesa.
— Fui dormir tarde, precisei acordar um pouco mais tarde.

— Café?

— Sim.

Ela coloca café numa xícara e traz na mesa para mim.

— O que quer comer?

— Ah... apenas uma torradinha, está ótimo. —
Ela coloca a cesta de pães frescos a minha frente.

Passo os olhos pela mesa com frutas, queijo, bolo e iogurte natural. Aceito apenas as duas torradas que ela me serve. Tomo rápido o café, despeço dela e saio correndo.

Fiz tudo que estive ao meu alcance. Tudo para salvar a *Mademoiselle*. Fiquei noites sem dormir, fazendo contas, briguei com meu pai várias vezes para impedir que ele sucumbisse aos credores e vendesse a empresa. Percorri bancos e mais bancos. As portas se fecharam por completo depois de um boato infundado, uma mentira grotesca, contra a empresa da minha família.

As ações caíram, todo mundo enlouqueceu e os bancos se recusaram a dar empréstimos. Segundo meu pai, o único lugar que poderia nos oferecer socorro era no *Orfeu*. Mas eu preferia fechar as portas ou visitar o inferno que ir pedir ajuda lá.

Não fechei as portas, ao contrário, perdi tudo. Perdemos tudo. O banco AMB estava à frente das negociações e não aceitou mais prazos que pedi, foram bem impiedosos comigo. Ainda agradeço

Maria Luiza, diretora do banco, por tentar encontrar uma saída ao meu favor, mas os outros diretores, aqueles machistas filhos de uma égua, bateram o martelo e o banco adquiriu o resto das ações da *Mademoiselle*.

Eu fiquei apenas com quinze por cento. A única coisa que me deixou aliviada foi que o banco AMB não ficou com a maior parte das ações, eles ficaram com 40%. Ainda tem 30% nas mãos de acionistas e 15% do meu pai. Se eu conseguir as ações dele e a dos acionistas, juntando com meus 15%, terei sessenta e voltarei a ser presidente.

Feliz da vida com essa hipótese, liguei para o psicopata Davi Brant, engoli toda minha raiva, me rebaixei a eles e aceitei voltar a *Mademoiselle*, no meu antigo cargo como diretora. Me reuni com o pessoal do banco e eles homologaram as cláusulas que pedi, como: Ter carta branca para tomar qualquer decisão favorável a empresa. E no contrato estava lá:

Eu tinha que me submeter às ordens do presidente da empresa, no caso o Banco, pelo

tempo de um ano. Se depois desse prazo eu quisesse renovar o contrato, ficaria a meu critério. E as regras eram claras: Quebra de contrato seria penalizado com ações da empresa. Ou seja, eu poderia me ferrar toda lá dentro que teria que aguentar para não quebrar o contrato e perder as últimas ações que me restavam. Eu iria aguentar o tempo suficiente para adquirir tudo de volta, conseguiria os 30% dos acionistas, os 15% do meu pai e pronto. Voltaria à presidência. Mas isso não aconteceu.

Recebi a notícia como uma cacetada. O banco AMB vendeu as ações que tinha adquirido. O comprador era um dos meus acionistas e ele já havia negociado por fora, secretamente, na surdina. Se tornou um chefe secreto. Conseguindo maioria expressiva. Agora ele tinha os sessenta por cento que eu buscava e não restou outra saída a não ser entregar tudo de mão beijada à um desconhecido e ter que continuar à mercê dele ou dela, por causa do contrato de um ano.

Paro meu carro na entrada da empresa, saio rápido, pego minha bolsa, a pasta com os croquis

que finalizei em casa e dou um rápido aceno para o funcionário que pega as chaves do meu carro para estacionar. Hoje é dia de entregar os primeiros rascunhos para o desfile que acontecerá daqui há alguns meses. É o desfile de renovação da *Madde*. O desfile que marcará a entrada triunfal do novo chefe. Já se passaram quase dois meses e nem sei quem é o peste. Só sei que está me tirando o sono. Ele manda para mim, pelo seu advogado, exigências estranhas como: Não usar cabelo solto na empresa. Ficar um dia por semana até às oito da noite trabalhando. Doar uma pequena quantia em roupas para mulheres carentes. Pesquisar sobre a moda íntima feminina. Oi? Ele acha que a *Madde* pode criar calcinha e sutiã? Sem falar, é claro, nos grandes desastres que aconteceram me humilhando e o advogado sempre afirmando que foi coincidência ou falha.

Dentro do elevador, repasso mentalmente minha agenda, sempre faço isso, demoro para decorar, mas no início de cada dia, a tenho pronta na minha mente. A porta se abre, saio e vejo Beth correndo de um lado para outro, indo de uma mesa a outra, resolvendo problemas.

— Olivia, na minha sala. — grito para a assistente de Beth, indicada pelo Banco, antigo dono, e ela vem correndo. Beth me olha e eu aceno para ela cumprimentando-a. Eu poderia demitir Olivia, já que o banco que a indicou não apita mais nada aqui.

Entretanto, ela está grávida e é muito eficiente, uma funcionária excelente. Foi uma ótima aquisição. No início, achei que ela poderia ser uma espiã, mas depois vi que era apenas uma mulher louca por moda. Vejo nela a mesma paixão que tenho por esse lugar. Sem falar que estou com sérias suspeitas de algo que a envolve e a seus desenhos.

Entro na minha sala, jogo as pastas na mesa, a bolsa na poltrona e tiro o terninho. Ela entra, já ofegante. Está com a barriga enorme.

— Olivia, preciso que você revise esses desenhos para mim. — Aponto para as pastas. — Pode ser aqui mesmo, sente-se à minha mesa. — Aponto para uma das poltronas em frente. Ela olha de testa franzida para a poltrona e depois para mim.

Quero vê-la trabalhar na minha frente e não lá com a Beth.

— Tenho que entregar isso hoje à tarde e Beth já disse que não poderá fazer.

— Ah, claro. — Ela se senta e pega a primeira pasta. — É o desfile *Supreme Madde*?

— Isso. Dê uma opinião sobre esses rascunhos que fiz. O que acha? — Enquanto ela folheia, olhando um por um, mordendo o lábio e pensando, eu aperto o botão do ramal e Simone, minha secretária, atende.

— Simone, traga um café para mim, por favor. — Olho para Olivia. — Quer um também, Olivia?

— Não, obrigada. — Ela dispensa, sem tirar os olhos do papel.

— Apenas um, Simone. Bote açúcar nessa coisa. Estou precisando de glicose. — Olivia ri, sem desviar a atenção dos papéis.

— O que achou? — pergunto e então ela me
NACIONAIS - ACHERON

olha.

— Sinceramente?

— Claro.

Ela mexe nos belos cabelos, que depois da ordem do chefe secreto, também têm que estar presos num rabo de cavalo, assim como os meus, os de Beth e de todas as outras. Pra quê isso? Que regra mais idiota! Ele acha que isso aqui é um colégio? É como se ele soubesse que amo meus cabelos soltos.

— Não consegui enxergar uma coleção. — Séria e um pouco receosa, ela dá o veredito — Você deixou de seguir um padrão nos desenhos do... — ela folheia rápido as páginas de croquis — um ao cinco. Estão parecendo roupas aleatórias.

Coloco meus óculos de leitura, esqueci de colocar as lentes hoje cedo, estendo a mão e ela me passa a pasta. Olho e só então vejo que ela tem razão.

— Você errou um pouco no acabamento e no
NACIONAIS - ACHERON

tipo de tecidos muito diferentes. Esse aqui — ela aponta para um desenho — seria ideal para outono-inverno e não primavera-verão, como a coleção pede — Ela explica e continua: — Precisa de mais expressividade, Angelina, e alguma similaridade que indique que os modelos se integram na mesma coleção *Supreme*.

Tiro os óculos e franzo a testa para ela.

— Está em que período da faculdade?

— Segundo. — Ela fica enrubescida, sem graça. — Mas leio sobre moda desde sempre. Acompanhei muitas coleções da *Madde*.

— Você é boa no que faz. Quando vai se afastar?

— Pelo meu noivo, seria no terceiro mês de gestação. Mas já pedi a licença para a semana que vem.

— Ah, que pena! Quer dizer, é ótimo você ganhar o bebê, mas será que dá tempo de voltar para o desfile? Beth melhorou horrores depois que

NACIONAIS - ACHERON

você está ajudando-a. Inclusive... — bato os dedos na mesa e me inclino um pouco em direção a ela.

— É... — Olivia desviou o olhar, toquei no assunto que vinha percebendo há algum tempo e ela se denunciou com uma única expressão.

— Você tem algo para me contar sobre seu trabalho com a Beth?

— Sobre... o quê?

— Uma pessoa não muda assim da noite para o dia. Beth sempre foi fraca nas ideias de moda e de uma hora para outra apresenta os melhores desenhos. Sem falar que percebi como seu gosto se parece com os meus, você tem bom gosto. E percebi isso desde a primeira semana que começou com a gente.

— Eu... — ela fica rosada e morde os lábios, abaixando os olhos. Decido não pressionar. Eu li algumas coisas sobre Olivia, não sei se ela ainda está traumatizada com o que lhe aconteceu meses atrás. Não vou forçá-la a nada, vou apenas fazer um teste. Ela está saindo de licença e vou ficar de olho

NACIONAIS - ACHERON

em Beth. Acho que minha prima está aproveitando da boa vontade da assistente.

— Deixa pra lá. Você vai sair logo de licença, depois irei visitar seu bebê.

— Ah! Sério? — Ela dá um sorriso largo e coloca a mão no peito. — Que ótimo! Estarei esperando.

— Vou, sim. Prometo. — recosto na cadeira e cruzo minhas pernas. Por dentro penso: “Angelina, sua doida. Romeo vai te dar uns cascudos se você chegar perto da casa dele. Creio que ele e Magno ainda me odeiam.”

— Está ansiosa? — olho para a barriga dela.

— Acho que Romeo está mais ansioso que eu. Mas estou contando as horas. — Ela suspira passando a mão na barriga.

— Como é seu noivo, Olivia?

Ela enrugando a testa e faz uma cara de quem não entendeu.

— Não fisicamente. — Adianto logo — Sei quem é Romeo Lafaiette. Estou falando como pessoa.

Ela assente e, aliviada, dá um sorriso.

— Ah! É praticamente tudo para mim. Romeo não é o cara programado para ser o homem básico e pronto. Ele sempre vai além do limite em tudo, intensidade, carinho, e claro, um pouco de saliência e isso é o charme dele.

Rio por ela ter falado saliência. Ela me acompanha sorrindo e eu engulo seco logo em seguida, ajeito-me na minha cadeira, descruzo as pernas e tento parecer natural. Conheci Romeo, já frequentei bastante a casa dele e, poucas vezes, a de Magno. Naquela época... quase éramos uma família. Isso me deixa tão mal... quando lembro que estraguei tudo.

Abano a cabeça revoltada com esses pensamentos do passado. Chegou a me dar fome. A ansiedade me dá fome, ou só vontade de comer mesmo. E como se soubesse disso, a porta se abre e

Simone entra com uma bandeja. Ela serve o café, deixa as correspondências do dia ali do lado, e sai. Tomo um gole do café, Olivia voltou a olhar as pastas de croquis. Com um bloquinho ao lado, ela vai anotando alguma coisa, enquanto olha cada um. E eu observando, mas com a língua coçando, querendo saber mais.

— E os irmãos do Romeo? Também já estão comprometidos? — A pergunta pega até eu mesma de surpresa. Por que eu quero saber daqueles dois? Aquele lambão pervertido e o outro ranzinza. Olivia levanta os olhos dos papéis e me fita.

— Que nada! — Dá uma risada descontraída. — Magno é um sem-vergonha, aquele não tem jeito. E o Lorenzo... — Ela pensa, ergue os ombros e diz: — não parece o cara que sai de mão dada na rua com uma garota. Quase não sei nada sobre a vida dele.

Meu estômago revira. Minhas unhas cravam nas palmas das mãos. Andar de mãos dadas... nossas mãos eram perfeitas juntas. Lembro de tê-lo visto no restaurante semanas atrás. Não o vi mais

desde então. E nem quero ver. Será que ainda continua com aquela cínica?

— Não? Por quê? — Minha voz sai em um fio fraco.

— Ah!... Romeo não fala muito, mas ele é meio... estranho...

— Estranho como? — Sento na ponta da cadeira, cheia de suspense, como se estivesse vendo um filme.

— Você o conhece? — Olivia acha estranho eu querer saber desse jeito do cunhado dela. Vejo isso em seus olhos. Eu mesma acho estranho estar querendo saber dele. Ignorei qualquer notícia sobre ele por sete anos.

— De vista. Colunas sociais. — Faço uma pose descarada de indiferença. Olivia anui.

— Bom... o Lorenzo...Ele se esconde atrás de uma máscara de bom moço. Não que ele não seja. É uma boa pessoa, mas sempre noto como ele é meio... misterioso por dentro.

Antes de eu perguntar mais alguma coisa, a porta se abre e Beth entra. Ela olha um tanto intrigada para Olivia e depois para mim. Beth é minha parceira de negócios, além de minha prima. Somos inseparáveis desde sempre. Ela é totalmente diferente de mim. É alta, magra e tem cabelos curtos, *chanel*. Sempre muito maquiada e com uma personalidade única.

— Já tem os croquis do desfile, Angelina?

— Beth, vou te designar para outra coisa. Olivia vai cuidar disso.

— Como assim? Os croquis do desfile? — Os olhos dela cravam nas pastas na mesa.

Semicerro os olhos para Beth que está praticamente indignada e levantando o tom de voz.

— Temos coisas mais recentes, Beth. Olivia está perto de ganhar neném. — Olho para ela sentada à minha frente. — Leve para sua casa, pegue o dia de folga e faça todas as anotações que me falou. — Olivia fica boquiaberta, e isso me dá uma ideia. Quero ter a prova concreta, de quem na

NACIONAIS - ACHERON

verdade, está fazendo os belos desenhos. Olivia, ou minha prima que está fazendo um curso escondido e melhorou cem por cento?

— Quero também que planeje opções de desenhos, do um ao cinco.

— Ok. — Ela se levanta sem discutir e, pela cara, está adorando a nova tarefa que eu lhe dei. Pega as pastas e olha para Beth. — Até amanhã. — Beth não responde, ela olha para mim, bate a mão dando um tchauzinho e sai da sala. Aceno e assim que Olivia fecha a porta, minha atenção volta-se para minha prima.

— O que está acontecendo com você esses dias? — Ela reclama. — Desde que o tal novo dono assumiu, você está fora do ar. Por que mandou uma estagiária fazer um trabalho tão importante?

— Beth, me escuta...

— É a *Madde* se reerguendo, Angelina, poxa! Precisa de muita dedicação. Olivia pode fazer isso aqui, passar para eu revisar logo depois e aí eu te entrego.

NACIONAIS - ACHERON

— Estou cortando pontes, Beth. Olivia faz e passa para que eu analise. Poupando trabalho para você, já que preciso de você em outro setor.

— Em outro setor?

— É. Preciso que dê uma olhada no setor de corte. — Empurro para ela o catálogo e bato o dedo na foto de uma camisa. — Voltaram cinco mil peças de camisas femininas com a gola recortada errada.

— Eu não vou supervisionar isso. É trabalho do Valmir. Cadê a bicha imprestável?

Levanto-me e fico de frente para ela.

— Você vai ajudá-lo. Alguém de mais poder lá no setor de corte vai dar veracidade às minhas ordens. — Ela fica de cara fechada, bufando revoltada.

— Ah, Beth! — Faço olhinhos brilhantes. — Diz que sim, por favor.

Ela revira os olhos e pega o catálogo na mesa. Olha a camisa que ficou errada e grasna nervosa:

— Você sempre me convence. Vou xingar o Valmir.

— Ok. Só um pouquinho. E não seja má com os funcionários do corte.

— Eu nunca sou má. — a voz soa bem esnobe. Minha atenção está voltada às correspondências.

— Olivia vai fazer um parto em breve. Não poderia ter dado os desenhos para ela. — Beth contesta. Continuo olhando as correspondências sem lhe dar atenção. — Escutou, Angelina?

— Oi? — levanto o rosto.

— Eu disse que Olivia... — Ela não termina, a porta se abre e Simone fala:

— Angelina, doutor Lucas está aqui.

Sinto meus olhos quase saltarem no chão.

Jogo as correspondências na mesa e coloco a mão no peito que sobressalta por causa dos rápidos batimentos. Doutor Lucas é o advogado do novo chefe, e quando ele chega, só traz novas regras do babaca.

— Beth, depois nos falamos. — Corro, sento-me atrás da minha mesa, faço uma pose de chefa suprema — Simone, pode mandar ele entrar.

Beth me olha desconfiada, eu faço um gesto para ela ir e nesse momento, Simone entra com o homem. Beth e Simone saem, a porta se fecha e eu me levanto.

— Lucas. — Estendo a mão para ele.

— Angelina. — Ele aperta minha mão e senta-se quando aponto a cadeira para ele. Espero pacientemente ele abrir a bolsa e tirar um papel que estende para mim e eu pego logo meus óculos.

— O que é?

— Há um evento que você deverá participar em prol da empresa.

NACIONAIS - ACHERON

— Ok. — Nem leio o papel. — Que evento?
— Tiro os óculos e o encaro.

— Um leilão beneficente.

— Ah, que legal. — Respiro aliviada e recosto
tranquila — Ordem do novo chefe?

— Sim.

— Adoro leilões. Vamos escolher peças para
serem leiloadas?

— Não. Não serão roupas.

— Mas, rapaz... como assim? Aqui
trabalhamos com roupas. O que vai ser leiloadado?

Ele pigarreia, parece engolir em seco, mas não
se altera ao dizer:

— Você.

TRÊS

ANGELINA

— Espera! Eu boiei aqui. — Dou uma risada, mas Lucas não retribui. Continua sério. — O que quis dizer?

— Angelina, você precisa assinar esse termo de compromisso, candidatando-se a participar do...

— Não me candidato a nada. — Corto-o.

— Você será o prêmio, ou melhor, um dos prêmios. — Ele ignora totalmente meu protesto.

Nem tenho tempo para me sentir horrorizada ou insultada. Na verdade, estou apenas pasma, encarando-o, esperando ele rir e falar: “Te peguei”, mas ele continua com seu olhar de peixe morto, sustentando meu olhar.

— Ok. Isso só pode ser uma brincadeira de mau gosto.

— Não é. — Ele garante.

Ficamos nos encarando, calados. Não é mesmo uma brincadeira de mau gosto, posso ver nos olhos dele.

— É um insulto. — Mais educada do que eu gostaria, empurro o papel para ele, levanto-me e vou para a porta.

— Lucas, você já pode ir e diga ao seu chefe que não tem nenhuma prostituta aqui para ele vender. — Mantenho a porta aberta, ele nem se mexe. — Sai! E se ele tiver algum problema com isso, que venha pessoalmente falar comigo.

Lucas continua imóvel, nem faz questão de olhar para mim. Continua tranquilo.

— Eu preciso trabalhar, será que pode fazer o favor de...

— Angelina. Você. Não. Tem. Escolha. — Fala compassado, como se fosse para eu entender.

— O quê? — Bato a porta e vou para perto da mesa. — Como assim eu não tenho escolha? — Já estou cheia de tiques nervosos, piscando um olho,
NACIONAIS - ACHERON

tremendo a boca de lado. — Aquele desgraçado ou desgraçada pode mandar na empresa, não em mim. Já não basta tudo que sofri por causa dele? Eu fui assaltada! — Meus dedos fecham num punho e sinto minha nuca arder. Estou numa raiva que só Deus para me dar calma.

— Acontece que você assinou um contrato com uma cláusula específica dizendo que faria qualquer coisa inquirida pelo majoritário que fosse para o bem da *Mademoiselle*.

— Ah, sério? — Mostro meus dentes sarcasticamente — E o que de bem para a empresa pode trazer eu me candidatar a um leilão onde eu serei o prêmio?

— É simples. A *Mademoiselle* está se reerguendo, precisa do caixa cheio para conquistar patrocinadores. Quem arrematar o direito de uma noite com você, pagará o valor à casa do leilão e parte desse lucro será destinada exclusivamente aos cofres da *Mademoiselle*.

Sento-me na pontinha da cadeira, chocada e

toda arrepiada. Vender-me numa noite com um estranho para salvar a empresa. Isso é loucura.

— Foi ele que propôs que eu fizesse isso?

— Sim. Ele também vai participar, ele se doará no mesmo leilão, em prol da empresa. — Abraço meu pescoço com os dedos, desço a mão e agarro meu pingente. Começo a ofegar, pensando nessa humilhação. Sim, eu considero uma humilhação, é quase uma prostituição. Eu não faço sexo há... muito tempo e... droga! É mais uma cilada, tenho certeza. Mesmo Lucas dizendo que foi tudo uma coincidência, eu não sou burra para saber que tudo, a boate de strip-tease, o desfile de noivas, foi tudo muito planejado. E agora isso. Penso na megera da Carmem. Não é ela. Não mesmo. Se fosse, ela não esperaria tanto para sambar na minha cara.

— Angelina, vou te colocar a par de tudo. Primeiro: você e o comprador irão decidir depois se haverá ou não intimidade. Segundo: a quantia de cada lance é muito alta. Gira em torno de milhões. E terceiro: se você negar, perderá dois por cento de

ações, por descumprimento de cláusula. É a empresa que era de sua família. Você precisa dar tudo por ela.

— Até meu corpo? — Sopro horrorizada num sussurro. — Olha como isso está ficando tão baixo.

Ele dá de ombros, mostrando-me que é só um mensageiro, não pode fazer nada. Tremendo e com as mãos suadas, pego meus óculos, coloco e puxo de volta o papel. São apenas cinco regras. Eu devo me apresentar às oito horas no dia do leilão, vestir algo que eles vão me mandar. Antes, deverei estar devidamente cadastrada e com um cartão magnético feito especialmente para mim para poder entrar no lugar. Não tem endereço. Um carro irá me pegar e me levar ao local. Quando eu for arrematada, poderei conversar particularmente com o comprador e decidiremos, a partir daí, o que vai acontecer.

— Não vou fazer isso. Sinto muito. É demais para mim.

— Vai perder dois por cento de suas ações?

— Lucas... por favor. — imploro com as sobancelhas juntas.

— Angelina, eu sei que soa difícil, mas não é nada demais. Existe esse tipo de leilão em várias partes do mundo. Solteiros se doam em prol de alguma coisa. Depois você poderá conversar pessoalmente com a pessoa que te comprou.

A pessoa que me comprou. Penso e tenho um estalo de ideia. Sim, eu só preciso ter alguém que me compre. Alguém que eu conheça. Mas quem?

— Qualquer pessoa pode comparecer a esse leilão?

— Não. Apenas convidados.

Droga! Isso dificulta meu plano. Mas não o torna impossível. Eu vou contar com minha sorte apenas.

— Posso te dar a resposta depois?

— O leilão será sábado agora. Você precisa me dar a resposta hoje.

Rodo na minha cadeira, fico de costas para ele e fecho os olhos. *Pensa, Angelina, pensa.* Eu não posso perder mais nada de ações. E se eu falar com meu pai, ele vai praticamente surtar para que eu não participe, nem vai se importar com as ações da empresa. Pense. O que eu faço? Será que chegando lá eu posso pagar alguém para dar os lances por mim? Sei lá, um garçom, ou qualquer outro que precise de dinheiro. Será que eu tenho dinheiro o suficiente? Quantos milhões seriam? Acho que consigo levantar uns dois milhões.

Tomada de coragem, giro a cadeira e volto a olhar para Lucas.

— Ok. Pelo bem da empresa, você me convenceu. — Pego uma caneta.

— Vai assinar? — Ele olha incrédulo? — Nem vai ler?

— Ah... — passo os olhos pelo papel.

— Tenha o tempo que precisar. Pode mandar um advogado analisar.

Começo a ler. Mas devido ao nervosismo, começo a trocar as letras, vai ficando mais difícil a cada linha e eu acabo sem ler todo o documento. Abano a cabeça, fingindo que li tudo. Pego a caneta e rubrico nas partes que precisam da minha assinatura. Entrego a Lucas, ele assina também e guarda o papel.

— Obrigado, Angelina. Você acaba de preservar dois por cento de suas ações e salvar os cofres da *Mademoiselle*.

Imbecil. — Penso com vontade de dar um chute na canela dele com a ponta do meu *scarpin*.

Não prolongo a conversa. Levo-o até a porta e assim que ele sai, eu corro para minha mesa. Meu plano é chegar nesse lugar, ver se tem alguém que conheço ou até mesmo um garçom aleatório, e pedir para essa pessoa me comprar. Eu mesma pago por mim. Isso é um tiro de sorte, ou pode ser só mais uma armação. Pego a segunda via do documento que assinei, sento-me com calma e leio. Demora, mas consigo ler tudo e não parece ter pegadinhas. É de verdade um leilão.

Toco no botão do ramal na mesa. Simone, minha secretária, atende.

— Simone, peça para alguém ir até a padaria e compre meia dúzia daquelas rosquinhas e um suco duplo de tamarindo. — Sempre que estou abalada, o nervosismo me consome e eu tenho que comer. Estou lutando para manter meu corpo com esse peso, mas tenho esse maldito transtorno. Preciso voltar para as terapias e a academia.

— Ah... Angelina... eu...

— O que foi, mulher? Não precisa você ir. Peça para o Emanuel.

Ela não responde e parece ter desligado na minha cara.

— Simone? — Gente, cadê essa doida? — Simone? — A porta se abre e ela entra. Pálida.

— Angelina, recebemos ordens que qualquer gasto precisa ser pré-aprovado.

— O quê?

— É... — Ela empurra um papel para mim. — Lucas acabou de me entregar e distribuiu para todo mundo.

Horrorizada, eu leio que acabei de perder qualquer regalia aqui dentro. Até meu vale alimentação chegar, eu terei que pagar do meu bolso por um refrigerante que eu tomar. Não podem sair dez centavos dos cofres da empresa sem a autorização do chefe. Minha vontade de comer triplica. Eu terei um vale alimentação?

Mas... eu sou a diretora. Protesto ainda lendo e deparo com os dizeres que respondem ao que eu disse: diretora, entretanto, uma simples funcionária da *Mademoiselle*, como qualquer outro funcionário. Caramba. Acabei de ser colocada no meu lugar.

— Se a senhora puder me dar o dinheiro, peço a Emanuel que compre.

Meio sem graça, eu concordo balançando a cabeça, abro minha bolsa, pego minha carteira e olho. Não fui ao banco, estou sem nada, sempre me acostumei a pedir que comprassem as coisas para

mim. Como não posso lhe dar meu cartão, conto umas moedinhas, três reais em moeda e por sorte, encontro uma nota de dez reais jogada entre as coisas da bolsa.

— Er... vê o que você consegue comprar com isso. — Ela faz uma concha com as duas mãos e recebe o dinheiro. Tenho vontade de chorar, e comer. Comer duas dúzias de rosquinhas e beber dois litros de refrigerante.

Simone sai e volto a ler o pronunciamento que Lucas passou para os funcionários. Perdi o motorista, pois ele é contratado da empresa. Perdi o Porsche, pois ele está no nome da empresa. Inclusive, hoje já tenho que deixar as chaves do carro aqui e voltar de táxi. Na verdade, eu perdi não só o carro, mas também o direito de voar nos aviões e helicópteros da empresa. Para isso acontecer precisarei de uma aprovação do dono, o motivo precisa ser muito bom e só para assuntos de interesse da empresa.

Eu não choro, nem tremo e nem fico com carinha de triste. Uma raiva muito grande me sobe.

Isso tudo aqui foi erguido pela minha família, e agora vem um idiota e me rebaixa a simples funcionária. Apesar de tudo, eu ainda sou a segunda maior acionista. O cargo de diretora não é uma esmola, é merecimento meu.

Completamente desorientada, eu levanto da cadeira e ando pela sala.

— Que ódio! Que ódio! — Num instante, a sala está pequena para mim. Se eu continuar aqui, eu dou um chilique e caio dura no chão. Saio da sala e olho em volta. Na empresa, as coisas são assim, logo de cara tem uma antessala onde Simone fica. Depois tem uma área aberta com várias cabines. São revisores de desenhos, editores de croquis e organizadores dos catálogos e desfiles. Cada um com sua mesa e seu computador.

Do outro lado, tem um corredor com a sala em que Beth trabalha com Olivia. No mesmo corredor, tem mais três salas de edição da revista quinzenal e duas de reunião. Uma oficial de comércio e administração da *Madde* e a outra só para a produção da revista. Passo pela mesa de Simone,

ela está ao telefone. Saio para o grande salão e todo mundo me olha, fitando-me com aquela cara de “Eu sei que você tá na merda, querida”, não é pena e nem chacota, é apenas um olhar de “Coitadinha”.

Ergo o nariz, sei que não sou mais nada aqui, caminho dura, empinando-me nos meus saltos, atravesso a sala sem olhar para ninguém, mas sentindo todos os olhos em cima de mim. Dou um giro rápido e pego no flagra uns me olhando, outros de risinho e fofuquinha.

— Vão trabalhar! — Grito, histérica. — Deixem minha vida em paz, peguem um gato para criar, pois ele tem sete vidas para vocês darem conta! — Termino de berrar, viro-me com classe, e vou para o elevador. Merda! Nunca gritei com ninguém aqui. Estou ficando completamente surtada. Isso vai acabar comigo. Um governo cai quando ele não tem aliados para lutarem a seu favor. Se eu começar a descontar nos funcionários, eles vão pedir minha cabeça logo, logo.

Desço até o setor de corte, para onde mandei Beth. Preciso urgente falar com alguém. Encontro

ela discutindo com Valmir, o diretor desse setor.

— Você nem deveria estar aqui, linda. — Valmir usa um bordão de internet para brigar com Beth. Ele sabe que ela odeia essas coisas de *memes* e frases prontas que todo mundo fala. Beth dá vários tapas no braço dele.

— Sua bicha sem graça. Seu trabalho está uma merda.

— Vai descer para a agressão, é, *mon amour*?

— Vou! Por quê? Vai me acusar de ser homofóbica?

— Já acabou, Betânia? Fresca!

— Diva Master. — Valmir acena para mim assim que me vê. Caminho para perto deles dois. — Sua prima está impossível aqui. Faça-me o favor.

— Beth, preciso falar com você. — Olho para Valmir. — Com você converso daqui a pouco, agora vá dar um jeito nessa remessa de camisas que veio errada.

— *Mamis* manda, eu obedeço. Bye.

— O quê? Está vendo? — Beth grita furiosa.
— Você trata todo mundo com pão de ló. Não é assim que se comanda um império, Angelina! Primeiro sendo boazinha com a Olivia, aquela sonsa, e agora deixando esse ser inútil sem um bom corretivo.

— Eu não estou comandando nada ultimamente. Beth, tenho que falar com você. É importante. É sobre o chefe, acredita no que ele...

— Quer saber? Estou louca para que esse tal chefe chegue logo. Talvez ele coloque ordem nesse lugar, expulse a Olivia e dê um prazo para esse Valmir melhorar.

— Para de gritar e venha comigo. — Saio andando e ela me acompanha. Posso ouvir os saltos atrás de mim. Ela me segue até minha sala, senta na poltrona à minha frente.

— Beth, estou com os nervos à flor da pele. Acredita que o desgraçado quer que eu participe de um leilão beneficente? — Empurro para ela o papel
NACIONAIS - ACHERON

do leilão. — Olhe isso.

— Um leilão?

— E sabe o que é mais terrível? Eu serei o prêmio.

Ela arregala os olhos e coloca a mão na boca.

— Minha nossa! Sério? Vai ter que... como assim? — Volta os olhos para o papel e começa a ler.

— Estou em maus lençóis. Não sei o que fazer, não sei.

— Uma noite com quem te arrematar? Meu Deus! Angelina.

— Pois é. Vê agora o que estou passando?

— Vai ter sexo?

— Nem me fale, nem quero saber.

Ficamos caladas, ela termina de ler o papel e

depois me encara, intrigada.

— Angel... qual foi a última vez que transou?
Foi com o...

— Sim. — Nem espero ela falar o nome
Lorenzo.

— Primeira e única, só com ele? — Ela dá um
grito esganiçado.

— Sim, Beth. Você sabe. E fale mais baixo, o
povo aí fora já tá me olhando com cara de cu, se
souber que não transo há anos, vão rir de mim.

— Em sete anos... Meu Deus, Angelina! Por
isso você está assim. É falta de rola. Está
precisando de um bom homem que te coma de
jeito.

— Nossa, que conselho... — reviro os olhos.
— Não falo para Beth, mas ainda não estou pronta
para encarar outro homem, fazer sexo. Eu tentei
namorar uns dois nesse período, mas não consegui
chegar ao *grand finale*.

— Você precisa deixar aquele estorvo para trás. — Beth bate na mesa me fazendo sair do devaneio. — Aquele filho da mãe não merece ter uma xoxota intocável. Eu sempre te falei que ele não prestava.

— Não tenho raiva dele, Beth. Acho que nunca tive. Eu fui a culpada de tudo. — Cravo os olhos no meu dedo, onde ficava um anel de noivado. — Era tudo muito lindo, vivíamos como em um filme, nunca amei tanto e... tudo se dissolveu.

— Se ele te amasse como tinha dito, teria tentado...

— Eu não dei oportunidade para ele tentar. Eu o ataquei e fui para Londres um dia depois do quase casamento, lembra?

— Fiquei sabendo que ele está saindo com a Carmem Silvério.

Tento não parecer abalada e balanço a cabeça assentindo.

— Eu vi essa notícia num site. — esnobo o assunto. Na verdade, quase morri quando vi a foto no blog da maldita. — Vamos deixar o passado de lado. Vou focar nesse leilão. Estou pensando em pagar alguém para dar o lance por mim. O que acha?

— Perfeito! Mas não tente fazer esse tipo de negócio com um dos que vão lá para comprar. Ele pode dar o lance e depois querer te comer. Pague mil reais para algum pobre coitado e ele vai dar o lance para você, sem segundas intenções.

— Isso. Um garçom ou segurança, já que eu não posso levar um acompanhante.

Beth me dá mais algumas ideias, depois Simone entra com a sacola de rosquinhas, ouço Beth reclamar que eu não posso comer tanto, que vou virar uma balofa. Nem ligo, continuo comendo.

Na hora de ir embora, para meu desespero, só tenho sete reais. Não posso pagar um táxi. Não queria ir para a casa dos meus pais e pedir que paguem quando eu chegar lá. Volto correndo, mas

Beth já foi embora. Bom, depois entrego o carro.

Vou para meu apartamento, chego cansada, jogo-me em meu belo e mais fofo sofá do mundo. Caio de lado e me afundo nas almofadas. Tudo de ruim está acontecendo comigo. Estou vendo minha vida deslanchar numa ladeira sem fim, perdi a empresa, todo dia uma humilhação diferente, vou ter que fazer a prostituta fina para participar do leilão e tudo que minha mente consegue pensar é: sete anos sem sexo. Eu praticamente fugi para outro país. Depois que eu dei o show no casamento, ainda fiz mais uma coisa... que me deixa até hoje arrependida. Abraço uma almofada e fecho os olhos. Tento não lembrar, mas minha mente me devolve lembranças horríveis.

— Amor... Angel, o que está dizendo? Se alguém falou alguma coisa... — ele ainda tenta me segurar, está assustado, pálido e quase desesperado. Lindo, vestido de noivo. Tudo ao redor, muito bonito — Angel...

— Não me chame assim! — Eu gritei em lágrimas. — Não me toque que eu tenho nojo de

você! Nojo! Seu desgraçado!

— Angelina! — Meu pai tenta me segurar. Todo mundo horrorizado.

— Descobri tudo. — Apontei o dedo para ele e resmunguei enojada para meu noivo. — Tenho ódio, asco de você. Quero que apodreça na sarjeta, seu filho da puta.

— Ei, garota! Perdeu o juízo, é? — Magno, irmão dele, interveio.

— Bandido! — Volto minha raiva para ele. — Tudo bandido, os três corruptos e pilantras.

Sento-me no sofá. Esfrego o rosto, tentando não lembrar mais disso. Arrepio-me só em lembrar. Decido tomar um banho. Pego meu celular, toco na tela, no aplicativo e falo: — *Playlist* alto-astral.

Conectando à *Playlist* alto-astral. — A voz mecânica repete. Dou uma gargalhada quando *Misery* de Maroon 5 começa a tocar.

— Perfeita pra mim. — digo. Toco na tela do
NACIONAIS - ACHERON

celular e falo: — Conectar ao *bluetooth* externo.

Conectando à caixa externa.

Num instante, a música começa a tocar na caixinha acústica da sala. Deixo o celular na sala e vou para o banheiro cantando em inglês: — “*Estou na miséria. E não há ninguém que possa me consolar.*”

Tiro minha maquiagem, a roupa, preparo a água da banheira, visto um roupão e quando vou entrar, a campainha toca. Reviro os olhos e vou atender. Abro a porta, deixando a correntinha de segurança.

— Entrega, dona Angelina. — É Borges, o porteiro do prédio.

— Ah! — Tiro a correntinha, abro a porta e pego a caixa quadrada. — Obrigada.

Fecho a porta e me sento no sofá. Abro e antes de tudo, tem um pequeno envelope. Deixo-o de lado e pego um vestido preto, sem mangas, reto, sem nenhum chamariz. Há também um sapato

NACIONAIS - ACHERON

simples, preto, de salto. E nem é de marca. Pego o envelope, abro e tiro um bilhete digitado.

Angelina, você concordou com meu pedido de participar do leilão. Essa é a roupa que deverá vestir. Não deve estar de cabelo solto e nem com joia alguma. Você vai se divertir muito. Posso garantir.

Atenciosamente,

Seu chefe.

Obs.: Não use mais o carro da empresa. A ordem era para deixá-lo lá e você foi embora com ele. Devolva, antes que eu precise mandar policiais irem à sua casa.

Fico sem fala. Ou ele tem um espião na minha cola, ou está me vendo de alguma outra forma. Será que estou sendo seguida?

Jesus! Acho melhor correr para a casa dos meus pais.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

QUATRO

ANGELINA

— Como assim Angelina, me conte isso direito. — Meu pai me olha com cara de bravo e eu meio que esperava essa reação dele. Acabei de contar sobre o leilão que terei que participar para não perder ações da empresa. Vim dormir com eles, sentamo-nos na sala e agora meu pai está de pé, olhando-me furioso. Minha mãe, ao lado dele, totalmente pasma. E eu, como uma ré, sentada no sofá.

— Eu não queria contar... por medo do senhor fazer algo...

— Eu? Por que achou isso?

Talvez pelo seu jeito brigão e mandão e porque a empresa é da sua família. — Penso, vendo agora, que se eu tivesse falado antes com meu pai, ele não iria deixar e ainda iria querer agredir Lucas.

— Sei lá. Mas foi necessário, pai.

— Necessário? Se doar num leilão escandaloso desse? Necessário pra quem?

— Para a empresa, poxa. Eu estou tentando recuperar as ações e não posso entregar mais nada na mão dessa pessoa. — Meus pais estão bravos e eu nem contei a eles sobre as humilhações. Eles sabem do assalto e tal, mas apenas sabem o básico. Não vou contar que não posso mais usar o Porsche e nem qualquer meio de transporte aéreo da empresa, pelo menos sem autorização.

Também não posso mais almoçar e mandar a conta para a *Madde*, como sempre fazia. Preciso esperar meu vale alimentação chegar, com um crédito limite, e daí usarei esse cartão como todos os outros funcionários, quer dizer, isso é o que o chefe quer. Eu sou acionista também. Amanhã irei ao escritório de Lucas brigar pelos meus direitos.

Olho para eles dois. Meus pais são bem jovens para minha idade. Tenho vinte e seis anos. Meu pai está com quarenta e seis. No momento, está louco sem trabalhar, pois administrava as coisas na empresa. Ele é bem novo, bonitão, faz exercícios e

cuida do corpo. E minha mãe, com quarenta e quatro, aparenta ser bem mais jovem ainda. Ela é fisioterapeuta, continua trabalhando e meu pai ainda procura emprego em algum escritório. Ele cursou administração na faculdade para tomar a frente da empresa, foi lá que conheceu a bela estudante de fisioterapia e estão juntos até hoje.

— Desde o início que eu estou te dizendo para deixar a empresa pra lá. — Meu pai fala alto, tom de sermão. — Poderíamos ter vendido e usufruído do dinheiro, ter ido embora para outro país, viver dignamente.

— Nunca! *Mademoiselle* é minha vida. — Rebato, balançando a cabeça — Não vou largar, vou lutar até as últimas consequências. Acho um desaforo.

— Lutar como, Angelina? — Minha mãe levanta o tom de voz também. — Não há como você recuperar as ações, há meses que você está dando murro em ponta de faca, é o cúmulo você ter que se submeter, abaixar a cabeça numa empresa que era da nossa família.

— Mãe, no momento eu sou a segunda maior acionista. Se eu conseguir ao menos quinze por cento...

— Se conseguir. — Meu pai ironiza. — Como pretende fazer isso? Participando de leilões?

— Não sei ainda, tá? Eu só preciso de alguém ao meu lado. Estou sozinha nisso tudo, minha ansiedade está me matando e... droga! Preciso voltar a me consultar com o doutor Geraldo.

Meus pais se entreolham e eu dou de ombros, quase chorando.

— É isso mesmo. Tudo está voltando de novo. A mesma ansiedade de antes, mãos geladas, letras embaralhando, a vontade descontrolada de comer, o desespero que me impede de trabalhar...

— Meu Deus! Angelina, você está acabando com sua saúde. Você não deveria ter deixado as **sessões**. — Minha mãe senta-se ao meu lado. Estou de cabeça baixa, com o rosto entre as mãos. Ela começa a acariciar minhas costas. — Você já sofreu tanto com esse problema, estava

NACIONAIS - ACHERON

estabilizado, tem sempre que se prevenir.

— Eu sei. Estou me sentindo uma burra incompetente. É tanta coisa acontecendo. — Limpo uma lágrima por baixo dos meus óculos — Estou perdendo o controle.

Preocupado, meu pai senta-se do outro lado. Eu fico no meio.

— Não participe desse leilão, filha. Venda o que lhe resta e vamos para outro lugar. Orlando, Miami. Liberte a *Madde*, chegou o momento de você deixá-la partir. Como eu já deixei.

— Não posso. Jamais. Vocês não entendem, eu cresci naquele lugar, eu amo trabalhar lá, desenhar, ver meus desenhos se transformarem em vestidos exclusivos.

— Não mais do que eu, Angelina. Aquilo lá era da minha família. Meus avós criaram a empresa, como acha que me senti quando tive que abrir mão de tudo?

Levanto-me com brusquidão do sofá e olho
NACIONAIS - ACHERON

para eles dois que continuam sentados.

— Pai, eu vou conseguir contornar isso. Esse tal chefe vai se revelar um dia e quando isso acontecer, eu vou começar a jogar para ter a empresa de volta.

— Como, Angelina?

— Não sei. Por enquanto vou pensar só no agora, preciso me livrar do leilão.

— Onde será esse leilão? Vou com você.

— Não, pai. Nem pensar. Beth vai comigo. — Minto, na verdade vou sozinha, mas não quero meu pai lá fazendo barraco e batendo em quem me arrematar. Eu preciso deixar eles dois o mais longe possível disso tudo. Já tenho Beth como minha confidente. Meus pais não me darão opiniões impassíveis.

Consegui deixar os dois mais tranquilos, jantamos e tive um resto de noite tranquilo. contei para eles sobre o desfile que virá, teremos uma festa maravilhosa pré-desfile, que marcará a nova NACIONAIS - ACHERON

fase da empresa.

Quando enfim fui dormir, eu estava tranquila, conversar com meus pais me deixou mais reforçada para essa batalha. Eles me deram o apoio que eu precisava para não me sentir tão sozinha.

Antes de dormir, li minhas mensagens, respondi uns e-mails e me deitei olhando a TV do meu quarto. Passava um filme, mas na minha mente, outra coisa me embalava. Eu admiti hoje para Beth que Lorenzo foi meu primeiro e único homem, e isso me deixa mal, com um sentimento de dependência.

Burra, burra, burra. Não deveria ter falado aquilo com Beth. Quando estava só comigo, pelo menos eu conseguia passar a impressão de mulher poderosa, rica, que dorme com quem quer, que tem os homens aos pés. Quando apenas eu sabia que era uma lástima em relacionamento, era mais fácil encarar a situação.

Fecho os olhos e volto ao passado, no dia em que ele me ligou para dizer que eu tinha deixado

meu celular no *Búfalo*. Eu nem tinha me dado conta. Cheguei e me joguei na minha cama, sorrindo como uma tola por causa do encontro com o lutador bonito. Tão educado e tão prestativo.

Ele viu o número da minha casa na minha lista de contatos, e ligou para informar sobre o celular. Marcamos um encontro em um restaurante perto do *Madde*, eu cheguei e ele já estava acomodado no balcão do bar. Vestia um jeans desbotado e rasgado no joelho, botas militares e uma camiseta preta simples. Senti-me meio sem graça por estar tão arrumada, em um vestido rodado na altura dos joelhos e salto alto.

Ele se levantou sorrindo para me receber.

— *Olha só para você. — Ele disse passando os olhos pelo meu corpo. — A verdadeira garota da cidade.*

— *Para de me chamar assim. — Sorri e ofereci meu rosto para um beijinho.*

— *Por favor. — Estendeu a mão mostrando o caminho para uma mesa. Claro que uma cadeira*
NACIONAIS - ACHERON

foi puxada para eu me sentar. Fiquei tão fascinada, alguém de classe baixa como ele, sendo tão cavalheiro.

— Olha só, nos topamos. Quem diria, hein? — Ele disse e eu perdi a fala. Nunca tinha visto um homem tão rústico e tão bonito. Com um sorriso tão lindo. Ainda podia ver o hematoma arroxeadado no seu olho, por causa da luta na noite anterior. O queixo quadrado, forrado por uma fina barba, os cabelos meio despenteados casualmente.

Pigarreei, desviei os olhos e disse:

— Quero acreditar que esse encontro não foi planejado, senhor Caballero. — Ele riu.

— Está insinuando que eu armei para encontrar você?

— Sim. Pegou meu celular enquanto eu estava desacordada.

— Você sempre acusa as pessoas assim? Ontem nos acusou de querer roubar sua bolsa.

Não respondi, pois fiquei tempo demais olhando o braço dele à mostra pela manga da camiseta. E por que um garçom chegou à nossa mesa.

— Uma cerveja? — Lorenzo me perguntou.

— Não bebo. Quero um suco de laranja. — Olhei para o garçom — Sem açúcar e com gelo.

— Traga o mesmo para mim. — Ele pediu.

— Entrada? — O garçom, com o caderninho na mão, ficou olhando de mim para Lorenzo.

— Uma salada, sem rúcula. — Pedi.

— Nisso não acompanho ela. Traga para mim: bife e fritas. — O garçom assentiu e saiu.

— Quem come bife com batata fritas na entrada?

— Eu como. — Ele respondeu indiferente. — Conte-me, trabalha em quê? Advogada?

— Não. Acabei de me formar em moda e designer. Trabalho na Mademoiselle. Já ouviu falar?

Como resposta, ele me dá uma visão de tirar o fôlego. Coça o queixo e posso ver um anel de caveira no seu dedo. Os lábios se fecham numa careta de desdém e os olhos semicerram enquanto ele pensa. Ele é muito lindo.

— Acho que sim, acho que não. Fábrica de roupas, certo?

— Mais ou menos isso. E você? Se não sobe num ringue por dinheiro, faz o quê? Assalto?

Ele deu uma gargalhada e meu coração palpitou. Ele jogou a cabeça para trás para rir e exibiu um pescoço bonito, forte, e com o pomo de adão saltado.

— Você me tem em baixa conta demais. — comentou, ainda sorrindo.

— Não queria falar, mas sou sincera, você tem aparência de um marginal.

— Talvez eu seja um marginal — ergueu os ombros — com algumas pessoas que mereçam. Mas no momento, sou apenas um lutador amador tentando vaga no MMA, na categoria peso pena.

— Ah! Que legal. Você luta bem. Eu vi.

— Obrigado. É algo muito importante para mim.

— Burra, burra. — Resmungo e coloco o travesseiro na cabeça, tentando esquecer essas lembranças. Não quero relembrar como fui uma cretina com ele. Beth teve culpa, mas disse que não sabia que estava enganada sobre Lorenzo. Eu deveria ter averiguado antes de ter feito tudo que fiz. Merda!

Pulo da cama, vou até o banheiro, abro o armário e encontro o calmante que eu tomava. Parto o comprimido pela metade, jogo na boca e bebo um gole de água da torneira mesmo.

Olho-me no espelho. Passo as mãos nos meus cabelos, amarro num coque provisório, jogo água no meu rosto e suspiro. Passou. De qualquer forma,
NACIONAIS - ACHERON

passou. Ele seguiu em frente, eu também. Acabou. Convenço-me e volto para a cama. Apago as luzes, enfio-me debaixo dos cobertores e me concentro nos desenhos que pedi para Olivia revisar. Preciso pensar em tudo, menos no meu passado.



Quando acordo, já são quase nove. Entro em desespero. Não posso tomar calmante, tenho pressão baixa e isso só me faz dormir mais. Corro pelo quarto me vestindo, nem me dou ao luxo de tomar um banho. Saio correndo com minhas coisas e encontro meus pais na cozinha com cara de que também acordaram agora. Dou um beijo nos dois, desejando bom dia.

— Perdi a hora. Deviam ter me chamado. —
Jogo café numa xícara e pego um bolinho.

— Você precisa descansar um pouco. Tire hoje o dia de folga, vamos dar umas voltas por aí.
— Meu pai oferece.

— Não, pai. Tenho coisas importantes para tratar. — Penso nos desenhos que dei à Olivia e

fico com medo de que ela tenha os passado para Beth. Eu preciso ver os desenhos primeiro, antes de tudo, para poder tirar a dúvida de que minha prima está se aproveitando da Olivia. Sem falar que ainda tenho que passar no banco. Nunca mais ando só com o cartão na bolsa.

Quando pego a bolsa para sair, minha mãe indaga:

— Quer que eu marque uma consulta com o doutor Geraldo, para você?

— Não sei. Acho que estou melhor.

— Marque, sim, querida. — Papai ordena. — Ela vai.

Penso que ele está mesmo certo. Nesse momento, preciso voltar às terapias.

— Ok. Marque. Para depois de amanhã.

— Vem almoçar com a gente?

— Sim, mãe. Um beijo. — Beijo minha mão e

sopro para eles. Saio correndo, tiro o Porsche da garagem e me dirijo à agência bancária mais próxima.

Eu tinha que ir à gerência para saber quanto posso resgatar da minha conta. Mas estou muito apressada e vou ao caixa eletrônico mesmo. Escolho a opção de várias notas. De vinte, cinquenta e dez. só mesmo para prevenir, pois eu não vou aceitar abrir mão do meu direito como a segunda maior acionista da empresa.

Entro voando no prédio da *Mademoiselle*. Pego o elevador e me olho no espelho. A maquiagem ficou tão ridícula. Comprimo um lábio contra o outro para espalhar melhor o batom que passei enquanto o carro estava num sinal vermelho. O elevador abre, eu saio correndo e já olho em volta. O povo já está no pique, trabalhando.

— Simone, peça para Olivia vir à minha sala.

— Claro.

Eu entro, jogo a bolsa na poltrona, tiro o casaco e abro as persianas da janela. Só então
NACIONAIS - ACHERON

percebo que não vesti sutiã. Odeio ficar sem. Corro até o armário, encontro um conjunto que sempre deixo para emergência, pego o sutiã e a porta se abre.

— Olivia, fecha a porta e fica vigiando. Tenho que vestir o sutiã.

— Ah, claro. — Ela coloca as pastas sobre a mesa, fecha a porta e olha pela vidraça para o povo lá fora.

— Conseguiu ajeitar os desenhos? — Viro de costas para a porta e arranco minha blusa.

— Sim. E fiz um extra para você ver.

— Ok. — Rapidamente, coloco o sutiã e visto a blusa. Volto para minha mesa, Olivia vem e senta-se na cadeira à frente.

— Como foi? — Pego a pasta de croquis.

— Nossa! O Romeo ficou uma fera por eu não ter dado atenção a ele.— Ela ri — Eu estava eufórica demais com os desenhos.

Levanto os olhos para ela, interessada no assunto.

— Sério? — Sorrio. — Ele parece ser um homem calmo. — Lembro muito bem, Romeo não roda a baiana facilmente.

— Pois é. Ele é meio abusado. Chega da empresa e quer a minha atenção só para ele. Fez de tudo para me distrair.

Olho o primeiro desenho modificado. Está incrível. Ela fez um bom trabalho.

— Quando vão se casar? Ou não pretende ainda?

— Ah, estamos esperando um pouco, o bebê está chegando. Mas já comecei a desenhar meu vestido.

Arregalo os olhos para ela. Eu desenhei o meu também. Sinto meu coração falhar ao lembrar desse fato.

— Que ótimo. Vai fazê-lo aqui na *Madde*?

— Não sei. Esses boatos sobre o novo chefe, eu não sei o que pensar. As ordens são estranhas para a gente seguir. Tenho medo dessa pessoa chegar aqui e mudar tudo.

— Não vai mudar. — afirmo com ânsia por me impor.

— Eu espero. Adoro trabalhar aqui, e o *Supreme* será o primeiro desfile que participo. Não quero ser demitida até lá.

— A pessoa que entrar aqui não tem por que demitir ninguém, Olivia.

Nesse instante a porta se abre, e sem bater, Simone me olha espantada.

— Estou ocupada, Simone.

— O doutor Lucas está aqui com um pessoal...
— ela fala sem graça. Fico de pé no mesmo momento.

— Que pessoal?

Lucas logo aparece, entra na sala e me entrega um papel.

— Desculpe, Angelina, eu não quis falar ontem para não te sobrecarregar com tanta informação. Mas você deve sair dessa sala imediatamente.

— Como é que é?

— Essa é a melhor sala desse andar. Ela vai passar por uma reforma para a vinda do novo dono. O pessoal já está aí para te ajudar com a mudança.

— Que mudança, Lucas? — Bato na mesa, muito revoltada, sangue nos olhos. — Eu não vou sair da sala que era do meu pai.

— Vai sim. Essa sala é da presidência e você não ocupa esse cargo.

Olho para Olivia, aflita, de pé perto da minha mesa, está pálida e de boca aberta.

— Ontem, depois que você foi embora, uma das salas do outro lado foi desocupada para você.

NACIONAIS - ACHERON

Informe ao pessoal o que eles devem levar para lá. Como mencionado no documento, essa sala aqui, a partir de agora, está interditada.

Chorei tudo que podia, sentada na sala de Beth e Olivia. A porta fechada e as duas me olhando.

— Você precisa se acalmar, Angelina. Ficar de *mimimi* não adianta nada — Beth ordena, com grosseria. Limpo as lágrimas, coloco meus óculos e olho para ela, indiferente, de pernas cruzadas, olhando algo no celular, como se nem importasse.

— Eu penso que essa pessoa está querendo fazer você desistir, Angelina. — Olivia opina.

— Não se preocupe. Eu já tenho uma carta na manga.

— O que vai fazer? — Beth exclama, curiosa, vendo eu me levantar e ir para a porta.

— Esperem só e verão. — Eu saio, vou ao banheiro, lavo o rosto, ajeito o cabelo e volto para a sala onde elas duas ainda estão me esperando.

Nesse instante, Simone vem até a porta.

— Angelina, ela chegou.

— Mande ela entrar. — Eu peço. E seguindo Simone, vem Maria Luiza, diretora do banco AMB.

— Oi, Angelina. — Ela vem e me cumprimenta. Sorri para Beth e arregala os olhos quando vê Olivia.

— Olivia. Ainda está por aqui, mulher. - As duas trocam um beijinho rápido de cumprimento.

— Sim. Vou entrar de licença semana que vem. Doida para ganhar logo. E como está o seu?

— Lindo. Já vai fazer seis meses. Johnny é um amor. Assim que o seu nascer, eu e as meninas vamos à sua casa. Louca para ver a carinha desse garotão. — Maria Luiza olha para mim e Beth e confidencia: — Se sair igual ao pai será um gato. Sou casada, mas não sou cega. — Ela e Olivia riem.

— Igual a você. — Olivia toca no braço dela.

— O seu bebê é a cara do Enzo.

— É, eu sei. E meu marido é um gato.

Elas duas riem mais, eu sorrio sem graça e Beth fecha a cara. Maria Luiza, enfim, volta sua atenção para mim.

— E então? Em que posso te ajudar? — Ela olha em volta. — E por que isso aqui parece uma reunião secreta do clube das meninas?

— Porque é uma reunião secreta. Os ratos invadiram minha sala. Maria Luiza, preciso saber quem comprou a *Mademoiselle* do banco AMB. — Falo logo, na lata.

— Ai, Senhor. Não sei. Foi coisa do Davi, irmão do meu marido. Por quê?

— O novo comprador está tornando as coisas aqui um inferno. — Olivia adianta esse detalhe.

— E nunca aparece. — Beth completa.

— Precisa me ajudar a descobrir quem é. Você

é minha única esperança.

— Mas o que pode mudar se você conhecer a pessoa que comprou?

— Ao menos eu saberei como me defender. Procurar alguma coisa para usar contra esse maldito. Ou maldita.

— Ok. Eu tenho como descobrir. Enzo, meu marido, deve estar de conluio com o irmão dele. Tenho meus métodos para arrancar essa informação dele.

— Obrigada. Faça isso por mim.

— Farei. — Convicta, ela afirma.

CINCO

ANGELINA

O dia do famigerado leilão chegou e eu não tive progresso algum com minhas investigações. Estou deitada na minha cama, assustada, olhando para o teto, acordei, mas estou buscando forças para levantar. Olivia saiu quinta-feira e hoje vai ganhar o bebê.

Beth está meio distante ultimamente e Maria Luiza não conseguiu nada com o marido dela. Eu já temia isso. Ela tentou de tudo e não há nem mesmo registros nos arquivos dos bancos. As procurações de compra e venda estavam assinadas por Lucas e, segundo ela, o advogado deve ter passado a legitimidade da empresa por fora, sem o conhecimento do banco.

Eu passei a noite quase toda acordada, cogitando uma coisa, e se essa empresa nunca foi vendida e ainda pertence ao Banco? Mas isso não faz sentido, porque eles se esconderiam? Também pensei em Lucas, talvez ele seja o dono e vá se

revelar, provavelmente esteja só aquecendo, antes de tomar conta, mas por que ele faria uma coisa dessas comigo? Nem o conheço. E minha última opção é meu tio Theo, pai de Beth e irmão do meu pai.

Ele sempre guardou um pouco de rancor porque minha avó deixou a maior parte da empresa para meu pai e depois o papai comprou a parte do meu tio. Isso me corroeu tanto que nem com calmante eu dormi. Seria plausível, ultimamente Beth está meio estressada, será que ela sabe de alguma coisa?

Quero acreditar que não. Beth é minha prima, minha melhor amiga, minha confidente desde sempre. Ela está ao meu lado em tudo. Papai não gosta muito dela, pois, segundo ele, foi por causa dela que eu não me casei. Mas isso não é verdade, ela chorou e se desculpou, disse que entendeu tudo errado naquele dia.

Viro de lado na cama e olho para o relógio. Nove e quinze da manhã. Ouço um barulho e acho que Lourdes está fazendo café. Fecho os olhos e me

vejo de noiva, sete anos atrás, em frente ao espelho. Abro os olhos e viro para o outro lado, inquieta. A lembrança ainda persiste. Aquele, era o dia mais feliz da minha vida. Em pouco tempo de namoro, eu e Lorenzo subiríamos ao altar, pois não conseguíamos mais ficar afastados um do outro. Eu o amava loucamente, mesmo não o conhecendo direito. Sabia que ele carregava segredos e o respeitei por não estar ainda preparado para me contar.

Foi um choque o dia que eu descobri que Lorenzo não era um pobre coitado como eu achava. Ele era um dos herdeiros de uma poderosa corporação, mais rico do que eu na época e acho que agora também. Mas o dinheiro foi apenas um detalhe, eu já estava loucamente apaixonada.

Esbravejo, jogo o cobertor de lado e levanto. Calço minhas pantufas de porquinho rosa e vou para o banheiro. Sento no vaso e na minha mente, ainda bailam lembranças do passado. Termino, tiro a camisola, ligo o chuveiro e após colocar uma touca na cabeça, protegendo os cabelos, eu entro no chuveiro com água quente.

Meu terapeuta tentou no início, bloquear essas lembranças que me faziam sentir insônia e fadiga. Mas não foi bem sucedido. Cada momento, cada frase, cada segundo do meu passado, me acompanham todos os dias, aprendi a conviver com isso. Estão aqui agora, nesse momento, voltando com tudo.

Lá estava eu, aos vinte anos, vestida de noiva e com o rosto molhado de lágrimas. Acabara de ouvir uma gravação onde meu noivo negocia com meu pai o casamento comigo, em troca de investimentos para salvar a empresa da família dele. Eu era apenas sua moeda de troca. Seria bom, para meu pai, ter a filha casada com alguém de nome e seria bom para Lorenzo, pois meu pai faria a fusão da Madde com a Orfeu.

Eu odiei tanto meu pai. Tanto, tanto. E mais ainda o Lorenzo. Como ele teve coragem? Como pôde me desrespeitar daquela forma? Logo eu que sempre o amei incondicionalmente, mesmo suportando suas loucuras, temores e demônios, sem perguntar, sem querer saber o que o fez ser tão conturbado. Em seis meses de namoro, sem o

conhecer direito, eu já o queria para sempre ao meu lado. E quase me casei com um canalha. Quase acabo com minha vida por causa dos malditos negócios do meu pai.

“Então fica assim: você se casa com ela e logo assinaremos os documentos.” (Voz do meu pai)

Pausa.

“Certo?”

“Bom...” (é a voz do meu noivo)

Cara, eu já acertei tudo com seus pais. Você só tem a ganhar. Tudo certo?

Tudo bem. Eu aceito. (Os dois rindo)

“Negócio fechado. Estou feliz por ter se juntado à família.”

“Só não conte nada a Angel ainda, espere o casamento acontecer. Ela pode não entender...”

“Claro rapaz, ela não vai saber.”

Terminei de ouvir a gravação mais uma vez e limpei rápido as lágrimas. O ódio me consumindo. Chega! Acaba aqui qualquer fraqueza minha. Eles querem uma vilã? Pois aqui está ela.

— Tudo bem, amiga? — Beth, vestida de madrinha, a que gravou essa conversa e trouxe para mim, me amparou quando levantei meio trôpega. Ainda bem que tenho amigas assim. Ela me foi fiel mostrando a verdade.

— Sim. — falo com brusquidão. — Estou bem.

— Angel... você vai...

— Sim. Vou resolver isso.

Saio pisando firme e nem espero daminhas, madrinhas, ninguém. Saio na porta da casa e ando apressada rumo à passarela no quintal ao fundo. As pessoas ficam sem entender, ele está parado, conversando com os dois degenerados irmãos dele e me olha, também sem entender.

Quase corro por toda a passarela, nem o vestido faz com que eu diminua meus passos.

— Amor? — Ele indaga, vindo em minha direção. Então acerto um tapa na cara dele.

— Nunca mais olhe na minha cara, seu merda!

— Angelina? — Meu pai vem correndo. Lorenzo estava de olhos saltados, incrédulo, assustado. A mão no rosto, onde bati.

— Amor... Angel, o que está dizendo? Se alguém falou alguma coisa... — ele ainda tentava me segurar, estava pálido e quase desesperado. — Angel...

— Não me chama assim! — Eu gritei em lágrimas. — Não me toque que eu tenho nojo de você! Nojo! Seu desgraçado!

— Angelina! — Meu pai segurou forte meu braço e me balançou. Todo mundo horrorizado.

— Descobri tudo. Aponto o dedo para ele e
NACIONAIS - ACHERON

resmungo enojada para meu noivo. — Tenho ódio, tenho asco de você. Quero que apodreça na sarjeta, seu filho da puta.

— Ei, garota! Perdeu o juízo, é? — Magno, irmão dele, intervém.

— Bandido! — grito para ele. — Tudo bandido, os três corruptos e pilantras. — Olho para a plateia. — Firmou contrato com meu pai. Meu pai me vendeu para esse canalha por causa da empresa. Vai negar? — Volto para ele. Ele está paralisado. Sem expressão no rosto. O olhar dele se voltou para os convidados e depois me encarou. Vi um abismo nos olhos que tanto brilharam para mim. Vi ódio e, por um milésimo de segundo, penso se não fui longe demais. Como se não tivesse mais vida. Uma lágrima ameaça cair do olho dele, mas ele a limpa rapidamente.

— Babaca. Nem tem a dignidade de me explicar. — Dei um empurrão no peito dele, segurei meu vestido e saí correndo, deixando-o no altar. Corri de volta para a casa e antes de entrar, vi Lorenzo indo embora rapidamente e Romeo,

irmão mais velho dele, na sua cola. Tive vontade de correr atrás e bater muito nele.

Então mãos fortes me seguraram. Era Magno.

— Que Deus tenha piedade de você, garota.

— Ele aponta com o queixo para onde o irmão foi.

— Porque ele nunca terá.

Abro os olhos interrompendo a lembrança. Desligo o chuveiro, pego o roupão e corro para fora do banheiro, meio tropeçando, vou para meu *closet* e começo a revirar tudo.

— Cadê...? Eu sei que eu trouxe para cá. — Abaixo, olho as gavetas, procuro numas caixas e encontro. Há uma tralha de coisas velhas, vasculho a caixa enorme e encontro o gravador antigo. Beth pediu para eu destruir a gravação depois que coloquei tudo em pratos limpos e meu pai contestou essas provas.

Meu pai me contou a verdade e guardei isso nem sei porquê. Com as mãos trêmulas, tento ligar, mas nada acontece. Percebo que está sem pilha. Droga. Eu escutei tanto essa gravação enquanto

NACIONAIS - ACHERON

chorava de noite, que nem preciso ouvir de novo para saber quais as palavras exatas. Jogo de volta o gravador na caixa e deixo isso de lado. Tenho que pensar no presente.

Estou numa enrascada, hoje à noite vou ser leiloada e preciso tomar todas as precauções para que ninguém me “compre”. Já fui ao banco e tenho um crédito de um milhão e oitocentos mil reais liberado. Acho que ninguém vai pagar mais do que isso por mim. Sorrio, já me sentindo vitoriosa. Assim que passar esse leilão, Lucas vai ouvir.

Volto para o banheiro, me posiciono em frente ao espelho. Passo as mãos nos meus cabelos, fito meu rosto sem maquiagem e digo:

— Quem você é? — pergunto.

— Angelina Velasco. — Eu mesma respondo.

— Já se rendeu alguma vez?

— Nunca.

— Vai se render agora?

— Não vou. Vou encarar com fibra. Esse leilão será fíchinha. Vou recuperar minha empresa, deixar meu pai orgulhoso e mostrarei para esse chefinho de araque quem é que manda. — Dou um sorriso confiante. — É assim que se fala, garota. Ninguém vence uma guerra só lamentando.

Tomo um banho, visto-me com uma bela roupa e coloco uma armadura de poder. Uma dama de ferro. Beth andou me avisando que ultimamente eu estava ficando “gentalha” demais. Muito amiguinha de todo mundo, aceitando tudo que Lucas trazia para mim. Preciso que as pessoas me temam e me respeitem.

— Lourdes. — Cumprimento, entrando na cozinha, desfilando nos meus saltos. Sou a rainha novamente. Com minhas elegantes roupas, meus cabelos negros soltos e lisos, minhas joias e minha elegância inata. Isso ninguém me tira.

— Oi, querida. Bom dia. O que quer comer?

— Faça-me um crepe.

— Café?

— Cappuccino, por favor.

Ela começa a preparar e de costas pergunta:

— Vai trabalhar hoje?

— Sim, vou à empresa ver como estão as coisas. Ah! Lourdes, depois passe numa lojinha de bebê e compre alguma coisa para um recém-nascido. Não sei comprar essas coisas.

Ela me olha curiosa, com uma expressão interrogativa.

— Uma colega de trabalho vai ganhar neném hoje e eu vou visitá-la depois. — explico sem ela ter perguntado.

— Ah, que lindo! Menino ou menina?

— Ah... menino. — Em tom de segredo confidenciais: — Compre algo bem chique, ela é noiva de um milionário, dono da Orfeu, tenho que impressionar.

— Uau! Já fico nervosa, é muita responsabilidade comprar algo para um bebê que deve ter de tudo.

— Criatividade, Lourdes. Eu também não faço ideia do que dar. Se bem que a Olivia é humilde, ela não se importa com isso. — Abro minha bolsa e pego o celular. Vejo uma mensagem do meu pai falando para eu ir almoçar com eles. Digo que irei. Há também uma mensagem de Beth dizendo que volta segunda-feira da viagem que está fazendo para algum lugar que esqueci.

— Devo mandar a conta para a empresa? — Lourdes pergunta. Tenho vontade de dizer para mandar. Só que se chegar lá, pode ser que a conta acabe se juntando com outras contas da empresa e caia na planilha de gastos do chefe filho da puta.

— Sim, mas mande a cobrança endereçada em meu nome.

Tomo o café, digo a Lourdes que ela pode ir embora, pois vou almoçar com meus pais. Pego minha bolsa e saio. Desde terça-feira, estou usando

meu carro, pois não adiantou eu reclamar, Lucas confiscou o Porsche. Também não adiantou eu brigar pela minha sala. Já estou acomodada numa sala pequena, ao lado de Beth. Meus pais não sabem nada disso ainda e nem ficarão sabendo.



Hoje a empresa funciona até meio dia. Fui lá apenas dar uma olhada em como estava o conserto das camisas que vieram erradas. Valmir me mostrou como o trabalho está adiantado e eu disse que poderia mandar todo mundo embora onze e meia. Depois da empresa, fui para a casa dos meus pais. Quero ficar acompanhada a maior parte do tempo para não pensar em bobagens, não ficar remoendo que hoje à noite é o leilão.

Entro em casa e sou recebida por um delicioso cheiro de comida. Deixo minha bolsa no aparador, no *hall* de entrada, jogo meus sapatos no chão e corro descalça para a cozinha. Minha mãe está à mesa descascando alho e meu pai no fogão mexendo uma panela com macarrão fervendo.

— Oi, mãe. — Beijo o rosto dela.

PERIGOSAS

— Oi, querida.

Vou até meu pai.

— Oi, pai. — Ele é muito alto e abaixa para eu beijar o rosto dele.

— Oi, princesa. — Ele responde.

Sento-me à mesa com minha mãe.

— O cheiro está delicioso.

— Lombo de porco assado. — Meu pai fala e tira a panela do fogo, escorrendo o macarrão num na pia. Depois vai picar os alhos que minha mãe está descascando.

— Oba. — Bato palmas.

— Veio da empresa? — Ele pergunta.

— Sim. Fui dar uma olhada numa remessa de camisas de seda que foi devolvida. A gola estava errada.

NACIONAIS - ACHERON

— Ah! Está sabendo resolver esses pepinos?

— Sim, pai. Com você lá era bem mais fácil, mas estou me saindo bem. As meninas estão me ajudando.

— Beth? — Ele indaga em tom sarcástico. — Ela ajuda alguém?

— Senhor Eric, fique sabendo que Beth não é essa cobra que vocês acham. Ela me apoia, me dá ideias. Ai de mim, se não fosse ela. — Solto o ar pela boca. — Tem uma nova funcionária, o senhor não conhece, a Olivia. Ela desenha muito bem, e espero que ela possa me ajudar com o desfile que está chegando. — Decido não mencionar para ele que tenho a suspeita de que Beth estaria se aproveitando de Olivia.

— Ótimo. Porque a Beth não desenhava nada bem. Eu só a mantinha no cargo de designer porque é minha sobrinha.

— Olivia é noiva de alguém que vocês conhecem muito bem. — Eles dois olham para mim, interessados.

NACIONAIS - ACHERON

— É? Quem? — Mamãe questiona.

— Romeo Lafaiette. Irmão do... — Nem preciso terminar de falar o nome do dito cujo. Meus pais se entreolham, mostrando, pelas expressões, que sabem muito bem.

— Está se envolvendo de novo com esse povo?

— Não. Não tenho envolvimento algum com eles. Olivia é diferente daqueles três.

Meus pais não dão opinião, ficam calados, ela descascando alho e meu pai picando-os.

— Eh... Pai... eu estive pensando bastante esses dias... sobre o que aconteceu entre mim e Lorenzo.

— Angelina, esqueça isso. Anos se passaram, cada um seguiu sua vida.

— Eu fui muito cruel. Aquilo que fiz... não devia ter acabado com a vida dele daquela forma.

— Você não acabou com nada. Ele está bem, procure na internet, ele é um homem rico, bem relacionado.

— Eu acabei com o sonho dele, pai. Ele estava quase conseguindo um contrato para lutar e eu acabei com isso.

— É, você errou nessa parte. Acreditou no que sua prima disse. Ela distorceu toda a verdade e você nem procurou saber.

Fico calada, lembrando que depois que eu saí do casamento fiquei num hotel com Beth, sem querer falar com ninguém. Ignorei todas as ligações do meu pai. E naquela noite, naquele hotel, tomei a decisão que eu me vingaria de Lorenzo. Meu ódio era tanto que eu dei uma entrevista bombástica no dia seguinte. Consegui atenção de alguns repórteres carniceiros e eles, de modo sensacionalista, jogaram a notícia na mídia.

Meu noivo era a mais nova ascensão no mundo dos esportes. Um pugilista que estava crescendo, tinha sido convidado para uma luta em

Los Angeles. E, com um estalar de dedos, eu tirei tudo dele. Acabei com sua carreira e as notícias ruins geraram boatos maldosos que acabaram balançando financeiramente a empresa da família dele.

— Eu nunca pedi desculpas a ele. Acha que devo fazer isso?

— Não. Deixa seus defuntos enterrados. Fica no seu canto. Não vai mexer de novo com esse povo. E, sobre essa tal Olivia, acho que é mais prudente demiti-la. Para não ter envolvimento algum com essa família.

Eu assinto, mas não aceito o conselho dele. Tá certo que vou deixar o passado enterrado, mas quanto a Olivia, vou mantê-la, nesse momento não estou podendo procurar novos funcionários.



Depois do almoço, fiquei mais um pouco na casa deles e fui embora, tinha que começar a me aprontar para às oito da noite. De qualquer forma, eu estava conformada com a situação. Tinha que

aceitar somente. Tomei um banho de banheira bem demorado, com sais de banho. Tinha ido ontem ao salão e feito unhas e cabelo.

Hoje eu lavei os cabelos, passei esmalte preto nas unhas como protesto do meu luto, vesti a roupa que mandaram para mim, um vestido feio, sem graça e fiquei ereta, inerte, sentada no sofá da sala, só esperando a hora certa.

Dessa vez, nada de joias, mas na minha bolsa preta, tinha o celular e minha carteira com documentos, dinheiro e cartões. Nunca mais saio sem nada. Mandeí uma mensagem de segurança para Beth, dizendo que eu estava indo, apesar de não saber para onde. Não tenho amigas, Beth é minha única amiga. Isso nunca me importou, mas agora me deixa tão triste, vazia.

Oito em ponto, eu recebo uma mensagem de Lucas dizendo que o carro está na porta do meu prédio me esperando. Levanto-me, me olho mais uma vez no espelho, apago as luzes e saio. É melhor pensar que estou indo para um velório. Talvez o meu velório. Enquanto desço no elevador,

PERIGOSAS

procuro meu pingente no pescoço, não o encontro e bufo revoltada, apavorada. O medo me ataca, minhas mãos começam a suar e eu fico tentada a parar num boteco e comprar um pacote de bolachas. A vontade de comer voltou.

Tento ser equilibrada quando saio do elevador, pisando duro e recitando mentalmente o mantra: Eu sou Angelina Velasco, vou ficar firme.

Uma limusine me espera. Um homem uniformizado abre a porta para mim.

— Senhorita Angelina?

— Isso. — Eu entro e sopro aliviada ao constatar que não tem ninguém lá dentro. O carro começa a andar e eu vasculho ao redor, procurando algo para comer. Encontro castanhas, chocolates e mais algumas coisa. Pego uma pequena barra de chocolate e como de olhos fechados, tentando recuperar o controle das minhas emoções.

Meia hora, duas barras de chocolate, três castanhas e duas barras de cereais depois, o carro para e eu olho pela janela. Um portão enorme de NACIONAIS - ACHERON

ferro, de uma propriedade de luxo, se abre e a limusine entra. Andamos por uma estrada ladeada de árvores, tudo muito iluminado, com um belo jardim e até uma fonte enorme com uma réplica da estátua da Vênus. Lá na frente, há uma enorme construção. Carros de luxo parados, duas outras limusines paradas e de cada uma desce uma jovem com roupas idênticas a minha.

Assim que paramos atrás da segunda limusine, eu olho para uma placa de ferro, ao lado da enorme porta de entrada e posso ler: *Dama de copas*.

Perco todas as minhas reações. Esse nome é uma paródia de “Rainha de copas”, naipes das cartas de baralho. Esse é um clube secreto. Eu estou num antro de perdição, onde só pode entrar quem é convidado. E isso não é tudo. Não. Meu maior pavor nesse momento é que Magno Lafayette, irmão de Lorenzo, é um dos sócios desse lugar, ou dono, não sei.

Começo a tremer desesperada, querendo sair correndo. A porta da limusine abre e um homem de terno, muito bonito e elegante, estende a mão para

mim.

— Senhorita, por favor, queira me acompanhar.

— Eu não vou. — Gaguejo aterrorizada. Meus olhos doem de tanto que estão arregalados.

— Está tudo bem. Entraremos pela porta lateral. Os voluntários do leilão não podem ter contato com ninguém da festa.

Olho através do vidro, muitos homens bem vestidos entram pela porta principal. Muita gente aí deve me conhecer. *Como eu pude aceitar isso? Eu mesma vou me rebaixar tanto.*

Outra limusine para atrás da minha. Um homem abre a porta e dela saem dois rapazes, lindos e loiros, vestindo preto. São bem novinhos, devem ter 18, no máximo.

— Eles dois serão leiloados também? — Fico atônita olhando para eles que seguem um homem e entram por uma porta lateral.

— Sim, a senhorita precisa me acompanhar.

— Preciso que me faça um favor, por favor, pela sua mãe, por Deus, ajude-me.

O homem olha para os lados, ajeita a gravata e volta a me encarar.

— Venha comigo. Precisa deixar o carro sair.

Eu assinto e saio com ele. Entro na mesma porta que os dois jovens entraram, atravessamos um corredor, subimos uma escada pequena e chegamos a um grande salão, onde tem um bar, poltronas e sofás de luxo. Há outras garotas com vestidos iguais ao meu, há quatro jovens com ternos pretos. Comigo são nove pessoas para serem leiloadas.

— Fique aqui até que eu venha te buscar. Eu sou responsável para te auxiliar essa noite. Elvis.

— Estende a mão para mim.

— Angelina. Por favor, preciso que me ajude.

— Seguro forte no braço dele.

PERIGOSAS

Ele parece perder a paciência, olha ao redor e volta a me fitar.

— O que posso fazer por você? — Elvis me olha interessado.

— Eu te pago uma quantia para dar os lances por mim.

— O quê?

— Por favor, faça isso por mim. Quanto quer para se juntar ao pessoal e fazer isso por mim?

— Senhorita, não funciona dessa forma...

— Como funciona? Eu tenho o dinheiro. Eu vou pagar, eu mesma vou pagar por mim. Eu só preciso de alguém que dê os lances.

Ele olha para os lados, e me puxa para um canto.

— Eu só preciso sair daqui sozinha essa noite.
— Tento convencê-lo.

NACIONAIS - ACHERON

— Quanto pode pagar pelo seus lances?

— Até dois milhões.

— Certo. Vou ver como funciona e volto para te falar. Sente ali e espere. — Ele se afasta, passa por uma porta e eu me vejo sozinha, com os outros que estão aos risos, bebendo champanhe, parecendo se divertir, nem ligando que vão ser leiloados e certamente sairão daqui acompanhados por tarados milionários.

Penso que Magno possa estar na plateia e tremo toda. A melhor saída é me encher de champanhe. Elvis volta quase meia hora depois.

— Eu me inscrevi para poder dar os lances. Quero dez mil.

— Ok. Dez mil e você me compra. — Ele balança a cabeça assentindo e se afasta.

Sento numa poltrona, pego outra taça de champanhe e sorrio. Muito aliviada. Vou perder praticamente todas as minhas economias, mas ao menos sairei sozinha daqui.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

SEIS

LORENZO

— Paaaaii!! Por favor, não me deixe aqui! Pai! Por favor! Eu vou obedecer! Não me deixe aqui! Paaii!! Não me deixe aqui! Me perdoe!!

Meus próprios gritos de quando tinha treze anos são a minha única companhia aqui, debaixo da água. Quanto mais meu corpo vai afundando, inerte, sem me mexer, mais as lembranças vão me abandonando e eu ficando mais calmo. Respiro longamente com a ajuda do respirador de oxigênio. Sinto minha mente se esvaziar, meu coração desacelera, voltando ao normal e, então, começo a flutuar no meio do mar, junto aos peixes e corais.

Pratico mergulho há algum tempo como forma de terapia. Uso também o voo para me distrair. Mas nada disso está me ajudando muito ultimamente. Os sintomas estão voltando a cada segundo e eu não posso parar minha vida a todo instante para vir mergulhar, só porque tive um sonho terrível, ou fiquei com insônia, por causa das lembranças

perversas.

Eu não tenho ponto fixo de mergulho, sempre que dá, vou em algum lugar. Aqui no Rio, tem lugares bacanas. Agora estou em Ipanema, a uns metros da praia, numa profundidade agradável para essa hora da manhã. Gosto de mergulhar de manhã ou no fim do dia. Mas como sempre um dos meus irmãos me acompanha, eu sempre venho pela manhã.

Aprofundo mais um pouco mar adentro, passando pelos cardumes de pequenos peixes e belos corais, em um nado perfeito. Mergulhar é quase como voar, a pessoa apenas flutua e em determinado momento, é como se fizesse parte da água. Hoje, a temperatura e a correnteza aqui em baixo, estão perfeitas. Nem preciso mais de instrutor de mergulho, faço isso há tanto tempo que é tão normal como andar.

Ultimamente eu estou perdendo o controle. Essa noite tive novamente um pesadelo, as mesmas lembranças, o mesmo lugar. Evito falar com Vilma, pois ela fica na minha cola, perguntando se estou

bem, se quero que ligue para o doutor e não me deixa em paz. Então, eu engulo tudo e casualmente convido um dos meus irmãos para vir comigo a alguma praia.

Depois de um bom tempo de mergulho, começo a subir aos poucos e chego à superfície. Tiro o respirador da boca, junto com a máscara, passo a mão no rosto e nado até o iate ancorado. Subo pela escada de corda, Magno vem e me estende a mão, ajudando-me a subir. Hoje ele que veio comigo, já que Romeo está no hospital, pois Olivia vai dar à luz hoje. E Amadeo está aqui no Brasil, mas não sei que fim levou.

— E aí? — Magno indaga. Está só de sunga, com uma cerveja na mão e óculos de sol. Os cabelos estão molhados, deve ter pulado na água.

Tiro o colete de mergulho e abro o zíper da roupa.

— Tudo tranquilo. — Tiro as nadadeiras pé de pato. — Divertiu-se aqui em cima?

— O que tem pra fazer aqui? Você não me
NACIONAIS - ACHERON

deixou trazer umas mulheres.

— Não quero putaria no meu iate. Vamos ver o moleque do Romeo?

— Será que já nasceu? — Magno olha no relógio de pulso. — Termino de tirar a roupa de mergulho e vou pegar minha bermuda.

— A cirurgia da Olivia estava marcada para as dez.

— Então já somos oficialmente tios. — Ele ergue a latinha de cerveja para mim, vira na boca e joga ali num canto. — Tenho que passar em casa para me trocar.

— E eu vou querer uma carona. Não estou no pique de dirigir hoje.

Enquanto Magno vai para a cabine ligar o barco para a gente zarpar, eu me visto, vou ao banheiro urinar, volto, pego uma cerveja e me posto ao lado dele.

— Sabia que beber e dirigir se aplica aos iates
NACIONAIS - ACHERON

também, né? — falo com ele.

— Foda-se. — Magno dá de ombros. — Bebi duas latinhas só. E aí? Está ansioso para hoje à noite?

— Por quê?

— Não é hoje que você vai despenar a galinha numa trepada poderosa?

— Cara, tudo vai além de uma trepada.

— Trepada resolve tudo. Desde fazer as pazes à vingança. Come ela e deixa pra lá. Não entendo porque tanta enrolação. Você e Romeo dificultam demais as coisas.

— É, você não entende. — Dou um gole na cerveja e na minha mente, um giro, com tudo que está acontecendo, me faz sorrir perversamente. Está tudo dando certo, muito certo, o universo está conspirando a meu favor. Desde quando Lucas passou oficialmente todas as ações da *Mademoiselle* para mim, eu consegui engatar meus planos.

A primeira coisa para se vingar de alguém é não deixar rastros. Na armação toda, a *Mademoiselle* passou por duas mãos. Primeiro a do banco, maquiando para dizer que o banco tinha comprado, Davi foi responsável por assinar a papelada e segundo, em seguida, uma procuração em nome de Lucas, meu advogado.

Só depois, por fora, no escritório dele, é que tudo veio oficialmente para meu nome. Ou seja, se Angelina tentar descobrir, como ela já tentou trazendo Maria Luiza para o lado dela, não vai conseguir, nem se Maria Luiza vasculhar os relatórios do AMB ela consegue. A única coisa que consta lá, é que Lucas comprou as ações através de uma procuração. A não ser que o marido dela diga, coisa que ele prometeu que não fará, nem com a maior greve de sexo que já existiu.

Eu não fiz isso da noite para o dia. Foram sete anos planejando. Assim como aqueles fodidos acabaram com minha vida, eu dei o troco e acabei com os Velasco. O melhor de tudo é poder assistir de camarote. Eu chego da empresa e corro para a frente da TV, almoço na sala, vendo as gravações

das câmeras que mandei instalar por todo andar da diretoria da *Mademoiselle*.

— Só não me diga que está de regime. Tá comendo direitinho, Lorevaldo? — Magno fala e eu olho para ele de testa franzida. Já estamos chegando à praia.

— O quê?

— Comer, enrabar, trepar, foder. Tá fazendo isso direitinho? É fundamental para uma mente saudável.

— Claro. — afirmo. Não mentindo. Não parei minha vida sexual só por que vou me vingar da fulana. Estou sendo seletivo com minhas presas. A partir de hoje, não pode ser qualquer uma, tem que ser alguém que possa atingir Angelina de alguma maneira. Como a Carmem Silvério que eu levei para sair, só porque descobri por acaso que ela não se dá bem com Angelina.

Foi uma das piores transas da minha vida, na verdade, nem aconteceu. Mas foi ponto para mim. Nada paga a cena que vi no restaurante, naquela

NACIONAIS - ACHERON

noite. Ela lá sozinha, na mesa, esperando minutos a fio, quase chorando. Completamente humilhada, enquanto eu assistia tudo dando o maior gelo. E no fim, depois do jantar com a jornalista de fofocas, fiquei sabendo de algumas curiosidades que Carmem me contou sobre a rainha da moda falida.

Angelina tem seus caprichos e orgulhos. Tenho que atingir cada um deles. Tomar o máximo de coisas que puder. E assim que ela estiver sem nada, eu entro na vida dela, fazendo com que ela precise de mim, que me queira, implore por mais e, então eu apenas saio, deixando-a para trás.

Cada dia que se passa, é o meu dia da vitória. Mas hoje será o melhor.

Magno para o iate na costa, descemos e logo vem o cara que eu pago para cuidar do barco. Aperto a mão dele, entrego as chaves e caminho ao lado de Magno para o carro dele. Apenas com uma bermuda e de óculos escuros, ele passa todo orgulhoso, sabendo que está atraindo olhares. Magno é besta demais.

Ele aponta a chave e o Mustang azulão com duas listras brancas apita, destravando o alarme. Magno tem dois carros que, segundo ele, compõe a personalidade do dono. Um é o Mustang, esse estacionado. Azul bem escuro, esportivo, com pinta de carro de corrida, aqueles dos filmes *Velozes e Furiosos*. E o outro é uma picape enorme que ele comprou nos States. É preta, bem sofisticada, alta e tem um ronco impressionante. Eu tenho paixão por carros e acho que ele fez escolhas perfeitas.

Jogamos nossas coisas atrás, no porta-malas, entramos e assim que ele liga o carro, o som liga junto. Olho de cara amarrada para o painel do carro.

— Mexidão das noitadas cariocas. — Ele fala, levantando uma sobrancelha debochada e apontando com o queixo para o som do carro.

— Quê?

— Um monte de música num pen drive, Lorenzo.

— Hum. *Tá*.

NACIONAIS - ACHERON

Ficamos calados, a música tocando alto. É um sucesso chiclete que já passou. Magno tamborila os dedos no volante, achando que está num compasso perfeito com a música. Está com a janela aberta, o braço de fora e passando devagar pela orla da praia de Ipanema, só para se exhibir. Nem vestiu camisa.

— Vai estar lá hoje? No clube? — pergunto a ele.

— Claro. Não perco por nada. — Ele me responde, olhando para as pessoas lá fora, na rua. — *“Tem gente que chega e muda os planos da gente...”* — ele começa a cantar a música: — *“E que faz a nossa vida caminhar para frente...”* — Eu reviro os olhos e tento não ficar ouvindo letra de música para não pensar em bosta. Mas acabo dando atenção demais à letra e isso começa a me irritar.

— Porra, desliga essa merda.

— *Oxê!* Não. — Ele bate na minha mão quando tento desligar. — Melhor parte, olha: — aponta para o som do carro, bate no volante como se fosse bateria e canta: — *“O nosso santo bateu, o*
NACIONAIS - ACHERON

amor da sua vida sou eu...”

— Ah! Valei-me, Jesus! — rosno e aperto o botão para mudar de música.

— Eita, homem enfezado. — Ele ri e continua dirigindo despreocupadamente. A próxima música começa, um sertanejo universitário:

*“Tá com voz de sono, foi mal se te acordei,
desligue e volte a dormir...”*

Magno reage, olhando do painel para mim.

— Ficou louco? Isso é música de psicopata. — Ele aperta o botão e troca de música. — Você já viu um hotel em Dubai? Jamais trocaria uma estadia lá para ouvir uma voz grogue de mulher sonolenta.

— Você é a exceção do mundo. — desdenho. A próxima música, também sertaneja, faz com que ele gargalhe.

— *Vixe*, essa é mito, olha só. — Ele aperta um
NACIONAIS - ACHERON

botão, adiantando a música e para no refrão:

“Cuida bem dela,

você não vai conhecer alguém melhor que ela...”

— Pior que psicopatia. Que homem vai falar para outro cuidar bem da mulher? Eu mandaria um foda-se para os dois e iria viver minha vida. — Ele tem razão. Na vida real isso não se aplica. Mas na vida real não aconteceriam várias coisas. Como por exemplo: detonar a vida de uma mimada, filha da puta, de uma maneira teatral. E estou fazendo, não é? Eu olho para Magno, rindo dele.

— Você não entende muito isso pra ficar debatendo, cara. Nunca namorou sério na vida.

— Ah! Ai que tu se engana, Lorevaldo.

— Lorenzo, porra! — corrijo num resmungo.

— Eu sei das coisas. Entender de relacionamento, basta entender a mente feminina. E quanto mais eu como mulher, mais eu aprendo

NACIONAIS - ACHERON

sobre elas.

— Disso você entende. — Dou uma risada e mudo a música, porque já encheu.

— Olha aí. — Bate no volante. — Agora, sim. — Mesmo dirigindo, ele flexiona o braço e coloca o punho fechado na testa, em pose de dançar sertanejo e começa a cantar alto: — *“Eu abro a porta e puxo a cadeira do jantar, a luz de velas para ela se apaixonar...”*

Ignoro e olho meu celular. Já vai dar onze horas. Louco que chegue logo à noite. Na verdade, doido para fazer meus planos andarem, parecem inertes, ainda não estou vendo muita coisa, preciso de mais.

— Essa música, cara, é sobre isso que estou falando. — Magno interrompe meus pensamentos. — Mesmo tendo pensamentos mais conservadores como os meus...

— Você com pensamentos conservadores? Sério?

— Que seja. Mesmo com pensamentos como os meus. As mulheres não precisam saber o que penso ou qual minha personalidade. Eu só tenho que ser gentil com elas, é meu dever, já que quero comer. Outro segredinho: em relação às mulheres, você precisa colocar pra fora o pau e não o que pensa.

Fico olhando para ele e penso sobre isso. Ele tem razão. É por isso que muitos homens se apaixonam rápido demais. Alguns, não colocam somente o pau para fora. Querem colocar os pensamentos e sentimentos também. Cara, vá com calma, devagarzinho. Não é à toa que Magno come quem ele quer. Acho incrível isso. O cara sabe das coisas.

Só que eu não fico para trás. Há muito tempo, eu aprendi como manter emoções só para mim. Não há como eu cometer deslizes, desses que Magno está falando. Quando se vive num inferno, a impiedade se transforma na maior virtude.



Chegamos à casa de Magno, para nos
NACIONAIS - ACHERON

trocarmos. No caminho, liguei para Romeo e ele disse que o bebê tinha nascido às dez da manhã e que Olivia já estava indo para o quarto. Por isso, decidi ir mais tarde para deixá-la descansar.

Magno, diferente de Romeo, mora num prédio de luxo de frente para a praia. Ele é o irmão ostentação. A cobertura que ele mora é gigante e fico impressionado como é tudo sempre muito limpo e organizado para um homem cheio de regalias, como ele.

— E o Amadeo? — Magno joga as chaves na mesinha junto com os óculos e a carteira. Amadeo, nosso primo, está há algum tempo aqui no Brasil hospedado na minha casa e simplesmente não quer ir embora. Ele já morou muito tempo no Brasil e agora está pensando em voltar para cá, trabalhando na Orfeu, no setor de marketing. O emprego ele já tem e estamos dando força para ele alugar um apartamento. Eu principalmente. Não gosto muito de dividir minha casa e ele fica indo de um lugar a outro. Passa duas semanas comigo, duas com Magno e nenhuma com Romeo, ele é meio relaxado e por causa de Olivia, Amadeo ficou

constrangido.

— Dormiu fora.

— O safado não para, né? Pegando aleatoriamente?

— Qualquer uma. — Sento no sofá. — É igual a você, sem filtros.

— Não fazemos distinção, maninho. Vou tomar uma ducha, pegue uma roupa lá para você.

Foi difícil escolher alguma coisa no armário dele. Ele é maior que eu, não na altura, é robusto. Mas um jeans e uma camiseta, ficaram legais. Tomei uma ducha também, para tirar o sal da água do mar. Vesti-me e sentei lá embaixo esperando Magno. E lá estava eu novamente sozinho. Tentando, a qualquer custo, barrar mil coisas que vinham sem parar na minha mente. Lembrei do leilão hoje mais tarde e me arrepiei. Esfreguei minha nuca, sacudi meus cabelos, cocei a barba, mas não consegui conter a enxurrada de lembranças.

Ela vestiu algo muito sexy e odiou quando eu disse isso. Não queria parecer sexy e sim elegante. Acima de tudo, Angelina, a vaca dos infernos, estava linda, nervosa — na verdade, desesperada — e tentando parecer sofisticada, casual. Era um jantar no meu apartamento e nós sabíamos que iríamos acabar na cama.

— Sua casa é muito bonita. — Ela elogiou e estava lá, perfeita, no seu belo vestido azul, parada na minha sala. E eu não conseguia me conter. Transamos naquela noite. A primeira vez dela.

Abano a cabeça para me esquecer. Levanto e ando pela sala de Magno, vou até a janela, olho lá embaixo.

“Ele se aproximou da minha família só para tentar uma salvação para a empresa do pai dele.” — Fecho os dedos no punho, ao lembrar dela no vídeo, falando isso. Há muito tempo, eu não me sentia tão feliz e realizado. O MMA era minha vida, estava me reerguendo e num instante... Eu não tinha mais nada. Nem noiva, nem carreira e meu pai me culpou, porque isso tudo deixou os

investidores receosos.

“Quero pedir que revisem essa ideia de contratá-lo como um lutador, ele se enche de mil tipos de remédios, toma coisas estranhas. Isso não é ilegal?” O tom era de sarcasmo, naquele vídeo que vi tantas vezes, que decorei as falas.

— Vamos? — A voz de Magno me tira do devaneio.

— Vamos. — Deixo tudo dentro de mim e dou um sorriso convincente.

Depois de almoçarmos num restaurante, eu e Magno seguimos para o hospital. Eu nunca tinha visto um recém-nascido, assim, tão de perto. É, pode me julgar. Realmente, nunca tinha visto um tão de perto. E encarar o fato que era a quarta geração dos Lafaiette me deixou confortável. Num impulso, eu estava com ele nos braços. Meu sobrinho.

Nem conseguia piscar enquanto o embalava, tão pequeno, frágil. Mas eu sabia que ele teria uma vida perfeita sendo criado pelo Romeo, que será um

NACIONAIS - ACHERON

pai mais decente do que o que eu tive ou que eu poderia ser.

Quando cheguei ao meu apartamento, sentei-me diante da TV e liguei a câmera que espalhei pela empresa. Porque eu não estava mesmo conseguindo passar muito tempo longe dessas porcarias de câmera.

Vi tudo que aconteceu. Contando moedas para comprar comida. Sabendo do leilão e tendo que assinar o documento do leilão. Eu vi isso ao vivo, estava de olhos vidrados assistindo cada reação, cada expressão do rosto dela. Pânico, medo, tentativa de parecer forte, raiva. Tudo. Ela é expressiva e ver aquelas cenas repetidas vezes me satisfez muito.

Às vezes, quando tenho insônia, sento-me no sofá e fico assistindo, várias horas, ela trabalhando, planejando com a ajuda de Olivia e a cachorra da Beth. Eu gargalhei quando ela tentou trazer Maria Luiza para o lado dela. Nunca conseguiria. Eu me enchi de poder ao vê-la ser despejada da sala. E estava lá, casualmente, assistindo como de

costume, quando ela afirmou:

“Em sete anos, ele foi meu único”. — Eu não tive reação. Sabia mais ou menos pelas minhas investigações que ela não teve muitos namorados. Dois ou três. Mas não transou mais depois de mim?

— Caraca! — Saltei no sofá e soquei o ar, vitorioso. Sei que tenho um belo pau, sei foder como se deve, mas deixar uma mulher, não qualquer uma, mas a vaca mor, com um amor incurável pela minha pica? Ganhei o dia.

— Ah, Angelina! Vou foder sua mente, deixar você no chão. — Eu afirmei pretensioso, olhando para a TV.

E quando achei que não poderia acontecer mais nada, veio uma cena que quase causou morte. Aconteceu o seguinte: meu primo está passando uns tempos na minha casa, eu não contei pra ele do meu plano contra Angelina e expliquei que as câmaras são só formalidades que eu mandei instalar lá e tenho o código de segurança, assim posso ver na minha TV. Ele acha que a câmera é na Orfeu.

Era de manhã, estava me arrumando para ir para a empresa, sentei-me no sofá e liguei a TV enquanto tomava meu café. Angel entrou na sala, como faz todas as vezes. Depois parou, olhou dentro da blusa e foi até um armário. Pegou alguma coisa e nesse instante, Olivia entrou na sala também.

“Olivia, feche a porta. Vou vestir o sutiã.” — Ela disse algo assim.

— Essa é *la mujer* do Romeo, *no*? — derramei minha xícara de café na minha calça e no sofá quando ouvi a voz atrás de mim. Amadeo, só de cueca, saltou o sofá, já caindo sentado. E nesse instante, ficamos paralisados de olho na TV quando Angelina arrancou a blusa e mirou justamente para onde tinha uma câmera posicionada. Os peitos dela apareceram na tela.

— *Carajo! Mira* esses peitos. — Ele levantou e correu para perto da TV.

— Saia daí. — reagi, empurrei-o rapidamente e tentei encontrar o controle da TV.

— Quem é essa gostosa? Você precisa me apresentar, *yo* preciso *conocer* esses peitos. — Ele continuou falando e, sem saída, puxei a tomada, desligando tudo.

— Porra, Lorenzo. O que está pegando?

— Saia.

— O quê?

— Ela é minha funcionária. Exijo respeito.

— E daí? *No trabajo* na empresa. Você não pode comer, *yo puedo*.

— Cara, você me assustou, olha o que fiz. — Mostrei minha calça. — Dê o fora. Isso me deixou muito zangado.

— Que *maricón!* Zangado por causa de *una* calça. — resmungou e foi para a cozinha.

Se fosse só por causa da calça...

Claro que depois eu vi a cena sozinho. Várias

e várias vezes. Como agora estou vendo. Olhando para ela e sorrindo cruelmente. É hoje.



— Animado? — Magno toca no meu ombro. Estamos bem vestidos, bebendo bom champanhe, na companhia de vários milionários, só gente da classe alta. Sou membro do clube de Magno, mas nunca estive tão feliz de estar aqui como estou hoje.

— Sim. Muito.

— O que vai fazer? Já tem tudo planejado?

— Claro. Muito bem planejado.

Do outro lado, vejo um funcionário acenar para mim.

— Um instante, Magno. — Saio de perto do meu irmão e caminho até o homem.

— E aí, Elvis?

— Ela chegou. Por sorte, procurou-me para
NACIONAIS - ACHERON

dar os lances por ela.

— Ainda bem. — digo. Claro que soube do plano dela, de pagar alguém para isso e ela mesma se comprar, será mesmo que ela achou que escaparia tão fácil? Não canso de rir da idiotice dela.

— Faça como eu te instruí. Quem vai pagar pelo seu serviço é ela. Pego um papel no meu bolso e entrego a ele. — Cobre dez mil. Faça ela preencher esse papel, é como uma garantia que ela vai te pagar.

— Certo. — Ele assente, pega o papel e sai.

Eu escolho uma poltrona, sento-me estrategicamente. Estou pronto, pode abrir as cortinas. Eu vivi para assistir a esse show.

SETE

ANGELINA

Angelina: Beth, cadê você?

Angelina: Eu já estou no leilão. Estou em pânico.

Angelina: É no clube do Magno. Me ligue.

Toco para enviar a terceira mensagem. Espero por uma resposta, mas é sem sucesso. Onde essa mulher se meteu? Por que não está me respondendo? Ela visualiza, mas não responde. Será que está em algum lugar que não pode pegar o celular? Em um jantar, talvez.

— Angelina? — Ouço a voz e levanto o rosto. É Elvis.

— Oi. Vai começar?

— Ainda não. Essa é a tabeliã. — Ele mostra uma mulher de terninho preto ao seu lado. — Você precisa assinar o contrato da casa de leilão e assim,

ficar com um terço do valor que pagarem por você. Assim que você assinar, será registrado imediatamente. Uma garantia para você e para quem arrematá-la.

— Assinar? — Fico de pé.

— Sim, mera formalidade. — A mulher de coque e terninho fala e me estende um papel. — Fique à vontade para ler.

Já tremendo, pego o papel, olho para os outros futuros leiloados. Eles estão tranquilos, conversando, até muito descontraídos. Analisei todos eles e são jovens demais para serem o possível novo chefe da *Madde*. Lucas me enganou quanto a isso. O chefe não veio se doar em leilão, como ele disse que faria.

Sento-me, respiro compassadamente e começo a ler. O momento não contribui para me deixar tranquila e troco a primeira palavra. Volto, releio e peço a Deus para me ajudar a conseguir ler tudo agora e rápido. Volto a reler desde o início e agora saltar para a próxima linha durante a leitura fica

mais difícil. Minhas mãos gelam, o nervosismo aumenta e começo a tremer. Volto a ler novamente do início.

— Se você puder ser breve... O evento vai começar. — Elvis murmura. Não olho para ele. Tento me concentrar, mas o resto de controle que eu tinha vai por água abaixo e eu desisto. Simplesmente não consigo terminar de ler ou entender alguma coisa, as palavras simplesmente estão embaralhadas diante dos meus olhos.

O que mais pode acontecer? — indago interiormente, tento ainda ler mais algumas coisas. Meu coração bate muito forte, a aflição me sacudiu por dentro.

— Onde eu assino? — Minha voz é um fio.

— Aqui e aqui. — A mulher mostra os espaços no papel e eu olho para Elvis.

— Por favor, vai dar tudo certo?

— Claro que sim. — Ele dá um sorriso reconfortante — Eu estarei lá na plateia. Pedi a um

NACIONAIS - ACHERON

colega que venha, para te acompanhar ao palco.

— Acha que o valor limite que falei, vai dar? Seus lances tem que ser até dois milhões, no máximo.

— Claro. Não acho que passa disso.

Olho de volta para o papel e fico pensativa.

— Pode assinar. Você não vai gastar todo seu dinheiro e vai sair daqui sozinha. Assim que eu arrematar você, te passo os direitos do lance, aí você paga ao clube e recebe uma parte do que pagou.

— Ok. — Balanço a cabeça. Sinto meu sangue gelar quando encosto a caneta no papel e assino.

Eles se afastam, Elvis diz que já vai se posicionar na plateia e eu vou para perto dos outros que serão leiloados.

— Olá. Boa noite. — Cumprimento um pouco receosa. Eles me estudam atentamente, eu sou a mais velha do grupo. Devem estar se perguntando o
NACIONAIS - ACHERON

que uma mulher está fazendo aqui.

— Oi, boa noite. — Duas meninas respondem.

— Vocês... sabem como isso funciona?

— Não muito. — Uma garota loira de, no máximo, 19 anos fala. — Mas sei que virgens têm um maior preço.

— Não está com medo?

— Claro que não. — Ela ri — Eu terei a oportunidade de ganhar quase um milhão para perder a virgindade com um ricaço. Será uma vez apenas para eu suportar, eu iria dar de graça para algum idiota por aí, mesmo.

— Nossa. Tem sexo? — murmuro apavorada. Sei que eu mesma vou me comprar, mas não deixo de tremer de medo.

— Claro, né, amor? — Um rapaz diz com um ar irônico. — Quem vai pagar milhões para ter apenas uma conversa?

— Mas... me disseram que a gente poderia...

— Bom, você pode decidir se transa hoje ainda aqui em algum dos quartos do clube ou marca um outro dia, outro local. — Ele me interrompe e explica.

O pânico triplica, sinto meu rosto queimar e estou com medo de surtar.

— Você está mais perdida que cego em tiroteio, né, gata? — Uma garota chega perto de mim e me entrega uma taça de champanhe.

— Como veio parar aqui? — Outra pergunta. Agora estou no meio de vários jovens, sendo o centro das atenções.

— Bom... um contrato, para tentar ganhar um dinheiro e salvar minha empresa. — minto, não vou dizer que fui praticamente obrigada. Tive escolha de não aceitar, mas não queria perder mais ações da empresa.

— Olha! Corajosa. Mas não será muito terrível, os caras aí fora, o pessoal do dinheiro, até

NACIONAIS - ACHERON

que dá para encarar. Não é aquele monte de velho barrigudo feio. Nada contra homens assim.

— Dizem que muitos são casados e vão preferir foder aqui mesmo no clube.

— Eu prefiro logo. — Um outro rapaz comenta. — Rápido como arrancar um siso. Apesar que desejo me acabar numa noite quente e erótica. E ainda sair com dinheiro.

— Uhuu! — Os quatro rapazes presentes comemoram e as garotas riem.

— Vocês... são... — engulo a palavra *gay* — e se um homem comprar vocês?

— No meu caso, estou aqui por causa deles mesmo. — Um dos rapazes brinda, sorrindo. — Quero dar para um gostosão.

— Eu pretendo pegar alguma ricaça velha para deixá-la exausta. — Outro fala.

Fico com asco, aterrorizada, incrédula, totalmente avulsa aqui, nesse antro, junto com esses
NACIONAIS - ACHERON

jovens que nem ligam para o próprio corpo. Respiro fundo e conto até dez. Tomo um gole de champanhe para poder acalmar. Mas logo sairei ilesa daqui. Vou conseguir.

E a festa começa. Daqui posso escutar a voz de um homem dando abertura aos trabalhos da noite. Sento-me isolada em uma poltrona e apenas espero. Tento, mais uma vez, comunicação com Beth, mas ela não me responde.

Um a um vão sendo chamados ao palco. Uma pessoa vem e acompanha os leiloados, entram por uma porta e começam os lances. Dá para ouvir muita coisa de onde estou e os lances são mesmo bem altos. Entro em pânico quando ouço que a primeira foi comprada por dois milhões e meio. Depois, foi um dos rapazes que foi arrematado por um milhão e meio. Quase dei um pulo quando um homem entrou e me chamou. Fiquei de pé prontamente.

— Angelina Velasco?

— Sim.

— Sua vez. Vamos?

Boa sorte, garota! Uma das meninas gritou quando eu aceitei o braço dobrado do homem e ele me conduziu para a porta. Entramos, ele fechou e nos deparamos com um corredor.

— Vamos ficar aqui até anunciar você.

Paramos e de onde estávamos podíamos ouvir mais coisas e ver parte da plateia. Não conheço ninguém, esfrego uma das mãos na outra, nervosa, sozinha nesse lugar, completamente perdida.

Não olhe para ninguém, fique concentrada e olhe para seus sapatos. — digo a mim mesma em pensamento. — Pense que daqui a pouco você estará na sua casa, deitada, feliz, na sua cama.

— Dando prosseguimento, vamos chamar a próxima voluntária ao leilão. — A voz masculina anuncia. — Com vinte e seis anos, herdeira do nome Velasco, convido a esse palco, Angelina Velasco.

— Vamos? — O homem, que nem sei o nome,
NACIONAIS - ACHERON

flexiona o braço, eu coloco a minha mão, ele me guia pelo corredor e entramos no palco iluminado. Não olho para os lados, entro de cabeça erguida. Olho apenas para o homem em um púlpito, de onde ele dirige o leilão. O homem, que me acompanha, me deixa no meio do palco e eu abaixo os olhos. Aperto os dedos e mordo o lábio. Não quero parecer uma garotinha amedrontada.

— Angelina já teve outros relacionamentos, portanto, não está na classe das virgens. — O homem que preside fala. Eu olho para ele. — Ela é daqui do Rio, possui renda própria e está solteira. — Ele continua falando sobre mim e incrivelmente começo a ficar tranquila. Desvio o olhar dele e decido encarar a plateia.

Muita gente. Homens e mulheres. É um salão enorme e não são cadeiras em filas. É como uma gigante sala de estar. As paredes são de painéis esculpidos em madeira, os lustres grandiosos, que pendem do teto, dão um ar muito moderno e clássico ao mesmo tempo.

Há sofás grandes de couro de lei, poltronas

PERIGOSAS

altas, garçons andando pelo meio e pessoas de pé, em grupos, bebendo, de olho em mim. É como uma grande reunião casual de gente rica, todos pervertidos. Elas com belos vestidos, joias caras e com olhar de desdém para mim. Eles, de terno, bem vestidos e bebendo suas taças de champanhe ou copos de uísque.

Vou passando os olhos pelos rostos, conheço alguns nomes de peso e juro que senti um leve mal-estar e as vistas dilataram quando vi, bem perto do palco, do lado esquerdo, ninguém mais, ninguém menos que Lorenzo. Eu não poderia estar mais afundada na bosta. Quase saí correndo.

Ele e Magno, ambos, sentados perto, encarando-me de um jeito sério e desconcertante. Nos seus belos ternos, com boa aparência, na verdade os dois são muito bonitos, ele segurando um copo de uísque. Não esboçou qualquer emoção ao me ver. E eu, com o peso disso tudo, e ainda em ver ele ali, me vendo nesse palco, completamente embaixo de tudo, diante de todo esse povo, sendo leiloada como uma... qualquer.

NACIONAIS - ACHERON

Sinto minhas pernas fraquejarem, meu estomago revirar e minha mente dar um nó. Meu Deus! Ele não sente nada por mim. Nada mesmo, nem desprezo. O olhar dele me disseca, seco, frígido, indiferente. Volto a abaixar a cabeça.

— *Você me faz repensar um monte de coisas. Mudar de opinião...* — Minha própria voz ecoa na minha mente. Uma lembrança.

— *É? Como o quê?* — A voz de Lorenzo no meu pensamento, me faz engolir seco. De cabeça baixa, começo a relembrar, algo aleatório, um momento de sete anos atrás.

— *Ah. Chupar manga sem precisar cortar. Correr pela manhã, usar camiseta e jeans, comer pão francês, coisa que eu não fazia de jeito nenhum...*

— *Só porque é rica, não tem que comer somente essas besteiras frescas. Você perde o melhor da vida.* — Ele falou.

— *É. Só comia nove grãos e...*

— *E agora come até cachorro quente com pão de não-sei-que-dia.* — Ele riu e me deu um beijo com a boca suja de ketchup.

— *É.* — Fascinada, lambi meus lábios, olhei para o cachorro quente na minha mão. — *Quem um dia diria que eu estaria numa esquina comendo cachorro quente?*

— *Estou te colocando no mau caminho, garota da cidade, te arrastando para o lado negro da força.*

— O lance inicial fica em cinquenta mil. — O homem fala, e eu levanto o rosto. Não tem como, meus olhos vão automaticamente para ele, para Lorenzo. Mas ele continua na mesma posição. Olhando sério para mim, toma calmamente um gole de seu uísque e não faz nada quando um homem levanta a mão e o leiloeiro diz: — Temos cem mil, alguém dá cento e cinquenta?

Meu queixo bate involuntariamente, minhas unhas cravam na palma da mão, eu procuro Elvis e ele levanta a mão.

— Cento e cinquenta. — O leiloeiro grita. — Duzentos? Alguém dá duzentos?

Um homem barbudo, bem mais velho, com uma barriga enorme, esparramado numa poltrona, com um charuto na mão, não só levanta a mão como diz: “Meio milhão”. Eu quase caio no chão. O pânico toma meu corpo e eu imploro a Elvis com um olhar desesperado.

— Quinhentos mil. Alguém dá mais? Ouço setecentos e cinquenta?

Elvis levanta a mão dando setecentos e cinquenta, e eu torço: “Bate o martelo, bate o martelo. Em nome de Deus, bate esse martelo.” Outro homem levanta a mão e o lance vai para oitocentos, o velho do charuto fecha para um milhão e eu perco minha respiração. Olho para a plateia. Uns grupinhos de homens cochicham e riem entre si. Todos estão vendo meu terror, meus olhos devem estar enormes e vão aumentando conforme os lances aumentam.

Lorenzo, enfim, demonstra alguma reação

quando Magno se curva para perto dele, diz alguma coisa, aponta com um sutil gesto para mim e os dois riem. A humilhação me consome e sinto as lágrimas arderem nos meus olhos. Por que ele está assim? Eu sei que errei, fui horrível com ele, mas não demonstrar nada?

Olha a que ponto eu cheguei, onde estou e o que a vida me aprontou. E não tive apoio de ninguém, não tenho nesse instante nada para me agarrar a não ser em Elvis e seus limitados lances. Como uma garotinha assustada, me rendo e fico com vontade de chamar meu pai. Os lances já estão em um milhão e cem.

— Um e duzentos. — Levanto o rosto e olho para um homem sentando num sofá grande, na companhia de mais outros. Ele olha intrigado para mim, curioso, como se perguntasse o que estou fazendo aqui. Eu o reconheço no mesmo instante. Noah Lambertini. O lance dele faz Elvis, Lorenzo e o velho do charuto olharem para ver quem foi. Noah franze o cenho interrogativo para mim e eu movo os lábios: “Obrigada”.

Ele é dono de uma agência fotográfica. Trabalhou muito tempo com meu pai na *Mademoiselle*. É conhecido nacionalmente e até em outros países. Ele vive pelo mundo emprestando seus dons para marcas famosas de roupas, perfumes, tudo. Com um histórico de, inclusive, uma indicação ao Oscar de melhor fotografia num documentário em que ele foi encarregado das filmagens. Noah acaba de voltar ao Brasil depois de uma viagem para o Japão. Por causa dessa viagem, ele se afastou da *Mademoiselle*. Ele é belo, galanteador e foi, por muito tempo, sonho de consumo de Beth, minha prima.

— Um e duzentos. Temos um e duzentos. Dou-lhe uma. Alguém tem...

— Um e duzentos e cinquenta. — Elvis rebate.

— Um e meio. — O velho do charuto resmunga.

— Chegamos a Um e meio. Os cavalheiros vão continuar na disputa pela bela moça? Angelina

é de boa família, aprecia um bom vinho e tem gostos refinados. — Ele continua me apresentando e eu olho para Lorenzo de canto de olho. Agora ele não está mais sério. Vi algo como se fosse tensão em seus olhos.

— Um e setecentos e cinquenta. — Noah levanta a mão, para meu alívio. E, mais uma vez, muitos rostos se viram para ele. Lorenzo está imóvel, mas noto um nervo pulsa no maxilar dele, uma expressão carregada estampa sua face e os olhos têm um brilho estranho. Uma emoção enfim? Raiva?

— Chegamos a um e setecentos. Dou-lhe uma, quem dá mais? O leiloeiro canta e eu olho implorando para Elvis. Minhas mãos pingam de suor. Nunca passei por algo tão tenso.

— Um e oitocentos. — Elvis grita chegando ao dinheiro que tenho no banco.

— Dois milhões. — O velho levanta a mão, sorri para mim, pisca e apalpa o volume nas calças. O desespero me atinge. Olho para Elvis e faço que

sim. Eu consigo levantar mais ou menos cem mil.

— Dois e cem. — Elvis fala e no mesmo instante Noah rebate:

— Dois e meio.

Controlo minha respiração, as batidas do meu coração ecoam como tambor nos meus tímpanos.

“Bate o martelo. Bate o martelo.” — imploro em pensamento, de olhos fechados.

— Três. — O velho grita e eu soluço.

— Três e cem. — Noah rebate.

— Temos três e cem. É uma disputa acirrada. Dou-lhe uma, alguém dá mais? — Olho para Noah, ele já está de pé, olhando sério para mim. Isso chama a atenção principalmente de Magno e Lorenzo que tentam disfarçar, mas a todo instante olham para Noah.

— Cinco milhões. — O velho grita e antes do leiloeiro falar alguma coisa, Noah faz a réplica:

NACIONAIS - ACHERON

— Cinco e duzentos.

— Cinco e meio. — O velho rebate e, para meu desespero, Noah olha para mim e dá de ombros dizendo que acabou para ele.

“Por favor!” — imploro movendo os lábios. Ele pensa, passa a mão no rosto, nos cabelos, assente e fala:

— Cinco setecentos e cinquenta.

— Sete milhões. — O velho grita e Noah exala profundamente derrotado.

“Por favor.” Eu imploro. Já sinto as lágrimas.

— Dou-lhe uma. Sete milhões para o cavalheiro aqui. Alguém dá sete e meio?

— Por favor. — Nem movo mais os lábios, já posso ouvir minha voz, olho apelativa para Noah e ele dá de ombros e faz que não dá mais.

— Dou-lhe duas.

Sem saber o que fazer, olho para Lorenzo. Desço a meu último degrau na humilhação, engulo todo meu orgulho e imploro.

— Por favor, me ajude.

Ele me olha meio estatelado, faz menção de se levantar. Encara-me fixamente e posso ver o copo tremer em sua mão.

Uma lágrima desce dos meus olhos e não dá tempo dele fazer nada. — Dou-lhe três. Vendido para o cavalheiro aqui na frente. O martelo bate e eu desabo. Nunca achei, na minha vida, que eu estaria onde estou agora. Sem conseguir segurar, sem conseguir parecer forte, nem tento parecer. Eu acabo em um choro copioso. Passando mais vergonha, diante desse tanto de gente rica, diante de Lorenzo, eu choro minha derrota, com um braço nos olhos e o outro abraçando meu corpo.

— Senhorita. Está tudo bem? Precisa ir com o cavalheiro. — O homem do leilão fala, tiro o braço dos olhos e vejo o velho do charuto, barbudo, vindo sorrindo em direção ao palco, ajustando as calças.

— Fique longe de mim. — berro histericamente, perdendo totalmente meu controle e meu senso de decoro. Mesmo assim ele sobe no palco. Coloco minhas mãos abertas à frente do meu corpo. — Não toque em mim. — grito em meio ao choro. Estou na bosta, humilhada e dando vexame no clube tão famoso, sem falar nesse tanto de homens que me conhecem, conhecem meu pai e me vendo nessa situação. Pelo canto de olho, vejo Lorenzo de pé, alarmado.

— Angelina, você precisa ir com ele. Assinou um contrato. — O homem do leilão fala.

— Nãaao! Eu quero ir embora. — Ando para trás, tropeço no meu salto e caio. Ouço algumas risadinhas maldosas e me dá vontade de entrar debaixo da terra.

— Não toque nela. — Ouço uma voz e olho, vendo Noah abrindo caminho entre os homens e vindo rápido para o palco e, para meu espanto, Lorenzo já vinha correndo, subindo no palco, mas se deteve ao ouvir Noah.

— Como não tocar? Eu a comprei. Foi muito caro. — O velho fala, mas Noah nem liga, já está me estendendo a mão.

— Angel... em que foi se meter? — Ele murmura me ajudando a levantar.

— Noah, me leve para minha casa. — peço entre os soluços.

— Calma. Está tudo bem. - Ele limpa meu rosto por alto e me abraça.

— Cara, isso não está certo. — O velho fala alto para Magno que se levanta e vem em nossa direção.

— Noah, são as regras da casa. — Magno fala.

— Cara, até você deve entender quando precisa dar um tempo, não é? — Magno não responde, eu nem o vejo, estou com o rosto enterrado no peito de Noah. Ele me abraça, protegendo-me.

— Ok. — Magno concorda. — Senhor, depois
NACIONAIS - ACHERON

entre em contato com ela e decidam o local do encontro.

— *Tá certo. Eu irei atrás dela.*

Vejo-os descendo do palco. O homem aceitou fácil, para meu alívio.

— Vamos, te levo para casa. — Abraçando-me, Noah começa a me guiar. Descemos o palco para passar pelo meio das pessoas, todos calados olhando para mim, o espetáculo da noite. Saindo, dou um último olhar para Lorenzo que está de pé e nem pisca, de olhos bem abertos me fitando. Fico sem saber discernir, mas o que vi me deixou espantada. Foi um sentimento bem vivo, bem forte. Um sentimento que me lembrou Caballero. Algo como posse. Como se ele sentisse em me ver com outro homem.

Desvio o olhar e saio dali amparada.

OITO

LORENZO

— Cara, o que é isso aqui? — ouço a voz de Magno atrás de mim, mas não me viro. Maldita hora que deixei ele ter uma cópia da chave da minha casa. Continuo segurando uma garrafa de vodca, de pé diante da janela, olhando as luzes da cidade. Ainda estou vestindo a calça social, o sapato e uma gravata meio torta e frouxa, a camisa arranquei e não sei onde está. Acabei de chegar do clube, onde aconteceu o leilão. Na minha cabeça, passam mil coisas ao mesmo tempo, deixando-me louco. Não estou conseguindo controlar o filtro das lembranças, e os pensamentos mais profundos estão começando a escapar.

— Lorenzo. — Magno me chama de novo. — Você destruiu sua casa. — Faz a observação e eu nem preciso me virar para saber que ele está impressionado com as coisas quebradas pelo chão. — Liguei para Romeo contando o que houve e ele pediu para não te deixar sozinho

— Some daqui, cacete. — resmungo e tomo um gole da vodca. Saí do clube espumando de raiva e mais um monte de sentimentos indesejados. A pior coisa que existe é quando alguém se intromete nos planos alheios e quando o coração não reage da forma como a mente gostaria.

Estava tudo como eu queria, eu passei noites insones, eu só pensava em me deliciar com esse leilão, em saborear o desespero dela, ter Angelina na palma da minha mão, como eu sonhei todo esse tempo. Era para ela passar o que eu passei quando ela fez tudo aquilo comigo. Eu só queria vê-la padecer. Mas não me senti orgulhoso, vitorioso e nem contente com o que eu vi.

Quando a vi em lágrimas, implorando para que eu a ajudasse, meu coração saltou, como se estivesse adormecido e acordasse de uma longa hibernação. Tudo em mim reacendeu e eu fiquei assustado com todas as emoções me bombardeando. Mas então, o destino, que costumo dizer que é amante da vida, a cadela, decidiu que eu estava sendo um menino mau e quis colocar um fator surpresa nos meus planos.

Quem deve estar escrevendo a história da minha vida, deve ser uma mal amada, a favor dos direitos femininos. Eu poderia estar matando ou roubando, mas sou um cara honesto, só querendo foder de boa com a vida de uma cretina. Seria pedir muito que as coisas dessem certo como eu planejei? De que inferno aquele porre do Noah saiu? E por que eu tinha que sentir alguma coisa por aquela pilantra?

Não é de hoje que conheço o Noah. Desde quando eu e Angelina namorávamos, ele já era o pé no meu saco. Porque o pai dela simplesmente ama aquele filho da puta. Se o Eric, pai de Angelina, pudesse ele dava o rabo para o Noah. E agora, quem a cadela da vida resolve colocar na minha frente, interrompendo minha saborosa atração em ver Angelina no chão, subjugada e pedindo minha ajuda? Pois é. O filho da puta. Um homem sabe quando tem outro de olho em sua mulher. Eu sabia, eu via que Noah queria algo com ela, só a tola não percebia, ou fingia que não percebia.

Lembro de uma vez ter comentado isso com ela. Eu disse: “Esse cara tá perdendo o medo do

perigo. Ele quer te comer.”

E ela respondeu: “Deixa de ser psicopata encenqueiro. Noah é um amigo do meu pai. Ele é um *gentleman*.”

E eu revidei: “*Gentleman* também tem pau e sente tesão. Se ele tocar em você, eu terei que matá-lo.” Ela riu, me beijou e disse: “Você é tão doido, mas deixo claro que não vou visitar criminoso em cadeia.”

Não teve como eu chegar em casa, após o leilão, tomar um banho relaxante de banheira e deixar por isso mesmo. Arranquei meu terno e camisa e comecei a quebrar algumas coisas. Minha TV já era. Acertei a estátua do Capitão América feita de bronze nela. A mesinha de centro, que é de vidro, dei um chute e espatifou do outro lado. Alguns itens de decoração foram arremessados contra as paredes e os cacos voaram para os lados. Virei o sofá e rasguei umas almofadas.

Tudo isso, eu queria ter feito na cara daquele maldito. E a lembrança de vê-lo saindo com ela e

possivelmente a levando para casa e ficando lá, com ela, deixou-me tão pirado, que eu soquei minha geladeira e fodi com meu punho. Mas sei que ainda terei a oportunidade de acabar com a cara dele.

— Você precisa ter controle. — Magno fala atrás de mim. Me viro e olho além dele. A sala está mesmo um campo de guerra. Só agora, depois de alguns goles de vodca, eu consigo ver que, talvez, eu tenha exagerado. Preciso voltar às terapias. Desde que iniciei meu projeto que envolveu a *Mademoiselle*, eu não estou bem. Os sintomas estão mais intensos, é como se junto com Angelina, eu estivesse desenterrando outras lembranças.

Passo por Magno e ele consegue arrancar a garrafa das minhas mãos.

— Devolva isso, caralho. — Vou para cima dele e recebo um empurrão forte.

— Encher a cara e destruir a casa não vai adiantar nada.

— A casa é minha, eu ponho fogo se eu
NACIONAIS - ACHERON

quiser. Devolva essa porra. — peço a garrafa.

Magno olha a garrafa, exala exasperado, bufando impaciente, coloca a garrafa num canto e vem me encarar.

— Lorenzo, eu não tenho disposição para ser babá de homem velho birrento. Perdi uma foda por sua causa.

— Eu te chamei aqui? Não. Então vaza. — Caminho pelos cacos das coisas que quebrei e vou para a cozinha. Meu apartamento é pequeno, moderno e aconchegante. Não precisei de frescuras de designer vir aqui. Arrumei do jeito que eu quis. Escolhi os papeis de parede, os móveis, até as coisas de cozinha. E no fim, decidi onde cada coisa iria ficar.

A sala de TV é conjugada com a cozinha, para eu ter um melhor acesso. Eu, às vezes, gosto de sentar no sofá e conversar com Vilma enquanto ela fica lá cozinhando. No balcão que separa a cozinha da sala, eu coloquei um bar embutido. Do lado de cá da sala é um bar, do lado de lá, da cozinha é um

balcão de guardar coisas de cozinha. Abro a geladeira, pego a garrafa de água, viro na boca e, de canto de olho, vejo Magno vindo.

— *Tá*, escuta. Eu não sei nada dessas coisas de planos maléficos. — Ele começa a falar, eu continuo bebendo a água fingindo que não estou ouvindo. — Você e Romeo que fazem essas coisas por mulher.

— Não estou fazendo nada por...

— Ok. Entendo. — Ele faz um sinal para eu esperar. — Mas vamos entender direito essa sua história. Para de ficar dando murro em ponta de faca. Você não está fazendo só ela sofrer. Olha só para você, desde que começou com essa merda de tomar a empresa deles, você não é mais o mesmo.

Levanto o rosto para ele, sem ter nada para contestar. Está mesmo perceptível, eu deixo transparecer demais certas coisas que gostaria de manter só comigo. Guardo a água e me apoio no balcão.

— Você viu, né? O Noah?

NACIONAIS - ACHERON

— Sim. Está com medo de que ele possa...

— Não. Pensando melhor agora, ela não vai abrir as pernas tão fácil.

— Então você precisa pensar com calma. Toma um banho, se alivia no chuveiro ou ligue para alguém.

Abano a cabeça, desconsiderando a ideia dele. Sexo é a última coisa que iria me aliviar agora.

— Qual seu próximo passo?

— Não sei ainda. Agora não sei mais. — Na verdade, eu queria entrar na vida dela e começar a destruir as emoções dela. Passando outras mulheres na cara de Angelina. Sinto necessidade de fazer isso, para ela saber que poderíamos ter ficado juntos, se não fosse a ignorância dela. Ela não teve outros caras e isso me deixa feliz e confortável. Sei que por causa desses anos todos sem trepar, ela não vai se abrir fácil para Noah. Ali, outro não toca. Pensei em continuar pegando a Carmem, apesar de toda antipatia que ela tem, uma frescura do caralho, NACIONAIS - ACHERON

na cama. E até pensei na Beth, mas aquela lá não me desce. Eu tenho outros planos para ela.

— Por quê? Acha que ela está com muita raiva de você depois de hoje? Você nem fez nada, ela nem sabe quem está por trás de tudo.

— Mas eu estava lá, vendo tudo, vendo ela ser leiloada e não fiz nada.

— Ah! Na verdade, você fez. — Ele gargalha maldosamente — Seu filho da mãe esperto. Essa jogada foi de mestre. Só mesmo o Romeo foi contra.

— Sobre eu pagar para o chefe de almoxarifado para dar os lances por mim?

— Isso. A Angelina quase se mijou toda de medo. Tive até pena dela. Ele foi um ator e tanto.

— E o Romeo não aprovou isso?

— Não quer que sobre para ele. Tem medo da patroa dele achar que ele está envolvido. Será um quebra-pau daqueles.

— Nem ligo. Romeo dobra fácil a Olivia.

— Isso é verdade. Olivia é bobinha, ela vai acreditar em qualquer merda. E eu acho que você pode dar uma virada bruscamente nessa história.

— Como?

— Por que não age como o príncipe salvador da Angelina?

— O quê? Cara, eu estou ferrando a vida dela. Ainda tenho muitas coisas para tirar dela. Não sou príncipe de ninguém.

— Ok, eu sei. Mas, pense comigo. Ela não sabe que você pagou o velho para os lances. Na verdade, você nem mesmo vai pagar os sete milhões. Ali foi tudo fachada. *Tô* fazendo fiado, porque você é meu irmão.

— Valeu. — Damos uma risada — Eu não tinha como pagar isso tudo. Gastei minhas economias quase toda comprando as ações da *Mademoiselle*.

— Está feito. A casa não vai te cobrar esses lances do leilão. Mas você pode virar isso a seu favor e tirar o Noah do meio.

— Como?

— Preste atenção. Veja se vai concordar com isso. — Fico atento e Magno começa a me explicar uma ideia perfeita. Eu estava de cabeça quente, bebendo e quebrando as coisas, nem tinha parado para pensar nessa solução. A luz da ideia que brilha pairando na cabeça de Magno, brilha na minha também. É uma ideia ótima. Meu irmão não é só putaria, ele pega no tranco quando quer.



Depois que eu o tranquilizei de que tudo ia ficar bem e que ele poderia ir embora, eu fui tomar um banho para relaxar. Magno não estava com um pingo de vontade de continuar aqui. Segundo ele, ainda teria que voltar para o clube e se trancar até amanhã com alguém em um quarto.

Ele saiu e, pouco depois, Romeo me ligou.

— Tudo bem? — perguntou.

— Sim. — Eles dois vivem achando que tenho treze anos. Mas não julgo. Meus irmãos conheceram o pior de mim. Estão cientes do que eu passei e ainda acham que eu posso, a qualquer momento, virar um maníaco e tocar terror por aí.

— Ok.

— Está no hospital?

— Sim. A mãe de Olivia quis passar a noite aqui, mas eu botei ela pra fora. Sabe se Amadeo vem ver o bebê?

— Hum... ele não apareceu hoje, mas me ligou. Deve passar por aí depois.

— Tudo bem. Vou voltar para o quarto. Se cuida.

— Falou. — desligo, jogo o celular no sofá e vou para o quarto.

Enquanto tomava banho, a imagem de
NACIONAIS - ACHERON

Angelina em desespero no clube não saía de minha mente. Depois, ela apavorada, me pedindo ajuda e desequilibrada chorando. Era justamente como eu queria. Mas, na prática, não gostei de ver. Abalou-me mais do que eu gostaria. Ver a verdadeira Angelina mostrar a todo mundo ela fora da casca de rainha da moda. A fria e madura empresária da moda, que sai em revistas, matérias, TV e tudo mais, era sim o que eu queria ter visto, mas o que vi me jogou em dolorosas lembranças do passado. Coisa que eu não queria. Mas passou. Estou forte de novo, pronto para continuar meus planos contra ela.

Saio do chuveiro, me enxugo, mantenho um sorriso de contentamento. Jogo a toalha na pia e sorrio mais ainda para o espelho. Ela precisa se preparar mais, não vou parar por aqui, vou botar pra doer. Nos dois sentidos.

Passo as mãos pelos cabelos, vou para o quarto e pego uma calça de moletom. Volto para a sala, pego pá e vassoura na área de serviço. Vou arrumar tudo antes que Vilma venha segunda-feira e veja essa bagunça. Sem falar que nunca, em

hipótese alguma, eu conseguiria dormir, sabendo que minha sala está nesse estado.

Minha mente simplesmente não consegue desligar do fato de que Noah pode estar, nesse momento, na casa da megera, consolando-a. Mas está tudo bem, tenho confiança, fiz o serviço direito sete anos atrás, não é todo homem que consegue essa proeza, de estragar uma mulher para qualquer outro que vier. Sei que mesmo se ele quiser, ela não fará nada.

“Lorenzo... é tão... gostoso” — ela clamou nos meus braços, quando estávamos deitados, pelados, na minha cama. Na nossa primeira vez, na primeira vez dela. Ainda varrendo minha sala, deixo essa lembrança rodar tranquilamente. Não demoramos muito para irmos pra cama. No nosso caso foi atração à primeira vista. No dia em que o pessoal me chamou, dizendo que ela me conhecia e eu a vi desmaiada no quartinho dos fundos no *Búfalo*, eu já a queria no mesmo instante. Sem nem saber quem era. E para quem acha que a maneira que ela se portava, toda fresca, me afugentou ou causou repúdio, devo dizer que foi totalmente o contrário.

Quanto mais ela era mimada, mais eu ficava atraído.

Eu fui carinhoso naquele dia, na nossa primeira vez na cama, coisa que não serei mais. Eu fui bem devagar, ela era virgem e eu nunca tinha comido uma virgem. E foi muito delicioso. Me senti indo aos poucos, abrindo-a, ela se agarrando forte ao meu corpo, gemendo de mansinho e, naquele momento, eu a fazendo minha, uma mulher, não mais uma garota mimada. Era minha mulher.

Ela me teve em suas mãos e não deu valor. Mas o mundo dá voltas. Hoje ela está em minhas mãos e em hipótese alguma vou aliviar.

“Supercalifragilisticexpialidoce.” — Foi o que ela disse quando gozamos e estávamos ofegando agarrados.

E eu disse: “Oi?”

Ela sorriu, acariciou meu rosto e tornou a dizer:

“Supercalifragilistcexpialidoce.”

Eu ri, beijei-a e indaguei: “Que diabo é isso?”

“É a palavra difícil do filme Mary Poppins. Serve para nomear algo tão bom que não há palavras para descrever.”

Eu sorri. Entendi o que ela quis dizer. Tinha gostado tanto que não havia palavras para descrever. Foi a coisa mais estranha e a bonita que alguém tinha me falando depois do sexo.

Espera, querida. Estou chegando para tirar a sua virgindade de novo. Pois ficar sete anos sem trepar, é quase voltar a ser virgem. Dou uma mega risada do meu pensamento. A ideia que eu e Magno tivemos é sensacional. Quero ver Angelina ao menos pensar em outro cara quando Lorenzo, o pau de mel, chegar como o salvador da pátria. E dessa vez, cuidarei para que eu não tenha emoções indesejadas, como as que tive hoje mais cedo.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

NOVE

ANGELINA

— Vai me dizer o que estava fazendo lá? — Noah pergunta. Ele esperou que eu me acalmasse, não disse uma palavra enquanto dirigia cortando a cidade para me levar ao meu apartamento. Olho para ele. Já estou bem, sem lágrimas ou vontade de morrer. Claro que por dentro ainda estou devastada. Nada muda o fato de que aquele homem me comprou. Nada muda o fato de que eu fui humilhada e causei um vexame no salão, diante de grandes nomes do país. Ao menos fico tranquila ao saber que são proibidas filmagens ou fotos durante o leilão e que nada daquilo será compartilhado com o mundo.

— Nem sabia que você era membro daquele lugar. — Eu falo e ele dá de ombros. Sem desviar os olhos da direção.

— Fui convidado pelo Magno, lá só entra através de convite. A questão é você, Angelina.

Penso em uma rápida mentira. Não quero
NACIONAIS - ACHERON

contar a ele nada sobre o novo chefe, muito menos minhas suspeitas, que envolvem meu tio, pai de Beth. Não quero o Noah se intrometendo ou indo falar com meu pai.

— Dívidas. Disseram que era um bom negócio. Para se leiloar não precisa receber convite.

— Sêrio? Onde está com a cabeça?

— Eu só não pensei...

— Se leiloou por causa da empresa? Você ainda está lá? Fiquei sabendo que foi vendida.

Pronta, com uma máscara disfarçando meus sentimentos, levanto os olhos para ele.

— Sim, continuo como diretora. Meu pai saiu.

— Quem está no comando agora?

— É... o banco AMB. — minto. Não sei nem explicar para ele que estou seguindo ordens do homem invisível. Ou mulher, sei lá.

— Ah, bom. Sei quem são. — Ele me olha e semicerra os olhos, intrigado. — Mas isso está errado. Não vi nenhum dos caras do AMB lá no leilão. Eles que deveriam tomar a frente, são os donos agora. Quer que eu fale com o Enzo Brant?

— Não. — Dou um grito esganiçado.

— Ok. Isso foi uma péssima ideia. Eric sabe disso?

— Papai sabe mais ou menos, por alto. Posso te pedir para não comentar nada com ele?

— Sobre o que você passou hoje?

— É. Sobre aquele vexame. Ainda estou em pânico.

— Fique tranquila, amanhã mesmo vou conversar com Magno, pedir o contato daquele velho e falar pessoalmente com ele. Ver se ele abre mão dos lances.

— Fará isso por mim? — Sinto meus olhos iluminarem, tamanha minha expectativa e euforia.

— Sim. Farei. Foi terrível te ver daquela forma.

— Foi horrível para mim. — Pensativa, olho, encosto a cabeça no banco. Relembrando cada detalhe agonizante de tudo que passei hoje. Nos calamos, até ele encostar o carro no meu prédio. Descemos e sem contestar, eu deixo que ele me guie para dentro do prédio. Noah tira seu terno, coloca sob meus ombros e me abraça. Entramos no elevador, continuamos abraçados até chegar à minha porta e eu retirar a chave para abrir. Ele entra comigo, espero ele passar e fecho a porta.

— Fique à vontade. — Eu digo, corro, tiro umas coisas de cima do sofá e ele não senta, continua me olhando, sério, com as mãos nos bolsos da calça.

— E sobre o Lorenzo?

Fico petrificada ao ouvir o nome.

— O que tem ele?

— Estava lá e não fez nada. O tempo todo,
NACIONAIS - ACHERON

não fez nada. — Ele gesticula, um pouco revoltado.

Solto o ar dos pulmões e abaixo a cabeça. Nem queria me lembrar disso. Para mim foi mais humilhação ainda, apesar que vi, claramente, ele se levantando para tomar alguma providência. Vi a tensão nos olhos dele.

— Não o culpo, Noah. A gente não se vê há anos e eu fiz coisas ruins para ele.

— Mesmo assim. Caramba! Ele ficou lá, poderia ter feito alguma coisa.

— O que ele poderia fazer? Dar um lance por mim? A mulher que acabou com a carreira dele?

— Ainda o defende?

— Não vejo culpa no Lorenzo. Ele apenas estava lá, vendo tudo acontecer. A gente nem trocou um oi desde que tudo acabou.

Ele fica calado me olhando e depois cede anuindo.

— É. Você tem razão. Ele devia estar mesmo de mãos atadas, sem saber o que fazer.

Sento-me no sofá, ainda me sentindo trêmula por causa dos acontecimentos.

— Quer um chá? Posso fazer. — Noah oferece.

— Estou bem. Só preciso me acalmar. — digo e abaixo bem a cabeça, quase colocando-a entre minhas pernas.

— Fique aí. — Ele fala, se afasta e vai para a cozinha. Volta pouco depois com um copo de água e me entrega.

— Tem uma colher de açúcar, vai te deixar calma.

— Obrigada. — recebo o copo, só por educação. Deus me livre de tomar água com açúcar. Ele senta ao meu lado.

— O término de vocês foi bem complicado, hein? O que foi tudo aquilo?

Olho para o copo de água, vendo ali cada estágio do meu relacionamento passado, com Lorenzo, e como tudo começou a desandar. Éramos perfeitos juntos.

— Falta de diálogo. — Bebo um gole da água. Está gelada e um pouco doce. Refrescante. Respiro fundo e tento não recordar muito de tudo que houve. — Falta de diálogo e mal entendido.

— Quer me contar ou você não gosta....

— Conto. Beth, lembra-se dela? Minha prima?

— Sim.

— Ela escutou meu pai conversar com Lorenzo e achou que eles planejavam um acordo para unir as empresas e para isso Lorenzo casaria comigo, só como uma barganha.

— E você acreditou...

— Na verdade, ela me mostrou um pedaço da conversa gravada. Eu não pensei na hora, você viu, entrei e acabei com o casamento.

— E depois você descobriu a verdade?

— Uma semana depois. Eu fiz a maior baixaria na mídia, acabei com o Lorenzo e fui para Londres, fiquei lá até meu pai me encontrar e contar toda a verdade. Eu nem mesmo estava querendo falar com meu pai, não atendia as ligações dele...

— Qual era a verdade?

Dou uma risada sofrida e tento não cair em um choro profundo.

— Essa culpa me acompanha todos os dias e ainda vai acompanhar. Toda vez que me recordo das palavras do meu pai, me explicando... eu me sinto tão horrível. — Limpo uma lágrima e não consigo falar com Noah. Ele assente, me puxa e me abraça. Eu colo o rosto no peito dele.

— Foi difícil para ele também. — Noah constata e eu sinto mais ainda a dor da injustiça que fiz contra o único homem que amei. Amava tanto o Lorenzo que não conseguia mais me imaginar longe dele.

NACIONAIS - ACHERON

Engulo o choro e murmuro:

— Era nossa casa. Meu pai e o pai dele tinham comprado a casa dos sonhos, mobiliado toda, sem eu ver, e aí Lorenzo descobriu e meu pai estava tentando fazê-lo aceitar. A conversa era sobre isso. Lorenzo aceitou e disse: “Não conte ainda para Angel, ela pode não entender.” Por que ele queria dar a notícia e sabia como eu queria escolher tudo para a nossa casa.

Noah afasta meu rosto e me olha sério.

— Você e ele foram vítimas. E sua prima? O que ela diz? Ela é a grande culpada disso tudo.

— Ah, ela chorou, implorou meu perdão e disse que não sabia mesmo que era sobre isso.

— Não sabia mesmo? — Noah faz uma cara de chacota misturada com incredulidade — Como a pessoa ouve uma conversa e não sabe do que se trata?

— Ela é minha única amiga, Noah e quase
NACIONAIS - ACHERON

minha irmã. Tento acreditar que ela agiu na melhor das intenções.

— Bom, isso você decide. Só tente ficar de olhos abertos.

Depois de ser arrematada no leilão, passar por humilhação e ainda lembrar do meu passado com Lorenzo, a última coisa que eu quero é me preocupar com Beth.

— Quer que eu fique aqui com você?

— Não. Pode ir. Fiz você perder sua noite, não é?

— Que nada. — Ele me abraça de novo e beija minha testa. — Foi ótimo te reencontrar.

— Não foi a melhor ocasião.

— É, não foi. Vamos marcar um almoço?

Talvez Noah tenha chegado no momento certo, para me ajudar a me livrar de muitas lembranças torturantes as quais minha mente me

submete. Afasto-me e dou um grande sorriso, mirando os olhos dele.

— Claro.

— Amanhã, um jantar quem sabe?

— Prefiro jantar. Devo almoçar com meus pais.

Depois que Noah se despediu e foi embora, eu fechei a porta e fiquei longos minutos recostada só remoendo. Não tenho cabeça para pensar em nada a não ser minha degradação a cada dia. Muito menos pensar em algo a mais com Noah, mas que o reencontro me deixou mexida, isso é certo. Encontrar ele, daquela forma, sendo minha salvação, foi muito bom. Ele estava no lugar certo, na hora certa.

Depois de um banho, fiz um chá, tomei e tentei me acalmar. Não quero pensar na hipótese de um possível encontro com aquele homem asqueroso, na cara de Lorenzo me olhando e nem nas expressões de todas aquelas pessoas enquanto eu gritava e chorava no palco. Que vergonha!

NACIONAIS - ACHERON

Meu pai me ligou, querendo saber como tinha sido e eu respondi por alto, dizendo que tinha sido um tédio e que jantarei com o ricaço que me arrematou. Ele quis saber quem era e me dei conta de que nem eu sabia. Inventei para meu pai que se tratava de um empresário de Goiânia. Ele acreditou. E desligou, após me desejar boa noite.

Beth não me respondeu e nem me ligou de volta. Deletei assuntos sobre ela da minha mente. Não quero pensar em nada. Queria saber por que ela não me respondeu e nem me retornou. Ela virá com uma boa explicação depois. Mas no momento, quero apenas deitar no escuro e dormir, a base do calmante que acabei de engolir.

Acordei às dez da manhã. Nem me importei, era domingo e eu poderia ter dormido mais duas horas. Coloquei minha máquina de café expresso para funcionar. Não gosto de café dessas máquinas que precisam colocar cápsulas de sabores. Mas como Lourdes não vem hoje, é minha única solução. Odeio e nem sei fazer café convencional.

Sentei-me na sala com uma caneca e fiquei olhando os canais de TV. Interiormente com medo de ver algo sobre minha noite desastrosa de sábado. Por sorte, não passou nada sobre mim. Peguei o celular e mandei outra mensagem para Beth. Deixei o celular na sala e fui me vestir para ir para a casa dos meus pais. Estava só de calcinha e sutiã no meu quarto, passando uma leve maquiagem, quando o celular tocou na sala.

— Beth. — exclamei e sai correndo para atender.

Pego o aparelho, mas não é Beth na tela. É um número desconhecido. Toco para atender.

— Oi.

— Angelina?

A voz quase me derruba no chão. Minhas pupilas dilataram, sei disso.

— Sim...

— Aqui é o Lorenzo. Precisamos conversar,
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pode almoçar comigo?

Deixei meu corpo cair no sofá e fiquei inerte,
com o celular no ouvido. Sem fala. De olhos
arregalados, tentando raciocinar.

NACIONAIS - ACHERON

DEZ

ANGELINA

— Angelina? Ainda está aí? — A voz grave no telefone pergunta e eu pigarreio para tentar falar alguma coisa. A única coisa que consigo é um simples: “Aham.”

— E então? Pode me encontrar agora? — Lorenzo pergunta, sem nenhum sinal de emoção na voz. Em contraparte, eu estou me desfazendo em palpitações muito fortes e arrepios pelo corpo. Escutar a voz dele assim tão perto, depois de tantos anos... não é fácil para eu suportar. O que ele poderia querer comigo?

— Eu...

— É assunto do seu interesse. — Ele complementa, coagindo-me.

— Tá... bom! — Fracamente eu concordo. Droga. Que bestagem é essa minha? Por que eu disse “tá bom”? Antes que coloque tudo a perder, volto atrás. — Quer dizer... hoje não dá.

— Precisa ser logo. — Ele, ao contrário de mim, muito centrado, adianta a urgência do almoço.

— É que... vou almoçar agora com meus pais e à noite tenho outro compromisso. — Lembro do jantar com Noah.

— Desmarque algum desses. — Ele impõe firme, sem se abalar.

Como assim? Ele não tem que me ligar do nada depois de sete anos. Não me cumprimenta, nem pergunta como estou e ainda vem tentar ordenar coisas como se a gente ainda fosse tivesse alguma coisa. Como se fosse meu chefe. Sem falar a maneira fria que ele tem me tratado tratou as duas vezes em que eu o vi. No restaurante principalmente. Fico de pé e a palpitação dá lugar a um surto de raiva.

— Não vou desmarcar nada. Eu não posso bagunçar minha vida porque você precisa me ver depois de sete anos sem contato. Estou disponível amanhã, para almoço ou jantar, você escolhe, se

não puder ser amanhã, então eu só posso lamentar.

Ele fica calado e eu até penso que desligou na minha cara. Mas então, ele fala:

— Você não deveria abusar da sorte. Nós nos vemos amanhã no almoço. Te mando o endereço do restaurante. — E desligou na minha cara. Solto o celular e aperto com força o meu pingente, no colar no pescoço.

Jesus do céu! Lorenzo me ligou? É isso mesmo? Ou será que ainda estou sonhando? Olho para a roupa que escolhi para ir à casa dos meus pais e puxo longamente o ar, sento-me na cama e tento entender o que houve. O que ele poderia querer comigo? Depois de não ter feito nada ontem no leilão. Ele deveria ter vergonha de me ligar. Ou melhor, arregalo os olhos pela possibilidade que me veio à mente. Ele é irmão de Magno, será que é sobre o leilão? Será que vai tentar me ajudar? Se for isso...

Pego meu celular. Definitivamente, eu não sou uma pessoa popular. Quer dizer, sou. Tenho

milhares de amigos e seguidores nas redes sociais. Tem gente que pagaria para falar comigo. Mas agora que preciso de um conselho, não tenho ninguém tão próximo ou íntimo o bastante.

Passo o dedo pela tela do meu celular olhando os nomes das pessoas. A maioria é contato de negócios, revistas, editoras, modelos, alguns poucos jornalistas. Vejo meus pais. Descarto. Noah, também não. Olivia... bom, não vou ligar para ela um dia depois de ela ter dado à luz, além do mais para falar de seu cunhado. A única que me sobra, sempre me sobrou, é Beth.

Lembro imediatamente de que Noah e meu pai já haviam me alertado sobre ela. Eu sempre quis acreditar o contrário. Beth é como minha irmã. É terrível aceitar que uma pessoa que prezei tanto, poderia tentar me fazer mal.

Durante as primeiras semanas que se sucederam ao não casamento, tive ódio dela, após descobrir a verdade. Eu entrei num estado depressivo muito grande ao saber que fui injusta com Lorenzo. Cortava-me por dentro, doía muito

ficar sem ele e saber que eu mesma o afastei.

Eu confesso, liguei uma vez apenas, mas Romeo atendeu e pediu para eu ficar longe do irmão dele. E foi melhor. Com que cara eu iria olhar para ele e pedir desculpas depois de ter errado tanto?

Eu poderia ter conversado, ter perguntado antes de tomar medidas drásticas. Mas me lembro de Beth dizendo, antes de me entregar a gravação: “Angel, se eu fosse você nem perguntava nada a ele, nem deixava saber. O caso é sério, ele pode negar e ainda tentar virar o jogo se fazendo de vítima. Esse homem não presta.”

Nunca entendi por que Beth odiou Lorenzo desde o primeiro momento em que o viu. Eu só o apresentei para ela e minhas outras amigas um mês depois que o conheci. Ele sempre foi muito bonito e eu sabia como atraía olhares. Uma amiga me disse que achava que Beth gostava de Lorenzo. Porque não tinha explicação. Ele nem mesmo havia conversado dois minutos com ela e minha prima simplesmente o odiava. Ela dizia que era porque eu

precisava de um homem mais refinado, e não de um troglodita que vivia batendo nos outros em um ringue e me fazendo comer coisas ruins como x-burger e Coca-Cola. Já para mim, era uma novidade aquilo. Um homem rico que vivia sem regras.

Toco em chamar no nome de Beth e espero. Acho que cinco toques depois, ela atende.

— Oi.

— Estava dormindo?

— Não.

— Beth, onde esteve? Estou precisando de você desde ontem! Aconteceu o leilão ontem à noite.

— É eu sei. Mas o que queria que eu fizesse? Fosse lá com pompons ficar na torcida por você? Afinal, não tenho dinheiro para dar lances.

— Não é assim. Claro que não. Poderia ter respondido minhas mensagens.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu estava num casamento com meus pais.

— Casamento? De quem?

— Uma pessoa que você não conhece. — Ela explica sem muita convicção, quase um atestado de mentira. — E aí? saiu-se bem? Quanto te deram? Mil reais? — debocha e dá uma risada. Rio sem graça também, esse é o jeito dela. Já estou acostumada.

— Não. Sete milhões.

— O quê? — Ela grita no meu ouvido. — Sete milhões? Mentira sua. Você não vale sete milhões. Nem mesmo é virgem e nem tem corpão. É baixinha, de franja e ainda...

— *Tá*, entendi. Não sou uma modelo, mas foi isso. Sete milhões. Noah estava lá e entrou nos lances para me ajudar.

— Noah? Noah Lambertini?

— Sim. Ele me trouxe ontem à noite.

— Noah Lambertini esteve na sua casa e você não me disse nada?

— Você não queria atender minhas mensagens. Mas isso não importa, quero te falar sobre outra coisa.

— O que mais tem importância depois de saber que o Noah esteve por aí?

— Lorenzo. — falo o nome e escuto alguma coisa caindo. Acho que ela derrubou alguma coisa.

— Lorenzo... Lorenzo, o otário do seu ex?

— Sim, Beth. Não conheço outro.

— O que tem ele? Por favor, Angelina, não vai me dizer que está com ideia de querer pedir desculpas ou tentar uma reaproximação.

Como sempre, ela me dá o mesmo conselho.
Fique longe dele.

— Não. Ele estava ontem no leilão, assistiu eu ser leiloada...

— Assistiu? Vocês conversaram?

— Não, Beth. Ele assistiu e não fez nada. Mas ele acabou de ligar no meu celular.

— Ligou? Como? Você deu o número para ele? — Ela já está com uma voz esganiçada. Muito agitada.

— Não. Mas isso é fácil descobrir. Ele quer almoçar comigo. Marquei para amanhã.

Ela dá uma gargalhada sonora. Cheia de sarcasmo.

— Mentira, né? Depois de sete anos, ele liga te convidando para um almoço e você parecendo uma tapada, aceita?

— Eu que fiz mal a ele, Beth. Não foi o contrário. Lorenzo foi vítima de um mal entendido, que você causou.

— Não importa, Angelina. — Beth desconversa — Desde o início que eu tento te avisar que aquele cara é um atraso de vida. Por que
NACIONAIS - ACHERON

você tem que sempre andar para trás? Dá um basta nisso, ligue para ele agora e diga que não vai encontrar coisa nenhuma.

— Não farei isso. Já marquei. O que eu tenho a perder, se for? Nada, né? Pois é. Eu já decidi. Vou ver o que ele quer comigo.

— E se for pedindo para voltar com ele? Você é muito tola, Angelina, nunca vi desse jeito.

Eu liguei para ela para tentar escutar algo confortante, não para ficar me criticando, me chamando de besta e tola. Fico com raiva e escolho agir de modo irônico.

— Sorte a minha, não é? Ele é bonitão, está no topo atualmente e é um bom partido. Seria tirar a sorte grande.

— Você pensa isso?

— Penso em tudo, Beth. Agora tenho que desligar, vou almoçar com meus pais.

— Você deveria era pensar um pouco, antes

NACIONAIS - ACHERON

de ficar fazendo besteira.

— Já pensei. Beijos, prima. Nos vemos amanhã na empresa.



Fiquei o mínimo de tempo possível com meus pais e corri de volta para minha casa. Enquanto estava lá almoçando, eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse Lorenzo e todas as lembranças que ele trouxe de volta, junto com o telefonema. Na verdade, há muito tempo que essas lembranças estão me bombardeando sem piedade.

Agora estou no meu closet, olhando centenas de vestidos. Pego um, coloco diante do corpo, me olho no espelho e descarto. Preciso de algo único, perfeito. Chocante! Mas nada é tão cheio de adjetivos. Mesmo os exclusivos ou os que nunca vesti e ainda estão com etiquetas. Para ir ao jantar hoje à noite com Noah, pode ser qualquer coisa, mas todos esses vestidos na cama, nas poltronas e na banquetta, são para escolher algo para vestir no almoço com Lorenzo, amanhã.

Cansada, sento-me diante do espelho, encarando minha fisionomia apática. Ainda não consegui chegar a uma conclusão plausível, uma hipótese do que ele pode querer comigo. O quê? Olho para o vestido em minhas mãos. Preto com o busto de renda. Olho a etiqueta, vejo o nome da loja, me levanto e ajeito ele diante do meu corpo. Ficou legal. Esse será para usar hoje à noite com Noah. É discreto, elegante e com um salto vermelho ficarei pronta para qualquer restaurante, em uma noite de domingo. Beth não me ligou mais e, por hora, não quero falar com ela. Não estou precisando que me coloquem pra baixo.

A noite chega, me arrumo, faço um coque bagunçado nos cabelos e gosto do resultado, com os grampos cravados de pedrinhas de brilhantes. Capricho na maquiagem, com um batom não muito chamativo e às nove, Noah chega. Lindo em sua calça preta e camisa cinza. Está cheiroso, reconheço logo o cheiro de um Dior. Ele tem bom gosto, como eu. É requintado, elegante e jamais comeria um x-burguer com ovo frito no meio, como Lorenzo sempre comia. O mais inexplicável é o fato de eu estar comparando dois homens que

não têm nada a ver.

— Uma rainha, como sempre. — Ele me elogia, beijando minha mão, assim que eu abro a porta.

— Obrigada, você é um *gentleman*.

— Vamos? — Oferece o braço e eu coloco minha mão. Descemos juntos, andando como um verdadeiro casal de alta classe. O porteiro acena num gesto de cabeça e eu dou um até logo, apenas sacudindo de leve os dedos. Na saída, o segurança do prédio se adianta e abre a porta para nós passarmos. Noah vai à frente e abre a porta do seu belo carro para mim.

Nada como ser tratada da forma que eu mereço. Sentir-me, de novo, como sempre fui. Rica, poderosa e uma verdadeira rainha da moda.

— Como passou o dia? — Ele pergunta, já com o carro em movimento.

— Muito bem. Almocei com meus pais.

— E sobre o leilão? Está mais calma?

— Mais ou menos. Tomei calmante para dormir, só não consigo parar de pensar o que será de mim. Conseguiu falar com João Magno?

— Não. Eu liguei para ele, mas disse que não está na cidade. Adiantei o assunto e ele disse que tem que esperar ele voltar.

— Meu Deus! — Aterrorizada, coloco a mão no peito. — E agora, Noah? O que será de mim?

— Calma. Por enquanto não pense nisso. Eu vou dar um jeito.

Pronto, isso foi o suficiente para eu perder a noite. Não me concentrei mais, minha cabeça doeu, não conseguia tirar a imagem daquele velho ridículo da cabeça. Eu passei sete anos sem conseguir ir para cama com outros homens, não foi por falta de tentativa, mas na hora H, o desespero batia, eu ficava desconfortável, pois a única coisa que vinha à minha mente era o rosto de Lorenzo.

O fantasma dele me assombrou em cada
NACIONAIS - ACHERON

momento. E eu acabei me tornando uma sombra dele. Uma mulher poderosa, com um império como herança, que tinha um fantasma preso dentro de si e simplesmente nunca conseguiu libertá-lo. Seria fácil se ele fosse mesmo culpado, mas o que fiz, injustamente, deixou-me presa a um sentimento, que eu não gostaria mais de ter. E agora ele simplesmente quer voltar como se nada tivesse acontecido. Minha mente está em catástrofe.

O jantar estava maravilhoso, o ambiente, a comida, o vinho e a companhia. Noah é um homem em um milhão. Mas por dentro, eu estava doida, correndo de um lado para outro, enlouquecida. Não deixei transparecer, claro, fiquei sorrindo, enquanto ele contava sobre as aventuras de sua viagem recente.

No fim, ele me levou de volta e quando parou o carro em frente ao meu prédio, Noah foi mais além antes de se despedir. Ele tocou na minha perna. Bem de leve. Olhou nos meus olhos e fiquei atônita. Mas não corri. Ele tem uma beleza estonteante, deve ser um amante experiente, eu deixei os nós dos dedos dele passearem pelo meu

braço, subirem e chegarem ao meu pescoço.

— Angel...

— Beije-me. — pedi sem nem saber o que estava fazendo. Talvez as emoções do dia, a carência, ou o aperto no peito por ter que ir encontrar Lorenzo. Não sei o que contribuiu para eu pedir isso. Ele chegou mais perto, levou a mão para atrás do meu pescoço e me puxou para sua boca que tinha um leve gosto de vinho. Respirei entrecortada, fechei os olhos e o beijei de volta.

Nem vi quando saímos do carro. Sei que entramos apressados, não deu para beijar no elevador, pois tinha outras pessoas. Abri a porta do meu apartamento e entramos abraçados, devorando um ao outro, numa euforia sexual sem explicação. Eu nunca fui atraída pelo Noah, mas agora esquentou e ele sabe como beijar. Não é ruim o beijo dele.

Meus sapatos ficam junto da minha bolsa no chão, perto da porta. Vamos andando de costas, abraçados, beijando, até eu bater minhas pernas no

sofá. Caio deitada de costas e ele vem por cima. Imediatamente o abraço, sentindo os músculos bem definidos por baixo da camisa. Os dedos de Noah passam pela minha perna, sobem pela minha coxa e vão mais além, entrando por debaixo do meu vestido. Ele toca minha calcinha e vem à minha mente:

“Agora você é minha, Angel. Só minha.” — É a voz de Lorenzo, no dia em que transamos pela primeira vez.

Meu coração palpita. Tudo vem de uma vez só, como das outras vezes que tentei transar. Vendo Lorenzo deitado comigo, nós dois em todos os momentos que passamos juntos. Nada está morto, o passado realmente não está enterrado. Coloco a mão no peito de Noah e tento afastá-lo.

— Noah, pare! Não dá.

Ele me olha ofegante. Os olhos bem acesos.

— O quê?

— Desculpa.

— Angel...

— O Lorenzo ligou. — Ajeito meu vestido e sento-me, passo as mãos nos meus cabelos e recuso olhar para ele.

— Lorenzo?

— É. Ele ligou... e estou com a cabeça cheia.

— O que ele queria?

— Não sei. Pediu para eu me encontrar com ele amanhã. — olho para Noah, sentado ao meu lado. — Desculpa, não dá.

— Tudo bem, você está cheia de problemas. Eu que fui um insensível em avançar. Não quero me aproveitar da sua fragilidade.

— Obrigada. Olho em volta, passo a mão na minha franja, totalmente constrangida — Er... eu preciso.

— Já estou indo. — Ele se levanta de prontidão, sem esperar eu dizer que preciso ficar

sozinha. - Você vai ficar bem?

— Vou. Vou, sim. — Caminhamos para a porta, ele andando de um jeito meio duro, acho que o coitado ficou na mão. — Obrigada, o jantar foi maravilhoso. — Na porta, ele vira-se para mim, toca no meu queixo e sorri.

— Olho aberto, garota. Ligue-me se precisar de qualquer coisa. — Curva-se, dá-me mais um beijo e vai embora. Eu fecho a porta e fico desestabilizada. O que mais falta acontecer na minha vida?

ONZE

LORENZO

— Ela saiu duas vezes ontem. A primeira foi para a casa dos pais. E a noite saiu com Noah Lambertini.

— Como eu previa. Onde foram?

— Restaurante.

— E depois?

— Ele a levou para casa e...

— Subiu com ela?

— Sim. Subiu, mas ficou lá por treze minutos apenas.

— Ótimo. Não dá pra fazer nada em treze minutos. Obrigado, te ligo quando precisar, fique de prontidão.

— Ficarei. Tenha um bom dia, Lorenzo.

Desligo a chamada, enfio o celular no bolso do jeans e olho para meu reflexo no espelho do meu quarto. Já são sete da manhã e eu estou arrumado. Pronto para colocar meu plano em ação. O detetive que coloquei no pé de Angelina, acabou de me passar o histórico dela ontem. Ele não estava mais seguindo-a, porém, depois que Noah a levou do leilão, eu pedi que ele ficasse de vigia.

Pego uma bolsa que preparei, quase não dormi à noite. Duas horas apenas. Fiquei pensando em todas as possíveis jogadas. Ainda não é o momento de eu me revelar como chefe da *Mademoiselle*, e sim, de tomar o controle da situação e manter Angelina fora do alcance de qualquer filho da puta.

No momento, ela é o foco dos meus planos e não quero ninguém no meio. Se ela descobrir agora que eu sou o chefe, vai ficar com tanto ódio que pode fazer uma loucura e querer se vingar. Tenho que mantê-la calma, e se a única maneira de fazer isso, for sendo bonzinho, então aqui vai a máscara que usarei para a ocasião. Dou um sorriso de gente boa.

Lembram que ela me pediu ajuda no palco do leilão? Pois é. Magno me deu, “A Ideia”. Essa será minha chance. Vou atrás dela, direi que a comprei das mãos do velho. Posso até falar com ela que não dei os lances durante o leilão, para que ele não ficasse subindo o valor. Já prevejo pernas se abrindo para o herói aqui. Lembrando que minha vingança não é comer ninguém, e sim, tomar tudo dela. Mas se a foda vier de brinde, não vou recusar. Sorrio, ajeito a gola da minha camisa polo e saio do quarto. Lá embaixo, escuto barulho na cozinha. Vilma.

— Bom dia, Vilma. — Cumprimento-a com um beijinho no rosto, sem precisar de uma máscara de falsidade, estou de verdade alegre.

— Bom dia, querido. — Ela passa os olhos pelo meu corpo, acho que estranhando que não estou de terno. — Já de pé?

— É. Vou dar uma saidinha agora.— Passo o dedo no creme de panquecas que ela está fazendo. Enfio na boca. — Não teria que estar no Romeo?

PERIGOSAS

— Olivia sai hoje do hospital. Vou pra lá daqui a pouco.

— Não precisa preparar almoço. Irei almoçar fora.

Ela passa a mão na minha camisa.

— Está feliz hoje. Dormiu bem?

— Sim, dormi. — Mentira pura, passei a noite maquinando planos contra uma mulher.

— Que bom, meu menino! Adoro te ver assim.

— Estou mesmo feliz, Vilma. Muitas coisas dando certo para mim.

— E vai dar mais certo. Você é um menino de ouro, merece tudo nesse mundo.

Retribuo, dando um sorriso para ela. Vilma não sabe da missa nem um terço. Por isso, eu a amo. Ela sempre está me dando apoio. Nunca me critica.

NACIONAIS - ACHERON

— Venha, sente-se que vou preparar um leite para você.

— Com uma pitada de canela. — peço.

— Nunca esqueço.

Depois de tomar um café reforçado, peguei meu carro e dirigi para um endereço que passei muito tempo observando. Eu passava em frente de carro, quase todo dia. Romeo chama de obsessão, diz que sou obcecado por ela. Magno diz que eu estou querendo foder a vida de uma pessoa só porque não consegui me vingar do nosso pai e no final tive que perdoá-lo no leito de morte da minha mãe. Ela me pediu em lágrimas, que eu perdoasse eles dois, para que pudessem partir tranquilos.

Mas nada disso tem a ver com obsessão ou querer culpar outra pessoa pelo que meu pai me fez. Não sou um pau no cu que não sabe diferenciar as coisas. Não sou um bundão que passa a vida fodendo a vida dos outros por estar traumatizado. Tenho alguns vestígios do meu passado dentro de mim, mas não deixo que ninguém saiba disso. Não

preciso culpar ninguém por isso. O que estou fazendo com ela, é apenas retribuição pelo que ela me fez. Afinal, passado fodido de ninguém justificaria ser filho da puta com outras pessoas que não têm nada a ver.

Angelina abre a porta do seu apartamento e fico bravo ao sentir um arrepio no meu corpo, quando a vejo. Até a porra do meu coração acelerou sem eu querer. Está de camisola, os cabelos desalinhados e a cara de sono. Acharam mesmo que eu iria deixar ela chegar toda montada em vestidos e sapatos caros em um restaurante? Estou desconstruindo Angelina Velasco, a rainha da moda.

Não foi difícil eu fazer com que o porteiro me deixasse subir sem avisar. Não foi nada difícil. Ela arregala os olhos, dá um grito agudo e tenta bater a porta. Coloco o pé para ela não fechar.

— Angelina.

— O que está fazendo aqui? — Desesperada, ela grita atrás da porta. — Eu estou despida.

— Não há nada aí que eu não tenha visto. Deixe-me entrar.

— Lorenzo, o que está fazendo aqui? — Torna a perguntar, quase surtando.

— Preciso conversar com você.— aviso e começo a empurrar a porta. Ela coloca toda força que consegue, mas facilmente eu abro o necessário para passar. Fecho a porta e olho, sorrindo para ela.

— Olá, Angelina.

Não sei como ela voa para trás do sofá. Fica lá, pálida, aflita. Com as mãos na frente dos seios.

— Iríamos almoçar...

— Ontem. Você não quis, hoje eu dito as regras. — Hoje e sempre, penso comigo mesmo. — Fique à vontade para se vestir, espero você aqui. — Despreocupadamente, sento-me no sofá e ela corre para um corredor. Olho em volta. Gosto do apartamento dela. Nunca tinha entrado aqui, ela não morava neste lugar quando namorávamos. É um apartamento feminino, mas lembra muito hotéis

NACIONAIS - ACHERON

internacionais. Com muita pompa e luxo. A cara dela.

O sofá onde estou sentado é de uma cor clara, macio e possivelmente caríssimo. Imagino o Noah sentado aqui e preciso me levantar e respirar fundo para não ter atitudes precipitadas. Dou uma olhada em volta, pego um livro na mesinha e leio o título: *O Duque e Eu*. Abano a cabeça, abro o livro e há um marcador, pego-o e olho atrás. Com a letra dela, está escrito: “Pata diferente de Data. Sena – Ayrton. Cena – de filme.” Enrugo a testa sem entender que loucura é essa. Coloco o marcador na página e deixo o livro de volta no lugar. Continuo bisbilhotando, vou até a estante e passo os olhos pelas coisas dela. Há filmes em caixas de Blu-ray. Quase todos de romance. Vejo um caderninho lilás, tipo diário, pego e abro.

“Exercícios para manhãs.” — Está escrito em uma folha. Viro a folha e antes de ver do que se trata, ouço passos, deixo o caderninho ali e volto para o sofá. Por enquanto, não preciso olhar nada, terei tempo para isso. Muito tempo, tempo de sobra. Essa não será a única vez que estarei aqui.

Angelina vem até a sala com um belo vestido, detecto logo que é novo. Os cabelos amarrados e uma maquiagem feita às pressas, há um cantinho do lábio borrado de batom. Tenho vontade de rir, mas me contenho. Ela tenta parecer durona, mas fracassa ao me ver de novo. Engole em seco e fica parada, sem saber o que fazer.

— Senta aqui. — peço apontando para o sofá.

— Não quero sentar, droga! — Ela esbraveja e até fico surpreso. Achei que ela iria assentir e sentar. — O que está fazendo na minha casa uma hora dessas?

— Ok, vou direto ao assunto. Quero que tire hoje o dia de folga para ir a um lugar comigo.

Franze o cenho para mim, muito intrigada.

— Oi? Nós... não nos vemos há... desde aquilo... a gente precisa falar sobre tudo.

— Não, nada disso. Não por agora. O passado fica, por enquanto, no passado. — Falo sério, não querendo tocar nesse assunto. Ela anui, também

NACIONAIS - ACHERON

séria.

— Se não é pelo passado, o que você faz aqui sete da manhã?

— Temos que conversar.

— Então fala logo! — Ela berra. — Que lugar quer me levar? Por quê? Por que está aqui depois de tanto tempo?

Levanto-me do sofá e fico de frente para ela. Por precaução, o instinto dela pede que ela dê um passo para trás.

— Pediu minha ajuda no leilão. Eu te comprei das mãos do Francis. — Jogo a bomba nos braços dela. Angelina perde o pouco sangue que lhe resta na face.

— Você o quê? — murmura.

— Não foi isso que pediu? Ou preferia ter um encontro com aquele velho escroto?

Ela coloca as duas mãos na boca e o brilho

chocado dos olhos dá lugar a algo que reconheci no ato. O mesmo brilho que via nela quando estávamos juntos, no passado. Lentamente, o semblante dela vai mudando e agora está carregado de pura emoção. Por um milésimo de segundos, tive uma pequena recaída, como um dependente químico que se recuperou, mas sente de novo o cheiro do baseado. Até então, minha vingança não tinha me dado a oportunidade de estar tão perto dela e agora consigo sentir o seu cheiro e ver nitidamente o brilho dos belos olhos azuis. Reajo a tempo para vê-la como minha oponente. E nem quero pensar que algum dia eu senti muita falta dela. Tanta falta que nem sei como consegui suportar.

— Fez isso por mim? — sussurra. Tiro do bolso de trás do meu jeans, um papel dobrado e lhe entrego. É um falso contrato que fiz, para parecer que houve mesmo uma negociação com o homem que a arrematou no leilão.

— Gastei uma fortuna negociando com ele.

Ela olha o papel e depois levanta os olhos para

mim.

— Nossa, Lorenzo... eu nem sei o que te dizer. Eu... ah, meu Deus! Eu quis tanto te pedir desculpas. Não passa um dia sem que eu queira me desculpar.

— Por favor, nada do passado. Tirei o dia de folga, você também precisa fazer o mesmo. Afinal, você me deve um encontro, pelo leilão.

— Quer... passar o dia comigo?

— Não precisa pegar nada. Vou ligar pedindo nosso almoço.

— Eh... — ela fica meio sem graça, balança o corpo um pouco tímida. — E sua namorada? Ela na vai se importar?

— Não tenho namorada. — Ela assente, acreditando em mim.

— Se não vamos falar do passado... não temos muito a conversar.

— Apenas venha, Angelina.

Angelina me olha indecisa, desce os olhos para o papel de novo, abaixa os ombros e a mão segura forte o pingente no pescoço. Ela ainda tem essa mania?

Cabe a mim ajudá-la a decidir. Afinal, agora, depois de vê-la, sinto que quero mesmo a foda de brinde. Depois solto o verbo dizendo que eu sou o chefe que está ferrando a vida dela. Vai ficar brava? Vai. Vai me xingar, chorar, espernear? Sim, claro. Mas não vai ter jeito. Já estará mais ainda de quatro por mim. E escutem bem, não terá para onde ela fugir. Estarei cercando-a cada vez mais. As coisas que ainda tenho em mente para ela, me fazem querer dar um salto. Quero ver a cara dela quando eu for fechando cada vez mais o cerco.

— Chegando lá, decidiremos o que falar. Se estiver muito ruim, pode vir embora. Não vou cobrar o dinheiro que paguei por você. — Para completar, dou o sorriso encantador. Puramente ensaiado.

— Por que está sendo bom comigo? Eu fui uma cretina com você...

— Estou fazendo com você o que acho certo. Nada é por acaso, Angelina. O contrato diz que você me deve um encontro. Se não fosse comigo, seria com o velho. Vem ou não comigo?

O rosto dela fica rosado e ela dá um sorriso que chega aos malditos belos olhos azuis. Ela é linda, na verdade. Muito bonita, essa megera do quinto dos infernos. E por um bom tempo, fez-me ficar caído por ela.

— Sim. — Ela aceita de supetão. — Eu irei, só vou fazer umas ligações.

— Fique à vontade, estarei esperando.

Rá! O que eu disse? Quem é Noah agora na fila da vacina H1N1? Essa aí não pensa em outro tão cedo.



Eu a levei para um lugar que sempre vou para

levar mulheres ou ficar sozinho, mais para ficar sozinho. É um lugar que deveria me dar angústia, mas sinto calma ao estar lá. Durante o caminho, fomos num silêncio sepulcral. Ela não estava à vontade, muito tensa. E eu não forcei a barra.

Antes de sair do meu apartamento, Vilma preparou uma cesta pequena com algumas coisas de café da manhã. Para uma pessoa. Paro diante de uma enorme casa de construção antiga. Aciono um controle e o portão se abre para o carro passar. Angelina me olha, atônita.

— A casa dos seus pais?

— É. — Balanço a cabeça. Ninguém, além de Vilma, sabe que fui eu que comprei a casa. Meus irmãos e eu, inclusive, chegamos a um consenso de que deveria ser vendida. Eles não queriam lembranças e eu não me intrometi. Só que fui por fora e comprei a casa. Não foi difícil, uma das partes já era minha por direito e só precisei comprar a deles. Eles não sabem até hoje. Romeo, certo dia, comentou que acha que a casa ainda está fechada, pois ele raramente vê movimento por lá.

Passamos pelo belo jardim, que eu pago para que seja bem cuidado, do jeito que minha mãe gostava. Paro o carro e dou a volta para abrir a porta dela. Angelina desce e olha para a imponente fachada da casa.

Por que eu a comprei? Sinto-me bem aqui. Um lugar que nunca considerei como lar. Enquanto meus irmãos estavam aqui como os filhos modelos, com suas belas roupas, estudando nas melhores escolas e comendo banquetes, eu estava... balanço a cabeça e olho para ela, Angelina me encara curiosa. Começo a ficar agitado por dentro, a raiva vai crescendo e abro o porta-malas para pegar minhas coisas.

— Siga-me. — resmungo e ouço os passos dela correndo para acompanhar minhas passadas.

Entramos na casa. Meu pai que a construiu e ele não poupou espaço. Tem um hall de entrada que dá direto para uma enorme sala em estilo europeu, as belas casas da Espanha. Sofás de madeiras caras, confeccionados com almofadas italianas bordadas à mão. Ao redor dessa sala, imensas janelas que se

abrem para uma bela vista do jardim e uma área extensa de recreação, para grandes recepções que meus pais costumavam fazer ao ar livre.

Há tudo que uma mansão precisa: lustres de cristais, portas francesas, janelas panorâmicas, belos vasos caros e uma bela escada curva de marfim. Eu continuo andando, entro por um corredor e chego à cozinha. Coloco a cesta de café na bancada enorme e começo a tirar as coisas.

— Sente-se aqui. — Aponto para o banquinho e rapidamente ela se senta. — Trouxe café para você.

— Ah! Não precisa.

— Claro que precisa. Você não tomou café ainda. — Coloco a xícara com pires diante dela e despejo café da pequena garrafa térmica. Coloco para mim também. Sirvo, na frente dela, um prato com uma panqueca que Vilma fez para mim hoje mais cedo. Também coloco fatias de pães e um potinho de geleia.

— Parece deliciosa. — Angelina comenta

NACIONAIS - ACHERON

olhando a panqueca.

Não falo nada. De pé, recostado do outro lado, assisto quando ela corta um pedaço e come. Os minutos se arrastam e o único barulho, vez ou outra, é o garfo no prato. Nossos olhares não se cruzam, ela olha para tudo, menos para mim.

— Ah... então. — Tensa e sem graça, ela murmura, tentando achar um assunto. — ah... sabia que Olivia, noiva de Romeo, está trabalhando comigo?

— Sim, sabia.

— Hum. Já viu o bebê deles?

— Já.

Ela bebe um gole de café e fica de olho no prato. Eu continuo observando-a. Para mim, é o melhor momento.

— Eu sinto muito pelos seus pais. Foi terrível...

— Obrigado.

— Sente muita falta? — Olha para mim. — Por isso ainda mantém a casa?

— Não.

— Hum... — Ela come mais um pouco da panqueca. — A Vilma que fez?

— Foi.

O silêncio volta a pairar pela cozinha. Ela come mais um pouco. Levanta os olhos para mim e eu sustento seu olhar.

— Desculpa, isso não está dando certo. — Ela se levanta do banquinho. — Não dá para ficar aqui fingindo que nada aconteceu. A última vez que te vi estávamos indo casar. É estranho estarmos aqui, nessa conversa de sala de espera de consultório odontológico.

— E por que não casamos? — Minha pergunta pega nós dois de surpresa. Eu não queria mesmo mexer com isso por agora. Nada de lavar roupas

NACIONAIS - ACHERON

suja e nem colocar as emoções em jogo. Mas não teve como eu ficar de boca fechada.

Ela abraça o corpo e se mostra desolada.

— Foi minha culpa. — confessa.

— Conte-me uma novidade. — Debocho — Por que não casamos? — Torno a perguntar, agora mantendo um olhar duro, compenetrado.

— Uma conversa. Eu ouvi uma gravação onde você e meu pai negociavam...

— Gravação? — Interrompo-a. Isso acaba de me pegar desprevenido. Nunca soube ao certo o que aconteceu. Sei que, possivelmente, alguém inventou algo sobre mim. Mas, uma gravação?

— Que conversa?

— Depois descobri que, na verdade, vocês falavam sobre uma casa que nossos pais estavam comprando.

— E seu pai distorceu isso? Ou foi o meu?

— Não. Foi a Beth.

— Beth? — Agora até sinto o gosto amargo da raiva subir pela garganta.

— É. Ela ouviu vocês dois, gravou e me mostrou no dia.

Beth. Tinha que ser. Desde o primeiro dia, quando ela tentou me “prevenir” que Angelina era uma pessoa arrogante, maldosa e que não iria me dar valor, eu soube, naquele instante, que ela era uma maldita vaca serpente. Ela tentou sujar a imagem da prima o máximo que pôde, nunca contei isso para Angelina, pois via como ela acreditava cegamente nela.

Por sorte, eu era bem esperto para esse tipo de gente. Agora, a fúria me toma. Uma raiva das duas. Essa tola aqui na minha frente foi facilmente manipulada pela prima. E pensar que eu estava com planos de sair com a Beth para poder fazer ciúmes em Angelina. Agora minha sede é de sangue.

— E você acreditou?

— Como não acreditaria? Ela me contou que vocês estavam planejando uma fusão de empresas, mas que para isso, você me queria em troca. Eu fiquei revoltada, eu quis acabar com você. Desculpe-me. Eu deveria ter pedido há mais tempo.

Ótimo, chumbo trocado, não dói. Eu quero acabar com você, gata. Só que agora colocarei sua prima junto para as duas se ferrarem. Pra você aprender a tomar as próprias atitudes. Estou queimando de raiva daquela desgraçada. Não foi uma, nem duas vezes que ela tentou, de algum modo, me seduzir.

— Você tinha a opção, sim. — rebato. — Por que não conversou com seu pai?

— Eu não pensei em nada. — Com voz aflita, ela começa a gaguejar.

— E a Beth? O que fez com ela quando descobriu que era mentira?

— Bom...

— Perdoou-a?

— Ela disse que não sabia...

— Não sabia, Angelina? Aquela sem vergonha tentou de tudo para me envenenar contra você.

— Envenenar como?

— Será que nunca prestou atenção que ela não está nem aí pra você? Tudo que sua prima fez foi planejado e ainda...

— Ok. — Ela grita, fazendo-me parar. — Eu não estava pensando racionalmente, Lorenzo. Desculpe-me.

— E acha que um pedido de desculpa vai resolver tudo? Sete anos depois...

— Você também não tentou nada todo esse tempo.

— E o que você queria que eu fizesse? Você acabou comigo! — Perco todo o controle e grito. — Você me fodeu sem eu nem saber o que estava acontecendo. Ainda queria que eu fosse atrás?

— Eu tentei te ligar... Romeo foi rude...

— Você só pode estar de brincadeira. — Dou uma risada sarcástica. — Queria que ele fosse amigável?

— Não estou dizendo isso. Você está aí de peito fechado e nunca vai entender o meu lado.

— Ah, olha só isso. Agora eu tenho que entender você. Como sempre, não é? Sempre sendo o centro de tudo, a vítima, a incompreendida.

— Seu cretino! Não quero mais ficar aqui. Quero ir embora.

— Não vai a lugar nenhum. Eu te comprei e o contrato diz que...

— Dane-se, Lorenzo. Eu não vou ficar aqui.
— Ela berra descontrolada.

— Isso, vá. Faz o que sempre fez. Fuja. Mas fique sabendo que isso não vai ficar assim.

— Ah, sério? E vai tentar fazer o quê? Se
NACIONAIS - ACHERON

vingar? Fique sabendo que já estou na pior. — Ela pega a bolsa, coloca a alça e vira para sair, eu a seguro rapidamente e a jogo contra a parede. Angelina tenta escapar, o susto a deixa de olhos arregalados, olhando-me. Com meu corpo, prendo-a contra a parede.

— Você nem sabe, querida. Você não tem noção do que posso fazer.

Aproximo-me dos lábios dela e dou um rápido beijo. Ela suspira e fecha os olhos. Beijo mais um pouco e Angelina aperta com força meus braços. Os dedos dela escorregam para meu peito, ela está me tocando, apalpando.

Eu seguro as mãos dela e me afasto. Angelina abre os olhos e parece acordar de um transe. Passa a mão nos cabelos, morde os lábios, está totalmente mexida e nem precisei fazer muita coisa, imagina se eu a comesse? Ela sai correndo para a sala e eu não vou atrás. Ouço a porta se abrir e bater. Ela que vá embora sozinha. Sento-me no banquinho e pego meu celular. Lucas atende.

— Bom dia, Lorenzo.

— Bom dia, Lucas. Está chegando a hora de eu aparecer.

— Sério? Pra quando?

— Hum... quarta-feira.

— Ok. Quer que eu avise Angelina?

— Não hoje. Avise amanhã. Diga que tem uma reunião importante com ela. Apenas com ela.

— Certo. Mais alguma coisa?

— Resolva os documentos do apartamento, da casa de campo e da lojinha na rua do Ouvidor. Vou precisar o mais rápido possível.

— Já estão prontos.

— Ótimo. Ligo se precisar de mais alguma coisa.

Desligo e respiro fundo. Ela se arrependeu?

FODA-SE. Sou rancoroso mesmo, arrependimento nenhum vai me fazer mudar de ideia. Passo a mão no balcão empurrando tudo para o chão, num acesso de fúria. Tudo bem. Respire fundo, Lorenzo. Não consegui meu plano inicial de passar a imagem de bom moço. Por isso tenho que agir o mais rápido possível. É hora de botar a cara no jogo, aprisionar Angelina de uma vez por todas.

DOZE

ANGELINA

Fui direto para a empresa, assim que saí da casa para onde Lorenzo me levou. Não peguei táxi, e nem mesmo praguejei por não estar com meu carro. Andei sem nem ver o quanto eu estava andando. É até bom para pensar, para refletir, tentar raciocinar e não sair por aí, doida e enlouquecida. Ainda não dá para acreditar que Lorenzo está de volta. Quer dizer, não sei se ele está de volta na minha vida, mas voltou e nos encontramos... droga, o encontro não foi nada do que imaginei todos esses anos.

Mas como planejar algo que eu nem sabia que aconteceria?

Eu pensei que ele seria agressivo, que iria tentar me punir, mas fez diferente, comprou-me das mãos daquele velho nojento e foi atencioso comigo. Até me beijou. Apesar da ameaça final e daquela breve discussão, eu estou completamente abobalhada até agora, não sei o que pensar, nem sei

como devo reagir a Lorenzo depois desse encontro. Ele vai voltar a querer me ver? E se ele quiser, eu vou aceitar?

Sento-me no banco de uma praça para tomar fôlego. É cedo e tem poucas pessoas por perto, é um bairro rico, calmo, mas sombrio para mim, por trazer dolorosas lembranças. Querem entender tudo que senti no momento em que o vi na minha porta? Lindo, na sua altura majestosa, no seu jeans caro e sua camiseta que deixava à mostra belos braços, maiores que sete anos atrás e mais ainda, o que senti quando ele me tocou, lá na casa, jogou-me contra a parede e me fez sentir seu cheiro e a textura dos seus lábios?

Querem saber? A Celine Dion escreveu a música ideal para exprimir esse momento. Eu ouvia na minha cabeça nitidamente o refrão: *“Quando o toco daquele jeito... E se você me beija desse jeito... Isso foi há tempos atrás, Mas tudo está voltando para mim, agora.”* A música *It's all coming back to me now* foi o que explodiu dentro de mim.

Eu juro que apesar de sempre recordar, eu

mantinha tudo dormente, mas se acendeu como um pavio, quando Lorenzo me tocou e tudo veio com força total. Meu corpo lembrou e meu coração bateu tão rápido que me deu medo. E foi melhor fugir. Eu não queria brigar com ele, só pretendia preservar tudo de bom que vivemos. Sei que será inevitável eu tentar sufocar o passado, mas posso adiar.

Peguei meu celular, liguei para o motorista da empresa vir me buscar. Lorenzo não veio apenas para abalar minhas estruturas. Ele fez uma revelação que não posso simplesmente deixar passar. Acredita que fiquei quase uma hora na minha sala, a nova, que é uma sala antiga e foi modificada para mim, sentada à minha mesa, chorando?

Para encarar essa verdade à minha frente, eu tomei um analgésico, mas nada resolveu. Minha cabeça latejava nas têmporas. Bem mais forte que o encontro com Lorenzo, mais forte que o término do nosso romance e o fim do casamento, é saber que a pessoa em quem mais confiei, que mais amei de verdade, como uma irmã, quis de alguma forma me

fazer mal.

Cheguei à empresa e comecei a pensar em tudo. Em todos os meus passos com Beth desde criança. E agora eu podia ver o que meu pai, Noah e Lorenzo sempre viram. Talvez eu também tenha visto, mas não quis aceitar. Ninguém aceitaria que a própria irmã pudesse fazer algo de ruim. Porque Beth foi minha única amiga, irmã, conselheira e tudo. É inaceitável que ela pudesse querer meu mal. Só que estão na minha cara, várias e várias coisas.

Desde os doze anos, quando soltou aquele cachorro e ele quase arrancou minha perna até o dia em que colocou amêndoas no bolo e me deu, sabendo que sou alérgica a amêndoas. Sempre pedindo perdão depois, falando que não sabia. Não sabia que o cachorro iria me morder, não sabia que eu era alérgica. Me fez escutar uma gravação falsa, fez de tudo para me convencer a prejudicar Lorenzo na mídia e ainda quase implorou para eu ir para Londres e não ouvir explicações nem mesmo do meu pai. Beth sabia que se meu pai falasse comigo naquela noite, ele desmentiria tudo e o estrago com Lorenzo não seria tão grande.

NACIONAIS - ACHERON

E se não bastasse tudo isso, vem a maneira com que ela me tratou ao saber do leilão. Agora o Lorenzo dizendo que ela tentava envenená-lo contra mim.

A porta se abre e ela espia.

— Mandou me chamar, Angelina? Estou atolada de serviço. — Grossa como sempre, como só agora vejo isso?

— Venha aqui, Beth. — Enxugo minhas lágrimas por baixo dos óculos.

Ela entra, fecha a porta e se aproxima temerosa ao ver minhas lágrimas.

— O que houve? Está chorando pelo Lorenzo?

— Não.

— Encontrou-se com ele?

— Sim.

— Ah, Angelina. — Ela bate as mãos na

cintura — Assim não tem como te defender. Deixa de ser tola!

— Para! — Eu grito, fico de pé e empurro uma pasta de desenhos. Bato meu dedo em um deles. — Foi a Olivia que desenhou isso? — indago em um tom bem mais baixo, quase doloroso. Eu já sei a resposta, afinal.

— O quê?

— Você ouviu.

Ela nem se dá ao trabalho de olhar para o desenho. Cruza os braços e faz uma pose cínica.

— A vaca sonsa foi fazer fuxico, é? — Bate as mãos na mesa indignada — Aquela vadiazinha devia me agradecer por ter colocado os desenhos dela no catálogo.

— Você roubou os desenhos dela! — berro, esforçando-me para não chorar. — E ainda tenta sair por cima?

— Não é roubar, Angelina. — Dá uma risada
NACIONAIS - ACHERON

sarcástica — Ela era minha estagiária, eu tinha que assinar por ela.

— A Olivia merece os créditos. São dela, se ela processar a empresa...

— É bem possível que ela processe mesmo. Não sacou qual é a dela? Uma interesseira. Pescou um homem rico e já arrumou um jeito de engravidar e garantir o futuro. Você ganharia mais se demitisse aquele encosto.

Levo a mão ao peito chocada com as palavras dela. Eu sei o que Olivia passou, ela ficou em coma porque foi agredida. E me contou depois que o bebê veio como um milagre, pois era para ter perdido durante a agressão.

— Não fale assim dela. — murmuro em tom duro.

— Não falar assim dela? — Outra risada. — Não estou te entendendo.

— Porque o assunto aqui não é ela. — Bem séria, de semblante carregado, eu a encaro. — Por

NACIONAIS - ACHERON

que armou pra mim e para o Lorenzo anos atrás?

— Oi?

— FALAAAA! — Dou um grito que sinto minha garganta arranhar. — fale logo, porque eu passei anos ao seu lado, acreditando em tudo, enquanto você me apunhalou.

— Eu não vou explicar mais aquilo. Já te disse que foi um engano. Azar é o seu que foi encontrar aquele degenerado e deu ouvidos a ele.

— Não estava enganada, Beth! Você sabia qual era o teor da conversa, você sabia que eu não podia ficar na cidade por muito tempo para não descobrir a verdade. Sem falar que acabo de descobrir que... meu Deus! Você tentou falar coisas de mim para meu namorado?

— Ex-namorado! Acorda, Angelina.

— SIM! — Dou um grito. — Eu acordei! — No calor do momento, ergo meu braço e rodo com toda força uma bofetada na cara dela. Beth fica surpresa e eu começo a gritar em meio às lágrimas:
NACIONAIS - ACHERON

— Você me viu destruída, sofrendo, com uma depressão terrível, você viu como eu sofri pelo que fiz com ele. Enquanto você ria de mim, passei sete anos em uma vida de merda. Que droga, Beth! Eu a considerava minha irmã.

Ela fica ereta, ajeita os cabelos e não há muita emoção em seus olhos. São frios, quase malignos.

— Uma irmã não faz o que você fez comigo.

— É? E o que eu fiz?

— Colocou-me para trabalhar aqui, quando na verdade, eu deveria estar na presidência com você. Isso aqui é tanto meu, quanto seu.

— Não é! — revido. — Nunca vai ser.

— Parece que não será seu também, não é? — Ela torna a dar uma risada cínica. — Cresça, Angelina, você vai afundar nesse buraco dessa merda de empresa. — Ela chega bem perto de mim, olhando-me de cima por ser mais alta. Em tom de desafio, ela fala: — Vamos ver quem permanece aqui. Eu farei de tudo quando o novo chefe chegar,
NACIONAIS - ACHERON

já tenho meus planos e você, Angel, fará de tudo?

— Saiaaaa! — Na mesma proporção do meu grito, ela dá uma gargalhada e sai batendo a porta.

Volto para a mesa, os dedos mergulhados nos cabelos. Farei agora mesmo o pedido de demissão dela. O pior de tudo é que uma das regras do novo chefe é que ele deve analisar cada pedido de demissão. Preciso ser contundente nas razões para mandar Beth embora. Não dá mais para suportar. Meu coração está duramente partido. Pela volta de Lorenzo e pela traição de Beth.



Quando Lucas me ligou falando que queria marcar uma reunião quarta-feira, eu simplesmente não pude. Estava em casa, de molho. Chorei, bebi um litro de suco de caixinha, nunca bebo, mas Lourdes compra para ela e eu queria enfiar o pé na jaca para tentar esquecer. Depois chorei mais, com raiva de Beth e muita tristeza. É como se a amiga da minha vida toda tivesse morrido. Chorei por tudo que fiz com Lorenzo e tudo que não fiz para ajudá-lo. Não pedi perdão por sete longos anos. E

ele ainda foi bom comigo. Devo ligar para ele. Corri, peguei meu tablet e pesquisei o número da empresa Orfeu. Mas não cheguei a ligar, pois Lucas me ligou antes falando da tal reunião e acabamos deixando para segunda-feira.

Sozinha em casa, sem querer preocupar meus pais, tomei mais um calmante e fui dormir até às três da tarde. E fiquei nessa vida, vegetando, a base de calmantes, por toda a semana. Só assistia televisão, dormia e lia um pouco. Minha rotina era assim: acordava às oito, dava uma volta no quarteirão, pois não conseguia acordar antes das sete para correr.

Depois voltava, tomava o café que Lourdes tinha preparado, ligava para Simone e ela me passava tudo que estava acontecendo na empresa. Terminava e ia ler alguma coisa. Às vezes nem quero ler, mas preciso. Almoçava, descansava e ia assistir alguma coisa. Vez ou outra, alguma revista me ligava para saber a data de publicação de alguma coisa, novidades sobre catálogos.

O restante de minhas horas eram preenchidas

com desenhos dos novos modelos do desfile *Supreme*. Não só os desenhos, como todo planejamento que eu estou à frente fazendo. A festa de pré-lançamento está marcada para daqui a quinze dias mais ou menos. Passei todos os dias de olho no celular, esperando uma notícia de Lorenzo. Mas ele não deu sinal de vida, e eu desisti de ligar para a empresa e lhe dizer obrigada por ter me salvado das mãos do velho.

Na sexta-feira, recebi uma encomenda e meu coração palpitou, arrepiei-me toda achando que talvez o Lorenzo tinha, sei lá, me mandado alguma coisa. Mas quando abri a caixa me deparei com uma caixa térmica de isopor e ali dentro um enorme *cheesecake* de frutas vermelhas que minha mãe fez e me mandou, mas eu deixei bem escondido na geladeira para não cair em tentação e comer demais. Como eu disse, a festa de pré-lançamento do desfile *Supreme*, vem aí. Meu vestido está pronto há meses e preciso caber nele para ser a estrela da noite.

Arrumei-me na sexta à tarde para ir a um lugar improvável, em que jamais pensei em colocar os

pés novamente, a casa de Romeo. Mas o presente do bebê que Lourdes comprara estava ali há uns dois dias, e eu liguei para Olivia perguntando se podia ir lá. Fiquei tão sem graça quando Vilma me recebeu na porta. Tive que me identificar, o segurança tinha aberto o portão, conduzindo-me até a porta da frente e tive que encarar a “mãe” do Lorenzo.

— Oi, Vilma.

— Olá, Angelina. Olivia espera por você. — Foi fria como eu esperava.

— Ah... obrigada. — A casa passou por uma redecoreação desde a última vez em que estive aqui. Mas ainda tem a mesma sala, a escada, a foto deles três lá atrás, na parede de tijolos. Engoli em seco ao ver as expressões dos três homens naquela foto. Sérios, lindos, misteriosos. Lorenzo tinha ficado muito mais bonito com o tempo.

— Oh! Você veio mesmo. — Muito surpresa, Olivia me recebe com uma alegria bem sincera.

— Ah. Oi. Eu vim... — se ela soubesse como

NACIONAIS - ACHERON

estar aqui é difícil para mim... Será que ela sabe do meu passado com Lorenzo? Com certeza, Romeo deve ter contado. Entretanto tivemos uma conversa na empresa e ela não pareceu saber de nada.

— Sente-se, Angelina, por favor, fique à vontade. Não repara na bagunça. — Ela sai tirando um monte de coisas de bebê do exuberante sofá. — Como eu passo muito tempo assistindo tv ou na cozinha com Vilma, eu trago tudo para cá, para evitar ficar subindo lá e pegando. Ai, meu Deus! Angelina Velasco na minha casa. — Olivia murmura, eufórica.

— Não se preocupe. Sei que isso é decoração para casa onde tem bebês — Abano minha mão e caminho para perto do carrinho. — Olha o garotão! — Curvo-me para vê-lo, ele está acordado. — Meu Jesus! É lindo! — exclamo de verdade, pasma. Tem cabelos claros como os de Olivia, mas se parece muito com o Romeo. Os olhos e a boca.

— Obrigada. — Ela se apressa em tirar o bebê de dentro do carrinho para eu poder ver melhor. — Quer segurar um pouco?

— Ah, não. Eu não tenho muito jeito com bebês. São... muito pequenos. Tenho medo de deixar cair.

— Sente-se ali que eu coloco ele nos seus braços.

Eu me apresso em sentar no sofá e Olivia coloca o bebê no meu colo. Fui tocada mais uma vez, essa, definitivamente, foi a semana da emoção. Sentir o bebê nos meus braços me transportou a uma época em que meu sonho era ter vários filhos.

— Olá. Olha a tia Angel aqui... — toco no narizinho dele. Quase fui mesmo a tia dele. Começo a pensar sobre isso e imediatamente olho para Olivia, preciso distrair a mente. — Como está sendo? E o Romeo?

— Muito babão. — Ela ri. — É a melhor experiência da vida. Não há como eu ficar mais feliz. — Eu assinto com a boca aberta sorrindo. Penso no que Beth falou sobre Olivia. Suspiro e faço menção de levantar, ela pega o bebê do meu colo e coloca-o no carrinho novamente.

— Ele é bonzinho, né?

— Muito. Chora à noite, como todo bebê, mas é um amor.

— Olha, eu trouxe para ele. — Entrego a sacola.

— Obrigada, não precisava.

— É uma coleção de primeiros livros. — Explico enquanto ela abre o pacote e encontra uma caixa azul com vários livros interativos. São como diários, os pais vão escrevendo os passos do filho. Tem espaço para o primeiro dentinho, molde para a mãozinha, mecha de cabelo.

— Que lindo! — Ela sorri admirando o presente. — Obrigada. É lindo.

— Por nada.

— Vou fazer um suco para a gente.

— Não, — toco no braço dela — deixa eu te perguntar uma coisa. — Olivia vê que eu estou

séria e fica séria também. — Por que não me contou que a Beth estava pegando seus desenhos?

— Eu...

— Já descobri, Olivia. Por que não me disse?

Ela ergue os ombros e evita me encarar. Mexe no cabelo e me olha, meio sem graça.

— Meu sonho, sempre foi um dia entrar na *Madde*. E eu estava trabalhando lá. Pensei que se eu contasse, talvez você pudesse ficar do lado da sua prima e me demitir. É precioso demais o emprego para mim. Nem para o Romeo, eu contei. Como descobriu?

— Eu suspeitei e dias atrás tive a confirmação. Beth confessou.

— Ah... e agora? Como será?

— Você continua no seu cargo. Eu não posso mexer no quadro de funcionários sem autorização do chefe.

— Tudo bem. Eu pretendo voltar logo por causa do desfile. Meio período apenas, posso?

— Claro que sim. Na verdade, você tem direito a quatro meses. Não precisa voltar tão cedo.

— Eu estou bem e posso levar o Gael comigo.

— Será ótimo. Estamos correndo contra o tempo.

Depois, sem precisar Olivia pedir, Vilma trouxe suco para a gente, estava com a cara amarrada, – olhando-me de rabo de olho. Quando ela saiu, eu comentei:

— Ela não me perdoa desde aquela época.

— Oi? Quem não perdoa? — Olivia pergunta olhando ao redor da sala vazia.

— Vilma. Desde tudo que fiz... no passado, com o Lorenzo.

— Hã? Lorenzo? — Franze o rosto sem entender nada.

PERIGOSAS

Deixo meu copo na mesinha e exalo profundamente.

— Você não sabe, né? Nosso romance, o quase casamento. Romeo não te contou?

— O quê? Você e... Lorenzo? Romeo não me contou nada disso. Você já namorou o Lorenzo?

— Está tudo bem. É uma coisa que todo mundo deixa enterrado, é um assunto morto. Ele e eu quase nos casamos, mas nos desentendemos.

— Nossa! Nunca iria perceber. Vocês não se falam mais?

— Não. Na verdade, não falo com ninguém da família dele desde que tudo aconteceu.

— E como era? Lorenzo não tem cara de que namora sério.

— Éramos ótimos juntos. Mas não durou. Cada um seguiu o seu lado. Vamos mudar de assunto? — Ela ri e assente.

NACIONAIS - ACHERON

— Conte-me como está o desfile. Estou com coceira querendo saber dos detalhes.

Comecei a contar para ela os preparativos. Falei da festa, que será apenas uma apresentação para as revistas de moda. Conversamos mais algumas trivialidades e quando me levantei para ir embora, a porta se abriu e queria que a terra me engolisse quando vi o Romeo. Ele estacou de olhos saltados, assim que me viu. Merda! Eu deveria ter ido embora antes.

— Bom, eu já tenho que ir. — Olivia percebe meu desconforto e apenas anuí. Pego minha bolsa e olho para Romeo.

— Oi, Romeo.

— Oi, Angelina.

— Vim ver o bebê.

— Que bom. — Ele murmura, caminha para perto da gente, cumprimenta Olivia com um breve beijinho e me encara com um olhar ácido.

Ficamos os três calados. O clima pesado, até me deu vontade de rir, por puro nervosismo.

— Bom, então eu espero você a qualquer dia, Olivia.

— Daqui a quatro meses. — Romeo adianta.

— O tanto que ela decidir. — Corto logo as asas dele. Não é por que tenho constrangimento, por causa do passado, que eu não vou dar a resposta que precisa.

— O tanto que a lei manda.

— Que são quatro meses. — Adiciono imediatamente, para ele saber que eu estou por dentro da situação. Volto-me para Olivia. — Mas você será sempre bem-vinda antes dos quatro meses.

Aceno para ele, Romeo acena com o queixo e vai olhar o bebê no carrinho. Ele pega o menino e já começa a conversar com ele: “Oi, papai. Como está o meu garotão?”

Olivia me leva à porta e eu aproveito para fazer um pequeno lembrete:

— Se você perguntar a ele sobre Lorenzo e eu, certamente eu serei a vaca demônio aos olhos do seu noivo.

— Sério? Foi tão grave assim?

— Ouça a versão dele. Qualquer dia, se tiver oportunidade, eu conto o que houve que acabou com a gente. Bom, já vou indo.

— Obrigada pela visita. Fiquei muito feliz.

— Posso te mandar por e-mail os desenhos que fiz essa semana? Só para dar uma olhada?

— Claro. Você tem ele, não é?

— Sim, eu tenho seu e-mail. Te mando hoje ainda.

Despeço-me e vou embora. Chego em casa exausta emocionalmente. Reencontrar Romeo, pegar o bebê no colo, mexeu demais comigo. Abro

a geladeira, vejo o *cheesecake*, tiro um pedacinho e escondo de novo, para não cair em tentação. Tiro minha roupa, tomo uma rápida chuveirada e me sento na sala com o livro que estou lendo.

Antes de começar a ler, porém, recebo uma mensagem no meu celular. Desbloqueio e para meu espanto, leio:

Olá, Angelina,

Esteja na empresa segunda às oito. Teremos uma reunião.

Chegou a hora de tomar posse da minha empresa.

Chefe.

TREZE

ANGELINA

Passei o final de semana na casa dos meus pais. contei para eles sobre Beth, mas não contei sobre Lorenzo ter aparecido. O pior de tudo nem foi brigar com Beth, foi descobrir que terei que aguentá-la na empresa. Fiz o pedido de demissão, enviei para Lucas, mas ele retornou com uma nota dizendo que o tal chefe não aprovou. Que não viu por que demiti-la. Tentei argumentar que ela pegou os desenhos da Olivia, mas ele disse que ela não se apossou dos desenhos para uso próprio e sim para a empresa. Não havia mais nada que eu pudesse fazer. Na segunda-feira, eu terei que encará-la e não só isso, afinal, o novo chefe vai se apresentar.

Nem dormi direito de tanta ansiedade. Até mandei uma mensagem para Olivia, dizendo que o chefe iria se revelar. Eu queria compartilhar a notícia com alguém e eu não tinha ninguém para contar as boas novas. Fiquei minutos olhando para o celular, esperando a mensagem dela, que me pareceu curiosa e eufórica quando respondeu. Disse

que torcia por mim e queria estar presente para conhecer a pessoa.

Eu escolhi um belo vestido, me montei toda, com salto, penteado moderno, joias e uma bolsa que ainda estava na embalagem. Lourdes me fez um chá e eu mordi uma bolachinha de nata. Não descia nada, não tinha fome, o nervosismo estava me consumindo. Saí correndo, entrei no meu carro e às sete e meia, já estava no meio do trânsito do Rio. Minhas mãos suavam segurando firme no volante e eu não queria transpirar, tinha que parecer perfeita.

Durante muito tempo, eu fui a garota da moda, o nome por trás de vestidos invejados pelo mundo. Os vestidos *Madde* tinham e têm minha assinatura. E é isso que tenho que mostrar para essa pessoa, mostrar-lhe que não está lidando com qualquer amador. Eu sou Angelina Velasco.

Quando cheguei à empresa, sorria por dentro, andei firme, desfilando nos meus belos saltos, passando de nariz empinado diante de todo mundo que parava para me olhar. Acenei para alguns, parei

em frente ao elevador e olhei em volta. A movimentação de pessoas do piso térreo começa aos poucos a aumentar.

O dia está começando, as pessoas chegando para o trabalho, a empresa acordando para mais um dia. E isso tudo não seria nada se não fosse por mim. Essa pessoa pode até ter comprado a empresa, mas não a alma dela. No meu andar, dei um bom dia contagiante para todo mundo, caminhei para minha sala e antes de abrir a porta, ouço meu nome, viro-me e vejo Beth vindo correndo.

— Angel, por favor, preciso falar com você.

— Não, Beth. Eu tenho reunião agora.

— Ouça-me um minuto só.

Fecho meus olhos, conto até cinco e balanço a cabeça. Abro a porta, deixo-a entrar e me posiciono atrás da minha mesa.

— Desculpe-me, aquele dia eu estava com TPM.

— Beth, acho que já demos nossos recados.

— Não. Você não entende, eu adoro você, é como minha irmãzinha. Somos da mesma família, não podemos brigar por coisas bestas. Fiquei preocupada por você não ter vindo trabalhar, tentei falar com tio Eric, mas ele não atendeu. — Espero pacientemente ela terminar, meu corpo fervilhando de raiva. Quando enfim fecha a boca, eu falo:

— Acabou?

— Você precisa me perdoar. Você não me demitiu e sei que isso se deve ao fato que ainda somos irmãs de coração.

— Eu não te demiti, porque o novo chefe não deixou. Agora me dê licença que ele deve estar me esperando.

— Ele chega hoje?

— Sim. — Deixo minha bolsa na mesa, pego a pasta que preparei com todos os planos do desfile e os croquis dos principais vestidos. Passo por Beth e a ouço vir correndo atrás de mim.

— Angel, espera.

Não espero. Continuo andando até chegar à sala de reunião, paro na porta e olho para ela.

— Não pode entrar aqui. Você precisa voltar ao seu trabalho.

— Não queira ser minha inimiga, Angelina. — Ameaça, voltando a deixar a máscara cair.

— Não sou, Beth. Na verdade, nem somos nada. — Empurro a porta, entro e bato na cara dela. A sala é espaçosa, com TVs para videoconferências, do outro lado tem o data show para apresentações e no meio a enorme mesa de carvalho americano com as cadeiras confortáveis de couro ao redor. A sala é bem clara por causa das janelas panorâmicas e uma sacada, de onde se pode ter uma vista exuberante da cidade.

À minha frente, na mesa de vinte e quatro lugares, está Lucas. Ele se levanta prontamente quando eu entro.

— Angelina. — Estende-me a mão.

— Lucas. — Aperto a mão dele.

— Como tem passado? — Ele pergunta.

— Bem. Onde está ele? — Vou direto ao ponto. Não estou a fim de papinho de boa vizinhança.

— Está aqui. — Aponta para a porta que dá acesso à sacada. Eu me tremo toda. Mas me mantenho firme.

— Angelina, antes de tudo, quero que saiba que nada é por acaso.

— Ok. — Ele assente, passa por mim, vai até a grande porta francesa e some, dirigindo-se para a sacada. Eu fico enraizada no mesmo lugar. As mãos pingando de suor. O coração batendo no pescoço.

Deus! Ninguém para me apoiar, para estar ao meu lado. Sopro várias vezes para tentar me acalmar, Lucas volta e meu sangue pulsa forte, meus joelhos tremem e minha boca fica seca. Atrás de Lucas vem vindo outra pessoa e quando passa

NACIONAIS - ACHERON

pela porta, eu desabo em uma cadeira. Não sei se passam minutos ou segundos até eu conseguir mover os lábios e dizer:

— Lorenzo?

— Lucas, muito obrigado. Assumo daqui. — Ele fala, sem desviar os olhos dos meus.

— Estarei à disposição. Tenham um bom dia.

Sem ar, meio morta, sem batimentos, com meus olhos saltados, assisto Lucas apertar a mão dele e sair pela porta. Esse não é o meu Lorenzo. Ele não está com roupas casuais, jeans que modelam suas belas pernas, ou camisetas que deixam à mostra parte dos belos braços. Esse aqui, à minha frente, é um ameaçador estranho. De terno, encarando-me sério, as mãos nos bolsos da calça, os cabelos bem penteados, a barba bem recortada. Um empresário, um homem de negócios, não o Lorenzo que eu costumava conhecer.

— O que... — Sopro um murmúrio. — O que está acontecendo? — Ele ergue uma sobrancelha como se dissesse: “ainda não percebeu?” — É
NACIONAIS - ACHERON

você... que...

— Parece surpresa. Se tivesse pensado um pouquinho, saberia.

— Ai, meu Deus! — Abaixo a cabeça e coloco o rosto nas mãos. — Isso não está acontecendo. Não está. Faça-me acordar! Eu estou sonhando.

— Está acontecendo, sim. — Ouço a voz dele, mas não levanto o rosto. — Está na hora de encarar a realidade, Angelina.

Levanto-me bruscamente, toda apavorada. Os cabelos da nuca estão arrepiados.

— Por favor, diga que não é você. Diga que está brincando... eu não quero acreditar que você seria capaz, Lorenzo... — Os lábios dele se esticam e formam um sorriso cruel.

— Se estiver se referindo ao novo dono disso aqui, então sim, eu sou seu chefe.

Coloco a mão na boca. Nosso encontro... foi
NACIONAIS - ACHERON

tudo planejado. Ou melhor... tudo de ruim que me aconteceu, ele foi o culpado? Minha mente roda a toda velocidade, fazendo-me lembrar cada detalhe do que tive que passar, por ordens do chefe.

— Por quê? Por que está fazendo isso?

— Por quê? — Ele ri ironicamente. — Não sabe mesmo a resposta?

— Meu Deus! — Enfio as mãos nos meus cabelos — Lorenzo, por favor, não faça isso comigo, você sabe que tudo que fiz foi engano e que...

— Foda-se! — Ele grita, interrompendo-me. — Estou pouco me importando que foi engano ou que você deixou a vadia de sua prima te manipular. Hoje é meu momento e você vai se submeter a mim.

A fúria parece consumir seu belo rosto. Encolho-me, chocada.

— Você fez tudo? Aquele jantar no restaurante...

NACIONAIS - ACHERON

— Sim, fui eu. O chefe que estava por trás das ordens. — Ele eleva as mãos para cima, satisfeito. — Saboreei cada momento, mostrando que você não é dona do mundo para pisar nas pessoas e ficar por isso mesmo.

Algo vem tomando minhas pernas, sobe pelo meu ventre, acendendo-me toda de ódio. Como uma bala de canhão, voo para cima dele, consigo acertar um soco no peito, mas, rapidamente, Lorenzo me segura e com um pouco de força, me mantém parada.

— Miserável! Desgraçado! — grito a plenos pulmões. — Eu passei todos os dias desses setes anos me sentindo culpada. Eu senti por tudo, Lorenzo. Eu fiquei destruída.

— Era para sentir mesmo. — Ele também eleva a voz. — Você foi a culpada.

Eu puxo minhas mãos e me afasto quase pirada, minha cabeça explodindo de dor e os pensamentos a mil por hora. Não tenho nenhuma reação a não ser enlouquecer ou pirar. Dois

caminhos que dão no mesmo.

— Arreponder-se não muda que eu perdi minha carreira, perdi tudo por sua causa. Se arreponder, só te torna uma covarde.

— Você é covarde! — berro. — Você me fez passar as piores humilhações por trás de um advogado. Se fosse homem o suficiente teria vindo me encarar. Além de covarde, foi traiçoeiro e infantil. Poderia ter vindo conversar comigo e...

Ele gargalha com uma maciça arrogância. Apesar de tudo, continua tão bonito que dá ódio.

— Quem tem dinheiro faz o que quer. Não tenho que te mostrar o quanto sou homem, você já sabe. E agora estou aqui, para continuar te fritando no inferno.

Ando pela sala, segurando firme meu pingente no pescoço. Não há lágrimas, pois a raiva é tanta que nem deixa meu corpo reagir, estou apenas ofegante. Relembro cada humilhação. Ele lá no restaurante me vendo esperar alguém que nunca viria, afinal, ele era o chefe e estava ali me olhando.

NACIONAIS - ACHERON

Eu vestida de noiva no lugar que quase nos casamos, toda luxuosa no bar de strip-tease. Então me lembro do leilão e horrorizada, olho para ele que está me assistindo praticamente no mesmo lugar, tranquilo, sem um fio de cabelo fora do lugar.

— Foi você... no leilão. Você armou aquilo?

— Como é se sentir um pedaço de carne? Como você um dia me acusou de interesseiro e me expôs, eu te expus também, como uma interesseira, capaz de vender o próprio corpo.

As palavras dele me cortam ao meio, A expressão implacável, com o queixo duro, o nariz empinado petulantemente.

— Aquele homem... estava sob suas ordens, não é? Me fez passar aquele terror gratuitamente. Que tipo de pessoa é você? Não te reconheço.

— Não conhece mesmo. Não sou o tipo de pessoa com quem se pode brincar. Arrematei essa merda de empresa, gastei tudo que tinha para te dar o troco, por tudo que você fez.

NACIONAIS - ACHERON

— Tudo que eu fiz foi te amar demais, Lorenzo. E fui enganada... outra pessoa me enganou... fomos vítimas. Eu sofri tanto todos esses anos por ter feito aquilo com você.

— Já disse: foda-se. Pra mim não interessa. O importante é o agora. Ah, Angelina — Ele joga a cabeça para trás e sorri muito feliz, há brilho de divertimento em seus olhos — Vivi cada segundo à espera desse dia, de colocar as mãos nessa empresa, tomar para mim o que te deixa mais orgulhosa.

— Desgraçado... — entre dentes, vocifero. — Filho da puta...

— Sou mesmo. — ele nem se altera — Sou um desgraçado, filho da puta. E você deve saber que desgraçados filhos da puta não aliviam para ninguém. Desgraçados são movidos por ódio, querida Angel.

— Agora eu sei porque seu pai não gostava de você. É um mesquinho asqueroso.

— Isso, me insulte. Coloque mais combustível
NACIONAIS - ACHERON

na minha ira. Você não está nem perto de saber o que preparei.

Em um surto de raiva, começo a derrubar as cadeiras no chão e a gritar feito uma doida; grito apenas “AAAHHHH”. Jogo um laptop na TV, jogo um copo de cristal em Lorenzo, mas ele desvia e continua parado, sorrindo, com as mãos nos bolsos, adorando meu espetáculo.

— Acabou! — Eu grito. — Acabooooou! Não fico mais um segundo aqui. Vai se vingar da puta que pariu. Demita-me, pegue todas as minhas ações, mas é com muita dor que eu deixo a *Madde*, afinal, você já a arrancou de mim.

Ele nem liga para minhas palavras. Continua sorrindo cinicamente. Pego a pasta de croquis. Meu peito está rasgado de dor por decidir deixar a empresa. Deixar tudo para trás. Uma lágrima teima em derramar, mas eu a impeço a tempo, não vou chorar na frente dele.

— Só desejo que ela prospere. Pode ficar com todo o lucro e toda a fama, ficarei feliz apenas em

ver de longe a *Madde* caminhando. É a única coisa que me importa. — Fito-o mais uma única vez, viro-me e caminho para a porta.

— E se a *Madde* não existir mais? — ele murmura, com a voz mansa. Paro no mesmo instante.

— O quê? — Viro-me e fico olhando ele andar despreocupadamente, levanta uma cadeira, senta-se e coloca os pés sobre a mesa. Pega o ramal, aperta um botão e fala:

— Simone, peça para a Beth vir agora à sala de reuniões. — Lorenzo me olha, me sobe uma raiva incontável dessa postura dele, desse seu olhar jocoso.

— Achou mesmo que eu seria tão amador num acerto de contas? Está presa, Angel, minha bela Angel. Está presa a mim. — Agora eu que rio.

— Vai achando, seu pilantra. Saio da *Madde*, mas não te dou esse gosto.

— Você sabe o que a Orfeu faz? — Ele
NACIONAIS - ACHERON

indaga.

— Dane-se.

— Vou explicar. Nossa empresa faz fusões com outras empresas, ou compra empresas falidas, as levanta e as vende novamente ou simplesmente, despedaçamos tudo e acabamos para sempre com uma marca.

Meu sangue congela. Sinto um calafrio me tomar. Minhas cordas vocais não funcionam.

— Vire as costas para mim, saia por essa porta, peça demissão e nunca mais ouvirá falar no nome da sua amada *Mademoiselle*. Acabam todos os seus sonhos, os do seu pai e da sua avó, que Deus a tenha. E se tentar reerguê-la um dia, irá fracassar, pois eu farei tão bem feito que você não vai mais nem vender para lojas de um e noventa e nove. Você sabe, Angel, eu sempre faço bem feito.

— Seus irmãos... Romeo não vai permitir... não vai.

Ele ri mais.

NACIONAIS - ACHERON

— Acha que meus irmãos vão mesmo me deixar para tomar seu lado? Ou melhor, eles já estão do meu lado.

— Ladrão. — murmuro. — Bandidoooo! — Berro. Minhas mãos estão fechadas, com os dedos tão apertados que chega a doer.

— Menos. Está liberada se quiser tirar o dia de folga hoje para pensar. Mas amanhã, quero ver você aqui, trabalhando como sempre.

— Não virei.

— Vem, sim. — Ele afirma mais que convicto — Iremos jantar amanhã à noite, não se preocupe, será por minha conta. E eu te deixarei a par dos meus planos.

— Seu cu! Miserável. — Ele dá uma gargalhada, não falsa e nem de cinismo. Achou mesmo graça.

— Ah, que palavreado decadente. Nem parece uma dama. Haja como uma, Angel, lute com classe, pois se eu for descer para a baixaria também, será

NACIONAIS - ACHERON

bem pior. Agora saia que vou conversar com Beth.

— O que vai fazer? Por que não aceitou que eu a demitisse?

— Porque eu sou o dono dessa porra e decido o que irei fazer. — Fala bruta e eu me viro quando a porta se abre e Beth aparece. Ela olha ao redor, vendo a bagunça da sala e fica pálida, de olhos saltados, quando vê Lorenzo.

— Angel... está tudo bem? — Não respondo. Fico parada no meu canto.

— O que houve aqui? O que ele está fazendo aqui?

— Beth, arrume suas coisas e suma da minha frente. — Lorenzo fala, assim, na cara.

— O quê? — Ela o encara, chocada. Perdeu toda a pose de durona

— É isso mesmo. Eu comprei tudo isso, sou o acionista majoritário, portanto, dono. Vaza da minha empresa. — Beth olha para mim à procura

NACIONAIS - ACHERON

de uma explicação. Eu quero mais que ela se dane.

— Isso... não está certo. Você não pode me demitir. Você...

Ele se levanta, e eu fico com vontade de correr.

— Escuta, garota, você já ferrou demais a vida dessa tonta aí. Então, para que eu não faça coisa pior com você, seja boazinha, passe no departamento pessoal e pegue a passagem para o diabo que a parta.

— Vai ter volta. — Ela fala com Lorenzo e olha pra mim. — Não vai mesmo fazer nada? Vai continuar como uma tonta?

— Quer saber? — Eu grito. — Vão os dois tomar no cu de vocês. Bando de filhos da puta. — Saio correndo da sala e vou para a minha pegar a bolsa e ir embora. Quando vou saindo, Beth me cerca.

— Sabe qual seu problema? — Ela está chorando. — Nunca encarou nada de frente, sempre

NACIONAIS - ACHERON

deixando pra lá...

Olho por trás do ombro dela e vejo Lorenzo lá atrás, parado, olhando a gente.

— Saia da minha frente, Beth.

— Sempre foi a princesa, teve de tudo. Sempre viajou para lugares ricos...

— Saia! — grito e bato nela com minha bolsa.
— Galinha!

— Vai ter que me ouvir. — Ela grita de volta.
— Até com os homens, você que sempre se dava bem. E eu sempre à sua sombra, rastejando, recebendo apenas as migalhas. Mas acaba aqui minha bondade.

— Bondade? Quando você teve?

— Vou acabar com vocês dois. Vocês vão ver.
— Ela promete bem alto para todo mundo ouvir, dá meia volta e sai correndo em direção às escadas. Fico no mesmo lugar, ofegante, tremendo de raiva. Meu olhar se encontra com o de Lorenzo, ergo meu
NACIONAIS - ACHERON

queixo, viro-me e ando para o elevador.



Chego ao meu apartamento totalmente seca. Meio zozza, mas apenas isso. Sem lágrimas. Respiro fundo, recostada na porta, tiro meus saltos, jogo para o lado, pego meu celular na bolsa e sento no sofá. Nada, ninguém para me consolar. Não quero ainda colocar meus pais nisso. Vou passando o dedo na tela, vendo o menu. Toco em músicas.

— Playlist da *bad*. — falo no celular e a voz mecânica repete.

Acionando Playlist da bad.

— Viva voz. — falo.

Ativando som externo.

Vou para a cozinha, abro a geladeira e um familiar toque de música antiga começa a ecoar nas caixas acústicas. Dou uma risada e pego o *cheesecake*. Roxette começa a cantar *It must have been Love*.

— Essa é boa, Rox. — Eu digo para o nada. — É para deixar qualquer um na fossa. — Pego um pratinho de sobremesa, uma colher grande e um garfinho de sobremesa. Coloco na mesa e fico de pé, olhando o enorme doce gelado. Uma lágrima escorre. Estou fazendo de tudo para não me lembrar. Para tentar fazer de conta que é um dia normal, que eu acabei de acordar de um sonho ruim. Querendo eu mesma me consolar. Vai ficar tudo bem, Angel.

Tremendo, parto um pedacinho do *cheesecake*. Outra lágrima escorre e quando Roxette Canta: *“Deve ter sido amor, mas agora acabou. Deve ter sido bom, mas de alguma forma eu o perdi.”*

Então enfio a colherada de sobremesa na minha boca. Com as bochechas cheias, mastigo enquanto derramo mais lágrimas. Engulo, sento à mesa, enfio mais uma colherada no *cheesecake* e como mais.

— Ele não podia ter feito isso... comigo — Lamento. E então desabo num choro compulsivo. A música vai cantando, e eu em um pranto doloroso

com a boca cheia. Eu o odeio tanto. Ah, meu Deus! Como eu o odeio. Choro mais e como mais uma colherada a cada lembrança do nosso passado. O ensaio de casamento, o dia que ele me deu um anel, nossa primeira noite juntos, vão me bombardeando impiedosamente, fazendo-me soluçar pelo choro. Continuo comendo, limpo as lágrimas, dou vários suspiros, como mais e a música muda. Celine Dion, Adele. Só cacetada. Como quase a sobremesa inteira. Minha barriga dói pelo tanto que comi.

— Eu quero matá-lo. — Curvo meu rosto e debruço na mesa. Chorando. — Quero matá-lo. — E quando a música termina e Christina Perri começa a tocar Human, eu me levanto, saio da cozinha e vou para meu quarto. Sento-me em frente ao espelho e começo a me desmontar. Desfaço o penteado, tiro minhas lentes e começo a tirar a maquiagem.

— Vou superar. — falo comigo mesma. — Eu vou superar.

E não choro mais. Apesar de estar tudo dilacerado por dentro, ao lembrar que tudo que

passei foi planejado por uma pessoa, que até ontem, era o centro dos meus sonhos. Termino de tirar a maquiagem e quase tenho um enfarte quando a próxima música começa.

— Aí eu não aceito. — Saio correndo do quarto, indo procurar o celular. — Luan Santana não vai acabar com meu resto de sanidade. — Vou para a cozinha e a música já começou.

“Te falo tanta coisa enquanto tento segurar a lágrima que insiste em cair.”

— Merda! — Desesperada, olho ao redor. — Tudo menos essa música. Já estou toda cagada, descabelada, não quero ouvir isso. — Volto para a sala e não encontro o maldito celular. Tenho certeza de que levei para a cozinha comigo. Vou para o aparelho de som na estante, mexo, mas o que faço é aumentar a música. Fecho os olhos revoltada e corro de volta para a cozinha. Luan canta: *“É só você fazer assim... (estalo de dedo) que eu volto.”*

— Volto porcaria nenhuma. — grito para o nada. — Não volto. — Olho na mesa, na pia e antes

de voltar para a sala, lembro onde está. Abro a geladeira e o celular está lá. Pego-o, desbloqueio e nervosa, falo: — Parar. — Mas nada acontece.

— Pare a droga da música. — Nada acontece.
— Parar a música. — Nada.

Vejo que preciso falar mais nítido para ativar o reconhecimento de voz.

"...Talvez você tenha deixado eu ir

Pra ter o gosto de me ver aqui

*Fraco demais para continuar
Juntando forças para poder falar*

Que eu volto, é só você sorrir..."

— Parar a música.

Parando a música. — E a música para.

— Morre sentado, esperando. Não volto pra lugar nenhum. Não volto para um lugar onde nunca estive. — Grito para o celular na minha mão.

Só que no dia seguinte, às nove da manhã, Lourdes atende à porta e vem me chamar na cozinha.

— Angel, tem visita para você. Está na sala.

— Obrigada, Lourdes.

Eu estou só o pó. Não dormi nada à noite. Tomei calmante, mas tive sonhos ruins, acordei e não quis mais dormir. Estou com olheiras, esgotada, os cabelos numa trança torta e vestindo um robe longo, por cima da camisola. Chego à sala, nem deveria morrer de susto ao ver Lorenzo de terno bem alinhando e muito sério. Bonito de dar raiva.

— Terça-feira, horário de serviço. — Ele aponta para o relógio de pulso.

— Saia da minha casa.

— Angelina, não quero ser muito cretino. Arrume-se e venha comigo.

— Você não entendeu? Não vou voltar para a
NACIONAIS - ACHERON

empresa. — digo em um tom mais alto. — Saia daqui, seu patife de uma figa. Suma da minha frente. Será que não basta tudo que já me fez, me tomou a empresa, o que mais quer de mim? Já venceu, Lorenzo, é sua vitória, vá comemorar com seus amigos. Eu estou no fundo do poço.

Paro de falar e ficamos um olhando para o outro. Ele continua normal, eu me tremendo toda. Se continuar assim, vou enfartar antes dos trinta.

— Saia daqui. — peço mais calma.

— Paga para ver minha próxima jogada? — Ele pergunta calmamente. Muito frio.

— Deixe-me em paz, o que mais quer comigo?

— Fiz uma pergunta. Paga para ver a próxima jogada?

— Pago. — Enfrento-o.

— Então está bem, você escolheu assim. Mandarei um carro te buscar hoje às oito. Esteja
NACIONAIS - ACHERON

pronta para as coisas não se complicarem mais para seu lado.

Ele caminha até onde estou, ajeita a gola do meu robe, sorri e diz:

— Não te odeio, Angel. Somos unha e carne. Não se exalte muito. Vai tomar seu café. Estou te dando o dia de folga. — Ele se vira, abre a porta e vai embora. E eu, mais uma vez, fico na fossa.

QUATORZE

LORENZO

Olhando para o nada, sentado na cadeira da minha sala na Orfeu, raciocino e tento manter o controle para não surtar, não ir à casa de Angelina, arrastá-la de lá de dentro e obrigá-la a voltar para a *Mademoiselle*. Foi mais uma noite quase toda em claro, com os nervos à flor da pele. Mas isso nem é muito o problema, sofro de insônia e dormir três ou quatro horas por noite é normal.

Eu só queria chegar vê-la na empresa para começar os trabalhos que venho planejando há tanto tempo. Mas ela não foi e eu deveria ter adivinhado, estava balançada, tinha acabado de saber que eu sou o chefe da porra toda. E por isso, eu tive um pingo de bondade e lhe dei mais um dia de folga. Por enquanto, alimento-me com a lembrança de ontem, quando ela descobriu quem é o chefe. Foi o ápice para mim. Agora Angelina sabe quem manda e que estou de volta à vida dela.

— Tu vai ficar doido. — Assusto-me com

Romeo que acabou de entrar e eu nem vi. —
Sorrindo aí sozinho para o nada.

Reviro os olhos e me ajeito na cadeira, olho em volta e vejo as pilhas de pastas que eu deveria estar analisando. Ele arrasta uma cadeira e senta-se à minha frente.

— Cara, estamos atrasados para irmos à reunião e você aí voando. — Coço meus olhos, sopro longamente e Romeo continua: — Só não quero que essas suas merdas respinguem em mim ou na Orfeu. — ele me avisa, faço uma careta como resposta. — Não acha que já deu, mano? A mulher tá toda fodida. Já foi humilhada de diversas formas, você já arrancou tudo dela...

— Não. — murmuro. — Veio aqui para isso? — Olho para ele. — Advogar em defesa dela?

— Lorenzo, sabe que estou sempre do seu lado, mas aí tá difícil te defender. Magno me contou...

— Magno não sabe de nada.

— Ela já sabe pelo menos? Que você está fazendo tudo isso?

Começo a me irritar com esse papinho de falsa ética dele. Romeo se infiltrou em um casamento, roubou a mulher do cara e agora acha que pode vir me dar conselho. Entretanto, preciso conversar com alguém, falar sobre o assunto ajuda a aliviar o estresse. Deixo as pastas de lado. Estava fingindo que estava lendo. Recosto na cadeira.

— Sim. Ontem foi o grande dia. Ela quer dar o fora agora, vazar.

— Vazar?

— Se demitir, abandonar a *Mademoiselle*.

— Sério? Achei que ela morreria pela empresa. Olivia me contou como Angelina é apaixonada pela marca.

— Eu também achei. — falo pensativo — Mas ela pareceu decidida.

— Caraca! Então a facada foi violenta na
NACIONAIS - ACHERON

coitada, ela não aguentou. Arregou na primeira.

Relembro, num flash bem poderoso e rápido, todas as coisas pelas quais ela passou. A foto dela no bar stripper, toda luxuosa, a foto dela vestida de noiva onde iríamos nos casar, o vexame no leilão. Arrepio-me e meu coração começa a bater apressado. Fecho minhas mãos e respiro fundo.

— Só que eu já previa isso. Tenho meus meios de não deixá-la dar pra trás.

— Como vai fazer? Amarrar ela na empresa?
— Romeo debocha.

— Não. Apenas lhe darei opções. Sou uma pessoa democrática, Romeo.

— É, eu sei que é. — Ele ironiza.

— Sou honesto, acima de tudo. Vou dar-lhe várias escolhas.

— Ainda bem que tu é meu irmão. Não quero nunca ser seu inimigo. E aí? Teve lavagem de roupa suja? Ela explicou que porra toda foi aquela
NACIONAIS - ACHERON

no dia do casamento?

— Sim. A prima, aquela que sempre anda com ela, lembra?

— Hum... acho que sim. O que ela fez? Fofoca? Como em novelas das oito?

— Mostrou uma gravação minha conversando com Eric, distorceu tudo, a tola da Angelina acreditou e o resto você já sabe.

— Ué. — Ele franze a testa. — Mas então teria que se vingar da prima. Já que ela armou tudo.

— Das duas. Porque se ela tivesse pensado antes de agir, não teria feito o que fez.

— E o que vai fazer com a prima?

— Tenho meus planos para ela. Beth é gananciosa e acha que tem uma mente brilhante. Dei a corda para ela mesma se enforcar. Estou um passo à frente delas, Romeo. Assisti tudo o que se passa naquela empresa.

PERIGOSAS

— Isso é bem bizarro. Você fica vendo aquelas imagens o dia todo.

— Necessário. — Dou de ombros.

— E depois de tudo? Depois que se vingar, levar a mulher ao manicômio e o escambau?

— Ninguém deixa de aproveitar a vida porque sabe que um dia vai morrer. É uma coisa de cada vez, Romeo. Meus planos futuros não tem nada a ver com os de agora. — Romeo se levanta.

— Bom, como eu disse, só não quero que essa carnificina respingue em mim.

— Não vai. — Prometo. Levanto-me e abotoo meu terno. — Já está indo?

— Sim. Quer uma carona?

— Claro. — Arrumo as pastas, pego minha bolsa e saímos da sala. De longe, já vejo Amadeo e Magno perto do elevador, conversando. Magno ri e Amadeo parece taciturno.

NACIONAIS - ACHERON

— Amadeo por aqui? — Romeo questiona.

— É, apareceu. Não estou suportando mais. Está acabando com minha geladeira e minha paz.

— Você por aqui? — Romeo aperta a mão de Amadeo quando chegamos perto deles. — Aceitou, enfim, a proposta de trabalhar conosco?

— Não.

O elevador abre e nós quatro entramos. Antes de Amadeo explicar, Magno se adianta.

— Ele conheceu a Kate, Romeo. — Rindo, Magno delata. — Agora veio me pedir uma opinião, perguntar se eu já a conheço.

Romeo e eu rimos.

— Aquela ali é osso duro. — Eu já adianto.

— Amadeozinho acha que tem alguma chance. — Magno provoca. — Eu já avisei que ela é doida por outro Lafaiette. Se eu quiser, faço assim — Ele estala os dedos — E ela vem correndo para

meus pés.

— Quer uma aposta? Para ver quem pega primeiro?

— Comigo? — Magno gargalha. Romeo e eu apenas assistimos os dois batalharem. — Cara, seria desvantagem pesada contra você. — Magno alfineta. — Não há disputa quando eu estou no páreo, ainda mais se tratando da Kate.

— *Usted* com ciúme, magnânimo? — Amadeo indaga, cinicamente.

— Ciúme? E o que é isso? — ele debocha.

Eu dou um bocejo de tédio para os dois.

— Amadeo, pegue suas coisas e vá para a casa do Magno. Vou receber uma pessoa em casa. — Minto. Só para ele pegar as tralhas dele e ir embora.

— O quê? Na minha casa, não. — Magno se adianta.

— Que recepção calorosa. Isso por que são meus primos.

— Não quero saber. — Dou as costas para sair. — Quero paz na minha casa.

— Venha, Amadeo — Romeo fala com nosso primo. — Tenho uma ideia perfeita para onde você pode ir e ainda ganhar do Magno nessa disputa sem noção. Se Kate e Olivia sonham que esse diálogo ao menos existiu...

— Sobra para você — completo, saindo do elevador com Magno. Amadeo vem atrás, escutando Romeo dar dicas inaudíveis.

Preenchi o resto do meu dia trabalhando na Orfeu para tentar me distrair. Reuniões costumam me distrair, mas hoje não deu muito certo. Tivemos duas, uma na Orfeu e outra em uma empresa que estamos fazendo negociações. A todo instante me via devaneando e Romeo me cutucava. Eu só pensava nos meus próximos passos contra Angelina. E esses planos tomam praticamente todo meu tempo do dia. Deito e levanto remoendo e

planejando. Não queria que mexesse tanto comigo.

Depois que saí da Orfeu, passei no escritório de Lucas, peguei os documentos que ele preparou para mim e fui embora me preparar para o encontro logo mais à noite. Como será mais briga do que jantar, não iremos à um restaurante. Pedirei ao motorista que traga Angelina para meu apartamento. Já preparei tudo para recebê-la. Uma vez dentro do meu espaço, ela só sai quando eu quiser. Por isso, Amadeo tinha que sumir. E isso, graças aos céus, aconteceu.

Eu cheguei e ele estava lá com suas bolsas prontas no chão da cozinha, terminando de nocautear minha geladeira e batendo papo com Romeo. Minha casa é a mais esculhambada que tem, parece prefeitura, o povo entra e sai quando bem entende.

— Já estou de saída. — Amadeo avisa assim que me vê. — Vou trabalhar na Orfeu por alguns meses para pagar meu aluguel.

— É? Já tem lugar para morar?

— Consegui um lugar para ele. — Romeo fala e se levanta. — Agora vamos que preciso voltar para casa. — Ele dá um tapinha nas costas de Amadeo. — Oly deve estar preocupada.

Eles foram embora deixando a cozinha em estado de calamidade. Mais que depressa, subi, tirei minha roupa, fiquei só de bermuda para arrumar a bagunça. Odeio bagunça. Eu me coço todo, como se fosse alergia. Havia panelas sujas, respingos de molho no fogão, pratos, copos sujos e farelo de pão no chão. Não sei cozinhar, mas para limpar, não há alguém melhor que eu nesse ramo.

Varro a cozinha, passo um pano úmido com desinfetante, lavo tudo que está sujo, enxugo e guardo no seu devido lugar. Limpo as marcas de mãos na geladeira, nos vidros da copa e na bancada. A cozinha ficou habitável novamente. Corro para a sala e dou uma limpada rápida antes de preparar a mesa para o jantar. Peguei um aparelho de jantar marroquino que minha mãe comprou por uma fortuna, lavo com cuidado todas as peças e distribuo sobre a bancada na ordem certa de entrada, prato principal e sobremesa. Na mesa,

dispus os talheres e as taças.

Tomei um banho e liguei para o restaurante, pedindo a comida. Arrumei-me e às oito horas o motorista já tinha saído para ir buscar Angelina. Fiquei na minha sala, caminhando nervoso, como se fosse um americano de 17 anos no dia do baile de formatura, esperando sua companheira. Eu tenho necessidade de mostrar a ela que não estou na sarjeta como me desejou anos atrás. Ao contrário, hoje eu que mando. E para isso, tudo tem que estar impecável.

A comida chegou, coloquei no forno para não esfriar e com uma taça de vinho, continuei esperando. Até às oito e quarenta quando bateram na porta e eu corri para abrir. Respiro rápido, ajeito minha camisa e abro a porta. E para meu espanto quem está de pé é o motorista, sozinho, meio pálido. Só tem vinte e três anos, é motorista da Orfeu e está começando. Está com cara de que fez merda.

— Desculpe, senhor Lorenzo. — Ele fala sem graça. — A senhorita Angelina não quis vir.

— Como assim não quis vir? O que ela disse?

— Posso dizer com as palavras dela?

— Desembucha.

— Abre aspas, fale com seu chefe que eu tenho um encontro agora com o Noah, um homem maravilhoso que vai me fazer gritar de prazer e não de raiva. Diga para Lorenzo pegar as chantagens dele e enfiar no...” naquele lugar, senhor. Fecha aspas.

Não desconte no mensageiro. — É o que penso antes de fazer qualquer coisa.

— Fique no aguardo se eu precisar. — digo somente.

— Sim, senhor. — Ele se vira e sai. Fecho a porta e preciso me controlar para não derrubar minha casa. Acabou de chegar uma nova TV e não posso quebrá-la de novo. Caminho de punhos cerrados, entro na cozinha. Os vidros que quebrei no dia do leilão já estão repostos, Vilma comprou pratos, taças e vasos novos, para repor os que eu

NACIONAIS - ACHERON

quebrei. Olho para os pratos marroquinos enfileirados e tenho vontade de quebrar um por um na cara do Noah. Aquele filho da puta infeliz vai me pagar. Pego meu celular, bufando de ódio, ligo para o detetive.

— Preciso que vá imediatamente para o prédio de Angelina. — mando na lata, assim que ele atende.

— Ok. Estou saindo agora.

— Pergunte ao porteiro se ela saiu, se não saiu ainda, espere.

— *Tá.* Ligo assim que chegar lá.

Digito o número dela e coloco o celular no ouvido. Caminho para a sala. É melhor eu ficar longe dos pratos que eram da minha mãe. Para minha surpresa, Angelina atende.

— Tínhamos um acordo, Angelina. — Falo com mansidão, escondendo minha revolta.

— Não tenho nada com você. Deixe-me em
NACIONAIS - ACHERON

paz.

— Onde você está? — Tento não gritar.

— Não é da sua conta, mas já que quer saber, estou nesse momento indo a um restaurante italiano com o Noah. Ouviu? NOAH. Para de me ligar, para de me importunar, eu já deixei claro que não vou me submeter aos seus joguinhos de merda.

— Não vai, é? Não pague para ver. Está começando a me tirar do sério.

— É? Vai ficar putinho? Quer saber a novidade, meu bem? EU JÁ ESTOU PUTA HÁ MUUUUITO TEMPO! Cansei de ser boazinha com todo mundo e o povo só me fode. Então volte para o lugar de onde você veio, se voltou depois de sete anos só para me atazanar, fique sabendo que eu já tenho demônios demais para cuidar. Beijos, querido, fique com Jesus. Você precisa dele. — Desliga na minha cara, e eu aperto o celular na mão.

Respiro tanto para não quebrar a parede usando o celular. Até parece que vou ter um parto

NACIONAIS - ACHERON

pelo tanto que respiro rápido, inspirando pelo nariz e soltando pela boca. Fico recitando um mantra: “Minhas coisas não têm culpa. Não posso quebrar nada”. Mesmo assim, não consegui. Puxei a camisa, os botões voaram longe e ela quase se partiu em duas.

Fico no sofá sentado, quase tendo um AVC, até o celular tocar e eu receber a notícia que me deixou aliviado. Era o detetive.

— Lorenzo, ela acabou de sair sozinha. — disse assim que atendi.

— Ok. Pode segui-la.

Enquanto ele seguia, eu andava na sala, com o celular no ouvido e o detetive me dizendo o que estava acontecendo. Ela dirigiu pela cidade, sem destino, por longos minutos. Depois parou numa lanchonete *drive-thru*, fez um pedido e voltou sozinha para o apartamento. Antes de desligar, só para prevenir, eu pedi que ele desse uma olhada na vida do Noah, para ver se descobre algo para uma possível eventualidade.

Safada mentirosa. Eu gargalhei quando encerrei a ligação. Amanhã ela me paga. Farei ela voltar à empresa a força e quando ela estiver lá, não sairá mais.

Vou para a cozinha, pego a comida que comprei, junto tudo num prato fundo, esquento no micro-ondas, pego o celular, dispenso o motorista e vou para a sala assistir televisão, comer e terminar de beber o vinho que abri.



Estou quase dormindo. O cansaço me pegou e meu cérebro está se desligando automaticamente. Como nos filmes do Freddy Krueger, tento ficar acordado, sentado, olhando para a sala branca à minha volta. Tudo muito claro, sei que é noite, mas a luz acima é muito clara. Abraço com força meu corpo magro de adolescente e tento segurar mais. Meu coração acelera, minha cabeça lateja e então começo a cochilar. Nesse instante, a porta se abre para meu terror.

“Não. Eu não estava dormindo. Por favor, eu juro! Eu estou acordado! Nãaaoo!”

Meus gritos de desespero me fazem acordar todo suado com batimentos que parecem que eu estava numa maratona. Pulo da cama e busco ar, corro para o banheiro e lavo meu rosto.

Passou. Foi um sonho. Passou. — repito várias vezes mentalmente e me olho no espelho. Recuso encarar minha aparência. Volto para o quarto, pego meu celular, são três da manhã. Aperto um número de chamada rápida e em três toques uma voz sonolenta atende.

— Doutor Estevão. Aqui é Lorenzo.

— Ah, oi, Lorenzo. Teve outro sonho?

— Foi. Está mais frequente.

— Tome uma banda de calmante dessa vez, não pode tomar sempre, seu sono precisa ser natural.

— Eu sei. Mas está difícil.

— Venha ao meu consultório amanhã, sem falta.

— Irei.

— Como foi o sonho?

— Do quarto branco... do sono...

— *Tá*, vamos falar sobre isso amanhã. É uma lembrança que veio em forma de sonho. Agora você vai tomar uma banda do comprimido, com meio copo de leite morno, não acenda a luz, mantenha apenas a do banheiro acesa. Deite na cama e faça os exercícios de contrair os músculos e relaxar.

— Farei isso.

— Lembre-se sempre: você controla sua mente. Me ligue se tiver qualquer contratempo.

— Muito obrigado, doutor. Boa noite.

Consegui dormir mais duas horas. Desde que tudo aconteceu, há uns dezesseis ou dezessete anos atrás, eu vivo assombrado por terror, provocado pela minha própria mente me trazendo lembranças. Doutor Estevão sempre diz que devo encarar os
NACIONAIS - ACHERON

fatos, que devo me abrir totalmente com alguém, encarar que isso aconteceu, relembrar, remoer, para que, quando as lembranças vierem, não me assustem tanto.

Acordei às cinco da manhã, tomei uma chuveirada e fui correr. Corri até seis e meia e voltei para me arrumar. Hoje Vilma não veio, então eu preparei meu próprio café. Estava faminto e me sentindo cansado. A cabeça ainda latejando, acho que por que tomei calmante e mesmo assim acordei antes da hora. Saí de casa às oito e fui direto para o consultório do doutor Estevão. Fui o primeiro a ser atendido.

— Você parece bem. — Ele disse ao me receber. Esse homem tem me mantido em equilíbrio por anos a fio. Acompanha-me desde quando eu tinha quatorze anos e estava quase enlouquecendo. Ele é um psiquiatra e tem me ajudado a manter tudo apenas dentro de mim. Outras pessoas não precisam saber o que acontece na minha vida.

— Fui correr hoje pela manhã.

PERIGOSAS

— Era para estar acordando agora. Já te disse para não acordar cedo quando tomar calmante. — Ele me dá uma bronca.

— Eu sei, mas foi inevitável. — Sento-me em uma poltrona e ele senta na outra, de frente para mim.

— O que acha que aconteceu para os pesadelos estarem voltando com tanta frequência?

Foi depois que comecei a mexer com Angelina. — Penso.

— Bom, tenho uma ex-namorada.

— A Angelina. — Ele antecipa.

— Sim. — Ele sabe tudo da minha vida. Menos que eu armei um plano para sabotar a empresa dela.

— Ela te procurou?

— Eu a procurei.

NACIONAIS - ACHERON

— Foi depois dessa reaproximação que os pesadelos começaram?

— Sim. — Na verdade foi bem antes quando comecei a planejar tomar a empresa.

— Por que a procurou? Você deseja uma reconciliação ou pensa em fazer mal para ela? — antes de eu responder, ele avisa — Quero te lembrar que não pode culpar ninguém pelos seus traumas.

— Não culpo, o maior culpado de tudo não está mais aqui para pagar. Mas ela me causou outro mal diretamente.

— Ainda não consegue perdoá-la?

— Não.

Ele cruza as pernas e fica bem sério.

— Lorenzo, o rancor que você guarda do seu pai e da Angelina te coloca diretamente numa zona de risco. No fim, você é o mais prejudicado.

— Eu estou bem.

— Não está. Você me ligou trêmulo, às três da manhã. Ao se reaproximar dela, despertou coisas adormecidas em sua mente. Você precisa se afastar dela. Liberte-a, siga sua vida.

— Impossível.

— Gosta dela?

Engulo em seco e ele firma meu olhar, analisando-me.

— Não.

— Odeia ela?

— Mais ou menos.

— Acha que pode conseguir alguma coisa daquilo que tinha com ela no passado?

— O quê?

— Talvez por que ela te fazia esquecer seu

passado terrível. Naquela época que vocês namoravam, Angelina te colocou nos eixos.

— Isso não é verdade. — Interrompo-o.

— Estou falando, espere. — ele estende a mão para eu me calar — E agora, sua mente a vê e inconscientemente acha que ela vai te deixar em paz novamente.

Fico sem resposta. Ele sabe que os meses que fiquei com ela foram os meses que eu estive mais próximo de uma vida normal. Não precisava me arrebentar no ringue e nem mergulhar. Eu, simplesmente, só tinha mente e olhos para ela, e ensinar o melhor da vida para uma garota rica e fresca. Eu vivia meus dias para mostrar mil coisas a Angelina. Abaixo a cabeça e nego, balançando o pescoço.

— Podia ser naquela época. Não hoje.

— Ok. Vamos falar do seu sonho. Depois falaremos sobre o que passou no dia do seu quase casamento.

Termino a sessão e vou direto para a *Mademoiselle*. Mal posso esperar para olhar de novo na cara dela e mostrar o que a espera. Como eu previa, ela não veio. Então vou à mesa de Simone e peço como um cavalheiro. Docemente.

— Olá, Simone. — Jogo todo o charme que sou capaz de elaborar.

— Oi, Lorenzo. — Os olhos dela brilham.

— Já sabe dos boatos que eu sou o novo chefe, não é? Só falta oficializar.

— Sim. Fiquei sabendo. Seja bem-vindo.

— Obrigado. Estive observando que a Angel não tem vindo.

— Sim. Ela me ligou a pouco perguntando como estavam as coisas aqui.

Ótimo, ela não se desligou da empresa. — Penso, sorrindo por dentro.

— Quero que ligue para ela e diga que eu
NACIONAIS - ACHERON

estou aqui acompanhado na sala de reuniões, com membros do conselho e vários acionistas. Diga a ela sobre mudanças radicais na *Mademoiselle*.

— Teremos mudanças? — Ela me encara aflita.

— Em breve, saberá. Não diga que eu te pedi para ligar. Avise num tom de fofoca, faz isso por mim? — Toco no queixo dela.

— Claro — ela murmura, hipnotizada.

— Muito obrigado, te devo essa. Estarei na sala de reuniões.

Entro na sala. Sento-me, ajeito a papelada na mesa, tiro meu terno e calmamente começo a dobrar as mangas da minha camisa. Agora é só esperar a vaca louca entrar. Ela vai chegar com sangue nos olhos e eu a receberei por igual.

Até que eu estava pensando em aliviar para ela. Teríamos um bom encontro e dependendo da conversa não usaria essa carta na manga. Mas ela escolheu assim...

PERIGOSAS

Ela nem sabe ainda, que o jogo começa mesmo a partir de agora. Antes era só aquecimento.

NACIONAIS - ACHERON

QUINZE

ANGELINA

Ontem pela manhã, depois que o miserável saiu da minha casa, eu quis dar uma de Katy Perry e explodir feito fogos de artifícios. Porém, seria de raiva. Uma explosão como uma supernova. Isso é o que acontece quando uma estrela explode. Uma supernova. E eu sou uma estrela prestes a explodir.

Fiquei andando sem parar na sala, até Lourdes aparecer para ver o que estava acontecendo. Claro que eu não falei para ela. Quer dizer, não sei se conto para alguém o que Lorenzo está fazendo isso comigo. Nem eu mesma estou acreditando. Como ele pode ser tão frio, maldoso e rancoroso? Como pode ser tão manipulador? E eu quase caí naquela conversinha mole de que ele tinha feito um ato heroico.

Pensei em contar aos meus pais, porém, ainda não quero meu pai invadindo algum lugar para bater no Lorenzo e ser levado para a delegacia por agressão. A rixa de Lorenzo é comigo, eu que tenho

que resolver a situação. Em um lampejo de ideia, pego meu celular e sento-me. Tem o Noah que pode me ajudar. Eu posso contar tudo para ele, Noah é o aliado perfeito para estar ao meu lado. Ninguém atende. Cai na caixa postal. Deixo uma mensagem para ele me retornar, desligo e fico pensativa. Olho no relógio e passa das nove. Pego meu celular de novo e ligo para a empresa para falar com Simone.

— *Mademoiselle*, bom dia, com quem eu falo?

— Simone, é Angelina. Lorenzo está por aí?

— Não. Ele passou aqui, perguntou se você tinha chegado e depois saiu correndo e não voltou mais.

E veio até aqui em casa. — Penso.

— Tudo bem, Simone. Hoje eu não irei. — *Nem nunca mais*. Decido intimamente.

— Tudo bem. Qualquer coisa te ligo.

Eu desligo e recosto no sofá, pensando nessa
NACIONAIS - ACHERON

minha decisão de abandonar a *Mademoiselle*. Quer dizer, ainda não é uma decisão definitiva, preciso conversar com o advogado da minha família, ver as possibilidades. O que eu sei é que dói muito só de pensar nisso. Mas não há mais nada que eu possa fazer.

Lorenzo está disposto a me fazer sofrer e eu não vou dar-lhe esse gosto. Se eu sair de lá, ele que perderá, afinal, eu sou o nome por trás de cada novo vestido que é apresentado nas passarelas e em boutiques do país e do mundo. Claro que ele pode fazer a *Madde* prosperar e isso me deixará feliz. Feliz e ganhando, afinal, eu não estarei lá dentro, mas continuarei sendo acionista.

Indiretamente, ou diretamente, eu ainda serei a Angelina da *Mademoiselle*. Mas, por outro lado, Lorenzo pode querer acabar com tudo, só para me fazer sofrer. Fechar a empresa e declarar falência da marca seria a pior coisa que poderia acontecer. Preciso me preparar contra Lorenzo. Se eu tivesse algo contra ele...

Corro, pego meu notebook e digito na barra de

pesquisa: Lorenzo Lafaiette Roriz. Muita coisa aparece. Mas nada do que eu já não saiba. Procurei bastante, mas nenhuma fofoca secreta, nem nada. Tem matérias sobre o nosso quase casamento, vídeos da época em que ele lutava, muita coisa, menos algo bem cabeludo.

Fui clicando em várias páginas, já estava em mais de vinte, estava quase desistindo quando vi algo que poderia servir. Cliquei e era uma página de um jornal que eu desconheço. A data da notícia é de muitos anos atrás, o site disponibiliza jornais antigos, da época que poucos tinham computadores e internet, em formato PDF. Não parecia coisa importante, era apenas uma nota. Abri o arquivo e me deparei com algo parecendo um *print* do jornal de papel. Não havia muita coisa, apenas um parágrafo:

“Manuel Lafaiette, herdeiro da empresa Orfeu, foi encaminhado à delegacia para prestar esclarecimento sobre acusação de maus tratos contra o filho mais novo. O próprio filho, L. L. R. o denunciou. Manuel e a esposa desmentem as acusações. Ele foi liberado após averiguações.

Segundo o advogado da família, o filho de quatorze anos foi movido por rebeldia, já que o pai costuma ser precavido na criação dos filhos.”

Fico com a pulga atrás da orelha. Quatorze anos foi a época em que Lorenzo começou a frequentar o Búfalo. Será que o pai tentou tirá-lo de lá e Lorenzo usou uma de suas tramoias contra o próprio pai? Não é de hoje que ele planeja contra as pessoas, que canalha! Vou para a barra de pesquisa e digito: *Manuel Lafayette acusado de maus tratos contra o filho.*

Mas não aparece nada de novo. São jornais antigos em formato PDF, entretanto nada de novo. Deixo o computador de lado quando meu celular toca. Na tela, o nome de Noah. Fecho o notebook e me levanto num pulo.

— Oi, Noah.

— Oi, Angel. Vi sua mensagem. Está precisando de alguma coisa?

— Não... eu só te liguei para te chamar para sair hoje, conversar...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Oh, eu adoraria, mas não estou no Rio hoje. Só volto no fim de semana, estou fazendo um trabalho aqui, em São Paulo.

— Ah! Que pena. — Sinto um início de preocupação, com desespero. E agora? — Tudo bem, fica para o sábado.

— Sábado está marcado. Está tudo bem?

— Está. Tudo ótimo. — Não vou contar-lhe por telefone, sendo que ele está em outra cidade.

— Qualquer coisa não deixe de me ligar, tudo bem?

— Tudo bem. Obrigada. Beijos.

Desligo e tenho vontade de gritar. Seria a melhor coisa, quando o motorista viesse me buscar, dar de cara com Noah aqui saindo comigo. Não vou a lugar nenhum com Lorenzo, não vou mesmo. Quero ver se ele vai invadir minha casa para me obrigar a alguma coisa.

NACIONAIS - ACHERON

E quando a noite chegou, eu já sabia exatamente o que fazer. Não vou a jantar nenhum, ele que espere sentado. Digo as palavras exatas ao motorista, sei que ele não é culpado, mas nem espero ele reagir. Peço licença e fecho a porta. Ele sai e eu me jogo feliz no sofá. Sorrindo, querendo ver a cara dele quando o motorista chegar lá sem ninguém. Começo a assistir um filme, sem deixar de pensar no assunto. Lorenzo vai se morder de ódio. Ele pode até... Dou um pulo do sofá. Ele vai vir para cá.

Corro, tomo um banho rápido, visto uma roupa adequada, pego o carro e saio para dar umas voltas. Sem destino, sem lugar exato, só mesmo para não estar em casa quando ele chegar cuspiendo fogo. Aproveitei que já estava toda ferrada mesmo, passei numa lanchonete e comprei hambúrguer, fritas e refrigerante. Voltei para casa meio temerosa, com medo dele estar de prontidão. Mas não estava, então entrei, comi, assisti televisão até ter sono e fui dormir.

Tomo mais uma banda de calmante para não ficar pensando coisas. Quero dormir logo e não

ficar remoendo tudo o que está acontecendo comigo, tudo o que aquele miserável, que eu tanto amei, está aprontando para cima de mim. Preciso remarcar as consultas com doutor Geraldo. Eu mal estou conseguindo ler uma página do livro. Eu estava até bem, mas depois que tudo isso começou a acontecer, estou com medo de ter um ataque de nervos.

Pretendo acordar e ir para a casa dos meus pais. Não consigo mais ficar sozinha. Estou aflita, ficando doente, paranoica. Preciso de companhia. Mas esse meu plano não acontece. Às nove da manhã, levantei, tomei um banho e liguei para Simone para saber como tudo estava. De jeito nenhum consigo me desligar da *Madde*. Estava tudo bem, fui tomar café e pouco depois Simone retornou e me contou que Lorenzo tinha chegado lá e iria se reunir com o conselho e com alguns acionistas.

Quase tive um enfarte ao ouvir o que ela disse. Eu sou a segunda maior acionista, qualquer decisão eu tenho que estar perto. Por mais que tenha dito que não iria interferir, que não voltaria para a

Madde, simplesmente não dá para apenas desligar e ficar por isso mesmo. Não dá. Eu trabalhei arduamente por aquela empresa, eu gastei noites sem dormir bolando modelos, eu fiz o que pude para não deixar que o banco a tomasse, não posso deixar Lorenzo destruí-la por capricho. Ou, pelo menos, não posso ficar aqui parada sem saber o que ele está aprontando.



— Bom dia, Simone. — Do alto dos meus saltos, com meus cabelos em um rabo de cavalo e um vestido preto, para mostrar meu luto, chego à empresa. Paro na mesa de Simone. — Cadê o sujeito?

— Bom dia. Está na sala de reuniões.

— Obrigada. — Caminho desfilando, aceno para alguns funcionários, lembrando de manter sempre meu nariz em pé. Não bato na porta e nem anuncio minha chegada, empurro e entro. Fico paralisada ao ver que não está lotada de pessoas. Tem apenas uma. Lorenzo. Está lá, sentado tranquilamente, olhando para a porta como se

esperasse minha chegada. Um sorriso cretino na boca. Descaradamente, passa os olhos pelo meu corpo.

— Eu devia imaginar. — Reviro os olhos. Ele se levanta, eu dou um giro nos meus saltos para correr, mas sou impedida. Esse homem deve ter parte com o chifrudo. Em um segundo, eu já estava presa contra a parede e o corpo alto dele.

— Quer fazer o favor de me deixar passar? — peço com educação, sem querer tocar no corpo dele para empurrá-lo.

— Você não apareceu ontem.

— Ah! Percebeu?

— Estou mais furioso do que antes.

— Dane-se.

Com as costas do dedo indicador, ele acaricia minha bochecha. Os olhos vidrados em meu rosto. Movo a cabeça para o lado.

— Você tem sorte, Angel.

— Eu? Com sorte?

— Sim. A fúria não me deixou totalmente tirano. Vou te dar duas opções.

Engulo em seco, não desvio dos olhos brilhantes dele. Ele está adorando mesmo cada instante, dá para ver em seu olhar. O Lorenzo que eu amei não era tão frio e cínico. Sem falar que está tão perto, prendendo-me na parede. Sentir o cheiro dele assim me dá raiva.

— Você já não fez demais? — Tento apelar para o emocional. — Olha só à sua volta. Me tomou a empresa, humilhou-me. Eu estou sem nada e sem ninguém. Estamos quites!

— Nananinã. — Ele balança o indicador na frente do meu rosto. — Eu estava disposto a conversar, preparei um jantar...

— Você? Nem sabe cozinhar.

— Escolhi os melhores pratos, apesar de você
NACIONAIS - ACHERON

não merecer. Estava disposto, Angel, juro que estava disposto a conversar com você. Mas, então, decidi se fazer de engraçadinha e mandou recado malcriado pelo meu motorista.

— Você é tão besta.

— Agora vou te prender a mim, pelo tempo que eu quiser.

— O quê? — Rio na cara dele. Literalmente. Nossos rostos estão a centímetros de distância. — Me prender? Você precisa da ajuda de um especialista.

Ele fecha a cara e eu paro de rir para não cutucar mais o bicho. Está com cara de demônio.

— Você vai se submeter a mim, ficar dois meses até o desfile *Supreme*, sob minhas ordens, em tudo, profissional e pessoal. Terá que seguir cada coisa que eu disser. E ainda será minha do jeito que eu quiser.

Antes eu fico boquiaberta, depois meu corpo reage e me sobe uma leve raiva.

NACIONAIS - ACHERON

— Jamais. Sonhe mais, lindo.

— Por dois meses. — Ele repete bem contundente — Aí, depois disso, te devolvo parte de suas ações. Apenas parte, para que você consiga de volta a presidência.

— O quê? Vai... simplesmente, me devolver?

— Parte de suas ações. Eu disse, sou uma pessoa democrática.

Sei que isso é uma grande armadilha. Olho bem para a cara dele. Tão dissimulado esse meu ex. Eu preciso ser firme, não vou cair em joguinho nenhum. Levanto o queixo.

— Não quero. Nunca vou aceitar.

— Talvez isso te ajude a decidir: sabe aquela lojinha da rua do Ouvidor? Aquela que você ama, que você me levou lá, onde a *Mademoiselle* começou, onde sua avó começou a vender os vestidos que ela fazia? Que ainda atrai multidões de pessoas para conhecer?

Não respondo. Sinto meus olhos saltarem, sem entender onde ele quer chegar. Mas posso sentir que não é coisa nem um pouco boa. Lá vem bomba na minha cara.

— Tem também uma bela casa de campo, onde seus avós passaram o resto dos dias, aquela casa que é o canto sagrado do seu pai...

— O que quer... dizer com isso?

— E por último, um belo apartamento, em um prédio de luxo...

— Fala! — Grito e bato no peito dele. — O que está querendo dizer?

— Tudo meu.

— O quê?

— Pois é. — Ele ergue os braços num gesto de “infelizmente” — Seu pai foi bem tolo em deixar tudo no nome da empresa. Lucas descobriu isso e antes de você reclamar, passei tudo para o meu nome. Aceite, Angel, fique comigo por dois meses

NACIONAIS - ACHERON

ou posso acabar com tudo.

— Para! Para! O que tá dizendo?

— Vou vender a lojinha, demolir a casa que sua avó passou os últimos dias e ainda te despejar do seu apartamento, ou melhor, meu apartamento.

Quero gritar, chorar, bater nele. Matá-lo, na verdade. Mas apenas desabo. Sem mais forças para lutar, só não caio no chão. Fico inerte, apenas olhando para o rosto dele. O que senti por ele e que ainda sinto, faz doer muito, vendo-o fazer tudo isso.

— Olha só para nós dois. Tudo que juramos...

— Você jogou fora. — Ele completa.

— O que podemos fazer dois meses juntos, Lorenzo? Nos odiamos...

— Não te odeio. Já disse.

— Você já tem tudo. Ainda quer tirar de mim as coisas boas que me restam.

— Você tirou de mim a única coisa boa que me restava.

— As lutas?

— Muito mais que apenas as lutas, Angelina. Te devolverei tudo. A Loja, a casa de campo, seu apartamento. Depois dos dois meses. Tudo será feito sob contrato.

Empurro-o, não bruscamente. Apenas o afasto e ele sai da minha frente. Lorenzo fica parado me vendo caminhar devagar pela sala. Viro-me bruscamente.

— Que droga, Lorenzo! Eu já estou toda fodida. Deixe-me em paz. O que mais quer de mim?

— Dois meses de sua entrega total. — fala calmamente — O que demais tem nisso?

Um ódio me sobe e eu parto para cima dele.

— É agora que eu te mato, seu cão ruim. — Dou uma bolsada nele e, em seguida, alguns socos.

NACIONAIS - ACHERON

Ele defende todos. Era um lutador, esse tosco. Ele me segura, prende meus braços atrás das minhas costas, deixando-me imobilizada e me beija.

Isso parece loucura, mas sim, ele me beijou. Mantenho os olhos arregalados e a boca fechada, assustada por ter sido pega desprevenida. Lorenzo continua me segurando e me beijando, como um louco. E eu torço para não ceder, porque ele está quase conseguindo e por tudo que é mais sagrado, não queria gostar tanto do beijo dele. Eu já estava abrindo a boca para aceitar o beijo e graças a Deus a porta se abre e ele se afasta.

Trêmula e ofegante, tampo minha boca com as costas da mão. Lorenzo também está ofegante. Nós dois olhamos para a porta e tenho vontade de gritar de raiva. Era só o que me faltava. Beth.

Ela entra e olha sorrindo de mim para ele.

— Olha só isso. O casalzinho do ano. O patife canalha com a vaca doida. Nunca vi pessoas tão certas uma para a outra. Ambos doidos.

— O que está fazendo aqui, Beth? — grito
NACIONAIS - ACHERON

com ela. — Não tinha sido demitida?

Ela me ignora, está olhando para Lorenzo.

— Achou que seria esperto, né? Pode ser com minha prima que é uma trouxa, não comigo. — Ela entrega um papel a Lorenzo. — Você não pode me demitir sem uma causa. Fui ao departamento pessoal e fiz eles me darem um mês de aviso prévio. — Fico boquiaberta enquanto Lorenzo lê o papel. — Durante todo esse mês, eu vou infernizar esse lugar, seus desgraçados. — Beth promete com uma raiva maciça no olhar.

— Você é uma cretina. — Eu digo. — Como tem coragem de ainda querer alguma coisa, Beth? — Olho para ele. — Lorenzo, faça alguma coisa.

Ele não diz nada, vira-se, vai à mesa e pega uma caneta.

— Isso mesmo, assine. Em menos de um mês você estará mais doido do que já é. Eu irei acabar com vocês dois.

Ele termina de assinar, dobra o papel, enfia no
NACIONAIS - ACHERON

bolso da calça e joga a cópia para Beth. Vai ao telefone na mesa e chama Simone. Eu fico calada e Beth falando porcarias.

— Você é uma besta, Angelina. Uma tola. Quero mais que esse vagabundo te deixe no manicômio.

— Você achou mesmo que eu não tinha planejado isso? — Ele dá uma gargalhada para Beth que me assusta. — Você é o pior tipo de vaca que existe. Queria dar pra mim sete anos atrás, mas como eu não quis, decidiu acabar com meu casamento.

Arregalo os olhos para ela. Beth continua na pose de durona, mas calada. Venenoso, Lorenzo continua:

— Eu pensei que se eu comesse a te dar o que merece, você não iria aguentar e pediria arrego, pediria demissão. Eu sabia que você iria pedir o aviso prévio. Agora, com ele devidamente assinado, você é obrigada a cumpri-lo, ficar aqui na empresa, atendendo a cada uma das minhas ordens.

Vou fazer você se arrepender de ter atravessado meu caminho.

Beth e eu estamos horrorizadas. Ela está pálida, de boca aberta, acho que querendo sair correndo. Vejo medo no rosto dela.

A porta se abre e Simone entra. Ela olha para nós três, olha para mim, mas resolve manter sua atenção em Lorenzo, já que ele é o chefe.

— Simone, Beth ficará conosco por mais um mês. Ela servirá cafezinho e ficará responsável pelos banheiros, até Olivia voltar. Minha cunhada voltará em breve e ocupará o cargo de designer chefe e Beth será a auxiliar dela.

— O quê? — Beth grita.

— Eu sei que você estava roubando os desenhos da Olivia. Fique calada e aceite. — Ele olha para mim. — E você não fez nada? Vi os desenhos de Olivia aprovados, já no catálogo do desfile e não tinha crédito para ela.

— Bom, eu não tinha certeza... Mas como
NACIONAIS - ACHERON

você sabia que eram dela? Olivia te contou?

— Eu vejo mais do que você gostaria, Angelina. Isso tudo aqui está sendo vigiado há tempos.

— Filho da mãe. — Beth grita possessa de ódio. — Isso não vai ficar assim. Vamos ver quem rirá por último. — Ela se vira, empurra Simone e sai. Simone sai correndo atrás.

Sopro, soltando o ar aliviada e quando volto o olhar para Lorenzo, ele está sorrindo para mim. Senhor! Esse homem deve ser o Coringa.

— E então, Angel? Vamos assinar os papéis, passando as propriedades para seu nome?

— Vai me devolver as propriedades?

— Sim, claro que vou. Mas tem uma troca.

— Dois meses...

— De entrega total. — Ele vai até à mesa, pega uma pasta e me entrega. — Estão aí as
NACIONAIS - ACHERON

escrituras, cópias é claro e o contrato. Leve para ler, quero uma resposta amanhã.

Segurando a pasta, fito-o sem piscar. Ele vai acabar comigo mais do que já estou acabada. Não digo nada, silenciosamente me viro, abro a porta e saio. Cansei de gritar e brigar. Estou um caco.

Caminho para minha sala e antes de entrar Beth me segura.

— Você viu, não é?

— Beth, me solte.

— Ela estava a par de tudo. Aquela sonsa da Olivia sabia desde o início. Era ela que passava as informações para ele. Como não percebemos?

— Você está sonhando. Olivia nem sabia que Lorenzo e eu éramos namorados.

— Não sabia? Deixa de ser inocente, Angelina. Ela é cunhada dele. O noivo dela estava sabendo. Por que você acha que ela nunca reclamou por eu estar pegando os desenhos dela? Porque ela

NACIONAIS - ACHERON

sabia que Lorenzo ia chegar e colocá-la como chefe. Ela sabia o tempo todo. Até aquela outra do banco, Maria Luiza, sabia. Como ela é diretora do banco, esposa do dono e não sabia?

Coloco a mão na boca e minha mente vai a mil por hora. Olivia e Maria Luiza viram meu estado, meu pânico e sabiam de tudo? Empurro Beth e entro na sala. Sento ereta na minha cadeira e fico inerte, de olhos arregalados, olhando para o nada. Não tem ninguém do meu lado? Só mesmo meus pais? Todos planejando contra mim. Derramo uma lágrima. Isso por que ele sofreu demais e eu fui a vilã. Tudo tão milimetricamente armado para me deixar no fundo do poço. Pego meu celular e digito um número, estou quase em lágrimas, quase surtando com tanta coisa.

— Maria Luiza? É a Angelina.

— Oi, Angelina. E aí? Alguma novidade?

— Você sabia o tempo todo que o chefe era o Lorenzo Lafaiette? — Já questiono na lata, sem rodeios.

— O quê?

— Ele e os dois irmãos são amigos de vocês, não são? Seu marido sabia, você sabia. Como pôde...

— Espera aí. Eu não sabia de nada. Enzo me mostrou os documentos e estavam no nome de Lucas, como eu te falei. Mas isso será apenas minha palavra, juro que não sabia. Eu estou tão admirada como você está. Lorenzo, irmão do Romeo? Ele comprou a *Mademoiselle*?

Noto o teor perplexo na voz dela. Respiro fundo.

— Para se vingar de mim. — Limpo as lágrimas.

— Angelina, desculpe, eu vou desligar. Vou agora passar essa história a limpo. Se Enzo estiver sabendo disso e não me contou, ele vai pagar caro.

Ela desliga e eu debruço sobre a mesa. Totalmente desgastada, faminta, com dor de cabeça. Não choro muito. Só estou decepcionada.

NACIONAIS - ACHERON

Magoada, sem nenhum estímulo para fazer nada. Quase em depressão. Às onze e vinte, me levanto, saio sem olhar para ninguém. Fico dentro do meu carro um bom tempo decidindo se eu faço mesmo o que estou pensando. Bom, não tenho mais nada a perder. Ligo o carro e dirijo com um destino em mente.

A casa é maravilhosa, linda, contemporânea, fica em um condomínio de luxo. Tem um maravilhoso jardim. Identifico-me para o segurança e logo minha entrada é permitida. Ele me guia até a porta e Olivia já está lá com um sorriso para me receber.

Entro com ela e não fico surpresa ao ver Romeo, afinal, já é horário de almoço. Ele se levanta do sofá, assim que me vê.

— Oi, Angelina. — Cumprimenta-me sério.

— Oi, Romeo. — Cumprimento-o mais séria ainda. Olho para Olivia, sei que ela passou por um parto há poucos dias, mas não posso dormir sem perguntar isso. Nada de cerimônias, vou logo ao

ponto.

— Olivia, preciso perguntar algo a você.

Ela olha para Romeo e volta a olhar para mim.

— Diga.

— Você sabia de tudo, Olivia?

— Tudo? — Ela repete.

— Lorenzo é o chefe secreto. Ele me tomou a *Madde*. Ele acaba de te colocar como designer chefe e rebaixou a Beth. Ele sabia dos desenhos que Beth roubou de você. Por favor, seja sincera, você sabia o tempo todo que Lorenzo estava acabando comigo e não fez nada para me avisar?

Com a mão na boca, ela cai sentada no sofá. Está pálida, de olhos muito saltados. Olho para Romeo. Ele parece pior que Olivia. Mais assustado ainda.

— Você também sabia, não é? — Agora me volto para ele. — Lorenzo disse que se eu não me

submeter a ele, a Orfeu vai acabar com a *Mademoiselle*. Será que eu já não paguei demais pelo que fiz a ele?

— Angelina... eu... isso é coisa do meu irmão.

— Eu fui humilhada num leilão, lá no clube do Magno. — grito para Romeo, quase em lágrimas. — Lorenzo e Magno estavam lá, vendendo-me passar por tudo aquilo. Vocês três fizeram isso. — Acuso.

— Angelina! Não é nada disso. — Ele exclama mais alto, quase em pânico. Olivia está calada, olhando fixamente para Romeo. Uma lágrima deixa o olho dela.

— Eu sofri as piores humilhações. Para se vingar, bastava ele ter tomado a empresa de mim. Ela é tudo para mim, é minha vida, não precisava continuar me humilhando.

— Angelina. — Olivia se levanta. — Romeo não sabia. Posso te garantir. Nem eu e nem ele sabíamos. Ele teria me contado.

Eu acredito que ela não sabia. Está na cara que ela está terrivelmente abalada, assim como eu fiquei.

— Então você não sabia que o próprio cunhado...

— Não. Eu juro que não. Meu Deus, eu jamais compactuaria com uma crueldade dessas. Eu torci para você descobrir logo quem seria o filho da mãe.

— Mas seu noivo sabia. Isso ele não pode negar.

Ela olha para Romeo. Ele está muito pálido, o semblante carregado de medo.

— Romeo...

— Oly, escute. Eu soube, mas era coisa do Lorenzo. Eu nunca interferei em nada. Apenas sabia e sempre o aconselhei a parar.

— Não. Eu não posso acreditar que escondeu isso de mim.

— Olivia, era coisa dele. — Romeo tenta tocar nela, mas Olivia se afasta. — Eu pedi a Lorenzo que parasse, não queria que isso respingasse em mim ou na Orfeu. Nossa empresa não tem nada a ver.

— O que foi que eu mais te pedi, Romeo? — Ela derrama mais uma lágrima. — Que não mentisse para mim. Prometi a você que jamais esconderia uma mínima coisa e queria isso de volta.

— Amor, vamos conversar com calma.

— Você sabe o quanto eu estava sofrendo porque a *Madde* foi vendida. Eu tive medo do novo dono acabar com a empresa e você sabia? O seu próprio irmão...

— Olivia! — Ele fala mais alto e tenta segurá-la. — Não foi culpa minha. Lorenzo estava sem freio. Foi coisa dele com o pessoal do banco.

— Vou para a casa da minha mãe e vou levar o Gael. — Ela decide no calor do momento e tenta correr, mas ele a segura.

— O quê? Você não é nem doida. — Romeo está praticamente um cadáver que esqueceu de cair. Por um instante me sinto culpada por estar causando essa briga.

— Eu não sei mais o que você esconde de mim. Olha só tudo isso que está acontecendo com ela. Lorenzo está fazendo isso. Ele vem sempre aqui, almoça com a gente e você, todo esse tempo, sabendo de tudo, Romeo? — Ela se afasta dele e me olha. — Desculpe, Angelina. Tenho que ficar sozinha. — Sai andando meio rápido, em direção à escada. Ficamos olhando-a subir.

— Saia da minha casa. — Romeo grita para mim.

— Com prazer. De verdade, torço para que ela mude de ideia, Olivia te ama muito. Mas se ela te deixar, saiba que seu irmão será o culpado. Mais alguém tem que sofrer por consequência das atitudes de Lorenzo, estava tão clichê apenas eu passando por um inferno. — Dou as costas, vou para a porta e saio.

Antes de levar um tiro, entro no meu carro e dirijo o mais rápido que posso. Romeo faz bem a Olivia, eu via o brilho nos olhos dela, quando falava dele. Sem falar que eles têm um bebê juntos. Mas é bom mais alguém sofrer por causa dos planos de Lorenzo, talvez Romeo tome uma atitude e o pare de vez. É o que espero. Porque aceitar a proposta de Lorenzo, de dois meses de entrega total, será o mesmo que assinar atestado de óbito.

DEZESSEIS

ANGELINA

Depois que eu saí da casa do Romeo e fui tirar a história a limpo com Olivia, fiquei com a consciência pesada. Não por causa dele, afinal estou com raiva daquele safado também. Assim como do Magno. Mas depois que almocei com meus pais, eu fiquei pensando que a Olivia teve bebê há pouco tempo e não merecia sofrer isso agora. Muito menos sair da casa do Romeo. Peguei meu celular, procurei o número dela e liguei. Ela não demorou a atender, estava nitidamente com uma voz sofrida.

— Oi... Angelina.

— Oi, Olivia. Antes de tudo, eu sinto muito por ter ido até aí.

— Sem problemas. Você não teve culpa. Você precisava mesmo vir para tentar saber a verdade.

— Pois é. Eu não deveria ter dado ouvidos à cobra da minha prima. Ela que ficou falando que

NACIONAIS - ACHERON

possivelmente você saberia de tudo.

— Eu faria o mesmo que você fez. Se formos pensar, faz todo sentido. Claro que ficou parecendo que eu sabia. Afinal, é meu cunhando e...

Sentei-me na cama do meu antigo quarto, na casa dos meus pais, com uma tigela de sorvete com açaí e como sou uma pessoa saudável, salpiquei granola por cima. Já estou parecendo uma jiboia. Almocei, mas o nervosismo me fez pegar esse resto de sorvete na geladeira que Lourdes preparou. Coloco o fone no celular e recosto nos travesseiros.

— Olivia, essa guerra é minha, não acabe com seu relacionamento, Romeo não teve nada a ver, apesar de estar a par de tudo desde o início.

— Isso quem decide sou eu, Angelina. Estou com muita raiva dele, por ter me escondido isso. — Ela sussurra com tom feroz. — Espera aí, deixa eu sair do quarto para não acordar o Gael, demorou tanto para dormir. — Enfio uma colher de sorvete na boca e espero pacientemente. Enfio outra e como mais uma com açaí por cima. Meu cérebro

congela. Sou uma ogra por doces, vou virar um barril.

— Voltei. — Olivia fala. — Romeo saiu, mas tem um segurança ali na sala e a porta da cozinha está fechada.

— Meu Deus. Ele está te mantendo refém. Os homens dessa família são doidos, Olivia.

— Eu vou dar um gelo nele. Se ele acha que me manter aqui resolverá tudo, está enganado. Como ia dizendo, eu contava para o Romeo tudo o que estava acontecendo na empresa, ele sabia como eu estava preocupada com a *Madde* e com você. Ele me via tão preocupada e não fez nada para mudar isso.

— Ele foi mesmo um falso. Mas, apesar de tudo, não saia de casa.

— Eu cheguei a cogitar isso. Liguei para Kate, uma amiga minha, para vir me buscar. Romeo está surtando. E agora com segurança na sala, nem Kate vai conseguir entrar.

— Não faça isso. Sei que está com raiva, mas pense no bebê. Pense que vocês se amam e que o filho de vocês precisa dos pais juntos. Apesar do Romeo ser um filho da mãe cafajeste por ter acobertado as safadezas do irmão.

— Angelina, o que aconteceu entre vocês? Por que Lorenzo está fazendo isso com você? Eu sei que ele às vezes parece ter problemas psicológicos, mas ele não faria isso do nada.

— Tem tempo para ouvir?

— Sim. Não vou a lugar nenhum.

— Eu conheci Lorenzo uns sete anos atrás. Foi paixão à primeira vista. Coisa mágica, de filme, sabe?

— Sei. Esses irmãos têm esse poder. Senti isso quando conheci o Romeo.

— Pois é, então você me entende. Eu era simplesmente viciada no Lorenzo, aquele maldito, desgraçado. — Esbravejo ao lembrar do leilão. Ele estava presente enquanto eu chorava desesperada.
NACIONAIS - ACHERON

Foi tipo aquelas pegadinhas dos programas de domingo, caí direitinho. Enfio mais uma colherada na boca, engulo junto com minha frustração e continuo narrando:

— Eu sempre soube que ele tinha mesmo problemas, mas Lorenzo nunca quis falar no assunto, Vilma disse que foi algo que lhe aconteceu no passado que o deixou traumatizado e que cabia a ele me contar. Inclusive me pediu que esperasse no tempo dele.

— O que acha que é? Romeo comentou algo que ele passou na infância. Mas não quis aprofundar-se no assunto.

— Eu não sei. Acho que tem a ver com o pai deles. Bom, eu respeitei e esperava que com o tempo ele me contasse. Foram os melhores meses da minha vida. Ele foi meu primeiro homem e munidos dessa paixão louca, decidimos nos casar. Mas no dia do casamento, soube de uma coisa que ele fizera, eu fui até lá, acabei com o casamento, humilhei-o na frente de todo mundo e depois, ainda fui na mídia acabar com a carreira de lutador dele.

Deixei Lorenzo no fundo do poço.

— Oh, Meu Deus! Por isso ele está tão focado. Por isso todas aquelas coisas contra você...

— É. Ele está tomando tudo de mim, como um dia eu fiz com ele. E sabe o que é o pior?

— O quê?

— O tempo todo ele era inocente. Eu fui vítima da Beth, ela armou tudo para que eu acabasse o casamento, me fez ouvir uma gravação dizendo que Lorenzo estava armando contra mim.

— A Beth? Que vaca! O que você fez com ela?

— Nada. — Lamento num murmúrio. — Não fiz nada. Eu não queria acreditar que minha prima tivesse feito isso, mas Lorenzo chegou e a colocou no devido lugar. Beth está servindo cafezinho na parte da tarde e na parte da manhã, sendo ajudante de Valmir no setor de corte. E quando você voltar, ela será sua assistente.

— Credo! Eu não quero isso, Angelina. Não gosto da Beth.

— Fique tranquila, ela não vai fazer nada.

— E você? Ainda vai continuar na empresa ou Lorenzo te demitiu?

— Lorenzo me demitir? Antes fosse. É o contrário. Sabe o que o cafajeste quer?

— O quê?

— Que eu assine um documento dando-lhe total poder sobre minhas escolhas.

— Oi?

— Submeter-me às ordens dele, Olivia. Tanto profissional como pessoalmente. Imagina uma coisa dessas?

— Deus a livre.

— E se eu aceitar, dentro de dois meses ele me devolve tudo.

— Meu Jesus! Ele é louco. Você não vai assinar, né?

— Não sei. Não sei mesmo. Seria a única coisa que me daria a *Madde* de volta. Eu mandei por e-mail uma cópia para meu advogado e ele disse que é um documento válido em qualquer tribunal, como uma troca. Dois meses de favor e ele me devolve minhas propriedades.

— Você tinha que fazer alguma coisa contra ele.

— O quê, por exemplo? Não tem nada que eu possa fazer. Tentei procurar coisas dele na internet, mas seja lá o que ele passou, está mantendo em absoluto segredo.

— Contrate alguém, Angelina. Romeo não sabia nada sobre mim e contratou um detetive para descobrir minha vida.

— Que cretino! Você não brigou com ele?

— Eu não. Na época eu estava tão fascinada, maravilhada, apaixonada, que nem liguei. Ele era
NACIONAIS - ACHERON

um admirador secreto que sabia tudo sobre mim.

— Hum... isso faz sentido. O Lorenzo deve ter feito o mesmo comigo para saber todos os meus passos.

— Escuta, eu não entendo muito dessas coisas de armar e arquitetar planos, mas eu acho que você podia assinar os papéis para conseguir tempo. Enquanto isso, tente encontrar alguma coisa sobre ele. Aí, você descobre o passado e usa contra ele.

— Tipo uma chantagem?

— É. Tipo uma chantagem. Você diz para ele cancelar o contrato senão joga tudo na mídia. Se ele e a família escondem isso tão bem, boa coisa não deve ser.

É algo a se pensar com calma. Olivia pode mesmo ter razão.



Decidi dormir na casa dos meus pais. Não contei nada para eles, se meu pai se intrometer, ele

vai querer bater no Lorenzo. Os dois vão brigar e pode ser que para se vingar, Lorenzo acabe de vez com as escassas possibilidades que me restam. Mas, em breve, preciso contar a eles quem comprou a empresa. Depois do jantar, peguei os papéis e reli com calma. Não parecia ser nada tão tenebroso. Sem falar que com eles eu poderia de alguma forma, dobrar o Lorenzo.

Levanto-me da cama, ando pelo meu quarto, com os dedos nos cabelos, coçando o couro cabeludo e pensando numa saída. Entro no closet, saio, ando perto da cama, entro de novo no closet e paro diante do espelho. Deixo meu corpo cair no puff ali perto. Meus ombros abaixam, estou esgotada. Olho-me no espelho e estou uma decadência. Dou uma risada. Meus cabelos desalinhados, minha camiseta infantil, o short curto de algodão. Quem vê, nem imagina que sou o nome da moda dessa cidade. Quem poderia imaginar que a poderosa Angelina Velasco estaria em casa, jogada para escanteio com uma camiseta horripilante das meninas superpoderosas?

No reflexo do espelho vejo a tatuagem que fiz

num momento de loucura com a Beth. Minha prima me enganou, fez uma também, mas a dela era de Rena. Eu, como uma doida, fiz uma real achando que ela também tinha feito. Isso me faz voltar a um tempo mais longínquo que a época da tatuagem. E incrivelmente me faz sorrir. Porque era tão bom, tão bom, que sempre que me lembro, até parece que era um sonho ou uma linda história de romance que li.

Eu estava indo para a empresa, pois seria a reunião que poderia me colocar como diretora da Madde. Estava em pânico, tinha elaborado minha apresentação e não dependia só do meu pai. Dependia do conselho inteiro. Eu tinha que dar o meu melhor, iria competir com a Beth e mais três.

Lorenzo foi me levar, ele parou o carro do outro lado da rua. O prédio da Mademoiselle à nossa frente.

— Preparada? — perguntou, desatando o cinto e segurando minha mão.

— Não. De verdade, nem um pouco.

— *Ei. — Ele segurou no meu rosto. — Quero ver você entrar ali e sair a dona da porra toda, está me ouvindo? O que foi que conversamos?*

— *Que eu tenho que fazer valer a pena.*

— *Então. Você confia em você mesma, eu confio, seu pai confia. Esse cargo já é seu.*

Eu o abracei apertado, muito apertado, fechei os olhos e respirei fundo, sentindo seu cheiro e seu calor me deixarem um pouco relaxada.

— *Queria que estivesse lá comigo. — murmurei.*

— *Não posso, esse povo pau no cu não permitiu. Mas estarei lá em casa esperando, com umas guloseimas bem gostosas para você se empanturrar.*

— *Você está incluso nessas guloseimas?*

— *Claro que estou. — Ele riu e eu ataquei sua boca deliciosa. Depois, ajeitei minha roupa, descii do carro dele, esperei o semáforo ficar verde*

e atravesssei. Antes de entrar, escutei:

— Amor! — Virei-me e vi Lorenzo, de pé fora do carro. — Faça valer a pena. — Gritou com as mãos em concha ao redor da boca. Não consegui aguentar. De salto e roupa comportada, atravesssei a rua correndo, Lorenzo colocou as mãos na cabeça, porque os carros frearam em cima de mim, desviei a tempo, como naquelas cenas de filme. E ele veio me pegar. Abraçou-me apertado, rindo enquanto os carros buzonavam e os motoristas gritavam. Saímos da rua e ele ofegou:

— Mulher doida. — Encheu-me de beijos aflitos, segurando meu rosto em suas mãos — Vai acabar morrendo algum dia desses.

— Você sabia desde o início que eu não sou normal, como você também não é.

— Os loucos são os melhores. — Ele exclamou, beijando-me, apalpando minha bunda na rua para todo mundo ver.

— Nós nos merecemos. — Eu respondi.

Quando interrompo a lembrança, estou com os olhos cheios de água. Olho de novo para minha perna, para a tatuagem. Fui mesmo uma cretina por tê-la feito. Agora me lembro de estar em meio a gritos de vibração e alegria.

Era um salão com um ringue no meio, uma arquibancada enorme ao redor, abarrotada de gente ovacionando as lutas que iriam começar. Não era no Búfalo, onde eu estava acostumada a ir. Era num lugar maior, profissional, e meu coração estava em desespero, era como se fosse eu que iria lutar. Era um torneio para classificar os melhores. Os vencedores, um lutador de cada categoria, conseguiria um contrato para um início de carreira. Poderia, inclusive, ir lutar fora do Brasil.

Lorenzo conseguiu se inscrever e passou em todas as fases, aquele era o momento dele. E eu tinha certeza absoluta que ele iria ganhar. Ele estava preparado, tinha um bom físico e muito foco no que fazia. Quando chegou a vez dele, foi apresentado e entrou no ringue para o duelo. Consegui, não sei como, descer da arquibancada

em que estava sentada com Romeo e Magno. Cheguei à grade de proteção e gritei o mais alto que pude, Lorenzo já estava lá dentro.

— Amor! — Ele olhou para mim e eu gritei: — Faça valer a pena. Acredito em você! — Os seguranças vieram, pediram para eu me afastar e voltar para a arquibancada. Afastei-me a tempo de vê-lo soprar um beijo para mim.

Decidida, levanto-me da frente do espelho, limpo meus olhos, pego a papelada e penso bastante com a caneta na boca. “Ganhe tempo enquanto procura algo para usar contra ele.” Relembro as palavras de Olivia.

O que eu posso fazer contra ele nesse momento? Não tenho nada. Se eu não assinar, Lorenzo vai ficar mais furioso e não terei mais chances. Madde, os bens da minha família que tem valor sentimental. Tudo que eu conquistei. Não terei como segurar nada.

Faça valer a pena. — Penso. Limpo mais lágrimas que rolam na minha face, respiro fundo e

PERIGOSAS

assino.

Ao menos, eu terei algo para me dar
esperança.

NACIONAIS - ACHERON

DEZESSETE

LORENZO

— “*Se sou eu que te incomoda, pra te fazer feliz fiz o que pude, mas o incomodado que se muda, você quem vai tomar a decisão.*” — Cantando, continuo arrumando minha mesa, acabei de voltar do almoço, estou flutuando de felicidade, vou nesse instante resolver algumas coisas da Orfeu e amanhã receberei a resposta de Angelina, a ansiedade me consome. Tenho certeza que ela vai assinar os papéis, vai aceitar minha proposta. E se ela não aceitar de imediato, tenho meus planos para tentar persuadi-la. Provocá-la é o meu mais novo passatempo. Meus planos estão se encaixando perfeitamente, como eu esperava.

— “*Decidaaaa! Se vai embora ou ficar comigo...*” — Nesse instante, a porta se abre e eu paro de cantar. Romeo entra estilo touro bravo, Magno atrás dele, meio assustado, tentando segurá-lo. Romeo está vermelho e soltando fumaça pelo ouvido.

— E aí. Problemas? — pergunto olhando de um para o outro. Romeo não para de andar, vem em minha direção e eu vejo que a coisa é séria e parece ser comigo.

— Romeo, escute, cara... — Magno tenta impedi-lo. Levanto-me, tento correr, mas ele segura meu colarinho por trás, vira-me de frente e vejo de relance o braço dele vindo em minha direção, desvio o rosto e seguro no braço dele. Romeo tenta um gancho de esquerda, eu sou mais rápido do que ele, defendo a tempo, mas não contava que ele fosse me arremessar em minha mesa. Caio em cima das minhas coisas, dou um giro rápido, pulo para o outro lado da mesa e fico em posição de combate. Que porra o cara está sentindo?

— O que foi, cara?

— O que eu te pedi, Lorenzo? — Ele grita vindo em minha direção. Coloco a cadeira na minha frente. — O que foi que mais te pedi, enquanto você estava nessa loucura de vingança? — Ele puxa a cadeira com força e tenta me pegar. Pulo para trás e Magno fica na minha frente.

— Romeo, calma, cara. — peço, sem entender o que está acontecendo.

— Eu te disse que não queria envolvimento nas suas merdas — ele berra — para não respingar em mim.

— Mas não te envolvi...

— Não? Eu estou em uma puta crise na minha casa, pois sua mulher fez o favor de ir até lá, colocar merda na cabeça da Olivia.

— Minha mulher? — Olho para Magno.

— Não estou falando? — Magno se intromete. Ele deveria saber que não é o momento para as pérolas dele. — Eu sempre disse que mulher só causa encrenca, nada disso estaria acontecendo se vocês dois tivessem trepado e deixado pra lá.

— Você, cala a boca. — Romeo ordena e Magno levanta as mãos, obedecendo. — Você vai consertar isso, Lorenzo. — Ele se volta para mim.

— Romeo, eu não tenho culpa de Angelina ter
NACIONAIS - ACHERON

ido à sua casa...

— Ah! Não tem? E de quem é a culpa? Hein, porra? Minha?

— Não sei. Olivia nem deveria estar brigando. Não faz sentido.

— Então vai falar isso para ela. — Ele grita e Magno se apressa para fechar a porta e não deixar o povo saber que os chefes estão em pé de guerra. Romeo anda bufando pela sala. O bicho está feroz. — Eu já tentei argumentar, mas aquela peste da Angelina disse coisas horríveis que você está fazendo ela passar e depois disse que eu sabia de tudo.

— Eita. Aí agora ficou sinistro. — Magno opina.

— É. Olivia é apaixonada pela empresa — Romeo comenta, agitado, abanando os braços. — Quando ainda estávamos nos conhecendo, ela já falava da porcaria da *Mademoiselle*, ficava rasgando seda para a Angelina.

— Mesmo assim... — Tento falar, mas ele voa em cima de mim, sem nem me dar tempo de escapar, segura-me pelo colarinho, seguro o dele também e ficamos nos prendendo.

— Como acha que Olivia iria ficar, depois de descobrir que eu estava sabendo de tudo que aquela megera filha da mãe estava passando e não fiz nada para impedir? — Ele me sacode, Magno tenta desatar nós dois. Balanço Romeo de volta. Até Magno conseguir nos afastar.

— Caralho, *véi!* Que porra, vocês dois! — Ele esbraveja e como num ringue, cada um vai para seu lado. Cerro meus punhos. Eu posso xingar a Angelina, mas não quero que ninguém a xingue na minha frente. Fico me queimando de raiva.

— Acha que a culpa é minha? — Romeo insatisfeito ainda vocifera.

— Talvez. Afinal, você que deveria ter contado à sua noiva. — Rebato, já num tom de voz alto.

— Eu deveria ter contado? Você é doido?
NACIONAIS - ACHERON

Você me pediu para que eu não contasse nada a Olivia, até você se revelar na porra da empresa.

Dou de ombros. Isso foi verdade. E de verdade estou surpreso com a ação de Angelina. Surpreso e satisfeito. Ela está tentando reagir, está buscando saídas e possíveis aliados. Hoje à noite teremos uma boa conversa. Romeo anda pela sala, passando a mão pela cabeça, transtornado.

— Essa crise, na sua casa, é irreversível? — Magno pergunta de modo mais calmo, tentando conversar, para ver se Romeo se acalma. Dou um pouco de razão a ele. Vi o que passou por causa da Olivia, ela quase morreu e agora acabaram de ter um bebê. Ele tem razão de estar quase explodindo. Só não acho que tenho culpa, nem a Angelina teve culpa. Ele que tem um compromisso, ele que escondeu esse fato da Olivia.

— Está querendo ir para a casa dos pais dela. — Ele se senta com o rosto nas mãos. — Droga, ela está querendo me deixar e levar nosso bebê. Eu não sei mais o que faço.

Sento-me na ponta da mesa. Magno fica de pé, no meio termo, entre Romeo e eu, como um guarda-costas.

— Eu sabia que em algum momento ia dá merda tudo isso.

— Você não está sabendo lidar com a situação, Romeo. Pra mim, ainda não deu merda. — Ele levanta, anda até mim e aponta um dedo ameaçador. Como se eu tivesse medo de homem apontando dedo para mim.

— Vai parar com isso agora, ouviu? — Rosna bem compassado, um murmúrio.

— Não vou parar com nada. — Respondo.

— Vai. Vai parar, sim, antes que eu tenha que tomar um lado da situação. O que mais você ainda quer, Lorenzo? — Ele grita na minha cara. — O quê? Você já tem tudo que tomou dela.

— É coisa minha, fica fora.

— Eu estava fora, até respingar em mim.

Estou te avisando, não faça eu entrar no meio disso e acabar com essa farra. — Ele dá o recado e sai. Coloco a mão no rosto e sopro pesadamente. Começo a pegar as coisas que caíram no chão e colocar na mesa.

— Não acha que ele tem razão? — Magno indaga. — O que mais você ainda quer? Isso está acabando com você, mano.

— Quero prendê-la tanto que será incapaz de se soltar de mim. — sussurro. Levanto a cadeira e fico de costas para Magno, pensando que falta pouco para eu conseguir. Assim que eu a tiver em minhas mãos, completamente minha, então estarei realizado.



Depois de sair, resolver uns problemas da empresa, voltei e fiquei pensativo. Parei para pensar que talvez eu devesse dar uma mãozinha a Romeo. Eu sei que ele tem poder de atrapalhar meus planos, então não posso deixar Angelina ter um aliado tão forte. Claro que ele não vai ficar a favor dela, mas se lutar contra mim,

automaticamente, vai dar-lhe pontos e no momento já basta o Noah tirando meu sono, como possível aliado dela.

Não basta ser rico, bonito e inteligente, precisa ser muito esperto também. Esperteza é diferente de inteligência e eu posso dizer que tenho os dois. Vou baixar a cabeça e me desculpar com meu irmão, como se ele tivesse toda razão por ter vindo me agredir e me culpar.

Fui para casa tomar um banho quente demorado, pensar um pouco e tentar fazer uns exercícios para dormir naturalmente, sem precisar de calmantes. Preciso deitar, para tentar dormir e acordar cedo para pegar o café da manhã na casa do Romeo. Ir até lá e neutralizar qualquer ameaça. Ontem, ele não ficou na empresa depois de ter ido me confrontar. Segundo Magno, ele saiu apressado, pois estava com medo de deixar Olivia sozinha e ela fugir. Bonito da parte dele, mantendo alguém em cárcere privado.

Acordei às cinco, vesti um short de academia, calcei tênis, coloquei meus fones de ouvido, ajustei

um volume bem alto e saí para correr. Se eu não correr, se eu não fizer alguma coisa para colocar meu corpo em movimento e ter com o que me distrair, simplesmente eu enlouqueço de vez. É muito pensamento escroto ao mesmo tempo, por isso o volume da música bem alto.

Eu sorri e aumentei os passos, quando Cold Play começou a cantar *Viva la Vida*: “*Eu costumava dominar o mundo. Mares se agitavam ao meu comando. Agora, pela manhã, durmo sozinho...*”

A essa hora da manhã está tudo tranquilo, o sol ainda não apareceu e eu decido dar apenas algumas voltas no quarteirão, voltar, tomar banho e seguir para a casa de Romeo, antes que ele saia. Se bem que, por tudo que está acontecendo, creio que ele vá mais tarde para a empresa, ou nem chegue a ir. O cara está cagando fino, com medo da mulher fugir, ir embora com as trouxas e o bebê, enquanto ele estiver trabalhando.

Resolvi voltar para casa, quando, no meu fone, uma música começou a tocar. Praguejei, pois estava

no modo aleatório, eu poderia simplesmente ter apertado o botãozinho no fone, para mudar de música, mas me autoflagelei e a ouvi. Eu não gosto desta música, pois parece minha consciência me acusando. No caso, minha consciência tem a voz da Angelina. A música em questão é *One* do U2. É inglês, claro, mas diz algo mais ou menos assim: *“Está melhorando? Ou você ainda sente a mesma coisa? As coisas vão ficar mais fáceis agora que você tem alguém para culpar?”*

Suspirei profundamente e apressei meu passo, correndo muito rápido. É justamente isso que meu psiquiatra vive me dizendo. Eu não posso transferir a culpa de todos meus infernos para a Angelina. Eu não posso querer me sentir aliviado, tirar o fardo das minhas costas, agora que posso culpar alguém por algo que me aconteceu. Eu disse a ele que estou separando muito bem as coisas, o que ela fez de mal para mim e o que outras pessoas me fizeram, antes de Angelina. Não sou tão hipócrita de culpar uma pessoa por algo que ela não fez.

Chego à rua da minha casa e estou me sentindo bem desagradável com essa merda de

música, como se me acusasse, como se Angelina tivesse escrito e pedido ao Bono Vox que cantasse no meu ouvido. A mulher não sai mais da minha cabeça. É enfadonho isso.

“O amor é um templo

O amor é a lei suprema

Você me pede para entrar

E depois você me faz rastejar

E eu não posso continuar me agarrando

Ao que você tem

Quando tudo que você tem são feridas”

Arranco o fone de ouvido quando chega nessa estrofe. Paro de correr e vou caminhando até chegar ao prédio em que moro. Entro em casa, jogo o celular na sala, tiro o tênis ali mesmo no sofá e vou para o banheiro tomar uma ducha.

Hoje eu preciso vê-la. Será que ela pensou

tanto em mim também?



Ainda bem que Vilma não estava lá na casa do Romeo, não quero ainda que ela fique sabendo que eu estou planejando contra alguém. Mesmo que esse alguém seja a Angelina. Romeo abre a porta e fica me olhando, inicialmente com cara de tranquilão que acabou de acordar. Quando me vê, fica com uma cara de puto do caralho.

— Posso entrar?

— O que quer aqui, Lorenzo?

— Deixe de rabugice, Romeo. Deixe-me entrar, cara.

Ele se afasta, eu passo e ouço a porta bater atrás de mim. Na sala, há várias coisas de bebê. Certamente Olivia não foi embora. Elaboro uma cara de ator em cena de sofrimento, levanto o rosto e o encaro. Até fico sem piscar para os olhos arderem e ficarem meio lacrimejantes.

— Desculpa-me. Foi tudo minha culpa.

Ele fica calado, olhando-me, eu mantendo minha expressão. Então, Romeo balança a cabeça e dá as costas, indo para a cozinha. Ele está cozinhando alguma coisa. Eu o sigo.

— Acha que sou tolo? — De costas para mim, Romeo murmura. — Você está com medo de eu tomar providência e veio para cá puxar saco. Quem não te conhece que te compre, Lorenzo.

— Romeo, de verdade cara, alivia aí. Eu não tinha como imaginar que isso poderia acontecer.

Ele não responde. Tira uma fôrma do forno e vejo pequenas tortas. Ele espeta uma com o garfo e joga a fôrma no balcão.

— Você trilhou esse caminho. O que mais pode querer, Lorenzo?

— Escute, me dê alguns dias, eu estou negociando com ela. Com a Angel.

— Negociando?

Pra não dizer chantageando. Mas não posso contar isso a ele. Estou aqui, tentando tirar esse intrometido do meu caminho e tenho que agir com frieza. Já pensei bastante, o truque para minimizar o estrago é tentar ajudar no problema dele, como farei daqui a pouco.

— É. Vou entregar de volta a empresa para ela, mas com algumas condições. — confesso. Isso é verdade.

— E que condições são essas?

— Bom, não posso falar por enquanto, mas no fim ela sairá ganhando. Eu garanto, já conversamos, está tudo certo.

Ele fica calado, de braços cruzados, analisando-me.

— Onde ela está? Já acordou?

— Quem? — Ele franze o cenho.

— A Olivia.

— Já.

— Posso conversar com ela e dizer que você não teve nada a ver.

— Não vou deixar você falar com ela. Olivia está muito chateada, não está falando comigo.

— E o que mais você tem a perder? Deixe-me contar minha versão. Posso limpar sua barra, cara.

Ele se mantém taciturno, pensativo, olhando-me de semblante carregado e depois assente vagarosamente.

— Ok. — Anda para fora da cozinha e eu vou atrás dele. Subimos a escada e no corredor ele cochicha:

— Ela está muito revoltada por eu tê-la impedido de sair.

— Que exemplo de homem! Mantendo sua mulher em prisão domiciliar.

— Ela tem pouco mais de uma semana que
NACIONAIS - ACHERON

deu a luz. Não vou deixá-la chamar a Kate para vir buscá-la e ir para Deus sabe onde.

Assinto e não falo mais nada, pois ele coloca o dedo nos lábios para eu me calar. Paramos diante de uma porta branca e azul, com o nome “Gael”. Romeo dá dois toquinhos com o nó dos dedos, abre uma fresta e fala:

— Amor.

E então eu ouço:

— Deixe-me em paz, Romeo.

— Tem alguém que quer falar com você.

Demora um pouco e então, com uma voz mais viva, ela pergunta:

— Quem é? — Romeo faz um gesto me chamando, abre a porta, entra e eu vou logo atrás dele.

O quarto é o do bebê. Era o antigo quarto de hóspede. É grande e todo decorado em cores pastel.

Romeo mandou desenhar todos os móveis do quarto, são exclusivos segundo ele, quando contou vantagem e Magno disse que mandou fazer os móveis do quarto dele também, apropriados para trepar. Olivia está colocando o bebê no berço e quando ela vira e me vê, parece que vai ter uma síncope. Romeo vai para o lado dela.

— Oi, Olivia. — Eu cumprimento.

— Você trouxe seu irmão para conversar comigo? — Ela não me responde, olha acusatoriamente para Romeo.

— Ele apareceu do nada. Eu não controlo a vida dos meus irmãos.

— Não quero falar com ele.

— Você a ouviu. Pra fora, Lorenzo. — Romeo aceita depressa a imposição dela.

— Olivia, ontem Romeo me contou que você não gostou de ter descoberto que todo esse tempo ele sabia dos meus planos.

— Ainda tem a cara de pau de chamar de planos? — Ela cruza os braços e me fita muito brava — Você acabou com a vida da Angelina. Acha isso bonito, Lorenzo?

— Escuta. Isso é coisa minha e dela. Não sei se Romeo te contou, mas nós tivemos um passado conturbado.

— Não quero saber. Quero que você vá embora. — Romeo começa a me empurrar, mas eu desvio e a encaro de volta.

— Ok. Então quero que saiba que nenhum dos meus irmãos teve nada a ver. Tanto Magno como Romeo sabiam do que eu estava fazendo, mas fiz tudo sozinho.

— Sendo meu noivo, era dever do Romeo me contar.

— Eu pedi a ele que não te contasse nada. Justamente por isso. Para não causar esse estresse. Justamente porque vocês não têm nada a ver com o assunto.

— Isso não muda o fato de que ainda estou muito chateada com ele.

— Oly, me escuta... — Romeo tenta falar, e eu emendo:

— Não tem que ficar chateada com ele.

— Ah! Não tenho? — Ela ri ironicamente. — Vai mandar também nos meus sentimentos, chefe? Lá na empresa pode mandar em mim, com aquelas ordens bizarras. Mas aqui, é minha casa. — Ela olha torto para Romeo. — Pelo menos eu achava que era.

— Claro que é, Olivia. Por favor, escute-o , ele já está negociando com a Angelina...

— Negociando? Quer mesmo destruir a *Madde*?

— Não. Claro que não. — Eu abro os lábios sorrindo, para dar veracidade às minhas afirmações. — Sabe por que eu digo que não precisa ficar chateada com meu irmão? Porque Angel e eu estamos juntos. — Minto descaradamente. —
NACIONAIS - ACHERON

Resolvemos essa noite. — Penso nos papéis que lhe dei para ler e assinar.

— Juntos? — Horrorizada, ela franze o cenho.

— Vamos comandar a empresa juntos. Pode ser que acabemos nos entendendo e prosseguindo para algo mais íntimo. Pode ficar tranquila, a *Mademoiselle* está em boas mãos e o Romeo merece uma chance, afinal, desde o início ele está me aconselhando a parar. Não estava no alcance dele ou do Magno, interferir. Eram minhas decisões.

Ela encara-me por um longo tempo. O seu silêncio é quebrado quando olha para Romeo que está ao seu lado, e diz:

— Perdoe-me, eu não podia interferir.

Comemoro interiormente, quando ela, após pensar bastante, acena para ele. Romeo sorri, puxa-a e beija seus cabelos. Olivia suspira. Viro-me para sair do quarto e deixá-los a sós, mas ouço Olivia murmurar:

— Não me esconda mais nada, Romeo.

— Prometo. — Ele responde.

Depois de tomar café com eles, fui direto para a *Mademoiselle*. E não demorou muito para Angelina chegar também, Simone se apressou em me avisar. Fiquei na minha nova sala — que era dela, mas eu tomei — esperando, esperando, até a porta abrir devagarzinho, ela colocar a cabeça para dentro, como se estivesse espiando. Quando me vê olhando para ela, leva um susto, recompõe-se e entra.

Passo os olhos pelo vestido muito curto dela. Acho estranho, afinal esse nunca foi o estilo dela. Os seios, muito apetitosos, estão saltando do decote.

— Bom dia, Angel.

— Só se for para você. — Ela mantém a cara fechada.

Levanto-me e a olho de corpo inteiro.

— Posso saber por que diabos está se vestindo assim?

Ela olha o próprio vestido e dá de ombros.

— Seria por que a vida é minha? — Rebate, de nariz em pé. Sorrio anuindo. Quero tanto que ela assine essas merdas, para eu colocar as mãos nela. Tão teimosa, deixa-me tão fascinado, tão mais doido de vontade de tê-la.

— Não admito que meus funcionários venham trabalhar com esses trajes...

— Ah, não? Então me demita, querido. É simples, resolve seu problema. — Não revido. Cacete! Tenho vontade de cobrir essas malditas pernas com um lençol. Não quero que ela fique por aí se mostrando para os funcionários.

— Angelina — recosto-me na mesa, ficando de frente para ela. — Sabia que Romeo e eu quase tivemos uma briga feia, por sua culpa?

— Sério? Acho pouco. Ele devia ter quebrado essa sua linda boca.

Deixo anotado mentalmente, esse comentário: “Linda Boca.”

— Pode me contar por que foi para a casa do meu irmão acabar com o relacionamento dele?

— Então acabou? — Olha a cara de cínica dela.

— Não, porque eu dei um jeito. Você não tinha nada que ter ido incluir outras pessoas nesse assunto que diz respeito a você e eu, apenas.

— Não fui incluir ninguém. Eu já notei há muito tempo que minha luta é solitária. Fui só saber da Olivia se ela tinha conhecimento que você era a porcaria do chefe covarde. Se por consequência disso, ela terminou com o Romeo, aí é problema dele, que convenhamos, teve sua parcela de culpa.

— Ele não tem nada a ver.

— Tem, sim. Ele que tem compromisso com a Olivia, ele que deveria ter contado para ela. Foi tosco da parte dele te acobertar e ainda esconder isso dela.

— Não cabia a ele ou a você contar isso a ela.

— Eu estava no meu direito de ir tirar satisfações. E ela deveria saber quem é o cunhado. Pra porra, com machismo. Só por que eles formam o casal maravilhoso, não quer dizer que ela precisa ficar sem saber do que está acontecendo. Olivia sabe tudo que passei depois que você começou a mandar, só ela pode me entender. Conteí tudo e contaria de novo, doa a quem doer. Se não tiver gostando, a saída é logo ali.

Eu simplesmente não consigo ter ódio. Só a aplaudo. Sim, bato palmas para essa bravura. Quero ver se vai ter essa fibra para brigar comigo. Ah, mas eu quero muito.

— Tomou uma decisão sobre os papéis que te dei? — pergunto mudando de assunto. Ela abre a bolsa, tira os papéis dobrados de mau jeito e joga na mesa.

— Assinei. Como eu disse: minha luta é solitária. Minha sina é encarar de frente os problemas. Se você quer me fazer engolir suas

dores, saiba que eu tenho muita munição também para dar o troco.

Quase trêmulo, desdobro os papéis, ela puxa uma cadeira e senta-se de pernas cruzadas. Corro os olhos para o fim da folha e vejo a assinatura dela. Posso dizer? Estou quase gozando de felicidade. Consegui! Quem é o patrão? Quem é que vai mandar nessa porra toda a partir de agora? Lorenzo Lafaiette Roriz. Lembrem-se desse nome.

Corro, pego uma caneta e assino logo. Estendo uma via para ela. Angelina puxa da minha mão, dobra em quatro partes e enfia na bolsa. Então fico pálido, sentindo meu sangue fugir do rosto, ao ver à minha frente uma imagem que eu jamais imaginaria na vida. Angelina sentada, de pernas cruzadas e daqui, posso ver algo na coxa dela, na parte de dentro, bem acima. Um desenho.

— O que é isso? — Aponto para a perna e me inclino para ver melhor. Angelina olha também e dá um pulo. Fica de pé e puxa o vestido.

— É uma tatuagem? — Indago, embasbacado.

Essa mulher só me surpreende. Agora estou de pau duro. Ereção indesejada, mas quem consegue controlar numa hora dessas?

— Sim, é uma tatuagem. Algum problema? Ou funcionários também não podem ter tatuagens?

— Fez uma tatuagem? — Estou horrorizado. — É de verdade?

— Não, é figurinha de chiclete. Claro que é de verdade.

— Você? Angelina Velasco fez uma tatuagem?

— Fiz, já falei. — Ela rola os olhos para o lado.

— Onde? Quando? Por quê? O que é? Me deixe ver.

— Não. Não vai ver nada. — Ela se afasta. — Você não tem que saber onde e por que eu fiz. Não te devo satisfações.

— Você me deve, sim. — Quase grito. — Agora que assinou esses papéis, me deve. Quem mais viu?

— Quem mais viu o quê?

— A tatuagem. Algum outro viu?

Ela fica me mirando de olhos semicerrados, depois relaxa o semblante e balança a cabeça afirmando.

— Alguns. Noah, por exemplo. — Fica olhando as unhas pintadas de preto, com uma expressão cheia de si.

— Mentirosa. — Disparo na mesma hora. Lembro sobre ela ter confessado que nunca transou com outros homens, além de mim.

— Mentirosa, por quê? Ela está visível, qualquer simples amasso, o cara consegue ver.

Arrepio-me de raiva. Meus punhos se fecham. Ela tem razão. Não acredito que aquele filho da puta tocou nela. Vou ter que bater no Noah.

PERIGOSAS

— Deixe-me ver, Angelina. — Porra, não vou conseguir dormir se não ver essa merda de tatuagem.

— Não. Aqui é local de trabalho, você é meu chefe, me dê licença que tenho mais o que fazer.

— Você vai trocar esse vestido, agora! — eu grito para as costas dela. Ela abre a porta e me olha.

— É o que veremos, chefinho. — Antes de ela sair, eu corro e a seguro com força.

— Solte-me, Lorenzo! Aqui dentro, seremos chefe e funcionária. Deixe suas gracinhas para fora da empresa.

— Hoje à noite, na minha casa — falo pausadamente, respirando rápido. — Você leu os papéis e assinou, a partir de hoje faz o que eu determino. Mandarei um carro te buscar. — Ela se solta, empina o nariz e sorri ironicamente.

— Eu mal posso esperar — ruge como uma leoa e sai batendo a porta.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Volto para a sala, passando as mãos nos cabelos. Meu lábio dói por eu estar mordendo. Hoje à noite ela me paga. Tenho medo de enlouquecer. Se é que já não estou louco.

DEZOITO

ANGELINA

O maldito acha mesmo que pode mandar em mim. Com raiva, mas com um pequeno gostinho de vitória, por ter sido atrevida, refugio-me na minha pequena sala, na *Mademoiselle* e começo a remoer, sentada na cadeira me sentindo ofegante. Ele é louco. E eu mais ainda por ter assinado aqueles papéis ontem à noite e trazer para ele. Entreguei-me nas mãos de um psicopata. Mas não serei tão fácil. Conheço Lorenzo e sei quais seus pontos fracos.

Meu celular vibra na bolsa, pego e vejo uma mensagem não lida. É Olivia. Ontem à noite conversamos e ela me ajudou a pensar, em encontrar uma saída para esse impasse. Lorenzo tem tudo para usar contra mim, minhas propriedades, a *Madde*, principalmente e eu preciso de algo para usar contra ele. Só preciso encontrar um bom detetive e contratar o serviço. Claro que deixarei para ligar quando chegar em casa, vai que Lorenzo está escutando atrás da porta. Toco na tela do celular para ler a mensagem.

Olivia: *Lorenzo veio aqui, agora mais cedo, pedir para eu não ficar com raiva do Romeo. Ele disse que vocês dois já chegaram a um acordo. Ele tinha certeza que você iria assinar os papéis.*

Coloco a mão no peito um pouco pasma, apesar de já esperar que ele fosse mesmo cheio de si. Lorenzo conhece meus pontos fracos, é como a música da Pitty: “*Até parece que você já tinha o meu manual de instruções...*”. Ele soube o que tinha que fazer para eu me render. Abano a cabeça, revoltada e digito uma mensagem para Olivia:

Eu: *Já entreguei os malditos papéis para ele. Estou na merda. Mas e você? fez as pazes com Romeo?*

Não demora muito para ela responder.

Olivia: *Sim. Para deixar Lorenzo achando que está tudo certo. E por que não consigo ficar muito tempo com raiva do Romeo. Esse é o defeito de amar demais.*

Eu: *Apesar de tudo, seu noivo não fez nada contra mim, embora pudesse ter tentado parar o*
NACIONAIS - ACHERON

irmão, mas quero focar apenas no Lorenzo, deixar os irmãos de lado.”

Olivia: *É o certo a se fazer. Vai procurar um detetive?*

Eu: *Vou sim. Tenho um amigo que deve conhecer esse tipo de gente.*

Penso logo no Noah enquanto escrevo essa mensagem. Depois me despeço de Olivia, vou até a porta e fecho, afinal não quero nenhum chefe intrometido invadindo meu ambiente e querendo olhar minhas pernas. Pego as pastas, ligo o computador e começo a trabalhar nos vários projetos que ficaram atrasados enquanto eu estive fora.



Querem saber a verdade? Eu nem pensei muito se ia ou não ao tal encontro à noite. Ele iria aprontar alguma se eu não fosse, já estou na merda mesmo.

Quando terminei o expediente, fui para casa e

corri para o closet a fim de procurar uma roupa bacana. Arrumei-me devidamente, não levei nenhuma arma na minha bolsa. Estava tranquila, falei com o Noah e ele disse que ia me passar o número de um bom detetive. Perguntou quem eu queria investigar e para despistar disse que era minha prima. Eu quero contar sobre o Lorenzo pessoalmente, pedir-lhe uma opinião. Juntar aliados na minha guerrinha. Na verdade, eu falei hoje cedo para Lorenzo, que minha luta é solitária. Não mesmo.

Às oito horas, quando o motorista do Lorenzo bateu à minha porta, eu já estava pronta. O pobre rapaz estava meio temeroso, acho que com medo de eu mandar outro recadinho do coração para o chefe dele. Mas eu apenas saí, fechei a porta e sorri educadamente para ele recebendo uma respiração de alívio como resposta.

Enquanto estava no carro, indo ao encontro de Lorenzo, não parava de pensar que isso tudo poderia ser resolvido com uma conversa. Não estou falando de sentar agora e conversar, mas eu deveria ter conversado antes. Eu o amava tanto que chega a

ser estúpido da minha parte não ter acreditado nele.

E ele bem que poderia relevar e dialogar agora. Vamos caminhar em círculos por quanto tempo? E o que mais ele pode querer de mim? Claro que não sou nenhuma inocente e posso imaginar que hipoteticamente ele queira ir para a cama comigo. Pensei muito sobre isso e ainda não sei discernir o que, de verdade, eu sinto ao pensar em ter que ir para a cama com ele, por obrigação. Acho que é pavor e raiva. Porque quando lembro de tudo que ele me fez e ainda está fazendo, eu sinto muito ódio tomar cada poro do meu corpo.

Eu queria tanto vê-lo sofrer só um tiquinho, para saciar minha sede de vingança. Aquela arrogância e frieza me deixam mais indignada ainda. Lorenzo não se abala com nada. Por isso que preciso urgente descobrir algum podre sobre ele, sei que tem. Sempre soube. E quando eu descobrir, farei com que se ajoelhe, devolva-me tudo e ainda me peça perdão.

O luxuoso carro de Lorenzo para em frente a um prédio e o motorista vem abrir a porta para

mim. Saio do carro, agradeço-lhe e entro no prédio. Anuncio minha chegada, espero o porteiro ligar para Lorenzo e assim que ele libera minha entrada, caminho para o elevador. Respirei umas quinhentas vezes até o elevador parar e as portas se abrirem. *Vamos, Angel. Vai dar certo.* Reconforto-me e saio, indo para a porta. Toco a campainha e fecho meus olhos, engolindo saliva de puro nervosismo. A respiração agora suspensa. Ele não vai fazer nada a mais do que eu suponho. Transar é o mais longe que ele pode querer ir nessa noite.

A porta se abre, Lorenzo aparece e eu quase caio para trás. É o Lorenzo de sete anos atrás. Com seu jeans surrado, camiseta lisa branca comum e os cabelos despenteados. Das mangas da camiseta, sobressaem os belos bíceps e posso ver um pedaço da tatuagem. Nada do chefe maldoso que resolveu aparecer na minha vida. É como se eu estivesse no filme *O Feitiço do Tempo*. E tudo está acontecendo de novo, é como encontrar o meu Lorenzo, de anos atrás.

— Boa noite. — Ele usa uma voz suave, um sorriso agradável. — Entre. — Afasta-se para eu

passar. Mordendo o lábio, passo rápido por ele, sem deixar de sentir seu perfume.

Passo por um hall, sei que ele me segue e chego a uma sala enorme. Fico embasbacada com a exuberância da casa dele. Sei que ele sempre foi muito organizado e é um homem rico, mas não imaginava algo assim. O piso é muito limpo, branco e brilhante.

Na primeira sala, deparo-me com um belo sofá meio bege, com almofadas mais escuras, muito bem arrumadas. À frente, uma estante moderna, com uma televisão gigante e diversos outros aparelhos, além de belos enfeites, que eu suspeito serem trabalho de Vilma. Há um vasinho de flor no aparador atrás do sofá, luminárias de cristais e belas persianas nos enormes janelões, que são um belo mostruário das luzes da cidade lá fora. Do outro lado, tem a sala de jantar, com uma mesa pequena de oito lugares. As cadeiras são altas, brancas e acolchoadas. Não há nada fora do lugar.

— Gostou? — Volto a encará-lo quando ele pergunta.

— É apenas uma casa. — Dou de ombros, apesar de ter achado maravilhosa, não vou fazer elogios.

— Ok. Vinho, suco, água? O que quer beber?
— Ele abaixa os olhos, descaradamente, para minhas pernas.

— Fala logo o que quer comigo, Lorenzo.

— Calma, nada de se precipitar. Nossa noite mal começou. — Ele se vira, vai até o outro lado da sala, onde tem um balcão parecendo um bar, pega duas taças e me entrega uma. — Sente-se ali comigo, vamos ficar mais à vontade.

Eu o sigo e sento-me no sofá. Deixo minha bolsa de lado e cruzo minhas pernas. Quando levanto os olhos, ele está com o olhar fixo para baixo. Pigarreio para fazê-lo olhar para meus olhos e não para minhas pernas à procura da minha tatuagem. Meu ex-namorado é doido.

— Conte-me algumas coisas sobre a empresa.
— Ele pede, sentado na outra ponta do sofá.

— O que quer saber?

— Fale-me sobre o desfile que vai marcar a nova fase da *Mademoiselle* e apresentar ao público o novo dono, no caso, eu. — Disso eu posso falar, sobre trabalho. Bebo um gole de vinho e começo:

— Os croquis já estão prontos e o catálogo está sendo preparado. Semana que vem teremos um coquetel de abertura para divulgar as novidades antes do desfile oficial.

— Hum. E quais são as novidades?

— Muitas. Trabalhamos arduamente na confecção de novos modelos de belos vestidos e...

— Algo novo e surpreendente para ser apresentado? — Ele me interrompe. — Ou os costumeiros modelos super-requintados para mulheres ricas?

Olho para a taça de vinho, passo a mão nos meus cabelos e encaro novamente os olhos negros dele.

— Não estou entendendo. Essa é a marca da *Mademoiselle*. Vestidos requintados, direcionados a um único público.

— E por quê?

— Ora, Lorenzo, porque sim. Assim como Prada, Dior, Dolce e Gabbana. É a realidade, a *Madde* é só para quem pode, não para quem quer. Você já devia saber disso.

— Sim, eu sei. Mas não acha que está na hora de mudar um pouco? Quantos produtos a empresa produz? Além de roupas femininas.

— Vestidos de noiva e bolsas. Ainda não temos uma linha de sapatos. Mas já começamos a produzir alguns acessórios, como tiaras, relógios e cintos.

— Eu andei pensando em fazer um breve desfile, nesse coquetel. Um desfile para exhibir uma nova ala da empresa.

— Não há nova ala. — Rebato, prevendo que aí vem bomba.

— Irei criar roupas íntimas. — Ele dispara.

— Jamais. — Levanto-me, coloco a taça na mesinha e o encaro. — Minha avó reviraria no túmulo se descobrisse que a *Mademoiselle* vai produzir calcinha e sutiã. Isso está fora de cogitação.

— Ei. — Ele se levanta também. — Não te pedi opinião. A empresa é minha, esqueceu? Estou apenas avisando que teremos, sim, uma ala de roupas íntimas femininas. E quero você trabalhando nisso.

— Eu? — coloco a mão no peito.

— Sim, Angelina. Desenhe algo com a cara da empresa, não pode ser qualquer peça íntima. — Ele começa a andar para fora da sala, enquanto fala, eu o sigo — Deixe que eu cuido da parte das modelos. Irei fazer um bom processo seletivo. — Dá uma risada irônica.

— Você é nojento. — Um ódio me toma ao ouvir essa barbaridade. — Será que já não fez demais? Não tem que ficar se intrometendo nos
NACIONAIS - ACHERON

negócios da empresa, você a comprou só para se vingar de mim. Por isso, fique de fora, seu desgra... — Ele para de andar e se vira repentinamente, olhando-me feio. Freio minha língua.

— Cuidado com o que fala, para você não acabar ficando de fora. Seja mais humilde. — Ele dá o aviso, vai para o outro lado do balcão que parece um bar e vejo que ali é uma cozinha muito bela e bem equipada. Ele começa a trazer pratos de comida e colocar no balcão.

— Você quer banalizar a marca e pede para que eu seja humilde? Olhe para você, seu bastardo arrogante. Colocando-me aos seus pés, humilhando-me, tomando minhas coisas. Onde está a sua humildade?

Agora ele traz os pratos para a mesa, que já está pronta com taças e talheres. Só depois que ajeita tudo, ele vem até mim.

— Eu não tenho obrigação de ser humilde ou bonzinho. Eu sou o chefe, eu mando. Mas você deve, sim, ter mais respeito por mim. Se me xingar

de bastardo mais uma vez, tenho maneiras de fazer você engolir suas palavras. Está entendendo? — Não me pronuncio. Fico calada, olhando para a expressão severa dele. Lorenzo dá um leve sorrisinho, dá um tapinha na minha bochecha e diz: — Isso aí. Caladinha. Agora venha comer.

— Você não sente nada? — Minha pergunta sai como lamento e ele para de andar, ficando de costas para mim. — Nada do que tivemos pode fazer você ter um pingo de compaixão? Não se lembra de nada dos nossos dias de glória?

Ele volta a me olhar. E agora, foi como se eu tivesse colocado um alfinete, de leve, na ferida dele. Eu tive um breve vislumbre de um Lorenzo também ferido, cheio de sentimentos, como se estivesse mesmo relembrando. Mas depois, recobra as emoções e se torna frio novamente.

— Tem uma frase que vi num filme que eu gosto muito. Ela diz: “Lembranças podem ser dolorosas, esquecer pode ser uma bênção”. Então aqui vai um conselho, Angelina: Não se martirize tanto por algo que não existe mais, algo que nunca

existiu. Porque você foi a primeira a esquecer esses tais dias de glória e me apunhalar, descaradamente.

— Eu fui enganada. Tente compreender.

— Não preciso tentar. Eu compreendo. Eu sei que foi mesmo enganada. Mas não me peça para compreender que tinha que acabar comigo. Agora chega de conversa e venha comer.

Não resta outra coisa a não ser me calar e aceitar, remoer sozinha. Sentamo-nos à mesa, Lorenzo me serve, falando sobre a comida, como se nada tivesse acontecido. Eu me sinto no banquete do Hannibal. A comida está cheirosa e ele falou que estava no forno, para ficar numa boa temperatura.

— Coma, Angelina. — Ele ordena e só então, percebo que estou parada, devaneando, sem tocar na comida.

— Quando o contrato acabar, aí você vai se sentir realizado?

— Vou.

— E por que não se sente agora? Você já me tomou tudo.

— Ainda não tenho o suficiente.

— Isso é muito maldoso e...

— Cale-se e coma, Angelina.

E eu me calo e começo a comer, como se mastigasse palha. O desgosto, a revolta, faz a comida perder totalmente o sabor. Bebo uma taça de vinho e antes de qualquer movimento, ele me serve mais, sem nem me perguntar. Ficamos calados, comendo, o clima é pesado, estranho. Depois de terminar, Lorenzo tira os pratos, vai até a cozinha e traz a sobremesa em uma taça larga. Eu olho para a taça à minha frente e mal posso acreditar. Creme de abacaxi com suspiro e caramelo derretido. Foi o que comemos no nosso primeiro encontro quando ele foi me devolver meu celular. E foi com o gosto dessa sobremesa que demos nosso primeiro beijo. Olho da taça para ele querendo saber por que ele trouxe justamente isso, já que era nosso doce específico.

Lorenzo finge não entender e começa a comer o dele. Com os dedos trêmulos, pego a colher e coloco um pouco na boca. Não como isso desde que nos separamos e agora todas as lembranças boas voltam e eu fico com vontade de chorar. Respiro e exalo em forma de sopro, continuo comendo como se não fizesse nenhum sentido.

— O que fez depois... que não aconteceu o casamento? — Crio coragem e pergunto. Assim, à queima roupa.

— Não tentou saber? — Ele dá uma piscadinha irônica e passa a língua na colher. Em seguida, lambe os lábios. Eu fico paralisada, olhando, recebo um sacolejo, mentalmente, de mim mesma e recobro o controle.

— Não. Achei melhor continuar afastada.

— Viajei e fiz faculdade fora.

— Em outro país?

— Em outro estado.

— Hum... Faculdade de quê?

— Administração. Minha carreira estava destruída e eu precisava ter uma profissão.

Eu fico calada, perguntando-me se ele fez administração para trabalhar com o pai ou se já planejava tomar a empresa da minha família e administrá-la. Lorenzo precisava ser alguém na vida para poder conseguir sua vingança.

— Não teve ninguém... depois daquela época?

— Namorada?

— Isso.

— Não. Dão muito prejuízo. — Eu sei, não devia ser tão besta. Mas por dentro, fiquei aliviada em ouvir a resposta.

— Aquela... jararaca da Carmem... foi só para me provocar?

— Provocar você? — Ele repete e ri. — Não preciso ficar com joguinhos para te provocar.

Carmem é gostosa, temos um caso bom. Saímos sempre.

Sinto um gelo me consumir por dentro.
Paraliso meu olhar incrédulo no rosto dele.

— Ainda... saem?

— Sim. E você?

— O que tem eu?

— Teve muitos caras, depois de mim?

Agora meu corpo todo paralisa, minha respiração fica entrecortada e eu não desvio o olhar. Lorenzo me olha tranquilo, esperando uma resposta. Bom, se ele me investigou, sabe que eu saí com alguns caras, só não cheguei a ir para a cama com nenhum deles, mas isso ele não precisa saber.

— Sim, claro.

— Hum... — ele murmura e sorri, como uma chacota. Isso me deixa com uma raiva.

— E esses caras... conseguiram me superar?

— Como é que é?

— Na cama. — Quase desmaio, mas quero parecer descontraída e indiferente, como ele está sendo.

— Lorenzo, não quero ferir seu ego, mas sim. Muitos deles..

— Ah, é? — Ele se levanta e vem até mim. — Terminou? — Aponta para a taça de sobremesa.

— Sim.

Ele me estende a mão, eu fico sem entender, mas a entrego. Lorenzo me puxa e eu levanto. Imediatamente, ele gruda os lábios nos meus, beijando-me possessivamente, puxando-me para ficar agarrada ao seu corpo alto e forte. Tento me afastar, estou de olhos arregalados, pega de surpresa, mas Lorenzo me segura muito forte e continua movendo os lábios contra os meus, de uma forma erótica e sensual. Tem gosto de creme de abacaxi, gosto da sobremesa, gosto do passado e

NACIONAIS - ACHERON

eu desarmo no mesmo instante, pois tudo volta com força total em minha mente, em meu corpo. Meu coração acelera, arrepio-me toda e acabo beijando-o de volta, sentindo o saudoso gosto do beijo de anos atrás.

— Quero te mostrar uma coisa — ele murmura, passando os lábios no meu pescoço. Sua mão entra debaixo do meu vestido e os dedos se arrastam pela minha coxa.

— Lorenzo... — Tento segurar a mão dele.

— Shhh. Não fale. Você é minha por dois meses. Venha comigo.

— Não vou. — Tento puxar meu braço. — O que está querendo dizer?

— Angelina, temos um contrato. Você precisa abaixar a cabeça e deixar eu controlar a situação. Venha, por favor, vou te mostrar algo.

— O quê? — Mais uma vez ele me segura e dessa vez não consigo me soltar.

— Apenas venha. — ele me puxa e já começa a andar. Eu apenas o sigo, até chegarmos a uma porta. Ele empurra, acende a luz e me vejo em um quarto que provavelmente é o dele. Assim como o resto da casa, o quarto é bem arrumado e tem cores neutras. Tudo nos tons de branco, preto e cinza. Meus olhos pousam na cama enorme e tento dar um passo para trás.

— O que...

— Angelina. Vou fazer você relembrar, para poder julgar se os outros foram mesmo melhores que eu.

— Largue-me. — Puxo meu braço. — Eu não vou para a cama com você.

— Vai, sim. — Muito confiante, ele mantém um olhar predador.

— Você é louco? — Eu grito muito alto. Totalmente transtornada. — Quer transar depois de tudo? Depois de ter me leiloado, tomando minha empresa, ainda quer intimidade? Você deve ter um problema muito sério.

NACIONAIS - ACHERON

De supetão, ele segura meu pulso e parece muito ofendido. Os olhos saltados brilham e para deixar tudo mais bizarro, ele sorri.

— Não me faça perder a paciência, Angel. Quero ser bonzinho com você.

Eu quero correr, mas ele fecha a porta e arranca a camiseta, exibindo um corpo majestoso, está bem maior do que era há sete anos. Dou um passo para trás quando ele desabotoa o cinto, joga longe e vem em minha direção.

— Como pode querer alguma coisa comigo, se falou há pouco que ainda tem caso com a Carmem?

— Eu não quero ter nada com você. — Ele desabotoa a calça e começa a tirá-la. — A Carmem é um caso, como posso ter outros. Não tenho uma dona.

— Ah, é? Pois fique sabendo que eu e Noah...

— Não existe você e Noah, nem vai existir. — Ele fica de cueca e eu olho para as coxas
NACIONAIS - ACHERON

musculosas e o pacote enorme. Levanto os olhos, ele sorri ironicamente e volta a andar em minha direção. — Você assinou um contrato, Angelina e estou dizendo que nesse período vai dar só pra mim. Faça o que quiser com o Noah depois desse período.

— E você pode sair com outras? Machista! — Vejo um despertador digital na cabeceira da cama e com toda força, jogo contra ele. Lorenzo desvia e num salto consegue me segurar.

— Não é ser machista. É ter poder. E no momento, eu que mando. Se você ao menos olhar para qualquer outro, durante nosso contrato, acaba qualquer negócio. Está entendido?

— Seu filho da pu...

— Shhh. O que eu disse sobre me xingar? Só me responda, está entendido?

Firmo meu olhar muito bravo e assinto. Vamos ver quem vai domar quem.

— Sim.

— Ótimo. — Ele dá um sorriso muito charmoso, que me faz querer chorar de raiva, pois é muito lindo. Nem tenho tempo de me defender. Ele avança, me abraça e começa a me beijar novamente. Tento ficar o mais frígida possível, mas o beijo vai me deixando acesa, as mãos grandes dele percorrendo meu corpo e descendo meu vestido.

Lorenzo bate de leve o quadril contra mim e nós dois soltamos um leve gemido. Ele aproveita e aprofunda mais o beijo. Não é algo bruto, malvado, dominador. É macio, suave, quase apaixonado, como se provasse devagar meus lábios, e estivesse relembrando. Então, desarmo-me totalmente quando ele se afasta, acaricia meu rosto e resmunga baixinho, como uma prece: “Ah, Angel...”. Nos olhos tem um brilho meio sofrido, eles estão vidrados em mim, como se sentisse tudo que sinto. Consegui ver por alguns segundos, o Lorenzo de antigamente, sem essa máscara de arrogância que ele usa. Ele volta a se curvar e me beija de novo. Agarro firme em seus braços.

— Quer continuar? — Ele pergunta se

afastando milímetros.

— O quê?

— Odeio ter que obrigar uma mulher, jamais faria isso... — Ele gagueja, está excitado, mas nitidamente não consegue prosseguir. — Quer continuar, Angel?

Fico olhando para o rosto dele bem perto de mim, os olhos acesos, os lábios entreabertos. Então ele está me dando poder de escolha? Posso levantar e sair? Mas olha meu estado... hoje eu não durmo se for embora toda cheia de tesão e deixá-lo aqui, na mesma situação... Eu me xingo de vários nomes, antes de assentir e dizer um fraco: “Quero”. Ele sorri vencido e me beija.

— Eu te odeio. — murmuro entre o beijo, sem muita convicção.

— Ótimo. Na cama precisa ter algum sentimento para ficar gostoso.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

DEZENOVE

ANGELINA

Há uns seis ou sete anos, eu estava com Beth e mais algumas amigas em Los Angeles. Entramos numa loja de tatuagem e eu fiquei lá sentada assistindo elas rirem, escolherem tatuagens malucas e tatuaram-se. Eu estava de coração pesado, todas as minhas lembranças ainda eram apenas para minha triste vida. Fazia apenas seis meses desde o meu casamento mal sucedido. Então, Beth veio me mostrar sua tatuagem de caveira com lacinho. Na época, uma febre na moda adolescente. Ainda hoje, há vestígios disso.

Admito que ficou uma graça e isso só serviu para que as meninas insistissem que eu fizesse também. Depois de muito argumentar, elas me convenceram. O grandalhão esperava minha decisão, parado ao lado da cadeira reclinável, enquanto eu folheava uma pasta de desenhos que não chamavam a minha atenção. Desanimada, fechei a pasta e me deparei com algo que me tocou profundamente. Não era nada ostentoso, mas um

simples coração com o símbolo do infinito ao centro.

Apontei para a parede, que era onde o desenho estava e falei que o queria. Escolhi tatuar na perna para que ficasse escondida, só eu saberia o significado. Pedi que fosse pequeno. As meninas saíram para beber no bar à frente, então fiquei sozinha com o tatuador e as minhas lembranças. Observando o desenho tomar forma. Com as lembranças tão vivas e marcadas à agulha na minha perna, eu joguei a racionalidade para o ar e quase em lágrimas, pedi:

— Escreva acima: Faça valer a pena.

Lorenzo me empurra me fazendo cair na cama e voltar para o hoje. Nossa situação é caótica, ele não devia sentir tesão por mim e nem eu por ele. Estamos em pé de guerra, mas fico completamente mole quando ele deita em cima de mim, de um jeito carinhoso. Nada brusco ou hostil. Lorenzo me beija devagar, provando e chupando meus lábios. Enquanto suas mãos sobem pelo meu corpo, subindo aos meus seios.

Eu espero aquele desconforto conhecido vir, o mesmo que tive ao ir para a cama com outros caras, mas agora continuo num fogo enquanto ele me beija, deitado com seu corpo grande e nu, em cima de mim. Lorenzo não está me pegando à força como eu pensava, na verdade, ele está fazendo o que sempre sonhei todos esses anos. Ele está sendo gentil e muito provocante. É como estar na cama com o Lorenzo de sete anos atrás. E tudo piora quando ele para de me beijar e ofega de encontro à minha boca:

— Angel... — é quase como um lamento triste. Como se ele também sentisse tudo que tínhamos e perdemos.

Entretanto, só por que estou sentindo essas coisas, não quer dizer que não posso jogar. Abraço Lorenzo e consigo fazer com que nos viremos na cama, de modo que eu fique por cima dele. Ergo-me, sentada, exatamente em cima de seu grande volume na cueca, ele me olha surpreso com minha reviravolta, então antes que tome alguma atitude, seguro meu vestido e puxo-o para cima, tirando-o pela cabeça e jogando em qualquer canto. Se ele

quer me deixar mexida, preciso deixá-lo também. Mantendo contato visual, compenetrados, tiro meu sutiã e volto a deitar em cima dele, beijando-o. Arrastando meus dedos na pele quente dele, sentindo seus músculos saltados e o cheiro tão familiar de sua pele.

Lorenzo segura forte minha cintura, curva a cabeça e consegue chupar vorazmente um dos meus seios. Solto um gemido e puxo, sem dó, os cabelos dele. Fascinado, ele leva os lábios de um seio para outro.

— Droga! Eu estava doido de tesão por esses peitos. — Ele geme, chupa meu mamilo duro de excitação, chegando a fazer um estalo com a língua. Desço minha mão, sentindo o abdômen sarado dele e invado a cueca com meus dedos, conseguindo segurar seu pau muito duro. Apalpamo-nos, aos beijos.

— Meeerda! — Ele rosna, tirando a boca da minha e de olhos fechados, geme com o rosto todo contorcido de prazer. Isso me deixa muito mais animada, excitada, completamente quente. É aquela

doce loucura dentro do corpo, o coração disparado, um redemoinho vindo, subindo e se instalando no ventre, a respiração ofegante. Por isso, não consegui todo esse tempo ir para a cama com ninguém, pois era isso que meu corpo e meu inconsciente queriam. Sentir esse corpo, o sabor do beijo dele e poder esfregar meu nariz em seu peito, descer minha boca e morder sutilmente seu mamilo, como estou fazendo agora: , chupando e lambendo o peito dele.

É bizarro? Claro que é. Ele está fazendo coisas na minha vida, mas no momento eu nem penso nisso, só estou preocupada mesmo em saciar esse desejo que se acumulou em toda parte do meu corpo por longos setes anos.

Em um impulso, ele me vira, suspende-me em seus braços e me joga contra os macios travesseiros. A cama dele é maravilhosa, só perde mesmo para a minha. Mais que depressa, como se estivesse há dias sedento no deserto, Lorenzo fica de joelhos e com um olhar urgente percorre minhas pernas. Tento fechá-las, mas ele as segura, mantendo-as abertas e com um olhar perplexo,

passa os dedos pelas minhas pernas.

— Está procurando alguma coisa?

— Onde está a tatuagem?

Ah! Claro que eu não iria deixar algo que representa tanto para mim, fazer parte de um jogo sem escrúpulos como o que estou jogando com Lorenzo. Não é hora de mostrar-lhe minhas fraquezas, dar armas para ele conseguir me machucar.

Então, antes de sair de casa, besuntei a tatuagem com várias camadas de corretivo e pó para o rosto. Sei que muitos atores fazem maquiagens para esconder tatuagens. Não dava tempo de eu passar por sessões de laser, então corri para o Youtube e assisti alguns vídeos ensinando a mascarar uma tatuagem. Só sairia se eu lavasse. Claro que no roçar dos corpos, isso tudo vai borrar, mas ele não vai descobrir totalmente, experimentei várias vezes, antes de ter certeza que funcionaria.

— Esqueça. Hoje não é dia de vê-la. — Eu digo e o puxo para me beijar.

NACIONAIS - ACHERON

— Angelina... — Lorenzo tenta protestar, mas eu o derrubo na cama e logo ele se rende aos meus beijos, enrolando suas pernas nas minhas e massageando deliciosamente meus seios.

Eu consigo puxar a cueca dele e agarro o pau quando ele se liberta. Massageio seus testículos e Lorenzo geme, mordendo os lábios. Rá! Então o chefe não é tão imune assim. Um arrepio muito delicioso me consome ao ver essa cena. Lorenzo faz o mesmo comigo, puxa minha calcinha e passa os dedos pela minha vagina que implora por uma carícia mais profunda. Sinto-me pulsante e ensopada. O dedo dele adentra e eu ergo meus quadris com o delicioso choque. Tem tanto tempo que não sinto toda essa combustão de prazer. Lorenzo me deixa e me faz sacolejar toda, chupando meus seios e me torturando com um vai e vem gostoso de seu dedo, dentro de mim.

Desde o início tinha medo de ele ser muito brusco, querer de alguma forma me punir. Não transo há sete anos e ele parece saber disso. Não está indo rápido em uma foda básica, ele está me

aquecendo, ativando uma bomba que foi guardada todos esses anos dentro de mim. Depois, ele deixa meus seios e desce os lábios. Meus dedos dos pés se tencionam, seguro nos lençóis e me liberto num grito quando ele passa a língua na minha vagina, como um grande pincel quente. É uma linguada que me deixa atônita, totalmente zonza. Em seguida ele começa a chupar. Ele suga, beija de língua e puxa meu clitóris com os lábios. Começo a me debater, Lorenzo segura meu quadril e resmunga:

— Quieta! — Dá uma chupada tão forte que eu penso que minha alma vai sair pela vagina. Contorço-me toda e ele não para. Até tem a ousadia de dizer, olhando fixamente para seu dedo fazendo círculos no meu clitóris:

— Isso... está muito gostoso... Cara...

Foi maravilhoso sentir novamente o sabor do orgasmo. Arranho os ombros dele, puxo seus cabelos com muita força, vejo-o sorrir perversamente com o rosto no meio das minhas pernas e fico mais excitada ainda. Puta que pariu! Ele deve saber como é bom no que faz. Que língua

maravilhosa.

Lorenzo pula para o lado, pega um preservativo em uma gaveta e veste o pênis com a camisinha. Pega meu pé, arrasta-me até ele e puxa meu braço para eu levantar. Lorenzo me tira da cama, abraçando-me contra seu corpo e beijando-me quase primitivamente. A necessidade dele parece mais urgente que a minha e olha que estou todo esse tempo sem sexo.

Seu pau esfrega entre minhas pernas, fazendo-me piscar de ansiedade, querendo-o logo dentro de mim. Lorenzo chupa meu pescoço, sobe com sua língua erótica, lambe meu queixo e chega aos meus lábios. Parece um gato lambão.

Ele coloca minhas pernas ao redor da sua cintura, eu firmo abraçando-o e calmamente mantenho nossos olhares cravados, as respirações rápidas, ele começa a me penetrar vagarosamente. Fecho os olhos, sentindo seu pênis me abrindo, e novamente a deliciosa sensação da carne cedendo para ele passar, todo meu interior vai aderindo a ele, como se quisesse sugá-lo mais. E Lorenzo vai

se aprofundando numa prazerosa e dolorosa lentidão, fazendo-me sentir toda a espessura, olhando nos meus olhos. Estamos agarrados, de pé no meio do quarto. Nada do que eu imaginava sobre transar agarrados na cama.

— Isso não era para ter acontecido. — murmuro sobre estarmos transando.

— É inevitável. — Ele responde, caminha e senta na ponta da cama, comigo em seu colo. E então começa a se mover, ajudando-me a levantar e sentar, segurando minha cintura. Eu levanto, seu pau sai todo, arrastando-se, deixando um vácuo dentro de mim. Depois entra e eu gemo alto, jogando a cabeça para trás. Ele enfia os dedos nos meus cabelos, segura forte, de um jeito dominante e selvagem, puxa o pau para fora de novo, deixa só a cabeça dentro, mexe um pouco e após gemermos juntos, ele soca de novo.

Assim que me acostumei, ele deixou as boas maneiras de lado e mostrou toda sua gula. Lorenzo deu uma virada na cama, eu fiquei de costas, com as pernas erguidas, ele veio por cima, com os pés

firmando no chão e começou a meter rápido, indo ao fundo, fazendo-me gritar de tanto prazer, batendo repetitivamente num ritmo fascinante. Eu o agarrei com a mesma força que ele segurou nos meus cabelos, sem nenhum decoro, o quarto se transformou em uma sinfonia de batidas de quadril com gritos e gemidos.

Não tinha como pensar em raiva ou vingança quando eu estava tão excitada agarrando o corpo másculo e bem forte em cima de mim. Passo minhas mãos pelos seus braços fortes, seu peito amplo e sua bunda. Quase chorei de frustração quando ele saiu de dentro de mim, manteve minhas pernas levantadas e chupou minha vagina. Depois tornou a se posicionar, socou tudo novamente e caiu em cima de mim, já beijando.

Ainda não foi o momento de eu gozar. Estava quase lá quando ele saiu, puxou-me, levou-me para a cama e então tive o que imaginei. Transar agarrados, beijando-nos, até chegarmos a um orgasmo de me deixar em ponto de enfarte. Eu me sacudi toda, gritei e apertei tanto os dedos nos braços dele, que ficaram as marcas. Lorenzo

também gritou, sacudiu-se e despejou todo seu prazer num beijo molhado. Eu nem posso acreditar que acabei de transar com o inimigo.

Depois que gozou, ele me deu mais um beijo, tão intenso, que eu quase fui arrebatada. Ainda trêmula pelo orgasmo, sentindo a deliciosa sensação de tê-lo dentro de mim, sentindo tudo em meu íntimo, vibrar novamente com vida. Meu corpo satisfeito, mas viciado, querendo mais. Então Lorenzo sai de dentro de mim e rola, deitando ao meu lado. Eu olho para ele, belo, suado, muito sexy. Eu tinha um plano. Pensei que se houvesse sexo, eu iria transar e depois ser muito má com ele. Ferir o ego dele, machucá-lo profundamente. Mas agora, depois de sentir todo esse prazer, fico com um pé atrás. Talvez, de agora em diante, as coisas comecem a dar certo. Levanto a mão e fico tentada a tocar no peito dele. Mas antes de fazer isso, ele se senta na cama, tira o preservativo e joga no chão.

— Saia. — Rosna de costas para mim.

— O quê?

— Saia do quarto.

— Eu...

— Saia logo! — fala mais alto e eu me assusto. Sento-me na cama e no desespero levanto pelada. Fico sem saber o que fazer. Perplexa, olhando para a cara dele que parece outra pessoa.

— Lorenzo... eu não fiz nada.

Ele se levanta e anda pelado pelo quarto. Vai até a calça, pega o celular e levanta os olhos para mim. Estou no meio do quarto com o lençol na frente do meu corpo.

— Você demora a entender as coisas, não é? É o quê? Uma tapada? — Está sério, sem nenhuma expressão. — Já te comi, saia. Você vai dormir no outro quarto.

Engulo em seco e uma raiva bruta me consome. Não acredito que ele está fazendo isso. Logo agora que reviveu tudo dentro de mim. Visto minha calcinha.

— Por que está me tratando assim? — grito.
— O que eu te fiz? Acabamos de...

— De foder. E daí? Acha o quê? Que vou ficar bonzinho, só por que me deu a boceta? Saia do quarto, antes que eu perca a paciência.

Completamente sem fala, com a maneira brutal que ele falou comigo, eu não revido. Consigo ver apenas meus sapatos, abaixo e pego-os. Ele digita no celular e se joga na cama.

— Oi, gata. Você me ligou?

Ah, não! Ele está deitado, sorrindo, falando com outra na cama em que acabamos de transar?

— Claro. Esse final de semana não dá, estou resolvendo uns problemas. Mas segunda, a gente se vê. — Ele olha para mim. Semicerra os olhos e coloca a mão no telefone. — Estou com alguma coisa sua?

Fecho os olhos e uso toda a força do mundo para não parecer fraca diante dele. Não vou dar-lhe o gosto de me ver no chão, desestabilizada. Ergo o
NACIONAIS - ACHERON

queixo, empino o nariz e tento parecer o mais fria possível.

— Não.

— Então já sabe onde é a porta.

Eu ia sair mesmo. Como a tola que sempre fui, aceitando ordens. Mas quando escuto ele dizer: “Está vestindo o quê, gostosa?” — Viro-me para olhá-lo, deixo os sapatos caírem da minha mão e num acesso de fúria, pulo na cama, tomo o celular da mão dele e com muita força, jogo-o contra a janela. Lorenzo me olha de olhos saltados e não dá tempo de reagir, ganha um tapa na cara e imediatamente eu aponto um dedo para ele.

— Até os trouxas ficam de saco cheio. E o meu estourou! — berro. Ele tenta me segurar, mas eu começo a bater nele com uma raiva crua. Acaba de usar minha última gotinha de paciência.

— Então te fiz perder a paciência? Só agora?
— Ele ri, deixando-me com mais raiva, tenta se virar para ficar por cima de mim, mas eu consigo sair e me arrasto da cama.

NACIONAIS - ACHERON

— Vou usar tudo que posso, Lorenzo. Tudo que conseguir contra você. — E lá vem outra gargalhada irônica dele.

— Nessa altura do campeonato? Você não pode fazer nada. Está sob minhas ordens, esqueceu? — Vem andando em minha direção. — E o dia que me bater de novo... ah, Angelina, não vou querer estar em sua pele.

Olho meu sapato no chão. Pego-o e sem pensar jogo nele, sem mirar em nada. E por coincidência do destino, o sapato acerta justamente o pênis dele. Lorenzo geme de dor e coloca as duas mãos no meio das pernas. Antes de ele reagir, eu corro para o outro lado do quarto, pego o celular dele, deixo no chão e dou repetidas sapatadas na tela.

— Vai ligar para cadelas vadias do orelhão, ouviu? — grito, metendo sem dó o salto na tela, até ela trincar e começar a espatifar. Só paro de bater porque o salto se quebra e Lorenzo vem correndo, pelado, para cima de mim. Ele ainda sente dor, pulo

em cima da cama, salto para o outro lado e só de calcinha, saio correndo do quarto, posso sentir que ele está ao meu alcance. Desço as escadas, pego minha bolsa no sofá e Lorenzo aparece.

Olho para os lados, vejo a cozinha, a escada e uma porta. Corro para a porta e me fecho lá. É o banheiro social. Tranco-me e as batidas fortes dos murros dele, ressoam junto com meu coração ecoando em meu tímpano.

— Abreee! Angelina, abre essa porta! Vai me pagar caro!

— Não! Vá se foder!

— Abre essa porta, Angelina. — fala mais manso, porém com raiva expressa na voz. — Se eu te pegar, vai ser pior.

— Se fode aí, otário. Vai ligar lá para a cadela com seborreia.

— É? Adivinha quem vai se foder toda? Nada de piedade agora, ouviu? Vai ter que passar a noite aqui, sua roupa está lá no quarto. Só vai sair da
NACIONAIS - ACHERON

minha casa quando eu quiser.

Ouçõ passos se afastando, abro a porta e o vejo, ainda pelado, subindo as escadas. Revoltada, cansada, sentindo a maldita vagina dolorida por causa do sexo, mais frustrada do que antes, recosto na porta e tento me acalmar. Minhas mãos ficam geladas, meu coração acelera e a raiva dá lugar ao desespero. Estou sozinha, na casa de um imbecil falso. Sozinha, literalmente. Meu abdômen contrai quando soluço e sinto meus músculos vaginais doerem.

— Não era assim... eu não queria assim... — sopro várias vezes para tentar manter a calma, sacudo meus dedos e nada está resolvendo. Corro até minha bolsa, procuro um calmante e não encontro.

— Droga. Ai, droga. — Uma lágrima deixa meu olho e eu me recuso a chorar. Sento na privada com a bolsa no colo e respiro cachorrinho, para não chorar. Pego meu celular. Se eu ligar para minha mãe, ela fica preocupada e meu pai vem atrás de mim. Estou brigada com Beth... Olho na minha

lista de números e não tenho ninguém que possa me acudir a essa hora. Então chego a uma letra, vejo um nome e toco para chamar. No terceiro toque, a pessoa atende.

— Eh... Olivia? — murmuro.

— Oi, Angelina.

— Estava dormindo?

— Não. Eu acabei de amamentar o Gael. Aconteceu alguma coisa?

— Eu... será que você me dá dois minutos do seu tempo?

— Claro. Pode falar.

— Droga, sei que você não pode fazer muita coisa. Estou precisando de ajuda. Estou muito magoada e...

— Diga-me, o que está acontecendo?

— Desculpe, eu não tinha ninguém para

conversar.

— Fale-me. Você está... chorando? — Fungo e limpo as lágrimas. Seguro firme meu pingente do colar no pescoço.

— Olivia, eu sou uma tola. A maior tola do mundo. — O choro interrompe o que eu estava dizendo e eu tento controlar o máximo.

— Angel... onde você está? O que posso fazer? Quer que eu ligue para alguém?

— Não. Eu vou ficar bem. Eu só... merda, eu confio rápido demais nas pessoas, todo mundo consegue me enganar facilmente. Eu mesma dou as armas para as pessoas me ferirem.

— Angelina...

— Droga... às vezes é horrível e desesperador carregar tudo sozinha... ele tem mil pessoas auxiliando-o, e eu... nem meus pais apoiam minha causa. É horrível, porque, além de tudo, eu dou poder para me atacarem. Desculpa ter te ligado. Eu só precisava me acalmar um pouco.

NACIONAIS - ACHERON

— Foi o Lorenzo?

— Não. Não foi ele, fui eu. Eu que não sei me defender. Não sei jogar esse tipo de jogo, fui criada como uma intocável, só para ser uma vitrine.

— Mas você está sendo forte, lutando pelo que ama. A *Madde* precisa de você.

— Eu nem sei se quero mais isso. Se eu desistir, cuide dela pra mim, você tem a mesma paixão que eu. Sei que estará em boas mãos.

— O quê? Não. Para com isso, está nervosa agora. Vamos pensar com calma.

— Eu nem sei mais o que pensar, Olivia.

— Escute, não pode deixar que te atinjam tão facilmente, como um dia eu deixei que me comandassem. Não dá para desistir assim, num estalar de dedos. Diga-me do que precisa agora.

Conto a ela que acabei transando com Lorenzo, mas ele me humilhou em seguida e está com minhas roupas. Estou sem poder sair da casa

NACIONAIS - ACHERON

dele.

— Ok. Fique onde está. Dentro de quinze minutos a ajuda chega.

— Olivia, não fale nada com o Romeo...

— Não é com o Romeo. Aguenta aí. — Ela diz e desliga. Eu respiro fundo, levanto-me e vou até a pia lavar o rosto.

A casa está em silêncio. Depois de lavar o rosto, tento encontrar uma toalha ou roupão, mas só tem uma minúscula toalha de rosto. Vejo papel higiênico e enrolo ao redor dos seios como se os enfaixasse. Mais ou menos quinze minutos depois, recebo uma mensagem de um número desconhecido.

“Olivia me pediu para te resgatar. Já estou aqui fora.

Beijos, Kate.”

Guardo o celular, coloco a bolsa no ombro e abro a porta devagar. Olho em volta, está tudo
NACIONAIS - ACHERON

silencioso. É minha chance. Focada na porta, atravesso a sala. Ele poderia estar me esperando, mas está tudo vazio. Abro a porta, espero o elevador, com uma certa ansiedade. As portas se abrem, eu entro e respiro fundo. Isso me preocupa, Lorenzo deve estar muito bravo e a retaliação vem por aí. Sem olhar para os lados, nem mesmo para o porteiro, saio do prédio e vejo do outro lado da rua, um carro com uma mulher loira acenando para mim. Caminho até lá.

— Kate?

— Isso. — Ela olha para mim. Toda enrolada de papel higiênico.

— Uau! Quem diria que um dia eu veria a Angelina Velasco vestida de papel higiênico.

Dou uma risadinha, entro no lado do passageiro, ela me joga uma sacola, dizendo que trouxe roupas para mim e arranca com o carro.

— E então? Se meteu na casa do pirado? — Olho para ela e suspiro.

— Conhece o Lorenzo?

— Pouco. Só sei que é um gostoso. — Olha para mim — Desculpa falar, mas é a verdade.

— Tudo bem. Olivia te contou sobre nós?

— Pouco. Disse que vocês têm um rolo.

— É. Um rolo, — Concordo, pensando na nossa recente briga — bem enrolado. — Abro a sacola, vejo uma saia, uma blusa e começo a desenrolar o papel higiênico.

— Quando eu conheci os irmãos do Romeo, desejei profundamente ter um rolo com Magno. Conhece o Magno?

— Sim. Gosta dele?

— Hum... eu o acho gostoso e até toparia experimentar para saber se ele é tudo que sempre fala. Mas muito convencido, esnobe. Desconfiou que eu estava atrás dele e ficou me dando gelo. Dei um tempo.

PERIGOSAS

— É melhor, não gosto dele. O que é seu deve estar aí, em algum lugar.

— É. Como dizia meu pai, o que é do homem, o bicho não come.

— Pura verdade.

— Mas conte-me, que trajes são esses? — Ela passa os olhos para ver eu me trocando e volta a atenção para a direção — Você se fantasiou de Pokémon para ver se um bofe te captura? Eu estou quase fazendo isso.

Depois da noite que tive, não achei que poderia gargalhar. Rio, mas não conto sobre minha briga com Lorenzo. Ela me deixa em minha casa, eu agradeço e entro correndo. Chego ao meu apartamento e segura, na minha casa, respiro fundo. Depois dessa noite, estou mais que decidida. Agora é uma questão de necessidade descobrir algo sobre Lorenzo e usar contra ele. Vou para a cozinha, abro a geladeira, pego uma latinha de chantilly, sento-me na cadeira e começo a comê-lo puro. Doce me ajuda a pensar.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Chegou a hora de deixar de ser trouxa e jogar pesado.

NACIONAIS - ACHERON

VINTE

LORENZO

Assim que volto para o quarto, uma revolta sem tamanho me toma. Munido dessa raiva que aflora, dou um chute em um dos sapatos de Angelina, fazendo-o bater com força contra um quadro do outro lado na parede. Caminho no quarto ofegante, quase enlouquecido e ainda com uma leve dor no pau. Isso faz minha raiva crescer mais ainda. A sacana me peitou. Atrevida! Será que Angelina não consegue entender que tem que me obedecer? Ainda mais depois de eu ter dado um tiro no meu pé. Por que eu fui tão burro? Por que eu fui transar com ela, achando que iria colocá-la no chão, aos meus pés?

Estava indo tudo muito bem, meus planos dando perfeitamente certo, até o esperto aqui achar que poderia transar numa boa com a desafeta e sair ileso. Mas não foi isso que aconteceu. Não foi vitória que senti quando terminamos. Porque eu tive vontade de derrubar a casa de tanta raiva por ter sido tão... bom. Por ter me sentido um merda

apelando para a chantagem, pois ela nunca seria minha novamente por conta própria. Eu não pensei em nada, peguei o celular e liguei para o primeiro número de ligação rápida. Só quis fazê-la sofrer um pouquinho. Nunca que eu iria deixá-la sair daqui por cima da carne seca, enquanto eu ficava na vala, como um pedaço de carne podre.

— Cacete! — Abaixo e pego o celular espatifado. A tela toda quebrada. Nem funciona mais. Enfio os dedos nos meus cabelos e puxo com força. Acerto a parede com o que restou do celular que ela quebrou. — Diabo! Caralho! Porra!

Por que essa mulher entrou na minha vida? Eu vou ficar bem, sei que vou. Mas Angelina vai me pagar. Abaixo e pego o vestido dela. Primeiro, tentou me enganar com a tatuagem, ela acha que eu sou criança. Sei que estava lá, podia ver que ela maquiou, terei outras oportunidades de ver. Olho o vestido em minhas mãos e meu coração palpita. Embolo e jogo longe, porque me deu uma vontade ridícula de levar o tecido ao nariz. Vou para meu closet, encontro minha pasta, procuro até encontrar meu celular que uso apenas para trabalho. Digito

um número e logo Magno atende.

— E aí? O que houve? Desligou do nada. — Ele já pergunta. Eu não estava ligando para nenhuma mulher, era para Magno. Só queria fazer Angelina sofrer. No momento, minha mente está atolada com um único objetivo, não dá para pensar em outra mulher.

— Eu estava fazendo onda, fingi que estava falando com uma garota.

— É, eu entendi. Atendo o telefone e recebo logo um “Oi, gata” vindo do meu irmão. É para traumatizar.

Sento-me, ainda pelado, na ponta da cama.

— Transei com Angelina. — De cabeça baixa, confesso para Magno.

— O quê? Porra, Lorenzo. Tu tá louco? Seria o mesmo que o Harry transar com o Voldemort, não rola. — Suprimo um riso. Magno é um idiota.

— Foi uma atitude amadora.

— E põe amadora nisso. E daí, depois de comer a judiada, quis dar uma de descolado e meter um caô nela?

— Basicamente isso.

— E o que houve?

— Ela tentou me ferrar. Quebrou meu celular...

— Quebrou seu celular? Meu bom Jesus. Vocês dois juntos são piores que o Detona Ralph. Quebram tudo.

— Ela pirou e está trancada no banheiro lá embaixo.

— Trancada? Mas você não tem nada a ver com isso, né? Não está mantendo ninguém em cativeiro, está?

— Não. Quer dizer, ela está lá, pelada. As roupas estão aqui comigo, portanto ela não pode ir embora. Estou esperando ela vir me pedir as roupas, para termos um acerto de contas.

— Ponto para você, então. Se ela tá pelada, te favorece mais. Precisando de ajuda, chame. — Ele dá uma risada sarcástica — Para qualquer coisa.

— Vai se ferrar, Magno. — Desligo, deixo o celular na cama e vou para o banheiro tomar uma ducha, pois estou cheirando a sexo e perfume de mulher. Odeio sentir esse doce perfume suave, algo como flores ou alguma fruta. Não sei que tipo de produtos as mulheres costumam usar.

Depois do banho, devidamente limpo, escolho uma cueca e com raiva, puxo os lençóis da cama e me deito. Os minutos vão passando e nada. Espero já sem paciência. Estou com os nervos à flor da pele e com uma forte ereção novamente. Isso por que meu corpo acha que se Angelina entrar aqui para resgatar a roupa, devo transar com ela de novo para puni-la. Acho ridículo alguém querer punir outra pessoa usando sexo. Isso não é punição. É bônus.

Ela pode ter ido assaltar a geladeira. Meu inconsciente me alerta. Dou um pulo da cama. Angelina tinha um costume e ainda deve ter, de

sempre que está ansiosa, nervosa, com medo ou depressiva, ela corre para se empanturrar. Come descontroladamente. Saio do quarto e desço correndo. Vejo a porta do banheiro aberta, mas a cozinha está vazia. Vou para a sala, entro no banheiro, volto para a sala e vejo, lá no hall, a porta aberta.

Diaba! Um torpor de raiva me consome. Não acredito que Angelina foi embora pelada. Ela não fez isso. Dou uma risada nervosa e irônica. Ela não fez mesmo. Olho em volta. Minhas coisas não têm culpa. Minhas coisas não têm culpa. De olhos fechados tento me acalmar, mas quando penso que talvez ela tenha ligado para Noah e ele tenha vindo buscá-la, eu piro. Simplesmente, não consegui. Corro até a cozinha, encontro a garrafa de vinho e viro toda na boca, no gargalo, derramando vinho no meu peito.

Eu vou foder tanto a vida dos dois. Isso não vai ficar assim. Não vai. É hora de dar o próximo passo. Usar minha próxima carta. Quero ver se ela vai conseguir fugir de mim novamente. Com a garrafa na mão, saio da cozinha, fecho a porta de

entrada e sento no sofá, tentando me acalmar. Eu não posso imaginar a minha... quer dizer, aquela mulher, nua no carro de outro homem.

Droga! Estou tão fodido. Viro de novo a garrafa na boca



No dia seguinte, seis e meia, eu já estou voltando da corrida matinal. Não dormi nada e para mim, isso não é novidade. Quando consegui dormir, já passava das três. Acordei às cinco da manhã. Depois de tomar banho e café, visto-me e antes de sair, faço uma ligação muito importante. Hoje, quando Angelina chegar à empresa, uma surpresa a espera. Carmem atende o celular mais rápido do que eu esperava. Sorrindo, cumprimento-a e começo a explicar o favor que eu preciso que ela me faça.

Marquei com ela de passar na sede da revista em que ela trabalha, para chegarmos juntos à *Mademoiselle*. Parei meu carro em frente ao prédio, mandei uma mensagem para ela e poucos instantes depois ela saiu. Enquanto ela vem andando em

direção ao carro, eu fico pensando cá com meus botões. Carmem é uma famosa redatora e blogueira de moda. Linda, um estilo de mulher que é cobiça para milhares de homens. Olhem só os atributos dela: alta, seios fartos, tem um corpo de dar água na boca, longas pernas que são uma loucura e ainda tem belos cabelos loiros. Transei com ela duas vezes e não chegou a entrar no top cinco de melhor sexo da minha vida.

E então, pergunto a mim mesmo: *por que tudo em mim, pau e mente, prefere uma morena baixinha, de franjinha e que é uma atrevida? Por que desde quando eu comecei essa porra de acerto de contas, não consigo comer mais ninguém?* Tentei com Carmem, o dia que a esfreguei na cara de Angelina no restaurante. Tentei e passei vergonha, colocando a culpa no álcool. Tenho essa e qualquer outra mulher que eu quiser. Eu poderia virar as costas para tudo, para meu passado, mas simplesmente é forte demais, não dá para parar. Carmem abre a porta, entra e se inclina sobre mim para me beijar.

— Oi, *honey*. — Ela cantarola e acaricia

minha perna. — Anda sumido. Fiquei com saudades.

— Oi, Carmem. Ando muito ocupado. Preciso de um favor.

— Claro, estou inteirinha ao seu dispor. — Ela coloca o cinto e quando eu ligo o carro, o som começa automaticamente e a música volta a tocar: (...) *E no brilho de uma pedra falsa, dei amor a quem não merecia, eu pensei que era uma joia rara, era bijuteria (...)*

— Que Horror! Ouve esse tipo de música? — Carmem me olha incrédula e desligo.

— Emprestei o carro ao meu irmão. — Explico de imediato. Não vou admitir que estava ouvindo músicas dor de cotovelo.

— Coitado do seu irmão. Ouvir música sertaneja é fim de carreira. — Ela fala e eu arranco com o carro enquanto explico detalhadamente para ela o que estou pretendendo. Quando chegamos à *Mademoiselle*, eu estava ciente de que Angelina já estava lá, pois liguei antes para Simone. Com o NACIONAIS - ACHERON

coração acelerado de ansiedade, subi com Carmen e saímos juntos do elevador, lógico, com meu braço enlaçando-a pela cintura.

E, por sorte, a segunda pessoa que nos viu foi Angelina, pois a primeira foi Beth. Eu gostei demais de ver na cara de Angelina a surpresa, misturada com horror, ficou pálida e de olhos saltados. Encarando Carmem e eu, enquanto andávamos pelas mesas dos funcionários.

— Bom dia. — Cumprimento alguns. Olho para ela, finjo ignorar e sigo até minha sala.

— Então quer dizer que agora é dono disso aqui? — Carmem caminha pela sala, olhando tudo ao redor. Eu fico parado, vendo-a estudar o ambiente.

— Pois é, como te falei. Quero publicar uma matéria de minha posse na sua revista.

— Lorenzo, até agora estou passada com essa novidade. — Ela vem até mim, com um sorriso enorme, de muita satisfação estampando o rosto. — Você destituiu a vaquinha. Acabou com o reinado NACIONAIS - ACHERON

dela. Estou adorando isso. E a Dama da Renda? Como fica? — Ela aponta para a porta, referindo-se a Angelina. — Por favor, diga que está servindo cafezinho.

— Dama da Renda?

— É. Uma esnobe que se acha a tal.

— Ela continua sendo a diretora de moda. — esclareço. — A propósito. — Levanto um dedo, pedindo um minuto. Caminho até o interfone na mesa. — Sente-se aí, Carmem. — Ela obedece, senta-se elegantemente e eu aperto o botão do interfone. — Simone, peça a Angelina para vir imediatamente à minha sala.

— Olha, eu não respondo por mim se ela vier me provocar. — Carmem avisa.

— Ela não vai te provocar. — Sento na minha cadeira e poucos minutos depois, a porta se abre. Angelina coloca a cabeça, espia e depois entra. De braços cruzados e olhar matador ela me mira.

— O que foi?

— Angelina, acho que já conhece a Carmem...

Estendo minha mão para Carmem, mas Angelina nem desvia o olhar, continua cravado em mim.

— Sim, conheço.

— Ela fará, em primeira mão, uma matéria sobre minha posse. Logo, farei uma reunião com os funcionários, só mesmo por formalidade.

— Tudo bem. — Ela assente, sem desviar os olhos de mim. Uma raiva mortal banha o rosto dela.

— Ah, Angel, querida. Fiquei sabendo do pesar. Perdeu tudo, foi? — Carmem provoca. E então Angelina olha para ela. Eu achava que iria ter uma troca de farpas ou briga mesmo. No fundo, eu trouxe Carmem aqui para isso, para passar na cara dela. Para fazê-la ficar com raiva, para vê-la desmoronar. Mas ela faz algo impensável: sorri, dá a volta à mesa e fica de pé ao meu lado, de frente para Carmem.

— Para uma jornalista, você anda bem
NACIONAIS - ACHERON

desinformada. — A voz de Angelina é mansa, bem compassada. — Eu continuo no meu cargo e sou a segunda maior acionista da empresa.

Descrente, meio indignada, Carmem olha para mim. Estou tenso com Angelina de pé ao meu lado e ainda com a mão no meu ombro.

— Lorenzo, você disse que é dono... — Eu ia responder que sim; que sou dono, mas que Angelina continua sendo, ainda, acionista da empresa, mal abri a boca e fui interrompido:

— Sim. Ele é o dono. — Angelina concorda. Eu levanto os olhos para fitá-la, ela sorri para mim, puxa minha gravata e me dá um beijo na boca. Daqueles beijos bem lascados de bom, bem gostoso, um beijo de filme, meu pau animou na hora. Fui pego desprevenido. Assim que ela termina de me beijar, volta-se para Carmem e fala:

— Lorenzo, meu ficante, digamos assim. Ele é meu herói, salvou-me da falência. Ele comprou as ações para me ajudar e agora estamos nos entendendo.

Levanto-me depressa, trincando de raiva, tenho certeza que meu semblante está retorcido, sinto meu maxilar contrair. Abro a boca para contestar, mas ela é mais rápida.

— Ele fica indignado quando eu digo que é apenas meu ficante. — Com uma pose de Dama de Ferro e não Dama da Renda, ela volta-se para Carmem: — Ou seja, querida, pode ir baixando a crista, pois eu ainda estou com os pés aqui na empresa e com as mãos nesse homem, ouviu?

— Angelina. — rosno, sibilando entre dentes. Carmem está de pé e o brilho no olhar árido, pede-me explicações.

— Lorenzo, achei que tínhamos...

— Isso aí. Tinha, não tem mais. — Eu puxo Angelina para o lado e mesmo atrás de mim, ela ainda fala: — Se for fazer matéria, saiba que eu estarei junto, dando a entrevista e saindo nas fotos.

— Você é um ridículo, Lorenzo. Passo essa matéria, não vou fazer. — Carmem coloca a bolsa no ombro e caminha para a porta.

NACIONAIS - ACHERON

— Não vai fazer? — Angelina berra. — Pois saiba que vou ligar para sua chefe. Agora eu que quero a matéria. Você vai ter que entrevistar o Lore e eu. — Carmem bufa de raiva, está meio vermelha. Sai da sala e bate a porta com muita força.

— O que deu em você? — grito para Angelina e ela sorri como uma hiena.

— O que você achou? — Agora ela fica muito séria. — Que iria vir aqui, usar essa cretina para tentar me humilhar e sair numa boa? — Ela abana o dedo na minha cara. — Não mais, meu amor. Angelina burra ficou dormindo lá em casa. — Ela vira as costas, vai para a porta, mas eu corro e a seguro a tempo. Pressiono-a contra a parede.

— Você fugiu ontem. — Minha voz rouca, é como um gruído.

— Sim, fui embora. — Ela me encara bravamente.

— Com quem? — Apesar da voz controlada,
NACIONAIS - ACHERON

por dentro quero quebrar aquela mesa no murro.

Os olhos dela brilham.

— Um amigo.

— Um amigo. — repito categoricamente.

— É. — Ela sustenta. Nossas bocas bem perto e o olhar cravado.

— Saiu pelada com um amigo. Que amigo?

— Não. Te. Interessa. — Ela saboreia cada palavra.

— Ok. — cochicho. — Farei você me contar tudo e depois ferrarei você e o sujeito.

Ela consegue sair dos meus braços, na verdade, eu a deixei sair. Já tenho algo em mente. Parece que Angelina não entende muito bem qual a lógica do contrato que assinou. Deve-me muito respeito e obediência. Mas fica nessa petulância insuportável. Tenho que tomar uma providência.

— Sabe que vai pagar, não é?

— Nada do que você faça me assusta mais, Lorenzo. Boa sorte. — Ela acena e sai da sala. Volto para minha mesa, aperto o botão do interfone para falar com Simone.

— Simone, por favor, reúna todos os funcionários na sala de reuniões.

— Sim, senhor. — Ela responde. Eu saio e sob o olhar de todos, inclusive da própria Angelina, caminho para a sala de reuniões. Em pouco tempo começa a encher de gente, todos ficam em pé, porque não ordenei que ninguém sentasse. Angelina é a última a entrar.

— Bom, só os chamei aqui, para confirmar cordialmente o que todos já sabem por rumores. Eu sou Lorenzo, atual dono da *Mademoiselle*. As coisas continuam da mesma forma, por enquanto. Angelina continua no comando, até segunda ordem. Estou criando um novo projeto para a empresa e espero a colaboração de todos. Principalmente no desfile que vai marcar uma nova fase da empresa.

Só quero lembrar que estou sempre de olho, mesmo quando não estou aqui. Alguma pergunta?

Ninguém fala nada, nem mesmo Beth ou Angelina.

— Tudo bem, muito obrigado, podem voltar ao trabalho.

Saio da empresa e corro para a Orfeu. Não é mole essa vida de empresário. Romeo me olha torto quando entro correndo e vou me exilar na minha sala. Aqui fico muito mais confortável que na *Mademoiselle*. Lá, além de ter a presença constante de Angelina, é um lugar inóspito para mim.

Enfio-me no trabalho, não falo com ninguém, preciso de muita concentração, para esquecer certos assuntos. Peço meu almoço, como na minha sala e às quatro e meia da tarde eu saio correndo. Passo na sala de Romeo para entregar uns relatórios e Magno está lá.

— Acredita nesse homem, Romeo? — Magno aponta logo para mim. — Transou com a Bruxa de Blair.

NACIONAIS - ACHERON

— Quem? — Romeo franze o cenho.

— Angelina. — Magno traduz.

— Vá se danar, cara. — resmungo.

— Estão se acertando? — Romeo parece bem aliviado, levanta a mão e recebe as pastas que eu entrego.

— Mais ou menos. — Meneio a mão. Falo isso para eles ficarem de boa e não se intrometerem na minha vida.

— Sério? — Pasmos, os dois indagam quase ao mesmo tempo.

— Pois é. Ontem tivemos um mal entendido, mas hoje eu conversei com ela. Acho que vai dar certo, a parceria.

— Que bom. Eu fico feliz que esteja deixando essas loucuras de lado. — Romeo, sorri. Mostra mesmo um grande alívio.

— Sei não, viu, Lorevaldo. — Magno balança a cabeça negando — Fique de olho na retaguarda, aquela ali pode dar no teu rabo a qualquer momento. Traíçoeira ela.

— Falou, estou indo nessa. — Saio correndo da sala. Bato o dedo no botão do elevador mil vezes, sei que não vai adiantar, mas não tem como ser diferente.

“Um amigo, né?” — Sarcasticamente eu relembro as palavras dela. Chegou a hora de fazer como ela fez hoje. Vou exterminar qualquer possível concorrência. Se Noah tiver pelo meio, vai sobrar para ele.

Dirijo até minha casa, vou para meu quarto, pego várias roupas no closet e jogo na cama. Preparo duas bolsas com tudo que vou precisar. Quando já está tudo pronto, pego meu celular e digito um número. Demora muito para atender, quase me deixa pirado de raiva. Precisei ligar três vezes.

— O que é, Lorenzo? — Angelina murmura

do outro lado.

— Ainda está na empresa?

— Não. Estou em casa.

— Ok. Deixa para amanhã, então.

É na sua casa mesmo que eu te quero. —
Comemoro em pensamento.

Ela não espera eu falar mais nada e desliga. Boa. Melhor assim. Pego as bolsas e saio de casa. Antes, ligo para Vilma dizendo que precisei viajar e que ela não precisa vir, pode ficar na casa de Romeo, ajudando Olivia. São quase seis da tarde quando Angelina abre a porta do apartamento dela. Consegui negociar com o porteiro e entrei sem que ele precisasse avisar. Quando ela me vê, tenta fechar a porta, mas eu sou mais forte e rápido, empurro e entro.

— O que está fazendo aqui, Lorenzo? Fora da minha casa. — Ela está desesperada, atrás do sofá, pois está vestindo uma roupa curta. Foi pega desprevenida, está de óculos de leitura, o livro
NACIONAIS - ACHERON

jogado no sofá, estava lendo. Coloco as duas bolsas no chão, tiro meu terno, jogo no sofá e afrouxo a gravata.

— Quem disse que esse apartamento é seu?

— O quê? — Ela coloca a mão na boca, passa os olhos pelas malas e olha pasma eu me jogando no sofá.

— Foi isso que ouviu. Esse apartamento é meu por dois meses, lembra? Vamos ser colegas de quarto e se você ousar sair, eu quebro o contrato e você perde tudo. Então, Carmem e toda cidade vão saber que você perdeu tudo mesmo. — Ela está com as duas mãos na boca e os lindos olhos azuis saltados. Sinto meus olhos brilharem. Sorrio e termino: — Quero ver se vai ter amigo que vai conseguir te ajudar a fugir de mim novamente.

VINTE E UM

ANGELINA

Visualizem comigo uma cena: uma clássica de novelas mexicanas. A mocinha vira para o mocinho e, em lágrimas, diz: *“Luiz Roberto! Não o mate! Ricardo Augusto não é meu irmão. Ele é nosso filho que foi sequestrado quando tinha dois meses. E foi você quem o sequestrou quando perdeu a memória na nossa noite de núpcias.”* Então, Luiz Roberto faz uma cara de choque muito dramática que comove todo mundo.

Pois é. Visualizaram? Eu sou o Luiz Roberto. Minha cara ficou assim ao ver aqui em minha sala, sentado no meu sofá tirando as meias nesse momento, nada mais nada menos que meu chefe desafeto. Lorenzo. Sim, eu não estou tendo um delírio. Desde Guerra dos Mundos não existiu visitante mais hostil como esse agora na minha casa. E eu ainda duvidava quando ouvia o povo falar que ex-namorados são as piores pragas da vida.

— Como você pode ser tão... baixo? Como pode querer vir morar comigo depois de...

— De transarmos? — Insolentemente, sem se abalar, ele emenda.

— DEPOIS DE VOCÊ FODER MINHA VIDA SEM LUBRIFICANTE! — grito histericamente, ainda protegida atrás do sofá. Ele levanta com cara de psicótico. Vem até mim e eu me afasto.

— Sabia que uma aranha gosta muito quando a mosca se debate em sua teia? A aranha fica mais... excitada, digamos assim.

— Você é louco! — Rebato.

— É, confesso — ele passa o polegar pelo lábio inferior — que gosto de você assim, lutando. Prometo que da próxima vez que eu te foder, será bem lubrificado.

Já vi que brigar com ele só vai provocar mais ainda o instinto de psicopata. Ele vai se divertir mais. Então decido tentar dialogar, coisa que
NACIONAIS - ACHERON

deveríamos fazer desde sete anos atrás, quando aconteceu toda aquela merda.

— Lorenzo, seja racional, você tem sua casa, eu estou disposta a aceitar suas imposições. Mas cada um no seu canto.

— Você não está sendo uma boa subalterna, Angelina. Não está sabendo jogar meu jogo e por isso não tem direito de pedir nada, tem apenas que aceitar.

Como uma panela de pressão, eu vibro com muita raiva. Devo estar vermelha e quase posso ouvir o rangido dos meus dentes. Ele sorri e se vira, indo em direção à cozinha. Saio de trás do sofá e corro atrás dele.

— Onde está indo?

— Quero conhecer minha nova casa. — Lorenzo nem se vira para me olhar. Está estudando atentamente minha cozinha. — Conte-me como funcionam as coisas aqui, quais os horários das refeições. — Como se estivesse alugando um quarto de pensão, ele abre a geladeira para

NACIONAIS - ACHERON

bisbilhotar.

— Lourdes cozinha para mim. — Sem sair de dentro da geladeira, Lorenzo me espia.

— Trouxe Lourdes para cá? — Ele fecha a geladeira — Que bom. Assim não morrerei de fome. Vamos juntos ao supermercado depois. — Ele olha tudo em volta e sorrindo, volta-se para mim. — Gostei dessa cozinha. Bem moderna e limpa. Agora me mostre meus aposentos e onde fica o banheiro. Preciso tomar um banho.

Batendo um pé e de braços cruzados, eu não digo nada. Apenas o encaro emburrada.

— Ok. — Ele dá de ombros. — Vou sozinho. Eu me apossarei do primeiro quarto que encontrar. — Saio da cozinha e não me resta outra saída senão correr atrás dele. Ultrapasso-o enquanto Lorenzo para na sala para pegar suas bolsas. Chego ao meu quarto e aponto para a porta à frente.

— Quarto de hóspedes. — Ele ignora para onde aponte e olha para a porta fechada atrás de mim.

NACIONAIS - ACHERON

— O seu quarto?

— É.

— Quero ver.

— Não vai entrar no meu quarto.

— Sou o dono dessa casa e você deve atender todas às minhas ordens.

— Não vai entrar aqui. — Mantenho-me firme, mesmo tendo certeza que se ele forçar consegue facilmente passar por mim.

— Talvez não agora, estou mesmo precisando de um banho. Mas sabe que mais cedo ou mais tarde irei entrar, experimentar a cama e ver essa sua tatuagem de uma vez por todas. — Ele abre a porta, entra no quarto e eu respiro fundo.

Nem penso bastante no que posso fazer. Eu só não posso passar a noite aqui, com esse homem enfiado na minha casa. Pelo menos hoje, vou para a casa dos meus pais. Amanhã é sábado e não vou

trabalhar. Sem falar que Noah chega amanhã. Isso vai me dar alguma vantagem. Hoje eu já entrei em contato com o detetive, passei o nome completo de Lorenzo e tudo que eu sei sobre ele. Nome dos pais, onde nasceu, nome dos irmãos e ainda contei um pouco sobre a Orfeu.

Meus planos caem por terra quando eu ligo para meus pais e eles dizem que vão sair, me convidaram para ir junto, mas preferi não aceitar. É programa de sexta-feira deles e não vou interferir. O jeito é encarar o inimigo. Tiro a roupa, coloco um pijama para tapar a tatuagem, vou para a sala, com os nervos à flor da pele e ligo a televisão.

Tremendo de ansiedade, morrendo de tensão, começo a zapear os canais sem algo em mente para fazer. Uma saída para meu problema. Já pensei, passei o dia tentando tramar, mas enquanto não tiver nada contra ele, minha vida será essa, aceitar o que ele impor. E pensar que anos atrás, Lorenzo era o ser mais amoroso que existia. A vaca da minha prima acabou com nossa vida. Não ouvir nada vindo de dentro do quarto me deixa mais apavorada. Angustiada, na verdade. Não sei mais

nada sobre Lorenzo e por isso não posso confiar nele.

Você nunca soube nada dele, querida. — Meu inconsciente, com a voz da Beth, desafia-me e eu gelo mais ainda. Verdade. Eu nunca conheci a fundo quem era o homem que eu amei loucamente.

Pego o livro, abro na parte que eu estava, mas nem adianta. Leio uma frase, perco-me na linha e preciso usar o marca página para ir acompanhando. Se quando eu estava aqui sozinha, calma, totalmente concentrada, eu já não estava conseguindo ler, agora é que não posso. Com uma ameaça logo ali, no quarto de frente para o meu. Ouço a porta se abrir, prendo a respiração e finjo estar de boa. Já estou querendo comer uma sacola de bolacha recheada. Sem eu esperar, Lorenzo se joga no sofá, ao meu lado, sentado bem perto.

— E aí? O que está fazendo? — Ele pergunta. Não olho. Encaro as letras na minha frente. Sinto o cheiro de banho recém-tomado e algum tipo de desodorante ou xampu masculino. Olho para ele e me arrependo. Lorenzo está vestindo apenas um

short de tecido fino, vermelho. Tipo roupa de academia.

Passo os olhos pelo seu peito forte e vejo bem de perto, sua tatuagem. São aqueles riscos bem simétricos tribais, começa no braço e termina no ombro. A imagem de riscos pretos formam uma Fênix. Naquela época, tribal era moda. Eu achava estranho, achava que só bandido usava. Beth sempre criticou e sempre batia nessa mesma tecla. Mas depois, eu achava linda a do Lorenzo. Ficava muito tempo olhando a Fênix subindo para o ombro dele e passava tempo contornando com o dedo os riscos. E tinha absoluta certeza, pelo que quer que ele tenha passado, de alguma forma, ele ressurgiu das cinzas, ou estava ainda ascendendo. Volto meus olhos para o livro.

— Ficou rosada. — Gentilmente, ele segura meu queixo e vira meu rosto. Nós nos encaramos.

— O livro... é muito erótico. — Afasto a mão dele e explico. Pura mentira. Ele vira o livro e olha a capa.

— *O Duque e Eu*^[1]. — Lê o título e crava os olhos nos meus. — Isso é erótico? — Já está rindo debochado. Nossa, que raiva desse homem. E que raiva de mim por ser uma burra que fica atraída pelo sorriso do inimigo.

— Muito erótico. — confirmo — Agora me deixe em paz.

— Quer que eu seja seu duque? — Provoca.

— O quê? — Lentamente, me viro chocada com a cara de pau dele.

— Vamos transar, tenho certeza de que sou um duque mais erótico e ainda ao vivo.

— Ah, ah, ah, ah! — Dou uma sarcástica gargalhada sem muita ênfase. — Querido, você nunca será como o duque. — Balanço o livro na cara dele e Lorenzo o toma da minha mão. Como uma leoa, pulo no sofá tentando tomar, mas ele me afasta com uma das mãos e olha o livro.

— “*Daphne obedeceu, um tanto incomodada*

com o autoritarismo dele.” — Lorenzo começa a ler e eu fico atônita. Ele sorri cinicamente e continua: — *“Mas não emitiu uma única reclamação. Afinal, apesar de seu jeito irritante, o duque estava ajudando-lhe a se livrar de um escândalo possivelmente constrangedor.”* — Ele fecha o livro e sob meu olhar perplexo, o joga do outro lado, no outro sofá.

— Está vendo? — Comenta esnobe. — O duque é igual a mim.

— Jamais. Você não pode ler um trecho e já achar que sabe todo o contexto do livro.

— Vamos interpretar o trecho. — Sutilmente, ele passa a língua umidificando o lábio — Você também, apesar de me achar irritante, tem que convir que eu a estou ajudando a se livrar de um escândalo nada agradável.

— O quê?

Ele se aproxima mais no sofá, tento correr, mas Lorenzo segura minha perna e me puxa. E uma vez presa em seus braços, não posso mais sair.

NACIONAIS - ACHERON

Debato-me, mas Lorenzo se vira rápido, joga-me no sofá e se ajeita, deitado em cima de mim.

— Angel, me escute com atenção — Tira meus óculos e joga no tapete. — Imagine sair em todos meios de mídia, que na véspera do desfile *Supreme*, a *Madde* declara falência e fecha as portas?

— Mas...

— Eu sei. Será muito ruim. — Ele joga minha franja para o lado — Os consumidores, os patrocinadores, investidores... Todo mundo enfurecido. E adivinhe o nome de quem estará no meio do vendaval? — Estou boquiaberta de pavor, encarando-o. — Isso mesmo. Os Velasco, ou mais precisamente: Angelina Velasco.

— Seu cretino! — Debato-me, tentando me soltar. Mas ele me segura firme, com seu corpo forte em cima de mim. Está muito cheiroso e posso sentir seu pau crescer por baixo do short, esfregando contra mim.

— Shh. Estou aqui para impedir que isso
NACIONAIS - ACHERON

aconteça. Estou te ajudando a se erguer. Mas tem que aceitar meus termos.

— Eu já assinei. — berro.

— Mas ainda está sendo atrevida. Apesar de gostar que você lute, ou tente lutar, preciso que você seja mais boazinha comigo.

— Você tentou usar aquela cachorra para me humilhar. — Acuso.

— E você foi mais esperta. Só não ganhou ainda a batalha. — Ele abaixa e cola os lábios nos meus. Ataca minha boca com a precisão de um sniper, aqueles atiradores de elite. Soluço e Lorenzo aprofunda o beijo. Suas pernas prendem as minhas, sua mão acaricia minha garganta, mantendo minha cabeça imóvel para ele poder beijar à vontade. Agarro nas costas dele e com o prazer crescendo dentro de mim, percorro os dedos, indo para seus braços.

O beijo quente me deixa em brasas. A boca de Lorenzo me faz gemer, conforme os lábios dele se contorcem contra os meus. Sua língua enrola na

NACIONAIS - ACHERON

minha, deixando-me sem ar. Ele se afasta, está ofegante, há um brilho forte em seus olhos. Abaixa de novo, beija-me mais um pouco e torna a se afastar.

— Aceite, Angel. — pede, sussurrando.

— Não estou fazendo nada para te impedir.

Ele sorri vencido. Abaixa, beija-me de novo e se levanta. Fica de pé e eu posso ver o volume que está no short dele.

— Vou te dar uma trégua hoje. Mas só por que tenho compromisso agora.

Aturdida, com o coração pulando loucamente na garganta, sento-me no sofá. Lorenzo pisca para mim e vira as costas, indo para o quarto. Com a mão nos lábios, fico sozinha na sala por muito tempo, sem ter certeza do que vai acontecer e do que estou sentindo. Na verdade, nunca foi segredo que eu sinto algo grande por ele. E mesmo ele tendo feito tudo que fez, meu tolo coração não consegue ser indiferente a Lorenzo. É como se eu ainda não conseguisse relacionar Lorenzo àqueles

NACIONAIS - ACHERON

atos cruéis contra mim.

Levanto-me, vou para a cozinha, pego leite desnatado, despejo em um copo e bebo em três goles. Sento-me na cadeira e fico pensativa. Eu posso fazer isso. Por dois meses, eu posso aturar Lorenzo. Não tem mais nada que ele possa fazer de tão ruim. Já tomou tudo de mim, já me humilhou de muitas formas. Já estou calejada. É como se Lorenzo tivesse feito eu acordar da minha letargia da vida toda, da minha tolice sem tamanho. Feriu-me para eu reagir, tornar-me experiente para lutar contra ele e contra o resto que vier contra mim. Apesar de estar mais atenta, ainda não me sinto forte o suficiente para bater de frente com ele.

Volto para a sala e Lorenzo aparece arrumado. Lindo, como sempre. Jeans preto, sapatos esporte fino e uma jaqueta de couro preta, por cima de uma camiseta.

— Não guarde janta para mim, querida. Vou varar a noite. Se cuida. — Ele passa por mim e antes de sair, diz: — Ah! Não se preocupe, tenho a cópia da fechadura.

— Como conseguiu?

— O porteiro fez o favor de conseguir para mim. Só tive que mostrar a escritura do apartamento como sendo meu.

— E por que não usou quando chegou?

— Para mostrar a você como sou honesto. — Ele sorri, sai e bate a porta.



Não consegui dormir cedo. Eu sempre mantenho uma rotina de horário para dormir. Nunca passo de meia noite. Tenho que manter corpo e mente saudáveis e o sono em dia é o principal aliado. Mesmo que esses últimos dias eu estivesse dormindo a base de calmante, não passei sono. Assim que ele saiu, fui ver o que Lourdes deixou para o jantar. Uma salada comum. Reviro os olhos, fecho a geladeira, pego o telefone, peço uma salada *caesar* em um restaurante e me enrolo no sofá para assistir alguma coisa. Tenho que revisar os projetos do desfile, analisar os *teasers* de chamadas e ainda responder uns e-mails. Mas não

tenho vontade de fazer nada disso.

Quando a comida que pedi chega, eu como sem vontade, de olho na TV e na sobremesa. Estou muito nervosa com isso tudo que está acontecendo e não posso dar força à minha obsessão por essas comidas. Tenho que voltar a malhar. Depois de jantar, fico no sofá assistindo até muito tarde. O filme termina, começa outro e o sono vem. Desligo tudo, apago as luzes e vou dormir. Já eram quase duas da manhã quando eu sucumbi ao sono e Lorenzo ainda não tinha chegado. Senti um leve apertinho no peito em saber que ele estava por aí curtindo. Aquele desgraçado.

Acordei, mas como quase todo mundo, fico na cama criando coragem para levantar e pego meu celular. Ainda não são nove da manhã. Nenhuma mensagem. Decido deixar uma para Noah: *Se chegar hoje, me ligue. Quero marcar um jantar, tenho novidades.* Não espero resposta de Noah. Levanto-me e decido ir tomar café com meus pais. Lourdes não vem hoje. Geralmente sábado e domingo, passo com eles. Já vestida, penteada e maquiada, pego minha bolsa, destranco a porta do

quarto e olho em volta. Está tudo em silêncio. A porta do quarto em frente está aberta. Saio do meu quarto, espio e não há ninguém no quarto. Incrivelmente não há uma bagunça de roupa embolada, meia pelo chão. Está tudo muito organizado. A cama está intacta. Ou ele não dormiu aqui, ou arrumou a cama.

Respiro aliviada. Um pouco aliviada. Pois a hipótese de ele não ter dormido aqui me causa ânsia, que logo passa quando chego à sala e me deparo com Lorenzo só de cueca, dormindo no sofá. Sem poder me controlar, passo o olho pelo corpo bem esculpido dele, coxas fortes, braços bonitos. Ele mantém um braço nos olhos, a boca levemente aberta. Parece tão inofensivo, assim, dormindo, vulnerável. Pouso os olhos em sua cueca. Está com um volume enorme. Abano a cabeça e não me dou ao trabalho de acordá-lo ou deixar alguma coisa dizendo que saí. Não somos nada um do outro. Só me pergunto por que ele chegou e não dormiu no quarto. Bêbado não estava, pois ele tirou as roupas, dobrou cada peça, as dispôs na poltrona e ainda alinhou milimetricamente na mesa de centro: a carteira, o

celular e algumas chaves.

Noah respondeu minha mensagem, dizendo que já está no Rio e marcou para a gente se ver à noite. Preciso ligar dizendo para ele me encontrar agora à tarde na casa dos meus pais. Não posso sair em um encontro com Noah, sendo que Lorenzo está de olho em mim. Eu prometi para ele que vou ficar mansinha. Mas claro que vou atuar escondido enquanto isso. Assim que eu tiver tudo contra Lorenzo, eu o coloco no devido lugar.

Tomo café com meus pais e prefiro ainda não contar sobre Lorenzo. Meu pai vai enlouquecer quando ficar sabendo. Eu preciso contar antes de ele descobrir pela imprensa quem é o novo chefe. Quase onze da manhã meu celular toca. É Lorenzo. Afasto-me para um cantinho discreto e atendo.

— Cadê você? — pergunta com voz de sono, assim que falo “oi”.

— Estou na casa dos meus pais.

— Por que não me acordou?

— Porque eu não tenho nada a ver com isso.

— Volte para cá. Estou com fome.

— E o que eu tenho a ver com isso, Lorenzo?
Se vira! — cochicho em tom de grito.

— Volta antes que eu tenha que ir te buscar.

— Você não é louco.

— Não aposte, às vezes, sou louco.

— Será que pode me deixar em paz? Vou
almoçar com meus pais.

— Angelina, não estou te pedindo. Estou
mandando. Venha embora. Estou com fome e quero
transar com você, quero ver sua tatuagem. Para de
birra e venha logo, Angelina. Siga minhas ordens e
você terá um sábado maravilhoso.

— Seu cretino! Eu vou acabar com você,
Lorenzo!

— *Tá.* Venha tentar acabar comigo na cama.

— Ele desliga e eu fico querendo xingar em mil línguas diferentes. Sapateio no canto da sala, bufo de raiva, recomponho-me e vou para a cozinha. O pior de tudo é que sei que meu corpo vai acabar me traindo. Mas dessa vez ele me paga, eu que vou humilhá-lo no fim.

Aviso aos meus pais que um patrocinador acabou de ligar perguntando se eu podia almoçar com ele para resolver um problema do desfile. Meus pais compreendem, saio sem muita pressa, entro no meu carro e dirijo de volta para casa. Como se estivesse em câmera lenta, entro no prédio, cumprimento o porteiro e subo no elevador. Tiro a chave da bolsa, abro a porta e a imagem que vejo na sala me faz voltar sete anos atrás. Ele ainda está de cueca na sala esparramado no sofá, assistindo televisão e comendo. Bebendo leite direto da garrafa e uma vasilha com sanduíches feitos com meu pão de fôrma integral. Ele está bebendo leite direto da garrafa. Está fazendo isso para pirraçar, pois eu sei que ele não faz isso e sabe que eu odeio.

— Odeio esse pão. — Ele mostra o sanduíche.

— Temos que repaginar sua geladeira.

Eu fico parada no mesmo lugar, dura, estática. Suspiro, tomo uma decisão e caminho até ele. Jogo minha bolsa no outro sofá, paro diante de Lorenzo. Eu não sei nada sobre o passado dele, mas sei que isso de alguma forma, o desconcerta. Quer transar? Vamos transar. Mas agora vamos ver quem humilha quem. Ele fica me olhando sem entender o porquê de eu estar na sua frente. Então levanto a barra do vestido e os olhos dele descem para minha perna. Minha tatuagem fica na lateral da coxa, um pouco acima do joelho. Vejo os olhos dele aumentarem surpresos e então ele volta a me encarar.

— Eu estou disposta a fazer valer a pena, por tudo que me interessa. — Eu digo e em um murmúrio, sem desviar os olhos de mim, ele responde:

— Eu sempre faço valer a pena.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

VINTE E DOIS

LORENZO

Enfim ela conseguiu me acertar. Não sei se ela percebeu meu olhar atônito e torço para que não tenha ficado pálido quando vi a porcaria da tatuagem. Desde quando eu percebi que ela tinha uma, eu ficava pensando o que poderia ser. Teve uma noite que fiquei deitado na minha cama, divagando com várias hipóteses rodando em minha mente, duro de tesão, querendo lambar a perna tatuada dela. E isso não é nada bom. Quem, em sã consciência, fica de pau duro querendo lambar a perna do inimigo? E por causa da tatuagem, digo que ela conseguiu me acertar. Imaginava alguma coisa ligada a moda, ligada à personalidade meio mimada dela. Uma flor, ou algo do tipo. E certamente jamais imaginei que ela pudesse ter feito algo que de alguma forma remetesse ao nosso passado.

Minha indignação desmanchou totalmente quando Angelina voltou para casa. Eu já estava bem furioso por ter tido uma noite de merda. Tive que vazar do apartamento dela, na noite anterior,

para tentar fazê-la sentir alguma coisa, ciúmes, raiva, falta. Falar que eu tinha um compromisso foi uma jogada de mestre, mostrar para ela que eu tinha uma vida agitada e deixar subentendido o que um cara solteiro faria sexta-feira à noite. Farrear muito, com certeza. Não foi um “vá com Deus” que eu vi nos olhos dela. Como eu imaginava, ficou meio mexida. Como eu não tinha compromisso porra nenhuma, fui para o clube do meu irmão e fiquei lá no bar, bebendo, como Romeo fez uma vez para tentar esquecer a Olivia e acabou sendo o contrário com ele.

Magno e Amadeo apareceram para me provocar, porque eu dispensei a garota mais cotada da casa. Mande os dois irem se foder e fui para meu apartamento. Eu nunca achei que estaria tão na bosta. Fiquei lá até às quatro da manhã, adiantando algumas coisas da Orfeu. Quando o sono veio, dirigi de volta para o apartamento de Angelina e apesar de ser um ambiente ainda hostil para mim, senti um alívio por estar lá de novo.

Quis entrar no quarto dela, mas mexi na maçaneta e ela tinha trancado a porta. Praguejei.

Fiquei no corredor parado, pensando, não quis ir para o outro quarto e fui para a sala onde eu poderia deixar a televisão ligada, no modo desligamento automático e assim, clareava o ambiente. Posso dizer que estou melhorando com o tempo. Antes as luzes tinham que estar completamente acesas para eu conseguir dormir.

Acordei faminto e sozinho. Olhei a casa toda até ter certeza que ela tinha saído. Fiquei incomodado, afinal estou sabendo, pelo meu detetive, que Noah está de volta à cidade. Ele estava fora a trabalho e tinha grande chance de Angelina ter ido encontrá-lo. E eu já a tinha ameaçado sobre se encontrar com aquele cuzão. Agora com ela aqui na minha frente, com essa cara de briga, eu farei de tudo para não deixar Angelina escapar de mim tão fácil.

Ah! Então ela quer fazer valer a pena? Essa frase nunca foi tão significativa. Mexeu um pouco comigo, previsível, mas não me derrubou de vez. Angelina já fez sua pose me mostrando a tatuagem, está levemente pálida por eu ter dito que também estou fazendo valer a pena. Ela desvia o olhar, vira-

se para sair, mas eu sou mais rápido, deixo o sanduíche no sofá e a caixa de leite no chão, levanto-me e a seguro a tempo.

— Espere. — digo. Ela olha minha mão segurando seu braço e volta a olhar para meus olhos. — Você fica.

— Largue-me, Lorenzo.

— Quero transar com você. — mando logo na cara.

— Não iremos transar. — Ela atesta.

Eu não vou discutir. Isso só leva tempo. Então, sem mais palavras, eu a puxo e já abaixo minha boca na dela. Seguro Angelina firmemente com um braço e mantenho o queixo dela na minha mão enquanto aprofundo o beijo. Arfo ao sentir seus lábios novamente contra os meus. Minhas mãos sobem pelo corpo dela, sentindo cada pedaço por cima do vestido, minhas carícias e meu beijo fazem com que ela comece a ceder. Sem esperar mais, eu a suspendo, Angelina abraça meu pescoço e envolve minha cintura com as pernas. Sem

NACIONAIS - ACHERON

pararmos de nos beijar avidamente, caminho rápido em direção ao quarto de hóspede, pois o dela está trancado com a chave.

— Lorenzo... — ela protesta em um sussurro quando eu a coloco na cama.

— Dois meses, Angel. — Monto em cima dela. — Submetendo-a a mim. E não será tão horrível. — Seguro seus braços acima da cabeça, paramos de nos beijar e ficamos nos olhando bem de perto.

— Deus! Eu te odeio. — Ela rosna. Uma faísca brilha nos olhos dela, eu sorrio fascinado e volto a beijá-la.

Mais rápido que podíamos, ajudo-a a se descartar do vestido, ajoelho-me e totalmente vidrado, sem piscar, miro as belas pernas. Não são longas e torneadas como as da Carmem, são femininas e bem feitas. E pensar que fui o único homem dela, deixa-me tão exultante como um maldito macho das cavernas. Prendo o fôlego quando percorro os dedos sobre a tatuagem.

“Amor! faça valer a pena!” — A voz dela ecoa na minha mente, em um grito que até então estava meio adormecido. Meu coração bate descompassado e eu a olho.

— Quando fez?

— Seis meses depois. — Séria, ela me analisa. Entendo que foram seis meses depois do quase casamento. — Não é em sua homenagem. — Emenda.

— Eu sei. Você lutou todo esse tempo.

— Sim e vou continuar. Estou disposta a usar todas as cartas. — Ela me desafia.

Deixo a tatuagem de lado e, com ela, um pouquinho da nostalgia do nosso passado. Dou a Angelina o sorriso cínico que sei que ela odeia.

— Que bom. É muito melhor jogar com um oponente que tem muitas cartas. Só espero que esteja a minha altura. — Volto a cair em cima dela, seguro novamente os braços acima da cabeça e prometo: — Vai ficar muito pianinha por esses dois

NACIONAIS - ACHERON

meses.

Gastei todo meu tesão acumulado, gostosa pra cacete. Passei essas horas precisando disso. Com raiva por ela ter me irritado lá em minha casa e por ter acabado com meus planos ontem mais cedo na empresa, pisando em Carmem. Depois de beijá-la muito, e conseguir deixá-la nua, chupei muito os peitos de Angelina. Desde aquelas malditas filmagens que os queria de volta na minha boca. Ela gemeu segurando firme os lençóis e eu massageei lentamente os dois, chupando demoradamente um e depois o outro.

Ela me pegou de surpresa quando desceu a mão e segurou forte minha rola por cima da cueca. Gemi, sorrindo contra o bico do peito dela e continuei lambendo e chupando, sentindo a pressão deliciosa das mãos dela em meu pau. Em seguida, fui para a parte de baixo, disposto a fazê-la gozar em minha boca. Claro que antes de abocanhar a vagina dela, eu lambi e mordi a tatuagem. Eu não estava mais aguentando, mas queria aproveitar todas as etapas. Meu pau muito duro pressionado contra o colchão, não cansava de dar várias

latejadas fortes.

— Isso, safada. Sua boceta gosta muito da minha boca. — resmunguei. Angelina se debateu, puxou forte meus cabelos, chupei mais, como um doido, em todos os cantinhos, afastei as bordas para ficar mais exposta e ela começou a gritar:

— Porra! Que filho de uma putaaaa! Que delíciaaaaa! — E então gozou. Eu segurei as pernas dela e continuei chupando e lambendo enfurecido, sentindo o sabor dela me enlouquecer de tanto prazer. Deixei-a ofegante na cama, abri uma de minhas bolsas, peguei uma embalagem de preservativos, vesti um e voltei para cima dela.

Segurei novamente os braços dela e comecei a afundar devagar, nós dois nos olhando e mordendo os lábios. Os olhos dela brilhavam e quando entrei todo, Angelina suspirou e tentou inutilmente desprender os braços. Com minhas pernas, mantive as dela abertas e forcei meu pau. Ela se contorceu. Saí mais um pouco e bati de novo, sentindo-a se abrindo para eu passar, deixando-me de veias quentes. Ela soltou todo o ar do peito em um

gemido louco demais, que me fez arrepiar e eu não aguentei mais. Grudei minha boca na dela, dando um beijo de língua gostoso demais. Imediatamente comecei a bater meu quadril de forma precisa, rápida, dominando-a totalmente na cama, segurando seus braços e pernas e ainda mantendo a sua boca presa aos meus lábios. Comi assim por alguns minutos, fui piedoso e deixei-a se aproveitar também.

Assim que soltei os braços dela, Angelina me agarrou forte, arranhou minhas costas e segurou com as duas mãos os meus cabelos enquanto nos beijávamos e batíamos ferozmente os quadris contra o outro. Rosnando contra minha boca, ela se elevava de encontro a mim, para socadas mais fortes e fundas. Meu peito contra os seios dela, eu já estava quase de visão turva. A foda estava gostosa demais. Ela deixou meus cabelos de lado, agarrou minha bunda e gritou alto enquanto eu metia firme e fundo, apoiando o corpo com um braço e a outra mão segurando o seio dela.

— Merda! Merda! Que droga de pau! — Ela começou a gritar e se eu a deixasse continuar

arranhando minha bunda, eu nem iria conseguir sentar depois. Dei uma virada na cama, sem sair de dentro dela, Angelina ficou por cima, maravilhosa, com seus cabelos pretos assanhados. Ofegante, de lábios rosados, olhos azuis saltados. Ela jogou os cabelos para trás e lambeu os lábios, deu uma breve rebolada com meu pau socado dentro dela e eu pirei. Quase saí de órbita.

— Vai! — Comando, segurando na cintura dela.

— Vai me deixar em paz? — Ela começa a se levantar lentamente e meu pau vai saindo.

— Angelina... Eu vou!

— Então pede, ué. — Ela fica parada, com metade do meu pau dentro e metade para fora. — Me faça uma proposta. — Ela sorri, ofegante, rosada, muito linda.

— Cavalgue em mim, Angelina. Foda meu pau que eu juro que te deixo em paz por um dia.

— Dois dias.

— Que seja, porra! Anda logo, vou gozar.

Ela se abaixa, segura firme minha garganta com uma das mãos, beija-me quase selvagemente, vejo fogo puro nos olhos dela. Ela se ergue, fica meio sentada, meio curvada, continua segurando minha garganta, a outra mão cravada no meu peito e começa a sentar e levantar com força, gostosa do caralho! Estico minha mão, seguro no seio dela, flexiono minhas pernas atrás e começamos a foder um ao outro bem rápido, eu rugindo, ela pulando, gritando de prazer, apertando minha garganta, dando-me um tesão desgraçado.

Já estávamos suados, respirando rápido, loucos. Então ela se deitou no meu peito, nos abraçamos, ficando bem colados. Soquei mais forte, meu pau dolorido já pelo gozo que vinha, minhas bolas latejando e a vagina dela ensopada e quente, engolindo firmemente meu pau. Angelina tremeu toda, parou de me beijar para gritar quando gozou durante minhas batidas. Gozei logo depois e eu achei que a camisinha iria explodir de tanta pressão que foram as jorradas.

Ela cai exausta em cima de mim. Fica com o rosto grudado no meu peito, eu abro os braços e tento recompor a respiração.

— Você é um ser horrível. — Ela diz, baixinho.

— Assim como você. Ainda vou fazer você sofrer mais, sabe disso, não é?

— Sei. Prepare-se você também.

Eu a jogo para o lado, descarto o preservativo e me deito novamente ao lado dela.

— Temos um compromisso agora. — Aviso.

— Não vou a lugar algum. — Ela fica olhando para o teto.

— Vai, sim. Consegui contornar a situação com Carmem.

— O quê? — Angelina vira bruscamente e me olha. — Quando viu a Carmem?

— Ontem, ué. — m ninto. Eu apenas liguei para ela. Cruzo os braços atrás da cabeça, tranquilo, cínico.

Angelina se senta e me olha horrorizada.

— Você... passou a noite... com a Carmem?

— Pois é... ela estava disponível, eu também...

— Eu não estou acreditando. — Ela me dá um soco. — Acabou, tá? Vou para a casa dos meus pais, fique com tudo para você! Se lasque! Você é um babaca de marca maior, seu cretino. — Ela desce da cama, pega as roupas e quando vai sair correndo, eu a agarro.

— Vamos almoçar juntos e depois vamos encontrar Carmem na *Mademoiselle* para uma matéria espetacular, três revistas estarão lá nos esperando. Em seguida, iremos juntos e felizes na casa do Romeo para mostrar que estamos nos dando bem e fazê-lo parar de se intrometer na minha vida.

— Você é mal-amado. — Ela diz,
NACIONAIS - ACHERON

compenetrada nos meus olhos. — Você manipula todo mundo, porque sabe que não consegue amor espontâneo das pessoas. Você é desprezível, sabe que nunca teria nada comigo se não fosse na ameaça e na chantagem. Você, Lorenzo, é uma aberração. Agora sei por que teu pai te odiava.

Como se tivesse levado um choque, eu a solto imediatamente. Dou um passo para trás e tenho a sensação de começar a ficar sem ar.

“Pai! pare com isso!” A voz de Magno grita nas minhas lembranças.

“Essa aberração, esse bastardo vai aprender a ser gente! Nem que eu tenha que prendê-lo” Eu ouvia as batidas fortes e enfurecidas na porta do banheiro onde eu me escondia encolhido na banheira.

“Mãe! Faça alguma coisa” Romeo gritava do lado de fora.

“Você nunca mais vai me fazer passar vergonha, ouviu, Lorenzo?” Meu pai prometeu antes de parar o escândalo.

NACIONAIS - ACHERON

— Lorenzo. — Ouço chamar-me, olho Angelina na minha frente. Ela parece preocupada.

— Pode ir. — murmuro. Pego minha cueca, visto, abro minha bolsa e procuro uma roupa. Olho para trás e ela ainda está parada com a roupa embolada diante dos seios, olhando-me. — Saia, Angelina. Não quero ser mais maldoso do que já sou. — Ela sai do quarto. Eu fecho a porta e sento na cama, esfregando o rosto. Respiro fundo e tento manter a calma.

Controlo-me, concentrando-me no presente. Vou para o pequeno banheiro que tem no quarto, tomo um banho bem quente, fico uns cinco minutos parado, sentindo a água caindo nas minhas costas, até sentir dormência. Visto-me e quando saio do quarto, Angelina está parada com uma bolsa na mão, também arrumada e alinhada. Eu não falo nada, vou para a sala, pego carteira, celular e chaves, ela me segue, saímos calados, meio emburrados. Entramos mudos no meu carro. Só quando eu paro no primeiro semáforo, ela diz:

— Desculpa. Eu só quis te atacar. Não sei nada de sua vida, apesar de termos tido um relacionamento. — Fico calado, tamborilando no volante. — Eu nunca poderia saber alguma coisa sobre seu pai ou... — Ela para de falar. Ainda não respondo nada. — Eu só... não tenho nada para usar contra você, te dar o troco e eu procurei as palavras mais cruéis possíveis.

— Esquece. — resmungo.

— Não vai querer se vingar de mim? — Olho para ela.

— Mais, para onde? Seu destino já foi milimetricamente traçado, Angelina. — O sinal fica verde e voltamos a andar até o restaurante em que eu já tinha feito a reserva.

Assim que nos acomodamos, recebo a carta de vinhos, peço um e assim que ficamos sozinhos, eu decido limpar de vez esse episódio. Eu não fiquei com ódio dela, apenas me remeteu a tempos ruins e eu fiquei magoado.

— Não saí com Carmem, se foi isso que te
NACIONAIS - ACHERON

deixou furiosa. — Os olhos dela paralisam em meu rosto.

— Ok. — Ela sussurra. — Eu só quero que, nesses dois meses, eu não tenha que me submeter a um babaca infantil e sim, a um homem. — Ela me encara firmemente. — Se eu não posso sair com Noah, ou qualquer outro homem, exijo o mesmo do meu “carcereiro” — Ela faz aspas com os dedos.

— Não está no direito de pedir.

— Não estou te pedindo nada. É um aviso. Se eu sonhar que você saiu com outras mulheres, enquanto fica tentando me subjugar, eu juro que acaba tudo no mesmo momento. Eu fui tola, acabei com nosso casamento, mas...

— Não quero falar sobre isso... — Eu a interrompo.

— Mas eu quero. — Ela ruge, em tom de grito. — Olha o que estamos fazendo um contra o outro, ferindo-nos gratuitamente. Se vai continuar com isso, tem que conviver com o fato de que um dia eu te amei loucamente e você me amou de
NACIONAIS - ACHERON

volta.

— Você acabou com isso, Angelina. — Olho para os lados, ainda bem que estamos em uma mesa mais discreta.

— É. Eu fui tola em ter acabado, estou sendo tola em sempre cair na cama com você, mesmo prometendo que não vai mais acontecer.

— Não tem escolha. Eu falo, você faz. — digo só para atiçá-la e desviar desse assunto do nosso passado.

— É, talvez não. Tenho que cumprir as ordens do meu chefe. Só quero que saiba que eu darei a volta por cima e quando isso acontecer, será sua vez de abaixar a crista.

Dou uma risada, muito irônica.

— Se você conseguir, Angel, eu te darei tudo. Tudo mesmo. Todas as suas posses, cem por cento. Tem minha palavra. Te dou dois meses para tentar. — Estendo a mão para ela apertar. Com garra estampada nos olhos, Angelina assente e aperta, NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

aceitando o desafio. Estou tranquilo, sei que ela não tem nada para tentar me deter.

NACIONAIS - ACHERON

VINTE E TRÊS

ANGELINA

Tá! Eu não devia ter dito aquelas palavras. Não mesmo. Eu vi o que aconteceu com ele quando disse aquilo. Vi a máscara de chefe inabalável se desmanchar à minha frente. Paralisado e pálido. E pareceu que ele voou para um mundo paralelo, ficou lá parado, sem reação. Eu ainda não sei nada sobre o passado dele, só sei que sempre teve uma relação horrível com o pai. Minha mãe contou, certa vez, que o pai tinha dúvidas se Lorenzo era mesmo um Lafayette. Isso nunca foi contestado.

Droga, eu não podia mesmo ter dito aquilo. Tínhamos acabado de transar loucamente, foi um prazer maravilhoso e tive uma pontinha miúda de esperança que talvez ele pudesse amenizar a situação contra mim. Aí veio a pena e o medo. Pena do jeito pasmo que ele ficou e medo de ele se zangar muito e fazer uma coisa pior. E o que a pessoa aqui poderia ter feito? Virado a bunda como resposta, deixá-lo se ferrar sozinho, ir para a casa dos meus pais e encontrar com Noah. Ou entrar no

banheiro obedientemente, tomar banho, vestir-me e ir com ele, almoçar e fazer a tal entrevista com a vaca. E foi isso que fiz.

Apesar de, naquele momento, estar morrendo de ódio por ele ter passado a noite com aquela safada maldita que tanto me atormenta nas redes sociais, fui com ele, pois me senti culpada pelo que eu disse. Sou uma trouxa incurável mesmo. Quase tive uma síncope de alegria quando ele revelou, no restaurante, que não tinha passado a noite com ela. Eu acreditei sim, pois um homem como Lorenzo, não iria mentir para fazer a pessoa ficar bem. Ainda mais essa pessoa sendo eu. Ele mal sabe que eu já coloquei um detetive na cola dele. Quero só ver essa arrogância dele caindo por terra.

Sáímos do restaurante e fomos direto para a *Madde*. Segundo Lorenzo, ele tinha marcado com a vaca e mais dois jornalistas para nos esperarem lá. Era hora de interpretar e fazer a pose do casal modelo, por trás da empresa de moda.

— O que vamos falar? — pergunto, enquanto entramos no elevador. — Ou melhor, o que quer

que eu fale? — Corrigi-me a tempo.

— Como se eu controlasse o que você fala. — No alto de sua pose de “Chefe bom moço”, ele alfineta.

— Tão besta. — cochicho.

Ele me olha, os lábios se curvam bem de leve, para o lado. Odioso e gostoso. Pega minha mão, segura nos dedos dele e fala:

— Diga o que você falou com Carmem. Que temos um caso, que eu sou seu herói e seu fã. — A porta se abre e saímos de mãos dadas. E então entendo porque ele segurou minha mão. Há várias pessoas nos esperando, inclusive Carmem. A primeira coisa que ela vê, são nossas mãos grudadas. Nunca achei que fosse agradecer ao bestão do Lorenzo.

Eu mantenho uma pose austera, digna de uma fashionista de sucesso. Se o povo soubesse que pouco tempo atrás eu estava transando loucamente e gritando palavrão...

— Bom dia, pessoal. — Ele cumprimenta calorosamente, sorridente, como se fosse a encarnação da bondade. Cumprimento todos, também, mas contida, mantendo a personalidade séria que sempre mostrei a sociedade. Sempre levei a fama de mimada e esnobe, deixa o papel de carismático para Lorenzo.

— Simone, traga todos até a sala de reuniões, onde Angelina e eu daremos a entrevista.

— Sim, Lorenzo. — Ela sorri encantada, de olhos brilhantes.

Sai de perto, Simone, esse carma tem dona. Serão dois meses fazendo-me pagar pelos meus pecados.

Com cara de chafona, sigo com ele para a sala de reunião e quando ficamos sozinhos, solto a mão imediatamente. Pego meu celular, sento-me numa cadeira e fico fingindo mexer em algo importante, mas eu mal desbloqueei a tela e já ouvi a ordem:

— Dá para guardar o celular e se concentrar aqui? — Lorenzo fala. Reviro os olhos para ele e

NACIONAIS - ACHERON

guardo meu celular.

— Toma. — Ele estende um papel para mim. — Leia rápido, veja mais ou menos o que eu planejei para falarmos. — Trêmula, pego o papel. Estou de lente, mesmo assim, fico nervosa. Lorenzo está com um papel também, lendo, de pé, concentrado com a mão no queixo. Começo a ler, mas o nervosismo vai pesando, as letras começam a embaralhar e eu respiro fundo. Pisco algumas vezes, recomeço e as coisas parecem piores.

— Não dá. — murmuro. — Pode deixar, eu falo por conta própria.

— O quê? Não dá o quê?

— Eu falo por conta própria, Lorenzo. — Estendo o papel para ele.

— Por que não pode ler, Angelina? Para de implicância, pelo amor de Deus! Você é irritante, estamos aqui numa boa, tentando agir como adultos, como você insinuou e fica fazendo birra? Leia logo isso. — Ele volta a me estender o papel. Sinto um aperto no estômago. Começo a entrar em

NACIONAIS - ACHERON

pânico. Não quero que ele saiba sobre meus problemas, minhas fraquezas. Ele já sabe muito sobre mim. Eu fiquei com ele durante vários meses, sete anos atrás e digamos que Lorenzo não foi o único a manter segredos bem guardados. Respiro fundo, tomo o papel da mão dele e finjo ler. Na verdade, não estou lendo nada.

Queria dar-lhe umas boas respostas, mas deixo pra lá, porque a porta se abre e Simone entra. Sento-me na poltrona ao lado onde Lorenzo está. Dois homens vêm e colocam microfones nas nossas roupas, ajeitam tripés de câmeras. Simone organiza, à nossa frente, as cadeiras para os jornalistas e ficamos esperando. Olho torto para Lorenzo ao meu lado e ele pisca para mim. Esse cara não existe, é inacreditável a rapidez com que ele muda de comportamento. Os jornalistas chegam, Carmem escolhe a cadeira bem de frente para Lorenzo. Imediatamente, descanso minha mão na perna dele. Esperamos cada um deles falar para uma câmera, para os vídeos que serão publicados nas páginas online das revistas. Depois viram-se para nós.

— Quer começar, Angel? — Todo solícito,

Lorenzo indaga.

— Claro. — Eu assinto, tomo fôlego e faço o que sempre fiz: dar entrevista. — Bom, chamamos a imprensa aqui, pois queremos deixar oficializada a compra da *Mademoiselle*, a nova direção e os novos projetos. Depois de sofrer com uma pequena queda, conseguimos nos reerguer com uma boa ajuda. — mentindo e encenando, sorrio para Lorenzo — Lorenzo é o novo acionista majoritário e estamos comandando juntos o império que era da minha família.

— Sim. Eu vi que a *Mademoiselle* precisava de ajuda financeira, então eu comprei a maior parte. — Lorenzo fala. — Isso me torna o dono. Mas Angelina continua sendo a diretora, no antigo cargo.

— Digamos, então, que nada muda? — Um deles pergunta.

— Nada. — Eu confirmo. — Lorenzo e eu fechamos um bom acordo. Estamos nos dando bem.

— E não só profissionalmente. — Lorenzo
NACIONAIS - ACHERON

completa com um belo sorriso. Os dois rapazes sorriem e Carmem fecha a cara.

— Essa compra tem a ver com a Orfeu? — Carmem pergunta. — Há um tempo de validade para essa empresa, como a Orfeu faz com muitas outras?

Lorenzo e eu nos olhamos e antes de algum de nós responder, ela emenda:

— Bom, eu andei pesquisando e soube que o banco AMB teve alguma coisa muito importante nessa compra, não foi só uma ajuda do samaritano Lorenzo. E a propósito, o Davi Brant, um dos chefões do banco, é seu grande amigo, Lorenzo. — Ela alfineta com um olhar cínico.

— É, eles me ajudaram na negociação da compra. Trâmites legais — Lorenzo afirma, já de cara amarrada. Meio desconfortável, cruza as pernas e os dedos mexem involuntariamente.

— Descobri mais — Carmem continua, lendo um bloquinho de notas — Vocês dois tiveram um quase casamento, mas terminou de maneira horrível

NACIONAIS - ACHERON

— Crava os olhos em mim — A Angelina fez algo errado e sete anos depois, você, Lorenzo, vem ajudar, esquecendo do que ela te fez? Conte-nos isso direito.

— Digamos que não guardo mágoa. — Ele mente descaradamente. O nome do meio do Lorenzo deveria ser mágoa. — Nós nos reencontramos, ela me explicou o que houve quando ainda éramos jovens e inexperientes.

— Então é um resgate de relacionamento? — Outro jornalista pergunta.

— Estamos nos entendendo. — Eu adianto a resposta. Olho para Lorenzo. — É. Estamos mesmo nos entendendo.

— Agora vamos falar dos próximos projetos da empresa. — Lorenzo muda de assunto imediatamente.

— Tem algum projeto novo? — Um deles pergunta.

— Eu estou pensando em algo. — Ele admite.
NACIONAIS - ACHERON

Creio que deve ser sobre as peças íntimas. — Mas ainda não vou dizer. Por enquanto vamos focar no desfile *Supreme*. Angelina vai falar mais sobre isso.

Eu contei tudo sobre o desfile, mostrei alguns croquis e respondemos mais um bocado de perguntas, falamos mais sobre nosso “relacionamento” e sobre a empresa. Em seguida, posamos juntos para fotos. A entrevista terminou, despedimo-nos deles e ficamos sozinhos na sala novamente. Lorenzo falou com Simone para sair e ficamos sozinhos no andar inteiro.

— Você se saiu bem. — Eu digo. Ele está com o quadril recostado na mesa, as mãos nos bolsos, olhando-me. — Engoliu muito bem a raiva.

— Odeio a mídia. Distorce tudo.

— Olha só. Algo que concordamos. — Pego minha bolsa e coloco no ombro. Ele se aproxima de mim e suspira pesadamente.

— Somos uma boa dupla. — Ele pega minha mão e acaricia devagar meus dedos. — Em vários âmbitos.

— É verdade. Sabe, você não tem que ficar tentando a todo instante buscar uma forma de me ferir, como hoje mais cedo. Que droga, Lorenzo. Eu já estou aqui, toda acabada...

— Não. Nomeie meu projeto de Kubitscheck.

— O quê?

— Cinquenta anos em cinco, lembra?

— Ah! O presidente. — exclamo, lembrando-me.

— Pois é. No meu caso são sete anos em dois meses.

— Hã?

— O que você me fez, feriu-me por sete anos, Angelina. Não tem que apelar para meu bom senso. Em dois meses, vai ter que pagar por esses sete anos.

Puxo minha mão da mão dele.

— Eu te pedi desculpas, Lorenzo.

— Você teve sete anos para isso. — Ele esbraveja e se afasta. — E veio me pedir só quando se viu ameaçada. Eu esperei dias para que você pudesse voltar atrás e desfazer o que tinha feito.

Sinto meu sangue gelar ao ouvir, pela primeira vez, ele falar alguma coisa sobre o que aconteceu naquela época.

— Eu fui influenciada, eu fui tola, minha prima... — Ele está de costas, passando a mão nos cabelos.

— Sua prima manda nos seus sentimentos? — Vira-se bruscamente, gritando. — Você dizia me amar loucamente e não me deu o benefício da dúvida. Nem mesmo ao seu próprio pai, cacete! Você poderia ter ido atrás do Eric que ele te contaria toda a verdade.

Sem ter o que protestar, pois ele está certo, eu cruzo os braços e abaixo a cabeça.

— Você não tem ideia do que é perder tudo,
NACIONAIS - ACHERON

Angelina. — Ele sussurra, como se falasse para ele mesmo. Um pensamento alto, que lhe escapou.

— Não? — Agora eu me revolto. — Olha à sua volta. Me tirou tudo que tenho.

— Não tirei. Por mais que eu tenha te humilhado, ainda tem parte nessa merda de empresa, ainda tem seus pais que te amam, ainda pode arrumar emprego dos melhores e continuar sendo uma profissional de sucesso. — O rosto dele fica carregado, há algo mais que apenas rancor, dor, talvez. Com a testa franzida, ele abaixa a voz e fala: — Eu tinha duas únicas razões para continuar seguindo em frente e você destruiu as duas. Talvez por isso, eu tenha me tornado esse ser desprezível e mal-amado. Não venha me pedir para amenizar a situação.

— Não vá me pedir para parar quando eu te der o troco. — Aviso baixinho, magoada.

— Então começa. — Ele desafia — Talvez você precise disso para acordar para a vida e ver que não pode sair confiando em qualquer um, que

não pode querer receber tudo de mão beijada. Se essa empresa te importa tanto, lute por ela. — Ele bate as mãos nos quadris, suspira e aparentemente mais calmo, fala: — Bom, eu vou dar uma passadinha na casa do Romeo, se quiser ir comigo, será bem-vinda. — Ele não espera eu dizer sim ou não, passa na frente, abre a porta, espera eu passar e saímos juntos.

Um clima bem tenso está nos rodeando. Hoje o dia foi tenso na verdade. Eu não entendo, se ele tem todo esse rancor, por que cisma de ficar perto de mim? Devia se vingar de longe, cada um no seu canto. E não tentar me agarrar a todo instante e se enfiar na minha casa. Não se ouvia um piu dentro do carro enquanto íamos da empresa até o condomínio que Romeo mora. Eu tenho quase certeza que os pensamentos dele estavam uma loucura, como os meus.

Chegamos à casa do irmão dele, Lorenzo se identifica e o portão abre. Um segurança está lá para nos receber. Saímos do carro, já parado no jardim e andamos pelo caminho de pedras, com um belo cachorro grande pulando nas pernas do

Lorenzo. É uma cadela, ele acaricia a cabeça dela e a chama de Pink. A porta se abre e Vilma nos recebe, sorrindo amplamente para o príncipe dela, enquanto para mim, só dá um olhar torto.

— Querido, onde esteve? Fiquei tão preocupada. — Ela o abraça. Vejo um abraço sincero por parte dele.

— Estou bem, Vilma. — Ele se afasta do abraço e ela me encara.

— Oi, Angelina.

— Oi, Vilma.

Sou muito cara de pau de continuar vindo na casa do povo que quer me ver pelas costas. Mas já que esse entojão quer ao lado dele por dois meses, a família dele tem que me engolir a seco.

— Então... vocês dois... — ela olha de mim para ele.

— É. — Lorenzo assente. — Não se preocupe, estamos nos entendendo.

Ela bufa, vira-se e entra. Nós dois a seguimos até a enorme e muito bonita cozinha.

Lá está Romeo com um bebê nos braços. Sentadas à mesa, estão Olivia e Kate, a amiga dela que me resgatou na casa do Lorenzo.

— Olá, pessoal. — Calorosamente, Lorenzo cumprimenta. Olha para Olivia e Kate e sorrio para elas, mas as duas devolvem sorrisinhos fracos. Ele nem se importa, vai direto para perto do Romeo. — E como está esse meninão do tio? — Reviro os olhos.

— Só come e caga que é uma beleza. — Romeo responde e os dois riem.

— Oi, gente. — Aceno gentilmente. Romeo acena com o queixo para mim.

— Sente-se, Angelina. — Olivia se levanta para me receber. Eu fico muito sem jeito. Totalmente desconfortável com Vilma e Romeo me olhando com essas caras. E não é de espantar, afinal eu destruí a vida do caçula deles.

— Obrigada. Acho que não vamos demorar.

— Pode se sentar. — Lorenzo fala, já puxando uma cadeira e sentando perto do irmão. — Não sairemos daqui antes de provar o que quer que a Vilma esteja fazendo. Posso segurar ele um pouco? — Aponta para o bebê.

Ahh! É uma cena que não quero ver. Lorenzo segurando um bebê, mostrando a todos como é um bom rapaz que adora crianças, mas que foi maltratado pela vadia da ex. Mesmo assim, não tive para onde correr. Fiquei lá, de pé, olhando Romeo entregar o bebê com muito cuidado para ele. Lorenzo o segurou e pude ver que era verdadeiro o sorriso que ele deu quando a mãozinha pequenina agarrou seu dedo.

— Ah, que lindo! — Vilma se derrete. — Só faltou meu Magno aqui para eu ficar feliz com vocês todos juntos. — Reviro de novo os olhos.

— Angelina, por que não vem ver o desenho que eu fiz para o desfile? — Olivia chama minha atenção e eu olho para ela. Deixo de lado essa visão

do meu ex-namorado segurando um bebê.

— Ah! Claro. — Saio da cozinha com ela e Kate.

— Ele te capturou de novo? — Kate me pergunta enquanto vamos para a sala.

— Não tenho muita saída. — Sentamos no sofá. Deixo minha bolsa de lado e enfim respiro fundo, sentindo-me mais relaxada.

— Você está melhor? — Preocupada, Olivia pergunta.

— Sim, estou. Incrivelmente descobri que consigo me levantar rápido das quedas.

— E como está sendo tudo isso?

Antes de responder, olho para a porta para ver se alguém vem.

— Ele invadiu minha casa. Está morando lá agora.

— O quê? Chama a polícia! — Kate resmunga chocada.

— Esquece. — Aceno negativamente — Lorenzo fez o dever de casa bem feito. — Conto rapidamente sobre ele ter posse do meu apartamento e do documento que assinei, que Olivia já sabia.

— Mas eu não estou boazinha não. Isso tudo vai ter volta. — Eu digo com uma certeza que vem de dentro do âmago.

— É isso aí! — Kate aprova. — Não deixa barato. É gostoso? Muito. Mas é babaca. Ultimamente estou saturada de homem. — Para aliviar, eu rio.

— Kate também não está em um bom momento. Ela se livrou de um vizinho chato e agora está lidando com outro. Esse é misterioso, que não a está deixando dormir. — Olivia resume a história.

— O cara acha de fazer barulho bem na hora que chego cansada em casa, pronta para ler um NACIONAIS - ACHERON

livro. E parece que transa o dia todo. Pornográfico da miséria.

— Nossa. Pode ser perigoso.

— É por que ainda não tive o desprazer de vê-lo pessoalmente, estou quase indo bater na porta dele para mostrar o perigo da minha mão na cara insolente.

— Compreendo. — Eu digo.

As duas tiveram todo tipo de ideia louca para me fazer dar o troco no Lorenzo. Eu ria da maioria das ideias meio toscas. A mais legalzinha foi a que Olivia deu de criar uma submarca como extensão da *Mademoiselle*, chamada *Monsieur* e seria voltada para o público masculino. Ou seja, para revidar com Lorenzo, eu iria criar peças íntimas masculinas.

— Lorenzo jamais aprovaria isso. — Eu disse pouco animada.

— Mas você ainda é diretora de moda. — Olivia revidou. — Podia dar uma entrevista falando

NACIONAIS - ACHERON

do projeto e a mídia faz o trabalho de ficar em cima dele. Tem o coquetel da *Madde Supreme*. Faça o aviso nesse coquetel.

— Ah! Por favor, eu vou querer ir. — Kate levantou a mão. — Eu sei que não tenho um Lafaiette, mas quero ver o bafão.

Enquanto elas conversavam, eu pensava longe. Acho melhor focar no detetive, ou esperar esses dois meses acabarem e eu ter tudo de volta, minha vida de volta. Depois, nós fomos para a cozinha, eu estava me sentindo muito mal. Um peixe fora d'água. Com a família de Lorenzo, junto com essas pessoas que o amam e que me odeiam por ter-lhe feito mal. E pensar que eu joguei na cara dele que ninguém o amava.

Fiquei calada a maior parte do tempo. Sorrindo para Kate, respondendo algumas coisas que Olivia perguntava e desviando dos olhares de Vilma. Ainda bem que Lorenzo percebeu e logo levantou-se para irmos embora. Senti um gosto amargo na boca, revolta comigo mesma e mágoa por não conseguir ver uma luz no fim do túnel.

Chegamos ao meu apartamento, eu respirei fundo e fiquei sentada, de cabeça baixa.

— Estou de saída. — Lorenzo fala assim que chegamos. — Talvez eu durma fora. — Levanto os olhos para ele.

— Posso ir à casa dos meus pais?

— Claro. — Ele assente, olha em volta e caminha para a porta. Olha para mim, faz menção de voltar, mas se decide e sai batendo a porta. Eu me jogo no sofá.

Preguiçosamente, fico apenas devaneando sobre meu dia medíocre. Levanto-me, vou para meu quarto, sento-me em frente ao espelho e começo tirar a maquiagem. Será que ele vai sair com alguém? Vai afogar as mágoas com outra pessoa? Penso enquanto passo um algodão embebido em solução no rosto.

Faça valer a pena é uma piada. É melhor me fingir de morta que eu ganho mais. Depois de limpar a cara e trocar de roupa, coloco meus óculos, limpo a sala que ainda está uma bagunça

NACIONAIS - ACHERON

que Lorenzo deixou. Jogo o leite fora, coloco as vasilhas sujas no lava-louça e volto para a sala. Como uma trouxa incurável, sorrio para o livro que eu estava lendo e me lembro de Lorenzo. Abano a cabeça e antes de voltar a ler, meu celular toca na bolsa. Pego-o e vejo um número desconhecido. Atendo.

— Angelina?

— Sim.

— Aqui é Júlio, o detetive. Tenho algumas respostas sobre o cara.

Fico dura de tensão ao ouvir isso, e meus olhos saltam das órbitas. Céus! Levanto-me num pulo. Será que enfim a sorte sorriu para mim?

VINTE E QUATRO

ANGELINA

Depois que recebi a ligação, tive uma injeção de ânimo. Eu não sei se terei coragem de fazer com Lorenzo as mesmas coisas que fiz sete anos atrás, jogar a vida dele no ventilador. Mas com certeza, preciso sim saber sobre ele para tentar, de alguma forma, amenizar a situação. Fazer com que esses dois meses sejam mais tranquilos para mim. Combinei de me encontrar com o detetive na segunda-feira pela manhã. Eu acho que é o momento mais propício para sair sem que Lorenzo perceba, se por acaso ele decidir ficar lá na *Madde*.

Saio rápido, pego meu carro e vou para a casa dos meus pais. Fiz uma entrevista e preciso contar tudo a eles antes de descobrirem lendo em algum lugar. Claro que enquanto dirijo, não deixo de pensar e remoer sobre meu dia com Lorenzo. Fico a todo instante curiosa para saber onde ele está. Na casa dele? No clube com o irmão? Bebendo em algum bar? Com outras mulheres? Eu não devia mesmo me preocupar com isso. Mas quem

consegue mandar no que a mente pensa? No caminho, liguei para meus pais e fiquei com receio de eles estarem de saída para algum lugar. Felizmente eles estavam em casa e eu teria companhia para me distrair e tirar esses pensamentos infelizes da cabeça.

— Pai! Mãe! Estou em casa! — grito assim que abro a porta e entro.

— Estamos aqui, querida. — Ouço minha mãe gritar lá do fundo do corredor. Como sempre faço, deixo minha bolsa no sofá da primeira sala, tiro os sapatos, corro pelo corredor e chego até o grande escritório do meu pai. Minha mãe fecha um livro assim que me vê. Ela está numa poltrona e meu pai atrás da mesa dele, mexendo em alguns papéis. Vou até minha mãe, dou um beijo nela, depois beijo meu pai também.

— E aí? Como foi o almoço de negócios?

— Foi ótimo, mãe. — Ela passa o olho pelo meu vestido.

— Lindo seu vestido.

NACIONAIS - ACHERON

— Obrigada. — Dou uma rodopiada, exibindo-me.

— Estou te achando nervosa. — Meu pai analisa.

— Estou bem, pai. — Tranquilizo-o também.

— Ainda não marcou com doutor Geraldo?

— Ah, mãe... — Sento-me numa poltrona perto da mesa do meu pai — Estou tentando controlar por conta própria, fazendo os exercícios e lendo bastante.

— Não vai usar os doces como terapia, Angelina. — Meu pai alerta e já emenda outro assunto: — Como estão as coisas na empresa?

Um inferno. Penso.

— Muito bem. Já começamos a lançar os *teasers* de divulgação do desfile.

— Então o dono está investindo pesado, né?

Eu vi as propagandas, nível alto, como a *Madde* sempre teve. — Ele elogia e eu me encolho.

— É. Pois é. — Abaixo os ombros e olho para meus pés descalços. Eu vim mesmo só falar sobre isso.

— Pelo que vejo não está nada bem. — Minha mãe me estuda, perspicaz. Levanto meus olhos e fito meu pai.

— O dono se revelou. — Ele nem pisca. A tensão coberta no rosto carregado.

— É? E isso é ruim?

— Mais ou menos. Está sendo meio... confuso para mim, apesar de ele não se intrometer nas decisões da *Madde*. Pessoalmente está me deixando nervosa.

Como a revista pode sugerir um relacionamento entre mim e Lorenzo, meu dever aqui é mascarar da melhor forma que posso.

— Confuso como? — Meu pai pergunta com a
NACIONAIS - ACHERON

cabeça meio virada de lado, com as sobrancelhas juntas, intrigado. Tomo coragem, coço o olho sem estar coçando, e revelo:

— Lorenzo. Ele que é o novo dono da *Madde*.

Olho para os rostos lívidos dos dois. Ambos perplexos com a notícia. Demoram um pouco, calados, digerindo a novidade.

— Lorenzo, o seu... — Minha mãe começa a falar e eu assinto sem nem esperar ela dizer “ex-namorado”. Meu pai se levanta e passa a mão na cabeça.

— Eu só vim conversar com vocês, antes que fiquem sabendo pela mídia. Demos uma entrevista ontem.

— O Lorenzo? — Meu pai me olha pasmo, com a raiva começando a lhe tomar o rosto. — Lorenzo fez aquilo com você? Sobre o leilão?

Tento não entrar em pânico e causar uma briga das grandes. Então, decido nesse mesmo instante, amenizar a situação.

— Foi coisa de negócios, pai. — Jogo meus cabelos, como se não fosse importante. — Eu fui de livre e espontânea vontade.

— Não foi isso que pareceu quando veio aqui contar. O que esse cara está aprontando, Angelina? O que ele quer com a empresa? Ou melhor, o que ele quer com você?

— Eric, querido. Fique calmo. — Minha mãe se levanta e acaricia o ombro do meu pai — Isso tem a ver com o passado, Angelina?

— Lógico que tem, né, Beatriz? — Meu pai fala bravo agitando as mãos. — O que esse cara quer, Angelina?

Fazer-me sofrer muito. Penso aturdida, vendo o sorriso sarcástico de Lorenzo na minha mente.

— Eu não sei, pai... apesar de confuso, está uma convivência legal... — Fingindo-me esgotada, bato as mãos nos braços da poltrona — Até agora ele não fez nada contra mim. — minto descaradamente, afinal, só preciso aguentar por dois meses e meu pai não precisa se intrometer. —
NACIONAIS - ACHERON

No início, eu achei que seria difícil conviver no mesmo ambiente de trabalho, porque não tivemos um término muito bom.

— Vocês conversaram sobre o passado? —
Minha mãe, não menos preocupada, indaga.

— Sim. Sentamos, civilizadamente e conversamos. — minto mais uma vez. Na verdade, toda vez que tocamos no passado, acabamos aos gritos um com o outro. — Eu lhe contei que a Beth me mostrou uma gravação que não tinha nada a ver. Eu pedi perdão. A culpa foi minha.

— Tem carço nesse angu. — Meu pai dá sua opinião já formada, com o olhar longe — Ele não voltaria depois de tanto tempo, para comprar a empresa e pronto. Ficar apenas dialogando, sendo bons amigos.

— Pai, se ele fosse se vingar, se é isso que está insinuando, ele já teria feito me jogando na sarjeta, expulsando-me da empresa. Lorenzo pode estar apenas querendo me mostrar que ele pode mais do que imaginei, anos atrás. É isso que penso. E...

estamos nos entendendo, muito bem.

Que cara de pau. Inventando uma história e encenando descaradamente para meus próprios pais. Sei que Deus está vendo, mas não tenho outra escolha. Pelo que pude tirar disso tudo, a moral desta história é que Deus perdoa, Lorenzo não. Então é melhor fazer tudo para ele não virar de vez um cão bravo.

E pensar que eu já fiz sexo com o cão bravo. Duas vezes.

Eu vi que meu pai não engoliu muito bem o que eu falei e sei que ele vai atrás de respostas. Mas sei também que se ele for tirar satisfação com o Lorenzo, vai sair sem respostas, aquele lá é pior que eu na encenação. Deveria ser ator.

Como eu não tinha nada para fazer sozinha no meu apartamento cheio de lembranças, decidi passar a noite com meus pais e aproveitar para falar com Noah que apareceu, após eu ligar para ele. Conteí sobre Lorenzo ser o novo chefe e ele ficou abismado.

— Como assim, Angelina? — Estávamos sozinhos, no jardim de inverno e achei melhor ser mais direta com Noah.

— Lorenzo e eu voltamos. — Mais uma mentira.

Ele quase deixa a bebida cair da mão. O belo rosto ficou pálido e Noah se levanta, muito abatido, o semblante carregado. Como se tivesse levado um soco no estômago.

— Voltaram?

— Estamos nos acertando.

— Angelina. Não faça isso com você mesma.
— Ele aconselha, meio magoado.

— Noah... não tem o que me convencer. Eu já tomei essa decisão.

— Você é muito inocente. Não consegue ver quem é Lorenzo?

Consigo, sim. E estou tentando me proteger.

— Penso olhando para o outro lado.

— Olha o que ele te fez! Toda a humilhação no leilão.

— Eu sei. Ele e eu já conversamos. Está tudo certo entre a gente. Quero te propor uma coisa.

— O quê?

— Trabalhe comigo no desfile *Supreme*. Semana que vem é o coquetel de apresentação e quero você no comando de todos os efeitos audiovisuais. Montando o desfile comigo. Meu pai acabou de me dar essa ideia e eu adorei.

— Com você e Lorenzo no mesmo ambiente? Sinto muito, não. Eu lembro como ele era intragável, sete anos atrás.

— Ele mudou, Noah.

— Para pior?

Rio. Ele tem razão. Lorenzo mudou para pior. Nada vai pagar a expressão que ele fará ao saber
NACIONAIS - ACHERON

que Noah vai sim, trabalhar para mim. Nem que eu tenha que pagar do meu próprio bolso. Essa sugestão que meu pai deu, é genial. Cruzo as pernas graciosamente e em um gesto amigável, toco na perna dele.

— Eu vou te mandar os portfólios e os books das modelos. No primeiro desfile, que se chamará *Ressurrection*, quero todas as modelos novatas. Algo que nunca esteve em nenhum outro trabalho.

— É uma boa ideia. — Ele concorda — Como é uma transição da *Madde*, as modelos vão dar um ar de cara nova.

— Sim, justamente. Tem uma que eu descobri por acaso, era garçonete de um restaurante que frequentei. — Recordo-me do dia em que fui encontrar com o chefe secreto e vi Lorenzo na mesa com Carmem, o dia que fui assaltada. A atendente que me recebeu tinha altura, porte e elegância de modelo. Convidei-a para um ensaio e ficou genial.

— Uma garçonete?

— Ela é linda. Ruiva natural, fotografa muito
NACIONAIS - ACHERON

bem e anda constantemente numa passarela. E o mais importante, por favor, o nome Lambertini precisa estar assinado nos catálogos. — Ele sorri, bebe o conteúdo do copo e assente.

— Aceito. Quero só ver se o seu chefinho vai aprovar e assinar minha carteira. Aquele merda que se acha o James Dean.

Rio mais uma vez. Referência perfeita. Aquelas jaquetas, jeans surrados, cabelos jogados para cima, o jeito rebelde. Lorenzo, o James Dean da atualidade.



Acordei com meu celular tocando. Peguei-o e quando olhei, a pessoa desligou. Segundos depois chega essa mensagem do Lorenzo me mandando voltar. Como um marido que estava a noite toda trabalhando e voltou para casa requisitando a esposa.

***Lorenzo:** Já estou em casa. Estou te esperando.*

Revirei os olhos e deixei o celular de lado. Segundos depois, outra mensagem:

***Lorenzo:** Tem trinta minutos para chegar. Comecei a contar.*

— Babaca! — falo para o celular e o jogo de lado.

Tive uma noite boa. Jantei com Noah e meus pais e nem me dei conta que estava rindo e distraída, bem feliz. Ninguém mais falou em Lorenzo e isso foi ótimo. Mas quando entrei no quarto e me vi sozinha, fiquei atônita. Sentei-me e olhei meu celular, à procura de não sei o quê. Olhei mensagens, ligações, fiquei passando as imagens sem olhar, apenas pensando. E acabei tendo que tomar uma banda de calmante para conseguir dormir, pois meu coração estava meio nervoso e eu não parava de pensar no sexo que eu tive mais cedo, com Lorenzo. Nosso dia tinha sido bem louco. Transamos, brigamos, demos entrevista, brigamos de novo e nos afastamos.

Agora, às nove da manhã, saio da cama e vou

para o banheiro. Me arrumo, pego todas as minhas coisas, desço, tomo café e digo aos meus pais que tenho que ir para resolver umas coisas em casa. Fiquei de mandar algumas coisas para Noah analisar. Eles entenderam, mesmo querendo que eu ficasse para passar o domingo com eles.

Quando chego em casa, a primeira coisa que vejo, é sinal de acampamento na sala. Há uma manta no sofá, como se alguém tivesse dormido ali, roupas dobradas, carteira e chaves alinhadas na mesinha, junto com meu livro. Olhei para o chão. Até os sapatos estavam bem postos. Ele não perdeu essa mania. Penso sobre a obsessão por organização que Lorenzo tem. Fico pensando se ele ainda tem aqueles outros problemas, como insônia e medo de dormir com a luz apagada.

Ouçó barulho na cozinha. Deixo minha bolsa na sala e vou até lá. Lorenzo está só de cueca, sentado à mesa, comendo e vendo alguma coisa no celular. Ele parece não ter percebido minha presença. Como ele é bonito e babaca ao mesmo tempo. Olho para o corpo bem definido, os cabelos desalinhados, a boca bem desenhada se movendo.

Ainda continua com a boca cheia, mastigando e com olhos grudados no celular. Entro na cozinha, pego um copo e vou beber água, só despistando.

— Olá, bom dia. — Ele fala. Não respondo, nem por educação. Pego água, bebo e ele está me encarando. — Dormiu bem? — pergunta e eu reviro os olhos.

— Sim, dormi. Por que dormiu na sala?

— Não gosto daquele quarto. Vamos fazer compras. — Ele anuncia. Deixa as bolachas de lado e se levanta. Eu me concentro só no rosto dele.

— Oi?

— Supermercado, Angelina. Sua geladeira só tem besteira. Vou morar aqui, sou homem, preciso de sustância. Nem carne, você tem aí.

— Ridículo. Como se só homens precisassem de sustância.

— Você parece que não. Quem bebe leite de soja, come pão sem glúten e compra filé de peixe?

— Você deveria saber. Se quiser comer outras coisas, vai sozinho ao supermercado e compre o que quiser. — Viro-me para sair, mas ele me agarra e me faz olhar para ele.

— Eu não te perguntei se quer ou não. Eu estou ordenando. Responda-me, o que vai acontecer nesses dois meses? Para que assinou aquele trato?

Não desvio o olhar do dele. Vencida, muito friamente, eu respondo:

— Tenho que me submeter a você.

— Então pronto. — Ele sorri muito cinicamente, dá um beijinho na minha boca e me solta. — Vou me vestir para a gente sair.

Espero que o detetive tenha descoberto algo bem cabeludo, pois eu preciso esfregar algo na cara de Lorenzo para acabar com esse cinismo dele. Ouço algo apitando e vejo o celular que ele deixou na mesa. Olho para ver se ele vem do corredor, vou até à mesa, pego o celular. Há um aviso de mensagem, o vídeo está em andamento e por isso a

NACIONAIS - ACHERON

tela não bloqueou. Ele estava assistindo um canal famoso no Youtube. Pauso o vídeo e toco no aviso da mensagem.

Olha aí, Lorenzo. Você está melhor do que nunca. Sua carreira não acabou totalmente, cara.

Abaixo da mensagem, há um vídeo. Sento-me, o vídeo carrega e abre. Coloco a mão na boca ao ouvir gritos e algumas pessoas ao redor de um ringue. Dentro do ringue, dois homens se batem e ouço o coro gritar: *Caballero! Caballero!*



LORENZO

Horas antes

— Você de novo por aqui? — Ouço a voz de Magno atrás de mim e nem levanto os olhos do copo à minha frente. Dessa vez ele não ri ou tenta empurrar uma funcionária para mim. Senta-se ao meu lado. — Traz um desse aqui para mim. — Ele pede ao garçom, possivelmente o mesmo que estou bebendo.

— Lorenzo. — Ele me chama e eu o olho. — mande tudo se foder cara, você está se boicotando.

Assinto com o que ele fala e volto a olhar o copo. Acabo de vir da casa dos meus pais. Fiquei lá um bom tempo, muito tempo mesmo. No escritório que era do meu pai, sentado, olhando a foto da família. Tinha acabado de sair da casa de Angelina e tudo parecia estar ruindo aos meus pés. Senti-me um covarde, um escroto, mas não senti vontade de parar. Nunca. Saí de lá, cansado de pensar e vim direto para o clube do Magno.

— Ser um *pornóquio* não vai te ajudar em nada, só vai criar mais...

— Um o quê? — Olho para Magno, de cenho franzido.

— *Pornóquio*. Como Pinóquio. Pessoas que ficam contando vantagens sexuais para outras quando na verdade, não fizeram porcaria nenhuma. Contar mentira sobre atividades sexuais.

Ele consegue arrancar um breve sorriso de mim.

NACIONAIS - ACHERON

— É, acho que ultimamente é a única coisa que consigo ser. Um *pornóquio*.

— A vaca está te tirando o juízo. Será que não é hora de acabar com isso?

— Sabe, — Olho para ele — não sei se você compreende muito isso, mas eu estou meio que com muita vontade de ficar perto dela, nem que seja discutindo.

— Ihhh! Porra, cara. Se foder uma vez apaixonado, já é problema. Olha o Romeo como tá. Agora se foder duas vezes apaixonado e ainda pela mesma pessoa... — Ele balança a cabeça e estala a língua: — tsc-tsc.

— Obrigado pelo conselho.

— Não te dei conselho. Mas aqui vai, saia enquanto é tempo. Lembre-se do que aconteceu no passado com essa mesma mulher. No seu caso, não estou sendo machista e sim realista. Deixe essa peste de lado e vá ser feliz comendo adoidado, por aí.

— Eu só preciso pensar.

— Sabe que isso não é vingança, né? Ficar aí pelos cantos, transar com o oponente, querer ficar perto nem que seja discutindo. Tente fazer algo que tire você do foco desse assunto.

Eu pensei bastante no que Magno me falou enquanto eu dirigia para um lugar específico. Se nada te fizer sentido, vá ao Búfalo. Sábado é um bom dia, dia de ringue. Cheguei e fui muito bem recebido pelos meus velhos amigos. Senti-me leve e muito animado. De verdade, o lugar me deixa completamente liberto. Todos os meus problemas ficam do lado de fora.

Nem precisei pedir. Logo eu já estava sendo anunciado para subir ao ringue com um dos meus colegas de luta. Eu sempre vou a uma academia treinar, treino no meu apartamento, mas lutar mesmo, assim no ringue, com as pessoas gritando, fazia muito tempo. Quando entrei no ringue e ouvi: *Caballero! Caballero!* Senti-me em casa. Prestes a recarregar minhas baterias e sair daqui bem revigorado, disposto a continuar com meu plano.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

VINTE E CINCO

LORENZO

“Doente de amor, procurei remédio na vida noturna, com a flor da noite, em uma boate aqui na zona sul (...)” — Imediatamente, bato a mão no som e desligo. Está no modo automático e quando ligo o carro, o som toca as últimas músicas.

— Ainda ouve essas músicas antigas de corno? — Angelina me olha incrédula. — Pensei que tinha sido uma fase.

— Corno é o cacete! É pura arte. As músicas antigas, pelo menos, têm letra.

— Por que desligou?

— Porque sim. — Explico, ela não contesta e vira-se, olhando para a rua, com cara de poucos amigos.

— Não fique emburrada, ir ao supermercado deve ser como comprar roupas e sapatos, que você sabe muito bem como fazer. — Eu digo. Iremos ao NACIONAIS - ACHERON

supermercado. De verdade, preciso. Deixei minha geladeira, minha despensa repleta e fui cair em uma casa que só tem viadagem na geladeira. Porra de queijo light, brócolis e pepinos. De raiva, apertei bem as tampas dos potes que encontrei no armário. Para ela precisar de ajuda para abrir.

Eu ia levá-la para passar o domingo comigo na antiga casa dos meus pais. Mas depois que fui ontem e passei muito tempo lá, pensando e brigando com demônios interiores, decidi não voltar lá por enquanto. Sei que seria diferente, afinal, ela estará comigo, mas não pretendo dormir com Angelina e não vou deixá-la passar a noite lá sozinha.

— Você poderia ter feito uma lista e deixado para Lourdes comprar. — Ela opina, inconformada.

— Mas eu quero escolher as coisas que vou consumir.

— Lorenzo, eu não costumo ir ao supermercado, não sei como funciona nada. O que vai comprar?

— Vou comprar carne, leite, ovos... Deve ser fácil. — Dou de ombros.

— O quê? Deve ser? Você também não sabe?

— Bom, Vilma que sempre fez compras para mim. Nunca precisei ir ao supermercado. — E essa é a pura verdade. Vilma sabe tudo que eu gosto e nunca precisei me preocupar em abrir a geladeira e sentir falta de alguma coisa. Angelina bufa e se volta para a janela.

— Mas lembra uma vez que nós fomos? — Eu digo animado.

— Entramos para comprar bebidas e camisinhas. Não foi para fazer compras.

— Ah! Camisinhas. — Bato a mão na testa como se me lembrasse. — Tenho que anotar na lista. — Olho para ela só para ter o gosto de ver o rosto levemente ruborizado e a cara ficando mais fechada.

Paro o carro no estacionamento um pouco afastado dos outros. Desafivelo meu cinto e me viro

NACIONAIS - ACHERON

no banco para encarar Angelina.

— O que foi? — Ela tira o cinto e pega a bolsa, sem desgrudar os olhos de mim. — Tem algo no meu rosto?

— Vem aqui. — Eu puxo-a para mais perto, ela não luta, mas fica surpresa, um pouco travada, sem saber o que está acontecendo. Abraço-a firmemente. — Está tudo bem. Temos propensão a nos darmos bem.

— Nos darmos bem? Depois de tudo que você fez comigo?

— Sim, depois de tudo que você fez comigo. — Devolvo a farpa.

— Eu me arrependi, droga! — Ela esbraveja e tenta me empurrar.

— Eu posso me arrepender depois. — Olho para os seios dela e me dá uma vontade urgente de beijá-los. Minha vingança estava bem cronometrada. Fria, perversa, eu estava de longe, apenas observando-a e vendo-a sofrer, passando os
NACIONAIS - ACHERON

apuros. Na minha casa, no meu sofá, assistindo tranquilamente.

Davi Brant me aconselhou a terminar tudo assim que eu conseguisse a empresa e as propriedades dela. Ir até lá, demiti-la, passar tudo na cara e acabar com a *Mademoiselle*. Rápido e cruel. Mas, para mim, não parecia suficiente e me perdi nos meus planos, assim que me aproximei de novo dela. E agora cá estou eu, só pensando em agarrar essa mulher. A todo instante.

— Você é louco. — Ela constata. Os olhos azuis ficam mais escuros que o normal, porém sem deixar o brilho de lado. Isso me deixa com sérias contradições. Preciso odiá-la, manter-me imune. Mas quando ela me olha assim, meio assustada e curiosa, eu sinto meu coração bater na garganta. Me vem uma vontade tão grande de beijá-la e para meus negócios muito bem planejados por anos a fio, isso é péssimo.

— E você não fica para trás. — Afasto mechas de cabelo dela da testa. Angelina exala profundamente.

— Você não precisa ficar me humilhando e me obrigando a fazer coisas. — Comprime os lábios — Já tem o bastante.

— Não tenho. — Discordo; dou um meio sorriso. — Quando eu tiver, você saberá. — Tateio minha mão de lado, encontro a alavanca do meu banco, empurro-o para trás e sem dar tempo de Angelina se soltar, puxo-a para cima de mim.

— Lorenzo, o que está fazendo? — Ela fica sem jeito, olhando para os lados assustada e eu consigo encaixá-la perfeitamente entre meu colo e o volante. Eu tenho um Jaguar XF, se você tem um igual, saberá como o interior dele é espaçoso, ideal para uns amassos. — Os vidros são escuros, então ninguém está vendo a gente. — Bato a mão no som, ligo-o de novo e aumento o volume da música.

Confesso que não peguei muita mulher aqui dentro. Algumas apenas. Não pense que foram só as privilegiadas, ao contrário, foram aquelas que eu encontrava nas farras de sábado à noite, estava cansado demais para continuar procurando algo

melhor e a tal mulher não era merecedora da casa dos meus pais, para onde eu quase sempre as levava. Meus irmãos e Vilma sempre ficavam me vigiando, chegando ao meu apartamento de repente e para prevenir, eu sempre levava mulheres para aquela mansão.

Muitas ficavam excitadas só de olhar minha propriedade bela e imponente, e quando chegava o momento de eu mostrar o Lorenzão nas calças, era piração total. E de todas, apenas uma teve o privilégio de estar na minha cama de verdade, no meu quarto de verdade, no meu apartamento. E Angelina não precisa saber que foi a única a deitar na minha cama.

Eu abraço forte a cintura dela, enfio meus dedos na parte de trás do seu cabelo e a puxo para minha boca. Levo minha língua para fora e ataco com gosto os lábios dela. Quase solto um gemido ao sentir a boca quente, os lábios macios, a língua dela enrolando na minha. Angelina começa a me beijar também, mas para instantaneamente.

— Lorenzo... pare... estamos em um local

público. — Ela tenta se soltar, sem muita convicção.

— Como se nunca tivéssemos feito isso. — Tento puxá-la de novo para beijá-la. Ela coloca a mão na minha boca.

— Não somos mais aqueles jovens sem noção. Temos uma imagem a zelar, você e eu.

— Não tem ninguém vendo, os vidros são escuros, já disse. — contesto e beijo o queixo dela.

“Sair de que jeito, se nem sei o rumo para onde vou. Bem vagamente me lembro que estou, em uma boate aqui na zona sul...” — a música canta mais alto que o normal. Desço meus lábios para o pescoço, com as mãos ainda nos cabelos dela, puxo a cabeça para trás, o pescoço delicado fica à mostra e eu passo minha língua. Vou até o queixo, mordo ali, ela aperta as mãos no meu peito por cima da camisa e eu continuo percorrendo minha boca, lambendo e chupando. Meu pau já está enorme, bem duro e Angelina se mexe, suspirando, sentindo-o pressionado debaixo de sua bunda.

Chupo o pescoço dela, em um lugar fixo. Angelina se debate e acerta um tapa na minha boca.

— Ai! — Pasma, coloco minha mão nos meus lábios. — Ficou doida, Angelina?

— Não vai deixar chupão no meu pescoço. Sou uma mulher elegante e de vida pública, não vou ficar parecendo uma desfrutável.

Como se as elegantes não fizessem sacanagem. Contorço meu quadril, fazendo-a sentir meu pau duro, fito a expressão dela e sorrio ao ver o brilho intenso nos olhos. O tesão aumentou, né, gata?

— Uma mulher elegante rebolando no colo de um psicótico, no estacionamento do supermercado. — Uma breve fúria começa a nascer nos olhos dela, mas logo acaba, porque puxo-a novamente para me beijar. Levo minha mão para a perna dela, subo o vestido e consigo chegar à calcinha. Sorrio contra os lábios dela ao sentir o tecido, provavelmente renda. Puxo a calcinha, ajudando-a a se levantar para eu tirá-la completamente. Ela

levanta a perna para a calcinha sair, empina demais e a bunda bate no volante, dando duas buzinas sonoras. As bochechas dela enrubescem instantaneamente e eu dou uma gargalhada.

— Está vendo a que nível você me faz descer?

— Ela vocifera e desfeita da calcinha, volta a me beijar ofegante, segurando forte nos meus cabelos e mordendo meus lábios, quase em um beijo furioso.

A música termina e começa *Hero* de Enrique Iglesias. Angelina para de me beijar e murmura:

— Você é tão brega. — Está ofegante — Tem os piores gostos musicais.

— Mas tenho o melhor beijo, não é? — Bato minha mão no painel e passo a música. Estávamos quase voltando a nos beijar, mas Angelina semicerra os olhos, me olhando incrédula quando Madonna começa: “*Como puede ser verdad?*” para dar início a *Lá isla bonita*.

— Madonna? Sério?

— Emprestei meu carro para Magno. Ele que
NACIONAIS - ACHERON

gosta da Madonna.

— Magno? Logo Magno? Se fosse ao menos o Romeo...

— Foda-se! Estou quase gozando aqui. — Bato de novo a mão e agora outra começa. Antes de qualquer reação, puxo Angelina para beijar novamente, enfio minha mão debaixo das pernas dela e acaricio gentilmente a boceta dela. Ela puxa minha camisa para cima, enfia as mãos por baixo e apalpa meu peito e meu abdômen, gemendo com meus dedos deixando-a escorrendo em minha mão. Está tão quente que estou com vontade de colocar minha boca para sentir o sabor dela, toda excitada.

Sem um pinga de compostura, Angelina se mexe devagar em cima do meu pau, sinto meu corpo pegar fogo, minhas bolas já estão doendo pela pressão sem falar na boca dela me levando a loucura. Ao som de Janis Joplin, nós dois começamos a gemer enlouquecidos dentro do carro. Ela não consegue ficar só nas carícias no meu peito, desce a mão, desabotoa meu cinto e eu me levanto um pouco para descer minha calça até

metade da bunda. Mas meu pau ainda fica todo babado dentro da cueca.

— Ai, caralho!!! — Eu gemo, pirado.

Começo a fodê-la com meus dedos, segurando firme os cabelos dela. Angelina segura os meus cabelos e dança sensualmente em cima do meu pau.

— Ai, céus! Vou gozar. — Ela geme e crava os dentes no meu pescoço. Essa mulher é doida. Ela se transforma quando está com tesão. Eu acelero as investidas dos meus dedos, ela rebola mais, espremendo com firmeza o meu pau e começa a se contorcer, beijando-me, gemendo, arranhando-me até gozar. Angelina treme, contorce, grita e eu vou logo em seguida, esportando na minha cueca. Sinto a deliciosa sensação da liberação, meu pau se contraindo furiosamente, apertado embaixo dela.

Ela cai contra meu peito. E ficamos parados, descabelados, ofegantes, nos abraçando e Janis Joplin canta: *“Possua outro pedacinho do meu coração agora, baby! Você sabe que pode, se isso te faz sentir-se bem (...)”* Ela me dá mais um beijo,

agora não tão selvagem. Arfamos contra a boca um do outro e continuamos nos beijando devagar, saboreando com prazer e ela rola para o outro banco. Fico imóvel, observando-a puxar a aba de tapa sol do carro e olhar o seu estado pós foda no espelhinho.

— Santo Deus! — ela exclama, ao ver em torno da boca rosada pelo batom dela que foi totalmente destruído pelos beijos. — Estou parecendo o Coringa.

— E eu parecendo o Leonardo DiCaprio após ser atacado pelo urso. — Ajeito minha camisa, vendo meu peito arranhado. Olho para minha cueca toda gozada, um círculo enorme de esperma. Não vou limpar. Ajeito meu pau e fecho a calça. Angelina tirou um lençinho da bolsa e começou a limpar o vestígio de batom ao redor da boca. Eu me olho no retrovisor e estou com manchas de batom no rosto e com os cabelos nas alturas.

— Tome, limpe. — Ela me entrega um lençinho também. Se eu soubesse que ela tinha mais, tinha pedido para limpar minha cueca. Limpo

minha boca e agora Angelina está retocando o batom. Ela faz isso bem rápido e já começa a ajeitar os cabelos, prendendo-os em um rabo de cavalo.

Mesmo limpando minha boca, ela ainda fica bem vermelha e meus cabelos nas alturas, com minha camisa amassada, prova de que eu estava dando uns amassos ou vindo de uma competição no deserto.

— Vamos?

Ela me olha, desaprova meu visual, com uma expressão de descaso e abre a porta. Eu desligo o som, abro minha porta e saio acionando o alarme. Caminhamos em direção ao supermercado. Ela andando muito elegante, toda retocada, como se não tivesse acabado de ter um orgasmo.

— Estou me sentindo uma libertina. — Angelina murmura, mas sem revolta na voz. Foi mais um comentário aleatório.

— Por ter acabado de gemer loucamente com meus santos dedos? — Orgulhoso, dou uma olhadinha para ela ao meu lado.

NACIONAIS - ACHERON

— Não. Por estar indo ao supermercado sem calcinha.

— O quê? — Dou um grito. Um casal com dois filhos que vai entrando, se assusta e olha para mim. Estou petrificado, olhando para ela. — Angelina! Ficou louca?

Ela cruza os braços e faz uma expressão insolente.

— Por quê?

— Você não vai entrar ali sem calcinha. Ficou doida? — Bato meu dedo na minha cabeça. — Perdeu o juízo? Está de vestido, bem curto por sinal, e quer entrar em um lugar público sem calcinha?

— Acabamos de fazer sacanagens em um local público.

— Dane-se. Volte e vista a porra da calcinha.

— Volte você e tente vesti-la em mim, lá

dentro. — Ela dá uma rodada, o vestido balança na bunda e volta a caminhar. Puto de raiva, olho para o carro afastado e para ela indo em direção à entrada do supermercado. Quase dou um rugido de raiva, decido correr atrás dela. Pego um carrinho e vou atrás de Angelina, bufando de raiva. Chego perto dela e ameaço:

— Vai me pagar quando chegarmos em casa.

— Tanto faz, já estou pagando mesmo. Adicione mais essa na minha conta. O que vai comprar?

— Óleo de peroba, para passar nessa sua cara de pau. — Eu falo e ela gargalha.

— Olha só quem fala em cara de pau. Vejo coisa, viu?

Andamos logo para a seção de carnes. Eu não sei nada sobre carnes. Romeo entende tudo, pois era cozinheiro e gosta de fazer churrasco. Eu devia ter pedido a opinião dele.

— Queria comprar carne para bifes. — Falo
NACIONAIS - ACHERON

com Angelina. — Sabe qual é a melhor?

— Primeiro que dificilmente como bife e segundo que eu não sei nem andar em um supermercado.

— Então pergunte ao açougueiro. — Aponto para o balcão de carnes.

— Eu, não, vai você.

— Você é mulher, Angelina, você que tem que ir. Vai logo que eu vou pegar leite e achocolatado.

Ela só me dá uma olhada feia, mas não contesta. Com muita classe, em saltos altos e sem calcinha, ela vai até o balcão, fala alguma coisa gesticulando e o homem começa a explicar para ela, mostrando umas peças de carnes. Angelina exhibe uma cara de asco, meio retraída, com a mão no peito, quase em choque. Eu rio e caminho para o outro lado, mas como eu não sei onde fica nada, paro uma atendente do supermercado e pergunto onde fica o leite. Ela sorri toda prestativa e não me dá a informação, ela me leva até lá. Escolho duas

NACIONAIS - ACHERON

caixinhas de leite e sorridente, a moça me pergunta:

— Precisa de mais alguma coisa?

— Eu preciso de achocolatado, cereal e ovos.

— Siga-me, por favor. — Ela anda e eu vou atrás.

— Nunca veio aqui?

— Não. — respondo.

— Parece que te conheço de algum lugar. —
Andando, ela me olha.

— Deve ter sido em alguma revista ou na TV. Tenho uma empresa e tal. Deve ser isso. — Ela assente, sorri e continua andando. Leva-me até o chocolate em pó e os cereais.

— Precisa de um carrinho. Quer que eu busque?

— Ah! Já tenho um. Ficou lá do outro lado. —
Equilibro tudo nos braços: Duas caixas de leite, três

de cereal e uma latinha de achocolatado. Continuamos andando para outro lado e chegamos a uma prateleira com ovos.

— Deixe que eu levo. — Ela pega uma bandeja e caminha comigo.

— Muito obrigado.

— Por nada, estou aqui para ajudar, em qualquer coisa. — Fico feliz em saber que os atendentes não são tão péssimos assim como Vilma sempre fala. Chegamos ao carrinho onde Angelina já está de guarda, com o celular no ouvido. Assim que ela me vê, guarda o celular.

— Meu Deus! Onde se meteu? Já estava ligando para você! — Ela olha para minhas mãos com as coisas e depois para a moça segurando a bandeja com os ovos.

Eu coloco as coisas no carrinho, a mulher me entrega os ovos.

— Obrigado. — falo e ela já está de costas, apenas responde em um murmúrio.

NACIONAIS - ACHERON

— Fez a mulher carregar suas compras? — Angelina questiona apontando para a moça que se afasta. — Ameaçou-a, como? Roubar as propriedades dela?

— Deixa de conversa. Ela foi prestativa, nem todo mundo é como você.

— Sei. Prestativa.

— Pegou a carne?

— Sim.

Olho as coisas no carrinho e penso mais um pouco no que posso comprar. Mentalmente relembro as coisas que tem na geladeira dela.

— Você sabe como faz batata frita?

— Deve ser com batatas. — Angelina responde rudemente. Reviro meus olhos.

— Quero saber como faz para ficarem como as do McDonald's. Vilma consegue fazer igual.

— Sei lá. Vou pegar iogurte natural. Estou vendo daqui. — Ela se afasta e faz questão de rebolar e empinar a bunda. Até dá uma olhadinha para trás, para ver se estou olhando. Ela vai me pagar. Ela deveria ficar bem pianinha, mas teima em me provocar, depois eu que acabo sendo tachado como vilão.

Resolvo o problema da batata, pegando o celular e ligando para Vilma. Pergunto e ela me explica para eu ir aos congeladores e procurar pacotes de batatas, já cortadas, prontas para fritar. Procurei bastante. Angelina já tinha pegado o iogurte e estava parada perto do carrinho, com cara de paisagem. Só depois de pedir informação que eu consegui encontrar e voltei com dois pacotes de batata e uma caixa de carne de hambúrguer. Que eu não sei fazer, mas achei legal e peguei.

— Achei. Vamos.

Sáímos e no caminho ainda peguei um Ketchup, maionese, mostarda, atum em lata, um pacote de pão, dois potes de geleia e bolachas recheadas.

— Parece que eu vim no supermercado com meu filho de cinco anos. — Angelina olha torto para meu carrinho.

Paro numa prateleira perto do caixa, encho a mão com muitos pacotes de preservativos e jogo no carrinho. Ela me olha horrorizada.

— Pronto, não se parece mais com carrinho de uma criança de cinco anos.

— Pra que esse tanto de camisinha? Ficou louco? O que o povo vai pensar de mim?

— Que você é uma sortuda que faz muito sexo com um Lafaiette.

— Babaca. Vai sozinho para o caixa, vou esperar do lado de fora.

Saímos do supermercado, entramos no carro e sob meu olhar reprovador, ela veste a calcinha. Depois coloca o cinto, sem nem se importar de eu estar olhando, segurando firme no volante.

— Vamos almoçar agora. Tenho reserva em
NACIONAIS - ACHERON

um restaurante. — Eu digo. Ela me olha interessada.

— Olha só. Fez uma coisa que presta. Que restaurante? — digo o nome e ela sorri.

— Ótimo. Amo aquele lugar. — Abre a bolsa e pega um espelho. — Já fui com o Noah, antes de irmos para a casa dele e eu dormir com ele. — Ela pisca para mim e sorri.

Mentirosa. Eu sei o histórico dela. Mas deixo-a apenas se achar. Angelina é uma *pornóquia*. Ligo o carro e saímos dali. O pior de tudo é que essas provocações dela não deviam me deixar tão mais atraído. Com mais vontade de atacá-la. Não atacar em uma perfeita vingança, mas jogá-la no sofá da sala e pular em cima, assim que chegarmos.

Magno tem toda razão ao dizer que isso está longe de parecer vingança. Pergunte se o cara do filme *V de Vingança* fazia compras com os desafetos e dava amassos no carro? Olhando para Angelina ao meu lado, com um espelho na mão, a boca aberta e torta e a língua meio para fora,

enquanto, meticulosamente, passa rímel nos olhos, eu vejo que fracassei totalmente nos meus planos de ódio.

E pergunto-me se, em algum momento, eu tive mesmo ódio.

VINTE E SEIS

ANGELINA

Sentada na cama em uma pose meio desengonçada, com os ombros baixos e os cabelos de dar dó, eu encaro minha bela escrivadinha que nesse momento está uma bagunça. Meu lindo IMac está todo decorado com papéis marcadores verde-fluorescente. Mil anotações que faço. Noto que alguém andou olhando meus trabalhos da *Madde*, mas nem ligo. Isso não é meu foco, eu apenas olho, porém minha mente processa outra coisa. O dia de ontem que passou.

Resumindo, apesar dos pesares, foi um bom domingo. Eu fiz obscenidades no estacionamento de um supermercado com meu ex-namorado e atual chefe, fizemos compras e almoçamos em um bom restaurante. Diferente dos gostos musicais, Lorenzo tem ótimo gosto para restaurantes.

Levanto-me da cama, dou uma olhada no lado que ele dormiu. Sim, dormimos juntos essa noite. Eu nem sei onde estava com a cabeça quando exigi

que ele ficasse. Foi demais para mim ter Lorenzo novamente ao meu lado, a noite toda, após o sexo.

Como aconteceu? Não pensem que ele cedeu, ao contrário, eu que tive que engolir o orgulho, pois meu desejo falou mais alto. Depois que chegamos do restaurante, ele pegou um notebook e ficou sentado no sofá, trabalhando em alguma coisa que eu nem me importei em saber o que era. Torci para que não fosse nenhuma conspiração. Eu deitei na minha cama e fui ler um pouco.

Então, à noite, eu estava sentada no sofá assistindo TV em paz e ele tinha ido para a cozinha. Eu estava tão fixada na TV que nem me importei com Lorenzo. Depois comecei a ouvir uns barulhos e um cheiro estranho. Levantei-me e fui ver o que estava acontecendo.

— Lorenzo! O que está acontecendo? — Olhei espantada para a panela enorme borbulhando no fogão.

— Estou cozinhando. — Ele continuou olhando o celular e eu me aproximei da panela,

tampando o nariz.

— O que é isso? — Estava fervendo e uma espuma branca transbordando.

— Bife. — Ele revelou com sua pose de chefe supremo.

— Bife? — berrei. Senti-me uma estúpida, pois todos meus poucos conhecimentos sobre culinária acabaram de cair por terra. — Meu Deus! Achei que bife era frito.

— Pegue uma panela e vá fazer o arroz. Deixe que eu cuido da carne.

— Eu não sei fazer arroz. Meu Deus! Será que não é melhor ligar para Lourdes? — Peguei uma colher e tentei cutucar a carne esbranquiçada sendo cozinhada. Por um momento achei até que aquela coisa na panela parecia com o cozido da Elvira, no filme *Elvira, a rainha das trevas*.

— Olha, eu estou assistindo um tutorial de como fazer bife e acho que errei. — Ele se levantou e me olhou intrigado — Aqui diz para cortar a

NACIONAIS - ACHERON

carne, lavar, temperar e fritar.

— Ah! Eu sabia.

— O que você jogou aí dentro?

— Sal, carne e só. — Ele corre e apaga o fogo.
— Merda! Eu achava que tinha que ferver antes de fritar.

— Vamos pedir comida. Eu não vou comer isso.

— Eu vou fazer outra carne. Pegue os pacotes de batatas na geladeira, leia as instruções e faça.

— Eu?

— Sim. É apenas ler e fazer. Não tem segredo.

Mais curiosa que o normal e até querendo mostrar para ele que sei mais que ele, pego o pacote de batatas, abro com uma tesoura de cozinha e olho dentro. Estão congeladas. Já vem cortadas como as que vende nas lanchonetes. Viro a embalagem e olho atrás. Leio enquanto Lorenzo encara taciturno

os novos bifos que pegou na geladeira. Hum. As batatas parecem fáceis de fazer. Pego uma tigela que vai ao micro-ondas, jogo as batatas dentro, vou até a pia, lavo, abro o micro-ondas, programo e ligo. Satisfeita, eu espero.

— Onde tem pimenta? — Ele pergunta. — Só consegui encontrar sal puro.

— Não sei.

— Não sabe onde tem pimenta na sua cozinha?

— Você não diz que a casa é sua? Procure. — Ele olha para além de mim e fita o micro-ondas.

— O que está fazendo?

— As batatas. — Nada modesta eu me exibio.

— Fritando batatas no micro-ondas?

— Não. Claro que não. Estou descongelando-as, como manda a embalagem. — Incrédulo, ele pega o pacote vira atrás e lê.

— Aqui não manda descongelar no micro-ondas. — contesta.

— Claro que sim. Diz aí: Lave-as e ainda descongela.

— Não. Aqui diz: Leve-as ainda congeladas ao óleo quente.

— O quê? — Corro para perto dele e Lorenzo aponta o dedo para as instruções.

Leio devagar e chego à conclusão de que ele está certo. Imediatamente, abro o micro-ondas e as batatas parecem lesmas. Meu estômago revira.

— Eu não acredito que você fez isso. — Ele começa a dar uma bronca olhando para a tigela na bancada e então eu desabo em um riso descontrolado. Abaixo perto da bancada, ficando de cócoras e rindo muito. As lágrimas descem. Levanto os olhos e Lorenzo está sorrindo, assistindo-me chorar de rir.

— Somos ridículos. Doidos (Solução), mesquinhos, teimosos (Solução), nem sabemos ir ao NACIONAIS - ACHERON

supermercado. — Ele acaba rindo também.

— Vamos deixar essa merda toda pra lá. É melhor pedir um hambúrguer. — Ele guarda a carne que não usou na geladeira, jogamos as coisas fora e voltamos para a sala.



Mais tarde, depois que comemos, ele se levantou, foi para o quarto e se arrumou. Voltou todo cheiroso, arrumado e pegou as chaves. Eu me senti muito boba, olhando-o e admirando como é bonito. Eu poderia ficar calada, mas disse:

— Você sai mesmo todas as noites?

— Não. Só as noites que tem coisa para fazer, como hoje.

— Ah, é? — Elaborei um tom de voz bem irônico, demonstrando que não acreditava. Mas na verdade tive uma ponta de ciúme. Sim, podem contestar e me chamar de burra. Tive ciúmes e um pouco de incerteza quanto a minha certeza de que ele iria mesmo sair com outras mulheres.

— Sim, é — reafirmou.

— Seeei...

— Por quê? Quer que eu fique?

— O inferno congela antes de eu pedir isso. —
Continuei com os olhos pregados na TV, mas a atenção nele. Tive vontade de pular nele para bater, mas me lembrei que se eu pular nele vai acabar acontecendo outra coisa. Porque o desgraçado sabe ser lindo. Apesar de toda essa provocação, ele sempre está o máximo com esses cabelos jogados para cima, esse jeans que o deixa sexy e essa barba tão bem feita ao redor da boca que é erótica, mais que qualquer outra boca.

O perfume estava incendiando a sala. E eu reconheço. Será possível que ele comprou o perfume que usava sete anos atrás?

— Olhe só isso. — Ele exibiu o celular.

“Lorevaldo, as garotas me chamaram para uma jogatina, com direito a aposta de roupas. Será a noite do buraco. Venha, mano. Amadeo já está
NACIONAIS - ACHERON

aqui. Serão duas gatas para cada um.” — Essa é a voz de Magno, no áudio para Lorenzo. Fiquei tensionada, dura de raiva, porque ele poderia simplesmente sair sem precisar me mostrar essas coisas. Olhei para a cara dele e é novamente o olhar frio, do chefe prepotente.

— Eu poderia desistir de ir. Mas só se você pedisse.

— Vai sonhando! — Resmunguei, achando um absurdo. Levantei-me para sair e ir para meu quarto. Na minha mente, a imagem dele jogando baralho com as putas e o irmão, deixa-me azucrinada. Quero matar Lorenzo. Eu deveria sentir isso? Não. Eu deveria estar reparando como ele é lindo? Não. Mas quem manda na porra dos sentimentos? Eu apenas sinto e pronto.

— Bom, então até amanhã. Isso se eu vier aqui. Senão, nos vemos amanhã à noite. Geralmente jogar buraco me dá uma canseira.

Eu fiquei feito uma estátua, besta, vendo-o caminhar para a porta. Por que eu não sou

competente e vou para meu quarto ouvir alguma coisa?

— Mas se você dissesse que me quer aqui e que está com ciúmes de me deixar ir, aí eu pensaria no seu caso. — Ele deu uma piscadinha, abriu a porta e eu reagi:

— Espere! — gritei, porque sou uma tola. Uma idiota. Estava com vontade de me espancar. Ele parou, ficou um tempinho de costas e depois se virou para mim. Fechou a porta. Apenas me fuzilou com seus olhos escuros, meio provocantes e com um ar de todo poderoso.

— Quer me dizer algo, Angel?

— Não... vá... — pedi apertando um dedo no outro. Pensei ter visto um rápido sorriso nos lábios dele.

— Por que não quer que eu vá?

— Porque... eu... ah, Lorenzo, você não está sendo justo comigo.

— A vida não é justa. Essa é a sua única explicação?

Calei-me. Recusei-me a confessar que não quero vê-lo com outras. Esse desgraçado, patife, cafajeste. Naquele instante, tive certeza de que vi um sorrisinho ambicioso. Não iria dar aquele gosto a ele.

— Então, tá. — Ele se virou de novo em direção à porta. Tremi toda, o desespero acelerou meu coração, então eu gritei de olhos fechados:

— Quero que você fique. — Ele parou de novo. Não virou para mim. Completei imediatamente: — Quero você a noite toda comigo, Lorenzo.

Assim que me olha, ele me analisa, sem sorrir. Faz uma insinuação de muito sério, como o chefe cretino que é. Meus punhos doem de raiva dele e de mim. Quero bater tanto nele, mas não quero que ele fique com mais ninguém. Vai entender.

— Venha aqui. — Ele mal terminou de falar e eu caminhei em sua direção. Passou os dedos pelo

NACIONAIS - ACHERON

meu queixo, eu fiquei paralisada, apenas olhando-o, seus dedos sobem para meus cabelos e ele sussurra:

— Convença-me a ficar.

— Como?

— Seja legal comigo.

— Não te matar, significa estar sendo legal. O que mais quer que eu faça?

Nos lábios dele, passou uma rápida sombra de um possível sorriso. Eu ainda continuei paralisada em sua frente. Lorenzo desceu a mão pelo meu pescoço, passou pelos meus seios, continuou descendo e de repente muda de corpo, sua mão saiu de mim e começou a deslizar sobre a calça dele, olhei para baixo.

— Sente-se ali. — Ele apontou para o sofá. Obedientemente, sentei-me, ele veio, parou bem de frente para mim, meu rosto próximo à sua calça. Tirou o cinto, abriu o botão e o zíper, desceu um pouco o jeans, exibindo a cueca branca.

— Você já fez isso, Angel. Se lembra? —
Acariciou gentilmente meus cabelos, fazendo-me
um cafuné. — É como chupar uma manga. Apenas
chupe, sem se importar.

Bom, isso não era totalmente uma punição
severa. Porque de uma forma ou outra, eu gosto de
fazer sexo com ele. E olha que nossas transas no
furor da raiva estão melhores do que eram sete anos
atrás. Deixei qualquer racionalidade para trás e
segurei as duas mãos no quadril dele, com
possessividade. Desci minhas palmas para as
pernas morenas e fortes, passei sem pressa pelas
coxas, sentindo os pelos ralinhos acariciarem minha
mão.

A cueca boxer aderiu perfeitamente em sua
pele e formava um volume grande, exibindo o
contorno perfeito do pênis. Levei minhas mãos para
trás, passei pela bunda dele, que por sinal é bem
firme e malhada. Abaixei mais a calça deixando-a
embolada nos joelhos e encostei meu rosto contra a
cueca dele. Estava muito cheiroso. Por cima do
tecido, passei a língua pela extensão do grande
pacote. Lorenzo arfou. Eu já estava em brasas entre

as penas e com os seios doloridos.

Depois, segurei firme no elástico da cueca e a puxei lentamente para baixo. O pau se libertou grande e já duro, bem duro. Lorenzo também não consegue esconder a excitação. Já estava mordendo os lábios. Adoro quando ele morde os lábios. Fica muito sexy. Abaixei bem a cueca dele, deixando-a junto com a calça, emboladas, segurei o pau bem firme, vi a garganta dele subir e descer engolindo e então dei uma lambida, rodeando toda a cabeça, sentindo novamente as vibrações que sentia anos atrás.

Passei novamente a língua e Lorenzo gemeu. Seus dedos se enfiaram em meus cabelos e em dois segundos ele estava segurando firme minha cabeça, e aí, abocanhei. Chupei como eu me profissionalizei com ele anos atrás.

— Ah! Cacete! Angel... — Lorenzo abriu mais as pernas, segurou forte meus cabelos e eu não parei de chupar e sugar. Ora com calma, ora com força, sentindo o pau dele vibrar, crescer, as veias ficarem bem saltadas, deixando-o pulsante.

Minha boca o reconhece, cabe perfeitamente e para deixá-lo quase pirando, rolo minha língua contra a cabeça, dando a volta, sugando a pontinha e tornando a chupar.

— Cara... que delícia de boca. — Lorenzo gemeu e forçou um pouco, batendo na minha garganta. Chupei mais um pouco, ele me pegou e me fez levantar. Fiquei sem entender. Ofegante, olhando para ele.

— Cama... Angel. — balbuciou — Seu quarto. — Ele me deu um beijo afobado, devorando meus lábios, deixando-me louca com o beijo. As mãos ágeis dele conseguiram arrancar minha blusa e imediatamente avançaram nos meus seios.

Fomos topando nas coisas para o quarto. Caminhamos abraçados sem pararmos de nos beijar. Hora parávamos na parede para continuarmos os amassos, minha mão no pau muito duro dele, fazendo vai e vem, deixando ele pirado contra minha boca, beijando-me ardentemente. Transamos loucamente, aos gritos na minha cama. Não teve como ser diferente, suamos, gozamos e

acabamos quentes, ofegantes e desorientados lado a lado na cama.

Fiquei com medo dele dizer outra gracinha, “agora vou para a noitada”. Ou me fazer passar outra humilhação. Então, eu me levantei antes, fui ao banheiro, fiquei me olhando em frente ao espelho. Joguei água no rosto, passei as mãos nos cabelos, ouvi passos saindo do quarto e não sei se fiquei aliviada ou incomodada por ele ter saído. Em seguida, ouvi a porta do outro quarto abrindo. Rapidamente, tomei uma rápida ducha e escovei os dentes. Vesti um roupão, ajeitei meus cabelos e pelo espelho me deparei com Lorenzo de pé, recostado no batente da porta, —olhando-me. Ainda estava pelado.

— Você tem um belo quarto. — Ele falou.

— Obrigada. — Passei por ele, fui vestir uma calcinha no closet e quando voltei, Lorenzo estava deitado na cama, com as mãos cruzadas atrás da cabeça, bem à vontade, pelado, com seu corpão suculento se exibindo.

— Se importa de deixar um abajur aceso? —
Ele pergunta sem olhar para mim.

— Não... claro que não. — Apaguei a luz do quarto e deixei o abajur do lado dele aceso.

Eu fiquei dura, sem reação. Até que ele se arrastou na cama, – puxou-me para mais perto e me aninhou por trás. Céus! É sério? Conchinha com o chefe cretino? O pior de tudo é que relaxei, sentindo os braços dele me enlaçando. Ele estava cheiroso, tinha também tomado uma ducha.

— Durma, Angelina. Isso não é bandeira branca. É apenas uma trégua.



Agora, segunda de manhã, relembrei todos esses momentos de ontem. Enquanto me arrumava para o trabalho, fiquei pensando se Lorenzo dormiu a noite toda. Eu não me lembro de ter apagado. Nosso sexo tinha sido bem selvagem, bem gostoso, ele me fez gozar duas vezes, então eu dormi a noite toda.

Só saio do quarto quando estou toda pronta. Cabelo impecável, saltos e tudo mais. Na sala há um terno e uma pasta. O que prova que Lorenzo ainda está por aqui. Ouço vozes e sigo até a cozinha. Chego ao fim do corredor e fico olhando a cena. Lourdes está tirando *madeleines* do forno, colocando em uma vasilha e Lorenzo está comendo uma, enquanto conversa.

— Está muito boa, Lourdes. — Ele elogia — Lembra as que minha avó fazia.

— Obrigada. Eu sempre faço para a Angie. Ela ama.

— Ah! É verdade. Lembro que ela levou para mim uma vez.

Madeleines, são meus biscoitos preferidos, Lourdes faz quase sempre para eu tomar café. São biscoitos assados, meio arredondados, em forma de concha com gosto de limão. Eles dois não me veem. Lorenzo está todo arrumado. Calça social, camisa cinza claro de mangas compridas e gravata azul-escura.

— Sente-se ali, Lorenzo. Irei te servir café. — Lourdes fala e ele nem contesta. Senta à mesa, já toda posta. — Da próxima vez que tentarem fazer baderna na minha cozinha, vão se ver comigo. — Lourdes ameaça sorrindo, enquanto despeja café numa xícara para ele. A Lourdes está de boa com ele? Esse cara seduz qualquer um. Pigarreio e entro na cozinha. De cara feia.

— Oi, querida — Lourdes cumprimenta. — Fiz *Madeleines*.

— É, estou vendo. Bom dia, Lourdes. — Olho para a cara de pau de Lorenzo devorando os biscoitos. Sento e Lourdes me serve de suco.

— Achei que já tinha saído. — Casualmente mordo um biscoito, direcionando meu olhar a Lorenzo.

— E abandonar esse café? Nem pensar.

— Angie, devia ter contado sobre ter voltado com o Lorenzo. — Lourdes fala, olhando-me séria.

— Não voltamos, Lourdes. — Mantenho meu
NACIONAIS - ACHERON

olhar fixo nos dele, duelo de olhares — Estamos nos entendendo.

— Isso para mim é voltar. — Ela fala muito sorridente, olhando encantada para ele. Lorenzo não desmente, sorri para mim, pisca e pega mais um biscoito. Vai acabar com meus biscoitos desse jeito.

Terminamos, vou escovar os dentes e retocar o batom. Enrolei bastante para ele perder a paciência e ir, mas não foi, estava sentado na sala, olhando meu livro. Lorenzo se levanta prontamente e me mostra.

— Você não leu quase nada desde aquele dia que eu li o trecho. — Ele dá uma risada e joga o livro no sofá. — Não precisa se fingir de culta só para se exhibir. Se não gosta de ler, não leia.

— Você não sabe de nada. — Passo por ele, pego minha bolsa e saio. Quando namorávamos, a minha dislexia estava bem controlada. Eu planejava contar para Lorenzo assim que nos casássemos. Na minha mente, eu tinha muita vergonha disso por ter

sofrido muito na escola. Era chamada de burra por trocar letras quando escrevia ou não conseguia ler na sala de aula quando a professora pedia para cada um levantar e ler um trecho do texto.

Escondi isso muito bem do Lorenzo e olha que naquela época eu o amava loucamente. Não é agora que estamos duelando que eu vou dar essa arma para ele usar contra mim.

Fomos para a empresa, Lorenzo me deixou na porta e nem desceu. Disse que tinha assuntos importantes para tratar na Orfeu. Seria até melhor, pois eu poderia ir me encontrar com o detetive. Estava contando as horas para saber o que ele tinha descoberto. Quase tocou a música: *Como uma deusa* quando eu saí do carro de luxo do Lorenzo. Andei nos meus elegantes saltos em direção a *Madde*, toda imponente e gloriosa.

— Angelina! — Voltei para vê-lo dentro do carro sorrindo. — Eu sempre estou de olho. Faça valer a pena. — Babaca. Revirei os olhos, virei-me e sem que ele visse, dei um meio sorriso inevitável.

Mais tarde, pedi para Simone anotar recados importantes para mim. Vi Beth de longe com Valmir e ela fechou a cara para mim. Nem liguei, estava de saída para ir encontrar o detetive. Por um segundo, fiquei com medo daquilo que Lorenzo falou: “Eu sempre estou de olho”. Estaria me seguindo, colocando gente na minha cola?

Cheguei ao bar que combinamos de nos encontrar. Reconheci o homem e ele logo se levantou para me receber.

— Angelina. — Cumprimentou-me.

Sentei-me, cumprimentei de volta. Fadigada, curiosa, angustiada.

— E então? O que descobriu?

Ele empurra uma pasta para mim.

— Ainda não tenho tudo concluído. Se você me der uma ordem, continuo indo mais fundo. Estou quase puxando o fio da meada e descobrindo o que o cara passou.

— Como assim? Não é sobre o pai dele?

— Não. O pai dele é apenas a pontinha de tudo. Eu ainda estou investigando, mas se for pelo caminho que estou indo, tudo indica que Lorenzo Lafaiette não é só uma vítima de abuso doméstico. É um sobrevivente de um projeto bizarro e cruel.

Chocada, nem abro a pasta, escuto o detetive me contar sobre todas as coisas que descobriu e principalmente sobre o que ele acha que Lorenzo passou quando tinha treze anos.

VINTE E SETE

LORENZO

Algo está errado, apague a luz

Pensamentos pesados esta noite

E eles não são da Branca de Neve.

Enter Sandman — Metallica

Enquanto eu soco sem parar os protetores nas mãos do Ian, um dos treinadores do clube de luta do *Búfalo*, minha mente voa a mil por hora com lembranças vivas do sonho dessa noite. Sorte que, durante todo esse tempo, aprendi a colocar uma máscara de naturalidade. Acordei, conversei com Lourdes, provoquei Angelina, como se uma bomba atômica não estivesse explodindo dentro de mim.

Mesmo estando numa cama com Angelina, sentindo de volta a sensação de bem estar que eu tinha sete anos antes, as loucuras da minha mente quase me afogaram durante a noite. Agora, pela manhã, tenho um encontro com Lucas, meu

NACIONAIS - ACHERON

advogado, e uma consulta com doutor Estevão. Mas antes eu tinha que, de alguma forma, acalmar-me interiormente, extravasar.

Poderia ter ido mergulhar, mas nunca faço isso sem a companhia de um dos meus irmãos. E eu não quero ter que, como um frouxo, ir pedir novamente isso a um deles. Meu médico sempre recomendou que eu fosse mergulhar acompanhado. Então, Magno ou Romeo cronometram o tempo do meu oxigênio enquanto estou lá embaixo. Devo subir antes de o tempo acabar. É infantil e meio sem noção mergulhar com um cabo de proteção ligado ao iate. Mas é necessário.

Essa noite, baixei todas as minhas barreiras. Depois de transar com Angelina, eu saí do quarto disposto a continuar impassível. Tomei uma ducha, mas algo bateu mais forte e eu voltei. Torci para que não precisasse pedir a ela para me deixar passar a noite na cama. Então recorri a minha posição de dono de tudo. Usei minha manobra de impor, deitei-me na cama, como se fosse minha cama. Quis muito que não houvesse uma briga, que ela não gritasse e fizesse cena. Angelina apenas me

olhou perplexa e se deitou comigo. Calada. Para meu alívio.

Há tempos, eu não dormia tão rápido, não dormia tão bem. Estava relaxado e de verdade, naquela posição perfeita que a gente descobre na cama e não deseja se mover nunca mais. E então, mergulhando num mundo de ilusão, eu estava saindo do meu casamento, correndo muito, ouvindo Romeo me chamar, sentindo meu peito se despedaçar pelo que Angelina acabara de fazer.

Dois carros pretos param em minha frente e homens de uniformes e máscaras ninja descem. O pânico me desnorteia e como é um sonho, minhas pernas não se movem, meu grito não sai e Romeo já não está mais a vista para me ajudar. Em outro momento, já estou preso em um quarto branco, encolhido num canto, ouvindo gritos na sala ao lado e quando acordes de uma música do Metallica começa muito alto, o choro de terror invade o ambiente, meu grito não sai, minha garganta está tampada, a porta se abre, eu vejo o rosto e me levanto em desespero.

Angelina não se mexeu. Eu pulei da cama desnortado, com o coração batendo mais que tambor, o terror bombeando todo meu sangue e um suor frio banhando meu corpo. Saí correndo, entrei no banheiro, em uma tensão palpável, bati a mão na parede acendendo a luz e me agachei ao lado da pia. Claro que nada disso tinha acontecido no dia do meu casamento. Foi só uma profusão de lembranças se fundindo em um pesadelo medonho. Os dois piores momentos da minha vida.

Depois de me acalmar, lavei o rosto, saí do banheiro, peguei meu celular e fui para a sala ligar para o doutor Estevão. Eram duas e meia da manhã, ele me fez contar o sonho detalhadamente e depois disse para eu tomar uma banda de calmante apenas. Após tomar o calmante, voltei para o quarto onde Angelina ainda dormia indiferente a tudo. Fiquei muito aliviado por ela não ter acordado. Ela não sabe nada sobre as coisas que passei e nem quero que saiba. Ou melhor, ninguém precisa saber. Quando estávamos juntos, anos atrás, eu tive alguns desses surtos de pesadelos, mas eram apenas pesadelos comuns. Eu dizia a ela.

Enquanto o calmante não fazia efeito, usei o tempo analisando o quarto dela. Olhei sua mesa, com um pequeno escritório montado no quarto. Estava meio escuro, uma penumbra que impedia de ler algumas coisas. Então apenas dei uma olhada nas pastas ali em cima. Angelina está trabalhando arduamente no desfile e pelo que vejo, hoje será a primeira prova para as modelos.

Virei-me, olhei para a cama. Enrolada no lençol, ela ainda dormia. Então decidi deitar ao lado e em um instante, estava acochado a ela. Angelina se mexeu, virou o pescoço me olhando, mas não falou nada. Aconchegou-se ao meu corpo e continuou dormindo.

— Chega! Lorenzo! — Ian grita dando um passo para trás. — Parou, cara! Você vai ter um treco. — Percebo então que eu estava devaneando enquanto rosnava alto e batia sem trégua nas mãos protegidas dele.

Eu paro, banhado em suor e muito ofegante, caminho para o banquinho no canto do ringue e me jogo sentado. Logo recebo de alguém uma

garrafinha de água bem gelada. Tomo um gole exagerado e jogo um pouco no rosto.

— Ian, (ofego) coloque meu nome (ofego) na próxima luta.

— Cara. — Ele agacha na minha frente. — É início de campeonato. Sabe que tem que ir até o fim se começar. — Miro a cara dele.

— Ponha meu nome, porra. Só faça isso.

— Lorenzo, você não está preparado para um campeonato. Pode vir treinar quando quiser aqui com os rapazes.

— Deixa quieto. — Bebo mais água. — Deixa quieto. Estou com problemas demais para ainda ter que me preparar.

— Impressão minha ou está tentando se matar?

Levanto, pego a toalha na corda de proteção e passo no rosto.

— É impressão sua. Estou querendo matar um.
— Ando para fora e ele me segue. Ian é um dos fundadores do *Búfalo*. Cinquenta anos, bem forte, de quase dois metros. Cabelos castanhos, começando a pratear pelo tempo. Estava aqui quando eu vim aos 14 anos. Ele me ajudou a não enlouquecer, a não me matar. Foi ele que chamou meu avô e disse onde eu estava, enquanto todos me procuravam.

— Sabe que proíbo você de subir nesse ringue com outra pessoa se continuar falando essas merdas, não é? — Paro na porta do vestiário e encaro-o.

— A dita cuja... está de volta. — Ele paralisa e seus olhos saltam. Percebeu na hora que me refiro a Angelina.

— Eita, lascou. Sabia que tinha boceta em jogo. Como isso aconteceu? O que ela quer de você?

— Não aconteceu. Eu aconteci. Eu fui atrás dela e a joguei na sarjeta.

— Lorenzo... — Um tom de repreensão começa, mas eu intercepto:

— Eu sei. Meus irmãos já me deram essa bronca. — Entro para o vestiário. — Mas estava engasgado. Adiei foder a vida dela por sete anos. Não dava mais.

— Cara, sete anos e não conseguiu superar?

— Você conseguiria?

— Não tem a ver comigo.

— É, não tem — concordo taxativo.

— E então? Estão em pé de guerra? — Sento-me num banco e começo a desenrolar a faixa na minha mão.

— Até que não. Tomei a empresa dela, a casa e alguns outros bens. Ela é petulante e atrevida, sabe se defender. É apenas um puxãozinho de orelha. Ela vai sobreviver.

Ele dá uma gargalhada e, antes de sair,
NACIONAIS - ACHERON

comenta:

— Se eu não te conhecesse, acreditaria. Mas sei que seus puxões de orelha são bem doloridos.

— É isso aí. Eu sou bom no que faço. — Meu grito sai em uma risada sarcástica. — Traz *Gelol* para mim. — Emendo em seguida.



Assim que saí do *Búfalo*, corri para minha consulta com doutor Estevão, contei para ele sobre o sonho e ele me disse que eu tinha que me preparar para uma sessão para confrontar esse meu passado. Eu teria que relembrar tudo, teria que encarar de algum modo, para tentar amenizar a situação.

— Quando será o próximo encontro com os rapazes? — Ele perguntou, quando eu já tinha levantado do divã e estava em sua mesa para pegar o receituário do calmante e marcarmos o retorno.

— Mês que vem.

— Quer que eu ligue para José adiantar o encontro?

— Não precisa. — Neguei veementemente.

— Conversar com os outros que passaram pelo mesmo que você pode te ajudar.

— Eu sei. — levantei-me e peguei meu terno.
— Sempre que nos encontramos, nós nos sentimos melhores, mas não é necessário mexer no cronograma do grupo de apoio.

Ele remarcou minha volta à clínica e eu fui embora para conversar com Lucas e só depois ir para a *Mademoiselle*. Paro meu carro, jogo as chaves para um funcionário e entro sendo o centro das atenções. Agora que as pessoas sabem oficialmente que eu que mando aqui, eles me olham com admiração, respeito e até inveja. Aceno para alguns, apenas os que merecem, vou para o elevador e o segurança ali do lado sorri e faz um meneio de cabeça.

— Senhor.

— Bom dia. — Cumprimento e entro.

Assim que eu saio no andar em que fica minha sala, sou recebido por olhares curiosos, interessados. Aqui a maioria dos funcionários são mulheres e elas param o que estão fazendo para me olhar passar. Faço questão de mover meu queixo em um cumprimento gentil e mudo. Apenas para vê-las sorrir.

Simone levanta como um vulto e se posta na minha frente.

— Bom dia, Lorenzo.

— Bom dia, Simone.

— Tem visitas para você. São alguns dos patrocinadores para o novo desfile.

Franzo o cenho para ela e olho em volta.

— Cadê a Angelina?

— Ah... está no andar de baixo, no estúdio. As modelos chegaram para provar os primeiros
NACIONAIS - ACHERON

vestidos.

— Ok. Vou lá.

— Não, Lorenzo. — Ela segura no meu braço quando me viro. Tira a mão rapidamente. — Desculpa, Angelina disse aos patrocinadores que você iria conversar com eles. — Preocupada, ela dá a notícia.

Solto o ar em um sopro revoltado, dou um sorriso hipócrita para Simone e caminho para minha sala. Na sala de espera tem três homens. Eles se levantam assim que eu chego.

— Bom dia. — Cumprimento-os. Apertando a mão de cada um dos homens. — Entrem, por favor. — Olho para Simone. — Peça a Beth para nos trazer café.

— Claro. — Ela nos espera entrar e sai fechando a porta. Eu estou completamente por fora das negociações aqui nessa empresa, não sei nada e a sacana da Angelina sai e me deixa para resolver isso. Gentilmente, peço que eles me façam um resumo de como estão as negociações. Entregam-

NACIONAIS - ACHERON

me a pasta com os contratos. Eu posso não estar a par do que está acontecendo, mas sei muito bem resolver essas coisas. Trabalho com isso na Orfeu.

A porta abriu depois e Simone entrou com a bandeja de café. Estranhei não ver a Beth. Bem perto de mim, ela informou que Beth se recusou. Caramba. Depois eu que sou o ruim quando pego pesado com essas mulheres.

Assinto e ela sai. Dei uma lida nos contratos, olhei as garantias e a visibilidade que os empresários estavam oferecendo e enfim chegamos a um acordo. Eles tiveram a bondade de dizer que estavam bem contentes e aliviados de negociar com um homem, pois mulheres tendem a ser inflexíveis quando não são lerdas demais. Informaram-me que sempre negociaram com Eric e agora estavam com medo de ter que encarar Angelina.

Se ela pensou que iria me colocar em saia justa me empurrando trabalhos que não estava acompanhando, se enganou completamente. Cara, eu mexo com contratos e negociações o dia todo. Consegui analisar tudo com muito cuidado e até fiz

uma boa negociação com os representantes de algumas marcas que vão investir no desfile.

Assim que eles foram embora, Simone não se importou nada em me guiar para o tal estúdio. Assim que cheguei, ela me mostrou para onde tinha que ir, deu meia volta e voltou para o elevador. Eu segui pelo corredor, virei e vi do lado de fora de uma porta, Angelina e Beth quase aos tapas, discutindo. Aproximo-me sem elas perceberem e posso ouvir Beth ameaçar:

— Você é uma besta manipulável que gosta de dar o rabo para aquele filho da puta pervertido.

— Ah! E você morrendo de vontade de dar o rabo também, né? Recalcada. — Angelina retruca com muita indiferença. Meus lábios se curvam por eu saber que sou o tal pervertido em questão.

— Angel, sua burra, eu não vou ficar de braços cruzados! Eu vou...

— Que se dane! Saia da minha frente! Vaca!
— Angelina berra e Beth levanta a mão para atacá-la, mas eu interrompo:
NACIONAIS - ACHERON

— Ei. Que porra é essa aqui? — Beth para com a mão no ar e as duas me olham. Minhas mãos na cintura, olhando de uma para a outra, como um diretor que pegou duas alunas brigando na escola. Elas ficam surpresas com minha presença.

— Por que não foi servir o café? — Questiono Beth.

Ela leva um pequeno choque, empalidece, mas recobra rápido demais a confiança.

— Porque eu não quis. Vai fazer o quê? Me demitir?

— Posso fazer mais do que isso. Fazer com que não arrume emprego nunca mais nessa sua lamentável vida.

— Lamentável vida é a de vocês dois. Doentes que se merecem. Logo terão uma surpresa. — Ela ameaça e sai me dando um empurrão.

— Vai apenas limpar banheiro a partir de hoje.
— Grito com ela. Beth desaparece e eu me volto
NACIONAIS - ACHERON

para Angelina.

— Deixe-me em paz. — Ela se vira e empurra a porta para entrar, mas eu seguro no braço dela. Estou prestes a falar alguma coisa sobre a discussão que acabei de presenciar, quando ouço uma voz conhecida vindo da sala. Espio pela fresta, e Angelina se põe na frente. Meus olhos saltam quando detecto quem é. Empurro-a de lado, ela não contesta, deixa-me empurrar a porta e ver a cena à minha frente.

Indiferente a tudo, Olivia, Kate e mais um monte de mulheres, assistem com olhos brilhantes e sorrisinhos rasos, o *gentleman* mela-cueca do Noah explicando sobre como a garota vestida deve se posicionar. Ele fala sobre a beleza dela, ajeita seu cabelo, tira mais fotos, até eu gritar:

— Posso saber o que se passa aqui?

As mulheres se assustam e Noah me olha com cara de bunda mole.

— Santíssimo do Céu! — Kate me encara de semblante pasmo. — Quase fiz xixi nas calças de
NACIONAIS - ACHERON

susto.

Até meu sobrinho está aqui, recém-nascido, de boa, em um bebê-conforto. Olivia tem pouco menos de quinze dias de parida.

— O que está fazendo aqui? — Direciono-me a ela.

— Não ia perder a primeira prova dos vestidos que ajudei a desenhar. — Sem se importar com meu visível desconforto, ela explica com naturalidade.

Mantenho a cara feia fitando Noah, e ele tem a cara de pau de vir e estender a mão para mim.

— Lorenzo. — Olho para sua mão e como sou uma pessoa civilizada, aperto brevemente.

— Noah. Acho que já soube, né? Quem manda aqui agora...

— Sim. Sobre você ter se apossado do que não é seu. — Ele rebate, sem nenhum medo do perigo.

— Mas agora é. — Sorrio bem puto. Olho para Kate e Olivia, mudas, encarando-me. Dou um giro, passo por Angelina e murmuro:

— Vem comigo. — Ela me segue até a porta, mas para ali.

— Tchau, Lorenzo. Não vou a lugar nenhum. Estou trabalhando.

— Minha sala em cinco minutos. — Decreto em um tom nada ameno.

— O quê? Não vou.

Com uma raiva me dominando, aponto o dedo para ela:

— Se não for, vai perder o contrato de ter tudo de volta daqui a um mês e pouco e eu acabo com seu desfile.

— Por quê? Não estou fazendo nada de errado.

— Porque eu sou o chefe e estou mandando.

Minha sala em cinco minutos. — Furioso por aquele merda estar aqui e ainda me enfrentando, chego à minha sala, pego o celular e ligo para meu irmão.

— Fala. — Romeo atende.

— Você sabia que sua mulher está aqui com bebê e tudo? — Ando de um lado para outro na sala, disposto a acabar com a festinha delas. Romeo pira, vem buscar Olivia, Kate será obrigada a ir também e com Angelina, eu resolvo.

— Sei. — Calmamente, Romeo confessa — O que ela está aprontando aí?

— Deixou ela sair de casa? — Pasma com a atitude branda dele, eu quase grito.

— Olivia tem mais de dezesseis anos, Lorenzo. Ela tem o direito de ir e vir.

Afrouxo a gravata e bato na mesa.

— Pois adivinhe: ela e Kate estão aqui, babando naquele filho da mãe. O Noah.

— Olivia? Babando por outro? Não mesmo. Confio no meu taco.

— Pois foi o que vi.

— Sabe, eu não acho que seja a Olivia que está te tirando do sério. É a Angelina que está de olho no sujeito, não é?

De olhos fechados, eu suspiro. Tento restabelecer a respiração, olho momentaneamente para a porta fechada e grunho revoltado.

— Ela teve a ousadia de trazê-lo para cá. Miserável. Os dois vão me pagar.

— Cara, o que mais você pode fazer? Tomar dela a mãe e o pai? — Romeo usa um tom de voz irônico. — Pois é a única coisa que sobrou para ela.

— Vá se lascar. Cuide da sua mulher, seu besta.

— Eu cuido muito bem. Por isso tenho confiança de lhe dar total liberdade, sei que Oly sempre volta para mim no fim do dia.

— Faça como quiser. — Desligo e me sento na cadeira. Meio suado de nervosismo. Abro a gaveta, tiro um pacote grande de M&M, que eu roubei na casa de Angelina, jogo três na boca.

Já estou totalmente recomposto quando a porta se abre cinco minutos depois e obedientemente, Angelina entra e fecha a porta. Ela olha com raiva e seus belos olhos azuis aumentam brevemente quando ela vê o pacote de um quilo de M&M na minha frente. Pego um vermelho e jogo na boca. Não deixo, é claro, de dar um belo sorriso.

— Oi, Angel, que bom que veio.

— Fui obrigada.

— Sente-se aí e me conte o que o manezão está fazendo aqui, na minha empresa, sem meu consentimento.

Ela continua de pé. Cruza os braços e acompanha com os olhos meu movimento de pegar mais um chocolate e jogar na boca, mastigando devagar.

— Isso aí é meu, não é?

— Meu. Estava na minha casa, é meu.

Ela ri. Não apenas ironicamente, ri mesmo.

— Você parece uma criança birrenta. Daquelas que perdem o jogo na rua e toma a bola, porque é dele.

— Sim. Pareço. — Não me aborreço pelo que ela está falando. — Você ainda não está contando o que o manezão está fazendo aqui.

— Trabalhando para mim. — De feições duras, ela sustenta o olhar.

— Para você? — Levanto uma sobrancelha.

— Para a empresa. — Ela conserta.

— Para a minha empresa? Não me lembro de ter contratado nenhum pé no saco.

— Lorenzo — Ela puxa a cadeira e senta-se à minha frente. — Noah é o melhor, ele conhece

perfeitamente os gostos da *Madde*, ele sabe fazer as melhores fotos e...

— Ele está fora. — Corto-a.

— Lorenzo, não leve sua rixa para o lado profissional.

— Levo para onde eu quiser. Noah, fora.

Quase desesperada, ela passa as mãos pelos cabelos, sopra exasperada e me encara, um semblante de prece.

— Por favor, eu estou fazendo tudo que você quer. Eu também posso opinar aqui, sou a segunda maior acionista.

Sei que ele é mesmo bom no que faz. Noah é um dos mais requisitados e se ela conseguiu que ele viesse até aqui, a empresa deveria agradecer. Ter um catálogo assinado por Noah Lambertini ajudará e muito a divulgar o ressurgimento da *Mademoiselle*.

Levanto-me, calmamente ando até ela.

Angelina permanece sentada, olhando para cima, fitando meus olhos.

— Você não pode fazer as coisas nas minhas costas, Angel. — Acaricio a bochecha dela. — Você é minha subordinada por dois meses inteiros, além de estar decidindo assuntos importantes que não cabem a você. Eu contrato e demito.

— É uma coisa simples, para o bem da empresa. Isso aqui é minha vida, Lorenzo. Só estou aceitando tudo isso pelo bem da *Madde*. — Assinto, ajeito a franja dela, meus dedos descem para seu rosto. Nossos olhares estão compenetrados. Ela me encara avidamente e em um instante quero beijá-la.

— De pé. — Comando e ela atende de imediato.

— Vai deixar o Noah ficar?

— Eu falo com ele. Você fica fora.

— Tudo bem. — Vejo a sombra de um sorriso aliviado em seus lábios e o desejo de beijá-la
NACIONAIS - ACHERON

aumenta.

— Está vendo? Posso ser bonzinho, fazer concessões. Agora quero minha recompensa.

Ela me olha sem entender. Enfio a mão no bolso, pego um preservativo, coloco em cima da mesa. Ela olha para o preservativo, meio pálida. Vou até a porta, passo a chave e abro meus dentes num sorriso muito devasso.

— Venha aqui, Angel. Quero te lembrar para quem você deve sempre voltar, durante as próximas semanas. — Digo isso, lembrando-me do Romeo dizendo sobre Olivia sempre voltar para ele, no fim do dia.

— Ok. Mas vou querer o saco de M&M.

— Posso dividir. — Dou uma risada.

Ela caminha até mim, puxo-a num beijo e rapidamente estamos entregues a um fogo gostoso. Um tesão me toma todo, uma eletricidade que me deixa de pau duro na hora. É incrível como eu fico todo fodido quando ela apenas me toca. As unhas

NACIONAIS - ACHERON

dela passam pelo meu pescoço, sobem pelo meu maxilar e os dedos afundam nos meus cabelos. Então ela para, afasta-se arfante e com um olhar de culpa, meio ressentido, fita-me.

— Desculpa. — Sussurra.

— Pelo quê?

— Pelo troco que eu vou te dar. Você está me obrigando. — Sorrio e gentilmente passo meu polegar pelo lábio inferior dela.

— Está desculpada. Vou esperar sentado você tentar me dar um troco.

Ela não sorri. Engole em seco e avança em direção aos meus lábios, beijando-me lentamente, degustando um lábio de cada vez e depois aprofundando a língua, gemendo durante o beijo. A única maneira que teria para me dar um troco seria ficando com outro para eu saber. Como sei que Angelina não fará isso, afinal passou sete anos sem dar para ninguém, eu fico tranquilo e empurro-a para a mesa, para nosso primeiro sexo na *Madde*. Lembro-me das câmeras e anoto mentalmente para

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

apagar tudo quando voltar para casa.

NACIONAIS - ACHERON

VINTE E OITO

ANGELINA

Corro o mais rápido que posso, pego o celular na minha bolsa que ficou no quarto e digito uma mensagem de socorro com os dedos numa velocidade impressionante. Toco em enviar e volto para perto de Lorenzo.

— Lorenzo, olhe para mim. Estou aqui. Está tudo bem. — Seguro forte o rosto dele, suas mãos agarram meus braços com ânsia. Estou aterrorizada. Ele está trêmulo, pálido e suando frio.

— Senhora, precisa se afastar dele. — Ouço a voz gritando atrás de mim e meu sangue gela.

Uma hora antes...

— Você não me deu saída, Lorenzo. Entregue-me tudo de volta ou juro que jogo tudo que descobri de você, na imprensa. — Digo para o espelho do banheiro, balanço a cabeça negativamente e respiro fundo. Preparo-me, ajesto meus cabelos, espremo um lábio contra o outro.

Vou tentar de novo.

— Descobri seus segredos. Coisas que fizeram com você quando tinha treze anos, se não me deixar livre, jogo tudo na mídia. Não tenho nada a perder mesmo. — Estou ensaiando como vou ameaçá-lo, querendo ter certeza que parecerei durona e cruel. Eu poderia simplesmente gritar isso aos quatro cantos, para todo mundo saber, jogá-lo na fogueira, como fiz anos atrás, mas depois de ter uma suspeita sobre o que ele passou, fico desconfortável em usar essa ferida para afastá-lo de mim. Entretanto, no momento, essa é a única forma que tenho de ter tudo de volta sem precisar terminar de cumprir minha pena de dois meses presa a ele.

Saio do pequeno banheiro da empresa e caminho para minha sala. Lorenzo saiu para resolver algumas coisas na Orfeu e diz que volta para me buscar, iremos a um lugar juntos. Sento-me à minha mesa e com a haste do óculos na boca, olho para o pacote na mesa que ele me deu. Hoje mais cedo transamos loucamente na sala provisória dele, pois a sala é minha.

Não consigo me afastar dele, ter forças suficientes para não passar por uma otária louca por pau. Basta ele estalar os dedos que caio aos seus pés. Isso é sério, é preocupante. Mas não dá para contestar que é muito melhor que sete anos atrás. Parece que transar com todos esses sentimentos ao redor, revolta principalmente, torna tudo muito mais quente e selvagem.

Tentamos ao máximo não fazer barulho e para isso não desgrudávamos nossas bocas enquanto ele batia forte o quadril, levando-me a uma loucura excitante de nível tão alto que quase tive um surto de tanto prazer.

Lorenzo fica muito mais gostoso, cheiroso e másculo quando está transando. Sua expressão concentrada me deixa pirada, sua bela boca vermelha pelos meus beijos afobados, seus músculos saltados e a pele morena brilham de suor. Lá se vai qualquer boa etiqueta da elegante Angelina Velasco. Lambi mesmo, sem demora, o peitoral dele. Em seguida, ainda dei uma mordida em seu peito. Está lá a marca redonda dos meus dentes. Ele apenas riu, dando-me mais tesão.

Eu estava sentada no colo dele, na poltrona, levantando e sentando em seu pau em uma velocidade boa, gostosa, sentindo-o me preencher tão deliciosamente, enquanto sua boca estava ao redor dos meus seios. Indo de um ao outro. No momento que enfim o orgasmo veio, Lorenzo me segurou forte, colocou a outra mão em minha boca, para abafar meu grito, e bateu muito forte. Mordi o dedo dele.

— Ai, cacete! — Lorenzo rugiu, mas continuou firme e agora, sorrindo babacamente.

Depois que terminamos, me deu vontade de bater nele. Eu ainda estava me vestindo, ele só tinha vestido a cueca, então Simone interfonou dizendo que tinha chegado o pacote que ele estava esperando. Sem se importar, Lorenzo disse para ela trazer na sala. Quase morri. Ele estava pelado! O chefe pelado na frente dos funcionários. E o pior, iria dar na cara que ele e eu estávamos fazendo sacanagem na empresa.

— Lorenzo! Ficou doido? O que o povo vai pensar da gente?

— Que você está dando bem gostoso para o chefe. Coisa que nem todas conseguem.

— Você é um pervertido, filho de uma égua. Vista-se ali no banheiro, deixa que eu atendo a Simone.

Ele lambeu os lábios, sorriu bem malicioso e não moveu uma perna. O que fez foi enfiar a mão no saco de M&M, pegar várias bolinhas e jogar na boca. Mastigando bem eroticamente enquanto me olhava sem piscar. Quis tanto dar um tapa em sua boca, mas também pular no seu colo e beijá-lo. *Contradições na mente de Angelina. É um bom tema para debate.* Quando a porta se abriu e Simone o viu daquele jeito atrás da mesa, a coitada quase teve um enfarte.

— Er...

— Obrigado, Simone. — Ele agradeceu, ela praticamente jogou o pacote na mesa e saiu como um tiro. Ele pegou o pacote com um logotipo na frente e começou a abrir.

— Você gosta de deixar as pessoas
NACIONAIS - ACHERON

constrangidas. — Acuso. — Sente prazer nisso.

— Pois é. Tenha cuidado comigo. — Avisa sem me olhar, concentrado no pacote.

— O que é isso?

— Para mim e você.

— Oi?

— Uma das revistas que demos entrevista me ligou perguntando se eu e você gostaríamos de participar de uma campanha em uma entidade carente, para jovens infratores que estão em reabilitação. Aceitei na hora. — Ele abre e joga para mim uma roupa. Vejo que é uma blusa. Não abro. Ainda estou pasma olhando para ele.

— Explique-me isso direito, Lorenzo.

— Bom, eles disseram que seria bom para a imagem do casal à frente da *Madde*. — Ele abre uma blusa igual a que jogou para mim. — Vamos juntos, com roupas iguais, tipo colegiais. Doaremos um cheque em nome da *Madde* e pousaremos para NACIONAIS - ACHERON

algumas fotos.

Abro minha blusa. É menor que a dele. A de Lorenzo é de gola polo, a minha é mais feminina, com uma gola bonita de renda, ambas são brancas com o logotipo da entidade carente no peito.

— Vamos usar os jovens delinquentes para erguer a imagem da empresa?

— Não. Iremos fazer uma caridade. — Come mais M&M e alfineta — Você precisa disso para ter um pontinho de boas obras no livro de Deus.

Olho incrédula para ele. Lorenzo continua sentado, relaxado na cadeira, fitando-me. Dou uma gargalhada

— Eu? Juntar pontinhos? Você que precisa. Seu saldo deve estar muito negativo lá nos arquivos de Deus. Acho que vai sofrer um pouco para pagar tudo que fez comigo.

Ele não responde, não esboça sentimento. Apenas continua me fitando e eu meio que me arrependi de ter falado isso, ainda mais supondo

NACIONAIS - ACHERON

que ele tenha passado algo muito ruim quando ainda era uma criança. Puxo o ar e exalo, vou para consertar, mas ele levantou, vestiu-se e disse que passaria aqui depois para me buscar.

Agora fico aqui, pensando na reação dele quando eu jogar tudo na cara e ameaçar contar para todo mundo seu passado tormentoso. Se bem que isso nem é vergonha, mas de alguma forma ele não deve querer parecer tão fraco e coitadinho, afinal, escondeu esses segredos a vida toda. Penso que será melhor eu saber de tudo, antes de tentar intimidá-lo. Ter tudo em mãos. Vai que isso só provoque mais ainda a ira dele? Preciso de algo concreto.

Por enquanto, vou me submetendo e... transando. Jamais eu poderia representar a força feminina. Sou um fracasso.



Mais tarde, eu estava ao lado de Lorenzo no belo Jaguar que ele tem. Nós dois vestindo iguais. Ele de calça preta e camisa branca e eu com saia preta, saltos pretos e a blusa que ele me deu.

Amarrei meus cabelos em um rabo de cavalo e enquanto ele dirige, retoco minha maquiagem. Ele para diante de um prédio reformado de dois andares, em um bairro meio distante. Lá na fachada há o nome e o mesmo logotipo que temos na blusa.

— Aqui é como uma clínica de reabilitação não só para jovens dependentes químicos, como também para crianças de ruas e jovens infratores.

— Bandidos? — Olho interessada, pasma.

— Não. Pequenos furtos, vandalismo.

— Por isso que o Brasil está assim — Analiso — Eles cometem crimes e ao invés de levarem uma boa surra da polícia, vêm para um lugar assim. Onde tem cama, comida e...

— Quer parar de defecar pela boca? Eu não estou acreditando que você possa ter esse tipo de pensamento.

— Lorenzo, não vamos discutir, pois eu não sou mesmo defensora de bandido. Quero ver você ter a mesma opinião quando algum deles tomar

NACIONAIS - ACHERON

alguma coisa sua e quase quebrar o seu pulso.

— Defender o erro é diferente de apoiar o ser humano e impedir que ele faça novamente. Se todos tivessem a chance que esses caras daí têm, o mundo não seria essa putaria toda que vemos hoje. — Ele balança a cabeça, pensando, exala e me encara. — Sei que não deve ser fácil ser assaltada, mas será que eles podem melhorar se os jogarem em um lugar imundo, onde convivem todos os dias com violência e agressão? Acabando todos os dias com o restinho de humanidade que tem nesses jovens?

Eu não respondo. Ele desafivela o cinto, abre a porta e sai. Eu saio em seguida. Lorenzo coloca óculos escuros e segura minha mão enquanto andamos rápido até a entrada, onde tem um homem atrás de um balcão da recepção. Ele sorri para Lorenzo, assim que nos aproximamos, levanta-se e estende sua mão.

— Lorenzo.

— Fabio. — Lorenzo aperta a mão do homem

— Como está?

— Muito bem. Estão esperando por você na diretoria.

— Ok. — Lorenzo aponta sutilmente para mim — Essa é Angelina. Veio visitar a instituição comigo.

— Bom dia, Angelina. Seja bem-vinda.

— Obrigada.

Afastamo-nos de mãos dadas e eu levanto o rosto para encará-lo.

— Já veio aqui antes?

— Sou padrinho dessa instituição.

— Como assim? Você disse que tinha sido convidado...

— Sim. Eles me conhecem, convidaram-me para fazer a matéria com você. Só não vai expor seus pensamentos peculiares sobre como tratar um

pivete que é pego roubando. — Abano a cabeça negando. Claro que não vou fazer isso. Sou uma figura pública, devo ficar longe de assuntos polêmicos.

Apresentamo-nos às pessoas que estavam na diretoria. Conheci os responsáveis, entre eles um policial aposentado, fundador do lugar, que me explicou que os jovens que cometeram algum delito vivem aqui, como se fossem presos mesmo. Pagando uma pena. Mas ao invés de celas, temos quartos e banheiros comunitários, cozinhas com grandes mesas e muitas atividades no vasto pátio. Enfermeiros, médicos e psicólogos se voluntariam aqui. Além de professores que dão aulas.

O ambiente parece uma escola, misturado com hospital. É claro, arejado e bem limpo. Fomos apresentados a vários ambientes e depois seguimos para o pátio, onde os internos estavam reunidos diante de um palco.

Lorenzo e eu nos sentamos com os outros colaboradores e assistimos apresentações dos jovens. Teatro, música e dança. Depois fomos

chamados ao palco e eu vi que não precisava encenar como eu pensei em fazer.

Na verdade, fiquei bem fascinada com tudo ali. Bem diferente do que imaginava. Os internos não vestem uniformes rotineiramente, mas em ocasiões como essa, eles estavam com blusas iguais a minha e de Lorenzo. E eles ficaram bem encantados vendo a gente. Seguiam-nos, falando juntos, mostrando as dependências. Havia pequeninos no meio, tipo de cinco anos. De cortar o coração. Pensei o que seria dessas crianças se estivessem por aí, abandonadas à própria sorte.

— Olá, meu nome é Angelina Velasco, estou feliz por estar aqui, por ter sido convidada a conhecer todos vocês e essa bela casa. Vocês têm sorte por existirem pessoas tão boas que estão aqui para ajudá-los. O que eu e Lorenzo pudermos, faremos também por vocês. Obrigada. — Terminei de falar, afastei-me do microfone, Lorenzo também falou um pouco e depois entregamos o cheque de doação nas mãos da diretora.

— Gostou? — Ele me perguntou com um

sorriso que chegava aos olhos quando entramos no carro para ir embora.

— Sim. Diferente de tudo que imaginava. Gostei de verdade.

— Que bom.

— Acredita mesmo que gostei?

— Você é muito expressiva. Soube na hora que te vi admirando cada canto, que tinha gostado. Almoço?

Olho no meu relógio.

— Sim.

— Conheço um bom restaurante.

— Não sendo churrascaria e nem a quilo. Vou ligar para Lourdes, talvez ela tenha feito almoço.

Lourdes diz que não fez almoço, pois eu não disse se iria almoçar em casa. Digo que tudo bem. E sigo com Lorenzo para um restaurante.

PERIGOSAS

Fomos levados a uma mesa, recebemos uma carta de vinhos. Escolho um, mas Lorenzo prefere descer o nível que o belo restaurante ostenta e pedir uma cerveja.

— Só não me mate de vergonha ao fazer o pedido. — Resmungo, olhando o cardápio. — Nossa! Essas vieiras na manteiga parecem deliciosas.

— E o que seria fazer te passar vergonha? — Levanto os olhos e ele nem está conferindo o cardápio. Está apenas com os óculos entre os dedos e me encarando.

— Pedir bife e batatas fritas num restaurante desse porte. Já basta estarmos com roupas terríveis, parecendo que viemos de um jogo de golfe.

— Blá-blá-blá! — Ele faz uma careta, mostrando a língua e gesticulando com a mão, como se fosse uma boca falando. — Para de ser chata! Viva sua vida sem se preocupar com os outros. Eu que pago minhas contas, não é da conta de ninguém se eu pedir um bife ou um miojo.

NACIONAIS - ACHERON

Revirei os olhos e nem protestei quando ele teve a cara de pau de falar com o garçom:

— Tem algum bife?

O homem olhou para mim, desviei os olhos, envergonhada. Eu tinha acabado de pedir vieiras grelhadas com creme de ostras, coco e vinagrete de laranja para acompanhar.

— Bom...

— Pega uma fatia grossa de filé mignon, faça um bife com cebolas. Gosto como a Vilma faz, não passe do ponto.

Estou quase entrando debaixo da mesa de vergonha. Ainda por cima, Lorenzo está dando aula de culinária, como se fosse um chef de cozinha. O garçom assente e anota.

— De acompanhamento, traz aquela salada que meu irmão pede e eu não sei o nome. Que tem aqueles tomates de bolinhas. — Ele faz uma bolinha com os dedos. — E claro, batatas fritas, afinal cerveja combina com batatas.

Lorenzo poderia comprar esse restaurante, mas prefere ficar dando vexame como se fosse da classe C. O cara até riu de lado quando se afastou.

— Fez isso só para me envergonhar, não é?

— Claro. Você está em processo de disciplina. Será que voltou a chupar manga cortando com faca? Se for, terei que te reensinar.

Acabo sorrindo e tentando esconder meu sorriso com a mão. Volto a olhar para ele e Lorenzo está recostado, com os lábios fechados, curvados, sorrindo para mim.

— O que foi?

— Foi uma ótima época aquela, né?

— Sim. Foi ótima. — Concordo. Ficamos nos olhando e incrivelmente exalamos pesadamente juntos. Acho que ele e eu relembramos os mesmos momentos.

— Como seria se tivéssemos levado adiante?

— Lorenzo indaga. — Já pensou sobre isso?

— Já parei para pensar mil vezes.

— Teríamos filhos? Estaríamos divorciados? Eu te achava imatura demais. Quer dizer, ainda é.

— Olha quem fala. — Apesar da acusação, eu sorrio. — Você era um psicótico. Ou melhor, ainda é.

— Principalmente na cama, né? — Ganho uma piscadinha matreira. Sorrio de novo.

O garçom chega com nossa bebida. Tomo um gole do vinho. Ele também bebe um gole de sua cerveja.

— Foi bem intenso, tudo. — Olhando para minha taça, eu reflito. — Era como se... sei lá, vivêssemos em um filme, um constante filme bom. — Rio para o vinho, coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Eu fiz coisas que nunca achei que faria.

— Como o quê? — Levanto os olhos para ele.

— Como parar em um carrinho de cachorro
NACIONAIS - ACHERON

quente e comer, ali, de pé, sem me sentar. E ainda ganhando um suco de brinde. — Ele ri.

— Aquele suco estava terrível.

— Sim. — Concordo — Como o do Chaves. Cor de groselha, gosto de limão, mas o sabor era tamarindo.

Ele assente, para de sorrir e não fala nada. Seus olhos cravados em mim, a garganta sobe e desce engolindo saliva. Bebemos mais um pouco. Passamos uns minutos calados. Olho ao redor para as pessoas, fico pensando muito sobre vários assuntos. Decido tomar coragem e questiono em um fio de voz:

— Você ainda não me perdoou?

— Não.

— Não?

— Talvez.

— Por que essa coisa de... ficar dois meses

juntos? Não sei. Se não me perdoou deveria acabar comigo de uma vez por todas.

— Não é assim que funciona, Angelina.

— Por quê?

— Porque eu estou dizendo.

— Isso não é resposta. Porque essa aproximação toda não será legal para nós dois.

— Eu decido o que é legal para nós dois. Fique tranquila e apenas faça o que digo.

Conversamos pouco sobre a instituição que fomos e sobre o desfile da *Madde*. Depois ele me deixou na *Mademoiselle* e foi para a Orfeu. Fui embora no *Porsche*. Ele autorizou, pois meu carro ficou em casa. Saí às cinco da *Madde*. Cheguei em casa, fui direto para o quarto, joguei a bolsa na cama, fui tomar um banho e vestir uma roupa confortável. Depois fui para a cozinha ver o que tinha para comer. Minha mãe ligou, conversamos um pouco.

Depois liguei para Noah para falarmos sobre o catálogo do desfile. Lorenzo chegou mais tarde, eu estava na sala, sentada, lendo. Ele me cumprimentou e foi para dentro, acho que trocar de roupa. Voltou depois cheiroso e só de short. Jogou-se ao meu lado, sorridente.

— E aí?

Deu uma piscadinha.

— Oi.

— Quer transar?

— Não.

— Não? — Tentei fixar meus olhos nas páginas, mas o calor do corpo dele e o cheiro estavam me tirando do sério.

— Só uma trepadinha maneira. — Fecho o livro e olho para ele.

— Incrível você me pedir ao invés de mandar eu abrir as pernas.

— Se quiser eu posso te ordenar a abrir as pernas ou então perde a empresa.

— Uma trepada pela empresa? Isso é o cúmulo.

— O cúmulo é você recusar uma delícia dessa aqui. — Ele passa a mão pelo peito descendo e pousa no pau.

Levanto-me para ir na cozinha e ele se levanta também. Corre atrás de mim, captura-me e eu começo a gritar. Lorenzo me prende contra minha estante e as coisas caem na nossa cabeça.

— Largue-me, Lorenzo!

— Não. Vamos foder com força agora. Não quis quando eu pedi com educação, agora aguenta.

— Largue-me! — Dou um tapa nele e a campainha toca. Ele se distrai e eu corro indo para o quarto. Lorenzo não vem atrás de mim. Ouço a porta abrir e vozes, logo em seguida, ouço a voz alta de Lorenzo pedindo que não se aproxime dele. E então outras vozes gritando para ele colocar as

NACIONAIS - ACHERON

mãos na cabeça e se virar.

Saio correndo do quarto, vejo Lorenzo no meio da sala e dois policiais na minha casa.

— O que está acontecendo?

— Senhorita, fique onde está. — Um policial grita, segurando a arma na cintura. E, então, quando Lorenzo me viu, um alto teor de desespero estampou os olhos dele.

— Não! — Ele gritou. — Não vai fazer nada com ela. Saia! — Segurou-me forte atrás das costas dele, protegendo-me. — Essa casa... é minha! — Ele grita. — Não pode fazer nada contra mim. — Está apavorado, atropelando as palavras. As mãos que me seguram estão frias.

— Lorenzo. — Tento acalmá-lo. — Está tudo bem.

— Solte-a. — Um policial ordena — Você precisa soltá-la e vir com a gente. O outro já está chamando reforço por se tratar de um caso de sequestro mantendo a vítima em cativeiro.

NACIONAIS - ACHERON

Lorenzo se vira, abraça-me forte. Está muito aterrorizado.

— Não. Eu não fiz nada. Angel, conta para eles... — Lorenzo implora.

— Está tudo bem. — Digo ao policial. — Ele é meu namorado. Está tudo bem. — Os dois policiais continuam em posição. E, então, como se estivesse perdendo as forças, Lorenzo vai me soltando e fica agachado com o rosto nas mãos.

Eu aproveito esse momento e corro o mais rápido que posso. Estou toda tremendo, minhas pernas sacodem de tanto nervosismo. Pego o celular na minha bolsa que ficou no quarto e digito uma mensagem de socorro com os dedos numa velocidade impressionante. Toco em enviar e volto para perto de Lorenzo.

— Lorenzo, olhe para mim. Estou aqui. Está tudo bem. — Seguro forte o rosto dele, suas mãos agarram meus braços com ânsia. Estou aterrorizada. Ele está trêmulo, pálido e suando frio. Como se fosse um ataque de pânico. E eu sei como

é ter um ataque de pânico.

— Senhora, precisa se afastar dele. — Ouço a voz gritando atrás de mim e meu sangue gela.

— Está tudo bem. Por favor. — Berro muito aflita — Está tudo bem. Eu já chamei uma pessoa. Eu vou conversar com vocês em breve, aguardem um pouco. — Os policiais se afastam e eu me volto para Lorenzo. Agacho-me com ele e o abraço. Ele respira pesadamente com o rosto em meus seios.

Aquele cara sedutor, cheio de si, prepotente e machão virou um nada nos meus braços. Meu coração palpita dolorido com pena dele. Os minutos passam, eu consigo ajudá-lo a sentar no sofá. Entrego-lhe um copo de água. Com as mãos ainda um pouco trêmulas, ele pega, bebe e se recusa a me olhar. Mas sua mão ainda segura forte a minha. Eu não saio do seu lado.

Pouco depois, ouço uma voz e vejo Romeo entrar correndo, os policiais vêm com ele. Eu mandei uma mensagem para Olivia pedindo para Romeo vir.

— Cara. — Ele corre até Lorenzo. — Estou aqui.

Os olhos vazios de Lorenzo encaram Romeo e desviam novamente. Como se ele estivesse em transe.

— O que houve? — Romeo grita comigo. — Por que a polícia está aqui?

— Senhor. — Um policial intervém — Recebemos um chamado, uma mulher pediu socorro. Estava sendo mantida refém, sendo abusada e esse era o endereço.

Na mesma hora, Lorenzo levanta os olhos para mim. Romeo também me olha acusador.

— Eu não fiz isso. — Falo com o policial.

— Na ligação, a mulher disse que era Angelina e que precisava de ajuda, pois o namorado, chamado Lorenzo, estava prestes a matá-la.

— Não. — Protesto — Isso não é verdade.

Deve ter sido um trote. Não há nada disso.

— Então você não está sendo mantida prisioneira? — Revoltada, eu o encaro.

— Acha que se eu fosse prisioneira, teria ido ajudar meu suposto agressor? Acho que vocês caíram em um trote!

Eles dois conversam entre si. Depois um se afasta e fala no rádio.

— Ele vem comigo. — Romeo fala e ajuda Lorenzo a se levantar. — E você fique longe, pelo amor de Deus! — Grita para mim.

— Mas... — Tento falar, mas decido ficar quieta.

Os policiais ligaram para a delegacia e o registro da ligação tinha vindo desse prédio. Chamaram o porteiro e ele confirmou que uma mulher entrou no prédio, ficou ali parada, falando ao celular e saiu em seguida. Tudo foi explicado, eles foram embora e Romeo levou Lorenzo, vestindo apenas short. Nenhum dos dois olhou para

NACIONAIS - ACHERON

mim.

Talvez fosse a chance de me livrar de Lorenzo para sempre. Mas me senti muito mal quando ele saiu e nem olhou para mim. Ainda tremendo, sentome no sofá. Completamente confusa e muito mexida.

Jamais vou esquecer aquela expressão dele. Pânico. Puro pânico. Alguém vai pagar e já sei exatamente quem foi que fez isso para atingir Lorenzo e eu.

VINTE E NOVE

LORENZO

Eu não quis ir para a casa de Romeo como ele queria. Enquanto ele dirigia, eu apenas devaneava calado, no banco ao lado, sentindo-me em ruínas. Na verdade, eu nem sei o que sentia, desabei totalmente quando o medo de anos atrás me atingiu em cheio. Parecia o terror dos pesadelos na realidade, na minha frente. Os uniformes cinza-escuros, as armas na cintura e as palavras de ordem, mandando-me colocar a mão na cabeça.

E naquele momento, tudo desmoronou na minha frente. Eu era apenas um saco de esterco caindo feito gelatina. Eu me vi novamente aos treze anos, sem nenhuma condição de lutar contra eles. Depois que Romeo me deixou no meu apartamento, onde Vilma já me esperava, ele ligou para doutor Estevão, disse-me que ele recomendou tomar um calmante inteiro e deitar. Fazer os exercícios de relaxamento muscular e tentar me acalmar. Senti-me tão impotente e um fracote, com meu irmão ali, cuidando de mim.

Vilma veio mais tarde dizer que Romeo tinha ido embora e perguntar se eu queria alguma coisa. Disse que não e logo dormi. Tinha acabado de tomar um comprimido inteiro de calmante.

No meu sonho, eu chegava de carro com meus pais em um belo lugar. Ficava distante de tudo, era lindo, arborizado e tranquilo. Desci com minha mala e andei segurando a mão da minha mãe. Tão forte que acho que quebraria os dedos dela. Eu sabia da fúria do meu pai, em como ele estava triste com minhas atitudes e se isso fosse melhorar nosso convívio, eu tinha que fazer.

Era só uma colônia de férias para garotos hiperativos. Até gostei do nome fazer referência ao Instituto Xavier para jovens superdotados, dos X-men. Fiquei ao lado de homens fardados, vendo minha mãe sorrir, acenando um tchau, enquanto entrava no carro com meu pai que me deixava ali. Até hoje, pergunto-me se ela já sabia qual era a verdadeira face daquele lugar, ou se sempre foi enganada como eu fui.

Não houve pesadelo. Meu sonho logo foi para

outro lugar e eu estava me casando. Muito feliz, cheio de expectativa. Eu que caminhava rumo à noiva me esperando. Um véu lhe cobrindo o rosto. Meus irmãos estavam lá, os pais dela e meus pais. Todos riam felizes, mas não cheguei a ver o rosto dela. Acordei antes. Apenas abri os olhos e vi que já tinha amanhecido.

Espreguicei-me na minha grande cama, feliz por ter tido uma boa noite e acordado às sete. Meio trôpego levantei, fui ao banheiro tomar uma ducha para animar. Não vou trabalhar hoje. Estou bem, apenas não quero olhar para a cara de ninguém. Coloquei a água no quente para senti-la bater ardente contra minhas costas. A possível punhalada de Angelina, de alguma forma, dói. Apesar de saber que ela tem todo o direito de fazer o que quiser para se vingar de mim, fui um escroto essas últimas semanas e não pretendo voltar atrás nessa altura do campeonato.

Antes de dormir, noite passada, pensei muito sobre essa coisa da denúncia. Podia ser ela, mas eu queria que não tivesse sido. Ela pode muito bem ter ligado naquele momento que eu cheguei, fui tomar

banho e me trocar.

Mas daí eu pergunto: se foi ela, por que negou veementemente para os policiais? Era a chance dela dizer que eu estava mantendo-a em cárcere privado. Eu não ficaria preso, mas ao menos seria levado algemado para a delegacia. Já era algo para ela se vingar. Mas ficou lá ao meu lado, até o último instante. E até disse que eu era o namorado dela.

Cogitando sobre isso, desci usando só a calça do pijama e fui em direção ao cheiro que vinha da cozinha. Calado, sentei-me no banquinho do balcão. Vilma me viu.

— Oi, querido. Já de pé?

— Sim. Dormi bastante.

— Quer café?

— Um pouco, por favor.

Ela me serve e vai pegar bolo de cenoura com cobertura de chocolate, que eu gosto tanto. Parece apetitoso. Eu sou bem diferente de muitas pessoas.

NACIONAIS - ACHERON

Acordo faminto, sempre. Provo um pedaço. O sabor me faz ficar mais calmo. Respiro fundo e tomo um gole de café. Sempre adorei bolo de cenoura com essa cobertura. Remete-me a momentos bons, à épocas gostosas da minha juventude. Quando Vilma conseguia me colocar nos eixos apenas conversando comigo e me mimando com um bom pedaço de bolo ou com uma ida à praia para eu me distrair.

— Romeo já ligou querendo saber como você está. — Ela comenta. Coloca mais coisas à minha frente. Um queijo fresco, salada de frutas, biscoitos.

— Foi só um mal entendido, Vilma. — Como mais um pedaço de bolo.

— Será mesmo? — Com as mãos na cintura e uma expressão de raiva, ela me fita — Meu filho, essa mulher está disposta a tudo para acabar com você. Romeo me contou o que ela fez. Graças a Deus, eu não estava lá, senão tinha dado a surra que ela merece.

Ao ouvi-la falar isso, a certeza que não foi

Angelina, aumenta dentro de mim. Apenas abano a cabeça discordando.

— Não foi ela.

— Como pode ter certeza? Olha o que ela já fez no passado...

— Eu apenas tenho certeza, Vilma. Eu não vi sentimento de vitória e nem felicidade nos olhos dela. Estava apavorada, com medo, ela me abraçou muito apertado, quando eu... — Engulo as palavras com saliva — Droga, não foi ela.

— Ao menos espere mais um pouco antes de ir vê-la. Por mim, você não a veria nunca mais. — Ela vem e segura minha mão. Levanto os olhos para ela. — Filho, tem tanta mulher de bom caráter que pode estar ao seu lado, você vai encontrar a pessoa certa.

— Eu não pretendo ir encontrá-la por agora, ainda não sei quando...

— Ótimo. Descanse. Doutor Estevão chega às oito e meia para te ver. — Balanço a cabeça
NACIONAIS - ACHERON

assentindo e volto a comer.

Pensar em outra mulher me causa algo como repúdio. Porque não consigo mais imaginar minha vida sem o atrevimento de Angelina, as frescuras dela, a chatice e as manias. Quando ela entorta a boca e coloca a língua para fora para passar rímel, ou quando vejo pela câmera de segurança, ela muito concentrada desenhando. Quando ela está lá no sofá, bem à vontade de óculos, lendo, com o cenho franzido, mordendo a polpa do polegar e quando enfim ela sucumbe às minhas provocações e acaba sorrindo.

— Vilma... — Chamo-a, num murmúrio. Ela vira-se e me olha.

— Oi.

— Eu acho que... nunca deixei de amar Angelina.

Preocupada, ela vem em minha direção e me olha com cara de pena. Como se pensasse: "esse cara é um fracassado".

— Ela não é o monstro da história. Ela é a vítima. Eu... fiz coisas ruins com ela. Humilhei-a, tomei a empresa e a casa dela. Eu quis destruí-la, como ela fez comigo.

— Lorenzo... — Levanto os olhos e Vilma está pasma, com a mão no peito.

— E doutor Estevão falou uma coisa que eu não quis acreditar. Tudo isso que eu fiz só foi para ela me notar novamente. Só para estar perto dela de novo. Porque... — Desvio meus olhos e fixo no café — Ela é muito especial e a falta que ela faz é tão ruim e dolorosa. E estar com ela, é como se... cada dia com ela, é como se fosse o primeiro.

Sem falar nada, Vilma dá a volta no balcão. Abraça-me e eu a abraço de volta. Apenas com ela, tenho condições de revelar o que sinto de verdade. Sempre foi assim. Nem meus irmãos ou minha mãe sabiam o que eu pensava. Vilma é minha grande e única amiga. Quando ela se afasta, leva a mão ao meu rosto, limpa minhas bochechas e só então eu soube que derramei lágrimas.

— Não gosto de te ver sofrendo. Não fale nada disso para ela. Não deixe ela usar seus sentimentos contra você.

— Eu sei. Não vou falar. Só quero que me entenda.

— Apesar do seu erro, de tomar as coisas dela, eu te entendo.

Vilma volta a me abraçar. Eu sinto um peso a menos, por ter contado isso a ela.



Às oito e meia, mais ou menos, doutor Estevão chegou. Eu deitei no meu sofá, na sala e ele sentou numa poltrona. Pediu-me para contar tudo e eu contei. Gosto de poder me abrir assim com alguém, doutor Estevão está cuidando de mim, desde quando meu avô ainda era vivo. Ele me entende, me dá os melhores conselhos e nunca me julga. Ele soube dos meus planos contra Angelina, mas não me chamou de sacana filho da puta. Apenas pediu para intensificar as sessões de terapia com ele.

— Então você achou que era seu pesadelo se tornando real? — Ele me pergunta.

— Não necessariamente. Uma parte de mim sabia que aqueles eram policiais legítimos e não aqueles miseráveis de anos atrás.

— O que você pensava naquele momento?

— Não sei ao certo. Medo de estar enlouquecendo. Medo de humilhação ou de sofrer um enfarte, pois meu coração batia demais e eu tentava buscar controle.

— Você deixou seu subconsciente controlar a situação e foram colocadas, ali na sua frente, as lembranças do passado. Pessoas que têm ataque de pânico sentem algo parecido, diante de um perigo que talvez não exista. E agora? Como se sente?

— Não sei... acho que... Envergonhado.

— Normal. Pessoas com ataque semelhante ao seu sentem-se estranhas e anormais. Vamos começar um tratamento para controlar seus temores, para não deixar que suas lembranças

NACIONAIS - ACHERON

interfiram na realidade. Você precisa lidar com situações normais, de um jeito normal. A chegada dos policiais foi um gatilho para suas emoções virem à tona. Vamos trabalhar com isso, saber controlar seu corpo e mente em situações corriqueiras.

— Mas não era corriqueira.

— Sim, era. Apesar da denúncia, eram apenas policiais investigando uma ligação. Lorenzo, você antes de tudo, precisa se preparar para esses possíveis gatilhos que podem te fazer reviver o passado. Vou te ajudar quanto a isso.

— Ok.

Nesse momento, a campainha toca, Vilma passa para atender e eu escuto vozes altas. Vilma grita com alguém e logo em seguida passos correndo. Então eu levanto a cabeça e vejo Angelina adentrar a sala e Vilma na sua cola.

Angel está com seus grandes olhos azuis saltados. Ela se afasta para o lado quando Vilma tenta segurar o braço dela falando: "Você precisa ir
NACIONAIS - ACHERON

embora, agora!" Sento-me no sofá. Ficamos nos olhando por algum tempo, ela sem ter certeza do que eu vou fazer. Se vou escorraçá-la daqui ou não. Depois, doutor Estevão pigarreia e Angelina, como se saísse de um transe, olha para ele.

Ela está linda em seus costumeiros saltos caros, seu vestido bem recortado, o cabelo preso num rabo de cavalo, mas a franja no lugar. E por incrível que pareça, está de óculos. Deve ter esquecido a lente e colocado os óculos para dirigir.

Doutor Estevão se levanta e carismático, já possivelmente percebendo de quem se trata, olha para mim, acho que pedindo por apresentação. Vejo no olhar dele algo como se dissesse: Encare seus demônios.

— Está tudo bem, Vilma. — Eu digo, ela me olha feio. — Obrigado. — Contrariada, ela dá a volta e sai. Fico de pé.

— Doutor, essa é Angelina. Angelina, esse é doutor Estevão. — Espero eles apertarem as mãos. Depois ele pega sua maleta.

— Bom, terminamos por hoje, ligue-me depois. — Eu assinto. Vilma devia estar espiando, pois surge do nada para levá-lo até a porta.

Angelina e eu ficamos nos olhando. Assumo uma postura etérea e severa. Para mostrar que eu não perdi a pose.

— O que quer aqui, Angelina?

— Eu... tinha que ver como você estava... não foi trabalhar...

— É, não fui. — Cruzo meus braços.

— Eu... fiquei muito preocupada.

— Ficou mesmo? — Meu tom é sarcástico.

— Sim, Lorenzo. Meu Deus. Tive que tomar calmante para dormir. O que houve?

Apesar de querer parecer frio, não deixo de sentir algo como cumplicidade, por também ter que tomar calmante para dormir.

— Não importa.

Ela dá dois passos em minha direção, está com o semblante cheio de um sentimento, como urgência, medo.

— Eu não fiz aquilo. Acredite em mim, por favor.

— Não fez?

— Não. Eu não faria aquilo... eu...

— Por que não faria? — Franzo o cenho.

— Apesar de você não estar sendo legal, eu não tenho que fazer nada, dentro de pouco mais de um mês terei tudo de volta e você fora da minha vida. Se fosse eu que tivesse feito, isso só deixaria você mais furioso e propenso a acabar de me tomar tudo.

Sento-me no sofá. Fico de cabeça baixa com os cotovelos apoiados nas coxas.

— Imagina quem pode ter sido?

PERIGOSAS

— Sim, Beth. — Ela senta no mesmo sofá, um pouco mais afastada, temerosa.

— Pensei nisso também. — Olho para ela. — Foi à empresa? Ela estava lá?

— Fui. Ela não estava. Acredita em mim? Que não fui eu...

Não queria dar o braço a torcer, mas acabo cedendo. Gosto de tê-la aqui, vindo atrás de mim, preocupada.

— Sim. Acredito. — Ela assente e ficamos calados.

— Ele é seu... — Angelina aponta para a porta.

— Psicanalista.

— Hum.

Os minutos passam, deixando um clima meio estranho. Ela olha para a TV, para o copo na mesinha e uma cartela de analgésico. Ela se

NACIONAIS - ACHERON

levanta, segura a alça da bolsa e me olha. Levanto-me também.

— Eu fico feliz que esteja bem.

— Por que não fica aqui? — Jogo assim, na lata.

— Eu preciso... Oi? — Faz uma cara de incrédula.

— Ficar aqui em casa. Passe o dia aqui comigo. Entenda como uma ordem, se quiser.

— Eu preciso ir à empresa. — Ela inclina a cabeça e fala baixinho: — Vilma não parece gostar muito de mim.

— Não é só aparência, ela não gosta mesmo de você. Mas ela está indo embora daqui a pouco e você vem para cá. Para ficar aqui comigo.

Mesmo bem mexido por dentro, faço uma pose de puto mandão e ela apenas revira os olhos. Incrivelmente, não fez birra, não contestou, nem nada. Foi embora, pois tinha que resolver muitas
NACIONAIS - ACHERON

coisas na empresa. E às duas da tarde, ela estava de volta.

Vilma tinha ido embora. Deu-me mil e um avisos para me prevenir contra Angelina. Que no momento não está fazendo nada a não ser ouvir minhas ordens. Abri a porta para ela que estava com uma bolsa maior. Convidei-a para entrar e ela deu um passo, muito sem graça. Porque sabemos o que rolou aqui no nosso primeiro encontro com sexo envolvido. Para deixá-la um pouco mais à vontade, aproximei-me, puxei-a pela cintura e lhe dei um beijo.

— Não quero que pergunte nada sobre minha vida, que fale do nosso passado e nem que faça birra. — falei assim que me afastei da sua boca.

Ela me empurrou e pegou a bolsa que tinha caído no chão.

— Ou seja, deveria ter comprado uma boneca inflável. Só por que está na sua casa, não vou ficar feito uma besta. Lembra o que fiz da última vez que vim aqui.

Sim, lembro. Ganhei uma sapatada nas minhas bolas. Ela me explicou sobre os últimos preparos para o desfile, deixou-me a par de tudo que iria acontecer, cada passo. Sobre o coquetel que está chegando, sobre os contratos com patrocinadores e investidores que eu já andei dando uma olhada e já sei mais ou menos.

Agora estamos no sofá, já é noite e eu procurei um filme para assistirmos depois de ter tido um debate sobre o que comprar para comer. Ela queria uma salada tropical apenas, mas eu queria ligar para uma lanchonete. A pauta alimentação enfim finalizou quando nós dois escolhemos comida chinesa.

Acessei minha conta da Netflix e houve uma briga. Porque Angelina queria assistir uma coisa leve, mas eu fiquei de olho no filme *O Boneco do Mal*. Parecia tão estúpido e ela não queria assistir.

— Você é mesmo inacreditável. Não vou assistir filme de terror.

— Não é terror, Angelina.

— É terror, sim. Assiste sozinho. — Ela se levantou e eu a puxei de volta para o sofá.

— Eu disse para levantar? Não, né? Então fique aí que o filme vai começar.

— Lorenzo, eu vou ter sonhos ruins.

— É só a porra de um boneco, Angelina. Nem meu sobrinho deve ter medo.

— Talvez porque ele seja recém-nascido.

Acabei convencendo-a. Na marra. Angelina se encolheu e pouco depois já estava bem perto de mim, escondendo o rosto no meu braço quando gritava levando um susto. Teve um momento em que ela deu um grito e quase se engasgou com a comida que pedi no restaurante. Quase tomou todo o suco para desentalar. Eu apenas ria do desespero dela por causa de um filme meia boca. E no final, quando um espelho quebra e o boneco vai saindo do espelho, essa mulher deu um grito e correu o mais rápido que pôde. Eita, porra! O filme até que deu uns sustos fraquinhos. E o final é algo bem impensável.

NACIONAIS - ACHERON

— Meu Deus. Meu coração está na mão. — Ela comentou, apalpando o peito, depois que tinha voltado para o sofá.

Levei tudo para a cozinha, porque eu não iria conseguir dormir sabendo que tinha aquelas embalagens de comida na minha sala. Ela ficou lá, sentada, mexendo no celular enquanto eu arrumava tudo.

— Venha, vamos subir. — Dou-lhe a mão e Angelina levanta. Pego o controle, desligo a televisão e a levo para o quarto.

Ela não contestou e por um momento foi gostoso apenas andar em direção ao quarto sem discutir o que iríamos fazer. Angelina fica no quarto, eu vou para o banheiro e deixo a banheira enchendo. Volto para o quarto, já sem calça, só de cueca. Ela está de pé, digitando no celular e sorrindo.

— Tire a roupa.

— O quê? — Vira para mim e seus olhos
NACIONAIS - ACHERON

pousam em minha cueca.

— Vai entrar na banheira comigo.

— Isso é uma coisa tão simples, por que tem que ficar com esse tom de ordem?

— Porque é uma ordem, Angelina. — Dou um máster sorriso, capaz de fazer a calcinha dela molhar. E como era de se esperar, os lábios dela começam a curvar em resposta ao meu sorriso.

Ficamos a poucos passos de distância, um olhando fixamente para o outro, como em um duelo de olhares. Ela abana a cabeça, esconde um sorriso maior e volta a me encarar.

— Deixa eu ver isso. Se você preparar banho tão bem como faz bife, eu nunca vou entrar nessa banheira.

— Como se nunca tivéssemos feito isso. — Sigo-a para o banheiro.

— Fizemos, mas eu sempre preparava.

Ela para olhando a banheira enchendo. Olha em volta e de novo para a banheira.

— O que você tem para jogar aqui dentro?

— O quê, por exemplo? Patinho de borracha?

Ela ri e antes de me corrigir, eu abro uma porta no armário e entrego-lhe sais de banho.

— Não sou tão sonso assim.

Angelina pinga algumas gotas na água, regula a temperatura mexendo nas torneiras e depois começa a se despir timidamente. Enfio a mão na água, vejo que está numa ótima temperatura e desligo. Entro primeiro, e ela vem em seguida. Nós nos acomodamos na mais famosa e confortável posição para um casal na banheira. Ela está um pouco tensa, mas eu a abraço, suas pernas tocando nas minhas, meu pau espremido contra a bunda dela, Angelina acaba cedendo e se recosta no meu peito.

— Passou o medo do boneco?

— Nem me fale. Hoje quero dormir com a luz acesa.

Rio e ficamos calados. Na minha mente, vem a constatação que ela nem precisa pedir para acender a luz, afinal eu preciso da luz. E nem é de uma forma metafórica. É mesmo literalmente.

— Lorenzo.

— Hum.

— Por que você ficou daquele jeito?

— O quê?

— Ontem... quando os policiais apareceram...

É uma longa história que não quero reviver tão cedo. E nem quero dividir isso com ela.

— Porque sim.

— Isso não é resposta.

— Há coisas que não têm respostas, Angelina.

O que eu disse sobre não perguntar nada sobre minha vida?

Ela se afasta de mim e me olha, começando com a cara de irritada, pronta para discussão.

— Mas que droga! Isso não é falar da sua vida e sim de algo que aconteceu na minha casa e me deixou muito assombrada.

— Continua sendo coisa da minha vida. Não quero falar sobre isso. — Puxo-a de volta para recostar no meu peito. Abraço-a por precaução, para não se afastar de novo.

— Tem a ver com o que houve no passado? Com seu pai...

— Não.

— Não tem a ver?

— Não.

— Você ainda tem aqueles medos... de lugar fechado, dormir no escuro...

— Nada sobre minha vida, Angelina. Que coisa chata.

Ela se cala. Os dedos dela, mergulhados na água, passam de lá para cá na minha perna. Eu não quero aticá-la sexualmente, ainda estou com a mente cheia de coisa e quero apenas deitar e dormir, sem sexo. Dormir bastante. Por isso pedi que ela ficasse, ou melhor, ordenei.

Saímos da banheira, secamo-nos e fomos para a cama. Não transamos. Foi como um casal normal indo dormir. Ninguém falou nada um com o outro. Apenas nos aprontamos e cada um deitou de um lado.

— Lorenzo. — Ela chamou, cortando o silêncio noturno. Estávamos lado a lado, olhando para o teto em meio à luz tênue do quarto.

— Oi.

— Saiba que se quiser me contar sobre essas coisas... eu não vou usar contra você.

— Não iria mesmo? — Meio rouca, minha
NACIONAIS - ACHERON

voz tem tom de ironia.

— Se eu te contasse algo sobre mim, que me deixa muito envergonhada e humilhada, você usaria isso, esse fato pessoal contra mim?

— Não somos iguais, Angelina. Cada um age de um jeito. Eu acho que não faria.

— Você fez coisa pior.

— Coisa que você é capaz de aguentar. Não fiz nada além do limite.

Ela se senta com brusquidão na cama. Está meio escuro, mas posso ver seu rosto contorcido de incredulidade.

— O quê? Me humilhar em um leilão...

— Você se humilhou. Era só ter agido com frieza e naturalidade, como eu achei que você agiria. Aquele show de última hora, com direito ao Noah cagão interrompendo, foi tudo obra sua. — Acaricio a coxa dela. Angelina olha para minha mão e volta a me encarar, totalmente pasma.

— E queria que eu ficasse parada lá, sendo vendida para um velho nojento, gordo e não fizesse escândalo?

— Você leu as regras, sabia que depois do leilão iriam sair uma noite para jantar e conversar, cabia a vocês decidirem se teria ou não algo mais. Leu isso, não leu?

— Bom... acho que... mas também teve aquele episódio de me fazer ir vestida de gala para um bar de strip-tease.

— E você nem checkou o endereço antes de entrar? Angelina, fiquei decepcionado. Estava nas suas mãos e você simplesmente entrou, numa boa.

— Agora a culpa é minha? De ter passado a maior vergonha?

Sento-me também na cama. Curvo-me para cima dela e dou um beijinho em sua clavícula. Ela me empurra. Bom, acho que é o momento de termos essa conversa e esclarecer esses fatos, esses pormenores entre a gente. Não posso simplesmente ignorar tudo que a fiz passar.

NACIONAIS - ACHERON

— Não. Eu armei tudo, mas facilmente você poderia escapar e ainda reverter os fatos. Se você descobrisse antes que o endereço do bar era algo diferente do que estava no contrato, aquele para não perder os dois por cento, você poderia exigir uma reparação e eu que perderia os dois por cento por contrato enganoso. Mas o que fez? Sentou lá e ficou até o tempo acabar. Você aceitou minhas regras.

— Não acredito que fez isso. — Ela berra e me dá um tapa muito forte, ardido.

— Para de me bater. — rosno pra ela.

— Você sabia o tempo todo que...

— E você que nem dava os papéis para um advogado analisar? Você não lia aquelas coisas que Lucas te dava?

— Você trapaceou, Lorenzo!

— Uma pessoa só trapaceia se outra permitir.

Furiosa, ela me dá vários tapas. Defendo com meus antebraços e um acaba acertando minha boca.

— Para de me bater, Angelina! — Seguro os braços dela.

— E o restaurante? — Ela esbraveja — Que eu tive que ficar olhando sua pouca vergonha com aquela puta?

— Bom. Disso, sou culpado.

— Então, por que não me pede desculpas? — Ela se debate e consegue se soltar.

— Talvez eu peça. Deite-se. — Tento puxá-la, mas ela se mantém sentada.

— Eu não vou dormir com você.

Deito com as mãos cruzadas atrás da cabeça.

— Caso se levante, cuidado com o boneco do filme. Aquele bicho feio. Imagina ver aquela desgraça no fim do corredor? Eu, hein...

Ela estava para sair da cama, olha para a porta do quarto e engole em seco.

— Venha aqui, deite-se. — peço suavemente, puxo o braço dela que acaba cedendo, deitando-se ao meu lado.

Ela volta a se cobrir e ficamos em silêncio.

— Ainda não me perdoou pelo o que eu fiz... no passado?

— Você me perguntou isso ontem. A resposta ainda é a mesma.

Não responde. Calamos de novo. Até ela, mais uma vez, cortar o silêncio.

— Eu não usaria algo muito pessoal para te humilhar. — declara e pelo seu tom de voz, vejo que está sendo sincera. Acredito nela.

— Olha só. Então a megera tem um pouco de piedade?

— Meu Deus! Você é impossível. Olha quem
NACIONAIS - ACHERON

fala sobre piedade.

Viro-me, arrasto-me até ela e a abraço. Angelina se ajeita e ficamos de conchinha, bato devagar meu quadril contra a bunda dela. Minhas pernas se enrolam às dela e minhas mãos pousam em seus seios.

— Abraço de inimigos. — murmuro.

— É uma trégua? — Ela se encolhe contra meu corpo, acariciando meu braço.

— Sim. Outra trégua. Amanhã recomeçamos nossas desavenças.



Vilma dormiu no Romeo. Então eu acordei, deixei Angelina dormindo e saí para comprar alguma coisa para comermos. Acordei às cinco da manhã, estava seco de fome, meu estômago grudando nas costas.

Antes de levantar, fiquei sentindo o corpo feminino abraçado ao meu. Os braços dela ao redor

do meu corpo e seu rosto no meu peito. O calor da cama me aninhou por um bom tempo e as lembranças me deixaram bem tranquilo. Porque foram boas lembranças, de quando a gente estava assim: bem, felizes e vivendo um para o outro. Talvez meu erro tenha sido querer que tudo fosse como era antes. Isso é algo que jamais acontecerá de novo. Nem mesmo se tivéssemos prosseguido com nosso romance, nada seria como antes.

Entretanto, não muda o fato de que gosto de estar com ela. Nem que seja como fiquei, com ela dormindo, e eu acordado pensando. Olhando em volta, na rua, percebo que não conheço nada por aqui. Nunca me preocupei em comprar nada. Supermercado, padaria, açougue, farmácia. Vilma sempre compra tudo. E isso é desde sempre. Claro que eu já entrei em estabelecimentos como esses, mas por aqui, por perto, não conheço quase nada.

Rodei no meu carro, o sol nascendo e eu de olho, até ver uma padaria. Lembro-me de ver esse lugar por aqui, algumas vezes que fui correr. Entrei como machão numa balada gay, totalmente perdido, avulso no lugar. Não sabia de nada, nem o

que pedir, como pedir, a quem pedir. Havia uma fila de poucas pessoas em frente ao mostruário de pães que tinham acabado de sair, o cheio é delicioso. No balcão, havia pessoas comendo e três ou quatro atendentes servindo os clientes. Alguns riam e conversavam entre si e eu ali no meio do estabelecimento, com as mãos nos bolsos, olhando.

— Olá. Posso ajudá-lo? — Pela graça de Deus, uma jovem se aproximou.

— Ah! Eu quero comprar alguma coisa para tomar café. — Cacete! Mano, que cacete de merda! Senti-me meio constrangido por nem saber falar o que eu queria. Parecendo a porra de um babaca e não um diretor administrativo.

— Bom, você pode pegar uma cesta e ir ali na estante, escolher pães, biscoitos, bolos. É daqui do Rio?

— Eu?

— Sim.

— Ah! Sou, sim. Moro ali, na outra quadra. É
NACIONAIS - ACHERON

por que sempre minha mãe compra e hoje ela... er... não está.

— Quem é sua mãe? Talvez eu conheça.

— Vilma. Não sei se ela vem aqui.

— É filho da Vilma? Uma mais ou menos da minha altura, forte...

— Cabelos pretos, lisos e gosta muito de amarrá-los com uma faixa no alto da cabeça. — Eu completo.

Ela corre os olhos pelo meu corpo e de volta para meu rosto.

— Uau. Ela não comentou que tinha um filho tão... grande.

Dou um sorriso educado. É só um sorriso educado. Ela não precisa me olhar com esse brilho nos olhos.

— Venha comigo. — Eu a sigo, ela me mostra uma variedade enorme de muitas coisas.

— Pode ficar à vontade.

— Obrigado.

Pego tudo que acho que deve ser gostoso. Um pouco de cada. A jovem ainda teve a gentileza de me vender uma garrafa de café e dizer que depois Vilma traria a garrafa térmica.



— Oi. — Angelina vem na minha direção, assim que entro com as sacolas. — Onde foi tão cedo?

— Comprar comida. Já está pronta?

— Sim. — Angelina vem, senta-se no banquinho do balcão/bar da minha cozinha. — O que comprou?

— Mil coisas. Tinha me esquecido de como tem coisas boas numa padaria. — Coloco os sacos de papel diante dela.

— Não costumo ir a padarias. — Ela desdenha. — Não vai colocar em vasilhas e cestas?
NACIONAIS - ACHERON

— Não. Enfia a mão no saco e pega. — Corro, pego canecas, entrego uma a ela e fico com outra.

— O que vamos beber? — Ela olha as sacolas.

— Café. — Exibo a garrafa.

— Uma garrafa térmica? Sem falar que está feia. Por que não foi numa Starbucks?

— Porque eu não quis. Come logo e deixa de encher o saco.

Ela olha para os saquinhos de papel, escolhe um biscoito e morde.

— Sempre notei que você tem tendências pobres. Por quê? Sempre foi rico.

— Eu apenas sou despreocupado. Meus irmãos e eu não gostamos muito de frescuras. Prefiro uma boa picanha e uns dois chopes, do que toda aquela comida chique que vem um pingo no prato.

— Alma de classe C. — Ela analisa.

— Mas o pau é de classe alta, né? Homem que come uma boa picanha, come gostoso na cama. Aproveite.

— Ridículo. — Ela beberica um gole de café
— Comentário desnecessário.

— Eu não confiaria num cara que bebe chá no café da manhã e come salada no almoço. Esses geralmente pensam duas vezes antes de bater a boca numa boceta para uma chupada poderosa.

— Ao contrário, são homens de classe e...

— São boiolas. Noah deve ser desse tipo.

— Noah tem classe.

— Mas não é ele que soca até as bolas, fazendo a sujeita arrepiar toda.

— Que escroto.

Cravo meus olhos nela, Angelina me olha e acaba quase sorrindo. Comprime os lábios para não sorrir e continuar durona. Voltamos a comer. Ela

continua mastigando com a insinuação de um sorriso nos lábios. Essa mulher me ama. Tenho certeza.

Eu tinha que ir para a Orfeu, mas antes eu iria numa reunião na *Mademoiselle* para ajeitar os últimos preparativos para o desfile. Já preparei o relatório, organizei tudo e deveria entregar antes de ontem a noite a Angelina, para ela dar uma olhada. Mas aconteceu tanta coisa que acabei esquecendo.

Chegamos e logo fomos informados por Simone que as pessoas já estavam na sala de reunião nos esperando. Angelina perguntou sobre Beth e Simone informou que ela já estava na sala também, servindo.

— A conversa com ela fica para depois. — Angelina cochichou para mim, enquanto caminhávamos para a sala de reunião.

Entramos, cumprimentamos todo mundo e cada um tomou seu lugar, o meu na cabeceira da mesa. Comecei a explicar tudo sobre a parte econômica e administrativa. Depois foi a vez de

Angelina falar sobre o desfile, exhibir os croquis no data show e as fotos do catálogo. Noah, claro, estava presente na reunião e explicou todas as fotos e como o desfile acontecerá.

— Bom, vou pedir que Angelina leia o relatório conclusivo que eu elaborei. — Abro a pasta, tiro o papel e empurro para ela.

— Não, obrigada. — Ela nega, dando um sorriso sem graça.

Enrugo a testa, olhando-a.

— Leia, Angelina. Eu que redigi... — Ela olha para o papel e para todo mundo ali presente, esperando por ela. São mais ou menos quinze pessoas. Entre equipe de montagem, investidores e produtores.

— Termine a reunião, Lorenzo. — pede num sussurro, quase implorando. FRANZO o cenho. Será possível que ela está fazendo birra até nesse momento? Será possível que ela apenas quer me provocar e azucrinar?

— É sua marca. — Eu digo. — Leia.

Ela morde o lábio, noto que está trêmula quando pega o papel. Todo mundo presta atenção nela, inclusive Beth que veio trazer água, mas não saiu. Angelina começa a ler. A voz trêmula e um pouco baixa. Lê muito compassado. Seu rosto está pálido, ela gagueja, pigarreja e recomeça a leitura. Seguro na mão dela, e ela me olha.

— O que está fazendo, cacete? — rosno. — Leia logo de uma vez.

Ela volta a atenção ao papel, recomeça, mas depois embola. De uma linha pula para outra, tenta voltar atrás e acaba se enrolando mais.

— Desculpa. Não dá. — Empurra a cadeira violentamente e sai andando rápido da sala, deixando todo mundo a ver navios. Vou ter uma conversa séria com ela. Leio o papel, termino a reunião e saio correndo da sala. Angelina me deve explicações.

Simone me informa que Angelina está na sala dela. Corro para lá, mas alguém entra na minha

NACIONAIS - ACHERON

frente. Beth.

— Vocês dois são uma piada. — Ela cruza os braços e ri sarcasticamente. Abro a boca para falar alguma coisa e ela intervém. — E pensar que um dia eu quis você. Vocês dois se merecem. A doida é disléxica e você aproveitou isso para fazê-la passar vergonha. Te aplaudo de pé.

— O que está falando? — Meu coração palpita duas vezes e parece que para de bater.

— Que ela sempre escondeu isso tão bem, principalmente para o príncipe dela que com certeza a acharia uma burra. A louca da minha prima toma calmante para dormir, faz acompanhamento psicológico por causa dos ataques de pânico e sofre porque é burra demais para ler ou escrever qualquer coisa.

E então tudo faz sentido. Os erros que sempre encontro nos relatórios que ela faz. O livro que ela nunca acaba, os contratos que ela não leu atentamente, os exercícios que a flagrei fazendo em frente ao espelho, a embalagem de batatas que ela

leu errado.

— E quanto a você, chefinho, teve volta. Eu falei que teria. Escutei minha prima burra conversar com Olivia e soube que você está morando com ela, à força. Fiquei preocupada e liguei para a polícia. — Ela dá uma gargalhada. — Ou melhor, pedi a alguém que entrasse no prédio e ligasse para a polícia.

— Então foi você, como eu imaginava. — Olho atrás do ombro de Beth e Angelina está parada, com uma raiva expressiva estampada no rosto.

— Mas eu fiz o bem para você, Angel. — Ela cantarola ironicamente. — Eu te dei oportunidade de se livrar desse pesteadão.

Vejo tudo em câmera lenta. Os dedos de Angelina se fecham, o punho corta o ar e acerta em cheio o rosto de Beth. Sem dar tempo de Beth reagir, Angel agarra os cabelos da prima e a derruba com toda força. O tombo foi forte, fez um som alto dos corpos caindo. As pessoas ouvem os

gritos e vem correndo ver. As duas rolam no chão, engalfinhadas.

— Angelina! — Corro para separar. Beth aproveita, corre, mas Angelina se solta dos meus braços, sacode os pés, os sapatos de salto saem e ela corre muito rápido, descalça, atrás de Beth. Consegue capturá-la e a joga em cima da mesa de um dos designers. Papéis, pastas e o monitor do computador voam longe.

— Sua vacaaaaa! — grita, sentada em cima de Beth, dá-lhe uma bofetada, com muita força — Isso é por ter acabado com meu casamento. — Livra-se das tentativas de Beth se defender, dá outra bofetada. Eu corro em direção às duas e consigo tirá-la de cima de Beth. Essa levanta com os cabelos nas alturas, limpa a boca e sorri.

— Achei que seu casamento valesse mais. Um tapinha só?

— Largue-me, porra! — Angelina grita, dá-me uma cotovelada, eu a solto e ela ataca a prima como uma leoa parida. Pula mesmo em cima,

derrubando-a em outra mesa. Beth tenta se proteger, mas acaba levando outro soco. Nem são mais tapas, agora o punho dela está bem firme. Como nos dias que eu lhe ensinava pequenos golpes de muay thai.

— Isso é por ter cobiçado meu namorado. — Outra seção de socos. Angelina ganha uns tapas, uns puxões de cabelos, mas continua batendo. — Isso... é por você ter feito Lorenzo sofrer ontem. — Mais socos. Eu estou abismado, vendo que nesse momento, ela está pior que a classe C. Uma elegante e refinada dama da sociedade armando o maior barraco na frente dos funcionários. E devo confessar que nunca gostei tanto de uma briga como estou gostando dessa. Estou mesmo amando muito essa mulher.

Beth a empurra, Angelina cai de costas no chão. E quando Beth pula em cima para bater, eu corro e a puxo para longe.

— Você está demitida. — grito para ela.

— Você vai ver, Angelina. Vou acabar com

isso aqui. — Ela grita com ódio vivo nos lábios. — Nem que eu tenha que tacar fogo!

— Saia daqui! — Angelina grita e eu a seguro.

— Vai ter volta. — Beth promete. Aponta para mim. — Primeiro para você. E depois para ela. Vai ter volta.

Ela sai mancando e eu toco nas costas de Angelina, guiando-a para o elevador.

— Voltem ao trabalho. — grito para os funcionários. — Simone, supervisione tudo, ligue-me se precisar de alguma coisa. — Vejo-a assentir e guio Angelina para dentro do elevador.

— Vamos para casa. — Eu murmuro e ela não contesta. — Precisa cuidar desses ferimentos. — Apesar de ter batido, ela também levou. O rosto e o pescoço tem marcas de unha e o canto do olho está sangrando, onde um soco de Beth acertou e como estava com um anel, acabou cortando um pouco.

Ela fica de olhos fechados, calada, respirando fundo, tentando controlar a respiração, com um

NACIONAIS - ACHERON

filete de lágrimas escorrendo na face. Abraço o ombro dela e Angelina enfia o rosto no meu peito. Não falamos nada enquanto descemos para o estacionamento.

TRINTA

ANGELINA

— Ai. — Afasto a cabeça. — Está doendo.

— Deixe-me terminar. — Lorenzo segura meu queixo, enquanto, concentrado, limpa o pequeno corte no meu supercílio. Eu fecho os olhos e mordo os dentes para ele continuar passando a gaze encharcada de soro fisiológico ao redor, limpando o sangue seco.

— Foi uma briga feia. — Ele observa. Como um pintor que se afasta um pouco, olha sua obra e dá umas pinceladas, Lorenzo faz isso. Afasta, olha meu rosto e passa a gaze nas marcas de unhas que vão da lateral descendo para o pescoço.

— Eu devia ter batido mais. Acha que ela vai fazer alguma coisa?

— Beth não tem tanta força. Fique tranquila. — Ele joga um pouco de álcool no algodão — Vai arder — Avisa e passa nas marcas de unhas. Tenciono o rosto por causa do ardor. — Pronto. —
NACIONAIS - ACHERON

Ele joga o algodão na mesinha da minha sala. Estamos sentados no mesmo sofá bem perto, um de frente para o outro.

— Gostei de te ver no modo *Power Ranger* rosa. — Ele comenta, eu sorrio de leve e contraio o rosto quando ele encharca outra gaze, com soro fisiológico e toca de leve no meu ferimento no supercílio.

— Ainda bem que viu o meu poder de ataque.

— Estou com um leve medinho. — Meio debochado, sorrindo de boca fechada, formando uma covinha na bochecha, ele comenta. — Acho que não precisa dar ponto. Foi superficial. — Lorenzo analisa, segurando meu rosto e olhando. Como se fosse médico.

— Está tudo bem.

— Está não. Vou secar. — Ele seca e depois coloca um band-aid, bem ajeitadinho.

— Pronto. Com umas pinceladas de maquiagem, você consegue tapar essas marquinhas.

NACIONAIS - ACHERON

Toco no meu rosto e sinto mais raiva do que dor. Exalo, soltando o ar pela boca e me ergo para levantar.

— Ei. Espera aí. — Lorenzo me puxa de volta para o sofá.

— O quê?

— Vai me contar que história é essa de dislexia?

Quando ele fala isso, sinto-me uma criminosa sendo descoberta. Um frio toma minha espinha, junto com um arrepio. Minha garganta fecha completamente. Olho para a mão dele ainda segurando meu braço. Como isso aconteceu? Meu Deus! Tudo menos isso. Se ele usar isso contra mim para me humilhar, eu simplesmente não vou aguentar. Esse é o meu ponto mais fraco.

— Como... você... sabe...? — Que droga. Palmas para você, Angelina. Ao invés de negar até o último fôlego, eu já admito logo de cara. Eu seria uma péssima prisioneira de guerra. Em uma pergunta, entregaria toda minha equipe. Tento

NACIONAIS - ACHERON

buscar no rosto dele um resquício de maldade, algo que me previna das reais intenções dele. Mas vejo apenas curiosidade. O semblante carregado, intrigado, sobrancelhas juntas. Lorenzo no modo investigador.

— Beth me contou. — Lorenzo esclarece. — Na verdade, cuspiu palavras cruéis na minha cara. Por que eu nunca soube disso?

— Porque eu não quis que soubesse. — explico bem nervosa. — Como os segredos que você guarda. — Aponto o dedo para ele.

— Que porra, Angelina! É diferente. O que aconteceu comigo, aconteceu, ficou no passado. Já isso é algo que você vai ter que carregar sempre. Por que não me contou... sete anos atrás?

Levanto-me, enfio a mão nos meus cabelos e os jogo para trás, um gesto impaciente, sendo colocada contra a parede. Cruzo meus braços e fico de frente para Lorenzo.

— Eu tinha vergonha, *tá*? — murmuro sem querer parecer vítima — Eu passei a vida
NACIONAIS - ACHERON

escondendo isso, com medo de represálias. Eu... — Mexo mais nos cabelos. Ele me encara atentamente — Eu sofri muito na escola até ser diagnosticada. Até eu mesma tinha me convencido que era uma burra. Tinha medo de você... sei lá, achar estranho.

— Ah! — Ele bate nas pernas — Fico feliz por pensar isso de mim. Se fosse atualmente eu até entenderia. Mas antes? Éramos unha e carne.

— E mesmo assim você nunca me contou por que não dorme no escuro, por que tem insônia e por que teve pânico perante os policiais, antes de ontem.

— Minha vida não está em debate. Sente aqui. — Bate a mão ao lado dele, no sofá. Eu caminho e me sento. — Agora para de enrolar e me conta essa porra toda que já estou ficando injuriado.

Mantenho-me calada, com o lábio entre os dentes, olhando para um ponto na calça dele, pensativa.

— Angel. — Ele toca em mim. — Conte-me.

— É dislexia, apenas isso. Satisfeito? Eu não leio e escrevo como todo mundo. Troco palavras, demoro a ler e sob pressão, eu sou quase uma analfabeta. Preciso fazer sons ridículos com a boca como exercícios de fonoaudiologia e tentar não entrar em pânico.

— Então, por isso não leu na reunião?

— Eu poderia até ler. Se antes eu tivesse ensaiado bastante, tivesse conhecimento sobre o que estava escrito, tivesse lido várias vezes e me familiarizado com o texto. E se eu não conseguisse ler, ao menos saberia o que estava ali e faria um resumo. Eu entrei em pânico na frente de todas aquelas pessoas.

— Cacete! E você faz o que para cuidar disso?

— Bom, eu costumo ser muito ansiosa também. — De cabeça baixa, olho para minhas unhas — Eu passo por acompanhamento psicológico e fonoaudiólogo. E tento ler bastante. Escuta — Levanto o rosto para ele — Você não me investigou para saber dessas coisas?

— O detetive não descobriu isso. Beth me disse que toma calmante. — Agora a voz dele é mais baixa, intensa, noto um pingo de pena — É para a ansiedade?

— Pois é. — Ergo os ombros — Essas últimas semanas, a vida não está sendo nada gentil comigo. Uma cadela, como dizem. — Dou uma risadinha — Estou me afundando em calmantes e muita porcaria doce. — Torno a encarar Lorenzo e as sobrancelhas dele estão baixas, o cenho franzido. Nos olhos, algo como compaixão brilha. Ou seria cumplicidade por saber que ele não é o único que tem os momentos de loucuras?

— Aquela mania das guloseimas... — Ele sorri, nostálgico.

— Sim. Ainda recorro a isso para não... você sabe, pirar. — Ficamos nos olhando por uns bons segundos, calados. Desvio meus olhos e confesso: — Eu poderia mesmo ter me controlado, em todas essas coisas que você me fez... quer dizer, todas essas coisas que passei, mas não conseguia. No momento, eu simplesmente saía de órbita.

Ficamos em silêncio novamente. Quase sepulcral, agora com um clima estranho. Ele apenas me olha sem nenhum comentário e pela cara, nem faz menção de que terá algum. Levanto os olhos e ele ainda me encara, levanto-me para acabar com esse momento incômodo. Lorenzo ainda não fala nada. Apenas me observa.

— Ah... Já vai dar onze. O que acha de comer um pedaço de torta que Lourdes deixou? — Ofereço para quebrar o gelo. — Quer dizer, se você for ficar aqui mais alguns...

— Não vou embora. — Ele se levanta. — A casa é minha, lembra? — Dá um sorriso prepotente.

— É mesmo. Venha. Lourdes me avisou que estava de saída e deixou uma torta parisiense que eu adoro e arroz com ervas finas.

Seguimos para a cozinha. Pego a torta no forno e está muito cheirosa, além de bela.

— O que é isso? — Viro-me e ele está olhando dentro da geladeira. Deixo a torta de volta no forno e vou ver. É um bolo floresta negra, a

NACIONAIS - ACHERON

sobremesa.

— Ah! É a sobremesa.

— Hum... acho que vou provar um pedaço.

— Não agora. Vamos almoçar. — Tento fechar a porta da geladeira, mas ele trava e não deixa. Olha-me pensativo.

— O que acha de comer o bolo antes?

— Lorenzo, isso é uma sobremesa e não sei se te ensinaram, come-se depois das refeições.

— Foda-se o que as pessoas ensinam. Quero esse bolo. — Ele pega o bolo e leva para a mesa. — Pegue uns pratinhos aí. — Meu Deus! Não posso fazer nada, ele entrou no modo birrento. Vou para o armário pegar pratos e talheres.

— Caramba. Isso parece bom. Vai enfiar o pé na jaca? — Olho de lado e ele está lambendo o dedo que possivelmente enfiou no bolo.

— Se deixar, como tudo sozinha.

— Você tem alma gorda. — Ele ironiza. — Vai voltar a malhar. — comanda em seguida. — Nada de moleza.

— Nem venha.

— Vai, sim. Sou chefe, lembra? Mando e desmando na porra toda.

— Até na minha vida? — Sento-me diante dele, corto o bolo e o sirvo.

— Principalmente na sua vida. — Lorenzo recebe o prato e dá a primeira garfada. — Uau! Lourdes está competindo seriamente com Vilma. Vamos fazer um duelo com elas duas?

Dou uma risada e sirvo uma fatia para mim. Mastigo, sentindo o delicioso sabor da massa leve e do chocolate. Lorenzo dá garfadas cheias e coloca na boca. Ele é muito lindo comendo e não é de hoje que percebo isso. Na verdade, ele é sempre lindo. Um vilão, babaca, mas bonito. Fazer o quê? Não é à toa que Beth ficou interessada nele.

— Beth queria mesmo ficar com você, não é?
NACIONAIS - ACHERON

— Entro no assunto, Lorenzo olha para mim, tem chocolate em seus lábios. — Ela falava tão mal de você e eu nunca percebi...

— Que era o oposto.

— Pois é.

— Eu percebi logo de cara. Mais um pedaço aqui. — Ele estende o prato. — Sem miséria. — Avisa logo. Corto um pedaço maior e entrego a ele.

— No primeiro dia que você me apresentou a Beth, eu percebi logo. Um cara percebe quando uma mulher olha gulosa para ele.

— Antes eu tinha comentado sobre você. Beth tinha ido dormir lá em casa e eu falei do lutador pé de chinelo que encontrei no subúrbio.

— Pé de chinelo? — Ele ri.

— Classe C, lembra? Está no seu DNA.

— É verdade. Gosto de viver sem regras, sem rótulos pregados pela sociedade.

— Por isso não deu certo... com seu pai? —
questiono e me arrependo no mesmo instante. Ele
olha para mim com cara de que reprovou a
pergunta. Limpa os lábios e faz uma linda careta
torcendo o bico. Fico apreensiva com medo de ele
me xingar, mas a resposta me pega de surpresa:

— Sim. Por isso não demos certo. Eu era uma
criança bem pirracenta.

— Pirracento, ainda é. — Aponto
criticamente, numa tentativa de amenizar o clima
tenso.

— Pirracento e da classe C. Isso era
inaceitável para um CEO milionário em ascensão,
como meu pai.

— Eu sei como é isso. Fui criada apenas para
ser. Nunca para agir. Eu tinha que ser a perfeita
boneca de vitrine.

— Uma mimada garota da cidade. — Ele
mastiga devagar, fitando-me.

— É. Filha única, única herdeira de um
NACIONAIS - ACHERON

império, aí já viu, né? Doutrinação.

— Viver aos moldes da sociedade.

— Teve um tempo atrás — Começo a rodar a taça nos dedos — Que eu não parecia satisfeita com... tudo à minha volta. E eu ouvia sem parar a música *Pretty Hurts* da Beyoncé, pois eu queria me identificar em algum aspecto. A música dizia algo como a alma que precisa de cirurgia, pois não podemos reparar algo que não podemos ver. Eu nunca fui o padrão perfeito das modelos da *Madde*. Não sou alta, não sou magra, não tenho grandes seios e tenho esse cabelo tão preto e escorrido. — Desabafo, olhando o bolo.

— Você passaria apenas por mais uma modelo se tivesse nos padrões.

— Você não entende. Essa necessidade de nós, mulheres...

— De seguir um padrão?

— De nos sentirmos bem com nós mesmas.

— É isso, falou certo. Sentir-se bem com você mesma. O resto que se foda. Como agora que estamos comendo sobremesa, antes do almoço, já somos bem crescidinhos para cuidarmos da nossa própria vida.

— Olha só. Dias atrás, eu estava planejando uma forma de foder com sua vida e agora você está aqui, comendo o meu bolo e ainda tentando me colocar pra cima.

— Isso não quer dizer que tudo está tranquilo e favorável para o seu lado.

— Eu já devia saber. Quer mais? — Aponto a faca para o bolo.

— Claro.



Lorenzo recebeu uma ligação do irmão dele e teve que ir embora resolver alguma coisa na Orfeu. Fiquei na cozinha diante do bolo, respirando pesadamente e repensando o que aconteceu nesses últimos dias. Parece até que o destino está

conseguindo juntar as peças do quebra-cabeça e colocando tudo no lugar.

Primeiro, me senti atraída pelo lado caridoso dele, lá no instituto. Aí depois tive muita pena do modo que ele ficou quando os policiais chegaram aqui e agora foi minha vez de desmoronar e Lorenzo perder as barreiras. Vi como ele ficou muito mexido quando soube de tudo.

Esse foi um caminho fácil, fazê-lo ter piedade de mim, mostrar-lhe que tenho meus próprios demônios e as coisas que ele me fez, aumentaram mais ainda meus problemas. Mesmo assim, jamais usaria isso para me vitimizar. Sorrio ao lembrar dele comendo, bem tranquilo e por um momento, é como se fosse o meu Lorenzo de sete anos atrás.

Fiquei a tarde sozinha. Deitei-me no sofá e acabei dormindo. Nem almocei, o bolo foi suficiente. Depois que levantei, tentei ler um pouco, mas não consegui me concentrar. Então enchi a banheira, peguei uma taça de vinho, escolhi uma *Playlist* e fui para o banheiro. Já era quase cinco. Fiquei lá pensando se Lorenzo voltaria para

dormir aqui e pensei mais ainda por que eu me preocupava se ele viria ou não. Fechei meus olhos e as músicas foram passando. Nada de músicas depressivas. Ao contrário, sinto-me muito bem. Como se tivesse tirado um peso de cima de mim. Beth longe da *Madde*, meu pequeno segredinho foi revelado e Lorenzo pareceu ter entendido.

Até fez um curativo em mim. Ninguém imagina como me senti quando ele começou a limpar meu pequeno ferimento. Minha alma contorcia, senti meu coração esmurrar minha caixa torácica e toda minha consciência e inconsciência lamentar com meu corpo, por tudo que perdi na minha vida, por tudo que ele e eu perdemos. Quando nos perdemos um do outro.

Na caixa acústica, ali na bancada do banheiro, Nando Reis começou a cantar meus pensamentos em forma de música. Abri os olhos e sorri quase em lágrimas. Por que o desejo de recuperar tudo que perdi é tanto que até dói um pouquinho, algo desconfortável, acima do peito.

Sorri quando o refrão da música começou:

NACIONAIS - ACHERON

“Por onde andei enquanto você me procurava? E o que eu te dei? Foi muito pouco ou quase nada. E o que eu deixei? Algumas roupas penduradas. Será que eu sei que você é mesmo tudo aquilo que me faltava?”

Sim, eu tenho culpa nisso tudo. Apesar de ter sido uma vítima, como Lorenzo foi. Alguns podem dizer que estou colhendo o que plantei. Outros podem dizer que ele está sendo um babaca cruel. Mas a questão nem é mais essa, de quem é a culpa ou quem vai acabar ganhando essa disputa. Parece até que estamos segmentados, ele e eu, rasgando uma pele de cada vez, tirando aos poucos as cascas e redescobrimo novas camadas. Já passou de vingança e jogo bruto. Queria saber qual a próxima fase.

Saio da banheira, visto um roupão e vou para o quarto. Termino de me enxugar, visto uma lingerie e por cima uma camiseta muito grande e larga, que era do meu pai. Minha mãe comprou para ele, ficou muito grande e ele nunca usou. Sento-me na ponta da cama e sorrindo, começo a cantarolar a música que toca enquanto passo creme

hidratante na minha perna. A letra da música me faz sorrir mais. E essa parte que toca, combina tanto com o momento, que sorrio mais ainda.

“Conversa de travesseiro. És meu inimigo, meu aliado. Prisioneiros. Então ficamos livres. É um terror (...)”

Já ouvi tanto que sei cada palavra da música do Zayn. A agradável melodia me embala, continuo acariciando minhas pernas, passando o creme e cantando.

— Oi. — Giro meu pescoço bruscamente e vejo Lorenzo. De camisa branca com as mangas dobradas, os primeiros botões abertos, segurando o terno no ombro. Ele está recostado no batente e eu me pergunto há quanto tempo ele está me assistindo cantar sorrindo como uma fã besta. Ajeito meu cabelo meio sem graça e paro imediatamente de passar o creme. Olho em volta e detecto que o celular ficou no banheiro para eu parar a música. E ainda está cantando: *“Transando e brigando. É nosso paraíso e nossa zona de guerra...”*

— Oi. — Fico paralisada olhando para ele. Lorenzo entra no quarto e para na minha frente.

— Er... eu achei que você...

— Eu disse que não iria embora. Minha casa, lembra? — Reviro os olhos e me levanto.

— Não precisa me lembrar a todo instante. Não tenho Alzheimer. — Sinto um puxão no meu braço, rodo e caio de cara contra o corpo dele. O vidro de hidratante cai da minha mão, o terno dele também cai aos nossos pés e já estamos grudados nos beijando. O braço dele me mantém bem firme contra seu corpo, duro e forte. Adoro como seus braços são malhados, o corpo todo bem trabalhado.

Sua outra mão passa carinhosamente no meu maxilar, desce para meu pescoço e dá a volta, segurando minha nuca. Eu só consigo agarrá-lo bem forte, gemendo e arrepiando por causa do delicioso beijo. Quente, molhado, os lábios de Lorenzo me levam à loucura e meu gemido se torna real, para ser escutado.

E a música continua nos embalando, por mim
NACIONAIS - ACHERON

eu ficaria a noite toda ali de pé, abraçada com ele, beijando e sentindo essa maravilhosa sensação. Pura e crua, como diz a música.

Se transamos? Claro. Loucamente.

Os botões da camisa dele voaram longe quando eu puxei a camisa para revelar o peito bronzeado, bem definido, forte e com cheiro especial dele mesmo.

— Eu te devo uma camisa. — murmurei horrorizada ao ver os botões no chão. Ele nem comentou, apenas mordeu meu queixo e quando segurou minha camiseta para tirá-la, parou e franziu o cenho.

— De quem seria essa camisa?

— Ah! Do meu ex. — minto descaradamente, dando um sorriso cínico.

Os olhos escuros de Lorenzo se tornaram mais negros e um brilho de posse banha esse olhar másculo e único. Eu me derreto.

— Mentirosa.

— Acredite se quiser.

— Não lembro de ter tido essa camiseta. E eu sou seu único ex. — Dei uma risada alta.

— Como eu disse, acredite se quiser. — Ele ficou me olhando, intrigado, acho que acreditando.

— Essa porra dessa camisa já era. Vou tacar fogo. — Ele tirou minha camisa, embolou e jogou longe.

Caímos na cama, eu só de calcinha e sutiã e ele só de calça social. Por um instante, achei que tínhamos esquecido alguma coisa, mas na última hora, ele sacou uma camisinha do bolso da calça, enrolada em suas pernas e estávamos a salvo.

Não sei se dá para escolher um momento bom durante o sexo com ele. Mas o primeiro orgasmo veio quando ele estava por cima de mim, segurando forte na grade da cama e eu agarrada ao seu tórax poderoso e meio suado. A força das arremetidas dentro de mim, quase me leva a um caso crônico de

NACIONAIS - ACHERON

loucura. Louca pelo pau e pelo Lorenzo completo. Depois ele caiu em cima de mim, abraçou-me, meio ofegante, seus braços me enlaçando, seu corpo me espremendo e a boca na minha, acabando com todos os restinhos de minhas barreiras. Sem falar nas músicas da minha *playlist*.

Lorenzo, esse vilão pervertido, fodeu com minha vida e acabou com meu coração. Mais uma vez.



Mais tarde, eu vesti um pijama folgado, ele pediu pizzas para nós e eu fui para o sofá. Lorenzo veio, sentou ao meu lado e puxou o livro da minha mão. Estava uma delícia só de short.

— O que está fazendo? — Uma leve raiva me subiu. Faça tudo, mas não tome um livro da minha mão que eu viro o cão.

— Calma. — Ele coloca uma almofada nas suas pernas — Deite aqui, no meu colo.

— Estou lendo, Lorenzo.

— Eu sei. Já ouviu falar em audiobook?

— Sim, já. Isso não é indicado para mim. Tenho que ler, exercitar minha mente.

— Eu sei. Mas hoje leremos juntos. Em que capítulo parou?

— Leremos juntos o quê?

— O livro. Essa noite será *O duque e nós dois*.

— Ele começa a folhear as páginas.

— O duque e quem?

— Deite logo, Angelina!

Fico olhando e vejo que ele não está brincando. Lorenzo bate mais uma vez na almofada em seu colo. Eu me deito e ainda não acredito que ele está planejando fazer o que estou pensando.

— Vou começar do início do capítulo. — Ele avisa, pigarreja e começa:

“Simon concluiu que a noite não poderia ficar

muito pior. Não teria acreditado na ocasião, mas seu bizarro encontro com Daphne Bridgerton acabara definitivamente se revelando o ponto alto do evento. Sim, ficara horrorizado ao constatar que cobiçara — ainda que apenas por um breve período — a irmã de seu melhor amigo.”

— Caraca! — Lorenzo para de ler e exclama — Irmã de melhor amigo é problema. Está no trato de brothers. Irmã, mãe, ex-namorada...

— Lorenzo, você vai ler ou comentar sobre o livro?

— Tá. Vamos lá.

— E não precisa fazer voz de locutor.

— Voz de Cid Moreira lendo a bíblia. — Ele zomba, rimos e sua mão vai até minha boca. — Agora cale-se e escute, apenas.

Ele volta a ler. Minha mente se divide em acompanhar a história e curtir o momento. Não é nada bom ter alguém lendo um livro para a gente, mas não nego que é ótimo ter Lorenzo lendo o livro

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para mim. Sua voz rouca, sua mão nos meus cabelos fazendo um leve cafuné enquanto lê. Seu cheiro de banho recém tomado me atiça muito.

— Lorenzo. — Chamo.

— Oi.

— Ainda estamos em trégua, né?

— É. Mas não vai achando que tá tudo ganho. Ainda vai se submeter a mim pelo resto do tempo que temos.

Meu coração gela ao saber que podemos ter tempo limitado.

— Tosco.

— Vaca.

— O quê? — Levanto minha cabeça. Ele empurra minha testa de volta, fazendo-me deitar.

— Vaca gostosa. Melhorou?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Tosco. — Rio e ele volta a ler.

NACIONAIS - ACHERON

TRINTA E UM

LORENZO

Quando Angelina abre os olhos, ela já me vê e se mexe na cama puxando o lençol até os seios. Recosta contra os travesseiros e de olhos espremidos, fita-me. Estou em sua frente, sentado na cama, só de cueca, bebendo leite direto da caixa, uma coisa que a deixa fora do sério.

— O que está fazendo? — murmura com voz grogue — Que horas são?

— Seis e meia. Estou bebendo leite.

— Direto da caixa? Porra, viu. — Ela olha em volta e pega o celular, do outro lado.

— Sempre acordo varado de fome. Quer leite?

Só depois que Angelina confere as horas, ela volta a me encarar.

— Lorenzo. — Ela esfrega os olhos. — Lourdes está aí?

— Sim. Acabou de chegar.

— Por favor, — aperta os olhos com o indicador e o polegar — não me diga que andou de cueca na frente dela.

— *Tá!* Não digo. Quer leite? — Dou um gole e deixo, de propósito, algumas gotas escorrerem pelo meu queixo e meu pescoço.

Os olhos azuis e com tom de indignação cravam em mim. Dou um sorriso e Angelina abana a cabeça negativamente.

— Não. — Ela se senta. — Não quero leite. — Arrasto-me em direção a ela.

— Não quer leite de vaca, mas talvez queira leite de boi.

— Você acordou pirado. Boi? — Dá um pequeno sorriso.

— É. Leite da vaca. — Balanço a caixinha. — E leite do boi. — Aponto para minha cueca. — No caso, eu sou o boi. — Ela dá uma gargalhada, joga
NACIONAIS - ACHERON

a cabeça para trás rindo para valer e, em seguida, entre o riso, fala um quase inaudível: “Adoro”.

— Você se supera a cada dia como antagonista.

— Eu sou o antagonista?

— Herói que não é. — Ela enrola os cabelos em um coque, mas eu a ataco antes que pense em deixar a cama. Posso não ser o herói, mas também não sou um bom combatente por ter esse fogo louco na cueca toda vez que olho para meu alvo de vingança. Eu sabia desde o início que talvez não desse muito certo se eu me envolvesse com ela mais que além dos trâmites empresariais. Até aquele momento eu estava a salvo. Beije-a aquele dia na empresa e pronto, acabou meu sossego.

Levanto a mão para colocar a caixa de leite no criado-mudo e acabo derramando um pouco nela. Deixo a caixa ali, enquanto Angelina se debate.

— Lorenzo! Olha o que você fez! Saia de cima de mim.

— Pode deixar, eu lambo tudo. — Nem termino de falar e já estou com a boca colada no pescoço dela, descendo minha língua para encontrar os seios debaixo da fina camisola.

O leite respingou ali, contra a camisola e eu passo minha língua pelo tecido. Levanto os olhos para encarar Angelina enquanto estou chupando seu seio por cima da camisola. Ela está mordendo o lábio inferior e de olhos fechados, como se estivesse se segurando. Aquela expressão de temor, de quem vai tomar uma injeção. No caso dela, não é temor, é prazer que está deixando seu rosto contorcido. Agarro o seio dela, amassando deliciosamente, numa massagem erótica. Ela geme e segura no meu braço.

— Venha aqui. — Enfio minha mão atrás, nos cabelos dela e a puxo para me beijar. Ela nem tentou usar resistência. Angelina abriu os lábios para me beijar de volta. Coloco um pouco de força e começo a empurrá-la até que esteja deitada comigo por cima.

Agimos com uma sincronia perfeita. Enfio

minhas mãos por baixo da camisola dela e Angelina desce as mãos nas minhas costas, chegando até minha bunda e puxando a cueca para baixo. Enquanto chupo seu pescoço, passando minha língua em lambidas quentes, demoradas e pequenas mordidas, minhas mãos acariciam os seios dela e Angel manipula meu pau já duro em sua mão. Meu corpo todo vibra com os movimentos que ela faz, deixando meu pau tão duro e dolorido que me dá ânsia de meter logo de uma vez e acabar com todo esse sufoco no meu saco.

— Ai! Caralho, Angelina! — Tiro a boca da dela para poder gemer. Ela está com os dedos no meu saco e isso fez meu pau sacudir feliz.

— Isso te faz choramingar, chefinho? — Ironiza com um belo sorriso. Aperta meu pau e eu dou um pulinho com a bunda, contraindo de tanto tesão. Sabe quando a gente quer e precisa se manter sério, mas a boca não obedece? Esse é um desses momentos. Eu tinha que mostrar indiferença, mas meus lábios acabam esticando para os lados e pronto. Estamos tão loucos sorrindo, olhando-nos e um fodendo as sensações do outro. Ela com minha

rola na mão e eu invadindo sua calcinha com meus dedos.

— Vai se foder. — murmuro.

— Acho que é pra isso que estou aqui deitada com seu pau em minha mão.

— E que pau, hein, sortuda? — Rio, ela tenta menosprezar, mas acaba sorrindo enquanto a beijo e soco com carinho um dedo na sua boceta escaldante.

Em poucos instantes, sacudi as pernas, terminando de tirar minha cueca e ela arrancou a camisola me deixando para tirar a calcinha. Claro que aproveitei o momento para me abaixar e dar um beijo na tatuagem dela, morder um pouco e escorregar meus lábios em direção à boceta. Mas não fiquei muito tempo, foi só um aperitivo. Voltei subindo, lambendo-a, beijando seu ventre, mordendo o bico do seio, segurei seu queixo, empurrei para cima e mordi a garganta dela, até que cheguei à boca.

Assim, pelados, com os corpos bem colados,
NACIONAIS - ACHERON

meu pau se melando todo contra a vagina dela, deixa-me numa pilha do cacete. Faço meus quadris movimentarem pra valer, dou umas batidas sem meter, fazendo nós dois gemermos juntos. As unhas dela passam devagar nas minhas costas e eu rebolo mais um pouco, fazendo-a sentir todo meu poder de ataque. Mas, então ela para de beijar meu peito e me olha, atenta.

— A cami... sinha. — Está ofegante.

— Será que não podemos...

— Ter um malvadinho correndo por aí? Não.
— Empurra meu peito.

— Quê?

— Um filho seu, malvadinho.

— Olha quem fala. — Dou um pulo na cama, alcanço minha carteira do lado, saco um pacotinho e sem delongas, encapo meu pau. Nem espero ela piscar, já começo a deslizar assim, de joelhos mesmo, segurando uma perna dela.

— Uaaaau!! Noossa! — Ela geme balançando a cabeça. Vou até o fundo, volto e empurro com força, deixando um pouco assim, só as bolas para fora. Bem estilo virjão desesperado. Mas no meu caso é só para vê-la se contorcer toda com minha rola grossa socada até o fim. Deito-me por cima e começo a jogar meu quadril para frente, ainda em movimentos fracos de sexo matutino. Os seios dela esfregam no meu peito, as mãos passeiam pelo meu corpo e suspiramos um contra a boca do outro.

Claro que tudo foi ficando mais intenso e rápido. A velocidade das minhas socadas aumentou, os gemidos estavam comedidos, pois a porta estava aberta e com certeza Lourdes iria escutar os gritos da sacanagem. Angelina chegou a colocar a mão na minha boca e entre os gemidos manhosos, ordenou:

— Pare de fazer barulho!

As batidas ficaram mais desesperadas, por mais que nos beijávamos, continuávamos fazendo barulho. Angelina estava em cima de mim, cavalgando como uma louca, os seios na minha

mão e minhas pernas impulsinando forte o pau em metidas perfeitas, saborosas, doloridas de tão gostosas.

Então a segurei forte, abraçando-a contra mim, sentei-me e desci da cama, com meu pau encaixado, caminhei tropeçando para o banheiro. Angelina, a megera, dilacerava minha boca num beijo guloso, até me mordeu. Sem falar que mexia o quadril engolindo meu pau e me fazendo quase cair das pernas. Joguei a gente no box, abri o chuveiro e com as costas dela contra a parede, finalizamos, uivando e gemendo debaixo da água.

— Será que a Lourdes escutou alguma coisa?
— Preocupada, ela questiona, mais como um comentário, enquanto estávamos nos arrumando. Na verdade, eu já tinha me vestido e ela terminava de se preparar.

De pé, ali, de mãos no bolso olhando-a, parecia que não tínhamos passado tanto tempo longe um do outro, todos esses sete anos, e sim ficado apenas dias distantes. Todos aqueles dias, pós quase-casamento, que passei bebendo,

lamentando e desejando que ela morresse, parecia que tinha sido horas atrás.

Mesmo assim, tendo a impressão de que foi tão rápida essa passagem de tempo, consigo, evidentemente, perceber que por mais que eu queira, ela não é mais aquela Angel e eu não sou mais aquele Lorenzo. E talvez, apenas talvez, esse corte brusco entre a gente tenha sido benéfico. Talvez fôssemos novos demais para encarar uma vida à frente, com muitos problemas conjugais.

Angelina me olha pelo espelho, percebo que não lhe respondi.

— E o que tem se Lourdes ouvir?

— Pra você nada, né? É um sem vergonha.

— Somos adultos e ela sabe o que adultos fazem. Sem falar que me viu só de cueca mais cedo. — Ela vira bruscamente, estava concentrada, colocando lentes nos olhos.

— Você disse que...

— Nunca neguei. Eu apenas disse que não diria, como me pediu. Vou à cozinha. Não demore.
— Saio do quarto e quando chego à cozinha, a mesa já está pronta.

— Oi, Lourdes. Bom dia. — Cumprimento.

— Oh. Oi, Lorenzo. Sente-se, já vou servir o café. E Angie?

— Já vem.

Ela me serve café. Provo e pego um pãozinho de queijo, ainda quente. Pela cara de Lourdes, creio que não ouviu nada da trepada matutina, ou ouviu e se faz de indiferente. Angelina entra apressada, serve-se de um pouco de suco e fica de pé.

— Noah acabou de ligar. — comenta, sem olhar para mim. — Está me esperando para outra sessão de fotos.

— Esse cara não tem o que fazer? Perturbando as pessoas logo cedo.

— Você deveria agradecer.

— Falou certo. Eu agradeço, afinal sou o dono, né?



Quando chegamos à empresa, Noah já estava lá, como tinha dito, no andar em que fica minha sala, conversando com Simone e mais duas mulheres. Ele falava enquanto as três ficavam com brilho nos olhos, encantadas. O que esse cara tem para deixar o povo assim? Ele vê a gente, acena sorridente para Angelina e me ignora.

— Que bom que chegou. — Ele se curva e beija o rosto de Angelina, bem aqui, ao meu lado.

O que é isso, mano? Está louco, rapaz? Está querendo morrer, filho da puta? — Eu só pensei isso, fiquei de boa na minha. Olhei para as mulheres com um olhar que diz: vai trabalhar, bando de baba-saco. E elas entenderam. Correram, cada uma para seu lado.

— Oi, Lorenzo. — Noah fez um gesto de cabeça.

— Noah. — Respondi formalmente.

— Angel, precisamos começar, pois eu tenho outro compromisso agora às nove.

— Ok. Estou preparada. — Angelina dá um passo para segui-lo, mas eu seguro na mão dela. Ela me olha, e eu a tranquilizo:

— Vou com vocês. Como dono, preciso estar por dentro de tudo. — Seguimos calados, eu, claro, no meio deles para não ter conversinha paralela. Descemos até o estúdio e dessa vez Olivia e Kate não estavam. As modelos já estavam vestidas, algumas mulheres fazendo os últimos ajustes nos vestidos e dois caras, possivelmente assistentes do Noah, posicionando-as nos lugares onde as fotos seriam tiradas.

Senti-me isolado quando fui deixado para escanteio. Nada podia fazer a não ser assistir a interação deles dois. Eles juntos, falando coisas, baixinho em sussurros e rindo enquanto ajeitavam as modelos para as fotos. E o mais estúpido disso tudo é não conseguir comandar sentimentos que me

assolam. Sentimento cru de posse, ciúme massivo. Noah fazia questão de sempre tocar nela e se olhavam sorrindo, felizes. Suspirei sentindo o corpo dolorido, sem que estivesse.

Decidi não ficar ali como um besta, avulso, olhando-os interagirem enquanto ajeitavam aquele monte de vestido e mulheres. Aproximei-me e pedi que me explicasse como tudo seria feito. Angelina falava pelos cotovelos, explicando-me detalhadamente. A sessão de fotos logo terminou, as modelos foram se trocar e o pessoal começou a desmontar o equipamento.

— Acho que ficaram ótimas. — Noah mostra a câmera para Angelina. Aproximo-me e fico ao lado dela.

— Preciso aprovar. — digo só de pirraça. Noah já está saturado da minha presença, olha-me querendo me fuzilar.

— Entende sobre moda? — Ele contesta. Angelina olha para mim, pois sabe que vou dar a resposta.

— Mas entendo de ganhar dinheiro. Preciso saber se devo investir nisso. — Angelina olha para Noah.

— Sabia, desde o início, que aqui é uma empresa de moda, por que a tomou dos donos? — Angelina volta a olhar para mim. Meus olhos cravados nele, nem piscos, olhar mortal.

— Porque eu posso, me dê essa merda aqui. — Estendo a mão para ele me dar a câmera. Ele não me entrega.

— Preciso jogar no computador.

— Passe e me deixe ver e escolher. Afinal, quem vai pagar toda essa merda aqui, sou eu.

— Mentira, são os cofres da empresa. — Angelina, enfim, entra no meio.

— Empresa de quem?

— Lorenzo...

— Minha, eu que pago a ele, a essas modelos,
NACIONAIS - ACHERON

ao fotógrafo, à equipe e tudo mais. — Engula essa, arrombado.

Sim, pareço uma criança birrenta. Mas quem liga? Esse cara tá pedindo uma sova não é de hoje. Eu saio totalmente do controle quando ele vem com essa porra de cara debochada. O pior de tudo, é que não tenho nada para usar contra ele. Coloquei detetive no pé e ele não descobriu nada.

Depois que ele nos mostra as fotos, pega as trouxas e vai embora, deixando mais um beijo no rosto de Angelina, eu saio do modo contra-ataque do mal. Ela me olha de braços cruzados e testa franzida. Antes que fale alguma coisa, eu mudo de assunto:

— Mostre-me os vestidos que Olivia desenhou. — O semblante dela se alivia, afinal é um assunto que ela gosta de falar a respeito.

Entramos em outro ambiente e há muitos vestidos dentro de sacos plásticos, pendurados em araras. Outros vestindo nos manequins. Não pedi isso aleatoriamente, estou tendo uma ideia e preciso

ver o trabalho de minha cunhada. Olivia vai ter que me ajudar nessas maquinações que estão em andamento na minha mente.

— Esses dois aqui, foi ela que desenhou. — Mostra-me dois vestidos em manequins e de verdade, são bem bonitos. Romeo tem uma artista em casa.

Ambos são longos, para noite, têm renda nos lugares certos, decotes bem recortados e sutis. Pego a etiqueta e atrás estão as especificações da roupa, como, por exemplo, tipo de tecidos usados. E embaixo, a assinatura: “Olivia B. Lafayette”. A espertinha nem se casou e já está usando o nome do meu irmão. Se bem que, conhecendo Romeo, pode muito bem ter sido ele que a coagiu a assinar assim.

— São perfeitos. A garota tem talento.

— Tem, sim. Esses dois, eu que desenhei. — Ela mostra outros dois igualmente bonitos.

— O seu talento, eu já conhecia.

— Obrigada. Isso vindo de você, ou encaro
NACIONAIS - ACHERON

como elogio, ou sarcasmo. — Aproximo-me, dou uma olhada nos vestidos, não entendo porra nenhuma, mas sei que têm bom acabamento e uma boa costura, o que precisa ser para manter o padrão.

— Vocês usam sempre o mesmo tamanho para compor as roupas?

— Como?

— Número de manequim.

— Sim. O padrão *Madde* vai apenas até o tamanho quarenta.

— Entendo.

Ela me mostra mais algumas roupas e depois subimos para nosso andar. Digo que vou para a Orfeu e saio. Pego meu celular, mando uma mensagem para Romeo e verifico que ele já está na empresa. Andei pensando em umas coisas. Desde ontem, quando Angelina abriu brevemente seu coração, confessando-me parte dos seus sentimentos, fiquei intrigado com uma ideia que me veio. Nada seria mais justo que homenagear à

NACIONAIS - ACHERON

produtora do desfile e ainda às outras mulheres.

Chego ao meu destino, que não é na Orfeu. É uma bela casa, em um bairro nobre, dentro de um condomínio. Assim que me identifico, o portão se abre. Meu irmão não ostenta, mas lá está um segurança. Apenas por cautela, depois do que aconteceu com a Olivia.

— Bom dia. — Cumprimento Vilma que já me espera. Olivia está cortando alguma coisa e me olha intrigada.

— Bom dia, filho. — Ganho um beijo de Vilma. — Como está? Por que não dormiu em casa? Você ainda está metido com aquela mulher?

— Vilma...

— Lorenzo, eu estou preocupada, seus irmãos estão preocupados. Sabemos do que pessoas ruins são capazes.

— Está tudo sob controle, *tá*? — Dou um tapinha no ombro dela e caminho até Olivia.

— Bom dia, Olivia.

— Bom dia.

— Quero dar uma palavrinha rápida com você. — As sobrancelhas dela juntam-se, fica me encarando muda e intrigada, eu diria quase hostil.

— É sobre a *Madde*. — Esclareço. Ela assente, limpa as mãos em um pano e anda para fora da cozinha. Eu a sigo.

— Sente-se. — Eu aponto para o sofá quando chegamos à sala, e ela se senta.

— Como está o Gael?

— Muito bem. — Sorri momentaneamente.

— Ótimo. Romeo está numa bestagem sem fim. — comento. — Todo dia mostra foto do bebê para o pessoal da empresa.

— Seu irmão é um exemplar único.

— Com certeza. Na verdade nós três somos.

— O que quer Lorenzo? — Já se mostra impaciente.

— Conversar com você. Estou com uma ideia, um projeto sobre o desfile da *Mademoiselle*.

— Angelina sabe?

— Por enquanto, não. Apenas me ouça, Olivia.

— Não irei fazer nada pelas costas dela. — Nega veementemente. — Ainda mais me unindo a você. Esquece.

— Você trabalha onde?

— O quê?

— Apenas me responda. — Ela fica com a testa enrugada, tentando decifrar algo por trás de minha pergunta.

— Na *Mademoiselle*, mas isso não...

— Quem é o dono de lá? — Começando a se

irritar, o rosto dela fica carregado. O olhar frio.

— Você roubou...

— Não perguntei como, perguntei quem é. — Ela revira os olhos, o maxilar se contrai pelos dentes rangidos de raiva.

— Você.

— Isso faz de mim o quê, em relação a você dentro da empresa?

— Meu chefe.

— Então, como chefe, estou te ordenando que vai *sim* trabalhar no que eu quiser.

— Vou contar para o Romeo que você veio aqui me colocar contra a parede.

— Conta que eu te demito. São só negócios, caramba. Não precisa se preocupar. — Sem nenhuma chance de brigar, ela se rende.

— Ok. Fale.

Vou até o sofá grande que ela está sentada, sento do lado e animado, começo a explicar para Olivia o que andei pensando. Aos poucos ela vai entendendo e o semblante se torna amigável. Durante minhas explicações, ela até dá algumas ideias para encorpar meu planejamento.

O caso é o seguinte, estou pensando em promover a empresa, lutando contra padrões gerados pela sociedade. Eu passei por isso, Angelina também, Olivia também. Sabemos como é ser fantoches para agradar outras pessoas. O desfile *Supreme* vai reerguer a *Madde* e tirá-la do vermelho, será o renascimento de uma nova era e para isso, algo tem que ser diferente de todos os outros desfiles. Enquanto Angelina me falava que não era alta como as modelos, não tinha peitões e tinha cabelos escorridos, eu pensei em um jogo de Marketing perfeito. A “*Madde* para Todas”.

O desfile acontecerá normalmente, como já está sendo planejado, mas depois será anunciada a surpresa para a imprensa, os críticos, investidores, especialistas em moda e todos ali presentes. O mesmo padrão de roupas da *Mademoiselle* para

mulheres acima de manequim 40, aquelas de 1,50, ou as mais velhas.

— Olivia, quero manter o padrão de alta qualidade, não vou fazer a *Madde* do povão. Apenas quero mais mulheres aderindo às nossas peças e não apenas a um determinado grupo.

— Isso será perfeito. — Ela esbanja um belo sorriso. — Meu Deus, isso vai colocar a *Madde* nas alturas. Farei o que for preciso.

— Por enquanto, preciso do seu sigilo e que apenas desenhe, mostre-me depois os croquis que eu vou juntar uma equipe e analisaremos o projeto. Angelina só ficará sabendo quando os vestidos estiverem prontos. Eu mesmo mostrarei a ela.

— Claro. Vou começar hoje. O que acha de converter alguns dos vestidos que Angelina desenhou para todos os tipos de mulheres?

— Perfeito. Faça isso. Faça também uma pesquisa aprofundada, devemos deixar as mulheres confortáveis com o que vão vestir.

— Isso não tem a ver com bondade, né? Só está pensando em erguer a empresa e faturar.

— E não é bondade erguer a empresa? — retruco e ela acaba sorrindo. Levanto-me e estendo minha mão para ela. — Temos um acordo?

— Temos um acordo. — Olivia concorda.

Eu acabei aceitando o convite e fiquei para o almoço, Romeo chegou e eu estava na cozinha com elas, segurando o Gael que tinha acabado de acordar. Vilma e Olivia terminavam o almoço.

— Oi, amor. — Ela foi cumprimentá-lo e Romeo, ainda desconfiado, olhava-me atentamente.

— E aí, Lorenzo. Não apareceu na empresa.

— É. Tive uns contratempos. Tudo bem por lá?

— Sim. Veio ver a Vilma?

— Não, ele veio falar comigo. — Olivia esclarece e olha para mim. — Desculpa, Lorenzo,

mas para ele, eu tenho que contar. Não temos segredos um para o outro.

— Contar o quê? — Impaciente, Romeo já fica na defensiva. Ele sabe que eu manjo das paradas e posso fazer muitas coisas com a vida das pessoas. Basta eu querer e fazer uma ligação para o contato certo.

— Nada demais. — Eu entro na frente para explicar. — Apenas estou com um projeto da *Mademoiselle* e quero que ela desenhe uns croquis para mim.

— É isso? — Ele se volta para Olivia.

— Sim. É isso. — Ela concorda — Eu te conto com mais detalhes depois.

— Ok. Estarei de perto vendo sobre isso. Olha lá, hein? — Aponta um dedo para mim. — Se ela vai desenhar, os créditos serão todos dela.

— Com certeza. — Assinto. — Ele puxa Olivia, abraça e dá um beijo nos cabelos dela.

— Quero ver minha mulher lá no topo, onde ela merece.

— Deixe comigo. — Ele se afasta, lava as mãos na pia, puxa uma cadeira e senta ao meu lado.

— Agora me dá o meu garoto que estou morrendo de saudades.

Com cuidado, entrego o bebê para ele. Romeo o segura com destreza. Parece até que está acostumado a segurar bebês. Mas acho que quando uma pessoa se torna pai ou mãe, as habilidades nascem espontaneamente.

Enquanto ele esfrega o nariz no bebê e fica falando um monte de coisas clichês como: “Quem é o garotão do papai?”, eu devaneio sobre a conversa de hoje com Angelina quando ela disse que não iria querer um malvadinho. Ela é uma tola. Acha que eu quero uma malvadinha correndo e atormentando a gente? Não mesmo. Estou aqui para me vingar e não fazer filhos.

Depois do almoço, fui para a Orfeu e fiquei lá até o fim do expediente. Como eu andei muito

NACIONAIS - ACHERON

afastado esses dias, mexendo com coisas da *Madde*, fiquei até mais tarde, pois Magno começou a falar merda, que eu estava negligenciando nossa empresa e que iria pedir meu *impeachment*.

Quando cheguei ao apartamento, já se passava das sete. Só queria tomar um banho e comer algo bem forte, gorduroso, cheio de sustância. Angelina estava na sua mesa de escritório no quarto, analisando um monde de coisas, com o computador ligado.

— Demorou. — Ela faz a observação, sem me olhar. Continuou escrevendo e eu parado no batente da porta olhando-a.

— Sentiu minha falta?

— Quando o carcereiro demora a aparecer, o prisioneiro sente falta.

— Levante-se, vai tomar banho com o carcereiro.

— O quê?

— Tomar banho, venha. — Começo a desabotoar minha camisa, sento-me na cama e arranco meus sapatos.

— Estou ocupada, Lorenzo.

— Já pedi uma comida pra gente enquanto vinha para cá. Anda logo, não faça eu ter que agir.

— Você não pode querer que eu me adapte às suas vontades.

— Posso sim. Você esquece muito fácil das coisas. — Tiro minha calça, só de cueca, vou até ela. — Venha Angel, seja boazinha, estou cansado e vai sim tomar banho comigo. Quero fazer umas coisas debaixo da água.

— Patife. Não vou.

— Vai, sim. — Bato a mão no computador, desligando-o, puxo a cadeira, ela tenta correr, mas eu a seguro a tempo. Ergo-a nos meus braços, Angelina começa a espernear, chutar, se debater, mas não consegue se soltar. Abro o chuveiro e entro com ela debaixo. Com roupa e tudo.

Assim que eu a coloco no chão, muito brava, ela começa a me esmurrar.

— Porra! Olha o que fez. Vai pagar...

— Depois eu pago, venha aqui. — Puxo-a e a beijo, abrindo a boca, engolindo a dela, chupando vorazmente, lábios e língua, fazendo-a suspirar, satisfazendo meu desejo do dia todo. É triste quando o homem não consegue mais se controlar e passa o dia apenas pensando em beijar uma determinada mulher.

Vida dos desapegados é tão mais fácil, como Magno que não se preocupa com nada. Sentiu tesão? Come qualquer uma. Eu nem ousou fazer isso. Passei vergonha com Carmem, fomos para cama e cadê o pau que não subiu? Ficou lá emburrado, de greve, pois eu só conseguia pensar em Angelina naquela mesa, sozinha no restaurante, esperando uma pessoa que nunca apareceria. Coloquei a culpa na bebida, lógico. Sendo que eu nem tinha bebido muita coisa.

Claro que não vou falar nada disso com

Angelina, que passei o dia com ela na cabeça. Vilma me aconselhou a não demonstrar meus sentimentos e não farei isso, dar armas para ela me atingir. Ela nem está mais lutando debaixo da água. Os braços circundam meu pescoço, eu a empurro contra a parede, puxo seus cabelos e assim, com o rosto inclinado, o beijo fica mais intenso e delicioso.

— Você não vai me ver desistir, Lorenzo. — Para de me beijar para falar — Vou continuar até meu último suspiro.

— Nunca quis que você desistisse. — Mal fecho minha boca, ela me ataca, agarrada ao meu corpo, beijando-me quase apaixonada, eu diria. Pois eu conheço o beijo apaixonado dela. Os dedos dela já estão entrando na minha cueca e abro um pouco as pernas para ela encontrar meu pau já pulsando.

Foi um banho sexual. Uma perfeita trepada debaixo do chuveiro. Com direito a palavrão, gemidos e até um tombo. Fiquei com o lombo dolorido por ter escorregado e caído de costas.

Terminamos ali, no chão mesmo, com a água caindo sobre a gente.

Mais tarde, depois que comemos, eu desliguei a televisão, peguei o livro dela na mesinha e deitei no sofá grande.

— Deite-se aqui. — Bati ao meu lado no sofá. Ela se deitou, aninhou-se ao meu corpo e eu abri o livro na parte que deixei com o marca página. — Vamos saber o que tá rolando aqui com o Simon.

— Isso não é necessário. — diz, sem convicção. Abraça meu peito e eu me ajeito nas almofadas. Nossas pernas se entrelaçam. — Eu preciso ler muito.

— Você precisa relaxar e escutar. Mais tarde vou te dar um pau, lá na cama.

Ela ri e eu começo a ler da parte que parei.

— Está cheiroso. — Ela aspira minha pele, interrompendo a leitura.

— Um chefe precisa ser cheiroso. — Afundo
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

meus dedos nos cabelos dela, fazendo uma massagem vagarosamente e prossigo com a leitura do livro.

NACIONAIS - ACHERON

TRINTA E DOIS

LORENZO

ANOS ANTES

— *Lorenzo, você precisa ficar quieto. Preciso aprovar sua roupa. — Angelina me dá um leve empurrão quando tentei avançar para beijá-la de surpresa. Estava linda, concentrada, olhando-me atentamente enquanto eu vestia a quarta roupa de noivo. Beth, do outro lado, emburrada, mexendo no celular. Meus irmãos e mais dois amigos, meus padrinhos, ainda não tinham aparecido vestindo seus trajes para ela aprovar.*

O engraçado é que Angelina não me deixou nem sonhar em como será o vestido dela. Já comigo, escolheu até as meias. E isso era ótimo, afinal, eu não era muito ligado com essa coisa de roupas. É melhor mesmo que ela escolha a roupa com que vou me casar. Com um dedo no queixo, ela me analisava.

— *Esse parece bom. — Os olhos dela brilharam e abraçou os dedos, juntando as mãos*
NACIONAIS - ACHERON

perto do queixo. — Você está lindo, amor. — murmurou encantada.

— Qualquer coisa vai ficar boa em mim, você sabe. — Enlacei-a pela cintura.

— Você será o noivo Supercalifragilistcexpialidoce.

— Cruz credo! Já disse que essa palavra me assusta. — Rimos e ela me abraçou apertado. Em seguida, subiu o rosto e me deu um beijo.

— Angelina, pelo amor de Deus! Você e eu ainda temos que buscar as meninas para verem os nossos vestidos. — Beth gritou agoniada do outro lado. Angel e eu apenas a ignoramos.

— Não consigo parar de imaginar nós dois daqui, sei lá, cinco, seis, sete anos. — Dando pulinhos, Angel se entusiasmou. — Será que teremos um filhinho?

Antes de responder, olhei para meus irmãos e meus amigos já vindo com seus trajes de padrinhos.

— *Bala na agulha, eu tenho para providenciar isso. — Esnobei e ela me deu um tapinha. — Mas pensando bem, estaremos nos amando loucamente ou nos matando. Sabe que temos essa possibilidade, né?*

— *Só se for te matando de amor, porque eu te amarei até depois da eternidade e mais um dia.*

— *Estão vendo isso perdedores? — grito para os caras. — Declaração de “até depois da eternidade”.*

— *E eu achando que o Romeo que ia passar para o lado da fofura primeiro. — Magno comentou fazendo os outros rirem. Voltei-me para Angelina nos meus braços.*

— *E quem foi que correu atrás de mim ontem, com a guitarra de Guitar Hero e sangue nos olhos?*

— *Primeiro que você trapaceou.*

— *Eu trapaceei?*

— *Quem ficou ao lado da TV tirando a roupa*
NACIONAIS - ACHERON

lentamente enquanto eu tentava me concentrar na porcaria da música? Você vive me passando para trás. — Ela protestou, de sorriso largo. — E segundo, tensão pré-casamento. Vai passar assim que eu colocar uma aliança nesse seu dedo e te tirar do mercado.

— Isso podemos e vamos resolver logo. — Dei vários beijinhos no maxilar dela, indo até a boca. — Agora vamos nos apressar que sua prima está com uma tensão braba ali. Vai atirar em mim a qualquer momento.

ATUALMENTE...

— Que cara é essa? Maquinando o quê, agora? Golpe de estado ou conquistar o mundo? — Saindo dos meus pensamentos, volto a realidade. Angelina sentada à minha frente á mesa, enquanto tomamos café da manhã. Flagro-me encarando-a e relembrando momentos do nosso passado.

— Você ainda tem seu vestido?

— O quê? Que vestido?

— De noiva.

Ela fica com a xícara suspensa e os olhos abrem ligeiramente surpresos. Lourdes nos olha de rabo de olho. Angelina puxa o ar e solta lentamente pela boca. Coloca a xícara de volta na mesa.

— Eu não o vi. — Adianto, antes de ela falar alguma coisa. — Quer dizer, eu nem prestei atenção... aquele dia. Mas antes, lembro de ter passado meses a fio esperando o momento para ver. — Confesso e agora ela parece assustada.

— Eu... o queimei.

— Ah...

O assunto mal nasceu e morreu. Ficamos calados nos olhando. Ela desvia o olhar, pega a xícara, bebe um pouco e pigarreja olhando para o lado.

— Bom, é melhor irmos. — Levanto-me. — Vou te deixar na *Mademoiselle* e ir para a Orfeu.

— Não é necessário. — Ela se levanta
NACIONAIS - ACHERON

também. — Eu vou no meu carro.

— Ok. — Não discuto e saio da cozinha.

Claro que pouco me importa. Estou cagando para o fato de ela ter queimado o vestido. Se fosse eu, também não iria mesmo guardar aquilo. Normal.

E você ainda mantém seu traje. — Ironizando, meu inconsciente me lembra. Bufo contrariado, pego minhas coisas e saio sem nem olhar para trás.



— E aí. Que cara de pamonha é essa? — Romeo questiona quando puxo uma cadeira e sento-me à mesa com ele e Magno, na lanchonete do nosso prédio.

Apenas faço uma careta. Olho o relógio no meu pulso.

— O que ainda estão fazendo aqui embaixo?

— Comendo, não tá vendo? — Romeo me dá uma patada e olho curioso para Magno que se
NACIONAIS - ACHERON

preocupa em sorrir para o celular.

— Adiantei aquela papelada que me pediu. —
Aviso — Amanhã tenho que preparar umas coisas
para o coquetel da *Mademoiselle*, não poderei vir
aqui.

— Ok. — Romeo faz um sinal com o polegar
para mim. A boca cheia, mastigando.

— Vocês vão? — Olho de um para o outro.

— Eu não. — Magno desvia os olhos do
celular e me olha. — Tenho um programa. Cai bem
no dia.

— Conte-me uma novidade. — Desdenho —
Você é o garoto do programa.

— Eu vou, Olivia só fala nisso. — Romeo
limpa a boca e toma o resto do suco. — Está tudo
resolvido?

— Acho que sim. Angelina que está a par de
tudo. Eu só estou liberando o capital.

— Mudando de pau para cacete. — Magno corta a gente, pedindo para mudar de assunto. — Sabe quem anunciou a volta para o Brasil?

Romeo e eu ficamos calados, olhando para ele. Magno toca na tela do celular e entrega para mim. Romeo encosta a cabeça para ver.

— Também conhecida como o sonho de consumo do meu pau, Lavínia Torres.

Leio no celular a notícia do fim das turnês e da possível volta ao Brasil para ficar uns tempos descansando.

— A tocadora de Violoncelo. — Eu falo.

— É musicista ou violoncelista, bicho burro. — Magno me corrige.

— A amiga doida da Olivia está descartada, então? — pergunto e ele dá de ombros.

— Minhas portas estão sempre abertas. Tem pau pra todas. Mas tenho as prioridades. Se sobrar tempo, posso dar um trato na Kate.

— Mas é um manezão mesmo. — Romeo faz sinal para o rapaz trazer a conta — Kate nem tá ligando para você. Amadeo está investindo.

— Verdade. Amadeozinho conseguiu comer já.

— Já? — Eu repito rindo. — Ou vocês são muito rápidos ou ela é muito fácil.

— Não importa. Tenho que fazer um rápido celibato, até quando Deus me ajudar que eu consiga cercar a Lavínia. Do Brasil, ela não sai antes de experimentar o bem bom. Vou gastar meio litro de porra com ela.

— E tu acha que tem chance? — Entrego o celular a ele. — É o mesmo que querer comer a Scarlet Johansson. — Romeo me olha cúmplice, assentindo. Assina na nota que o rapaz trouxe e se levanta.

— Impossível para mela cueca como vocês.
— Magno rebate.

— Me tira do bolo. — Romeo ruge.

— É, putão? Nos conte como vai chegar nela.

— Tenho meus meios. Digamos que eu não vou precisar ficar mandando mensagem no anonimato para ela e muito menos roubar os bens dela para obrigá-la a ficar comigo. — Ele se levanta e sorri debochado para mim e Romeo. — Com o papai aqui, ou gosta, ou cai fora.

Ninguém fica chateado. Eu acabo acompanhando Romeo na gargalhada e seguimos, os três, para o elevador.

Vou para minha sala, coloco uma música no volume baixo e começo a trabalhar. O bom de estar com meus irmãos é que eles sempre me deixam mais calmo, fazem-me esquecer todas as bobagens. Claro que esquecer assuntos que envolvam Angelina está longe de acontecer, mas posso amenizar. Marco um horário no meu barbeiro para agora à tarde e antes de sair para almoçar, meu celular vibra, eu pego e vejo uma mensagem de Angelina. É uma foto do pacote de M&M na minha mesa. Abaixo, a legenda: *O tempo passa tão rápido quando o chefe está longe. Ao menos algo meu*

consegui recuperar. M&M.

A seguir, um emoji de carinha com óculos escuros e um punho fechado como um soco. Eu rio sozinho na minha sala.

Você é besta. — Digo e envio.

E você é trouxa. — Ela responde. Sorrio mais.

Vai trabalhar! Antes que eu te demita.

Sim, chefe. Outro emoji de punho fechado.

Eu respondo com um emoji de bomba e acabou a conversa.



ANGELINA

Depois do almoço, deitei um pouco na minha cama e fiquei apenas olhando para o teto e sentindo como a casa parecia grande, silenciosa e tediosa sem o Lorenzo. Durante anos, eu tentei refrear tudo que senti e ainda sinto por ele, tentei levar uma vida normal como se nada tivesse acontecido. Mas

NACIONAIS - ACHERON

agora, ele acabou de vez com todas as minhas proteções. E nos últimos dias está insuportável. Fico a todo instante querendo falar com ele ou apenas ficar olhando enquanto está fazendo alguma coisa.

Nessa noite, dormimos agarrados depois de transar mais uma vez. Acordei no meio da noite para fazer xixi e quando voltei, aconcheguei-me ao corpo dele novamente. Peguei seu braço, coloquei em cima de mim e fiquei olhando para o belo rosto tranquilo. Dei um beijinho nos lábios dele e Lorenzo se mexeu, apertando seu braço em torno de mim. Sorri e o abracei de volta, enterrando o nariz em seu peito.

Agora estou aqui, totalmente mexida com o assunto do vestido de casamento. Não fiz nada na *Madde* hoje, apenas pensando em como eu menti descaradamente para ele e como todas as lembranças vieram com força total. Claro que não queimei meu vestido. Mas também não vou dizer isso a ele.

E por que diabos ele trouxe esse assunto logo

pela manhã? Lorenzo é doido. Lembro das mensagens e sorrio para o teto. Nem adianta me julgar, meu papel de trouxa não tem fim. Passarei minha vida pagando.

Fiquei pensando onde ele almoçou. Por que não veio? Por que não foi à empresa dar ordens ou apenas encher o saco? Tive que levantar, tomar um banho e sair de casa para me distrair. Vou passar na Olivia para buscar os últimos croquis que eu desenhei e ela está dando uns retoques. Deixei passar bastante tempo para não ter que dar de cara com Romeo. E torço para que Vilma não esteja lá, com aquele olho torto para mim.

Identifiquei-me no portão assim que cheguei e claro, mandei antes mensagem para ela avisando que eu vinha. Entrei e pela misericórdia de Deus, quem abriu a porta da frente foi Olivia. Mas minha felicidade durou pouco quando ouvi vozes de homens na cozinha.

— Romeo está aí? — indago para ela, antes de entrar.

— Sim. Ele é o primo.

— Primo? Já ouvi falar... Lorenzo comentava. Mas não conheço.

— Sempre morou fora, agora que veio passar uns tempos aqui. — Eu entro e ela fecha a porta. — Precisa vê-lo conversando. — cochicha — Puramente espanhol.

— Muito sotaque?

— Sim. Muito.

— Dos três irmãos, Romeo é o que mais tem sotaque. — Lembro.

— Meu Deus. Amo ouvi-lo conversar. — Ela comenta, ri e caminhamos para o sofá. — Olha as anotações que fiz. — Sento-me ao lado dela e recebo a pasta que ela me passa.

Começamos a analisar os últimos projetos. Muita coisa já está atrasada, o coquetel de apresentação do desfile é daqui a poucos dias e ainda tem muita coisa que vai ficar de fora, pois
NACIONAIS - ACHERON

não teve tempo de preparar. Claro que não vai ser tudo entregue, será apenas uma prévia do que vai acontecer no grande desfile *Supreme*.

Pouco depois de estarmos entretidas redesenhando croquis e revisando dados, dois homens entraram na sala, vindos da cozinha. Romeo e outro que não conheço, mas se parece bastante com Magno. Fiquei tensa, sobressaltada. Deve ser o primo. Muito bonito por sinal e não há nenhuma novidade nisso. Eles são bonitões, charmosos, altos e impõem presença. Tem um desse exemplar acampado na minha casa só para me dar dor de cabeça, entre outras coisas.

— Oi, Angelina. — Romeo cumprimenta, com certeza querendo dizer: “o que tá fazendo de novo na minha casa?”

— Oi, Romeo.

— Ei. *Te conozco*. — O primo fala comigo, olhando-me de testa franzida. É claro que me conhece. A família até a terceira geração deve conhecer muito bem as fuças da diaba que acabou

com o caçula. Sorrio sem graça para ele.

— Sim, essa é Angelina. — Romeo interfere e eu estendo minha mão.

— Olá.

— *Soy* Amadeo. — Ele aperta minha mão.

— Oi, Amadeo. É um prazer.

— Você deve ter visto alguma foto dela com Lorenzo. — Romeo esclarece. — Ela é a ex-noi...

— Não. — O primo nem deixa Romeo terminar. — É a garota da câmera.

— O quê? — Totalmente confusa, olho para Romeo e Olivia.

— Fiquei *em la* casa do Lorenzo. Ele te assistia sempre, na TV dele. Em câmera de *seguridad*.

Quase tenho um enfarte. Coloco a mão no peito e fico muda, estatelada, olhando para ele.

— Como é que é? — sussurro. Olivia está com a mão no rosto e Romeo pálido.

— Disse algo que *no puedo*? — Sem entender, Amadeo olha para mim e depois para Romeo.

— Como sempre. — Romeo murmura.

Não teve quem me fizesse continuar lá. Olivia disse que tínhamos que rever mais algumas coisas, Romeo tentou dizer que possivelmente era brincadeira de Amadeo. Mas nada me segurou. Saí como uma vaca louca. Cega de raiva. Dirigindo meu carro, quase como um piloto de fuga, mandei uma mensagem para Lorenzo perguntando onde ele estava e me dirigi para lá. Eu sabia que ele era capaz de tudo, mas fazer da minha vida seu Big Brother Escroto? Não mesmo. Isso eu não iria aceitar. E a pergunta que vem na minha mente é: onde ele instalou essas malditas câmeras? No meu apartamento? Na empresa? Com certeza foi na *Madde*.

Bato várias vezes no volante com raiva e dou um grito dentro do carro, piso fundo no acelerador.

Fico imaginando quantas vezes ele riu de mim, enquanto eu estava lá morrendo, doida, desesperada. Será que tinha áudio? Meu Deus! Tanta coisa eu falei. Que cara mais escroto, filho de uma puta desgraçada!

Chego na Orfeu e fico sabendo que Lorenzo teve um compromisso. E me lembro dele mencionar que iria cortar o cabelo. A barbearia que Lorenzo e os irmãos dele frequentam é algo daquele tipo onde só entra homens, tem um estilo vintage, mas bem luxuosa. Os barbeiros são chamativos, com barbas e cabelos bem cortados. Fui uma vez com ele, mas não me deixaram ficar. Eu disse que ia ficar apenas sentada na cadeira, calada, olhando, mas não permitiram. Ele ia cortar o cabelo para o casamento e eu queria que fosse perfeito.

Parei o carro ali em qualquer lugar e entrei na barbearia sem nem anunciar ou bater na porta. Apenas empurrei a porta de vidro e bufando como um touro doido, eu me vi no meio de vários homens sem o que fazer, conversando asneiras. Não é muito diferente do salão feminino. Eles

falam tanto da gente, mas adoram uma fofoca de barbearia.

— Cara, apenas espere, que seu timinho vai ter o que merece. — Um barbeiro provoca Lorenzo. Ele ainda não me viu, os outros homens estão me encarando em alerta. Como se eu fosse uma psicopata prestes a matar todos.

— Se liga, mano. O Flamengo tá chegando. — Lorenzo responde. Está na cadeira e o homem cortando metodicamente as laterais do seu cabelo. Magno, sentado em uma poltrona, de terno, com um charuto na mão, me olha meio assustado.

— Ah... Lorevaldo, acho que não foi o Flamengo que chegou. — Magno avisa, Lorenzo vira o rosto e me vê. Ele sabe que eu descobri alguma coisa e fica paralisado. O silêncio reina no lugar.

— Angelina?

— Quero conversar com você. — Ainda mantendo uma postura, recuso-me a jogar tudo na cara dele, diante dos outros. Ele fica me olhando e
NACIONAIS - ACHERON

eu falo mais alto com punhos cerrados: — Agora!
— Lorenzo se levanta.

— Ei, ainda não terminei. — O cabeleireiro fala. Se fosse outro momento, eu riria dele, com apenas um lado do cabelo cortado.

— Venha comigo. — Lorenzo me puxa para o lado de dentro da barbearia. Ainda está com uma capa em volta do pescoço, para proteger a roupa dos fios de cabelos. Paramos em algo parecido com uma pequena copa.

— Como pode me espionar por câmeras de segurança? — grito, jogando tudo de uma vez, ele fica pasmo, pego no flagra. — Onde estão as malditas câmeras?

— Angelina, calma...

— Calma? Você andou me espionando, não sei onde, vendo na sua casa com seu priminho enquanto eu me fodia toda!

— Ei, não é bem assim! — Ele se defende de um tapa. — Quem te contou isso?

NACIONAIS - ACHERON

— Seu primo me contou. — Cuspo as palavras de forma seca.

— Conheceu Amadeo? Onde?

— Não importa. Me diga, onde elas estão? No meu quarto? Na *Madde*? Onde? — grito mais alto e começo a dar socos no peito dele. Lorenzo me segura.

— Angelina!

— Eu posso te processar. Vou te processar. Quem mais sabe disso? — Berro descontrolada, Lorenzo está cada vez mais assustado. — O degenerado do seu irmão? O santo Romeo? QUEEEM? Filho da mãe! — Tento bater nele de novo, entretanto, com essa altura e ex-lutador, ele facilmente consegue me segurar.

— Tinha na *Madde*. Não tem mais! — Ele grita e me balança. — Eu desativei.

— Mentira!

— Desativei, sim, porra.

— Mentira. — Puxo meus braços. — Vai me pagar. Vai sair da minha casa hoje. — Saio correndo. Ouço ele me chamar, mas não olho para trás. — Sai da frente, capeta. — Empurro um homem que estava parado ali. — O que está olhando? — grito para Magno. Atravesso o salão e corro para fora. Ainda ouço Lorenzo me chamar. Corro para o outro lado da rua, tem um guarda ao lado do meu carro.

— Ei, moça, o carro é seu? — Nem respondo. Entro, olho para trás e vejo Lorenzo saindo correndo atrás de mim, ainda com a capa no pescoço.

— O carro será multado. — O guarda fala. Eu ligo e dou uma ré brusca.

— Mande a multa para sua mãe! — Arranco e saio. Lorenzo fica de pé na rua me olhando.

Eu mal chego em casa, ele chega logo atrás.

— Abra a porta, Angelina. — Ele grita pela fresta que a corrente permite. Ele tem a chave, mas eu já previa que ele viria e coloquei a correntinha

NACIONAIS - ACHERON

de segurança.

— Vá se danar e deixe-me em paz. — grito e ele sai. O quê? Como assim? Foi mesmo se danar? Não é possível. Lorenzo não é desses que desiste com a primeira tentativa. Dou dois passos em direção à porta, atenta e temerosa, vou olhando e parece que não tem ninguém, parece mesmo que ele saiu. A porta ainda está aberta. Aproximo-me aflita e toco na porta, o coração a mil, pode ser uma cilada, mas não é, ele saiu mesmo. Bato a porta, passo a chave e espero, olhando para a porta fechada. Silêncio.

Arfo, solto o ar pela boca e sento no sofá. Ainda estou morrendo de raiva, pensando em tudo que aconteceu na empresa e ele estava lá observando tudo, Vendo-me empanturrar de rosquinhas e Coca-Cola, xingando, chorando, fazendo planos com Olivia e Beth. Meu Deus! Ele estava sempre um passo à minha frente. Não vou mais ser besta, não vou deixar que ele me manipule novamente. O barulho de chave me faz sobressaltar. A porta abre de novo e então para meu espanto, vejo um alicate bem grande entrar pela

abertura. Já era a corrente da porta. Lorenzo entra.

Eu nem corri. Ele bateu a porta e ficou à minha frente, bufando furioso. Como se tivesse o direito. O cabelo cortado apenas uma parte.

— Você precisa parar de dar escândalos por aí, pois eu...

— Vai. Se. Lascar! — grito, interrompendo o sermão. — Você é muito escroto, tosco, que ódio! — Dou um giro revoltada, com as mãos na cabeça. — Como pôde descer tão baixo? O que mais fez? O que fazia com essas câmeras? Mostrava para quem?

— Ninguém, merda! Deixe-me explicar. — A expressão dele está afobada, um semblante carregado e urgente. Meio em pânico. Nada do Lorenzo mandão. Como se tivesse a necessidade de me fazer entender.

— O quê? Ainda tem argumentos para defender o que fez?

— Sim, tenho. A porra da empresa é minha —
Dá um passo em minha direção — Eu não queria
NACIONAIS - ACHERON

aparecer, monitorei tudo, não só sua sala. Eu estava apenas vigiando o que é meu.

Fico calada após ouvir isso. Eu sei que ele está certo, mas a cada vez que diz isso, é como uma punhalada no meu peito.

— Fizemos... nós transamos lá e você... tem tudo gravado?

— Não. Quer dizer, tinha, mas eu apaguei o vídeo...

Fico com vontade de bater nele e chorar ao mesmo tempo. Comprimo meus lábios.

— Lorenzo, eu quero que vá embora.

— Angelina, não há mais câmeras. Eu...

— Desativou mesmo? Acha que eu vou acreditar?

— Sim, a da sua sala e da minha.

— Saia! — Aponto para a porta. — Se você

insistir em ficar, eu saio. Essa merda de casa é sua, mas eu não preciso ficar aqui.

— Droga! — Ele grita revoltado, bate a mão com muita força e derruba longe um enfeite na minha estante, que se espatifa contra a parede. — Que caralho! — Está muito nervoso, muito irado. Volta seu olhar para mim e vejo mais aflição do que raiva. — Desculpe-me, então, droga! Desculpe-me.

O quê? Ele pedindo desculpas por seus atos de ditador? Novidade.

— Vai embora. — falo mais baixo.

— Angel... escute. — Começa a implorar. Ele aponta para os cacos no chão. — Depois eu pago e... — Dá um passo em minha direção.

— Não é sobre isso. Vai embora.

Ele fica calado, olhando-me com seus olhos escuros meio nublados, um olhar estranho, como se fosse medo e não ódio. Ele respira rápido e profundo, duas vezes, passa a mão nos cabelos, vira

NACIONAIS - ACHERON

e sai correndo, batendo a porta.



Passei o resto do dia, tensa, com raiva e triste. Muito triste e constato que não é por descobrir que ele colocou câmeras na minha sala. A tristeza é por me sentir sozinha e vazia. Quase desesperada, da mesma forma que me senti sete anos atrás quando dei um pé na bunda dele.

Tentei ouvir música, assistir televisão e por fim ler. Mas foi pior, pois eu lembrei dele lendo para mim. Derramei uma lágrima quando vi a página do livro dobrada. Eu quis bater em Lorenzo ontem à noite por ter terminado de ler o capítulo e dobrado a folha do livro para marcar. Esfreguei o marca-página na cara dele. Mesmo assim, fomos para a cama nos agarrando e devorando.

Às nove da noite, eu já estava bem esgotada de sentimentos controversos, arrumei-me, nem liguei para nada, nem raciocinei com o que eu estava fazendo. Nunca vou conseguir me afirmar dessa forma, mas se sete anos atrás eu tivesse corrido atrás dele, nada disso teria acontecido.

Chego ao apartamento dele e Lorenzo fica surpreso ao me ver. Parece que parou de respirar quando abriu a porta e me viu. Está vestindo apenas uma bermuda, os cabelos desgrenhados, mas, agora, totalmente cortados. Não digo nada, empurro o peito dele e entro. Ouço a porta se fechar e me volto para ele.

— Mostre-me. — É um pedido com ar de ordem. Ele assente, e caminha para a sala da TV. Eu o sigo. Ele pega um controle, aponta para a TV, ligando-a. Vai até um aparelho, liga e depois aperta uns botões.

— Tem senha para ver as gravações. — Esclarece sem olhar para mim. Aproximo-me e fico de pé, ao lado dele, olhando para a TV dividida em quadradinhos. Cada um com uma parte da empresa.

— Não tem mais a sua sala e a minha. Quer ver? — Oferece-me o controle. Tomo da mão dele. Vou passando a seta, escolho um dos quadrados, toco em *enter* e a gravação toma a tela toda. É o salão onde acontecerá o desfile. Volto, passo para outro, Lorenzo fica ao meu lado. De soslaio,

percebo que ele está olhando para mim e não para a TV. Vou conferindo cada uma das câmeras. A edição da revista, a recepção, o setor de corte, o almoxarifado. Tudo. Ele colocou câmera em tudo. Mas não encontro a da minha sala e a da dele. Que era minha antiga sala.

— Seu primo disse que...

— Ele viu apenas uma vez.

— O que ele viu?

— Nada demais. Apenas você trabalhando.

Entrego-lhe o controle e caminho para o sofá. Levanto os olhos e Lorenzo continua de pé, fitando-me, com uma cara estranha que não combina com ele. Algo como humildade. Ficamos nos olhando até eu levantar do sofá. Ele dá um passo para o lado como se fosse me cercar.

— Desculpe-me. — sussurra para mim. Meu coração sacode, pois vejo que é muito sincero o pedido dele. Mas decido manter meu orgulho.

PERIGOSAS

— Eu só vim conferir.

— Angelina, não vá embora.

— Claro que vou. — Desafio.

Ele fica sério e perde o tom de humildade. Conheço essa cara. Ele está no modo malvadão, mandão, chefe tosco.

— Você vai me desculpar sim, Angelina.

— Ninguém ordena aos outros a dar o perdão, Lorenzo. — contesto, já aflita. Estou na cova do leão.

— Eu ordeno. — Ele vem em minha direção e eu caminho para trás — Aceite minhas desculpas.

— Não. Não ainda. Por que eu tenho que te desculpar se até hoje você não aceitou minhas desculpas?

— Quem é que manda aqui? Eu, né? Então vou te comer para você aceitar.

NACIONAIS - ACHERON

— Rola não é solução para tudo. Ficou doido? Se fosse, eu estaria comercializando homens e não roupas.

— Qualquer rola não é mesmo a solução. Mas a minha, é. Corra que eu te dou cinco segundos de vantagem. — Agora ele esboça um sorriso malvado. Olho para os lados, segurando firme minha bolsa.

— O quê?

— Corra. Um...

Saio correndo em disparada rumo ao banheiro, onde me tranquei da outra vez. Bato a porta e só então percebo que não tem chave. Maldição. Ele tirou a chave. Meu coração bate descompassado ecoando nos tímpanos. Abro a porta para correr para outro lugar, mas dou de cara com ele sorrindo perversamente.

— Cinco. — Lorenzo fala e me puxa para fora agarrando-me.

Começo a me debater, ele me segura firme e
NACIONAIS - ACHERON

me pega nos braços indo para o sofá. Ele deita em cima de mim, passa o nariz pelo meu pescoço, uma das mãos segura meus braços no alto da minha cabeça e a outra segura meu queixo. Lorenzo passa a língua no meu queixo e lambe meu lábio. Está com gosto de amendoim. Fecho os olhos e tonta de desejo, entreabro meus lábios. Mas ele não me beija. Depois que ele saiu, eu passei o resto do dia querendo sentir o toque dele, seu cheiro e seu abraço. Agora que eu o tenho em cima de mim, não penso em mais nada que Lorenzo fez ou deixou de fazer.

— Beije-me logo. — ordeno, tentando soltar minhas mãos. Ele ri, eu suspiro abalada com a beleza dele. E então, ele abaixa o rosto e me beija. Gemo contra os lábios dele.

É claro que eu o desculpo. A merda do amor é muito cega e burra. Eu amo Lorenzo, nunca deixei de amá-lo, isso faz de mim cega e besta.

Dói-me pensar que nosso tempo em contrato está acabando.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

TRINTA E TRÊS

ANGELINA

Estou fadigada, para não dizer em pânico. Acabo de acordar e estou sozinha no quarto de Lorenzo. Claro que eu achei que ele tinha apenas descido e dei uma vasculhada no banheiro. Escovei meus dentes, decidi esperá-lo para a ducha, pois eu não sou besta, amarrei meus cabelos e ao verificar que os armários, metodicamente arrumados do banheiro, não tinham nada demais, fui para seu closet mais arrumado que o meu. Tinha que ser rápida, afinal, Lorenzo poderia voltar a qualquer momento. Olhei seus ternos, camisas bem alinhadas, separadas por cor, sapatos lustrosos, gravatas enroladas em seus compartimentos quadradinhos.

Abri uma gaveta e me abaixei, ficando agachada com um breve sorriso nos lábios. Olhei para a porta e voltei minha atenção para as cuecas dele. Não é surpresa para mim. Lembro-me de quando eu comprei cuecas para Lorenzo. Ele fez questão de experimentar uma por uma na minha

frente.

Olhei tudo rapidamente, mas o que me deixou mais abalada, foi algo que encontrei muito escondido dentro de uma das gavetas. Estava lá no canto, meio amassado o apanhador de sonhos que eu tinha dado a ele. Lorenzo tinha surtos de pesadelos e insônia e ele gostou muito do presente. Fiquei olhando, acariciando, acho que sem nenhuma expressão no meu rosto. Apenas confusa de ele ainda ter isso que eu lhe dei. Apesar que ainda guardo muitas coisas que ele me deu. Deixei o closet dele e saí. Esperei ele voltar, esperei, esperei e nada.

Agora estou aflita pensando que ele pode ter saído e me deixado aqui, para enfrentar Vilma. Caminho de um lado para outro com o celular na mão. Quase sete da manhã e já mandei duas mensagens para ele. Fico imaginando que se ela estiver aqui, a qualquer momento vai subir e se deparar comigo. E quando a porta se abriu, eu me virei para sair correndo e acertei minha canela na cama. Dou um pulo e seguro minha canela enquanto saltito em um pé só.

— Está se matando aí sozinha?

Aliviada, mas ainda com dor, olho para Lorenzo na porta. Ele entra, fecha a porta e joga o celular e o fone de ouvido em uma poltrona. Arranca a camiseta regata, encharcada e sorri de sobrelanceiras levantadas.

Ainda acariciando minha canela, tento desvendar essa cara. E nem preciso muito para saber que estou presa no quarto com o Lorenzo no modo depravado. Meus olhos abaixam rapidamente e vejo a barraca montada no fino short de corrida dele.

— Estava correndo de pau duro. — Esclarece, sem nenhum problema. Ele está mais gostoso que o normal, com os cabelos para cima, os músculos do peito e braços mais tonificados, barriga trincada, meio brilhosa de suor e as veias dos braços saltadas.

— Corre excitado? — indago.

— Não sempre. — Ele vem em minha direção.
— Mas fiquei pensando em você pelada na minha
NACIONAIS - ACHERON

cama.

— Lorenzo. — Coloco a mão no peito dele. — A Vilma. Se ela já me odeia, imagina se me ouvir gritando palavrões e gemendo alucinada com o caçula dela?

— Não está aqui. — Ele repensa e emenda: — Quer dizer, só se estiver na cozinha. Mas ela não vai escutar nada. — Ele me agarra e eu não fujo. É muito gostoso abraçá-lo. — Prometo que tamparei muito bem sua boca para não fazer barulho. — Rolo meus olhos.

— Você poderia ser menos...

— Excitante? — Ele adianta. O nariz já metido no meio dos meus cabelos, passando pelo meu ombro. Sinto seu dente arranhar ali e fechar em seguida contra meu pescoço, numa mordidinha gostosa. Até minha unha arrepiaria, se unha arrepiasse. Que delícia! Eu sempre me esqueço de como ele é bom e de como eu amo estar com ele.

— Atrevido. — Corrijo.

— Tão atrevido que fui correr sem cueca. — Ele ri e eu acabo tendo que espremer bem os lábios para tentar ser orgulhosa e não rir junto. — Vinha uma senhora na minha frente, com um cachorro. E minha rola balançando dura contra o short chamou a atenção dela.

— Que horror! — Finjo perplexidade. Quero rir.

— Dei meia volta antes de ser acusado de atentado ao pudor.

— Tosco.

Ele ri, beija-me rindo, afasta-se um pouco do abraço e sem desgrudar o olhar do meu, desce o short. Olho para baixo. Minha nossa! Ele está enorme, as veias estão saltadas em seu pau muito duro.

— Salivou? — Debocha.

— Retardado. — retruco e ele nem liga. Livra-se do short com um mini chute, agarra minha mão e começa a me puxar em direção ao banheiro. A
NACIONAIS - ACHERON

bunda, a oitava maravilha.

— Estou com uma ideia aqui. Chuveiro, agora. — Eu nem protesto, já estou em chamas, ardendo.

E quer saber? Não tem coisa melhor que estarmos molhados debaixo do chuveiro, apalpando o corpo um do outro, naquele amasso bem erótico. Aí depois, num impulso, ele me empurrou para a parede de vidro do box e veio por trás, metendo devagar. Eu me contorcia toda espremida entre o corpo dele e o box. Céus, é muita delícia!

Lorenzo me abraçou forte e veio com tudo, aumentando as investidas até ficar bem forte e eu gritar de tanto prazer. Minhas pernas quase viraram gelatina quando a mão dele veio para frente e acariciou meu clitóris dolorido, enquanto não parava de meter bem fundo. Ele chupou meu pescoço, lambeu minhas costas, segurou firme nos meus cabelos molhados e puxou meu pescoço, virei o rosto para trás e recebi sua boca gulosa em um beijo pervertido. Gozei rios.

Depois do banho do prazer, Lorenzo e eu corremos para nos arrumar. Acabei tendo que vestir a mesma roupa que vim para cá ontem à noite. Penteei meus cabelos, deixei de lado, sem franja e o flagrei abismado me olhando. Tipo nem piscava e os olhos levemente saltados. Eu estava sem maquiagem, de cabelos molhados, penteados para o lado e enrolada na toalha.

— O que foi? — indaguei.

— Nada. — Os lábios dele se curvaram levemente. — Quer dizer... bom... nada mesmo.

— Você é estranho. — Voltei-me para o espelho.

— Olha quem fala. — Ele riu e foi terminar de se arrumar.

Fiz Lorenzo me esperar para descermos juntos. E foi melhor assim, afinal, Vilma estava na cozinha. De costas, mexendo no fogão.

— Bom dia, Vilma. — Lorenzo cumprimentou e sem virar, ela respondeu:

NACIONAIS - ACHERON

— Bom dia, querido. Dormiu bem?

— Sim.

— Olha só, fiz... — Ela para de falar quando se vira e me vê ao lado dele. Fiquei muito sem graça. No mesmo instante, a expressão dela mudou. O rosto se transfigurou visivelmente.

— Er... Oi, Vilma. — Educadamente, cumprimentei.

— Oi. — Ela virou-se e foi terminar de ajeitar as coisas. Olhei sem graça para Lorenzo e inesperadamente, ele agarrou minha mão, nossos dedos se entrelaçaram, ele sorriu, como se me confortasse e me puxou.

— Sente-se aqui. — Puxou uma cadeira para mim. — O que disse que tinha feito, Vilma?

— *Focaccia*. — Ela veio e colocou à nossa frente uma bandeja com um pão quadrado, achatado. *Focaccia* é isso. Um tipo de pão italiano.

— Parece delicioso. — Eu digo para tentar
NACIONAIS - ACHERON

diminuir o mal-estar.

— Com certeza, está. — Lorenzo já corta um pedaço. — Sinto muito te dizer, mas Vilma ganha de Lourdes.

Eu apenas sorrio. Claro que não vou discutir isso com ele, dizendo que minha babá cozinha melhor que a dele. Bem aqui, na frente dela. E olha só, temos muitos pontos em comum, que antes pareciam insignificantes. Vilma colocou um copo grande para suco e uma xícara na minha frente, já que só tinha um de cada ali para Lorenzo.

— Obrigada. — Eu agradei, mas ela não respondeu. Engoli em seco, evitei levantar os olhos, mas pude notar que Lorenzo me fitava. Eu sei que o que fiz não foi legal, arrependi-me todos os dias nesses últimos sete anos. Além de ter acabado com a vida de uma pessoa inocente, eu perdi meu grande amor. Vilma é praticamente mãe de Lorenzo e no meu caso eu ficaria também com raiva de alguma fulana que fizesse meu filho sofrer. Mas será que ela sabe que ele também fez coisas ruins comigo? No presente? Levanto os olhos para

ele quando me passa o café. Sirvo café para mim e começamos a comer, calados.

— Eu vou te deixar agora na empresa e...

— Não. Estou com meu carro aí. —
Intercepto, baixinho.

— Eu te levo, depois voltamos para cá. —
Olho para Vilma que presta atenção no nosso diálogo, de canto de olho.

— Vai ficar na *Mademoiselle* agora?

— Não. Vou dar uma passadinha em uma loja para ver uma camisa e gravata para o coquetel. Já marquei um horário. — Olho para Vilma e de volta para Lorenzo.

— Vou com você.

— Para a loja?

— É. — Ele ergue os ombros, como se não tivesse importância.

— Tudo bem.



— Viu a cara da Vilma? — indaguei dentro do carro, colocando o cinto.

— Para de falar da Vilma. — Ele me corta, em tom ameno, nada hostil.

— Eu fico meio sem graça. Por favor, não me arraste de novo para sua casa.

— Não arrastei ninguém. — Ele coloca o carro em movimento e saímos do prédio. — Você que chegou aqui ontem para investigar.

— Mas quem me coagiu a ficar e dormir?

— Nem pode chamar aquilo de coação. Bastou eu tirar meu short.

— Besta.

— Otária.

Sorrio de lábios fechados e ele faz o mesmo,
NACIONAIS - ACHERON

sem desviar os olhos da direção. Ele bate a mão no som e uma música começa. Das antigas, das bregas que ele gosta.

“Você me pede na carta que eu desapareça. Que eu nunca mais te procure para sempre te esqueça.”

— Que horror. — Eu murmuro.

— Modão. — Ele fala sorrindo e eu fico encantada com sua beleza. De óculos escuros e cantando: *“Ainda ontem, chorei de saudade! Relendo a carta, sentindo o perfume (...)”*

E em pensamento, eu acompanho: *“Mas que fazer com essa dor que me invade? Mato esse amor ou me mata o ciúme.”*



Depois passamos na tal loja e saímos abarrotados de sacolas com coisas para ele. Lorenzo tem bom gosto para roupas e não foi um sacrifício vê-lo provar as camisas. Claro que não permiti que as atendedoras fossem ajudá-lo no

provador. Eu ficava lá perto, do lado de fora para entregar novas camisas e sempre pedir: “Deixa eu ver como ficou”. Se elas acharam que iriam ver meu Chefe Amante Malvado sem roupas, estavam enganadas.

Enquanto Lorenzo provava as roupas, eu recebi uma mensagem do detetive. Ele disse apenas: “*Finalizei. Encontre-me agora.*” Abaixo o endereço de onde devo encontrá-lo. Fiquei aflita e eufórica ao mesmo tempo. Tenho certeza de que não vou usar o que descobri contra Lorenzo. Mas agora a curiosidade me corrói a níveis incalculáveis. Desde aquele surto por causa dos policiais, eu preciso entender o que Lorenzo esconde.

Pedi a ele para me levar na empresa e depois ele seguiu para a Orfeu, dizendo que passaria às onze, então me levaria para seu apartamento, onde eu pegaria meu carro. Decidimos almoçar no meu apartamento, ele ligou para Vilma dizendo que não precisava fazer comida.

Assim que Lorenzo saiu, eu pedi a Simone

para cuidar de tudo para mim e corri para me encontrar com o detetive. Pedi ao motorista da *Madde* para me levar e quando chego ao pequeno bar que ele marcou, ele já está numa mesa, do lado de fora, esperando-me. Nós nos cumprimentamos e sentei, esbaforida. Aflita.

— E, então? — Tiro meus óculos escuros e o encaro.

— Bom dia. Como tem passado?

— Bem. Conte-me. — Ele assente, pigarreia e olha para a pasta de papel à sua frente.

— Angelina, já ouviu falar dos Meninos da casa branca nos Estados Unidos?

— O quê? Não. Quer dizer, acho que já ouvi falar, mas não sei o que é. — Já estou com a mão no peito, olhando perplexa para ele.

O detetive mexe em um tablet e me entrega. Olhei e não conseguia controlar minhas mãos trêmulas. Consegui ler o título onde dizia: “Escola dos horrores na Flórida – EUA”. Pigarreei, pisquei

NACIONAIS - ACHERON

e comecei a ler: *“Programa de Reformatório juvenil acabou se tornando A Casa dos Horrores que resultou em várias crianças mortas há mais de cinquenta anos atrás e atualmente homens com graves traumas.”*

As letras começam a embaralhar na minha frente, o nervosismo é tanto que sinto meu coração bater no pescoço. Vou passando os olhos pelo texto e consigo captar palavras de efeito como: “55 corpos; cadáveres não identificados; agressão física e sexual; torturas; intimidação e humilhação”. Não consegui mais terminar. O terror me tomou.

— O que... isso... mas isso aí foi há muitos anos, nos Estados Unidos. — contesto o detetive.

— Sim. — Ele recebe o tablet da minha mão. Está com o semblante carregado. — Mas acabou acontecendo algo parecido aqui no Brasil. E... — Ele abre a pasta e empurra em minha direção. — Lorenzo Lafaiette foi uma das centenas de crianças que foram vítimas do acampamento para os jovens garotos, aqui no Brasil, dezessete anos atrás.

Coloco as duas mãos na boca quando, no alto da página, grudado com um clip, está a foto de um menino muito magro, os ossos da clavícula visíveis, cabelos raspados, uniforme bege. Está assustado. Destruído. Era apenas um rascunho mal feito de uma criança. Nos olhos, havia apenas medo.

— Essa foto, consegui nos arquivos policiais. É o Lorenzo, no dia em que foi resgatado pelos policiais, a mando do avô dele.

Dentro do carro, com o motorista do lado de fora, eu chorei tudo que podia. A tristeza, a pena, cortavam-me ao meio quando me lembrava de tudo que fiquei sabendo, que o detetive detalhou para mim. Tudo que ele enfrentou. O rosto de Lorenzo ainda criança não sai da minha mente, o mesmo medo que vi nos olhos dele quando viu os policiais. Ali era apenas o menino de treze anos, morrendo de medo e precisando de um apoio.

E o que mais me dói é que ele enfrentou tudo sozinho e até hoje segue em frente tentando se agarrar a algo para não enlouquecer. Não importa mais se ele foi mal comigo, ou se eu fui má com

ele. Nesse momento, eu só quero abraçá-lo e não deixar mais que ele tenha todos aqueles medos.

Fiquei pensando em como ele precisou todos esses anos lutar até mesmo para dormir à noite. Fico pensando na dor que ele sentiu ao ser abandonado no altar. Em como ele estava feliz com nosso namoro e futuro casamento e do nada, a pessoa que ele mais confiava o apunhalou, como os pais fizeram ao trancá-lo naquele lugar.

Chorei revoltada com Beth, revoltada comigo mesma por ter sido tão idiota. Chorei, imaginando-o tentando dormir todas as noites depois de perder a noiva e seu futuro como lutador. E possivelmente, tendo pensamentos horríveis.

Pedi ao motorista que me levasse de volta e lágrimas ainda deixavam meus olhos por debaixo dos óculos. Como os pais dele puderam fazer isso? Segundo o detetive que conseguiu acesso aos arquivos policiais, o pai sabia de tudo que Lorenzo sofria, mas achava que ele teria que passar por aquilo para sair de lá uma pessoa de bem. Na ocorrência, o irmão mais velho serviu de

testemunha. Romeo tomou as providências, pedindo ajuda ao avô, para libertar o irmão.

Agora sei por que Romeo e Vilma sentem raiva de mim. Eles viram Lorenzo se reerguer aos poucos, depois de passar por tudo aquilo e depois ser destruído novamente, por mim. Acabei chorando mais.

Chego à empresa, corro para minha sala, lavo meu rosto, retoco a maquiagem e vou para minha mesa. Fico olhando para a proteção de tela do meu computador, apenas olhando. Decido não falar nada com ninguém. Nem mesmo confrontar Lorenzo. Vou apenas observá-lo. Agora poderei ver cada detalhe com outros olhos.

Segundo o detetive, medo de escuro, insetos e insônia, são os traumas mais frequentes nos ex-internos do acampamento. Eles se encontram uma vez por mês no local onde era o acampamento e que hoje é um parque. Os responsáveis foram julgados e presos. O acampamento foi criado por policiais aposentados, ou destituídos dos cargos e tinha apoio do governo. Inicialmente era para ser

mesmo uma boa ação. Mas depois saiu do controle e acabou se tornando um pesadelo.

Ouçó bater na porta e digo para entrar. É Simone.

— Angel, Lorenzo está na sala dele e pediu para você ir vê-lo.

— Obrigada, Simone. — Dispenso-a e saio em passos rápidos, apenas querendo vê-lo logo. Abro a porta e Lorenzo está na cadeira sorrindo, bem relaxado, falando ao celular. Ele levanta o dedo para eu esperar. Está falando com Magno.

Ele está tão charmoso em seu belo terno, com os cabelos sutilmente jogados para o lado, a barba bem feita e a voz calma. Tão cheio de si, um imponente chefe. Mas que guarda muito trauma. Ele termina a ligação e me olha sorrindo.

— E aí?

— Oi. — sussurro. Quero ir até ele e abraçá-lo muito forte, mas fico no mesmo lugar.

PERIGOSAS

— Que cara é essa? — Ele se levanta, recosta-se na mesa, à minha frente.

— Nada. Só preocupada com o desfile.

— Fique tranquila, estou no comando, não tem como dar errado.

— Deus lhe ouça.

Ele vem, passa o braço no meu ombro e me leva para a porta.

— O que está fazendo?

— Casa, comida e cama. O que acha?

— O quê?

— Ir para casa, comer e brincar de “O mestre mandou”, na cama.

— Besta. — Abro meus lábios rindo, levanto minha mão e acaricio sua barba, cheia de carinho e amor por ele. — Muito besta, você.

NACIONAIS - ACHERON

— Quero ver se vai conseguir me xingar hoje, na cama. Prepare-se. — Ele me leva para fora, bate a mão para Simone que fica atônita vendo os chefes irem embora com tanta coisa para fazer.

— Volto às duas, Simone. — Eu grito.

— Se eu deixar. — Lorenzo contrapõe.



Os dias se passam e eu vejo Lorenzo com outros olhos. O jeito que ele dobra suas roupas, a maneira que ele está sempre atento, ter que deixar a luz do banheiro acesa para o quarto ficar meio claro, acordando muito cedo ou não dormindo direito. O coquetel será no sábado e cada dia conseguimos adiantar uma coisa. Lorenzo vai pouco na *Madde*, pois precisa ir para a Orfeu fazer o serviço dele lá e mesmo tendo tomado a empresa, nada mudou, eu ainda continuo dando as ordens finais. Ele apenas assina. Mas nos dias que se seguiram, começamos a passar muito tempo juntos. Analisando e discutindo projetos, almoçando juntos, de preferência no meu apartamento ou em algum restaurante. Ele sabe que Vilma me deixa

sem graça e evita me levar lá.

Eu tinha vontade de chorar sempre que precisava ler algum relatório ou qualquer outra coisa e ele perguntava se eu estava bem. E eu sabia que ele estava preocupado, querendo saber se eu podia fazer aquilo, devido à minha dislexia. Outro dia, tive que ler algo em uma reunião, comecei a pigarrear e senti a mão dele apertar a minha. Olhei, Lorenzo sorriu e fez um breve gesto positivo com a cabeça, incitando-me a continuar. E todas as noites, quando chegávamos cansados, comíamos alguma coisa e deitávamos juntos para mais um capítulo do livro. Acostumei-me com ele lendo, com sua voz rouca, seu cheiro perfumado, sua pele quente. Não tocávamos em assuntos do passado, ou em como nos ferimos fazendo mal um ao outro. Não pedi mais desculpas e nem ele me pediu. Estávamos apenas cumprindo os dias do contrato. Juntos, como casados.

Mas então, hoje, quatro dias após eu ter descoberto tudo sobre o passado dele, fomos dormir ansiosos, pois o coquetel será amanhã e quero que tudo dê certo. Transamos como fazendo

todas as noites e abraçados dormimos. Acordei aterrorizada após sentir a cama balançar e um baque alto. Assustada, tateei ao redor tentando ver o que acontecia e pela penumbra do quarto, vi um vulto correr cambaleando para o banheiro. Tiro meus cabelos do rosto e sento na cama. Lorenzo não está ao meu lado. Fico olhando para a porta do banheiro que está com a luz acesa. Espero barulho de xixi ou uma descarga. Mas nada acontece. Os minutos vão passando. Olho no relógio e vejo que são duas e quarenta da manhã. Tiro o lençol das minhas pernas, levanto da cama e vou até o banheiro. Espio e o vaso sanitário está tampado. Olho mais um pouco e não tem ninguém no chuveiro, empurro a porta e suprimo um grito ao ver agachado no chão rente à parede, Lorenzo. Ele abraça as pernas e mantém o rosto entre elas.

— Lorenzo... — murmuro. E, então, ele levanta o rosto para mim e eu desabo.

Os lábios dele estão brancos e meio trêmulos, a testa suada e fios de cabelos úmidos colados na testa. Os olhos muito saltados e vejo, novamente, para meu terror, o rosto do garoto medroso.

— Lorenzo. — Abaixo e o abraço muito forte. Sem nem perguntar o que ele tem. Ele recebe meu abraço e me aperta, como se precisasse disso. — Está tudo bem. — Não sei o que está acontecendo, mas é só o que consigo dizer. — Está tudo bem. — O corpo todo dele treme e eu me desespero.

— Não... vá embora... de novo, Angel. — Ele pede em um murmúrio de dor. O rosto no meu ombro e tudo em mim se revira com muita dor.

— Estou aqui. Não vou a lugar algum. — Com lágrimas descendo pelo meu rosto, eu prometo a ele.

— Não queria... que... fosse embora.

— Não vou. — Aperto a cabeça dele. Suas mãos grandes, frias e suadas, seguram firme meu corpo. Ajeito-me, sentada nas pernas dele, estamos abraçados, bem apertados. Ele respirando descompassado contra meu ombro e eu chorando baixinho, com o rosto nos cabelos dele.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

TRINTA E QUATRO

ANGELINA

— Para com isso. — Depois de minutos agarrados no chão do banheiro, Lorenzo levanta meu rosto e limpa minhas lágrimas. — Não chore por mim — Sua voz é macia, um sussurro. — Não vale a pena.

— Pare você, droga! — Seguro as mãos dele contra meu rosto, com urgência — Diga-me, conte-me o que aconteceu. Pode se abrir comigo, Lorenzo. — imploro.

— Venha aqui, levante-se. — Ele tenta se levantar, agindo como se nada tivesse acontecido.

— Lorenzo. — Eu o freio, segurando forte nos seus braços.

— Preciso fazer uma ligação. — Ele tira a franja da minha testa e tenta mostrar que tudo está bem, com um belo sorriso falso. Ainda posso ver um leve temor nos seus olhos. — Você está aqui, é o que basta. — Isso soou agonizante e aliviado ao

NACIONAIS - ACHERON

mesmo tempo.

Eu saio de cima dele, Lorenzo se levanta e me puxa, abraçando-me bem forte. Retribuo o abraço, fico quieta e aconchegada no seu corpo forte, não mais trêmulo e agora bem quentinho. Fecho os olhos e respiro fundo, aspirando e exalando contra o peito dele. Ele afasta um pouco, levanto o rosto e nossos olhares se encontram. Ele desce os lábios, dá um beijo na minha testa e me abraça de novo, levando-me para fora do banheiro.

Lorenzo pega seu celular, senta na cama e eu sento toda tensa na poltrona do meu quarto, olhando para ele. Como se eu não estivesse presente, ele digita e coloca o celular no ouvido. Fico surpresa de ele não ter saído do quarto e nem me mandado sair. Logo, ele fala:

— Doutor Estevão, desculpe, sou eu de novo.
— Está de cabeça baixa, acariciando a testa. —
Sim, outro pesadelo. — Ele olha para mim. — Não.
Foi diferente dessa vez. Não, senhor, não sei. Posso
passar no consultório para detalhar? — Fico aflita
querendo ouvir o que Lorenzo tem para falar.

Quase grito para ele contar agora. — Ok, doutor. Não. Não estou sozinho. Angelina. Sim, ela está aqui. — Ele torna a olhar para mim, fica pensativo, escutando o que a pessoa está falando e depois responde. — Talvez tenha sido por isso. Tudo bem. Já estou melhor. Obrigado, passo no consultório às oito.

Ele desliga. Não olha para mim. Caminha até o divã, pega sua bolsa, tira uma cartela e pega um comprimido. Procura mais alguma coisa dentro da bolsa, encontra algo pequeno, como um cortador de unha de plástico, como se fosse uma alavanca, prende o comprimido ali no meio, parte e antes de ele guardar uma das bandas, eu já estou perto dele, toco em sua mão. Ele me olha.

— Apenas um “boa noite, *Cinderelo*”. — Ele sorri, tentando ser descontraído.

— Ceda-me essa metade.

— O quê? — Olha-me incrédulo.

— Fiquei aflita, já ia pegar uma banda do meu para tomar. — Na verdade, eu não preciso de um
NACIONAIS - ACHERON

calmante, só quero fazer ele se sentir normal, tirar esse clima de constrangimento, para ele saber que não é o único que passa apuros, fazer isso juntos e ajudá-lo a se acalmar, sabendo que eu não me importo se ele desmoronou por causa de um pesadelo. Lorenzo olha a bandinha de comprimido e depois de uns segundos, entrega-me.

— Vou pegar água. — Corro o mais rápido que consigo, pego meio copo de água, volto para o quarto e ele está sentado na ponta da cama. Sento-me ao seu lado, jogo a banda de comprimido na boca, bebo um gole de água e entrego o copo a ele, Lorenzo faz o mesmo, pego o copo, deixo na mesinha de cabeceira e recebo um beijo macio e suave, Lorenzo suspira contra meus lábios e em seguida, descansa a testa contra a minha.

— Tive um pesadelo... — Ele sussurra.

— Não precisa dizer. — Afago o rosto dele, a mandíbula coberta por uma camada de pelos negros. — Vamos deitar. — Tranquilizo-o e ele assente. Acomodamo-nos no meio da cama, abraçados, dividindo o mesmo travesseiro e o

mesmo edredom grosso e fofo.

— A que ponto chegamos. — Ele diz, meio sorridente. — Dividir um calmante.

— Casal que vai para a camisa de força junto, permanece junto. — Eu falo, ele dá uma breve gargalhada, respira fundo e ainda sorrindo, diz:

— Você é tão besta, Angel.

— E você é muito otário, Lorenzo.

Encosto o rosto no peito dele e fecho os olhos, bem aconchegada e muito feliz, apesar de ainda estar de coração partido, com pena dele.



Minha cama foi posicionada no quarto de uma forma que o sol não venha me despertar e por isso, o quarto ainda estava na penumbra quando abri os olhos. Mexi-me preguiçosa e senti, bem perto de mim, um corpo quente. De olhos semicerrados, observo que Lorenzo está desacordado, esparramado na cama, de peito pra cima,

ressonando tranquilo, os lábios entreabertos, uma perna em cima de mim, um braço atrás da cabeça e a outra mão meio enfiada no elástico da cueca. Acaricio devagar sua coxa forte, sentindo seus pelos em minha palma. Viro-me lentamente, apoio-me no cotovelo e embebedo-me de sua extrema beleza. Os cabelos despenteados, escuros, cheios, a barba bem feita, braços fortes, peito largo, musculoso, duro e com pelos negros salpicados.

Como eu amo esse homem! Apesar de ele ter sido um filho da puta fazendo tudo aquilo comigo. Dizem que o tempo cura, mas comigo foi diferente. Tudo voltou com muita força em mim, depois de sete anos e descobri, para meu desalento, que Lorenzo continua sendo o único homem que quero e que vai me balançar de verdade.

Rolo para cima dele e o abraço, colando minha bochecha em seu peito. Automaticamente ele se mexe e aperta os braços em torno do meu corpo, abraçando-me. Ele continua de olhos fechados, seu peito subindo e descendo com a respiração calma. Aspiro profundamente, sentindo seu cheiro e nesse momento, minha paz acaba. O celular começa a

tocar.

Eu torço para ele parar, mas continua chato e estridente. Lorenzo se mexe e me olha desperto. Eu me afasto, sento preguiçosamente, desço da cama e corro para atender. É Simone dizendo que estão precisando de mim ou de Lorenzo na empresa, hoje é o dia do coquetel e está tudo um Deus nos acuda. Digo a ela que chego em quinze minutos e desligo. Lorenzo me olha com cara de sono e as mãos cruzadas atrás da cabeça.

— Era Simone. Tenho que ir. — digo.

— Que horas são?

— Nove e quinze. — Ajeito meus cabelos em um coque. Lorenzo nem se mexe.

— Droga. Eu tinha que me encontrar com doutor Estevão às oito. Cacete, dormi demais. — Espreguiça-se e boceja ao mesmo tempo.

— Relaxe, hoje é sábado. — Dou a volta na cama e me sento ao lado dele.

— Está tudo bem... com você? — Procuro um tom manso para abordá-lo.

— Sim, está. Não se preocupe comigo. — fala, olhando para o teto.

— Você poderia parar de tentar parecer durão e falar comigo?

— Não estou sendo durão, Angelina. Só estou me sentindo legal. Pronto, acabou, esquece qualquer outra coisa.

— Quer agir como se nada tivesse acontecido?
— Já impaciente, pergunto.

— Sim. Está tudo bem. — Dá um sorriso mecânico. Senta na cama, dá um tapinha na minha perna — Vamos nos arrumar. Eu te levo.

— Merda, cara. Você me tira do sério. — Levanto-me. Ele joga as pernas para fora da cama, levanta-se também e vem para o banheiro atrás de mim.

— O que está querendo na verdade, Angelina?
NACIONAIS - ACHERON

— Que você deixe eu me aproximar. Eu vi como você estava... essa madrugada.

— Mas agora estou bem. — Assinto, tento ficar calma. Ele começa a sorrir. Esse homem é de uma bipolaridade impressionante. Essa madrugada era um nada em minhas mãos e eu achei que ele ficaria estranho por um bom tempo. Mas agora está aqui, com esse sorriso de deboche e erotismo, como se fosse outra pessoa. Dou dois passos e o abraço. Ele me aperta imediatamente, abraçando-me e beijando o alto da minha cabeça.

— Estou aqui, Lorenzo, e quero te ajudar.

— Estar aqui é o necessário, acredite. — Seu tom é meio pesado, mas sincero. E eu acredito nele.

Eu sei todo o passado dele, ao menos segundo o detetive, mas gostaria muito de saber por ele. Ou saber vestígios do que ele está sentindo, depois dessa noite conturbada. Queria muito poder ajudá-lo se ele me permitisse fazer isso.



À noite, eu já estava vestida com um legítimo *Mademoiselle*, desenhado por mim, exclusivo. É simples, na cor grafite, com recortes nas costas, no busto e na cintura. Esses recortes não deixam minha pele visível, pois são cobertos por renda.

Pedi ao cabeleireiro da *Madde* para vir fazer algo nos meus cabelos e ele os prendeu em um coque bem modelado, preso atrás com uma bela presilha de cristais. Não queria ser o foco, por isso, um vestido de cor séria e nada chamativo nos cabelos.

Quando Lorenzo chegou para me buscar, tentei não avançar nele para dar uns bons beijos, pois estava muito gato, além do que já é. Incrível como sua camisa lhe adere perfeitamente, acentuando seu peito e braços fortes. A calça está bem delineada e já quero que ele vire para eu dar uma olhada na bunda. Ele me olhou meio surpreso e ficou mudo. Modéstia à parte, desenhei um vestido que ressaltasse minhas curvas femininas. Afinal, como salada e pão integral para poder ter o que mostrar.

— Apesar de ser meio megera às vezes, você está gostosa. Eu pegaria. — Ele elogia com brilho divertido nos olhos.

— Digo o mesmo. — Pisco para ele e aproximo para lhe ajustar a gravata. — E o terno?

— No carro. Vamos?

— Sim. — Saio, fecho a porta e coloco a chave na minha carteira. Descanso minha mão no braço que ele oferece e descemos.

Lorenzo veio com motorista e quando paramos na porta do prédio principal da *Madde*, senti-me meio emocionada por estar realizando mais um desejo em relação à *Madde*. De ver tudo isso, todos **esses** fotógrafos, essas luzes e ainda estar ao lado do Lorenzo.

Antes de sair do carro, ele me olha, seu semblante muito leve e feliz. A boca se curva bem de leve. Segura minha mão e fala:

— Faça valer a pena, Angel. — E eu não reajo. Fico olhando para ele, com uma puta vontade

NACIONAIS - ACHERON

de chorar, chorar por eu ter pedido algo precioso. Porque, por mais que eu faça valer a pena, não poderei resgatar o que perdi, que é todo aquele grande amor que nos unia. Tiro meu cinto e avanço em direção a ele, dando-lhe um abraço apertado. Lorenzo corresponde imediatamente.

Afastamo-nos, demos um breve beijinho, não falamos mais nada. Ele sai do carro, abre a minha porta e eu saio para receber, à minha frente, o meu sonho ali estruturado. O belo prédio com as belas luzes e as belas letras bem acima: *Mademoiselle*. Seguro na mão de Lorenzo e entramos sendo fotografados como o casal por trás da marca *Mademoiselle*. Algo que sonhei durante todos os anos passados.

Demos uma breve entrevista, contei mais ou menos sobre os projetos do desfile que acontecerá em breve. Lorenzo também falou sobre a aquisição da empresa, afinal, foi a primeira coisa que eles perguntaram. Ele minimizou que tomou a empresa de mim e disse apenas: “É uma parceria agradável com Angelina”.

Quando entramos e fomos anunciados, as pessoas no salão viraram para nos ver e eu me senti a própria dona, o que não deixa de ser verdade. Quando o contrato com Lorenzo acabar, terei tudo de volta e o perderei. Deixo pensamentos depressivos de lado e sorrio.

Cumprimentamos as pessoas e logo nos deparamos com Romeo e Olivia vindo em nossa direção. Nem preciso dizer como ele está magnífico, lindo em seu terno bem recortado. Mas minha surpresa é Olivia. Ela se veste bem, tem bom gosto com moda, mas nunca a tinha visto tão arrumada. Seu vestido me encanta, ela está muito bela, com seus cabelos penteados de lado, com essa cor bela que eu sempre suspeitei que fossem pintados, mas ela jurou que são naturais. E para quem teve filho não faz nem um mês, ela está ótima.

— Olha isso. — Eu digo para Olivia. — Você está ótima. Esse que você não quis mostrar?

Ela desenhou o vestido e pediu permissão para o setor de costura da *Madde* poder fazê-lo. Mas não

quis me mostrar depois de pronto.

— Sim. — Ela fala sem graça. — Estava insegura.

— Ainda bem que eu existo para ajudar essa mulher, a deixar de ser insegura. — Romeo comenta ao lado, com uma expressão safada, Olivia fica corada e eu rio, apesar dele não ir muito com minha cara.

— Queremos te mostrar uma coisa. — Lorenzo fala comigo e seu olhar volta para Olivia. — Está pronto?

— Sim. Vamos lá.

— O que é? — indago curiosa, seguindo com eles para o outro lado do salão.

— Algo que pensei e Olivia me ajudou a elaborar. — Lorenzo é vago na resposta.

— Oi? — pergunto intrigada, mas ninguém me diz nada. Entramos para um local privado e chegamos aos camarins, onde os vestidos que serão

NACIONAIS - ACHERON

apresentados hoje estão. Daqui a pouco as modelos começarão a vestir.

— Acho que você vai gostar. Meu cunhado não pensa apenas em maldade. — Olivia se aventura a alfinetar Lorenzo.

— Na verdade, você elaborou uma ordem do seu chefe. — Ele retruca e recebe um olhar hostil de Romeo. Eu nem ligo, quero saber logo do que eles estão falando.

A porta se abre e eu vejo à minha frente três manequins cobertos por vestidos exclusivos para o desfile *Supreme*, dois, eu desenhei e um é de autoria de Olivia. Porém são bem diferentes de tudo que já trabalhei. Um manequim é maior que o número 40. Outro é de estatura menor e outro com um modelo mais composto sem perder a originalidade do modelo.

— O que é isso?

— Quando você me disse que não se enxerga nos padrões de beleza que a sociedade impõe, pensei que muitas mulheres sentem-se da mesma

NACIONAIS - ACHERON

forma. — Lorenzo começa a explicar. — A *Mademoiselle*, precisa se abranger, crescer, reerguer-se sólida e para isso, trazer a pluralidade das mulheres. O mundo não é feito apenas por altas, magras e novas — Meus olhos arregalam, viro para ele e sinto um carinho tão grande que não cabe em mim. É, sem duvida, meu “malvado favorito”.

— Lorenzo... é... isso é... Meus Deus! É uma bela ideia.

— Pois é. Conversei com Olivia e pedi à ela que pegasse três modelos principais e fizesse mudanças para novas criações.

Foi um bom momento para eu mostrar ao chato do Romeo que eu não sou tão cascavel com o irmão dele. Minha resposta para Lorenzo foi um sincero abraço e como todas as outras vezes, ele retribui, abraçando-me de volta. Dá um beijinho na minha testa e sussurra, só para eu ouvir:

— Gostou?

— Sim. Muito. Você até que não é um chefe

NACIONAIS - ACHERON

tão ruim.

— Sou um malvado meio bonzinho às vezes.

— Agora temos que desenhar modelos específicos, mas com padrão da *Madde*. — Olivia fala. Lorenzo e eu nos afastamos — Para estarem perfeitos e prontos, no dia do desfile.

— E lembro a vocês dois, quero ver minha garota à frente, no dia do desfile. — Romeo diz.

— Já quero trabalhar nisso. — exclamo eufórica — Você é a melhor aquisição da *Madde*. — Eu digo a Olivia. — E pensar que eu queria te demitir no início.

Lorenzo e Romeo riem como se eu tivesse contado uma piada.

— Fala com ela que era mais fácil *ela* ser demitida. — Romeo bate no ombro do irmão.

— Para de azucrinar, porra. — Lorenzo ralha sem convicção e mantém o sorriso debochado.

— Babacas. —murmuro e caminho para fora com Olivia ao meu lado.



Lorenzo e eu éramos os anfitriões e tínhamos que ficar circulando juntos. Vi Kate de longe e acenei para ela. Está junto com Noah e Olivia. E como um bom pirracento que é, Noah veio falar comigo. Lorenzo ao meu lado conversando com umas pessoas.

— Oi, Angel. — Noah me cumprimenta e sem eu esperar, curva-se e planta um beijinho na minha bochecha.

— Noah. Está tudo certo, não é? Sobre as apresentações e exibição do catálogo...

— Sim. Tudo pronto para começar. Oi, Lorenzo. — Ele acena para Lorenzo que perdeu o interesse na conversa das pessoas e está em alerta. Noah volta a atenção para mim e, propositalmente, passa os olhos pelo meu corpo.

— Você está deslumbrante.

— Obrigada.

— Espero que tenha recebido os devidos elogios. — Ele provoca, falando comigo, mas dando recado ao Lorenzo.

— Tem alguém que não só a elogia, mas sabe fazê-la sentir-se mesmo deslumbrante. — Lorenzo devolve e Noah faz uma careta estranha.

— Será mesmo? Pergunto-me se alguém que joga uma mulher para ser vendida como objeto pode fazer-lhe elogios sinceros. — Lorenzo fica meio pálido, mudo, nocauteado. Fico com medo de os dois brigarem e, então, entro no meio.

— Parou. Chega, você dois. Isso está ficando chato.

— Ok. — Noah assente, Lorenzo vira e se afasta da gente. — Seus pais acabaram de chegar. Já viu?

— Ainda não, vou cumprimentá-los. Prepare a apresentação de fotos lá para mim, volto rápido. — Antes de eu sair, ele me segura.

— Angel, esqueça esse cara.

— As coisas não são apenas como você imagina, Noah. — Afasto-me e vou ver meus pais. Antes confirmo com uma olhada que Lorenzo parece bem, ou pelo menos ele sabe usar uma máscara. Está conversando com Romeo e mais outros homens.

A festa prossegue maravilhosamente bem. Uma banda grande, com um vocalista mais velho, vestindo smoking, mistura rock e instrumentos de cordas, canta uma bela música lenta em inglês e do outro lado, casais dançam. Vou até meus pais, converso um pouco com eles e fico apreensiva, a todo instante buscando Lorenzo com os olhos. Fico com medo que as palavras de Noah possam causar-lhe algo.

Olho em volta e é como se estivesse tudo bem demais, todos rindo, felizes, convidados bem vestidos, a imprensa presente interessada nos projetos que apresentarei daqui a pouco, música muito linda, meus pais despreocupados e orgulhosos. Meu coração salta aflito, como se

sentisse um presságio de algo ruim.

Caminho em direção à Kate e Olivia. Ainda muito atenta com tudo à minha volta. Como se eu só esperasse o pior. Noto, em um rápido vislumbre, Lorenzo fechado, pensativo, enquanto os outros riem e conversam. Antes de chegar à Olivia e Kate, paro e fico olhando-o. E eu tenho uma vontade muito grande de ir segurar a mão dele, pois essa expressão me deixa inquieta. Então ele se vira e me flagra, olhando-o. Os lábios tentam curvar para sorrir para mim, mas travam e vejo uma grande dor nos olhos dele. Meu coração parte por notar um leve sofrimento nele e antes que eu pudesse ir até lá, Olivia e Kate se aproximam.

— Ansiosa para o início? — Olivia pergunta.
— Eu estou.

— Um pouco. Pedi ao Lorenzo que abra os trabalhos da noite. Mas eu apresento a prévia do projeto.

— Ótimo.

— Falando em abrir os trabalhos, os homens
NACIONAIS - ACHERON

de vocês estão escandalizando essa festa. — Kate comenta, vestindo um belo vestido e os cabelos loiros soltos em cachos. Nas mãos, uma taça de champanhe. Olivia e eu rimos.

— Só ouvi verdades. — Eu digo e Olivia balança a cabeça concordando.

— Mas eu estou tranquila, não estou recalcada. Isso por que vocês não viram o patamar do magra com ípsilon que eu estou pegando.

— Sério? Quase podia apostar que você conseguiria o terceiro irmão. — comento achando mesmo que no fundo o Magro ideal para ninguém. O cara é um atrevido, arrogante e pervertido. Que são características parecidas com as de Lorenzo. Mas no Magro são triplicadas.

— Ela não só descartou Magro, como também o primo do Romeu sem nem mesmo conhecê-lo. — Olivia relata. — Eu ia apresentá-lo, mas Kate não quer nem saber.

— Sabe porta de banheiro com aviso de ocupado? — Kate indaga. — Pois é, no momento

NACIONAIS - ACHERON

estou assim. O chato, imbecil, de pau grande que mora ao lado do meu apartamento, está tomando meu foco no momento.

— Ela tá pegando o vizinho mala. — Olivia explica para mim.

— E como ele é?

— Ainda não quis me contar quase nada a respeito.

— Pois é. Ainda estou analisando a situação. Mas que é ultra gostoso, isso é.

Olho de lado, viro o rosto procurando Lorenzo, ele não está mais no mesmo lugar. Não o encontro. Kate continua falando. Agora ela fala sobre as três mulheres em cima do Noah. Parece comentarista de futebol. Mas eu nem presto atenção.

— Acho melhor começar logo. — Eu falo para ter um motivo de me afastar delas e ir em busca de Lorenzo. Elas concordam e eu saio apressada. Vejo-o sozinho ao lado de uma janela. Caminho até

NACIONAIS - ACHERON

lá e toco em seu ombro.

— Preparado? — Ele me olha.

— Sim. Já vai começar?

— Sim. Está tudo bem?

— Está. — Ele dá um sorriso raso.

— Ok. — Decido não apelar muito. Mais tarde converso com ele.

Lorenzo muda imediatamente quando sobe no palco. Ele é bom mesmo em mascarar os sentimentos. Ele dá boa noite a todos e faz um rápido discurso mostrando como a empresa voltou a produzir e está alavancando financeiramente. Ele agradece ao pessoal do banco AMB, amigos dele e que estão presentes. Olho para Davi Brant e ainda sinto raiva dele. Por ter sido um insensível enquanto eu tentava negociar. Ele acena para Lorenzo e olha para mim com sua cara arrogante. Tenho vontade de lhe mostrar o dedo do meio mas mantenho a compostura.

— Agora, chamo aqui para apresentar uma prévia do espetáculo que virá em breve, a diretora de moda, Angelina Velasco. — Ele me convida, estendendo sua mão, sorrindo para mim. Ao som de aplausos, eu subo as escadas, fico ao lado de Lorenzo e começo agradecendo a presença de todos. Agradeço à minha equipe que trabalhou arduamente e ainda está trabalhando para fazer um desfile espetacular. Agradeço em especial a Olivia que tem se empenhado muito, ajudando-me no projeto e montando todo o portfólio de modelos que serão apresentados.

Termino meu breve discurso e peço para começar uma pequena apresentação para todos assistirem. É um teaser, como um trailer e depois teremos um breve e exclusivo desfile, exibindo três vestidos exclusivos. Lorenzo e eu ainda estamos no palco, esperando começar a apresentação, mas nada acontece. Então, vejo um funcionário acenando para mim, de longe.

— Acho que deu um probleminha, vamos apresentar os três vestidos escolhidos como uma prévia. — Eu digo, todos aplaudem e eu cochicho

para Lorenzo:

— Vou ver o que é.

Desço do palco, enquanto a primeira modelo entra. Atravesso o salão pela lateral. Entro numa porta, atravesso um corredor e quase dou um grito ao ver, sendo arrastada pelos seguranças, minha prima, Beth.

— Beth? O que está fazendo aqui? — Paro estatelada e os homens param também. Ela me olha ofegante, com ódio mortal faiscando nos olhos. Está toda arrumada e lembro que ela tinha o convite para comparecer hoje aqui, porém eu havia pedido que não permitissem a entrada dela.

— Você ainda vai ter o que merece, Angelina.
— Ela grita. — Por ter me apunhalado!

— Eu te apunhalei? Você armou para mim.

— Vai ter volta! — Ela berra, sendo arrastada para o outro lado. — Largue-me. — Eles a levam em direção à saída dos fundos. Eu fico abalada e me pergunto o que ela aprontou, se conseguiu fazer
NACIONAIS - ACHERON

alguma coisa.

— O que houve? — Ouço a voz de Lorenzo atrás de mim e tento parecer calma.

— Nada. Decido não contar para ele. — Vou ver o que é, acho que é problema bobo.

Caminho aflita, morrendo de medo, para a sala de controle, Lorenzo ao meu lado. Ele sem saber que há pouco tempo Beth estava aqui.

— O que aconteceu? — pergunto assim que entro.

— Descobrimos no último momento que um dos técnicos iria colocar outra gravação não autorizada para ser apresentada no lugar do teaser.

Sinto um calafrio e me lembro de Beth. Merda, ela aprontou.

— E do que se trata essa gravação não autorizada? — Lorenzo pergunta curioso.

— Não deve ser nada. — Desconverso. —

Coloque a original, por favor. — Peço ao técnico.

— Sim, claro. — Ele começa a mexer nos computadores.

— Não. Espere, ainda não. — Lorenzo estende a mão. — Está acontecendo outra apresentação lá fora. Sobre o que era a outra não autorizada? — Ele torna a perguntar e agora olha para mim, buscando resposta. O técnico também me olha esperando uma ordem.

— Coloque. Eu que mando. — Sem paciência, Lorenzo gesticula. O homem assente, mexe no computador e se afasta para nós olharmos na tela. Letras grandes aparecem com o título: “Mantida refém.”

Minha mão já tá na boca. Estou em pânico. E então, uma narração vai começando a contar tudo. Desde que a empresa começou a afundar, a minha luta de impedir que fosse vendida, até chegar às ordens do chefe secreto. Na sala em que estou com Lorenzo e um dos técnicos, um silêncio sepulcral se forma, enquanto a tela vai exibindo fotos da

Madde, minha e da minha família. Fala do leilão, que fui arrematada por sete milhões, fala sobre a venda da empresa e no fim fala sobre Lorenzo.

E para meu desespero, mostra uma cópia do contrato que eu assinei, aceitando me submeter a ele por dois meses. E que eu estou sem teto, sendo mantida em cárcere privado e sofrendo abusos cotidianos de Lorenzo. Até a mentira absurda de eu ter sido estuprada, a narração descreve. Totalmente desmoralizando Lorenzo. Penso em como isso seria devastador para ele, para meus pais, para todos se fosse passado lá, no salão.

Uma dor muito forte me toma, querendo chorar, correr, abraçá-lo, estou com muito ódio de Beth. Ela sempre faz o que quer e nunca tem uma punição para suas ações. Sempre, desde quando éramos crianças e ela estava à frente, armando, deixando-me para trás. Lembro que muitas dessas coisas eu contei para Beth, ela tinha acesso aos meus documentos e até ao cofre da minha sala, que agora pertence a Lorenzo. E sei que ele não mudou a senha. Beth deve ter encontrado o contrato lá.

E se ele pensar que isso é coisa minha?

A gravação continua e agora mostra uma cópia da ligação para a polícia, aquela vez que eles foram ao meu apartamento e quem não sabe o contexto, pode entender que essa sou eu ligando, pedindo ajuda. Eu ainda olho para a tela do computador que os técnicos de vídeo acabam de mostrar. Uma mão no meu peito e a outra na boca. Aterrorizada, viro-me lentamente e deparo com Lorenzo apático, surpreso e quase destruído. Então ele se vira e começa andar.

— Lorenzo. — Chamo e ele aumenta o passo. Nos meus saltos altíssimos e vestido ampulheta, tento acompanhá-lo. — Lorenzo. — Chamo de novo e ele entra, quase correndo, no salão onde acontece o coquetel.

Minha visão está turva, tudo me engolfa como um soco potente. As lembranças do nosso passado, o dia do nosso casamento, a foto que vi dele quando tinha 13 anos. E eu apenas o sigo cegamente, no meio de todo mundo.

Vejo como se fosse em câmera lenta, Romeo percebe algo e entra na frente do irmão. Lorenzo é parado por instantes, mas dá um empurrão em Romeo, tropeça e sai correndo em direção à saída. Deus, ele está pensando que eu ia fazer isso com ele. Seria a vingança perfeita para acabar totalmente com a reputação dele. Mas jamais faria isso. Romeo me para.

— O que você fez? — Ele rosna, eu estou cega de raiva, de medo, de pavor. Empurro-o com força e falo mais alto que o normal:

— Para! Chega de achar que todos os demônios dele são por minha causa, você sabe que não são. Lorenzo precisa de ajuda e você não vai se meter dessa vez. — Tento me acalmar e imploro: — Por favor, Romeo. Eu preciso resolver isso. — Olivia está ao lado, assustada. — Cuide de tudo pra mim. — peço-lhe — Beth apareceu aqui. — Ela entende e coloca a mão no peito. — peça ao meu pai para continuar a presidir a noite e não deixe seu noivo vir atrás da gente. É problema nosso. — Ela assente e imediatamente segura no braço de Romeo. Eles ficam parados enquanto eu corro o

mais rápido que posso para a saída.

Chego à rua e olho para os lados. Levanto meu vestido, saio na calçada. Ao longe, vejo um carro parar e Lorenzo ir para perto. Ele devia estar esperando o motorista trazer o carro. Corro e o seguro antes de ele abrir a porta.

— Lorenzo, pare!

— Largue-me. — Ele tenta se livrar das minhas mãos.

— Não fui eu, Lorenzo. Olhe para mim. — Seguro no rosto dele. — Olhe para mim, Lorenzo, não fui eu.

Ele me olha.

Olhos inescrutáveis. Sem um tipo de sentimento.

— Foi a Beth. — Ofego — Antes de você chegar lá, ela tinha acabado de ser levada pelos seguranças. Poderá ver depois nas câmeras de segurança.

Ele não protesta. Não tenta me desmentir. Morde o lábio, olha para cima e depois esfrega os olhos.

— Por que ainda está aqui?

— Oi?

— Por que... — Ele começa a falar, a voz falha, cheia de tristeza. — Por que não me odeia de vez, como todo mundo espera que você faça?

— Não te odeio. — Seguro forte as lapelas do terno dele.

— Olha só para isso. — Ele aponta o prédio da *Madde*. — Tudo era seu, todas aquelas coisas que estavam naquele computador eram verdades, o que Noah disse, é verdade. Para de se importar comigo, Angelina. Eu preciso me afastar um pouco...

— Não fale isso. Estamos tendo bons momentos juntos. — Ele segura minhas mãos ainda presas em seu terno. As mãos dele estão geladas.

— Você é mais especial que isso, Angel, quer ficar atrás de mim, querendo me consertar, não há chances.

Lágrimas começam a descer dos meus olhos.

— Talvez se você permitisse que eu te ajudasse...

— Eu sou isso que você está vendo, droga, desde sempre. Apenas afaste-se de mim, não se apegue sentimentalmente esse mês que nos resta. Porque só te fiz mal, fodi sua vida, te humilhei e por que ainda se importa com apenas uma casca de gente como eu? — Uma lágrima desce dos olhos dele. — Nunca esperei de ninguém que me apoiasse ou me amasse com todas as merdas que carrego. Não espero isso de você.

— Não é verdade. Tem a Vilma, seus irmãos.

— Morrem de pena de mim, nada mais.

— Para...

— Olha, eu te leiloei, tomei tudo seu. Esses
NACIONAIS - ACHERON

dois meses de contrato não são para nos apegarmos, pois mais uma vez farei você sofrer, afinal é só isso que faço.

— Para, caralho. — Revoltada, levanto minha mão e esbofeteio a cara dele, com força. Em seguida, encosto minha cabeça em seu peito e caio em um pranto, segurando firme o terno. — Me desculpa. — Lamento pelo tapa.

Em parte, ele está certo, não deveria ter me aproximado tanto, deveria ter feito o contrário. É justamente isso que eu teria que fazer: vingar-me, vê-lo sofrer. Mas, e então, eu seguiria minha vida e pronto? Deixando para trás apenas um resquício de homem derrotado a vida toda? Ele é completamente quebrado e eu não seria uma pessoa boa se desferisse um último golpe. Levanto o rosto para encará-lo.

— Não pense em nada disso. — Eu sussurro, soluçando — Erramos muito. Nós dois nos ferimos, apenas. — Ele também tem lágrimas nos olhos e limpa as minhas.

— Eu não vou pedir desculpas a você. — Ele fala. — Porque apenas um pedido não seria capaz de cobrir tudo que te fiz.

— Para, deixemos esse assunto de lado. Ao menos por enquanto...

Lorenzo, ainda com um olhar carregado, rosto molhado por filetes de lágrimas, sorri brevemente, termina de limpar minhas lágrimas e beija cada uma de minhas pálpebras.

— Você é tão supercalifragilistic... não sei falar essa porra. — Ele murmura e eu rio entre mais lágrimas. Abraço-o bem apertado e Lorenzo me abraça de volta.

Não sei quanto tempo ficamos assim, calados, abraçados, recostados no carro dele. Passaram-se minutos.

— Vamos para casa? — Ele oferece, num resquício de voz.

— Vamos. — Aceito imediatamente.



Fomos para meu apartamento e chegando lá, ele mandou o motorista ir embora com seu carro e subiu comigo. Calados, mas abraçados, entramos, fomos para o quarto e começamos a nos despir. Eu decido que só tem uma maneira de Lorenzo confiar em mim e deixar que eu me aproxime mais. Preciso que ele se abra, não apenas com um psicólogo, mas com alguém que possa entendê-lo. Amanhã mesmo conto tudo para ele, que descobri sobre seu passado. E ele vai me entender e me deixar tentar ajudá-lo.

Tiro meu vestido com cuidado, deixo na poltrona e vou desfazer o penteado. Lorenzo dobra suas roupas simetricamente e fica só de cueca.

— Está tudo bem? — Fico de frente para ele e toco em seu peito.

— Sim. Está.

— Acredita que não fui eu que fiz aquilo?

— Sim, acredito. E vou acabar com a Beth.

Passou da hora. — Balanço a cabeça afirmativamente.

— Nem consegui uma dança com o chefe. —
Eu digo, com o rosto contra o peito dele.

— Não seja por isso. Venha. — Ele me puxa, saímos do quarto e vamos para a sala.

— Creio que não tem modão para dançarmos.
— Ele me desafia.

— Dançar? Agora?

— Sim. Coloque alguma coisa aí.

Um pouco receosa, pego meu celular, escolho uma *playlist*, coloco para tocar e a sala toda se enche com os primeiros acordes de um piano. Ficamos nos olhando a passos de distância. A música é de Adele, claro. Eu sabia que a probabilidade era enorme. Lorenzo levanta sua mão e estende para mim. Apenas de cueca e eu de calcinha e sutiã, nada como eu imaginei.

Eu caminho, seguro na mão dele e nos
NACIONAIS - ACHERON

aproximamos em uma posição de dança lenta. Começamos a nos mover, sem desviar o olhar. A voz grave de Adele cobre todo o ambiente e a letra de *When We Were Young* me faz querer chorar. Lorenzo puxa meu rosto e me beija docemente. Abraço o pescoço dele, suas mãos passeiam pelo meu corpo e em seguida ele me circunda com seus fortes braços. Lágrimas descem dos meus olhos quando Adele canta essa parte: *“Você se parece com um filme. Você soa como uma canção. Meu Deus! Isto me lembra de quando éramos jovens.”*

Ele para de me beijar e vejo lágrimas brilharem também nos seus olhos, pois talvez tenha entendido a letra da música. Sete anos atrás, éramos livres, dançávamos pelados como agora, tomávamos banho de chuva, andávamos de bicicleta. Era perfeito. E isso reflete como dor nos olhos dele, assim como nos meus. Mais lágrimas deixam meus olhos e uma única deixa o olho dele.

— Será que foi mesmo amor? — Ele indaga.

— Acho que nunca deixou de ser. — respondo com muita convicção. Lorenzo puxa minha cabeça

para seu peito e ficamos na minha sala, dançando lentamente de roupas íntimas.

“Deixe-me te fotografar sob esta luz, no caso desta ser a última vez que nós poderemos ser exatamente como éramos. Antes de percebermos, estamos tristes por estarmos envelhecendo. Nos deixou incansáveis. Era exatamente como um filme. Era exatamente como uma canção.”

TRINTA E CINCO

LORENZO

Ontem não precisei de calmante para dormir. Achei que teria uma noite de merda, mas acabou sendo muito diferente. Senti-me sujo e monstruoso ao ver tudo aquilo no computador. Tudo o que fiz com Angelina quando estava cego de raiva. Raiva ou saudade, não sei ainda separar os sentimentos.

Dançamos, bebemos e fomos dormir bêbados. Não tivemos a roda de cachaça com direito a trazer o passado à tona. Apenas bebemos conversando sobre temporadas de American Horror Story, sobre o desfile que vai acontecer, sobre melhor comida: uma cantina italiana ou uma churrascaria típica gaúcha. Esvaziamos duas garrafas de vinho. Fomos dormir trocando as pernas. Ambos chapados.

— Vilma faz comida hoje para você? —
Angelina sussurra, quase toda submersa dentro do edredom, com o rosto no meu peito. Consigo ver apenas o alto da cabeça dela. Brigamos noite passada, rebaixando moralmente um ao outro, pois

eu queria o quarto bem geladinho, mas ela é fraca para o frio. Eu ganhei, claro. Aperto os braços em torno dela, deixando-nos mais grudados. Angelina ronrona manhosa.

— Talvez. Geralmente nos domingos ela fica no Romeo.

— Lourdes não vem. Estamos ao deus-dará.
— Minha mão, por baixo da coberta, passa lentamente pelas costas dela, acariciando o tecido da camisola.

— O que acha de um restaurante? —
Proponho.

— Nem venha com churrascaria.

— Mas tu é fresca, viu?

— Sabe o que meu psicólogo disse? Carne vermelha e álcool aumentam a brutalidade nas pessoas, a violência.

— Tinha que ser fresco igual a você.

— Vou almoçar com meus pais, você almoça na casa do Romeo. — Ela propõe, mas eu acho estranho nos separarmos. Queria poder almoçar com ela. Isso está saindo do controle, essa minha necessidade de ficar com ela.

— Vamos fazer um acordo?

— Mais acordos? — Angelina murmura, preguiçosa — O que seria agora? Meu rim?

— Sua tolona! Claro que não, se liga, cacete.

Ela ri baixinho debaixo da coberta e eu não posso ver seu sorriso, mas sei que está de olhos fechados, com aquela cara de sono, cabelos bagunçados e uma parte do rosto meio amassado, pois ela sempre dorme de lado.

— Não acha que está na hora de levantar? — Ela resmunga.

— Hoje é domingo. Agora escuta minha proposta. Olhe para mim. — Comando e demora uns segundos para ela se mexer e sair debaixo da coberta. Parece um vampiro, vindo para fora com

NACIONAIS - ACHERON

os olhos semicerrados, debruça-se na minha barriga me olhando.

— Vou te foder bem gostoso. Quem gozar primeiro perde. Quem ganhar escolhe onde almoçar.

— Ou seja, churrascaria. Já perdi. — Volta para dentro da coberta, suspirando contra meu abdômen. Eu me dobro de rir.

— Como pode ter tão baixa estima assim? Nem vai tentar, dona Angelina, a poderosa rainha da moda? — Ela tira o cobertor da cabeça e me olha.

— Falou certo. Rainha da moda, não da cama. Você vai me fazer perder e ainda vou ter que me empanturrar de picanha, maionese e chopp.

— Nossa, que castigo maligno. Foder gostoso e se empanturrar de carne e cerveja. Realmente, sou muito malvado.

— Você é cínico. Dá para parar de ficar de pau duro enquanto estou deitada em cima de você?

— Já iniciei os trabalhos de praxe. — Dou duas batidas com meu quadril contra a barriga dela, fazendo-a sentir minha ereção. Ela aperta os dedos nos meus braços e geme se esfregando contra meu pau.

— Sem calcinha! — gemo ao constatar. Minha mão desce e encontra a boceta morna dela.

— Já comecei perdendo. — Ela lamenta quando passo meu polegar de um lado para outro, superficialmente, estimulando de leve o clitóris dela. Esfomeado, enfio minha outra mão por debaixo da camisola, levando-a para cima e chego aos seios dela.

— Ai, droga! Que delícia de peitos quentes. — murmuro, deixo a boceta de lado, pois não posso perder essa oportunidade. — Venha aqui. — Tiro a camisola dela e a puxo para se acomodar em cima de mim, de uma maneira que posso segurar essas duas belezocas nas minhas mãos, apalpando-os e ainda chupando. Um de cada vez, bem devagar, com a língua rodeando a auréola, depois fechando suavemente meus lábios contra o mamilo bem

durinho e em seguida puxando com os dentes, de leve. Fazendo tudo isso de olhos abertos, vendo o prazer banhar de forma clara, o rosto de Angelina.

Não tem coisa melhor do que assisti-la se contorcer com minhas carícias. Está agora de olhos fechados, lábios entreabertos e um som baixo de gemido ecoando pelo quarto. Claro que as mãos estão me esmagando. Uma apertando forte meu braço e a outra quase me deixando careca. Continuo chupando os seios dela e lá embaixo ela rebola pelada em cima da minha cueca volumosa. Isso tudo, claro, debaixo do edredom.

Desço minhas mãos pelo corpo dela, passo pela bunda enquanto minha boca sobe pela sua clavícula e captura sem pressa o pescoço. Meus dedos encontram-na receptiva e molhada. Meto devagar um dedo e Angelina se contorce. Tiro, lambuzo, acaricio com o polegar apenas a entrada, não deixo de chupar e beijar seu pescoço mordiscando até o ombro.

— Uauuu! — Ela geme e joga os cabelos para o lado. Introduzo o dedo até o fim e ela morde o

lábio.

— Lorenzo. — Ela me empurra. Meio aflita, ofegante. — Pare! — sei que é por que o prazer está aumentando e ela não quer gozar. — Deixe... — ela se ergue meio sentada. — Vou fazer outra coisa.

— O quê, caramba?

Sem que eu consiga segurar, ela começa a descer os lábios, beijando meu peito, indo para meu abdômen e vejo que ela quer virar o jogo, dar uma mamada em mim para eu gozar e perder a picanha com chopp e ainda o gosto de ganhar dela. Ela chega na minha cueca, minha mente trabalha apressada bolando alguma manobra.

Desejo um boquete, mas quero ganhar a aposta. A cueca é puxada, sinto meu pau pular para fora e então eu a intercepto.

— Espera, Angel. — Ela para e me olha. — Vire-se, com a cabeça para meus pés. Vamos fazer um sessenta e nove.

— O quê?

— Isso aí. A melhor forma de ver quem ganha e quem perde. — Pisco para ela. Angelina fica me olhando sabendo que estou claramente jogando. Todo mundo sabe que eu não vou gozar. Seguro meu pau bem duro, pela base e balanço ele. — Venha, é todo seu.

Mordiscando o lábio, ela olha para meu pênis e para minha cara. Revira os olhos e acaba cedendo. Vira-se, eu ajesto as pernas dela ao lado da minha cabeça, abraço as duas, a boceta fica diretamente na minha boca. Solto um gemido pois ela aperta minhas bolas e dá uma chupada com sucção gostosa, apenas na cabeça do meu pau. A safada começou sem nem esperar o tiro de largada. Pode deixar. Eu lhe dou um tempo na frente.

Seguro forte as pernas dela e passo a língua na boceta. Angelina retrai, mas continua firme, chupando meu pau, friccionando com a mão bem apertada ao redor. Quero gemer, mas me mantenho controlado e concentrado.

Já no caso dela, não consegue a mesma proeza quando aproximo minha boca e dou uma chupada que tenho certeza que a fez ver estrelas. Até tirou meu pau da boca para gemer e levantar a cabeça. Não parei, lógico, continuei mandando ver. Enfiando minha língua, tirando e sugando com meus lábios. Ela treme em cima de mim e não para, tenta ser guerreira, chupando rápido meu pau que lateja todo inchado. Sinto a pressão gostosa do gozo começando a se formar, mas freio e me controlo.

Concentro-me apenas na boceta em minha cara e chupo, na verdade, devoro numa voracidade impressionante. Dando lambidas longas, chupando como se fosse uma manga, enfiando e tirando a ponta da língua. Sem que eu esperasse, ela geme alto e seus dedos fecham contra minhas bolas.

— Caceeeeteee! — grito e remexo meu quadril, foi dor com prazer. A cabeça do meu pau pulsa. Disposta a me fazer perder, ela crava as unhas na minha coxa, segura firme meu pau e enfia até onde pode, sinto sua garganta e língua enroscando nele dentro da boca. Fecho os olhos e

para não fraquejar, ou fazê-la fraquejar primeiro, meto um dedo dentro dela sem tirar minha língua. Lambidas com dedadas rápidas, um belo combo que vai derrubar as barreiras dela logo.

— Loreeeenzoo! — Angelina se debate, apertando meu pau, eu a seguro firme para não sair de cima do meu rosto e mantenho o foco. Ela volta a me chupar e estamos nós dois soltando gemidos abafados e enlouquecidos contra o sexo do outro. Ela é forte, chupa meu pau quase todo, sem querer dar o braço a torcer, tentando ao máximo prolongar o gozo. Até que eu venço, como era de se esperar.

Ela ondula ferozmente em cima de mim, tenta me fazer parar, eu a seguro e em instantes Angelina está vibrando e gemendo como uma louca enquanto sua boceta pisca e o orgasmo vem potente.

— Você trapaceou! — Ela acusa depois de se recompor.

— Não, senhora. Como eu poderia trapacear?

— Você. Trapaceou. — Revoltada senta-se na cama. — Não valeu.

NACIONAIS - ACHERON

— Das duas uma, ou você não sabe perder ou tá querendo um tira teima. — Ela sai da cama, caminha para o banheiro, dou um pulo e a sigo. Capturo-a contra a pia enorme do banheiro.

— Vamos lá, durona. Pau *versus* boceta. Não há como dizer que é trapaça. — Nem espero ela dizer nada, capturo sua boca em um beijo possessivo e Angelina revida de imediato. Consigo colocá-la sentada na pia do banheiro e nos agarramos, aos beijos, com ânsia. Começo a esfregar meu pau no meio das pernas dela e Angelina me empurra.

— Para. Já ficamos sem camisinha duas vezes.

— Hã... Angelina... — tento voltar a beijá-la, mas ela coloca a mão na minha boca.

— Não, Lorenzo. Nem pensar. Morro só em pensar em malvadinhos...

— Escuta, fazemos e mais tarde você toma uma pílula.

— Por que tenho que tomar uma pílula depois sendo que você pode se proteger agora?

— Ahhh! — berro com raiva e saio do quarto. Vou na minha bolsa, pego um preservativo e já volto rasgando o pacote.

— Vai ver só — aviso, desenrolo a camisinha no meu pau e vou para cima dela. — vou fazer você perder com muito gosto. Vou te foder tão gostoso que vai desejar logo ter um orgasmo. — Abraçamo-nos e mais uma vez abocanho os lábios dela.



Como eu ganhei duas vezes, fazendo-a gozar antes, decidi em que lugar almoçaríamos. Ela ficou emburrada inicialmente, mas não deixou de se arrumar toda. Entrou no carro comigo e seguimos para o lugar que meus irmãos e eu sempre vamos quando queremos uma boa carne. Parei o carro e Angelina ficou atenta, olhando curiosa para o lugar que a levei. Poucos minutos de casa.

— Nunca tinha vindo?

— Não. Já disse que não me dou bem com churrascaria. — Descemos do carro e automaticamente seguro a mão dela. Angelina aperta meus dedos, olha para nossas mãos e depois para mim. Fica rosada. — Mas já ouvi falar.

— Sim, é famosa. A “Fogo de chão” tem em várias partes do Brasil e dos Estados Unidos. Sempre que tem grandes reuniões, jantares ou eventos lá na Orfeu, trazemos todos para cá.

— Parece requintada. — Ela analisa — Não sabia que uma churrascaria poderia ser requintada.

Entramos e logo fomos guiados para uma mesa do lado de fora, onde tem uma vista exuberante para o Pão de Açúcar.

— Nossa! É lindo isso aqui. — Ela exclama. Tira os óculos escuros e me olha sorridente. — Estou quase convencida a comer um tiquinho de carne, só por conta do lugar.

Eu rio, tiro meus óculos e o penduro na gola da camiseta. Sentamo-nos, ela fica toda elegante sentada ereta e de pernas cruzadas, os cabelos bem

NACIONAIS - ACHERON

penteados e a franja penteada para cima, presa no alto da cabeça. Está tão linda que ficaria o dia todo apenas olhando-a.

— Confortável? — pergunto.

— Sim, muito.

— Quer um vinho ou prefere beber outra coisa?

— Começaremos com vinho. — Ela decide.

Escolho um vinho para nós e claro, peço o rodízio. Angelina tentou negociar, dizendo que ela não queria rodízio, pois não iria comer tanto assim e que poderia beliscar do meu. O garçom a avisou que tinha buffet de salada, mas eu não permiti.

— Cara, você come salada a semana toda. Permita-se comer uma boa picanha, um cupim ou medalhão.

— Ok. — De má vontade ela aceitou.

— É um insulto vir a uma churrascaria e pedir

salada.

Penso que ela vai me rebater, mas não faz. Está de olhos meio arregalados, fixos do outro lado. Sigo o olhar dela e vejo literalmente uma multidão. Eles nos veem e uma mulher ruiva com um bebê no colo acena para Angelina. Ela vem e todos os outros vêm também. São os banqueiros da AMB e toda a família. Mil crianças.

— Oi, Angel. — Maria Luiza cumprimenta Angelina, enquanto os caras vêm me cumprimentar. Eles ficam me olhando sem entender por que estou aqui em pleno domingo almoçando com a tal megera dos infernos. Angelina assente e cumprimenta as outras três mulheres, enquanto Maria Luiza as apresenta.

— Cara, os negócios estão dando certo. A festa ontem colocou vocês em outro patamar. — Davi comenta um pouco mais alto, só para Angelina ouvir.

— Sim, está tudo indo de vento em polpa.

— Eu sabia desde o início. Só precisava de
NACIONAIS - ACHERON

boa gestão e você deu isso à empresa.

— É verdade! E aí, passando um domingo longe da confusão?

— Na verdade, trouxemos a confusão para acabar com o domingo das pessoas. — Max se adianta e mostra em volta a gritaria das crianças. O mais novo ainda é bebezinho, filho do Enzo.

Olho de soslaio, Angelina conversa mais baixo com as mulheres, como se explicasse algo. Todas prestam bastante atenção.

— Espere aí, Bernardo! Oh, Senhor, me dê paz! — A mulher de Davi fala para o filho gritando com ela.

— Papai! — Uma menininha ruiva vem chorando para perto de Enzo. — *Flanz* me bateu. — Enzo a pega no colo e dá uma olhada feia para Max, o pai do agressor.

— Vamos deixar vocês em paz. — Enzo fala, despedem-se e eles saem levando o caos com eles.

— Meu Deus! Quanta gente. Imagina quando esse tanto de criança crescer. — Angelina comenta, vendo-os se acomodarem mais longe numa mesa grande.

— Eles vêm sempre aqui. Não foi coincidência encontrá-los.

— Gostei delas, das esposas. Já conhecia a Malu, parecem bem unidas.

— Assim como eles. — Eu comento sobre os caras.

— Disso, eu sei. Os três imbecis ali se uniram contra mim.

— Na verdade, uniram-se a meu favor. É diferente.

O olhar que Angelina me envia não é hostil. Apenas fica me olhando por algum tempo. O vinho chega, peço para deixar a garrafa na mesa e ela continua pensativa. Agora olhando fixamente para a mesa dos executivos, lidando com o batalhão de crianças.

— Você tem mesmo vontade de um dia... sei lá, ser pai? — Ela me encara. Dou de ombros.

— Não tão cedo. Não está mesmo nos meus planos. Por quê?

— É o que parece. Toda vez que peço para usar camisinha...

— É só por não gostar mesmo de transar com camisinha. Não acho que seria um bom pai.

— Como assim? — Angelina está agora totalmente interessada em mim.

— Ah... não sei. É difícil, Angelina. Muito difícil. Não vou desgrçar a vida de uma criança com toda essa carga que eu tenho que carregar todos os dias.

— Não diga isso. — Ela segura minha mão em cima da mesa. — Olha lá, — aponta para a mesa do executivos — todos têm instinto paterno e materno inato. — Dou um sorriso de deboche, puro cinismo.

— Será mesmo que todos têm?

— Para de ironia, não diga isso sobre você mesmo, seria sangue do seu sangue, por que não poderia ser bom para ele?

— É uma boa pergunta. Por que um pai não é bom com o próprio filho?

— Você está falando do seu pai. E eu estou falando de você, Lorenzo Lafaiette, que é totalmente diferente dele.

Eu não sei como ela percebeu que por entrelinhas, eu me referia a meu pai. Olho para nossas mãos e lentamente puxo a minha. Angelina já fica tensa.

— Jamais... — Engulo as palavras e pigarreio. — jamais poderia ver um filho meu sofrendo por minha causa. Por isso, prefiro apenas observar os outros. Como ver Romeo cuidando do filho dele.

— Você não faria ele...

— Angelina, esse é um assunto que não
NACIONAIS - ACHERON

precisamos debater. Não vou ter filho, não quero arriscar acabar com a vida de um inocente.

— Mas, e... transamos duas vezes sem camisinha. E se eu engravidar?

Eu percebo que o sangue fugiu do meu rosto. Fico perplexo olhando para ela, morrendo de medo dessa hipótese.

— Não vai acontecer. — afirmo.

— E se acontecer? Não é algo que escolhemos...

— Não. Vai. Acontecer. — Sibilo cada palavra com cuidado.

— Então... — ela ainda insiste. — Você é daqueles que manda tirar o bebê? Eu jamais faria isso.

— Cacete! Claro que não. Não seria tão covarde e filho da puta. Mas não quero um filho e sei que não vai acontecer. Ponto.

Deus é pai. Ele não vai deixar que eu tenha que ser responsável por uma criança. Tenho sangue daquele miserável, herdei os genes dele e tenho medo desse gene ruim prevalecer e eu acabar machucando meu próprio filho. Teve momentos, quando eu estava fazendo Angelina sofrer, que eu não me sentia melhor que ele, meu pai, às vezes, eu o via em mim. Quando lá no clube, no dia do leilão, ela pediu ajuda e eu não fiz nada. Prefiro morrer a ter que ser o culpado pelo sofrimento de um filho.



ANGELINA

Quando chegamos em casa eu não estava mais aguentando. Queria contar logo para Lorenzo que eu descobri tudo e que entendo perfeitamente os medos dele. Ele sofreu muito ainda criança e é normal ter medo de fazer o mesmo com um possível filho.

Tivemos um almoço maravilhoso. Eu logo cortei o assunto. Disse que tudo bem, que eu não estava grávida e iríamos deixar isso pra lá. Ele se animou e quando a primeira rodada de carne

chegou à mesa, Lorenzo estava radiante como um crítico gastronômico, explicando-me tudo que estava ali, em nossa frente. Eu nunca sei diferenciar tipos de carne. Sei que tem aquelas mais gostosas, mas ver assim, na minha frente e saber que é uma picanha ou outro tipo, jamais saberia. E não foi nem um pouco ruim o churrasco. Estava delicioso e nem precisei recorrer à salada.

— Estou cheio. Só quero um pouco de cama.
— Ele disse, sentado no meu sofá, arrancando os sapatos. Já sem camisa. Foi a primeira coisa que tirou quando entrou aqui. Caminhei para meu quarto, sentei-me em frente ao espelho e comecei a tirar a montagem. Lentes, maquiagem, penteado. Pensando em como eu iria abordá-lo e dizer que coloquei um detetive em seu encalço.

Lorenzo acusa Vilma e os irmãos de não o amarem, mas sentir pena. Ele não quer se sentir vítima e ter a pena de ninguém. E seria uma catástrofe ele acreditar que eu estou apenas com pena dele, sendo que na verdade me preocupo muito.

Troco de roupa e quando volto para o quarto, ele está só de bermuda deitado na minha cama, mexendo em seu celular.

Eu passo, vou para a sala, pego o livro e volto. Deito-me ao lado dele, ajeito os travesseiros atrás da minha cabeça. Lorenzo se arrasta na cama e deita a cabeça na minha barriga, abraçando-me.

— Deixa esse livro. — Toma o livro da minha mão — Venha dormir.

— Não costumo dormir à tarde. — Tento pegar meu livro. Lorenzo o empurra para o outro lado e me abraça.

— Mas hoje vai dormir.

Eu desisto, tiro os óculos e me ajeito contra o corpo dele, para ver se consigo dormir.



Quase à noite, depois que tínhamos acordado, eu decidi que seria o momento de contar logo e talvez tudo ficaria bem. Estávamos na sala,

desliguei a TV para chamar a atenção dele, quando Lorenzo me olhou e eu disse:

— Quero te falar uma coisa.

— Diga.

— Lorenzo, primeiramente quero que saiba que não foi premeditado, eu só estava procurando algo para usar contra você e... — Eu perco a fala. A cara dele já está bem expressiva, sobrancelhas juntas, olhando-me sério. — Eu já sei de tudo.

— Tudo o quê?

Levanto-me do sofá inquieta, aflita para falar a verdade. Fico olhando para ele com uma das mãos na boca. Sinto as lágrimas quentes inflamarem meus olhos.

— Sobre tudo Lorenzo. Seu pai, o acampamento, seus traumas... — Ele fica muito pálido, encarando-me, como se quisesse acreditar que nada disso fosse real. Demora muito para ele reagir.

— Como... o que você fez?

— Desculpe-me. Eu queria usar algo contra você e acabei descobrindo sobre isso, sobre o que você passou quando tinha treze anos, todas aquelas coisas horríveis. — Volto a me sentar ao lado dele. — Eu te entendo perfeitamente, eu quero que saiba que pode contar comigo e que...

— O que você fez? — Ele se levanta. Hostil, muito bravo. Os olhos arregalados cheios de fúria.

— Calma. Eu sinto muito por tudo que passou...

— Você não tinha o direito. — Ele grita e vai para o quarto. corro atrás e fico pasma ao vê-lo vestir uma calça.

— Lorenzo...

— Acabou! Tudo. Contrato, porra de parceria! Acabou! — Grita revoltado, — vestindo-se apressado.

— Para! — Eu grito e o seguro. — Olha para
NACIONAIS - ACHERON

mim. Para e me escute.

— Você não tinha que ir atrás do que não é da sua conta. Já deu, acabou, Angelina! — Eu já estou em lágrimas, seguro firme o rosto dele. Totalmente apagado, sem sentimentos, olhando-me com raiva.

— Não fiz nada contra você. Estou aqui para te ajudar, eu quero te ajudar.

— Você que precisa de ajuda a partir de agora. Por ter ido mexer no que não é de sua conta.

Ele termina de se vestir. E sai rápido. Não corro atrás por que ele precisa ter esse tempo para engolir a notícia. Ouço a porta bater e sento-me na cama em lágrimas. Vendo meu paraíso provisório ruir.

Merda! Por que ele é tão idiota?

Não deito chorando sentindo o cheiro dele no travesseiro. Não me desespero, não faço nada precipitado. Apenas espero. O dia acaba, chega a noite e eu continuo esperando. Ele não atende minhas ligações e nem responde minhas
NACIONAIS - ACHERON

mensagens.

À noite, tomo um banho, visto-me e pego meu celular. Ligo para Olivia perguntando se Lorenzo apareceu por lá. Ela diz que não, conto mais ou menos que brigamos e peço para ela ligar para Magno e Vilma, para ver onde ele está. Espero pacientemente o retorno dela. Olivia liga depois dizendo que Magno não o viu hoje e muito menos Vilma.

Ela pergunta se é algo sério, eu digo que não. Que foi apenas uma briga e sei exatamente onde ele está. Agradeço, desligo, jogo o celular numa bolsa, calço saltos, me arrumo totalmente e saio de casa. Eu não vou simplesmente desistir agora e deixá-lo sair batendo porta indo embora como uma criança rebelde. Lorenzo não precisa que alguém bata de frente com ele e sim que alguém o entenda, sem sentir pena, apenas o entenda.

Já passa das nove da noite quando eu paro no lugar que tenho certeza que ele está. Pego os saltos, pois tirei para dirigir, saio do carro e atravesso a rua.

PERIGOSAS

Chegou a hora de ele ter que confrontar o
passado dele.

NACIONAIS - ACHERON

TRINTA E SEIS

LORENZO

Senti a dor do soco e levantei os dois braços em defesa na frente do rosto a tempo de me proteger do segundo soco. Desvio para o outro lado e me afasto do meu oponente. Ficamos a uma boa distância, sinto meu olho pesar por causa da pancada que levei. Com a cabeça cheia de merda, sem nenhum foco na luta, eu cambaleio, vou para o outro lado e sou surpreendido por um ataque. Mais uma sessão de socos, protejo-me e nesse momento recebo um golpe certo quando me distraí e vi ali parada fora do ringue, Angelina me olhando aflita. Caio por causa do soco, meu oponente monta em cima de mim e me aplica um mata leão. Dou dois tapinhas e a luta termina dando-lhe a vitória.

Hoje não há uma luta formal. É mais como um treino, na plateia, apenas alguns caras que frequentam o bar e alguns outros lutadores. Ian me ajuda a levantar e me leva para um banquinho no canto. Me dá água e enquanto eu bebo, pressiona uma toalha no meu ferimento.

NACIONAIS - ACHERON

— Tudo bem?

— Sim. — resmungo.

— E aí, cara? Tudo beleza? — Nem preciso levantar a cabeça para saber que é o cara que estava lutando comigo.

— Beleza. — Eu digo, ele bate no meu ombro e sai.

Eu fico um pouco de cabeça baixa, pressionando o olho e quando enfim levanto a cabeça e abro os olhos, vejo que Angelina ainda está ali plantada, do lado de fora da grade, com uma expressão de temor. Então não foi uma ilusão da minha mente. Ela está aqui mesmo. Uma fúria me toma, por tudo. Por ela não ter respeitado os limites e mexido no que não é da conta de ninguém. E o pior de tudo é o sentimento de vergonha misturado com a raiva. Ela é a única pessoa que eu não queria que soubesse de toda a merda que aconteceu comigo.

Levanto, Ian tenta me auxiliar, mas digo que está tudo bem. Sem nem olhar para Angelina sigo
NACIONAIS - ACHERON

rápido para o vestiário. Ouço saltos atrás de mim e sei que ela me segue. Entro no vestiário e ouço Ian dizer:

— O que está fazendo aqui?

E, em seguida, ouço a voz de Angelina, um pouco antes da porta fechar:

— Precisamos de dois minutos, por favor.

Sento no banco de madeira e com os nervos inflados e as veias bombeando sangue muito rápido, começo a desenrolar a faixa na minha mão.

— Então decidiu vir se matar? Não acha que teria que estar vivo amanhã para poder acabar comigo? — Não respondo porque sei que se falar alguma coisa vou acabar ofendendo. Não satisfeita, ela senta ao meu lado e toca gentilmente no meu braço.

— Lorenzo.

— Saia. Daqui. — vocifero.

— Não vou sair e você também não vai. Você precisa encarar tudo isso, precisa...

— Então você vai me falar o que preciso? —
Eu levanto e ela fica de pé também, prontamente.
— Vindo de uma mulher que acabou com minha vida?

— Olha só quem fala. — Ironiza.

— Eu tive motivo e você? — grito com ela, sentindo as veias pulsarem em meu pescoço — ouviu apenas uma fofoca da vagabunda de sua prima.

— O assunto aqui não é nosso casamento, Lorenzo. — Ela fala com voz macia — Vim aqui por que você precisa encarar os fatos, conformar-se que teve um passado difícil e não ficar apenas remoendo um ódio ao seu pai falecido. Por favor, não se feche mais, não coloque culpa em mim pelo que sofreu.

Ando rápido até ela e seguro com força seus dois braços. Com um olhar igualmente feroz, ela me encara.

NACIONAIS - ACHERON

— Você. Não. Sabe. De. Nada! — rosno com fúria, com dentes cerrados. Solto os braços dela. — Acabou, Angelina! Vou terminar o que eu já deveria ter feito com você.

Algo toca profundamente dentro de mim ao ver os olhos dela começarem a ficar brilhantes de lágrimas. Eu a empurro, mas Angelina não se afasta e começa a me dar uma sucessão de socos. Uma lágrima escorre de seu olho.

— Seu babaca! — Ela berra — Vai me repelir, vai acabar comigo mais uma vez, e aí? Vai se sentir melhor? Toda essa sua bagagem vai desaparecer se me fizer sofrer de novo? — Tento me afastar com brusquidão, mas ela me segura forte, nos meus braços nus e suados. — Para de fugir, droga! Enfrente a si próprio, Lorenzo! Ao invés de tentar apenas sobreviver um dia de cada vez.

— Você não entende porra nenhuma! — Berro, sentindo minha garganta arranhar — Colocou a merda de um detetive na minha cola...

— Como você fez comigo. — Ela me
NACIONAIS - ACHERON

interrompe. Ainda me segurando forte, nossos rostos bem pertos.

— E acha que só por que viu um arquivo de um detetive sabe de tudo? Sabe mesmo, Angelina? Ou está aqui apenas tentando cumprir sua cota de caridade agindo por pena?

— E você acha mesmo que tenho pena de você, nesse momento? — Ela não se afasta e grita na minha cara — Talvez eu tenha do Lorenzo criança, mas minha pena maior é de um homem que vai viver a vida toda quebrado por dentro, sem permitir que ninguém o ajude.

Vendo pura sinceridade nos olhos dela, eu esfrio mais e aquela nuvem turva que cobria de ódio minha visão, começa a dissipar. Então eu vejo o belo rosto delicado, angelical, os olhos azuis, grandes, encharcados de lágrimas. Meu coração se parte. Agora tenho raiva de mim, por mais uma vez fazê-la ficar assim. Solto-me das mãos dela.

— Deixe-me em paz. — falo mais calmo. Volto a me sentar no banco. — Você não faz a

mínima ideia. Você não sabe...

— Sei! — ela senta-se ao meu lado. — Se tem uma pessoa que sabe o que tá falando, sou eu. Por que enquanto eu não admiti a mim mesma que tinha um problema e que precisava de ajuda, eu não consegui seguir em frente. Ou você acha que é fácil levantar todos os dias com medo de colocar a cara porta a fora e sentir um ataque de pânico ou ser motivo de chacota por não conseguir ler e escrever como todo mundo? Olho para ela e ficamos nos encarando.

— É tão mais complexo... — murmuro — é doentio demais para compartilhar. Apenas me deixe, Angelina.

Ela levanta a mão e acaricia minha barba. Seus dedos delicados sobem no meu rosto, passam perto do meu olho ferido e eu fecho os olhos.

— Não é mais questão de vingança ou disputa. — sussurra dolorosamente. — Eu só queria... queria muito que de alguma forma pudesse te fazer se sentir melhor. — Abro os olhos e a encaro.

— Não há como.

— Eu sei que não há mesmo chance alguma de reverter tudo o que você passou, mas você pode amenizar. Encare como um fato, como um passado que não pode mais tocar em você. Não se feche para as pessoas que de fato se importam com você.

— Você já deu seu recado.

— Eu não vou te deixar aqui sozinho... se matando. — Ela segura em mim. — vamos pra casa.

— Eu preciso e quero ficar sozinho. Quero que vá embora.

— Lorenzo... Não faça isso. Deixa de ser cabeça dura.

— Eu estou indo para minha casa, Angelina. Quero que vá para a sua. — Em uma rapidez automática, ela se joga em cima de mim e me abraça bem apertado. Quase como se quisesse que nossos corpos fundissem.

— Queria te abraçar por milhões de anos para você saber que me importo de verdade. — ela balbucia. Eu fico paralisado, sentindo o corpo quente e delicado dela. Depois ela se afasta, enxuga as lágrimas, assente e levanta. Está com uma expressão de derrota, como se tivesse perdido a batalha. Pega a bolsa que caiu no chão e me olha. Tento permanecer impenetrável, durão. Mas uma dor me engolfa, pois tudo fica muito melhor e mais feliz quando ela está por perto.

Ela caminha para a porta em seu sofisticado vestido, segurando sua elegante bolsa, andando em seus caros saltos. E uma imagem de anos atrás me toma por completo. Essa dualidade, ela tão linda e elegante em um lugar como esse.

— Procurou-me por todo lugar até chegar aqui? — pergunto quando ela já tinha aberto a porta para sair. Ela gira o pescoço para me olhar.

— Certa vez, um lutador disse à garota da cidade que se algo não fizesse mais sentido na vida dela, que viesse ao Búfalo, pois aqui problemas não entram. E então a garota respondeu que se

lembraria disso. E hoje, eu me lembrei.

Ela vira as costas e sai. Eu fico pior que um pedaço de bosta ali sentado, sentindo-me pior do que nunca. Vejo-me tão terrivelmente abalado que nem se eu morasse debaixo da água ou tomasse uma cartela de calmantes, poderia melhorar essa sensação.



Meia noite, eu não conseguia mais ficar no meu apartamento sozinho, bebendo vinho na garrafa e sentindo tudo dentro de mim se revirar, parecendo que meu corpo estava inconformado, parecia que algo vital faltava para eu me sentir melhor, vivo. Tinha vindo do Búfalo, pouco mais de uma hora atrás, Ian me trouxe.

Inconformado, arrependido e muito estranho como jamais me senti, vesti-me novamente e saí. Peguei meu carro e dirigi na noite sozinho, com os pensamentos mais rápidos que o carro. Quando entrei no apartamento de Angelina, tudo já estava escuro.

Acendo a luz da sala, sento no sofá e fico esperando não sei o quê. Vejo o livro dela ali, o livro que estávamos lendo todas as noites. Sorrio para ele, passo os olhos pelos sapatos dela no chão, olho para meu relógio que acabou ficando na mesinha. Tiro meus sapatos, levanto e caminho pelo corredor, empurro a porta e, na cama, embrulhada, ela dorme encolhida, o quarto geladinho e com a luz do banheiro acesa. Como eu sempre faço. Mal me sento na ponta da cama e Angelina se vira rápido.

— Lorenzo? — ela murmura. Eu continuo de costas para ela. Sentado ereto no escuro tênue do quarto.

— O lugar cheirava a prisão de segurança máxima. — Minha voz falha, um fio fraco. — Eu nunca tinha ido em uma para comparar, mas tinha certeza que era aquele cheiro. — Ouço-a mexer-se atrás de mim, possivelmente se sentando. Não diz nada. Eu engulo em seco e prossigo: , — Se eu fechar os olhos agora, e apenas me deixar voltar e derrubar todas as barreiras que doutor Estevão me ajudou a construir... posso me ver aos trezes anos...

— Então derrube as barreiras. — Ela sussurra.
— Enfrente tudo isso. — Vem para mais perto, segura minha mão, nossos dedos se apertam. Eu fecho meus olhos.

Estou com treze anos, durão, rebelde, brigando na escola, armando pequenas armadilhas para meus irmãos e vizinhos, dando tiradas nos convidados do meu pai, desobedecendo-o e continuando brincando nas ruas, com os moleques da vizinhança, jogando futebol num campinho próximo à favela.

Por isso, estou aqui nesse carro com meus pais indo para algum lugar desconhecido. Meu pai é rico, famoso e austero demais para suportar um filho de treze anos que não quer seguir as doutrinas da família. Minha mãe sempre acatando as ordens dele, apoiou-o quando ele decidiu me trazer.

A gota d'água foi quando eu fui pego pela polícia junto com outros moleques, roubando em um mercadinho. Não roubei nada, eu só estava com eles, mas para a polícia não tem isso. Eles

deram uns tapas na gente, levaram-nos para a delegacia e quando meu pai veio furioso me buscar, o delegado lhe deu o endereço desse lugar. Disse que uns amigos dele estavam dirigindo-o e que eu iria aprender a me comportar lá.

O motorista parou o carro, abriu a porta e eu pude ler: "Acampamento de férias para jovens hiperativos". Até aí, tudo bem. Era um belo lugar no meio de uma floresta, quase impossível de alguém detectar. Eu via ali uma folga para aquela minha família cheia de detalhes e regras.

Atento a tudo, vendo uns meninos ao longe jogando futebol e outros correndo em esquadrões, entrei contente achando que encontraria atividades ao ar livre, teria aprendizado de escoteiro e me divertiria com meninos da minha idade.

Fiquei com minha mãe enquanto meu pai conversava com um senhor que vestia uma farda, como as de policiais. Depois ele veio, não falou nada comigo, apenas com minha mãe: “vamos”. Então ela se curvou, deu-me um beijo e caminhou com ele para o carro.

Com minha pequena mala, fiquei olhando o carro se afastar. Mas assim que meus pais foram embora, dois homens de meia idade vestidos como guardas, com fardas cinza, pegaram-me com muita brutalidade, jogaram-me no chão com violência e pisaram na minha cabeça com a grande bota. O outro cuspiu na minha cara e berrou: Vamos ver se você não vira um anjinho quando sair daqui em dois meses.

Difícilmente eu chorava. Mas naquele lugar, com frequência, meu pranto misturava-se com o de outros garotos. Como eu era novato, fui levado com muita truculência para um enorme banheiro comunitário onde arrancaram minha roupa, deram-me um banho de mangueira potente e depois, ainda pelado, vieram dois adolescentes mais velhos que eu, foram trancados lá comigo e me bateram até eu ficar no chão chorando com o nariz quebrado e o corpo todo dolorido. Era a surra de iniciação para mostrar que ali não havia mamão com açúcar. Minha vasta cabeleira, de comprimento até os ombros, foi toda raspada enquanto eu tremia de frio e dor.

Passei dois dias inteiros trancafiado em uma cela solitária. E quanto sai de lá, meteram-me em um uniforme bege. Fui levado para conhecer os supervisores, eram quatro homens muito grandes e de farda que cuidavam dos internos da minha idade. Leram as regras para mim e mais dois que tinham acabado de chegar.

Cada interno era aprisionado numa cela. Tínhamos direito a uma hora de sol no pátio e mais duas de atividades, que na verdade eram terríveis provas para a gente fazer. Tínhamos que fazer serviços domésticos e sempre apanhávamos dos supervisores ou de internos mais velhos. Sim, era um acampamento de choque para jovens rebeldes, criado por policiais, escondido das autoridades e apoiado por pessoas da alta sociedade como meu pai e o delegado que indicou esse lugar para mim.

Ali havia meninos que tinham roubado, outros tentado matar a mãe, mas eu nunca fiz nada tão grave que merecesse aquilo. E as coisas só pioraram, pois eu não estava me conformando com nada daquilo. Naquele lugar, quanto mais rápido aceitávamos tudo, as coisas iam ficando mais leves

até recebermos a “alta” com um certificado de bom comportamento. Ignorei o conselho dos mais velhos, para fingir, curvar-me. Simplesmente não aceitei nada daquilo.

O primeiro castigo veio quando levei um tapa de um guarda, voei em cima dele e soquei sua cara diversas vezes até que outros me tiraram e ali, no pátio, na frente de todos os outros, surrou-me de cassetete. Vários homens me batendo ao mesmo tempo, deixou-me dolorido e com hematomas por dias. A segunda vez que sofri outro castigo foi quando me recusei a limpar todas as privadas do acampamento. O terceiro castigo veio quando um guarda deu um tapa na minha cara e eu cuspi na cara de ele e gritei: seu filho da puta desgraçado!

Então começaram meus piores pesadelos.

Trancaram-me em um quarto todo branco e um dos chefes veio me dizer que eu tinha acabado de entrar para o programa de doutrinação assistida com o consentimento do meu pai. Eles mostraram a assinatura dele no documento. A doutrinação assistida era um truque baseado nas

torturas usadas com prisioneiros de guerras em alguns países ou em algumas seitas antigas, um tipo de lavagem cerebral.

Primeiro fui isolado para não ter influência de qualquer meio externo para que eu não tivesse opiniões. Enquanto eu ficava no pequeno quarto branco, todos os dias e todas as horas, a porta se abria, eu encolhia-me amedrontado e alguém vinha me ameaçar, mostrava fotos de outros meninos sendo espancados, fazia-me assistir vídeos de homens abusando sexualmente de meninos mais rebeldes, causando-me mais medo a cada dia. Eu vivia assombrado no canto apenas olhando fixamente para a porta, pois eles diziam que a qualquer momento seria a minha vez.

Molhava meu travesseiro de lágrimas à noite, lembrando dos meus irmãos e me perguntando se eles eram também coniventes com o que eu estava passando.

Para meu terror completo, um homem muito alto, bem grande, de voz grossa, vinha todos os dias me contar atrocidades que ele praticava com

quem não obedecia às regras. Apenas ele era chamado de O carcereiro. Ele falava calmamente, sentando na cama enquanto eu, calado, tremia no cantinho. Era pior que apanhar, pois o terror psicológico me fazia ter medo de que a qualquer momento pudesse acontecer comigo.

Meninos de rua ou trombadinhas de favelas que eram trazidos para o acampamento, sem ninguém para olhar por eles, eram os que mais sofriam e no fim eram assassinados. Fizeram-me assistir a execução de um garoto. Vomitei na mesma hora em que vi o vídeo em uma TV.

No sexto dia, trancado no quartinho, comendo apenas sopa que eu odiava tanto, as luzes se apagaram e então a porta se abriu. Vi apenas um vulto e me pegaram, amarraram-me e me colocaram numa posição muito ruim, desconfortável, de joelhos e braços amarrados e eu tinha que ficar todo dobrado. Amarrado no canto, eu não podia ver nada no escuro, apenas ouvir, para meu terror, gemidos de crianças e gritos. Era um inferno, estar no escuro com os olhos saltados tentando ver alguma coisa. E eu descobri que a

posição incômoda era para não permitir que eu dormisse.

E para piorar, fui introduzido à tortura de privação do sono. Eu não conseguia suportar o escuro. Quando as luzes se apagavam, eu já começava a chorar de pânico, pois tinha certeza que alguma coisa iria acontecer.

A insônia era maior, o medo de dormir. E quando enfim, começava a sucumbir, a porta abria, uma música, rock metal pesado, começava a tocar muito alto. Dois homens vestidos de farda e com máscaras ninja entravam e começavam a me bater de cassetete para eu não dormir.

O medo de dormir me consumia a cada dia, era eu começar a fechar os olhos, a porta abria, a música tocava e eu já começava a gritar e chorar, implorando e jurando que não estava dormindo. Com a privação do sono, não há como a pessoa raciocinar e fica mais suscetível a qualquer tipo de controle psicológico. Não há resistência cerebral e a pessoa apenas aceita tudo que lhe é imposto.

Fraco, faminto e tonto, após quatro longos dias sem dormir direito, fui tirado do quarto, levaram-me para um banho, vestiram-me uma roupa nova e levaram-me para uma sala onde meus pais me esperavam do outro lado de um vidro para falar com eles.

— Papá, precisa me tirar daqui. — implorei batendo no vidro. Comecei a explicar muito nervoso, atropelando as palavras, tudo o que eu estava vivendo. Mas meu pai continuou calado de cara fechada, sem expressão. Meu desespero aumentava cada vez mais.

— Por favor, papá, eu serei obediente, só me tira daqui. — Comecei a implorar quando não vi nenhum sentimento em seus olhos. Virei então para minha mãe — Mamá, por favor, no me dejes solo! Por favor, mamá!

— Isso é para você aprender a me respeitar. A aceitar minhas ordens. — Foi a única coisa que meu pai disse. E então eu soube que ele sabia de tudo o que acontecia aqui. Ele e minha mãe que me olhou como se eu fosse filho de outra pessoa.

Comecei a gritar, chorando, implorando para me levarem para que eles não me deixassem os dois meses ali. Mas eles se levantaram e foram embora.

Sabia que se os pais não educam o mundo educa? Eu precisava apenas deles, mas me viraram as costas quando eu mais precisei. A partir daquele dia, não derramei uma lágrima. Fazia todas as coisas de cara fechada, apanhava calado, por mais que doesse, que eu ficasse com as costas marcadas e que o medo me dilacerasse, todas as noites quando a luz se apagava, eu não cedia. Não dava uma palavra com nenhum dos guardas e quando gritavam na minha cara, eu apenas os encarava e apanhava para aprender a respeitar.

Mais duas semanas se passaram, fui levado para conversar com meus pais e para minha surpresa, Romeo estava com eles. Foi então que toda minha armadura de falsa força caiu por terra ao ver o terror e pena nos olhos do meu irmão. Eu soube que meu estado, aparentemente, era deplorável. Odiei ver pena nos olhos dele.

Enquanto ele gritava com meu pai, eu apenas ficava ali sentado observando, sendo apenas um pedaço de merda que despertou pena no meu irmão mais velho. Romeo empurrou meu pai com muita força e saiu correndo. No mesmo dia, fui retirado dali pela Polícia Federal. Romeo pediu ajuda ao meu avô, que foi com ele denunciar o acampamento.

Passei por exames de corpo de delito, dei um rápido testemunho aos policiais e fui embora no carro do meu avô. Magno teve a mesma reação de Romeo ao me ver chegar muito magro, sem cabelo, com hematomas e de uniforme bege. Vi os olhos de Vilma se encherem de água, nunca a tinha visto tão horrorizada.

Meu pai me perguntou se eu estava pronto para aceitar ordens deles. Olhei bem sério e disse:

— Não. Não vou ficar aqui. Nunca mais me chame de filho. Seu filho caçula foi assassinado naquele lugar que você o colocou. — E eu fui embora de casa na mesma noite. Ouvindo os gritos da minha mãe, que implorava por perdão.

Encontrei o Búfalo naquela noite, depois de andar muito tentando fugir desesperadamente do terror na minha cabeça, parecia que a qualquer momento eles voltariam para me pegar. Estava fraco e desmaiei na porta do bar, Ian me viu e me acolheu por uma semana, até meu avô me encontrar.

Passei um mês naquele lugar que mudou para sempre toda minha vida.



ANGELINA

Estou tremendo com a mão na boca, tapando o choro, lágrimas quentes banham meu rosto. Meu coração bate lentamente de tanta dor que pude sentir nele, não quando criança, mas agora, enquanto me contava detalhadamente, revivia cada momento de terror. Tenho vontade de arrancar toda a dor dele, necessidade de fazer alguma coisa, fazê-lo muito feliz para que aquele mês terrível não signifique nada perto do que ele pode alcançar.

Lorenzo vira o rosto para mim e noto lágrimas

também nos olhos dele.

— Oh, Lorenzo... eu... de verdade, sinto muito.

— Você... não tem nada a ver... Angel. Não deveria ter ficado bravo com você. — Ele soluça derramando mais lágrimas. — Não deveria, mesmo. — Levanta sua mão e acaricia meu rosto — Tudo... tudo mesmo, é tão mais leve quando você está por perto.

Então puxo seu rosto, dou um beijo nos lábios dele e o abraço bem apertado. Com o rosto no meu ombro, ele chora copiosamente compartilhando comigo a sua dor, revolta pelo pai, dor de ter sido brutalmente torturado e de ter que levar tudo isso nas costas todos os dias, sozinho. E eu acabo sucumbindo e chorando também.

Vejo que ele enfim liberou o sentimento preso todos esses anos, por não ter chorado no ombro de ninguém, nem mesmo de Vilma, o choro que ele guardou quando tentou parecer forte diante de todos. Para que ninguém tivesse pena dele.

PERIGOSAS

Eu o aperto muito forte, tentando passar para
ele todo o amor que eu sinto.

NACIONAIS - ACHERON

TRINTA E SETE

ANGELINA

Lorenzo não está ao meu lado quando acordo. Fomos dormir bem tarde, ficamos enrolados na cama, debaixo do edredom enquanto ele me contava tudo, como desenrolou a relação com o pai e as coisas que aconteceram depois daquele terrível episódio.

Tudo começou mesmo, para valer, quando ele viu o melhor amigo dele morrer na sua frente, de forma violenta. Ele se enclausurou no quarto, ficando apático e depressivo. Meses após ter o diagnóstico de birrento do pai, Lorenzo começou a criar personalidade rebelde em relação ao pensamento dele e fazia tudo o que ele não queria. Principalmente escolher más amizades.

Ele e o pai ficaram distantes por quase dois anos depois que foi resgatado da tal instituição do terror. Até a morte de seu avô, quando Vilma o convenceu a voltar para casa.

O pai de Lorenzo deve ter se sentido culpado,

pois nunca mais pegou no seu pé. E a mãe passou o resto da vida tentando recompensá-lo de alguma forma. Lorenzo me contou que a perdoou com o tempo, pois era apenas uma vítima do pai dele. Ela amava demais o marido e fazia tudo o que ele queria. Ir contra ele, na educação dos filhos, era uma grande traição. Ele só voltou a implicar com os filhos quando começaram a tomar rumos diferentes dos quais ele queria.

Segundo Lorenzo, o velho quase teve um treco, quando aos dezoito anos, Magno se alistou no Exército e saiu de casa. Em seguida, foi Romeo abandonando a faculdade de administração e entrando no curso de gastronomia. Com uma relação meio distante e quebrada, ele não confrontou Lorenzo diretamente quando este, aos dezenove anos, quis ser lutador profissional.

Enquanto ele narrava todos esses detalhes afagando meus cabelos, abraçados, dividindo o mesmo travesseiro, eu me senti horrível por ter destruído o sonho dele. A luta sempre o acalmou, colocou-o nos eixos e eu tirei isso dele.

Tentei não me sentir culpada. Não sou culpada por toda extensão dos problemas dele. Causei uma pequena ferida, mas nada que tenha deixado marcas graves. Tentei também me convencer que Lorenzo me fez mal e de certa forma estamos quites. Depois que paramos de conversar e começamos a sucumbir ao sono, eu sorri aliviada, olhando para ele, sabendo que ainda tinha um mês pela frente para ficarmos juntos. Depois que o acordo acabasse, eu iria exigir que ele se sentasse comigo e conversasse como ficaríamos a partir dali. Não sei se ele sentiu o mesmo, mas eu estou completamente reapaixonada por ele. E talvez se reapaixonar, seja igual ou mais gostoso do que se apaixonar a primeira vez.

Agora que acordo, olho no relógio e vejo que são sete da manhã. Levanto, vou para o banheiro e não há ninguém, mas noto o box molhado, mostrando que alguém tomou banho. Das duas uma, ou ele está na cozinha ou saiu para correr.

Rapidamente, ainda de camisola, vou para a cozinha, ouço barulhos e quando chego vejo apenas Lourdes ajeitando o café.

— Bom dia, Lourdes. — Ela vira-se para me olhar.

— Bom dia, querida.

— Achei que o Lorenzo... estivesse aqui.

— Não. Ah! Ele já saiu.

— Foi correr?

— Não parecia. Quando eu estava chegando encontrei com ele já de terno com uma bolsa a tiracolo. Parecia apressado e apenas me cumprimentou rápido.

— Ué. — digo e escoro no batente da porta tentando entender para onde ele pode ter ido. Será que teve algo de muito urgente para ele resolver na Orfeu? Pois na *Madde*, apesar do desfile se aproximando, está tudo tranquilo.

Vou para o quarto de hóspedes onde Lorenzo colocou as coisas dele, logo quando veio para cá. Ainda tem uma bolsa lá. Volto para meu quarto e pensativa, deito na cama, bem do lado em que ele

NACIONAIS - ACHERON

dormiu. Abraço o travesseiro e penso sobre essa saída brusca e tão cedo de Lorenzo. Seria normal, se ontem não tivesse sido uma noite conturbada em que ele abriu todo seu coração e até chorou em meu ombro. Decidi deixá-lo e não ligar.

Arrumei-me, tomei café e às oito e quinze fui para a empresa. No fundo, tive um pouco de esperança de que Lorenzo estivesse lá na *Madde*, aprontando alguma coisa. Mas tudo estava bem calmo. Perguntei por ele e Simone disse que ainda não tinha chegado.

Distraí-me um pouco com a chegada de Olivia. Ela está louca para voltar. Tem direito a quatro meses de licença-maternidade, mas como estamos preparando o desfile, ela implorou para voltar ao menos por meio período.

Ela saiu do elevador vindo na frente e atrás, como um empregado de terno e gravata, Romeo a seguia trazendo o bebê conforto e uma bolsa de bebê no ombro.

— Bom dia. — Ela sorri muito amplamente e

feliz. Caminho até eles.

— Bom dia, Olivia. — Cumprimentamo-nos com beijinhos no rosto — Fico muito feliz que vai estar aqui todas as manhãs nos ajudando. — Olho para Romeo. — Bom dia, Romeo.

— Bom dia, Angelina.

— Parece que você é a única feliz com minha volta. — Ela piscou e fez um sutil gesto mostrando Romeo com cara de poucos amigos. Bom, ele sempre tem essa cara quando está perto de mim, então, nenhuma novidade.

— Você — ele aponta para mim — e você — olha revoltado para Olivia — sabem muito bem qual o tempo de licença-maternidade.

— Romeo... eu disse a ela... — tento explicar.

— Lorenzo sabe sobre isso? Tenho certeza que ele pode negar essa loucura.

— Para de tentar colocar seu irmão contra todo mundo. — Olivia reclama. — Vou brigar com
NACIONAIS - ACHERON

ele se vier me proibir de trabalhar aqui só por que você quer.

— Oly, você não precisa trabalhar, eu te disse...

— Romeo! O desfile está chegando, sem falar que é algo que vai me distrair. Eu fico o dia todo sozinha com o Gael e gosto de estar aqui desenhando, assistindo os projetos tomarem forma. Sem falar que é apenas pela manhã. Não vamos discutir de novo sobre isso.

— Lorenzo sumiu cedo. Aqui não está. — Eu digo a Romeo, afinal estou um pouquinho preocupada com ele. — Será que não está na Orfeu?

— Deve estar. — Ele assente para mim e volta-se para Olivia. — Já estou indo. Cuide-se, pelo amor de Deus e não saia da empresa até que eu passe para te buscar.

— Ok, papai. — Ela sorri, torna a beijá-lo e faz um carinho em seu rosto. Romeo dá um beijinho no filho, entrega para ela e eu apresso em
NACIONAIS - ACHERON

pegar a bolsa do bebê. Ele dá um leve sorriso, acena para a gente e vai embora.

— Espanhóis são mais instáveis e intensos. — Ela comenta enquanto vemos a porta do elevador se fechar e Romeo dar um último aceno.

— Nem me fale. Acho que de todos, o meu é o mais instável. — Caminhamos rumo a minha sala.

— O seu? Então já estão nesse nível?

— Força do hábito. — Entro na minha sala, deixo a bolsa na mesa e sento. Olivia senta numa poltrona e deixa o bebê conforto sobre a mesa. — Lorenzo não está em um bom momento, hoje ele sumiu muito cedo e estou preocupada.

— Ele nunca parece estar em um bom momento. Deve ter ido para a empresa.

— É. Deve mesmo. — Bato palmas, muito eufórica antes de dizer: — E então, mostre-me os rascunhos dos vestidos de noiva que ficou de fazer. — Olivia arregala os olhos e sorri.

— Meu Deus! Fiquei tão fascinada que quis mandar fazer o meu logo, o mais depressa possível.

— Ela tira uma pasta da bolsa e me entrega.

— Já está com data marcada? — Pego meu óculos em minha bolsa.

— Nada ainda. Romeo fica falando sempre sobre isso. Mas temos prioridade. Acabamos de ter um bebê. Ele precisa estar ao menos com um aninho.

— Ah, tão longe assim? — Abro a pasta e fico extasiada com a imagem de um belo vestido. Mangas de renda, belo decote de coração no corpete e todo bordado. Sorrio para o vestido, pois na mesma hora lembro do meu. Passo os dedos pelo croqui e voó no passado.

Estou fazendo a última prova do meu vestido. Com minha mãe, Beth e a mãe dela ao meu lado. Todas elas elogiando como ele ficou lindo, perfeito em mim. Colocaram a tiara com véu na minha cabeça e eu me debulhei em lágrimas. Na minha mente eu só queria que o dia chegasse logo, pois

tinha apenas uma pessoa no mundo que eu queria que visse o meu vestido. Mal podia esperar para entrar na passarela e ver Lorenzo à frente, em seu belo terno me esperando.

— E então? — Levanto os olhos e vejo Olivia na minha frente. Meus lábios travam e não consigo sorrir. — Esse foi baseado em um vestido de princesa. Quis colocar modernidade no decote e na saia menos volumosa. — Ela explica.

— É lindo. — murmuro. Pigarreio e tento não demonstrar nenhum sentimento.

A manhã transcorre normalmente, claro que a cada segundo peguei meu celular para ver se tinha alguma mensagem. Até que às dez e meia, não aguentei mais e mandei uma mensagem: *O dia passa tão mais rápido quando o chefe não está por perto.*

Coloco uma carinha com óculos e um emoji de punho fechado em sinal de soco. Aperto em enviar para Lorenzo e fico esperando. Nada. Os minutos passam, meu sorriso morre nos lábios, pois

nem mesmo aparece que ele recebeu a mensagem.

Mais tarde, onze da manhã, mando outra mensagem: *Pedi para Lourdes fazer bife hoje. Vou me submeter a essa tortura e provar essa iguaria.*

Mais uma vez não há resposta. Ele nem mesmo está recebendo. A última visualização está em sete da manhã. Não espero mais e ligo. Ninguém atende. Começo a ficar mais preocupada. Meu Deus, Lorenzo estava tão instável, tão mexido com tudo o que aconteceu. Será que foi de novo para o *Búfalo*?

Corro até a sala onde Olivia já está se arrumando, pois daqui a pouco Romeo passa para buscá-la.

— Oi... Olivia. Será que você poderia ligar para o Romeo e perguntar se Lorenzo está por lá?

— Ele não deu notícias?

— Ainda não. Ele está com uns problemas e estou preocupada. — Ela assente, pega o celular e creio que em um toque Romeo já atende.

NACIONAIS - ACHERON

— Amor, você sabe se Lorenzo está por aí?

— Diga que ele tem que assinar alguma coisa aqui. — Eu cochicho para ela.

— Não. Angelina precisa dele. Tem que assinar alguma coisa aqui na empresa.

— E não estou conseguindo falar com ele, no celular. — cochicho de novo.

— E ele não está atendendo o celular. *Tá*, eu espero. — Ela afasta o celular — Ele vai verificar. — Olivia diz e eu sento na frente dela. Demora um instante e ela volta a falar: — Oi, sério? Tá bom. Ligue lá e nos responda. Tudo bem, tchau.

— Ele não foi hoje à empresa. Magno também não o viu. Romeo vai ligar para Vilma, já que ela estava hoje no apartamento de Lorenzo.

— *Tá* bom. — Algo dentro de mim salta em pânico. Estou com aquela sensação ruim de estar prestes a receber uma má notícia. Depois de tudo, o que ele poderia fazer? Ele não seria capaz de ferir a si próprio. Ou seria? Levanto-me abalada, Olivia
NACIONAIS - ACHERON

fala alguma coisa, mas nem percebo. Saio rápido e corro até Simone.

— Simone, encontre para mim um doutor chamado Estevão. Procure primeiro em psicólogos e depois em psiquiatras. — Ela assente e eu entro correndo na sala do Lorenzo. Está tudo arrumado, nada que mostre que ele esteve aqui. Ligo o computador e busco a lista telefônica online. Digito o nome do *Búfalo* e o endereço. O telefone aparece e eu ligo.

— Não. Lorenzo não apareceu por aqui hoje. Veio ontem a noite, mas...

— Ok, obrigada. — Desligo assim que recebo a notícia.

A porta se abre e Olivia me olha de olhos saltados. Já coloco a mão no peito, com medo de uma péssima notícia.

— Vilma não o viu hoje.

— Merda. — murmuro e meu desespero só aumenta quando Simone vem, entrega-me o
NACIONAIS - ACHERON

número, eu ligo e era esse mesmo o médico de Lorenzo. Ele está surpreso e disse que não o viu hoje, mas tentou me tranquilizar dizendo que Lorenzo passou por coisas mais terríveis e mesmo no pior inferno, não fez nada contra ele mesmo. Eu agradeço e desligo.

Olho para Olivia e não consigo esconder o quanto estou abalada. Logo hoje, que eu pretendia estar todo o tempo ao lado dele, para mostrar que mesmo subtendido, eu o amo.



Eu saio da empresa assim que Romeo chega para buscar Olivia. Ele me pergunta se brigamos e eu digo que estávamos muito bem, que conversamos até tarde e dormimos juntos. Compreendo por que ele está preocupado com o irmão. Romeo o viu no pior de seus momentos, Romeo é um dos que mais conhece a fundo o irmão mais novo.

Despeço-me deles e vou em toda velocidade para casa, na esperança de que ele já tenha chegado lá. Mas não chegou. Depois do almoço, acabei

dormindo e acordei com meu celular tocando. Ainda sonolenta, olhei e vi o nome de Lorenzo na tela. Dou um pulo, sento no cama e atendo.

— Lorenzo?

— Oi, Angelina. — É ele. Graças a Deus. Agora quero bater nele por ter feito com que eu ficasse nessa aflição toda.

— Onde você está, diabo? Sai cedo e fica incomunicável o tempo todo.

— Preciso de um tempo. Deixei algumas coisas na empresa para você.

— Que coisas? Você foi lá?

— Não. Mande alguém levar.

— Onde você está, Lorenzo?

— Eu estou bem. Já liguei para o Romeo. Se cuida, Angel, até mais.

— Espera, Lorenzo. — E pronto. Ele desliga.

Torno a ligar, mas agora o celular está fora de área. Eu me arrumo na velocidade da luz, saio de casa correndo e vou para a empresa.

Nunca um caminho foi tão longo e tão desgastante mentalmente. Enquanto eu dirigia, pensava em chegar lá e ver um saco de M&M ou algum outro doce. A curiosidade me consumiu por inteiro. Assim que botei os pés na *Madde*, Simone já veio ao meu encontro.

— Angel, Lucas veio e deixou algo para você na sala do Lorenzo.

— Lucas?

Caminho rápido para a sala, abro a porta e vejo ali na mesa várias pastas e em cima uma caixa preta quadrada. Deixo a bolsa na poltrona e caminho bem lentamente, como se tivesse uma barata ali. E eu morro de medo de baratas. Toco na caixa, acaricio antes, puxo a trava dourada, abro e caio sentada na cadeira com a mão na boca. Ali está o bracelete de esmeraldas que me foi roubado na saída do restaurante.

Estou chocada, formulando mil coisas e a primeira que penso é: Lorenzo mandou fazer aquilo comigo? Antes de eu tomar qualquer atitude, vejo um papel logo abaixo da caixa. Empurro-a, pego a folha e apesar do meu nervosismo, concentro-me e consigo ler. É um documento, algo como um boletim de ocorrência mostrando que o pertence foi recuperado após uma investigação particular feita por Lorenzo Lafaiette. Os criminosos estão presos.

Sinto duas batidas muito fortes no meu peito. Uma de agradecimento e outra de felicidade por ele não estar envolvido. Sinto uma lágrima molhar minha face e limpo-a rápido.

Deixo o papel de lado e abro a próxima pasta, dentro encontro uma escritura. Por causa da dislexia, passo os olhos e leio como posso. Entendo que é a escritura da lojinha da minha avó na rua do Ouvidor. Está de volta no nome da *Mademoiselle*. Deixo de lado, pego a outra pasta, dentro há a escritura do meu apartamento, esse no meu nome. Outra lágrima desce do meu olho.

Pego a terceira pasta. Minha emoção já está

num grau elevadíssimo. As letras embaralham, eu me controlo, concentro e continuo, com dificuldade, lendo. É a escritura da casa de verão da minha avó, que meu pai tem como algo muito sentimental. E está no nome do meu pai. Coloco a mão na boca e mais lágrimas caem dos meus olhos quando a próxima pasta é diferente, mais grossa, de outra cor e tem o nome *Mademoiselle*. E lá estão todas as ações passadas novamente para meu nome, tornando-me a majoritária e Lorenzo o segundo maior acionista.

Choro copiosamente ao ter em mãos todos meus bens de novo. Não entendo, não quero entender e não quero pensar que isso possa ser o fim de tudo. O fim do chefe secreto rabugento, o fim de nossas disputas por território e nossas noites apaixonadas. Sinto um vazio tão enorme, tão sufocante que quero gritar. O desfile está chegando, não acredito que tudo que eu sempre quis esteja aqui, agora em minhas mãos, mas o que sinto é apenas desespero.

E não termina por aí, também está aqui o contrato que me obriga a ser submissa a Lorenzo

por dois meses. Abaixo, para meu espanto, está bem legível: contrato cancelado pelo contratante. E, para concluir, um último documento. É a cópia de um testamento. Limpo minhas lágrimas e vou passando os olhos pelo papel. Consigo ler o nome: Lorenzo Lafaiette Roriz. O testamento dele? Não consigo ler mais nada, todavia, abaixo quando consigo ler algo, minha garganta trava quando vejo, *Único beneficiário: Angelina Velasco*. E a data do testamento é do dia que ele conseguiu todas as minhas coisas. Imediatamente ele fez um testamento, caso algo lhe acontecesse, eu teria tudo de volta.

Um último bilhete. Quadrado e pequeno com a letra de Lorenzo. Sério, ele quer me matar de chorar. Está apenas escrito:

Faça valer a pena.

Ass: Lorenzo.



Depois de chorar muito, com raiva de mim mesma por estar triste e ter tudo em mãos

novamente. A tristeza era muito maior com a possibilidade de ter perdido algo tão bom e tão precioso que me sinto sem ar, querendo correr, querendo encontrar Lorenzo e obrigá-lo a me dar o último mês de contrato que resta.

Vou para casa e sento-me no sofá olhando tudo à minha volta. Meu apartamento. Na verdade, sempre foi meu. Ele nunca teve intenção de pegar tudo para ele. Fico sem querer entrar no quarto e lembrar nossos momentos muito bons. Por que naquele quarto não aconteceram coisas ruins. A tensão é tanta que tenho uma súbita tontura e preciso abaixar a cabeça. Depois, tomo um copo de água gelada e a tontura passa. Deito-me e apenas reflito sobre tudo, recusando-me a mais uma vez correr atrás dele, mas também me recusando a dizer adeus.

Na manhã seguinte, depois de uma péssima noite sozinha, pensando que a qualquer momento

ele chegaria, sentindo um leve enjoo e ainda com a cabeça explodindo de dor, acordo com meu celular tocando. Pego e vejo uma mensagem. É de

PERIGOSAS

Lorenzo. Tudo em mim desperta na mesma hora quando leio.

NACIONAIS - ACHERON

TRINTA E OITO

LORENZO

Depois de tudo o que contei para Angelina, quis ficar um tempo pensando em tudo o que estava acontecendo à minha volta. Longe de tudo e de qualquer coisa que pudesse deixar minha mente distraída.

Fui em três lugares durante todo o dia. Primeiro procurei Lucas, resolvi todos os papéis e pedi a ele que entregasse na empresa. Ele contestou o que eu estava fazendo, mas não contei a ele meus planos futuros. E para talvez conseguir realizá-los, preciso abrir mão de todas essas coisas erradas que fiz, redimir-me de alguma forma.

Posteriormente, fui ao cemitério e pela primeira vez em quase seis anos, visitei o túmulo dos meus pais. Levei comigo uma única flor branca, em sinal de paz e deixei sobre a lápide. Fiquei olhando para o nome dos dois e apenas senti muita pena por eles terem ido como foram, agindo de maneira tão desdenhosa e truculenta com os

filhos, o bem mais precioso que eles poderiam ter. E não terem visto no que os três filhos se transformaram.

Não tenho mais raiva de nenhum deles. Não estão mais aqui, não podem mais fazer nada comigo e nem eu com eles. Então a única coisa que disse foi:

— Eu o perdoo. — falei lendo o nome do meu pai. Por que eu tinha que me livrar de vez de tudo que pudesse me fazer voltar àquele tempo. E remoer raiva é uma coisa que me faz sempre reviver a mesma coisa.

Depois de deixar o cemitério, enclausurei-me na nossa mansão que eu comprei e agora pertence a mim, apenas. De verdade, não me senti bem. Não adianta nada mentir para mim mesmo, dizer que fechei uma etapa quando tudo ainda está revirado e tem tanta coisa que talvez jamais cicatrize.

Passei meu dia pensando na Angel e em como ela consegue me fazer ficar bem. Eu sempre durmo melhor quando estou com ela, fico mais animado e

feliz, esqueço todas as minhas merdas quando estou com ela. Tocando-a, ou apenas com sua cabeça no meu colo enquanto assistimos alguma coisa. Passei uma noite de merda, não consegui dormir nada, ainda mais nessa casa maldita em que todo lugar que eu olhava parecia ver meu pai me encarando.

Agora estou aqui sozinho em um lugar que mandei arrumar e espero por ela. Estou meio nervoso, sentindo-me novamente aos 22 anos quando fui pedi-la em casamento. Aqui é o lugar onde marcamos sete anos atrás para dizer sim um ao outro. O lugar onde eu passei um dia de merda, talvez um dos piores da minha vida. Não foi fácil estar aqui novamente e reviver tudo aquilo. Mas eu já confrontei meu passado, está na hora de nós dois enfrentarmos o nosso.

Não demora muito para um carro parar e logo eu ver Angelina andando muito assustada. Posso ver que está totalmente frágil, bem mexida por estar novamente nesse lugar. Ela me vê e coloca a mão na boca. Está bem longe, mas se eu tivesse ali, poderia ver seus olhos instantaneamente brilharem com lágrimas.

Pedi para colocar apenas uma passarela de casamento. E quando eu a vejo, estendo para ela minha mão no mesmo momento que começo a cantar sem som, ou violão, ou acompanhamento algum: *“Você foi o maior dos meus casos, de todos os abraços o que eu nunca esqueci. Você foi dos amores que eu tive, o mais complicado e o mais simples pra mim (...)”*

Ela continua parada, olhando-me, as duas mãos no peito. Sinto-me bem mexido por dentro, mas mantenho-me parado, recupero minha voz e um pouco mais rouco que o normal, continuo cantando mais alto para ela ouvir: *“(...) Você foi o melhor dos meus erros, a mais estranha história que alguém já escreveu. E é por essas e outras que a minha saudade faz lembrar... de tudo outra vez (...)”*

Cacete! Se ela correr, eu corro atrás. Demorei pra caralho para tomar uma atitude, deixar a crosta de machão de lado e vir me submeter a isso. Pois eu soube que chegou a hora de mostrar todo valor que ela tem e merece. Agi mal com ela e mesmo assim, Angelina me confortou, apoiou-me e me

entendeu quando mais precisei.

Angel dá um passo, totalmente comovida e começa a andar em minha direção e eu continuo a música do jeito que lembro: “(...) *Você foi toda a felicidade. Você foi a maldade que só me fez bem. Você foi o melhor dos meus planos e o pior dos enganos que eu pude fazer (...)*”

Ela já está em lágrimas. Sorrindo, mas em lágrimas. Vem andando devagar e quando chega perto, estendo minhas mãos, ela estende as dela e eu as seguro.

— Sou péssimo em pedir um tempo, né? Não aguentei. — Digo sem graça, com um sorrisinho fraco. — Você... me devolveu tudo... a empresa — ela fala. — Você me devolveu tudo, Angel.

Ela ri entre as lágrimas e pula no meu pescoço. E eu ainda forte e decidido, canto mais baixinho, embalando-a nos meus braços: “(...) *Das lembranças que eu trago na vida, você é a saudade que eu gosto de ter. Só assim sinto você bem perto de mim outra vez (...)*”

Ela me olha, limpa uma lágrima que desce do meu olho e abana a cabeça como se dissesse que não. E inesperadamente, cai em uma crise de choro compulsivo com o rosto no meu peito. Ela até treme e o choro tem barulho de soluços.

— Angelina... — Por favor... diz que me perdoa, Lorenzo. Eu fui tão má, eu juro, juro por tudo, Lorenzo, que jamais queria ter feito aquilo com você. Feito aquilo conosco. — Eu afasto a cabeça dela do meu peito para olhá-la. Ainda chora desconsoladamente. — Para com isso. Já passou. — Acredite. — Ela soluça. — Jamais vai passar. Recriminei-me todos os dias por ter perdido a minha felicidade, eu te amava tanto, nosso futuro foi pelo ralo por minha causa. Perdoe-me.

— Eu que tenho que te pedir perdão. Fui um filho da puta fazendo tudo aquilo, como um moleque que apronta para chamar atenção dos pais. Foram os piores anos da minha vida esses que passei longe de você, Angel, e o que eu achava que era ódio e raiva, era apenas uma grande saudade. Eu me abaixo, fico de joelhos aos pés dela, tiro do meu bolso um anel e levanto para ela.

— Eu te perdoo, mas só se você aceitar que eu tente consertar tudo, todos os dias. Não é só recompensar, é por que quero que quando o dia termine eu tenha para onde voltar ao seu lado e você poder voltar para mim. Para a gente ler juntos, brigar juntos, ir para a cama juntos. Ela se abaixa e me abraça chorando no meu ombro.

— Eu quero. Lógico que quero. Tive tanto medo de você ter me deixado, ter cancelado o contrato e me deixado de lado. Nunca deixei de te amar, Lorenzo. Nunca. — confessa. Eu a aperto bem forte, beijando sem parar o alto da sua cabeça.

— Você sempre foi e será minha mulher. É incrível saber que depois de eu passar por várias coisas, ainda consigo amar tanto uma pessoa, mais do que qualquer coisa que amo. Angelina levanta o rosto para me encarar. Nem tenho tempo de limpar as lágrimas dela. Como uma louca, me dá vários beijos dizendo “eu te amo” para cada um deles. Seguro sua mão, empurro no dedo o anel que comprei ontem e ela levanta para olhar maravilhada. O anel é de ouro branco com uma bela pedra de diamante em corte princesa. — É

lindo! Meu Deus! É lindo! — Dessa vez faremos tudo certo. — Eu digo.

— Sim, faremos. — Ela volta a me abraçar, desequilibro-me e caímos abraçados na grama verde. — Ai, me machuquei. — Ela passa a mão na cabeça. — Você me derrubou. É muito imbecil. — Faz uma pausa e completa: — Meu imbecil. — E você é muito tola. Minha tola.

— Para todo sempre? — Sorri perto da minha boca.

— Para todo sempre.

TRINTA E NOVE

LORENZO

Dias depois...

Ouçó um leve barulho e abro os olhos. Fico atônito tentando entender onde estou e após alguns segundos olhando ao redor, noto que estou no sofá na sala de Angelina. Vejo Lourdes que acabou de chegar e a porta se fechando foi o barulho que me acordou. Ela segue para a cozinha e eu me espreguiço debaixo do grosso cobertor. Angelina está aqui, na minha frente, de costas para mim.

Estou todo quebrado por ter dormido nesse espaço minúsculo. Já devem ser mais de seis horas e eu fico absorto, surpreso por eu ter dormido tanto, ininterruptamente. Recordo-me de estarmos aqui no sofá, assistindo a um filme ontem à noite após comer hambúrguer que pedimos. A televisão ainda está ligada.

Abraço Angelina e beijo o ombro dela. Ela se mexe preguiçosamente.

— Ei... Dormimos na sala. — Sussurro —
Está na hora de acordar.

— Uhm. — Ela resmunga.

— Deixa de manha. — Aperto o seio dela e
esfrego meu pau bem duro, na bunda. Angelina se
mexe inquieta e vira o pescoço para me olhar.

— Aquela droga de sanduíche que me fez
comer não me caiu bem.

— Está ruim aí?

— Abri os olhos e meu estômago revirou.

— Então pule fora. — Eu dou um leve
empurrão para ela descer do sofá. — Não quero
ninguém vomitando hambúrguer e bacon em mim.

— Insensível. — Ela senta no sofá, ajeita a
camisola e me olha desanimada. Os cabelos
desgrenhados, o rosto amassado, uma terrível cara
de desânimo.

— Por que teve que me entregar a empresa?

Hoje você poderia ir tomar conta e eu ficar aqui deitada.

— Se quiser, tomo tudo de volta. — Levanto a mão e apalpo o seio dela por cima da camisola. Angelina dá um tapa afastando minha mão e se levanta. Fico deitado sorrindo, vendo-a cambalear como uma bêbada e sair da sala.

Já faz uns seis ou sete dias desde que resolvemos nossos impasses e estamos nos entendendo muito bem. Acho que melhor do que sete anos atrás. Eu amo pra cacete essa mulher doida e não conseguiria me afastar novamente.

Estamos indo de um lugar para outro, sempre. Às vezes, ela vai para meu apartamento, às vezes venho para cá. Não temos lugar fixo. O que importa é que não desgrudamos mais. E mesmo tendo entregado a empresa, ainda continuo indo e ajudando-a com as papeladas, até por que eu ainda tenho minhas ações lá na *Madde*. Digamos que sou diretor administrativo, o mesmo trabalho que faço na Orfeu.

Deixar da birra e assumir de uma vez nosso namoro, foi ótimo para os negócios e para o bem-estar das famílias. Há alguns dias, decidimos que primeiramente contaríamos para minha família. Claro que ela comentou com os pais dela e faltava eu aparecer lá em um jantar para uma conversa mais formal. E isso vai acontecer hoje, já está marcado. Não encontro com os pais dela desde o que aconteceu sete anos atrás. Eu não tive nada a ver com o fim do casamento, mas tive tudo a ver com a falência da *Mademoiselle* e ainda por ter tomando tudo, causando confusão na família.

O jantar no meu apartamento tinha sido um completo constrangimento inicialmente, mas consegui dar um jeito na situação e hoje tudo está bem. Pedi a Vilma que preparasse um jantar, eu iria chamar meus irmãos e Amadeo. Ela ficou me olhando tentando entender quais eram meus planos. Acho que no fundo ela sabia mais ou menos, Vilma sempre consegue me decifrar, além do mais é estranho eu chegar de uma hora para outra, pedir para ela fazer um jantar que eu ofereceria aos meus irmãos sem ter nenhuma comemoração ou motivo à vista.

Eu estava apreensivo. Não contei a ninguém o motivo do convite. Angelina preferiu chegar sozinha para fazer uma espécie de surpresa. Trocamos mensagens a todo instante, enquanto ela se preparava e vinha para cá em um táxi, tentei de alguma forma deixá-la confortável. Apesar de que eu não estava.

Estavam todos felizes, rindo dos comentários de Magno ou adorando o bebê de Romeo. O único que trouxe uma acompanhante foi ele, afinal já é praticamente casado com Olivia. Amadeo não pode trazer ninguém, pois ele está saindo com Kate na surdina e poderia dar treta se ela viesse e descobrisse a verdadeira origem dele. Nem mesmo Olivia sabe, penso o que ela fará com Romeo quando descobrir que esse tempo todo ele sabia e ainda deu força para Amadeo investir secretamente na Kate.

A campainha tocou, eu corri na frente de Vilma para atender e Angelina estava com os belos olhos azuis saltados. Pálida como um papel.

— Estou morrendo. — Ela murmurou.

— Relaxe. — Dei um beijinho nos lábios dela e a puxei para dentro. A mão estava gelada, agarrada forte à minha.

Todo mundo estava calado vendo-me entrar com Angelina. Vilma se mexeu desconfortável na poltrona com Gael nos braços. Romeo semicerrou os olhos e me olhou sério.

— Olá. Boa noite, pessoal. — Timidamente, ela cumprimentou.

Eles responderam em murmúrios, apenas Olivia parecia feliz em vê-la e creio que é bem sincero. Afinal, Olivia gostava da Angel mesmo antes de conhecê-la.

Ela sentou ao meu lado, bem tensa, olhou para Amadeo e corou. Ele estava com cara de besta sorrindo. Quis bater nele, pois com certeza estava relembrando do dia em que viu Angelina sem blusa pela câmara de segurança.

Ele abre a boca, eu dou uma olhada de aviso e ele freia. Já tinha pedido a Amadeo para não fazer piadinhas. Angelina está bem tensa com a situação

NACIONAIS - ACHERON

e o clima poderia ficar mais pesado. A conversa continuou, até Magno interferir e se referir diretamente a Angelina.

— E aí, Angelina? Há quanto tempo não nos vemos. Nos conte como tem passado todos esses anos.

Ela olhou para mim, sorrimos cúmplices e então ela pareceu mais tranquila. Como se tivesse a oportunidade de dar uma explicação. Agradei a Magno internamente por dar-lhe espaço.

— É verdade, Magno. Não nos vemos há muito tempo. Digamos que todos esses anos foram um bom contribuinte para qualquer um de nós encararmos os problemas e aceitarmos todas as falhas de maneira madura. — Ela olhou para mim, voltou-se séria encarando principalmente Romeo e Vilma. — Esses anos foram suficientes para nos colocarem nos eixos. Eu te respondo que foram anos bons, mas estou bem melhor agora.

— Sim. Apesar de ter sido bem ruim o que passamos, creio que nos tornamos mais maduros e

experientes. — Eu falo endossando o comentário dela.

— Foi horrível tudo aquilo que vivemos. — Ela olhou diretamente para mim e sussurrou, referindo-se ao nosso quase casamento.

— Sim, foi terrível. — Respondi fixo nos olhos dela. — Mas talvez tenha sido necessário.

— Eu... — ela desviou dos meus olhos e voltou-se para todos, calados, na nossa frente — acho que devo um pedido de desculpas a vocês. Me arrependi todos os dias pelo que fiz e hoje estou muito feliz por ter conseguido uma segunda chance para me redimir.

— Assim como eu também consegui uma segunda chance. — Completei. — Não fui um menino bonzinho ultimamente.

— Eu que o diga. — Romeo interfere.

— É. Foi um porre, Lorevaldo. — Magno concorda.

Sorrimos do comentário dele, e eu puxo fôlego para dizer:

— Bom, eu chamei todos aqui, pois quero que saibam que Angelina e eu, nos entendemos. Ela tem de volta todo o controle da empresa e reatamos nosso namoro.

Sorridente, ela levanta a mão sutilmente mostrando o anel.

— Estamos em uma espécie de namoro noivado — ela murmura meio sem graça.

Todos ficaram mudos se entreolhando após o anúncio. Angelina e eu nos olhamos, ela está em pânico, apesar de tentar parecer casual. Coloco minha mão sobre a dela e noto que está gelada. Vilma nos fuzila com o olhar, Romeo franze o cenho, Amadeo nos olha com cara de “Oba, treta” e só Olivia sorri prestes a fazer um comentário. Magno faz uma cara de chacota e sei que vai falar algo.

— É aquele ditado, errar é humano, mas persistir no...

NACIONAIS - ACHERON

— Calado. — vocifero.

— Sim, chefe.

— Eu não vou virar a cara, não vou ser a sogra maldosa. — Vilma começa a falar em tom sério. — Eu apoio suas escolhas, só quero, ou seja, eu e seus irmãos, só queremos seu bem e te ver feliz.

— Estou feliz, Vilma.

— Então seja bem-vinda de volta, Angelina.

— Obrigada, Vilma.

— Seja bem-vinda à família, Angel. — Olivia se levantou muito eufórica e veio até ela. Angelina se levantou e recebeu o abraço. — Romeo pode estar com essa cara agora, mas é um fofão.

— Oly. — Ele advertiu junto com a gargalhada dos presentes na sala.

— Fofão? — Magno dá uma sonora gargalhada — Morro, mas não passo por isso. —

comentou com pose do machão impenetrável. Saindo para pegar um champanhe, ainda ouvi ele falar com Amadeo: — Está nessa também, Amadeozinho?

Depois que fizemos um brinde, Vilma se levantou, entregou o bebê a Olivia e disse que ia colocar a mesa. Olivia não ficou parada. Entregou o bebê a Romeo e falou:

— Vou te ajudar, Vilma. — Angelina ficou tensa e, sem eu esperar, levantou-se também.

— Eu também... vou... er... posso pegar os pratos. — Eu sei que ela não sabe nada de cozinha, mas não queria ficar aqui com os homens, pois ela estava entretida em uma conversa com Olivia. Assim que elas saem, Romeo me olha e sei que lá vem comentário.

— Sério isso?

— Seríssimo. — respondi.

— Devolveu tudo para ela?

— Sim. Fiquei com minha parte na *Mademoiselle*, mas agora ela é a maior acionista.

— Aquele trabalho todo pra nada? — Magno ergue as sobrancelhas. — Cara, tu destruiu sua casa, jogou a Angel maligna no meu leilão, jogou os caras do AMB nesse rolo e sem falar que ligou para mim, fazendo-me passar por uma amante.

— *Usted se passó* pela amante dele? — Amadeo questionou perplexo.

— Ele me ligou só para colocar ciúme na Angelina, como se eu fosse uma piranha qualquer.

— Lorenzo! Isso é muito feio. — Amadeo reclama imitando um olhar zangado — todo *el mundo* sabe que Magno *no es una* piranha qualquer.

Amadeo ganha uma olhar feio, mas ainda assim ri comigo.

— E como será agora? — Romeo pergunta.

— Estamos indo aos poucos, nos entendendo.

— Eu só vejo os caras caindo à minha esquerda e à minha direita, mas não sou atingido.
— Magno se vangloria. — Tudo escravoceta.

Ele serve mais champanhe para ele. Amadeo e eu estendemos nossas taças para Magno servir.

— Olha quem fala. O cara que vive em função de bocetas. — Eu rebato — O que adianta não ter ninguém, mas ser escravo de todas?

— Mulher não me controla, meu caro. Sou livre para ir e vir. — Ele aponta para mim e depois Romeo. — Vocês dois. Já eram. Acabaram as saídas noturnas, aquele pornozinho maneiro, a diversidade das xotas. Come uma apertada hoje, visita uma beijuda amanhã, acabou a saída com os amigos e até a liberdade de poder xingar com a galera durante o futebol. Isso é vida? É uma escravidão. Só pode trepar quando a patroa estiver disponível e se ela pegar você se aliviando descuidadamente, a briga será feia.

— Não mesmo. — Romeo tenta ser contra, mas Magno se adianta:

— Por que ela logo vai ficar encucada, perguntando-se em quem você estava pensando enquanto descabelava o palhaço.

— Você tem uma visão distorcida de relacionamento, Magno. — Eu analiso. — Nunca namorou sério para comparar...

— Nem preciso para saber que ter o pau algemado, não é bom negócio.

— Meu Deus! Meu filho já vai crescer no meio dos esculachos. — Romeo fala baixinho, abraçando o bebê contra seu peito, olhando feio para Magno.

— Esse menino aí será o desbravador das bocetas, como o tio. Vou fazer um passe vitalício para ele no meu clube.

— E saberá dançar *pasodoble*, faço questão de ensinar. — Amadeo levanta a taça.

— Essa dança de viado? — Provoco.

— Viado é tu *culo*. — Ele devolve.

— Estaremos aqui esperando ver o dia de sua queda, Magno. — Romeo volta ao assunto anterior, e Magno dá uma risada. Ele vira a taça de champanhe na boca e aponta o dedo para Romeo.

— Dou o rabo se isso acontecer.

— Afinal já vai estar mesmo fodido quando se apaixonar loucamente. — Eu zombo fazendo Romeo e Amadeo rir da cara dele. Nesse instante, a campainha toca, nós nos calamos e nos entreolhamos. Na velocidade da luz, fiz uma análise de quem poderia estar na porta. E acho que todo mundo pensou o mesmo que eu. Kate. Eu disse para Amadeo não convidá-la, mas não comentei nada com Olivia. Ficamos nós quatro mudos, estáticos e a campainha tocou de novo. Levantei-me, andei até lá e quando abri, era mesmo a treta em pessoa.

Kate sorriu para mim, meio sem graça.

— Oi, Lorenzo. Desculpa aparecer assim, Olivia ligou me chamando, não queria vir, mas ela insistiu tanto. — seu sorriso denuncia como ela está

nervosa.

— Ah... — Perdi completamente a fala. Só torci para que Amadeo saísse correndo da sala.

— Está tendo mesmo um jantar aqui, não é? Ou interrompi algo... ai, meu Deus. Interrompi? — Coloca a mão no peito e tenta olhar para dentro da casa.

— Não. Claro que não, estamos sim, reunidos. Entre. Seja bem-vinda.

Ela suspira aliviada e entra, Olivia vem da cozinha para recebê-la, mas Kate para bruscamente olhando para a sala. O burro do Amadeo está lá com cara de bunda mole.

— Kate. Só faltava você. — Olivia fala, mas Kate nem se mexe. Os dois, ela e meu primo estão compenetrados, olhando-se. Agora Magno que está com cara de “Oba, treta”.

— Roberto? — Ela murmura.

— Quem? — Eu, Magno e Olivia falamos
NACIONAIS - ACHERON

juntos.

— Ele, — Aponta para Amadeo — meu vizinho.

O pânico no rosto de Romeo é visível. Eu coloco uma mão no rosto já vendo a merda que vai dar, Magno ri e Amadeo engole em seco.

— Amadeo é seu vizinho? — Olivia indaga perplexa e confusa. — O tal vizinho que te inspirou no livro?

— Um livro inspirado no Amadeo? — Magno balbucia. Todo mundo com cara de samambaia, sem saber o que está acontecendo. Angelina assiste tudo de uma distância segura. Olho para ela e está me encarando de olhos semicerrados sabendo que eu tenho conhecimento de toda a situação.

— Gente, espera. — Kate dá um sorriso de puro nervosismo. — Ele aponta para Amadeo. — É o Roberto, meu vizinho. — Olha para Olivia. — Aquele que comentei com você, Oly.

— Contou intimidades do Amadeo para a
NACIONAIS - ACHERON

Olivia? — Agora Romeo está chocado.

— Kate. — Olivia toca no ombro dela, está com precaução na voz, como se caminhasse em campo minado — Está acontecendo um engano. Esse é o primo do Romeo. O que eu disse que ia te apresentar.

— Não. — Kate nega veementemente. — Roberto, diga a eles. Diga quem você é. — implora já com uma dose de aflição na voz.

— Catherine... eu...

Ela começa a entender tudo e coloca as duas mãos no rosto.

— Ah, não. Por favor, me diga que isso não está acontecendo de novo comigo. — Amadeo se levanta e meio temeroso vem caminhando em direção a ela.

— Eu ia te contar.

— Ai, meu Deus! — Olivia coloca as duas mãos na boca. — Ai, Meu deus! Quero esquecer
NACIONAIS - ACHERON

tudo que me contou sobre ele. — Ela fecha os olhos apertando forte as pálpebras.

— Cacete! O que ela te contou, Oly? — Seu olhar fixa em Romeo.

— Você sabia disso?

— Claro que não, amor. — Ele mente. O safado que deu a ideia do Amadeo se passar pelo vizinho, pois ele sabia que Kate teve um problema com o vizinho anterior e tinha um apartamento para alugar.

Depois o clima ficou mais calmo, logo que Kate saiu correndo aflita e Amadeo foi atrás dela. Não houve gritos e nem discussões, ela apenas deu meia volta e saiu correndo deixando todo mundo com cara de tacho.

Fomos para a mesa jantar e aos poucos a conversa fluiu normalmente, claro que o peso do que houve permaneceu. Olivia ligou para ela depois e disse que estava bem. Romeo mais uma vez jurou que não sabia de nada, eu também jurei que não sabia de nada, só para acalmar Angelina e não

NACIONAIS - ACHERON

perder minha foda da noite, apesar que ela não tem nada a ver com isso, com certeza iria ficar de bico virado dizendo que eu fiz algo muito errado. E Magno apenas nos olhou com aquela cara de sacana, pude ler em seus olhos: “Eu sei o que vocês fizeram no mês passado”.

E ele ainda achou brecha nesse momento para se inflar, dizendo que poderia fazer o sacrifício de dormir com Kate para ela se vingar de Amadeo. Depois, todos foram embora. Magno foi primeiro e Romeo levou Vilma com eles.

— A noite é nossa. — Entreguei uma taça de vinho para Angelina e nos jogamos no sofá assim que ficamos só nós dois.

— O primeiro sexo depois da benção da mãe Vilma. — Ela bateu a taça na minha.

— O primeiro sexo de namoro oficial. — Nós nos aproximamos e demos um beijo com gosto de vinho. Abri os lábios, chupei quase vorazmente a sua boca. “Uau” suspiramos juntos. Ela se ajeitou no sofá, sentada em cima das pernas, bem perto de

mim.

— Estou tão apaixonada por você.

— Qual a novidade? Você sempre esteve. —
Dou um beliscão carinhoso na bochecha dela.

— E você, não?

— Digamos que eu gostava de te comer bem gostoso. — Terminei a frase sussurrando no ouvido dela, fazendo Angelina se arrepiar toda.

— Só isso, te comer gostoso e pronto? — Ela segura meu queixo me afastando do rosto dela.

— Gostava de te comer gostoso. Agora gosto mais ainda, comer gostoso apaixonado é muito melhor.

Os olhos dela brilham e os lábios vão se abrindo gradativamente em um sorriso.

— Você joga isso assim na minha cara, sem me preparar...

PERIGOSAS

— O quê?

— Que está apaixonado.

— Mas eu estou. Apaixonado pela mulher mais bobona que existe.

— Seu besta. — Ela ri e me abraça bem apertado. — Geralmente homens têm mais dificuldade em confessar isso.

— Homens frouxos.

— Vá buscar as camisinhas. — Ela murmurou sensualmente contra minha boca.

— Nada de malvadinhos. — Eu concordei. Ela se afastou um pouco para olhar nos meus olhos.

— Um dia, quem sabe?

— É. Não agora. Tenho que me preparar muito e não saberia lidar. Deus me livre e guarde. — Estiquei meu braço e bati na quina de madeira do sofá.

NACIONAIS - ACHERON

— Você precisa deixar de ter medo de filhos.

— Quem sabe um dia eu me curo? —
Coloquei a mão no ventre dela — Mas por
enquanto mantenha esse forninho desligado. Talvez
um dia eu supere, quem sabe um dia. Daqui uns
cinco ou sete anos. Vamos curtir primeiro. Isso não
é o mais importante agora.

— Tem toda razão — ela concordou pulando
no meu colo.



Agora, alguns dias depois, estamos nos
preparando para ir jantar com os pais de Angelina.
Hoje meu dia foi corrido, não pudemos almoçar
juntos e pelo que vi quando cheguei agora a pouco
para buscá-la, Angelina não melhorou desde cedo
quando acordou enjoada por causa do hambúrguer
que comeu.

Lourdes deu-lhe um sal de frutas e disse que
isso é normal para ela que não costuma comer essas
coisas mais fortes e vai dormir logo em seguida.

— Chegou a vomitar? — pergunto sentado na cama, olhando-a terminar de se maquiar.

— Não. Melhorou depois que Lourdes me deu o sal de frutas. Deu ruim, pois acabei de comer e dormi de estômago cheio.

— Eu te disse que era melhor transarmos antes. Exercitar, queimar calorias.

— Espero que me lembre disso hoje quando chegarmos. — Ela pisca para mim pelo espelho.

— Com certeza. Precisarei de cuidados especiais para aliviar o estresse causado por esse jantar na casa dos seus pais.

— Você vai tirar de letra. Você já teve uma amizade com o papai. Ele vai te perdoar.

Posso dizer que o jantar foi ótimo. Melhor que o que teve na minha casa. Apesar que teve um breve contratempo e me fez arrepender amargamente de ter entregado tudo para Angelina e não poder mais dar ordens na *Madde*, senão Noah já estava no olho da rua.

Chegamos lá e estavam apenas os pais dela e Lourdes. Senti-me muito à vontade, mais do que Angelina ficou no meu jantar. Eric foi direto ao ponto, não ficou enrolando. Encarou-me sério, após eu sentar e ser servido de um pouco de vinho.

— Angelina já nos deixou mais ou menos a par do que está acontecendo. — Ele iniciou a conversa.

— Pois é. Digamos que estamos nos entendendo. — Descanso a mão na perna dela ao meu lado e os olhos semicerrados de Eric pousam nela. — Aconteceu muita coisa entre a gente...

— Inclusive você tomar uma empresa que é da minha família.

— Assim como a Angelina me difamou anos atrás por acreditar na Beth.

— Então você acha que estão quites? — Dou de ombros.

— Devolvi tudo que é dela por direito.

— Pai, não existe estar quites. Não estamos mais vendo isso como acerto de contas e sim como desencontros. Foram questões que nos feriram mutuamente, mas que nos fizeram amadurecer e unir de novo.

— Ela tem razão, Eric. Poderíamos ter sido felizes casando sete anos atrás, ou talvez não estaríamos felizes. Éramos novos demais, eu não tinha nada para me manter e ainda manter uma família. Você sabia como era. Agora sabemos exatamente o que queremos da vida.

— E quais são suas intenções com a Angel?
— Agora foi Beatriz, a mãe de Angelina, que perguntou.

— Quero recompensar tudo que perdemos esses anos. — olhei para Angel e ficamos compenetrados. — Tanto para mim, como para ela. — Quando voltei o olhar para Beatriz, ela e Lourdes tinham leves sorrisos nos lábios. Apenas Eric estava carrancudo.

— Olha só isso. — Angelina estendeu a mão

para eles. — Tenho um anel.

Eric ignorou o modo como Lourdes e Beatriz exclamaram admirando o anel e já antecipou:

— É um tipo de noivado? — Ele franziu dramaticamente, o cenho.

— Sim — Assenti. — É um tipo de noivado.

— Ah, não é mesmo. — Beatriz se adiantou negando bruscamente. — Preciso de um evento para anunciar o noivado de minha única filha.

— Mãe, não é necessário.

— Claro que é. Lourdes, vamos pensar em algo bem glamoroso.

As coisas só ficaram piores mais tarde quando uma visita inesperada apareceu, depois soubemos que não era visita inesperada. Eric contou que chamou Noah, pois tinha algo a revelar para mim e Angel. Já fiquei de orelha em pé quando ele chegou. Não é de hoje que Noah é um filho da puta bunda mole que rodeia Angelina. Ele sempre fez

NACIONAIS - ACHERON

questão de me provocar. Só vai parar o dia que eu afundar o nariz dele.

— Eu convidei Noah para vir aqui, — Eric começou, todo formal, depois que Noah se acomodou em uma poltrona — porque agora com vocês dois juntos novamente, as regras do jogo mudam.

— Do que está falando, pai? — Ansiosa, Angelina fez a pergunta que estava na minha mente desde quando ele abriu a boca.

— Calma. Noah, quer você mesmo contar?

— Fique à vontade, Eric.

— Ok. O dia que Angelina me contou que estava sendo obrigada a participar de um leilão, por ordem de um filho da puta... — Ele deu um sorriso de deboche e acrescentou: — Palavras dela. Eu, como pai, fiquei muito preocupado. O tal lugar do leilão era secreto e só entravam convidados. Comentei com um amigo, — ele estendeu a mão gentilmente apontando Noah — e ele me disse que achava que sabia onde seria. Então pedi a Noah que

NACIONAIS - ACHERON

tomasse a frente e fosse o cão de guarda da minha filha. E foi isso.

Um minuto de silêncio na sala. Eu já entendi logo de cara e quis mais ainda bater no Noah, para ele aprender a deixar de ser um completo mela-cueca.

— O quê? — A voz de Angelina sai só um resquício, um balbuciar. — Noah... estava plantado no leilão...

— E na empresa. — Eric emenda. — Por sorte, nem precisou pedir emprego, você mesma ofereceu. Noah só precisava ficar de olho em você e impedir qualquer filho da mãe de te machucar.

— Noah! — Angelina exclama revoltada. — Eu confiei em você! Enganou-me.

— Angel, sou amigo de seu pai, eu estava ali para te defender, ao contrário de outros...

— Está tirando uma com minha cara? — questiono civilizado, mas sem deixar de impor minha hostilidade.

— Não. Estou dizendo a verdade mesmo.

— Vai demiti-lo. — Viro para Angelina e ordeno.

— Você não manda mais lá, Lorenzo. — Eric me lembra desse detalhe. Nem olho para ele. Continuo olhando Angelina.

— Não posso, Lorenzo. Temos contrato. — Ela sussurra.

— Isso não acabou. — Aviso para ela. Volto a encarar o pessoal na sala. — Os serviços do seu cão de guarda estão dispensados, Eric. Ele pode ser fotógrafo na empresa, mas Angelina é minha namorada e da minha mulher eu cuido.

— Antes de ser sua mulher, ela é minha filha.

— Mas agora a obrigação de protegê-la é minha.

— Devia ter tentado protegê-la antes, naquele leilão. — Noah provoca.

— Não fiz antes, mas a partir de agora irei fazer.

— Não se o pai dela ordenar. Se ele quiser que eu continue, irei continuar vigiando os passos de Angel e...

— Chega! Parem vocês três! Que merda! — Angelina grita furiosa. — Brigando para ver quem vai cuidar de mim? Eu sou adulta, passei minha vida me virando por conta própria. Não preciso de meu pai, do cão de guarda dele ou do meu namorado para vigiar meus passos dia e noite. Por anos, fiquei a frente da empresa, viajando sozinha, fazendo propaganda, divulgando desfiles. — Ela bate nas pernas. — Era só o que me faltava!

— Ela tem toda razão, nunca vi conversa mais machista. — Beatriz opina também. — Foi-se a época que mulheres precisavam de homens para viver.

— Nunca precisaram, Bia. — Lourdes intervém. — A sociedade que sempre colocou isso na cabeça das coitadas.

E a conversa acabou. Ficamos os três de cara amarrada um com o outro até a hora de ir embora.



— Você vai sim demitir aquele cara de cu da porra. — Já em casa, arranco minha camisa, jogo longe e começo a tirar a calça. Angelina para de despir o vestido e dá uma gargalhada.

— Está rindo de quê?

— De você, todo bravo, xingando.

— Se você soubesse como eu estou puto aqui. Aquele filho da puta quase acaba com meus planos. Quase. Por pouco.

— Se ele tivesse acabado com seus planos, teria sido bom para mim — Ela grita lá do closet. Termino de me despir, ficando totalmente pelado, ela volta do closet, eu vou para cima e a ataco. Angelina grita com meu ataque, presa nos meus braços.

— Esse meu plano de agora, Noah não poderá

impedir. — Ela ri e abraça meu pescoço.

— Que plano? Ai, céus! Já estou com medo.

— Comer você gostoso para aliviar o estresse.

— Quero! — Ela grita rindo, eu a pego no colo e jogo na cama pulando por cima.

— Prometa que quando o desfile acabar, vai demiti-lo.

— Senão...

— Senão a coisa vai ficar muito feia para seu lado. — Percorro minhas mãos por baixo da camisola dela.

— Voltou ao modo chefe estúpido? — Ela arranha sensualmente minhas costas, passando as unhas, deixando-me de pau duro feito rocha.

— Sim, voltei. Isso é uma ameaça. Sabe que eu faço valer a pena.

Ela gargalha me fazendo sorrir também e de

olhos brilhantes fala:

— Meu Deus! Eu amo esse homem.

Dou uma risada, fascinado com os olhos dela. Tão lindos, azuis, com uma bela expressão de pura sinceridade. Pronto, o nervosismo já passou. Tenho tudo que preciso aqui. Encosto meus lábios nos dela e um beijo explosivo acontece. E o que era para ser foda selvagem, acabou se tornando em fazer amor apenas, tranquilos, agarrados, acariciando-nos sem pressa, sentindo cada ponto do corpo do outro, prolongando o máximo do delicioso prazer.

Foi como voltar sete anos atrás e nada ter mudado. Nesse momento, não existe mais nada entre a gente, nem família, nem problemas, nem questões mal resolvidas.

Só agora posso dizer que voltamos oficialmente.

QUARENTA

ANGELINA

Enfim chegou o grande dia. O desfile *Supreme*. Nem parece que já se passou um mês desde que eu descobri que Lorenzo era o tal chefe anônimo. Todo aquele desespero e raiva ficaram distantes, parece que se passaram anos desde aqueles episódios. Vendo agora daqui, todas aquelas coisas que aconteceram não me dão mais ódio e nem ânsia como sempre me davam.

Tudo teve um propósito e até agradeço por ele ter tomado a iniciativa de se vingar de mim. Hoje estou com um lindo anel de noivado no dedo e com o homem que sempre amei ao meu lado. Apesar de ter passado por aquilo tudo, tem uma frase que diz: "Perdoar não é esquecer, isso se chama amnésia, perdoar é lembrar sem se ferir e sofrer." Por isso que nada do que passou mexe mais comigo, são apenas lembranças.

Nossos dias juntos estão se tornando um verdadeiro paraíso. Eu duvidava que pudesse

reviver tudo que tínhamos antes, mas está sendo melhor ainda. Lorenzo não é mais o lutador sexy e rebelde de cabeleira grande de vinte e dois anos, mas sim, um empresário sexy de trinta anos que me arranca suspiro e risadas.

Voltamos a andar de bicicleta, a dormir à tarde, voltamos ao supermercado e dessa vez trouxemos mangas, e chupamos sem faca. , e depois nos beijamos melecados. Deixei que ele fosse ele ir comigo ao meu psicólogo e também no fonoaudiólogo. Depois de muita pressão dos meus pais, resolvi voltar às consultas. E agora Lorenzo está pegando no meu pé para eu continuar a fazer os exercícios de dicção.

Terminamos de ler o livro o *Duque e Eu* e deixei-o escolher o próximo para lermos. Na verdade, fomos à livraria e compramos vários livros, pois ele falou que vai aposentar as televisões, que eu vou apenas ler nos momentos de folga. TV, somente sábados, domingos e feriados. Agora estamos lendo *O Lar da Srta. Peregrine para crianças peculiares* e quase morri de rir quando Magno viu o livro no apartamento de

Lorenzo e disse que lá é mesmo a casa das duas crianças peculiares. De certa forma somos um casal peculiar, julgue-nos, não são todos que podem nos entender.

Pena que nesses dois últimos dias eu estou desesperada por dentro. Quer saber um segredo? Sou um pouco vaca por estar escondendo algo muito sério sem saber o que fazer. Tenho medo desse segredo destruir esse meu maravilhoso paraíso. E ontem, antes de sairmos daqui da *Madde*, acho que alcançamos um patamar mais elevado ainda no nosso relacionamento. Eu chorei, ele ficou feliz e pude ver tanta emoção em seus olhos que me arrepiou toda e me senti culpada de estar mesmo escondendo algo de Lorenzo.

Já eram mais de nove horas da noite e eu estava resolvendo os últimos ajustes para o desfile de hoje. Eu fiquei sozinha com mais umas duas funcionárias e depois que o salão onde será o desfile foi fechado, eu subi para o escritório e fiquei terminando de resolver algumas coisas. Na mesa da minha sala tem uma foto, não resisti e a revelei para colocar aqui. Lorenzo pegou um

saquinho de M&M, abriu, ativou a câmera, puxou-me para perto dele e jogou as bolinhas de chocolate em cima da gente. Ele sorrindo lindo como sempre e eu assustada por ter sido pega de surpresa. Depois tivemos que catar uma por uma, afinal eu não sou doida de desperdiçar chocolate. Lorenzo chegou à minha sala trazendo sacolas de comida que ele tinha ido comprar. Parei o que estava fazendo e me sentei com ele para comer.

— Muito ansiosa para amanhã? — perguntou, sentado à minha frente.

— Demais. Hoje tenho que tomar calmante para dormir.

— Deixe comigo, me chamo calmante. Vou te dar uma boa dose para dormir tranquila.

— Isso teve conotação sexual? — Elaborei uma cara me fingindo de inocente.

— Lógico. — Piscou provocante para mim.

Sorri cheia de luxúria interna, mal podendo esperar para chegar logo em casa, tomar um banho

NACIONAIS - ACHERON

com ele e cair na cama, juntos.

— Estamos nós dois aqui, apenas nós. Poderíamos já fazer uma sessão aplicada de tranquilizante, o que acha?

— Não. — neguei na hora. — Quero você na cama e não fazendo contorcionismo lá no depósito contra os manequins como semana passada.

— Foi gostoso demais. — Com uma cara safada, Lorenzo demonstrou que estava relembrando a cena. Apontou o garfo descartável para mim e falou: — Hoje poderíamos usar as máquinas do setor de corte.

— Está louco? Vai que Valmir tenha colocado câmara lá. Ele é doido para ver sua bunda. Saiba disso.

— Deus me defenda. — Dei uma risada da cara dele, enquanto Lorenzo voltou a comer sério.

Depois de comermos, a preguiça bateu e desisti de ficar mais na empresa, porém antes de sairmos, eu tinha que mostrar algo a ele.

NACIONAIS - ACHERON

— Venha comigo. — puxei-o pela mão e o levei para o elevador.

— Transar?

— Para de só pensar nisso. — Repreendi. Viajamos pelos andares do prédio até o segundo andar, na ala das noivas.

— O que foi? Transar aqui?

— Não, seu bobo. Apenas venha.

Passamos pela grande recepção, agora vazia, depois, pelo salão de prova de vestido com os belos sofás e poltronas brancas. Os manequins cobertos com os lindos e chamativos vestidos, as prateleiras com as tiaras e assessórios, belos vasos de flores e lustres de cristal que pendem do teto. Aqui é um dos lugares mais lindos do prédio, é onde a mulher entra e deve se sentir como uma princesa.

Atravessamos um dos corredores repleto de vestidos pendurados dentro de capas até chegarmos ao depósito. Antes de abrir, voltei-me para ele.

— Desfazer-me disso seria afirmar que tudo para mim foi banal. Quando na verdade, representou toda minha felicidade. — Ele não responde, fica sério sem entender. Abro a porta, entro, acendo a luz e o chamo.

Lorenzo entra lentamente, olha para os lados vem andando comigo, em meio aos manequins quebrados, aos vestidos ensacados e prateleiras cheias de caixas. Puxo uma cortina e paro ao lado de um vestido de noiva, em um manequim. Vim antes aqui, desencaixotei, limpei a poeira e com cuidado, vesti o manequim. Ele olha sem piscar para o vestido e então ele percebe.

— Foi esse. — Ele diz perplexo. — Você disse que...

— Sim, esse é meu vestido. Jamais poderia queimar algo que representou tanto para mim.

Ele dá um passo e com as costas dos dedos toca de leve o busto do vestido.

— É lindo. Você ficou perfeita nele.

— Eu fui uma cretina aquele dia...

— Não. — Ele vira-se e levanta a mão para eu parar. — Acabou. Doutor Estevão, desde os meus quinze anos quando o conheci, ensinou-me a criar barreiras na minha mente e eu gosto de lembrar apenas do momento que te vi entrando muito apressada... — ele volta a olhar para o vestido e sorri — dentro deste vestido. Era sem dúvida, a noiva mais linda.

E essas palavras calmas e sinceras me fazem desmoronar. Encosto o rosto no braço dele e já estou em lágrimas.

— Perdoe-me. — Lamento. Ele se vira e prende meu corpo em seus braços. Aninho-me em seu peito.

— Sua tolonia. Para, já passou, estamos aqui, tudo está bem. — Levanto meu rosto para olhá-lo e acho que nem sei pelo que pedi perdão. Pelo passado ou por estar escondendo algo importante dele. Lorenzo limpa minha lágrima, vejo o brilho intenso nos olhos dele.

— Também não me desfiz do meu traje.

— Sêrio?

— Sim. Acho que não cabe mais, pois fiquei mais gostoso nesses últimos anos.

— Besta. — Rio ainda com resquício de lágrimas e volto a abraçá-lo encostando meu rosto em seu peito.



Agora estou aqui em meio a uma grande confusão de modelos entrando nos camarins, cabeleireiros correndo, vestidos pendurados em araras, um corre e corre, uma loucura. Estou nos bastidores. Olho em volta para o grande movimento e respiro fundo soprando em seguida, a tontura veio de novo. Hoje acordei com enjoo, chorei escondida para Lorenzo não ver e me recusei a pensar em tomar qualquer decisão hoje. Hoje é o dia da *Mademoiselle*. Esperei muito tempo para ver o dia de hoje, ela se reerguendo como uma rainha. Então todo e qualquer outro assunto vai ficar para segundo plano.

Tudo está indo muito bem, Lorenzo e eu aparecemos em capas de revistas, demos entrevistas, o assunto mais comentado na internet foi o desfile, então tenho que fazer valer a pena. Paro uma das minhas funcionárias que passou correndo por mim.

— Traz água para mim, por favor, com gelo.

— Ok. — Ela assente e sai correndo.

Olho-me no espelho e vejo se não estou com a testa suada. O vestido parece que está me sufocando. Meu cabelo está armado e meu rosto bem maquiado, sinto-me muito desconfortável com isso tudo. Atrás de mim, vejo Olivia vindo e me recomponho. Ela franze a testa para mim, fico com medo de ela notar algo estranho e já emendo uma pergunta:

— Não vi a Kate. Não vem?

— Nem te conto. Kate sumiu no mundo.

— Sério? Depois daquilo no jantar?

— Também. — Olivia se olha no espelho, vendo o cabelo preso em um exuberante penteado e volta a me encarar. — Eu estou com muita raiva daqueles miseráveis. Se eu souber que Romeo está metido nisso, ele vai me pagar.

— Foi inacreditável. — Concordo lembrando o que aconteceu entre Amadeo e Kate. — Será que esse povo Lafayette não sabe viver sem armar?

— Pois é. Acredita que se não bastasse isso, o Magno entrou no meio da confusão?

— Merda. — Coloco a mão na boca — Entre Kate e o primo do Lorenzo?

— Sim. Aproveitou a brecha e foi atrás da Kate.

— Magno e Kate? Ela tinha uma quedinha por ele, né?

— Uma queda? Um tombo inteiro, nunca escondeu. Mas deu encrenca quando ele foi procurá-la, Kate ficou muito brava, brigou com os NACIONAIS - ACHERON

dois e saiu da cidade. Te conto tudo depois com calma.

Uma garota se aproxima com uma bandeja e um copo de água, me entrega. Agradeço e bebo a água sedenta, refrescando-me, estou completamente tensa. Quero pensar que é apenas pelo desfile.

— Está tudo bem com você?

— Estou, sim. — Sorrio falsamente para Olivia. — Só estresse pelo desfile.

— Não é querendo me intrometer, mas desde ontem que percebo que não está bem. Vi você saindo com olhos vermelhos do banheiro. Lorenzo está dando problema de novo?

— Não. — Balanço a cabeça e sinto meu sangue fugir do rosto. Puxo o ar e sopro. — Claro que não. Lorenzo e eu nunca estivemos melhor.

— Angelina, você está pálida. Quer que eu chame a equipe de primeiros socorros para aferir sua pressão?

— Estou bem. — coloco a mão no peito e puxo uma cadeira para me sentar. Fico de cabeça baixa por um tempo, sei que Olivia ainda está aqui, perto de mim. Acho que se eu me abrir com alguém me sentirei melhor. Levanto os olhos para ela, sinto lágrimas começarem a brotar e me levanto. Apenas murmuro: venha comigo. Ando sem olhar para trás e vamos para um lugar mais reservado.

— Vou te contar uma coisa, juro por Deus, Olivia, — Olho em volta e falo mais baixo — que se você contar para quem for, para seu bebê que seja, eu te demito.

— Ai, credo! Eu tenho chance de ir pra cadeia se for sua cúmplice?

— Não.

— Ufa. Seria uma péssima influência para o Gael se a mãe dele fosse uma presidiária.

— Então, prometa.

— Prometo.

— Que não vai nem pensar nesse assunto quando estiver ao lado do Romeo, pois ele vai perceber que você esconde algo e vai te pressionar até você contar.

— Credo. — Ela faz uma cara de horror e coloca a mão no peito. — O que é tão grave assim? O crime ainda vai acontecer, é isso? Mandou matar alguém?

Dou uma risada muito nervosa.

— Não. Nossa, estou em pânico! Eu já andava desconfiada há algum tempo, mas ontem, depois de oito dias sem menstruar... fiz um exame de farmácia. — Olho em volta passo as mãos nos cabelos e encaro Olivia que já percebeu tudo.

— Meu Deus. Está... grávida? — Ela faz essa pergunta com um sorriso nos lábios.

Pare com isso mulher, o caso é grave, não é para sorrir. Olho mais uma vez para me certificar que ninguém está nos ouvindo.

— Sim, estou — Confirmo.

NACIONAIS - ACHERON

— Angelina. Mas... isso.... isso é ótimo. Um bebê! Por que esse segredo todo?

— Lorenzo não quer. — Sou rápida e sucinta, falando bem baixinho.

— O quê? — Ela grita de olhos muito saltados.

— Xiuu! — Faço um sinal para ela falar mais baixo.

— Eu não estou acreditando. Que... filho de uma... lhama. Como ele pôde ser tão cruel assim? Mandou você tirar?

— Para. — Abro minhas duas mãos na frente dela. — Ele não sabe.

— Lorenzo não sabe? Espera, não estou entendendo...

— Lorenzo tem muito temor em ser pai. Já conversamos sobre isso várias e várias vezes. Em todas elas, ele afirma ser o maior horror para ele, pois tem medo de errar com um filho como o pai

NACIONAIS - ACHERON

errou com ele. — Arrasto-me e sento exausta emocionalmente em uma cadeira, coloco as mãos no rosto e me abaixo.

— Mas... não vai contar para ele? Ele é pai, tem direito de saber. — Levanto os olhos para ela.

— Nossa, Lorenzo passou por vários problemas, ele tenta superar ainda. Se ele tem esse medo, como eu vou obrigá-lo a enfrentar?

Olivia se afasta, puxa uma cadeira para perto e me senta. Lá ao fundo, a confusão e o corre-corre acontece normalmente.

— Mas você nunca pensou que um bebê poderia ajudá-lo a superar mais rápido?

— Eu já, mas ele não. Fui uma descuidada, como pude não me prevenir desde o início? Como fui tola! Antes de ontem eu já estava quase certa sobre a gravidez, toquei no assunto de novo e ele ficou meio nervoso. Como que eu vou dar essa notícia? — Totalmente sofrida fico olhando para Olivia que está tão perturbada como eu e sem nenhuma resposta para me dar. Com a mão na

NACIONAIS - ACHERON

garganta, quase chorando, eu murmuro: — O que eu vou fazer?

— O que aconteceu? — Quase dou um grito de susto. Levanto os olhos e Lorenzo está curioso, olhando de mim para Olivia.

— Os... — Olivia gesticula tentando achar uma resposta, eu estou sem fala olhando fixamente para ele, que me encara preocupado. — As... — ela continua balbuciando. — Um dos vestidos estragou.

— Um apenas? — Ele indaga e eu respiro aliviada por ele não ter ouvido tudo.

— Sim.

— Está aí morrendo por um vestido?

— É isso que estou falando com ela. Um apenas não vai fazer diferença.

— Era um... ótimo vestido — resmungo meio engasgada.

Ele sorri e estende a mão para mim. Levanto-me, seguro sua mão e tento parecer com cara de alguém que perdeu um vestido e não de uma mulher que está escondendo uma gravidez.

— O que é um vestido perto disso tudo aqui?
— Ele mostra ao redor.

— Verdade. — Balanço a cabeça, com um sorriso travado.

— Já começou a anunciar, vai começar. Está tudo bem?

— Sim. Pode voltar pra lá.

— Vim só ver como estava e desejar boa sorte. — Ele me dá um beijinho e murmura contra meus lábios "Faça. Valer. A pena." Eu fico querendo chorar, mas mantenho minha pose como se fosse uma inabalável Miss Universo e com um sorriso vejo ele acenar para Olivia e se afastar. Assim que ele desaparece, eu caio na cadeira totalmente arrasada.

— Tem que contar. — Olivia fala ao meu
NACIONAIS - ACHERON

lado. — É sua única saída.

— Única? — Olho para ela.

— Ou então... — ela senta ao meu lado e se cala.

— Ou então... — Faço um gesto para ela continuar.

— Deixá-lo definitivamente fora disso. Viver sua vida com seu filho. Dar um pé na bunda do Lorenzo como fez anos atrás. Qual das duas opções acha que mais vai fazê-lo sofrer?

Nesse instante sinto o peso do anel no dedo. Olho e a pedra enorme brilha. O anel símbolo de nossa nova união. Arrepiada e totalmente aterrorizada levanto os olhos para Olivia e fico pensando nessa possibilidade. Seria pior que atirar nele.

QUARENTA E UM

LORENZO

O lugar está inacreditavelmente magnífico. Será mais que um espetáculo, será o renascimento de uma empresa que fez fama por décadas. Estou deslumbrado pelo local que mistura modernismo com o lado feminino que a marca tem. Há luzes de LED em volta da passarela e todo o ambiente, disposto de tela LCD, na passarela, no teto e atrás da passarela. Em todas essas telas, alguma coisa estará sendo exibida enquanto as modelos desfilam pela imensa passarela rodeada de espectadores.

Sem falar, é claro, que será o dia de Angelina. Ela lutou muito, arduamente, por esse momento. Ela fez por merecer cada mínimo detalhe dessa noite e isso me enche de orgulho. Por ela ser forte, determinada e ter resistido a tudo pelo seu sonho. Lutou bravamente, enquanto a empresa escorregava por minha causa, brigou com o pessoal da AMB por eles não estarem dando mais tempo para ela, brigou ferreamente comigo e por todo esse tempo manteve-se de pé.

Apesar de toda minha casca grossa, nunca achei que eu fosse forte o suficiente para superar as coisas à minha volta e Angel está me fazendo enxergar minha força e ainda me doando a sua. É incrível como uma pessoa pode fazer a outra se sentir bem apenas por estar em sua vida. Sinto-me livre de todas as minhas merdas apenas sabendo que poderei sentar com ela e assistir, ler um livro, brigar ou transar.

Vejo-a ao longe conversando com algumas mulheres muito bem vestidas. Os pais dela estão na rodinha e eu aqui sozinho, bebendo e observado, meio deslocado desse mundo de glamour onde ela já nasceu e sabe exatamente como dominar.

Eu a amo tanto que sinto necessidade de fazê-la ter necessidade de mim, como eu tenho dela. Às vezes, preciso apenas cutucar as costelas dela para vê-la saltar pela cócega. Quando estou na Orfeu, preciso apenas pegar o celular e mandar um emoji para ela e receber alguma coisa de volta. Por que é uma necessidade que nem eu sei explicar.

Logo eu que passei a vida duvidando que as

peessoas gostavam mesmo de mim, achava que era por pena. Pois no dia quando voltei para casa, com treze anos, foi o que eu vi no rosto dos meus irmãos, de Vilma, do meu avô e desse dia em diante, não queria a compaixão de ninguém. E quando ela diz que me ama, vejo em seus olhos que não é por causa do que passei e sim, por quem eu sou e me tornei. Eu a amo de volta com toda a intensidade que ela me oferece. Mesmo tendo sido um filho da puta, ela ainda conseguiu dar a volta por cima, persistiu e me fez ter necessidade dela de novo.

— Está aí pensando se foi um bom negócio ter entregado a empresa? — Viro-me e vejo Romeo. Olivia, em um luxuoso vestido, caminha em direção à porta de entrada para os bastidores. Angelina já foi para lá.

— Não me arrependo. Sem falar que isso aqui hoje é meu também. Sou o segundo maior acionista.

— Na verdade, eu sei que você estava olhando para a Angelina. — Ele confessa.

— Como você estava babando para a Olivia.
— Devolvo.

— Estava mesmo. Minha mulher é a mais linda da noite. — Romeo olha ao longe para Olivia quase chegando à porta dos bastidores. — Sou tão sortudo que nem acredito. — Ele me olha e para de sorrir. — E vocês dois? Acertaram mesmo de vez?

— Sim. Nunca estive melhor.

— Achei que você surtaria quando ela descobriu tudo. — Balanço a cabeça assentindo, pois eu também achei. Na verdade, surtei um pouco, não sei se de vergonha ou temor do que ela ia pensar de mim. contei a Romeo, Magno e Vilma que Angelina descobriu tudo. Vilma ficou com olhos estreitos Magno e Romeo me encararam sérios, pois eles sabem da gravidade da situação. E eles ficaram mais surpresos quando eu disse que por causa disso nós nos entendemos e resolvemos todos os nossos impasses. Foi como tirar um peso de cima de mim.

— Acho que caso antes de você. — Dou um

vasto sorriso exibido para ele. Romeo balança o pescoço negando.

— Não mesmo. O meu já é em maio do ano que vem.

— O meu pode ser mês que vem.

— Mês que vem? — Ele repete quase gritando.

— O que é mês que vem? — Magno e Amadeo se aproximam. Ambos com olhos roxos por terem brigado entre si. Assunto: mulher, claro. Mas já estão de bem novamente, porque esses dois não conseguem se desgrudar.

— Lorenzo se casa mês que vem. — Romeo delata.

— Ave Maria. — Magno exclama. — Já tá assim?

— Assim como? — Semicerro os olhos para ele.

— Você e a Angelina. Vocês peidam um na frente do outro?

— O quê?

— Enquanto não fizer isso, não tá no tempo de casar. — Ele explica.

— Falou o senhor especialista em peidos e casamento. — Romeo desdenha.

— Errado. Falou o especialista em relacionamento. — Magno rebate com sua costumeira pose aristocrática, orgulhoso e cheio de si.

— Tão especialista que precisa comer *las mujeres dos otros hombres*. — Amadeo dá o palpite e Magno o fuzila com um olhar.

— Cara, não tenho uma por que não quero. Se eu estalar os dedos, caem montes aos meus pés.

— Você é um puto. — Amadeo torna a alfinetar.

— Um putão. — Magno corrige convencido e emenda — E você, um putinho. Ainda tá aprendendo, Amadeozinho. Olhem só para eles dois — aponta para Romeo e eu — deixaram de ser putos assim que entregaram o pau para ser algemado.

— Ah! Verdade. Com isso concordo. — Amadeo já pula para o lado de Magno — Romeo era o maior puto do pedaço.

— Eu? — Romeo quase urra, colocando o indicador no próprio peito.

— Sim, você. — Amadeo desafia. — Quem mais conseguia beber *shots* nas tetas das *mujeres* em Ibiza sem se embriagar?

— Ele. — Magno e eu respondemos juntos apontado para Romeo.

— Vão se foder vocês. — Ele esbraveja — Sou homem de família, porra. Se Olivia ouve uma desgraça dessa...

— Imagina então se ela sonha que você
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

alugou um iate em Ibiza, encheu de gostosas mexicanas e ficou quase três dias em alto mar? — Magno relembra desse episódio e nós rimos. Romeo fica mais sério.

— Isso se chama passado. Hoje tenho apenas uma dona.

— Ohhh. Falou o fofão. — Amadeo zoa.

— Tem uma dona, mas sua despedida da vida de solteiro foi a melhor.

— Romeo só tinha um problema. — analiso.
— Para ele trepar, tinha que ter algum conhecimento da mina.

— Verdade. — Magno concorda — Não trepava ao acaso. Por isso, ficou em alto mar tanto tempo, pois tinha que conhecer antes as mulheres.

— E você? Basta falar um nome que tu desmonta.

— Eu? João Magno Lafaiette?

NACIONAIS - ACHERON

— Sim. Ou vai me dizer que não curte mais a Lavínia Torres? — Magno se cala.

— Hein. Diz aí, Magnânimo. — Romeo esbanja uma cara de vitória — fala.

— Cara, na boa, não coloca isso na conversa. É amor de pica. Quem aqui não deseja comer uma gostosa famosa?

— Eu já tenho uma gostosa famosa. — Levanto o dedo.

— Queria comer a Thalia. — Amadeo murmura e depois completa quase inaudível. — Antes da Catherine.

Nós nos calamos, Magno principalmente e depois Amadeo diz:

— Vou pegar uma bebida. — Ele sai e ficamos nos olhando.

— Ihh. Está perdido pela Kate. — Olho para Magno. — E você? O que acha disso?

— Não acho nada. — Magno resmunga. — Vamos também pegar bebida. O bom disso aqui é que poderei sair com umas duas modelos gostosas quando terminar. — Ele e Romeo seguem para pegar a bebida e eu sigo para ver onde Angelina está.

Quando me aproximo, ela e Olivia estão muito tensas, parecem que uma tragédia aconteceu. E posso ouvir nitidamente Angelina murmurar: “E agora? O que eu vou fazer?”

Fiquei mais tranquilo quando elas me contaram que era por causa de um vestido. Só ela mesmo para sofrer por causa disso. Feliz e relaxado, por tudo estar caminhando muito bem, volto para a plateia e sento com meus irmãos pois o desfile vai começar.

QUARENTA E DOIS

LORENZO

Eu me flagrei de olhos paralisados e lábios curvados vendo a apresentação de abertura do desfile. Na verdade, não me flagrei, fui flagrado por Amadeo que sussurrou: “*Mira, Lorenzo babando.*” E eu estava mesmo. Lá estava nos telões que iam do teto ao piso, nas paredes ao redor de todo o ambiente, como pinturas em toda a parede, a história da *Madde*, desde a sua criação. A avó de Angelina inaugurando a lojinha na Rua do Ouvidor. Depois apresentando a fábrica de costura que ela mesma criou com três máquinas apenas, uma antiga e duas compradas por financiamento que demorou vinte e quatro meses para pagar. Apenas três funcionários: ela mesma, o marido dela e o filho, pai da Angelina, que embalava as peças prontas.

Eu sorri amplamente, nem ligando para o comentário do Amadeo, quando em um vídeo caseiro, a avó, dona da empresa, está no hospital segurando nos braços um bebezinho e dizendo: “*Olá, Angelina, seja bem-vinda ao mundo.*” E

então, a câmera dá um foco e a pequena bebê abre os olhinhos e são tão azuis que me fascinam no mesmo instante. Eu não pude deixar de pensar em uma possível filha, uma malvadinha com essa cara.

Em seguida, a avó é deixada de lado e agora mostra o crescimento de Angelina, a primeira roupa que costurou para sua boneca, os desenhos de vestidos e manequins que ela fazia aos onze anos. Depois ela já estava com dezenove anos tomando a frente da diretoria de moda a guiar a empresa ao lado do pai.

E eu lembro exatamente desse dia. Ela estava muito nervosa, mal conseguira dormir à noite, pois seria a votação na diretoria se a aceitava como diretora ou não. Eu a levei à porta da empresa, não pude entrar, pois apenas o conselho poderia participar da reunião. E agora as imagens exibidas são flashes rápidos da empresa crescendo sob direção dela e do pai. Tem fotos dela em capas de revistas, tem imagens dela em eventos internacionais, como VMA e Festival de Cannes, representando a marca *Mademoiselle*, até chegar aos dias atuais. E fico surpreso ao me ver na tela,

em uma imagem de muitos repórteres cercando Angelina e eu, enquanto entrávamos no coquetel de pré-lançamento. Tem várias capas com os dizeres: “Empresário herdeiro da Orfeu salva a *Mademoiselle*; “Mão amiga; Bela parceria.”

— Bela parceria. Ah, tá. — Magno zomba. — Se eles soubessem que foi uma bela fodida.

— Calado. — resmungo.

— Não entendi essa da “mão amiga”. — Amadeo faz uma cara de inocente. — Ela te deu... — ele faz um sinal sutil de punheta, deixando subentendido a pergunta que Angelina bateu uma pra mim.

Dou-me o direito de me calar, pois nesse instante a apresentação de imagens e vídeo termina não deixando de mostrar o nome de Noah como autor do projeto de imagem, tudo se apaga e uma voz diz que vai começar o espetáculo da moda moderna, a repaginação da alta costura, o ressurgimento de uma Era.

Sob um único feixe de luz, uma negra um
NACIONAIS - ACHERON

pouco acima do peso mas com um belo corpo curvilíneo, cabelos cheios e presos no alto, em um grande coque afivelado por uma tira de cristais, com um vestido que arrasta pela passarela, entra desfilando com classe, tendo o silêncio como sinfonia para seus passos. O feixe de luz vai focando nela enquanto caminha muito elegante, até um pedestal com um microfone, no meio da enorme passarela.

Todos ficam calados. Nem mesmo ela fala nada. Então a parte de cima, uma galeria, acima da plateia, acende-se e uma orquestra com banda musical aparece. Os violinos começam suavemente, depois, violoncelos, um baixo, a guitarra e a bateria. O som é magnífico, o cara da guitarra deixa qualquer um arrepiado.

Em seguida, tendo o som da banda como fundo, na entrada da passarela, vários homens começam a entrar, apenas de calça e sapato social, sem camisa. Eu só posso perguntar: “Que porra é essa?” Apesar de saber muito sobre o desfile, a preparação e todo número de apresentação, eu ficava por fora, por ser um projeto de Noah com

Angelina.

As luzes vão acendendo gradativamente: no chão, no teto, dos lados, um efeito glorioso de luzes e cores. Os homens se enfileiram lado a lado contornando a passarela. E eu fico imaginando se foi Angelina diretamente que fez a seleção desses modelos bombados. Em seguida, ainda com apenas a orquestra e banda tocando, aparece uma figura na entrada da passarela. Está de capuz com uma enorme capa por cima da roupa, mas nota-se que é uma mulher.

A cantora então dá o primeiro grito e começa a cantar com uma bela e alta voz, grave e suave ao mesmo tempo: *“Levava uma vida sossegada. Gostava de sombra e água fresca (...)”*

Dois homens caminham, recebem a encapuzada e a trazem para o meio da passarela enquanto a mulher continua “cantando” Rita Lee lentamente, apenas com violinos acompanhando. Os dois homens giram a mulher numa dança suave e então a banda com bateria e guitarra acompanha a música no segundo refrão e pude sentir o tremor

que tomou o cara do meu lado. Cada um de nós com uma interjeição:

— Cacete! — Romeo fala.

— Eita, Porra! — digo.

— Caralho! — Magno praticamente grita. E Amadeo permanece em silêncio mortal.

“Foi quando meu pai me disse: filha, você é a ovelha negra da família (...)” No momento que cantou essa parte, os dois homens puxaram o capuz e a capa da mulher que revelaram nada mais, nada menos que Kate. Meu queixo despencou quando ela de nariz empinado e olhar duro, deixou o capuz e os homens de lado e seguiu sozinha na passarela com um vestido magnífico desenhado pela Angel. Os cabelos presos como um daqueles penteados aristocráticos e eu nunca pensei que ela fosse tão bela. Sempre a tinha visto despojada, de mexas rosas no cabelo, sem maquiagem, de jeans e camiseta.

Enquanto Kate se movia, a abertura no vestido mostrava sua perna e seu salto altíssimo.

NACIONAIS - ACHERON

— Kate? Ela não estava viajando? — Romeo murmura do meu lado, mas eu só posso prestar atenção na cara patética de Amadeo, quase transparente de tão pálido, com olhos saltados e acho que sem respirar. Magno, ao lado dele, está também perplexo.

Cheia de si, como se tivesse nascido para esse dia, Kate dá um giro no fim da passarela e volta para os homens que a recebem. Enquanto a mulher continua cantando, ela dança com eles em sincronizados giros, como uma valsa de uma mulher e vários homens.

“Baby, baby, Não adianta chamar. Quando alguém está perdido, procurando se encontrar.”

— *Dios mio.* — Amadeo murmura quando os homens puxam o vestido dela, e ele abre revelando outro vestido, um pouco mais curto. Em seguida, ela tira algo do cabelo, balança a cabeça jogando os cachos loiros para todos os lados e com esse novo visual, volta desfilando sozinha na passarela com as luzes sobre ela e a mulher volta ao início: *“Levava*

uma vida sossegada. Gostava de sombra e água fresca (...)”

Kate dá uma parada lá na ponta, faz uma pose, dá um giro e volta de rosto em pé, sem olhar para os lados, em passos perfeitos. Indo embora com os homens atrás dela ao som de aplausos e da voz da cantora: “*Baby, baby, não vale a pena esperar, oh, não! Tire isso da cabeça e ponha o resto no lugar.*”

— Vou atrás dela. — Amadeo levanta-se, Magno o puxa de um lado e eu do outro.

— Para de ser capacho, caramba. — Magno reclama, sussurrando. — Ela tá fazendo isso para te perturbar. Não se deu conta? Apesar que tá muito gostosa, ela só tá provocando, fingindo que está tudo bem, que é a poderosa quando na verdade ela se importa muito, pois se não se importasse, nem estaria aqui. Truque de mulher, Amadeo.

— Cala a boca, *carajo*.

— Fica quieto. — Eu digo do outro lado — Não quero saber de vexame. A noite é da Angelina.
NACIONAIS - ACHERON

— Porra, cara. — ele lamenta. — Eu tenho que falar com ela...

— Vai falar. Depois do desfile. — Eu prometo.

Antes de contestarmos, a mulher começa a cantar outra música. *Set fire to the rain* da Adele. É impressionante como ela canta maravilhosamente bem. Refletido nas telas das paredes aparece: *Made Casual*. E as modelos começam a entrar, com os vários vestidos desenhados e confeccionados meses atrás.

Tenho que dar o braço a torcer, de leve. O babaca do Noah soube elaborar um espetáculo. Nas paredes, tetos e em todo ambiente rodeados por telas, vão aparecendo formas abstratas junto com pequenas frases da música que a mulher canta.

— Olha aquela ruiva! — Magno aponta para uma modelo que gira no meio da passarela com um homem de smoking, enquanto as outras modelos desfilam normalmente passando por eles dois.

— Se não me engano, ela era uma garçonete que Angelina viu em um restaurante e a convidou para ser modelo. Está namorando o Noah, cuzão.

— Sério? — Magno me encara já com um sorriso guloso. — Quanto mais comprometida, melhor pra mim.

Incrivelmente começa a vir de cima, como gotas de chuva, tudo holográfico, deixando o desfile mais exuberante como se o casal dançasse na chuva, enquanto as modelos passam e a cantora arrebenta cantando a música. Cada momento do desfile, é uma música. *Madde Noivas, Madde Formal, Madde Moderna.*

A última que ela cantou foi uma da Beyoncé, *Pretty Hurts*, a música que Angelina citou que ouvia sempre, pois não se sentia enquadrada nos padrões de beleza que a sociedade impõe. Eu propriamente pedi que essa fosse a música de fundo para o desfile das “normais”. Mulheres que não são altas, nem magras e nem novas.

O desfile prossegue com muito luxo e beleza.

A cada música, uma apresentação diferente. A cantora saiu e veio um homem com uma guitarra e arrebentou cantando uma música da Madonna. Sei disso, pois Magno falou:

— Olha isso, um cara cantando Madonna. — Um tom de descaso indignado na voz, como se um homem não pudesse cantar essas músicas. Mas depois o flagrei de olhos brilhantes e batendo o pé e a mão na coxa em sintonia com a música. Tive inclusive, a impressão de ter visto os lábios dele se mexerem cantando junto. Depois, quando falo que Magno gosta de Madonna, ninguém acredita. A música em questão era *Burning Up*. E as modelos eram mais jovens exibindo roupas descontraídas para mulheres da idade delas.

Kate apareceu novamente quando foi anunciada a penúltima fase do desfile. Ela veio com a ruiva, namorada do Noah, e mais duas garotas, enquanto o homem tocava e cantava “Olhar 43” de RPM. Elas desfilavam, posavam e até cantavam pedaços da música, dançando sensualmente ao redor do cantor. Inclusive antes de saírem da passarela, Kate ficou de pé na nossa direção e

cantou: “*E pra você, deixo apenas o meu olhar 43, aquele assim, meio de lado, já saindo indo embora.*” E saiu desfilando com as outras. Dessa vez, não teve mais como segurar Amadeo. Ele se levantou e saiu muito apressado para o outro lado, tentando dar a volta e ir atrás dela.

E o desfile estava finalizado. Todo mundo aplaudiu o espetáculo de pé, e o cantor começou a tocar um solo na guitarra que logo foi seguido por toda banda e orquestra na música *Menina veneno*. Apenas a melodia, sem ninguém cantar.

E nas paredes apareceram: Assinado por Angelina Velasco e Olivia Lafayette. As modelos voltaram em fila, em uma última entrada. Depois vieram Angelina e Olivia, com estranhos vestidos pretos, longos e iguais. Todas as outras saíram e elas duas desfilaram sozinhas.

— Cacete! A Oly. — Romeo murmurou ao meu lado, pego de surpresa. Embasbacado com a mulher dele, confiante, olhar sério, assim como Angelina.

O cara continuava tocando na guitarra, acompanhado pela orquestra. E então, homens entraram na passarela, foram até elas duas, e eu fiquei duro ao ver dois deles puxarem Angelina e dois Olivia, começando a dançar com elas e em um giro perfeito, eles desataram um nó na cintura de cada uma. Em sincronia ensaiada, elas levantaram os braços, começaram a girar e eles puxaram o laço da cintura, o vestido de cada uma se abriu e outros dois homens puxaram o vestido estranho preto revelando verdadeiros vestidos perfeitos de padrão *Madde*.

— Meu pai do céu! — Romeo murmurou, de boca aberta. Todos aplaudiram e elas voltaram a desfilar sozinhas com apenas a melodia: “*Menina veneno, o mundo é pequeno demais pra nós dois...*”

— Essa é minha mulher! — agora, não só sussurrando, Romeo falou mais alto e muito orgulhoso enquanto aplaudia Olivia na passarela. — Minha garota! — E ela lhe jogou um beijinho, fazendo-o se derreter mais.

Eu só conseguia olhar muito feliz, de lábios

curvados para Angelina que estava tendo o seu tão esperado momento. Até recebi também um sutil beijinho soprado por ela

— Cara, hoje tombo essa mulher. — Já em modo primata apaixonado, Romeo prometeu. Ainda bem que apenas Magno e eu escutamos.

QUARENTA E TRÊS

ANGELINA

Eu temia muito a noite de hoje. Receei quando Lorenzo tomou tudo de mim, achei que nada mais seria possível para eu ver esse dia. Até pensei seriamente em abrir mão da empresa. Mas nem posso acreditar em tudo que vi e estou vendo à minha frente. Foi mais que um sucesso, foi mais que o esperado. Foi um verdadeiro show de pura arte. Ver nas modelos os vestidos que desenhamos criarem forma, ver todo mundo aplaudindo, o olhar de aprovação nos olhos dos críticos.

— Eu ainda estou tremendo. — Olivia fala ao meu lado. Acabamos de brindar com todas as modelos e a equipe por trás do desfile. Olho para ela com a boca dolorida de tanto sorrir.

— Nunca achei que você teria mesmo coragem. Foi perfeito. Viu a cara do Romeo?

— Vi. Quero vê-lo me encher de carinho quando chegarmos em casa.

— Sei o carinho. — Zombo e ela ri.

— E a Kate? — Olho em volta.

— Saiu correndo com Amadeo atrás dela. —
Olivia gesticula e faz uma cara de pouco caso. —
Os dois são pirados.

Kate foi a outra surpresa da noite. Olivia tinha acabado de dizer que ela havia sumido no mundo. Mas de repente, em um rompante, ela apareceu.

— Kate? — Olivia e eu gritamos quase juntas.

— Ainda tem tempo?

— Para o quê?

— O ensaio que fiz. Ainda dá tempo de eu abrir o desfile?

Olivia e eu nos entreolhamos. A cantora já estava pronta para entrar. Em cinco minutos o desfile iria começar, eu já tinha treinado uma das garotas para abrir o desfile, já que Kate desistiu quase de última hora.

— Faltam cinco minutos, dez talvez. Você ainda nem fez cabelo...

— Kate, achei que você tinha ido viajar. — Olivia comentou, perplexa.

— Lembrei de que possivelmente os caras estariam aqui hoje. Não quero mostrar que estou por aí choramingado pelos cantos nem quanto um homem pode me ferir. Mesmo estando uma bosta, quero mostrar que não estou ligando.

— É uma boa causa.— Analisei e Olivia assentiu concordando. Corri até o cabeleireiro e o maquiador.

— Conseguem fazer algo em dez minutos?

— Um desafio? — O maquiador me olhou de cenho franzido.

— Sim. Começando de agora.

— Adoro desafio. — Ele vibrou e puxou Kate para se arrumar. Em pouco mais de dez minutos ela estava pronta para entrar. E arrasou. Kate, apesar de

NACIONAIS - ACHERON

não ser modelo, soube exatamente o que fazer. Sem contar que é alta, tem ótimo corpo e faz as melhores caras quando quer.

Ela ainda estava desfilando e a internet só falava da modelo *Madde* que abriu o desfile. Fomos elogiados na escolha das músicas, por termos pensando em músicas nacionais e não apenas nas internacionais. Os cantores arrasaram, o novo parâmetro da *Madde*, que não são apenas até determinado tamanho ou para determinada idade também recebeu ótimas críticas e, claro, nossos homens. Agora há pouco, ainda vi vários e vários posts na internet sobre Romeo e Lorenzo que foram fotografados, enquanto Olivia e eu desfilávamos.

— Olha lá eles. — Olivia aponta e vejo os três irmãos entrarem aqui atrás nos bastidores. Faz um pouco de alvoroço entre as modelos e eu vou logo demarcar território. Lorenzo e Romeo trazem um buquê de flores cada um.

Olivia vai rápido se encontrar com Romeo que a pega com um braço e lhe dá vários beijos. Do outro lado, Magno se aproxima quase

sorrateiramente de três modelos. Elas o recebem com um sorriso tão largo, que nem se tivessem ganhado um milhão cada uma estariam sorrindo assim. Elas o cumprimentam com beijinhos no rosto e ele nem precisou abrir a boca, já ganhou qualquer uma delas, ou as três apenas se aproximando de forma galante. Por isso que ele nunca dá valor, como Lorenzo me contou. Ele sabe que basta estalar os dedos e mulheres caem às pencas aos seus pés.

Recebo um beijo de Lorenzo. Fecho os olhos e o abraço bem forte sentindo seu cheiro e seu calor. Por dentro, uma grande contradição de sentimentos. Muito feliz por tudo ter dado certo e por tê-lo ao meu lado e muito triste por ter algo guardado que pode significar o fim do meu paraíso.

— Meu Deus. Estou muito orgulhoso. — Ele mostra um sorriso muito sincero, fascinado e nitidamente apaixonado. — Você fez um ótimo trabalho.

— Nós fizemos. — Eu corrijo.

— Achou em algum momento que não faríamos?

— Sim, cheguei a duvidar. Mas de agora em diante, tudo vai dar certo. — Seguro forte o rosto dele, completamente devastada por estar prometendo que tudo dará certo, sendo que tenho uma bomba que terei que soltar a qualquer momento. Contar da gravidez ou abandoná-lo. Qualquer uma dessas escolhas será uma bomba jogada nele.

Recebo o buquê dele, dou mais um beijo e o coloco para fora junto com Magno e Romeo. Eles precisam esperar no outro salão da recepção, enquanto nos trocamos e vamos para lá.

As modelos vão se vestindo e indo para a festa pós-desfile no salão. Eu me troco, Olivia também e quando eu estava perto de sair, recebi uma mensagem no meu celular. Era Simone dizendo que eu tinha que pegar uma pasta com contratos das modelos que ficou na minha mesa, na minha sala no penúltimo andar.

Droga. — Penso e olho para o elevador do outro lado. É rápido. Não vai demorar cinco minutos.

— Pode ir seguindo para o salão. — Digo a Olivia. — Vou à minha sala rapidinho buscar uma pasta e já desço.

— *Tá* bom. Eu vou com você.

— Então vamos.

Caminhamos rápido, pois a única coisa que quero nesse momento é estar lá no salão, dando entrevista, cumprimentando os críticos de moda e ver o que acharam do desfile. Nem tive ainda a oportunidade de falar com meus pais. Nós duas entramos no elevador, aperto o número e as portas se fecham. Olivia me olha quando já estamos dentro do elevador.

— Vi o Lorenzo todo romântico, te dando flores. E sobre o bebê? Isso não é um ponto a favor para você contar?

— Não sei. Tenho que ter cuidado. Lorenzo é
NACIONAIS - ACHERON

volátil, não sei nunca qual poderá ser a reação dele.

— Pensou nas opções?

— Não. Não quero deixá-lo, morro só em pensar nisso. Mas se não houver jeito... — Sofregamente, dou de ombros.

Quando a porta do elevador abre, Olivia e eu saímos, sinto que tem algo errado. As luzes estão acesas e tem um cheiro esquisito no ambiente. Algo como produto inflamável ou gasolina. Olho para ela sem entender, damos alguns passos temerosos para fora do elevador e olhamos para os lados. Não há ninguém. Olivia está tampando o nariz.

— Simone? — Chamo e não ouço resposta.

— Nossa, que cheiro é esse?

Ela fica parada no mesmo lugar e caminho para minha sala, empurro a porta e dou um grito ao ver no chão, caída e amordaçada, Simone. Olivia chega correndo na porta e quando olha para a cena, coloca a mão na boca tampando um grito.

— Ela está bem? — Olivia murmura. Imediatamente, abaixo-me e tiro a fita de sua boca, toco os dedos no seu pescoço e noto que está viva. Apenas levou um golpe na cabeça e desmaiou.

— Precisamos de ajuda. — digo e Olivia entra correndo na sala, vai para a mesa pegar o telefone. De repente, ainda abaixada perto de Simone desacordada, vejo um vulto lá fora e a porta se fecha com muita força.

Levanto-me tropeçando e tento abrir mas fecharam por fora. Quase dou um grito de susto ao ver pelo vidro da porta, Beth me olhando do lado de fora.

— Beth? O que está fazendo? — Sacolejo a maçaneta tentando abrir. O pânico vai se formando dentro de mim, tomando-me toda e deixando meu coração quase explodindo de tão rápido. Estou verdadeiramente com medo dela, desse olhar frio, como se eu fosse apenas um inseto.

— Olha só isso. Meu plano era para uma, mas a outra acabou vindo de brinde. — Com um olhar

muito psicótico, ela olha para Olivia e eu.

— Beth, isso não tem graça. Abre essa porta.
— Bato forte no pequeno quadrado de vidro da porta.

— Sabe o que não tem graça? A punhalada que você me deu. Eu disse que você iria pagar. Que droga, Angelina, era o meu sonho estar com você na passarela, eu lutei para isso, eu estudei para isso e o que você faz? Coloca essa sonsa no meu lugar.
— Grita apontado para Oliva. Não vou retrucar, pois estou em desvantagem. Nesse momento é fazer tudo para ela não se zangar mais.

Mantenha a calma. Meu inconsciente me pede, apesar que meu corpo todo treme medroso.

— Beth, podemos conversar, Simone precisa de um médico, abre essa porta e nem conto nada para ninguém.

— Acha mesmo que acredito em você? A primeira coisa que faria seria contar para seu namoradinho desgraçado e ele querer vir fazer justiça, aquele manezão metido a bom. — Ela sorri
NACIONAIS - ACHERON

e levanta algo para eu ver. — Sabe o que é isso? — Nas mãos dela, algo do tamanho de um tijolo enrolado com muitos plásticos e uns fios grudados com um aparelho pequeno no formato de uma calculadora. — É uma bomba. Vamos jogar um jogo, Angel. Deixarei ali em cima e todo esse lugar está cheio de gasolina. Quando explodir, tudo virá a baixo.

Olivia vem para meu lado e começa a gritar implorando:

— Pelo amor de Deus, eu te peço. Eu tenho um filho, preciso ver meu filho mais uma vez. Nos deixe sair daqui. Por favor, nunca te fiz nada, Beth.

— Isso, implore mais, sua vaca mandada. — Ela ri de Olivia e volta-se para mim. — Você tem escolhas, Angelina. A chave dessa porta está aqui, do lado de fora. Eu pedi ao cara que fez a bomba que detonasse cinco minutos após ser ativada. Você pode salvar essa imprestável da Simone, essa vadia da Olivia e sua própria pele e ver tudo isso aqui indo pelos ares. Ou você pode tentar salvar isso aqui de algum jeito e acabar indo pelos ares juntos.

A escolha é sua. Dessa vez quero ver se vai colocar a empresa na frente do que considera o mais importante.

Horrorizada, fico sem fala com lágrimas nos meus olhos.

— Beth! — Desesperada grito batendo na porta. — Por favor, Beth, sou sua prima. Por favor!

— Como eu prometi que faria. — Ela grita acima da minha voz. — Quero ver isso aqui virar cinzas com esse lugar que tanto adorou, Angelina.

Olivia não para de gritar de puro pânico. Eu grito de ficar com dor na garganta e ela apenas sorri. Depois dá um adeusinho, coloca a tal bomba em cima de uma das mesas dos funcionários, mexe em alguma coisa e ativa. Em seguida, manda um beijinho de ironia e vai para o elevador.

— Calma. — Eu digo para Olivia. — Tente ligar para alguém.

— Não dá linha no telefone da mesa e não trouxe meu celular.

Simone abre os olhos e começa a gemer, mas eu nem ligo. Desesperada, eu bato no vidro da porta.

— Precisamos quebrar isso aqui. — Olho em volta e vejo a estátua do Capitão América que Lorenzo trouxe e ainda ficou aqui. — Pegue aquilo. — Olivia me dá e começo a bater com muita força até o vidro quebrar. Com cuidado, enfio o braço e tento destrancar a maçaneta pelo lado de fora. O bipe amedrontador da bomba me deixa louca.

Meu coração bate tão rápido que até dá fadiga. Nesse instante, eu só peço a Deus para nos ajudar a conseguir sair daqui, quero estar viva e poder ter a oportunidade de dizer a Lorenzo que ele tem uma chance de ser tudo o que o pai dele não foi. O desespero até me faz derramar lágrimas, enquanto tremendo, tento girar a chave da porta.

Sinto a carne do meu braço rasgar em uma farpa de vidro da janela, mordo o lábio, fecho os olhos engolindo a dor e não paro de tentar abrir. Até que consigo e quando puxo a mão, o sangue está escorrendo.

— Ai, meu Deus! — Olivia berra.

— Está tudo bem. Consegue ajudar Simone a sair daqui? — Ela nem responde já abaixa tentando ajudar Simone a levantar. Eu levanto a barra do meu vestido, rasgo um pedaço do forro e estendo para Olivia. Simone já está sentada na cadeira, meio tonta, olhando para os lados como se não entendesse o que está acontecendo. Olivia amarra a tira rasgada de tecido no meu braço e juntas pegamos Simone.

— Angelina? O que...

— Está tudo bem, Simone. Venha.

— A Beth. Ela me capturou quando eu estava chegando. Não pude impedir... ela me obrigou. — Ela tenta se explicar, enquanto saímos da sala em direção ao elevador.

— Está tudo bem. Você vai me contar tudo depois. — aperto o botão do elevador e olho para Olivia. Estamos ofegantes e sei que é mais de nervoso do que cansaço.

— Leve ela. Eu não vou deixar a Beth ganhar.

— Angelina! Não tem mais o que fazer. — Olivia contesta, de olhos saltados, totalmente pálida.

—Tenho um plano. Desça e tente buscar ajuda. Ficarei bem. Não vou deixar minha empresa ser destruída.

O elevador abre, empurro Simone para dentro e me afasto. Olivia aperta o botão do primeiro andar e salta para fora.

— Angelina, não há mais jeito. — Segura no meu braço e eu o puxo com força.

— Saia daqui! — grito para ela e tento empurrá-la para o elevador. — Eu preciso que entre no elevador. Meu plano vai dar certo.

Antes de qualquer atitude, as portas do elevador se fecham e nós duas nos entreolhamos. Juntas, viramos para o lugar que a bomba está e eu só tenho vontade de correr. Desesperada, Olivia aperta sem parar o botão do elevador, enquanto o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

visor indica que ele está descendo.

NACIONAIS - ACHERON

QUARENTA E QUATRO

LORENZO

Já cumprimentei muita gente, agradei aos elogios, respondi algumas perguntas e nada de Angelina chegar. Olho no relógio e faz quase vinte minutos que vim lá de dentro e ela afirmou que estava vindo, só ia se trocar, vejo que muitas modelos já saíram. Passo os olhos ao redor, Amadeo sumiu, Magno está sendo o centro das atenções de algumas garotas e Romeo estava ligando para Vilma para saber como o Gael está. Agora ele guarda o celular e vem até mim.

— Cadê elas?

— Sabe o quanto uma mulher demora para se arrumar. Falou com Vilma?

— Sim, falei. Gael está dormindo. Vou atrás da Olivia. — Romeo se vira, mas antes de dar um passo ouvimos um estrondo muito forte. Como uma explosão.

— Que porra foi essa? — Olho em volta e está todo mundo assustado sem saber o que houve e então o som estridente do alarme de incêndio toma todo o lugar.

— Isso é aqui no prédio? — Em alerta, Romeo anda quase correndo olhando para os lados, pelo salão. Eu o sigo.

— Acho que sim.

As pessoas ficam sem saber o que está acontecendo e logo em seguida, muitos começam a andar em direção à porta. Magno nos encontra, também está assustado.

— Cacete! Isso foi um tremor?

— Não sabemos ainda. Viu a Angelina por aí?
— questiono olhando para todos os lados.

— Não. Mas acho bom sairmos daqui logo.

— Pessoal, atenção, todos para fora, o prédio precisa ser evacuado. — Dois bombeiros, que foram chamados apenas para ficar de prontidão
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

durante o evento, começam a avisar gritando, indicando para todo mundo a porta de saída.

— Por favor, não precisa pânico. Apenas vão para o lado de fora.

Romeo nem anda mais, corre na direção dos bastidores, mas somos parados por um dos bombeiros.

— Não pode ir para lá. Precisa sair.

— O que houve? — Romeo grita acima do alarme.

— Ainda estamos verificando. Pode ter sido uma explosão de gás.

Desesperado, Romeo tenta empurrar o cara, mas um segurança se aproxima para impedir que passemos para o outro lado.

— Minha mulher está lá.

— Não, senhor. Todos daquele ambiente já saíram, estão na rua.

NACIONAIS - ACHERON

— Tem certeza? — Eu grito mais alto que Romeo.

— Tenho, sim. Eu mesmo fiz todos eles saírem.

Romeo dá meia volta e corre para fora, para a porta de saída, Magno e eu o seguimos. Chegamos na rua e me deparo com todos em frente ao prédio olhando aterrorizados para o alto. Quando eu saio e vejo quase tenho um treco. No alto do prédio, mais ou menos no andar da administração, onde fica a sala de Angelina, está pegando fogo. De repente, outro andar explode e todo mundo grita. Uma das janelas quebra com uma grande explosão de fogo maciço, altas labaredas. Os cacos e alguns escombros caem e o povo começa a gritar e se afastar.

— Para trás todo mundo! — Um segurança grita abanando os braços. Olho para os lados e Romeo está andando desesperado no meio do povo correndo a procura de Olivia.

— Olivia! — Ele grita exaltado, quase

empurrando as pessoas. Eu estou do outro lado fazendo o mesmo, gritando por Angelina.

— Cara, elas não estão aqui. — Magno vem até mim e eu me recuso a pensar o pior. Só posso imaginar que estão ainda nos bastidores, em algum camarim. Vemos todos apontarem para a porta, eu olho e vejo um segurança saindo com uma mulher, nem preciso correr para perto para saber que é Simone. Está meio cambaleante e quando chego perto ela me olha com lágrimas nos olhos.

— Angelina está lá em cima. Tem que tirá-las de lá.

E então, eu piro. Fico cego e dou um empurrão no segurança, ele tenta me segurar, eu uso toda minha força e logo aparecem mais seguranças me impedindo de passar.

— Angelina! — grito desorientado. Precisa que um terceiro homem venha me segurar. Já ouço sirenes vindas ao longe, dos carros de bombeiro se aproximando. Na minha mente rola todo tipo de pensamento terrível e eu tento engolir tudo e pensar

com racionalidade.

Romeo se junta a mim e tenta, mais enlouquecido do que eu, passar pelos homens, para entrar. Acaba acertando um soco em um dos seguranças e logo policiais aparecem e conseguem arrastá-lo dali. E vendo toda essa situação, com carros de bombeiros chegando, policiais cercando o local, Romeo sendo arrastado para o outro lado, eu fico inerte sabendo que a coisa é bem mais grave do que eu imaginava.

Eu simplesmente perco totalmente minha capacidade de tomar qualquer providência.

— Temos mais alguém aqui! — Alguém grita lá de dentro e eu olho vindo da escada, Olivia. Um segurança corre e a pega no colo. Ela tosse sem parar e ele a carrega para fora.

— Cadê a Angelina? — grito para ela. Olivia apenas chora. — Olivia, me diz cadê a Angel?

— Ela... precisa de ajuda. — Gagueja entre o choro a tosse. Mais rápido que pode, Romeo consegue escapar dos homens que o seguram e vem

NACIONAIS - ACHERON

desesperado tomando Olivia em seus braços e abaixando no chão com ela o abraçando forte.

— Oly! — Ele choraminga. — Meu Deus, que susto!

— Tive tanto medo, Romeo...

Sou tomado por uma bruta força, fiquei cego de pura tensão e nem sei como consegui, mas acho que incorporei o Caballero. Deixei os seguranças caídos e passei correndo pelo salão indo pela escada e subindo os degraus de dois em dois. A fumaça começava a ficar mais forte a cada andar, eu já estava com falta de ar, tossindo e gritando sem parar por Angelina. Rapidamente, tirei meu terno, minha camisa e amarrei contra o rosto em uma máscara improvisada enquanto continuava subindo.



ANGELINA

Assim que o elevador desceu com Simone, eu não me dei tempo de enlouquecer. Tive que pensar

na minha vida, sem falar que estou grávida. Mas também não podia deixar simplesmente tudo vir a baixo. Apertei o botão do elevador.

— Olivia, temos que ir pela escada, irei jogar a bomba no elevador.

— Como assim? — Ela veio correndo atrás de mim.

— Simples. Ela vai explodir aí dentro e não causará tanto desastre. — Corro até o embrulho e vejo que há um visor com um relógio. Dois minutos até a explosão. Desprendo a bomba de onde Beth colocou, corro com ela para o elevador mas ele ainda não abriu.

— Angelina, deixe isso de lado. — Olivia grita no meu ouvido, um grito de horror.

— Saia daqui! — grito para ela — Vá, Olivia! — Bato mais no botão do elevador e ele não abre. Um minuto e quarenta e cinco segundos. O elevador está parado no térreo e suspeito que Simone saiu e alguém deve ter travado o elevador.

Começo a perder as esperanças de fazer alguma coisa, olho em volta e começo a chorar um pranto descontrolado.

— Não posso deixar tudo vir abaixo.

— Isso tudo pode ser restaurado depois, sua vida não. Lembre-se que está grávida. Deixe isso aí, vamos descer. — Olivia tenta me convencer. Olho para o lado, vejo o banheiro e corro pra lá. Coloco a bomba lá dentro, fecho a porta e saio limpando as lágrimas. Tiro meus saltos, Olivia também tira os dela e descemos correndo pelas escadas.

A bomba explodiu quando chegamos ao andar inferior. Torço para que não tenha saído nenhuma fagulha do banheiro, mas minhas esperanças vão por água abaixo quando corro alguns lances de degraus acima e vejo muita fumaça vindo de lá. A explosão foi muito forte.

Olivia me puxa e continuamos a descer. Passamos por outro andar, mais outro e quando abrimos a porta da escada, para descermos para o

próximo, outra explosão acontece e somos arremessadas longe, bato a cabeça no corrimão e caio lá embaixo. Sinto uma dor quase dilacerante no meu braço. Olivia conseguiu se segurar e já fica de pé. Vejo fogo saindo pela porta da escada e tento me levantar. Meu pé dói, acho que torci na queda.

— Preciso de ajuda. — Arrasto-me e, ofegante, recosto na parede. Olivia desce os degraus cambaleante e tenta me ajudar.

— Olivia, busque ajuda.

— Não posso te deixar aqui.

— Vá. Você não vai conseguir me carregar. O fogo não virá aqui. Vá.

Ela não contesta muito, fica de pé e corre escada abaixo segurando no corrimão. Eu deito com o rosto para baixo, tentando me livrar da fumaça. Acho que demoram horas, já estou tossindo demais e meio tonta.

Começo a sentir dor ao respirar e a chorar por minha vida, pela *Madde* e por não ter a
NACIONAIS - ACHERON

oportunidade de contar a novidade a Lorenzo. Choro mais por não poder estar com ele de novo e sinto medo de morrer. Sinto muito medo de justamente no dia que mais esperei, o dia que foi da *Mademoiselle*, eu perder minha vida gratuitamente.

Estou quase inconsciente quando sinto braços em volta de mim. Abro os olhos e consigo ver apenas uma pessoa com pano enrolado no rosto. Fecho os olhos, meu rosto encosta no peito nu da pessoa e na hora sei que é Lorenzo, pois reconheço esse cheiro.

Quando chego lá fora, olho em volta e posso ver as pessoas assombradas olhando para o fogo que consome o prédio. Homens com mangueiras e máscaras no rosto entram correndo no prédio, há gritos, vejo Olivia sentada dentro de uma ambulância aberta com um respirador no rosto e Romeo agachado perto dela, ambos se olhando. Alguém me tira dos braços de Lorenzo e vejo que são paramédicos, eu sou colocada em uma maca, mas começo a lutar ensandecida.

— Angelina. — Lorenzo segura meu braço. —

Olha pra mim, precisa se acalmar.

— Não. — Quase sem fôlego, eu grito. — Não posso... a *Madde*! — grito, debatendo-me, sento-me e começo a cair da maca ao chão. Lorenzo me segura e ajoelho no asfalto tentando ficar de pé. Mas meu pé está dolorido e eu acabo ficando de joelhos vendo todo meu império ruir. Vejo meus pais vindo correndo, as pessoas me olhando com pena e eu apenas grito muito alto, doida de pedra. Lorenzo me abraça forte como se pudesse curar meu desespero com um abraço.

— Angel, fique calma! — Ele grita acima do meu pranto. — Não chore, meu amor. Fique calma.

— Por favor! — Levanto os olhos para encará-lo. — Faça alguma coisa. — Eu soluço olhando para cima e vendo o fogo consumir dois andares do prédio. — Lorenzo! — Enfio minhas unhas nos braços nus dele. — Por favor, não deixe isso acontecer! Salve a *Madde*, por favor.

— Calma, por favor, fique calma. Não quero ver você assim. Morro em te ver assim. — Ele me

aperta muito forte e confortante. Com meu rosto em seu peito, eu choro caída na rua com ele me amparando.

Beth mais uma vez venceu. No passado, acabou com minha felicidade destruindo meu casamento. Agora acabou com meu dia, destruindo tudo pelo que lutei bravamente.

QUARENTA E CINCO

ANGELINA

— Uhg. — Dou um gemido quando acordo e sinto meu corpo dolorido. Meu cérebro começa a registrar as primeiras impressões. Antes de tudo, as lembranças da noite. Sinto vários sentimentos contraditórios ao mesmo tempo: Raiva, tristeza, medo. Lembro-me do prédio em chamas, eu tentando fazer alguma coisa para impedir aquilo, o desespero de Olivia ao me ver caída sem conseguir me levantar. De alguma forma, me arrependo instantaneamente e penso o que seria de mim se eu não tivesse conseguido? Ou se Lorenzo não tivesse chegado a tempo...

Sinto as coisas ao redor de mim, tocando em meu corpo, algo no meu nariz incomoda, um respirador; uma cama macia, o lugar parcialmente escuro e um cheiro hospitalar inconfundível. Tateio ao lado, toco no meu braço e vejo um pequeno curativo. Sigo com o olhar, uma fina mangueirinha que vai do meu pulso até uma pequena bolsa de

líquido transparente presa em um suporte.

— Angel. — Ouço alguém me chamar, viro e vejo bem perto de mim, Lorenzo me olhando preocupado.

— Oi. — Sorrio aliviada por vê-lo aqui. Lorenzo não sorri de volta, ainda me olha meio intrigado, sério. Eu engulo em seco, porque algo me vem à mente. Devo estar num hospital e provavelmente algum médico já deve ter contado sobre minha gravidez. Levanto minha mão trêmula e toco no rosto dele. Bem perto de mim. Lorenzo segura minha mão, dá um beijinho na palma e a afasta de seu rosto. Sinto vontade de chorar só em imaginar que ele possa estar bravo pela gravidez.

— Lo... Lorenzo... — Choramingo. — Está bravo comigo?

Ele balança a cabeça afirmativamente, anuindo e no mesmo instante sinto minha respiração parar. Pela luz tênue vinda apenas de uma luminária, posso ver o rosto dele muito carregado. Merda, ele descobriu. Eu tinha que ter

contado.

— Estou muito puto com você, Angelina. Muito mesmo.

— Lorenzo... Mas...

— Não. Isso não tem explicação. Estou bravo pra cacete e queria te sacudir para tentar colocar juízo na sua cabeça.

— Eu... — Tento justificar, mas ele faz um gesto negativo para eu não falar.

— Você quase se matou. Colocou sua vida em risco, colocou nossa vida juntos em risco por causa daquela porcaria... de um prédio.

Sinto meus olhos saltarem em um gesto perplexo.

— Está bravo comigo porque...

— Porque Romeo me contou tudo que Olivia descreveu para ele. Você não pensou em você mesma, Angelina, aquele prédio tem um ótimo

seguro, a *Mademoiselle* é uma marca e Beth não pode destruí-la. Mas ela quase conseguiu te destruir por causa de sua...

— Eu não pensei. — Interrompo o sermão dele. — Não pensei que o seguro cobriria tudo. Na hora só senti o desespero e simplesmente aconteceu, eu agi sem pensar. — Um batimento de alívio faz meu corpo reanimar. Eu estava dura de tensão. Então ele não sabe da gravidez.

— Volte a dormir, não interessa mais. Você está bem, é o que basta. Foi intoxicada com a fumaça, precisa de repouso.

Consigo capturar a mão dele e só agora percebo que sinto um pouco de falta de ar. Lorenzo deixa eu apertar sua mão, mas ainda mantém o olhar sério demais.

— Que horas são?

— Acho que umas quatro. Você tomou um tranquilizante, estava muito nervosa.

— Você não dormiu?

— Não tinha como. Fecha os olhos, Angelina.

— Falou com o médico?

— Não. Seus pais falaram com ele. Pare de falar, Angelina. Descanse.

Limpo uma lágrima que escorre do meu olho, porque eu quero gritar bem alto para ele, mesmo estando com respiração fraca, que estou grávida. Mas estou morrendo de medo de sua reação.

— Lorenzo. — Começo a balbuciar.

— Shh. Nada de conversar.

— Você... me perdoa?

— Não tenho o que perdoar. Só estou meio bravo, mas daqui a pouco melhora. — Ele afasta a franja da minha testa e apesar de sério, diz com muito carinho: — Eu não sei o que seria de mim se tivesse perdido você. Você é a única que me entende e me ajuda quando estou na merda. Na verdade, você sempre impede que eu caia no fundo do poço.

Começo a chorar com as palavras dele e por estar me sentindo uma safada por não contar logo. Tenho tanto medo de ele sair por essa porta, devastado e me deixar aqui, se souber que vai ter um filho.

— Eu senti muito medo de partir sem te ver de novo. — Soluço. Os dedos dele agem rapidamente passando nas minhas bochechas, limpando minhas lágrimas. — Fique aqui comigo. — Sussurro implorando. Lorenzo não contesta, ele levanta, tira os sapatos, ainda está com a roupa da noite. Afasto-me um pouco na cama e ele deita comigo. Com cuidado, nós nos ajeitamos, ele me aninhou em seus braços, com o rosto contra o peito dele, eu fecho os olhos e tento me acalmar.

— Durma. Não vou a lugar nenhum.

Eu tenho a oportunidade neste instante de abrir minha boca e contar tudo. Ele acabou de dizer que não quer me perder, tenho certeza que Lorenzo não vai me jogar os pés nesse momento. Seria meio cretino aproveitar desse meu momento de fragilidade para jogar essa bomba nele, mas e se

daqui a pouco o médico entrar aqui e dizer que está tudo bem com o bebê? Lorenzo vai se sentir traído por eu não ter contado antes de tudo. Sinto meus olhos pesados de sono, creio que por causa de algum medicamento que tomei.

Decidida e totalmente certa do que tenho que fazer, levanto o rosto, sinto meus lábios trêmulos e cravo meus olhos nos dele. Estamos bem próximos, sinto sua respiração, seu calor confortante, uma grande calma apesar de estar com o corpo dolorido e com os pulmões ardendo pela fumaça que inalei.

— Quero... preciso que prometa que não vai me deixar. — Tentando firmar a voz, eu sussurro.

— Não vou... — Coloco minha mão em sua boca impedindo que continue falando.

— Eu... escondi algo de você, vai precisar me entender. Você tem que me entender e ficar do meu lado. — Merda, já estou com a voz embargada e lágrimas embaçam minha visão.

— Angel...

NACIONAIS - ACHERON

— Não vou aceitar que vire as costas para mim. — Agarro com a força que tenho a camisa dele. — Você tem que ficar ao meu lado, não vou conseguir sozinha.

Lorenzo afasta meus cabelos e me olha muito tenso, os olhos meio saltados, com certeza esperando o que vou dizer.

— Eu não queria... não agora. Mas acabou acontecendo.

— O quê, Angelina? Diga-me. — Ele mostra um desespero meio rude na voz.

— Estou... quer dizer... eu e você... ai, meu Deus, estamos... eu estou grávida. — Um choro compulsivo me toma após eu colocar pra fora a notícia e eu encosto o rosto no peito dele segurando firme sua camisa. — Você tem que estar comigo... não vou conseguir sozinha.

Não posso ver o rosto dele, mas sinto seu abraço se apertar em torno de mim. Lorenzo não fala nada e eu nem espero que fale, sei que ele

NACIONAIS - ACHERON

precisa absorver essa notícia então apenas aceito o conforto dos braços dele e seu silêncio, puxando-me com força para junto do seu corpo. E fico feliz por ele não ter corrido como imaginei que faria.



Quando acordo já está claro, ouço vozes no quarto e me viro quase em desespero. Sento aflita ao notar que estou sozinha na cama. Minha mãe corre para perto de mim. Vejo Lourdes e um homem de branco que se aproxima rápido.

— Filha, está tudo bem. Deite-se.

— Mãe, cadê o Lorenzo?

— Ele não está aqui. — Ela diz calmamente.
— Deve ter ido resolver alguma coisa.

Uma aflição sem tamanho me toma ao pensar que ele fugiu sim, como eu previa. Penso nele lá no *Búfalo* se acabando no ringue ou fazendo alguma outra coisa para tentar tirar o peso que caiu sobre si. Se ele estiver sofrendo, preciso que ele sofra aqui, perto de mim, para compartilharmos isso, pois pra

mim não está sendo nada fácil também.

— Por favor, preciso falar com ele, ligue para ele, Lourdes. — Olho para Lourdes que está com cara de pura tristeza. — Preciso dele aqui.

— Angelina, fique calma, você precisa ficar de repouso. — O médico fala e já vem com um estetoscópio me examinar.

— Doutor. — Seguro no pulso dele. — E meu bebê? — Nem olho para Lourdes e minha mãe, nem ligo para o fato de que elas possam ou não saber.

— Está tudo bem com sua gravidez. Fizemos todos os exames e precisa ficar hoje aqui de observação, amanhã te libero.

Eu apenas ignoro o que ele diz, fico olhando atônita para a porta querendo sair correndo e ir atrás de Lorenzo, fazê-lo me falar alguma coisa, qualquer coisa.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

QUARENTA E SEIS

LORENZO

Eu me senti uma pedra de gelo quando ouvi a notícia de Angelina. Um filho. Veio pior que um meteoro em cima de mim. Tive que agarrá-la em um abraço forte para não dar vazão à minha tensão e sair correndo. Um filho. Tudo que mais tive medo, ser responsável por uma vida e não dar a uma pessoa, sangue do meu sangue, tudo que ela precisa. Tenho medo de estragar um ser humano, como fui estragado pelo meu próprio pai.

Esperei que ela dormisse, não disse nada, pois perdi totalmente as palavras. Fiquei entalado de olhos fechados apenas sentindo o corpo quente dela, encolhido contra o meu. Angelina nem se mexeu quando me levantei, calcei meus sapatos e saí sem rumo. Eu nem sabia o que estava sentindo e nem queria ter essa discussão comigo mesmo. A única coisa que meu cérebro ficava jogando na minha frente era: Vou ter um filho. E isso quase causou uma pane dentro de mim.

Ia dar mais ou menos seis da manhã quando saí quase correndo do hospital, entrei no meu carro e fiquei por um bom tempo sentado com o carro desligado apenas esperando algo que nem sabia o que era. Senti uma reviravolta como se uma força maior me empurrasse de volta ao passado e me vi nos meus tempos de criança ainda na Espanha, antes de vir para cá. Era feliz apesar de não ter meus pais presentes. Meus irmãos e eu nunca tivemos a presença paterna e materna nos momentos que mais precisávamos. Meu pai queria sempre resultado positivo, queria os filhos modelos que lhe pudessem dar orgulho e minha mãe não se importava se tínhamos ido para a cama com o estômago vazio ou os pés sujos por ter brincado na rua até tarde. Vilma que cuidava disso tudo.

Penso em Vilma, penso nos meus irmãos, tomo uma decisão, ligo o carro para ir até a casa de Romeo, onde Vilma está. Não posso pensar em conversar com Angelina antes de ter digerido tudo isso. Como um sinal, uma música começa a tocar quando ligo o carro, pois o modo automático do som está ativado. Fico parado escutando e me lembro de Angelina ter trazido uma seleção de

músicas dela, pois sempre vamos juntos trabalhar. Sei que a música é do Nando Reis.

“Outra vez, eu tive que fugir

Eu tive que correr, pra não me entregar

Às loucuras que me levam até você

*Fazem-me esquecer que eu não posso
chorar...”*

Lembro-me de Angel brigando para eu não mudar as músicas que ela colocou no carro. E eu dizendo: “Tira essa viadagem do meu carro”. Sorrio brevemente, bem brevemente mesmo, pois fui possuído instantaneamente por um torpor que me faz cair em um choro profundo, sozinho dentro do carro enquanto a música toca. Abaixo a cabeça no volante, encostando minha testa e choro copiosamente me sentindo muito feliz. Feliz como nunca estive, por ter feito algo útil na vida: dar vida a um ser humano, uma pessoa que será carne da minha carne. Mas também muito aflito por medo de falhar como pai.

“O universo conspira a nosso favor

A consequência do destino é o amor

Pra sempre vou te amar.”

Minha mente me mandou de volta para o dia em que segurei meu sobrinho Gael nos braços pela primeira vez ainda no hospital. Eu não sabia que estava tão encantado, demonstrando tanto fascínio pelo bebê até Magno perguntar se eu queria um bebê também. Claro que eu não queria. Como poderia querer algo que eu não tinha capacidade de ter? Era tão pequenino e frágil... Romeo é o cara certo para proteger e amar um ser tão indefeso, dar suporte e formar o caráter de uma pessoa. E eu? Nenhuma chance.

Eu quis sair do carro e entrar de novo no hospital, mas fiquei imóvel me recompondo do choro instantâneo. Enxuguei minhas lágrimas e arranquei com o carro, dirigindo no nascer do sol para a casa do meu irmão.

Quando chego ao grande portão da casa de Romeo, mando uma mensagem para ele

NACIONAIS - ACHERON

perguntando se já está de pé. Segundos depois ele responde que sim. Ele pede ao segurança para abrir o portão e eu entro. Sei que Olivia foi liberada na madrugada, do hospital, ela não se feriu e nem inalou tanta fumaça como Angelina. Assim que entro, Romeo está sozinho na cozinha preparando café.

— Vilma dormiu um pouco no sofá e eu não quero acordá-la. — Eu assinto e me sento na cadeira. Fico calado enquanto ele mexe no fogão, fazendo café.

— Como está Angelina?

— Estável. Acordou agora a pouco, mas dormiu de novo. Está um pouco... abalada.

Respiro fundo sentindo o cheiro do café recém coado.

— Olivia também está. Conseguiu dormir agora. — Romeo me olha de esguelha e faz uma cara de temor. — Cara, que noite terrível. O que era para ser a melhor noite...

— Nem me fale — murmuro.

— Notícias sobre a Beth?

— Ainda não. Os policiais falaram com Eric que se tivesse notícias ligariam para ele.

— Aquela cadela miserável pode correr, porque se eu a pego...

Dou uma risadinha, pois não imagino Romeo indo atrás de ninguém para se vingar. Apesar que ele quase matou Ludovico e ainda correu atrás dele no aeroporto quando tentou escapar da cadeia.

— Deixa isso com o cachorro doido aqui, cara. Entendo de vingança.

— Pois pode tomar uma providência. Ela deu sorte que a Olivia está bem, senão eu a pegava na unha.

— Olha a violência contra a mulher. —
Alerto.

— Que se foda. Eu a capturava e colocava
NACIONAIS - ACHERON

Kate para dar uma sova nela.

— Nesse caso, a lei permite. — Rimos juntos do meu comentário. Romeo coloca uma caneca de café na minha frente e puxa uma cadeira sentando.

— E aí? Está precisando de alguma coisa? — Levanto os olhos para ele. Respiro fundo e volto a olhar para o café fumegante.

— Por que pergunta?

— Por que te conheço muito bem. Se saiu do hospital e veio para cá uma hora dessas...

— Se quiser que eu vá...

— Olha a rebeldia. Conta o que é. Estava se sentindo sufocado no hospital?

— Não. — Exalo profundamente e meu celular toca antes de eu falar alguma coisa. Levanto a mão pedindo um tempo a Romeo. — É o Magno. — Eu digo e ele assente. Atendo. Magno diz que está indo ao hospital, querendo saber se eu estou lá. Digo que estou na casa do Romeo e ele fala que vai

NACIONAIS - ACHERON

dar uma passada aqui. Desligo e volto minha atenção no momento, ao assunto que preciso desembuchar. Bebo um gole do café. Passo a mão no rosto e fixo meu olhar nele.

— Cara... estou fodido. — confesso. Romeo fica bem sério, olhando-me em alerta total, então eu disparo: — Angelina... ai, cacete! — Esfrego a mão nos meus cabelos... — Angelina está grávida. Vou ser pai.

Em câmera lenta, Romeo levanta a mão, passa na cabeça e em seguida, tapa a boca.

— Cara... — ele começa, mas não prossegue.

— Eu... nem sei o que fazer.

Ficamos calados algum tempo, levanto um pouco o rosto e ele me analisa.

— Quer deixá-la?

— Não. — Quase berro. — Está maluco? Não.

— Só não vá pedir para que ela interrompa...

— Caralho, velho. Claro que não! Eu prefiro morrer a ter que interromper a vida de um filho meu.

— Ainda bem que pensa assim, senão eu teria que te dar juízo na base da porrada. Qual a treta então?

— Eu. Eu sou o problema. Acha mesmo que um cara como eu, conhecendo-me como você me conhece, poderá um dia ser pai de alguém? O que será dessa criança? — Ele assente, mexe-se na cadeira, curva-se sobre a mesa e se prepara para falar.

— Seus problemas, seu passado. Aquilo tudo que aconteceu no acampamento e entre você e o nosso pai não tem nada a ver com você criar um filho.

— Olha de quem somos filhos, Romeo. Aquele cara só tinha ganância e...

— E o quê? — interrompe. — Decidiu falar mal de um morto para resolver seus problemas? Você não é ele.

NACIONAIS - ACHERON

— Vovô sempre dizia: *Hijo de peces...*

— Então esse é seu medo? Falhar como ele falhou?

— Basicamente. Meu Deus! — enfio os dedos nos meus cabelos — Eu tremo mais que bambu verde só de pensar no que posso causar ao meu filho... — entalo e engulo a saliva. Abaixo a cabeça antes de prosseguir: — O que causaram em mim.

— Lorenzo, olha pra mim. — Ele pede eu levanto os olhos, mas começo a falar antes dele:

— Cara... não tínhamos nossos pais presentes, Vilma cuidava de tudo, tinha vez que o que Magno mais queria era ser elogiado pelo nosso pai e isso nunca acontecia. Eu percebia a necessidade do Magno em tudo para ter reconhecimento dele, mas parecia que só existia você, o primogênito que tomaria o trono da Orfeu. E mesmo assim, nunca foi homem para reconhecer uma vitória que você conquistou.

— E por isso vai fazer o mesmo com seu
NACIONAIS - ACHERON

filho? Eu tenho aqui na minha mente e no meu coração tudo o que quero para o meu filho. Vou trabalhar o máximo que posso para dar-lhe um lar estável e um futuro que ele queira trilhar, independente de querer ser cozinheiro ou tomar a frente da Orfeu. Eu posso mostrar o caminho e farei isso, estando ao lado dele a cada escolha. E você? O que pretende?

— A mesma coisa. Eu sei o que é entrar dias e noites sem saber onde os pais estão, ser criado por outra pessoa. Quero dar ao meu filho um pai muito presente e tenho certeza que Angelina quer o mesmo sendo mãe.

— Então volte lá e diga isso a ela. Você mais que qualquer um está preparado para a paternidade, pois por tudo que passou, vai pensar duas vezes antes de machucar sentimentalmente um filho. Você conhece o mundo, Lorenzo, conhece a obscenidade humana e tenho certeza que conhecendo isso tudo conseguirá proteger seu filho.

— É sobre mim.

— Sobre você o que, cara? Se fosse um filho da puta traiçoeiro tinha atirado Angelina e a família dela na sarjeta! E o que fez foi devolver tudo a ela, mantê-la na empresa e levantar a *Mademoiselle* financeiramente.

— É. — Arqueio os ombros e sinto um começo de alívio ao ouvir esses conselhos.

— Então para de ficar com essa lorota na cabeça e bola pra frente. Você não tem mais treze anos, agora terá que se juntar a ela para ser o sustento de uma pessoa.

— Eu queria ter tido mais tempo para pensar sobre isso.

— Você vai ter uns oito meses para se preparar. Mas Angelina não pode esperar tanto tempo por uma resposta. Você não pode pensar se quer ser pai quando o serviço já tá pronto.

Pouco depois, o interfone toca, Romeo libera a entrada e diz que Magno chegou. Assim que ele entra, já me olha com testa franzida.

— Achei que estivesse no hospital. Sufoco?
— Ele pergunta, referindo-se ao meu trauma de lugares como hospital.

— Não. Tive que vir trocar uma ideia com quem tem experiência no assunto. — aponto Romeo com um gesto de queixo. A testa de Magno franze mais ainda, pois ele acha que é o único que tem experiência no assunto. Qualquer assunto que seja.

— Angelina está grávida. — Romeo revela. Os olhos de Magno saltam após um quase inaudível “cacete” e me olha incrédulo, nada de piadinhas. Fica sério me encarando com as mãos na cintura.

— E aí? Tudo bem... ou sei lá... vai fugir? — Balanço a cabeça negando. Fugir nunca estive nos meus planos.

— Eu só entrei em pânico. Na verdade estou cortando prego.

— É para estar — ele concorda. — Devia ter encapado o pau, mas parece um virgem necessitado. Mas e agora? — Dá a volta na bancada
NACIONAIS - ACHERON

e vai ao armário pegar uma caneca para tomar café.
— Tá com medo de quê?

— Você sabe o pai que tivemos, basicamente isso.

— O que o papai tem a ver? — Ele para com a garrafa de café no ar.

Sei que de nós três, Magno é o que mais gostava dele e toda essa personalidade extremista e machista que ele carrega hoje, é em parte, devido ao aprendizado, mesmo achando que tenha algo mais que Magno nunca nos contou. Creio que Magno se espelhou tanto em nosso pai que acabou adquirindo alguns conceitos sobre relacionamento e mulheres.

— Você sabe como ele era, conhece toda minha treta com ele. Só estou com temor do bagulho feder e eu não conseguir dar uma família decente ao meu filho.

— Resumindo, — Romeo intervém na conversa — esse cara colocou na cabeça que pode talvez seguir os passos do papai e ser escroto com a
NACIONAIS - ACHERON

cria dele.

Magno dá uma bufada de exasperação, olhando-me de cara feia.

— Ah, deixa de história, Lorenzo. Você tem que confiar nos culhões. O velho errou feio com a gente, mas cabe a você e a Romeo fazer a coisa diferente com a cria de vocês. Lembre-se que você deu a vida a um Lafaiette e você receberá uma coça se ao menos sonhar em virar as costas para esse moleque. E, sim, tem que ser um moleque para estudar com o Gael lá no meu clube. — Ele dá um sorriso de deboche e prossegue como se maquinasse um plano infalível: — Criar um pelotão de Lafaiettes de elite. — Ele termina de falar e vira um gole de café na boca.

Eu sorrio e me sinto mais leve depois de compartilhar isso com eles. Romeo vem até mim, bate nas minhas costas e me dá um abraço de leve.

— Vai lá, não a deixe esperando muito. Conte a ela que você está feliz com a notícia.

— É. Mesmo que na realidade esteja aí se
NACIONAIS - ACHERON

borrando todo. — Magno completa.

— Vem aqui, Magno. — Romeo chama. — Apoio de irmãos.

— Merda. — Ele coloca a caneca no balcão. — Lá se vai um por cento da minha masculinidade. — Ele vem e nos abraçamos meio tensos, sem nos tocarmos muito, apenas os braços ao redor do outro. Apesar de tudo, como não tínhamos pais presentes, sempre fomos muito ligados.

— Estamos felizes com mais um integrante que vem aí para a família. — Romeo fala.

— É. Estamos mesmo. Só penso no que virá de um cruzamento de um vingador com uma...

— Não fala dela — advirto Magno.

— O que é isso? Abraço coletivo? — Ouço a voz de Vilma. — O Flamengo perdeu de novo?

Afastamo-nos, olho para Vilma, que está com cara de sono, e vou contar a boa nova.

Saio da casa de Romeo e antes de ir para o hospital, passo em outro lugar. Nunca nem mesmo olhei duas vezes para uma loja de coisas de bebês, agora entrei em uma e fiquei completamente perdido. A loja tinha acabado de abrir e duas mulheres estavam arrumando as coisas na vitrine.

Fui bem atendido, consegui comprar algo e corri para o hospital. Quando entrei, nem me liguei com minha repulsa por hospitais, apenas corri para onde Angelina estava. Cheguei e abri a porta do quarto sem bater, a mãe dela levantou os olhos para mim, mas Angelina, meio virada de costas, não me olhou.

— Oi, Beatriz. — Cumprimento e Angelina se vira na hora. Ela me vê, fica de olhos arregalados e se recosta na cama ficando quase sentada.

— Oi, Lorenzo. Vou atrás de Eric na lanchonete, deixarei vocês a sós. — Ela dá um sorrisinho, sai do quarto e eu caminho até a cama.

— Oi. — Angelina sussurra. O olhar cheio de medo.

Eu me aproximo, sento na cama ao lado dela. Os olhos atentos de Angelina me estudam avidamente. Curvo-me, dou um beijinho nos lábios dela e acaricio seus cabelos.

— Está melhor? — pergunto.

— Sim. Estou. Onde você estava?

— Fui dar uma volta.

Ela fica me olhando apenas e eu sei que está querendo me perguntar qual minha posição sobre o assunto.

— Estou aqui. — Sorrio para ela. — Não vou a lugar nenhum.

— Eu te contei...

— Que está grávida.

— E...?

— A verdade? Estou me borrando de medo, como o Magno diz, — Toco no ventre dela e olho

em seus olhos — mas tenho certeza que nós dois vamos fazer de tudo para que nosso malvadinho seja o mais amado possível.

— Sim... — ela concordou, sorrindo emocionada. — Eu não queria agora...

— Eu também não. Mas está aí, talvez ele ou ela venha para nos ajudar a sermos melhores. Alcançar um novo patamar... não será fácil.

— Não será. — Ela concorda, segurando firme minha mão contra o ventre dela.

— Angel. — pronuncio o nome e engasgo, um bolo tampa minha garganta e sinto uma lágrima no meu rosto. — Droga, nós dois parecemos um chafariz de tanto que choramos esse último mês. — Limpo a lágrima. — Eu quero, na verdade, eu preciso, Angel, que você me prometa que se eu pegar pesado com ele... Que se eu enlouquecer ou tentar... — Engulo o choro e prossigo — Tentar machucá-lo não seja omissa como minha mãe foi. Fique do lado do nosso filho, lute a favor dele. Seja para ele a corda que ele precisará para se agarrar

nos momentos difíceis. Seja tudo o que ele precisar, se eu não puder... dar a ele...

— Você vai poder, Lorenzo. Para de falar isso, não vai acontecer.

— Eu não quero que aconteça e prefiro morrer a ser causador de algo ruim na vida dele. Como meu pai...

— Não. Você não é seu pai. Não seremos os melhores pais do mundo, pois nós dois não somos perfeitos, mas seremos os pais perfeitos para ele. — Ela puxa minha camisa, eu me curvo para cima dela e nos abraçamos. Ficamos agarrados, calados, fungando.

— É o nosso malvadinho. — Ela cochicha. — Ele vai te dar a chance de poder **ser** o pai que você não teve.

— Sim, tenho essa oportunidade. Estou muito feliz. — cochicho de volta. — Muito mesmo.

Ergo-me, pego a sacola da loja de bebê, abro, pego o pacote e mostro a ela.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu não sei comprar nada dessas coisas. Mas estava meio eufórico e... — Estendo o macacãozinho para ela. — como não sei o que virá, escolhi branco.

Angelina chora rindo. Rindo mesmo, enquanto segura a roupinha minúscula com os dizeres: “Não desista, papai” e instruções de como o papai vestir a roupinha no bebê. Tipo: Braço esquerdo aqui, perna direita aqui.

— Tão clichê, né? — falo e ela me puxa de novo para abraçá-la.

— Prefiro muito os clichês. Obrigada.

— Apesar do medo, sinto-me completo agora.
— falo baixinho com o rosto no ombro dela.

QUARENTA E SETE

LORENZO

Dois dias depois...

Quando eu cheguei com Angelina no apartamento dela, Eric e Beatriz já estavam lá. Ela saiu hoje do hospital e preferiu ficar em seu apartamento, pois tem a Lourdes e ela se sente mais à vontade, coisa que não sentiria se fosse no meu apartamento. Apesar de Vilma ter aceitado nosso namoro, Angelina ainda não tem total intimidade com ela.

Depois que os pais de Angelina foram embora após o almoço, eu a levei para o quarto insistindo que ela não iria ver nada na internet sobre a repercussão do que aconteceu. Já estava completamente desestabilizada por ter visto uma foto dos bombeiros contendo o incêndio e começando a lacrimejar

— Lorenzo, posso ver pelo tablet, aqui deitada. — Nos olhos azuis, uma grande sombra de
NACIONAIS - ACHERON

indignação.

— Não. Você vai relaxar agora. — Começo a me despir, baixeí minha calça e desabotoei a camisa. Sentada no meio da cama, Angelina assiste minha performance intrigada.

— Não posso ver notícias na internet, mas posso transar até perder os sentidos? — Cruza os braços me desafiando.

— E quem disse que você vai transar? — Dobro minha roupa, deixo na poltrona e só de cueca, vou ao closet dela pegar uma bermuda. Nós dois dividimos nossos apartamentos. Assim como tem roupas dela lá no meu, trouxe muita coisa minha para cá. Estamos morando juntos e dividindo duas casas.

Volto para o quarto, Angelina já está com um celular na mão. Corro, tomo da mão dela e faço um não com o dedo.

— Cara! Deixa de ser ridículo! — Ela esbraveja — Devolve meu celular.

— Não. Você está de castigo até quando eu quiser. — Ajeito o ar para um clima meio friozinho, deito na cama e puxo o braço dela para deitar comigo.

— De castigo? — Ela levanta a cabeça para me olhar.

— Sim. Ainda estou meio puto com você.

— Ainda está?

— Sim. Pois agora sei que colocou a vida do nosso bebê em risco além da sua ao tentar salvar a *Madde*. Vou ter que te punir. — Concluo calmamente, acariciando as costas dela. Angelina se senta e me encara com espanto.

— Quer dizer que eu quase morri, estou grávida de um filho seu e vou ser punida?

— Sim. Nada de safadezas gostosas até segunda ordem.

Ela ri e volta a deitar me abraçando.

— É o que veremos.

— Sim. É o que veremos. Quero ver se vai conseguir alguma gracinha comigo, sem que eu permita. Voltei a ser o chefe, meu amor. Fará tudo que eu quiser. — Dou um beijo nos cabelos dela. — Vou cuidar de você.

— E o que eu quiser? Como fica?

— E o que você quer?

— A longo prazo ainda não sei, talvez um sexo gostoso na banheira hoje à noite. — ela acaricia meu peito — Mas agora, nesse momento, estou com desejo de comer bife de fígado acebolado com ketchup.

— Uhg. Que desejo mais nojento.

— Pois é. Esses outros dias eu estava tendo esses desejos estranhos, e agora sei que deve ser da gravidez.

— Logo fígado? Sem falar que você acabou de almoçar.

— Pra você ver, mas não esperava menos de um projeto de Lafayette crescendo dentro de mim.

— Olha quem fala, como se eu fosse a parte malvada do DNA.

— Setenta por cento. Vamos ser racionais.

— Você é meio malvada. Por isso virá um malvadinho.

— Ou malvadinha. — Ela corrige.

— Menina, não. — Faço uma careta de reprovação.

— Não quer menina? — Com um tom de voz tenso, Angelina levanta os olhos para me encarar.

— Quero, claro que vou aceitar o que vier. Mas acho que tenho preferência por um menino. Magno disse que fará um pelotão Lafayette de elite lá no clube dele.

— Aquele antro? Será que vou ter que pedir uma ordem de restrição para impedir o Magno de

NACIONAIS - ACHERON

encostar no nosso filho?

— Relaxa. Magno será o melhor tio que um menino pode ter.

— Para se tornar um machista arrogante?

— Para se tornar um macho que não se deixa enfraquecer pela primeira que aparecer.

— Isso é uma insinuação?

Eu rio, dou um tapinha na cabeça dela e digo:

— Dorme um pouco, Angel.

Depois que ela dormiu, eu me levantei, pois não gosto de dormir durante o dia. Já sofro de insônia e isso pode atrapalhar meu sono à noite.

Liguei para Romeo e disse que hoje não iria à *Madde*, mas que quero marcar um horário com ele e Magno para a gente resolver sobre o financiamento da Orfeu para a *Madde*. Dois andares do prédio foram destruídos. Tem o seguro, mas quero que esse lamentável incidente passe

despercebido e para isso, quero preparar uma coisa, fazer com que a *Madde* evolua para outro patamar. E para fazer tudo que estou planejando, preciso de mais fundo no caixa da empresa, que já vai custear toda produção desse último desfile. Mesmo com o incêndio, já recebemos, em pouco mais de vinte e quatro horas, muitos pedidos dessa nova coleção. A produção será adiada um pouco até resolver tudo sobre o prédio que foi destruído.

Depois de falar com Romeo, trabalhei um pouco e recebi uma ligação. Era Eric. Como ele esteve aqui e almoçou, sei que algo aconteceu para estar me ligando.

Confesso que fiquei muito mexido quando ele me contou que Beth tinha um caso com um segurança, que a ajudou a tramar tudo. E foram descobertos pela polícia, mas na perseguição o carro deles se envolveu num acidente, ele está no hospital sob vigilância e ela fugiu do local. Eric me preveniu para ficar em alerta, pois Beth pode ser um perigo.

Fiquei em choque quando desliguei a ligação.

Por uns trinta segundos, permaneci olhando para a parede na minha frente, sem saber o que pensar. Não sei se tenho medo, ou raiva. Penso no bebê que está à caminho e decido que é medo. Quero sumir com Angelina daqui, desse país, até que Beth esteja presa.

Só consigo pensar nos pais da Beth, que não têm culpa da filha ser tão má e gananciosa, ou têm, não sei.

Decidi então não falar nada ainda para Angelina. O pai dela me ligou para eu contar, mas vou poupá-la disso por enquanto. Vou para o quarto, sento-me na cama ao lado dela. Está encolhida, deitada de lado e antes de acordá-la, eu a admiro.

Nunca achei que pudesse querer e precisar tanto de outra pessoa como eu em relação a ela. Beira a necessidade e obsessão.

Por muito tempo, durante sete anos, eu remói tanto todas as formas possíveis para fazê-la pagar. Não por orgulho ferido, mas porque a cada noite

em claro, sofrendo pela perda, eu queria que ela também sofresse. Angelina tirou de mim tudo que me fazia ficar nos eixos. Minhas lutas e nosso relacionamento. Agora sei que a culpa não foi toda dela. Na verdade poderia não ter dado ouvidos a Beth, mas foi inocente demais para frear a prima.

E agora, mesmo tremendo de medo do que vai acontecer em relação a essa vida crescendo dentro dela, eu não dei pra trás, pois não posso perdê-la de novo. Toco no ventre dela e acabo sorrindo ao imaginar todas as coisas que posso ensinar ao meu filho. Vilma sempre falou uma coisa pra gente, O filho não faz o que o pai diz e sim se espelha as atitudes dos pais. Por isso tem aquele ditado que filho de peixe, peixinho é. Fico muito feliz por mim e meus irmãos não termos espelhado o que meu pai sempre fez. Talvez Magno tenha herdado algumas maneiras feias, como as atitudes machistas extremistas.

Além de ensinamentos, terei que mostrar-lhe como se tornar uma pessoa de boa índole. Quero que ele entenda que dinheiro não é tudo. Meu pai tinha muito dinheiro e era um merda.

Tenho meses para treinar muito e me preparar para a chegada dele. Ou dela.



À noite, nós nos arrumamos e fomos para meu apartamento. Tinha ligado antes para Vilma preparar um jantar pra gente com direito ao fígado acebolado que Angelina queria.

Ela ficou o tempo todo reservada depois que acordou e eu não forcei a barra, afinal sabia que ela estava daquele jeito pelo estrago que aconteceu na empresa. A única coisa que disse é que quer ir à *Madde* ver como ficou. Tentei barrar a ida dela, passei lá hoje e está horrível, não queria que ela visse aquilo. Mas Angelina, do jeito que é, disse que não vou impedi-la. Então prometi levá-la amanhã cedo e aproveitar para contar todos os meus planos sobre manter a *Madde* no topo.

— Quem vai estar lá? — Ela pergunta dentro do carro. Olho e noto que apesar de arrumada e levemente maquiada, Angelina tem uma expressão cansada e exausta.

— Você e eu. Vilma deixou tudo pronto para a gente. Ainda quer comer fígado?

— Pediu para ela pra fazer fígado?

— Pedi. — Confirmo e ela sorri espantada.

— Meu Deus. Não precisava. Ia pedir a Lourdes para fazer.

— Vai gostar do bife de fígado que a Vilma faz. — Coloco minha mão na perna dela. — Teremos um jantarzinho pós-sofrimento.

— Pós-sofrimento?

— É. Depois de tudo que passamos, acho que agora as coisas vão se encaixar.

— Tipo final de novela. — Ela analisa rindo.

— Tipo final de novela. — Concordo.

Chegamos ao meu apartamento e a mesa já está pronta. Vilma arrumou tudo. Incrivelmente, ela está acreditando muito no meu relacionamento com

Angelina, ficou muito feliz e até chorou quando eu disse que seria pai. Vilma só estava no modo protetor, com medo de Angelina fazer tudo de novo. Na defensiva por minha causa. Mas ela conhece meus sentimentos e sabe que Angel é a única pessoa que quero e que vai me fazer sentir bem.

— Com fome? — pergunto já indo para a cozinha com ela ao meu lado.

— Nossa. Muita. Tenho até medo de ter dois malvadinhos aqui dentro, tenho fome a maior parte do tempo.

— *Creindeuspain*, mulher! — Dou três toques na madeira do armário. — Vira essa boca lá para a direção do clube do Magno.

— O quê? — Angelina ri vindo para perto do forno, onde estou pegando as panelas.

— É. Só Magno merece esse desastre. Duas meninas de preferência. Traga essa panela. — Peço e levo duas para a bancada. — Graças a Deus não temos gêmeos na família.

NACIONAIS - ACHERON

— Não tem isso. — ela traz uma panela, abre e olha o arroz branco — E aquele cara amigo seu, aquele atrevido com cara de bom moço, lá do banco AMB?

— O Max? — Vou para o micro-ondas e abro vendo os bifes de fígado em uma vasilha. Vilma disse que bastava eu programar para uns quatro minutinhos. Ligo e me volto para Angelina

— É. Tem trigêmeos, né? Os três loirinhos, lindos. Me apaixonei por eles.

— É. Foi um troco do destino pela safadeza que ele fez. — Pego o vinho na geladeira e depois começo a abrir as gavetas à procura de um saca-rolhas.

— E o que ele fez?

Encontro o saca-rolhas, conheço pouco da minha cozinha. Vilma sempre está aqui para me dar nas mãos, preparo para abrir a garrafa e então me lembro de algo.

— Você não pode beber vinho, né? —
Balanço a garrafa para ela.

Angelina dá de ombros e decido não servir, já que ela estava até hoje mais cedo no hospital e sem falar que está grávida. Só depois vejo na geladeira um bilhete:

Tem suco natural na jarra de cristal.

Não dê álcool para a Angelina.

Beijos, Vilma.

Ela sempre pensa em tudo. Encontro o suco e levo para o balcão, onde Angel está.

— E então? O que o Max fez?

— A mulher, hoje esposa dele, deu-lhe um pé na bunda, ele ficou muito aflito e resolveu armar para ela. — Corro para pegar a vasilha do micro-ondas que apita mostrando que está pronto.

— Armações. Por que não estou surpreendida?

— O malandro furou vários preservativos, esperou ela ficar uns dias sem tomar pílula e deu o golpe da barriga.

— O quê? — Ela grita perplexa — Golpe da barriga?

— É. Engravidou-a só para terem uma ligação eterna. — Entrego um prato a Angelina. — Sirva-se. — Mostro as panelas à frente e ela se vira para servir. — Agora estão lá com a casa cheio de mini capetinhas. Não quero aquilo pra minha vida, não. — Termino a narrativa da história do Max.

— E ela aceitou numa boa?

— E vai fazer o quê? Ele já tinha arado o terreno e feito o plantio.

— Eu fico aqui pensando seriamente se vocês, todos vocês, irmãos e amigos tem algum distúrbio. Por que todo mundo tem que armar? Você armou contra mim...

— Já me desculpei. — Antecipo — Estamos bem.

— Isso não muda o que houve. Seu primo armou para Kate. E aqueles seus amigos do banco...

— Os três armaram. — Pegamos os pratos com a comida e vamos para a mesa. Levo a jarra de suco. — Mas foi por uma boa causa, queriam as mulheres para eles.

— Como se elas fossem objetos. — Angelina se senta, ajeita o guardanapo no colo e pega garfo e faca. — Hum... o cheiro está delicioso. — Elogia.

Sirvo suco para ela e me sento também.

— O que o mau-caráter do Davi Brant fez?

— Descobriu que a namorada teve um filho dele, escondeu a criança e deu à irmã gêmea para criar. Davi ficou sabendo, foi atrás fingindo ser outra pessoa, seduziu a gêmea boba, casou com ela, adotou legalmente o próprio filho, sem ela saber que era o pai biológico e ainda fez um contrato que não deixava ela sair do casamento. Se saísse, perdia a guarda da criança.

— Que filho da mãe! É aquela mulher que
NACIONAIS - ACHERON

vimos na churrascaria?

— Sim, é ela. Estão muito bem hoje, ele conseguiu contornar a situação. O Davi sempre consegue contornar a situação.

— Meu Deus. Essas mulheres perdoaram esses babacas assim, numa boa?

— Você me perdoou, não foi? — Faço um ar cínico. — Então é a mesma coisa. O amor vence.

— Só não discutirei sobre isso, pois preciso demais começar a comer.

Fico observando-a cortar um pedaço do bife, colocar ketchup e mastigar de olhos fechados, saboreando. Sempre pensei que essa coisa de desejo de grávida fosse uma grande mentira. Mas essa cara que ela está fazendo ao experimentar, sem dúvida, é muito verdadeira.

— Bom?

— Muito bom. — Angelina assente, mastigando e sorrindo. — Essa salada está
NACIONAIS - ACHERON

maravilhosa.

É até gostoso ver a Angelina Velasco comendo assim, como uma fera. Eu começo a comer também, mas sem deixar de me deliciar com essa visão. Depois do jantar, fomos para a sala sentar um pouco e ver televisão. Angelina me contou sobre a ideia que Olivia teve de fazer uma ala masculina na *Madde*, chamada *Monsieur*. Eu gostei muito da ideia e acabei contando para ela o que estou planejando. Criar uma ideia que tive, a *Madde* íntima. Seria uma moda íntima de alto padrão, como a Victoria's Secret.

— Já sabe minha posição sobre isso. — Ela disse, um pouco emburrada.

— Angelina, o que temos que fazer agora é ter o dobro do lucro que tínhamos antes. Mesmo que a Orfeu entre pelo meio e dê suporte, algum dia teremos que devolver o dinheiro para o cofre da Orfeu. O seguro não vai cobrir tudo e precisamos mostrar uma posição dura e firme, que não estamos abalados. Ela apenas me olha atentamente, sem dizer nada.

— Podemos fazer dois desfiles. Um para cada nova ala que a *Madde* vai abrir. A ala masculina e a de moda íntima feminina.

— Não sei. Preciso conversar com meu pai. Preciso pensar sobre isso.

— Ok, sem pressão. Os investidores precisam de uma posição logo, eles estão com medo que a tragédia tenha alguma interferência nos lucros.

Angelina assente e quando eu a puxo para deitar no sofá comigo, ela não protesta. Deita-se e sei que não está assistindo, está cogitando esses pontos que acabei de indicar. Depois que ela dormiu, levei-a para o quarto e vim arrumar a cozinha, pois jamais consigo dormir sabendo que há pratos sujos na mesa. Não dá, é algo que me corrói e só fico calmo, depois que vejo tudo brilhando. Enquanto limpo, fico pensando nos futuros rebentos que vêm por aí. Terei cabelos brancos aos trinta e cinco. Como vou conseguir lidar com bagunça o dia todo? Dou um sorriso pensando nisso. Uma bagunça feita pelo meu filho. Quem diria que isso poderia acontecer? Há mais ou

menos dois meses atrás eu estava com o Gael nos braços no quarto do hospital e daqui a uns meses, será o meu.

Não sei como os outros pais agem, mas eu não paro de ficar pensando nas duas hipóteses. Menininha de cabelos negros e olhos azuis como os de Angel, com suas marias-chiquinhas, pôneis rosa, e pintando minha cara de maquiagem aos dois aninhos. Também pensei na minha grande periculosidade que nasceria junto com ela. Sério, eu seria perigoso ao nível de psicopata para proteger uma filha minha. Imagino um ciúme astronômico até ela completar uns... trinta anos.

Mas também pensei num malvadinho. Eita, garotas! Seria uma espécie rara, um moreno dos olhos azuis, sedutor como o pai, e com as artimanhas no DNA, como os Lafayette. Enquanto enxugava os pratos sozinho na cozinha, pensei em mim berrando por ter chegado em casa e tropeçado em um carrinho ou ter levantado no meio da noite e espetado o pé em um boneco do Batman.

Penso nele indo comigo e meus irmãos ver o

campeonato brasileiro nos estádios, torcendo pelo meu time e desejando ter logo um fio de barba para poder me imitar fazendo-a. Quero dar conselhos sobre a vida, sobre não ser o babaca da escola, mas também não ser o tolão pisado por todos. Esperto, no equilíbrio, essa é a saída. Também, lógico, eu lhe darei todas as dicas sobre garotas. Andar sempre com camisinha, duas nunca é demais e nunca furada como as do Max, pelo amor de Deus. Antes da primeira vez, entrar com várias camisinhas sozinho para o banheiro e testar no próprio pau até ter agilidade e não passar vergonha na hora H.

Independente de qualquer coisa, sendo ele ou ela, será um Lafayette e lutarei para que tenha orgulho do pai e da mãe dele. Coisa que não tive dos meus.



Mais tarde, deixo o livro que estou lendo de lado ao ouvir o toque do interfone. Já estamos no meu quarto. Olho no relógio e vejo que são duas e meia da manhã. Angelina dorme e nem se mexe quando dou um pulo da cama e saio do quarto.

Encosto a porta, caminho rápido pelo corredor, desço as escadas e chego na sala. Olho para os lados na sala escura, tudo quieto. Criando coragem, respiro fundo e abro a porta até onde a corrente permite.

Pela fresta, Beth me olha sorrindo maquiavelicamente.

— Beth. — murmuro, sem me espantar com a presença dela.

— Olá, Lorenzo. — Dá uma risada de escárnio — Não vai me convidar para entrar?— O que quer aqui? Você tem noção de tudo que fez?

— Sei que ela está aí, minha prima. Gostaria tanto de dar um bom corretivo nela. Mas minha conversa é com você. Olha só para vocês dois: — passa os olhos pelo meu corpo. — Aí, numa boa, se divertindo, ricos e felizes, à minha custa.

— Sua custa?

— Sim. — Ela grita. — Felizes à minha custa. Ela me traiu, preferiu você a mim desde aquela
NACIONAIS - ACHERON

época. E você nunca olhou para mim como mulher, sempre preferiu aquela idiota retardada. Aquela empresa era tão minha como dela, eu deveria estar naquele desfile com ela e não a Olivia. — Aos gritos, ela continua recitando a mesma ladainha de sempre. — Ela me mandou uma mensagem desaforada dizendo que recebeu parte da bolada do seguro. Agora quero esse dinheiro que ela recebeu. Vai transferir para minha conta se quiser continuar vivo.

Não digo nada. Olho para a mão dela que está dentro da bolsa grande. Com certeza está armada. O que estou fazendo é muito arriscado, mas é necessário para acabar de vez com isso. Para eu conseguir ter paz de agora em diante, é preciso aceitar esse desafio.

— Eu poderia agora estar longe daqui. — Ela continua. — Mas estou falida. Você me deixou assim, sem nada. Nem meus pais estão do meu lado, querem que eu me entregue. Por isso, preciso da ajudinha de vocês para fugir no mundo. — Ela tira a mão da bolsa e como eu suspeitava, está com uma arma. — Já que é para me derrubar, vou cair

atirando. Sem gracinha, abra a porta, Lorenzo. Precisamos conversar.

— Tudo bem, Beth. — falo com uma voz calma, meio alarmada Ao ver a pistola apontada para minha cara, eu fico com medo. — Abaixе essa arma. Vou abrir a porta.

— Isso. Trema de medo, seu filho da puta. — Ela fala mais alto, sentindo-se vitoriosa.

Encosto a porta com cuidado, para tirar a correntinha. Olho para os lados da minha sala, faço um gesto positivo e mais que depressa, quando eu tiro a correntinha e a porta se abre, dois policiais das forças especiais saem do escuro e avançam para cima dela. Ela não esperava, dá um grito e ouço um estampido do revólver. Ela atirou. Comigo está tudo bem, pois assim que eu abri a porta e os dois homens saltaram, eu pulei para o chão. Imobilizada, Beth começa a gritar. Acabou de ser pega numa armadilha.

— Lorenzo. — Ouço a voz atrás de mim e me viro vendo Angelina correndo. Vou ao encontro

dela e a abraço no meio do caminho, não permitindo que ela vá ao corredor onde Beth grita desorientada sendo algemada.

— Está tudo bem, acabou. — Eu sussurro.

— O que houve? Meu Deus... o que houve?

— Pegamos a Beth. — Eu explico. — Conseguimos capturá-la.

Atônita e pálida, Angelina olha para o corredor lá fora. Mais policiais chegam e logo em seguida, Eric entra correndo com o investigador que planejou tudo comigo.

— Pai? — Angelina murmurou assustada.

— Vocês estão bem? — Com urgência, ele abraça Angelina. — Meu Deus, tive tanto medo de dar errado.

— Estamos bem, Eric. Eu fui sozinho, apesar do perigo, deu certo.

— O que está acontecendo? — Angelina grita

se afastando de mim e de Eric. — O que houve aqui? Lorenzo! O que houve?

— Pelo seu bem, tivemos que armar uma emboscada para Beth. — Eric diz. Eu consigo levar Angelina ao sofá, nós nos sentamos para que eu possa explicar-lhe.

— O quê?

— Eric, pegue água para ela. —peço e ele se levanta rápido. — Meu amor, eu sabia que era perigoso atrair Beth para cá...

— Você a atraiu para cá? — Ela me olha horrorizada.

— Foi necessário. — O investigador de polícia diz. — Não tínhamos ideia de onde ela estava, sabíamos que ela podia atacar a qualquer momento e para o bem estar de todos...

Angelina volta a olhar para mim como se quisesse que eu explicasse.

— Seu pai e eu armamos tudo com a polícia.

Eu estava preparado. — Levanto minha camiseta e mostro o colete à prova de balas. Ela coloca a mão na boca e uma lágrima desce do seu olho.

— Você se colocou em risco... Lorenzo. Meu Deus!

— Calma. Está tudo bem. — Limpo as lágrimas dela — Estamos bem. — Eric chega com a água e a entrega, Angelina toma um gole e me olha chorosa.

— Como... a trouxe?

— Peguei seu celular e mandei uma mensagem para ela, desaforada. No fim, dizia que você está feliz, rica, pois recebeu um adiantamento do seguro e agora você estava morando comigo no meu apartamento, como se você estivesse debochando dela. Sabíamos que com o ego enorme de Beth, ela viria se vingar e tentar roubar o dinheiro. E veio.

— Então me trouxe para jantar aqui...

— Por que tínhamos um plano, por isso tinha
NACIONAIS - ACHERON

que ser aqui. Odiei ter que te trazer para cá, mas não tive outra opção. Você estava segura.

— Mas você podia ter...

— Não. Meu bem estar depende de você estar bem. Como você disse, eu, meus irmãos e amigos gostamos de armações. Eu armei para pegar a Beth. Assim que fomos deitar, dois policiais entraram e ficaram de tocaia aqui na minha sala, estávamos confiantes que a qualquer momento ela apareceria.

— Precisamos que nos siga até a delegacia, Lorenzo. — O investigador diz. — Vai ter que dar seu depoimento.

— Claro. — Olho para Angelina. — Pode ir com seu pai para a casa dele...

— Não. Vou com você.

— Não, Angel. Você não vai. Vai ficar bem quietinha, tomar uma banda de calmante e dormir. Daqui a pouco estou de volta.

— Você arma tudo isso pelas minhas costas e
NACIONAIS - ACHERON

agora quer que eu... — ela começa a esbravejar, mas Eric intervém:

— Filha, Lorenzo tem razão. Há policiais lá em casa de vigília. Estará segura lá. Assim que ele terminar de dar o depoimento, vai para lá, estaremos esperando por ele.

— Confie em mim. — Acaricio o ombro dela.
— Vai dar tudo certo. Em uma hora, já estarei lá, com você.

E ela aceitou. Não relutou muito. Acho que estava em choque para continuar brigando. Nem me vesti. Só peguei carteira, celular e uma manta para enrolar Angelina. Quando saímos, havia três viaturas, vários policiais e alguns carros comuns. Angelina parou e olhou para Beth que já estava dentro de uma viatura. O pai ela estava perto conversando com um policial e outro homem que deve ser advogado. Então as duas se olharam, vi quando os olhares delas se cruzaram e não disseram nada. Ficaram por alguns segundos se olhando, sem expressão, até Eric conduzir Angelina para um carro e eu ir para outro com o investigador. Beth

não fez escândalo, apenas ficou calada, de cabeça baixa.

Penso em como deve ser uma barra para Angelina, pois apesar de tudo, Beth sempre foi como uma irmã para ela. Elas praticamente cresceram e fizeram tudo juntas. Desde todo o colegial até a faculdade e depois trabalharam juntas. E nem me assusta Angel ter feito o que a Beth dizia, acreditado cegamente nela em tudo. Ela confiava muito na prima. Era sua única grande amiga, sua parceira de todos os momentos, creio que para Beth a entrega, não era a mesma, mas isso Angel só percebeu depois.

Apesar de todas as arestas aparadas, não está sendo fácil para Angelina encarar tudo isso.

QUARENTA E OITO

ANGELINA

Dois dias se passaram depois de Beth ter sido presa. Ainda não sei qual será a situação dela, mas no momento não quero pensar sobre ela ou sobre tudo o que houve aqui.

Eu devia ter feito regime antes, voltado ao pilates e à academia. Por que com certeza vou virar um baú agora estando grávida. Antes eu acordava e ao abrir os olhos sentia o calor do corpo de Lorenzo ao meu lado, ou o cheiro da manhã, ou o corpo relaxado pelo sono. Agora, a primeira coisa que sinto antes mesmo de abrir os olhos, é fome. Na verdade, eu acordei por causa do estômago doendo de fome.

Olho em volta e vejo que estou sozinha no quarto do apartamento de Lorenzo. Penso logo em Vilma lá embaixo e eu ter que ficar sem graça puxando assunto com ela. Lorenzo deve ter ido correr. Levanto com a bexiga doendo e corro para o banheiro. Apronto-me, penteio os cabelos, visto a

NACIONAIS - ACHERON

roupa e desço para não dizer que sou a nora cricri que fica socada no quarto. Não posso dar mais motivos para Vilma se voltar contra mim. Penso que se eu tiver um menino e um dia ele trazer uma namorada para eu conhecer, serei a melhor sogra do mundo. Não irei me opor e muito menos ficar com ciúmes porque meu filho não vai ter só a mim para cuidar dele. Ao menos, assim eu penso, vamos ver se na prática será igual. Dizem que o ciúme materno nasce junto com o bebê.

Vou descendo a escada e ouvindo um barulho que sei que Vilma não faria, como se fosse uma panela caindo. Sinto cheiro de queimado, ando mais um pouquinho atravessando a sala e chego ao balcão que a separa da cozinha, para espiar. Não é Vilma, é Lorenzo só de cueca, no meio da cozinha assistindo alguma coisa no celular. A cozinha está uma bagunça e há fumaça vindo de uma panela na pia.

— O que está fazendo?

Ele nem levanta os olhos. Continua olhando o celular.

— Caralho! É muito difícil fazer um café da manhã.

Dou a volta e entro na cozinha. Posiciono-me ao lado dele e vejo que está assistindo a um vídeo de como fazer omelete.

— Quer fazer uma omelete?

— Quero fazer qualquer coisa que dê para comer. Vilma está na casa do Romeo. — Ele olha para mim e sua testa enruga. — Sabe fazer café?

— Mais ou menos.

— Eu não consegui usar aquelas porras de coadores de papel. Queimei meus dedos. — Ele me mostra os dedos aparentemente sem nenhum problema.

— Hum... — Vou para a pia e olho a bagunça de pó de café, açúcar e vários coadores de papel usados e vários novos rasgados a mão. Sei que ele deve ter ficado furioso e quis descontar a raiva em alguma coisa.

— Quanto de pó você colocou?

— Três colheres. Para meia jarra de água.

— Acho pouco. Será que não são umas cinco ou seis colheres?

— Será? — Lorenzo deixa o celular de lado e fica olhando, nós dois cogitando quantas colheres de pó se coloca.

— O que acha de irmos tomar café em algum lugar? — Eu digo depois de decidir que qualquer coisa que a gente tente vai dar desastre. — Estou desmaiando de fome, Lorenzo.

— Então, vamos. Queria te surpreender, mas não sou cozinheiro como o Romeo.

— Nem tudo é perfeito, né? Acho que sobrevivo.

— Sobreviveremos. — Ele passa o braço no meu ombro e saímos da cozinha. — Temos a Vilma e a Lourdes.

— Coitado do nosso filho se um dia nos pedir um bife.

— Ou batata fritas.

— Você sabe ao menos colocar achocolatado no leite? — Levanto o rosto para ele.

— Isso, eu sei. Quer experimentar o meu leite? — Ele pisca para mim e meu corpo já leva para o lado da safadeza.

— Quando chegarmos, acho que vou querer sim, provar do seu leite.

Lorenzo dá uma risada, aperta mais seu braço ao redor do meu corpo e me dá um beijo na cabeça.

— Eu te adoro, safadinha.

Paramos numa cafeteria, tomamos um farto café. Depois de eu pedir e quase implorar, Lorenzo aceitou me levar a *Madde*. Eu lhe disse que se não me levasse, eu iria sozinha. Ficamos o caminho todo calados dentro do carro, acho que porque o que viria a seguir era muito forte para mim. Ele

NACIONAIS - ACHERON

sabia, eu sabia e estávamos preparando as emoções.

Quando o carro parou em frente ao prédio, desci logo e me posicionei em frente. Com uma mão no peito, olhando as janelas explodidas, a mancha preta de fogo nas paredes e sabia que se por fora estava assim, por dentro devia estar bem pior.

— Quer mesmo entrar? — Ele se posiciona ao meu lado.

— Sim. Eu preciso ver. — Lorenzo assente, segura na minha mão e atravessamos a rua de mãos dadas em direção ao prédio.

Já tem muitos homens entrando e saindo, trabalhando para restaurar tudo. Fico olhando a bagunça da recepção do térreo e meu coração se aperta. Lorenzo continua andando e sua mão apertando a minha é um alívio a essa tortura.

— Toda a reforma já está em andamento. Assim que a polícia terminar todas as perícias, vamos arregaçar as mangas e tudo ficará novinho novamente. — Ele me conforta explicando com um

NACIONAIS - ACHERON

sorriso confiante. Paramos diante do elevador. As portas se abrem, entramos e Lorenzo aperta para o andar que ficava minha sala.

Eu achei que o elevador não funcionasse, mas ele me explicou que não teve danos, já que eu não consegui jogar a bomba dentro dele, como era meu plano naquele dia. Fecho os olhos e respiro fundo várias vezes. Quando as portas se abrem, eu abro os olhos e Lorenzo tampa minha visão.

— Não precisa reviver tudo.

— Eu preciso ver.

Ele fica me olhando por algum tempo, depois assente e sai da frente. Eu dou um passo para fora e meu coração fica em estado de choque completo. A porta do banheiro e metade da parede, onde eu joguei a bomba, estão destruídas. E o que danificou mais o lugar foi o fogo. Tudo foi consumido. Caminho por entre as mesas dos meus funcionários que estão amontoadas como lixo. Todos os papéis, computadores, e o nosso trabalho viraram lixo. Olho para o outro lado onde fica o corredor que

leva à sala de reuniões da revista, a sala de Olivia e toda linha editorial da Revista Madde.

Aquela parte não foi muito afetada pelo fogo, minha atenção volta-se para minha sala. Coloco a mão no peito ao ver os vidros destruídos, a porta contorcida e rastros negros por toda parede mostrando que ali não foi poupado. Caminho a passos lentos e vou me aproximando. Essa sala era da minha avó, depois foi do meu pai, minha, ficou por algum tempo sendo a sala do novo e odiado chefe, no caso, o Lorenzo, e depois minha de novo. Tanta história se passou por aí. Tinha marcas de todos os donos. Um quadro da minha avó, uma estante que meu pai mandou fazer com alguns prêmios que a *Madde* ganhou, minhas bonecas de metal, manequins vestindo miniaturas de vestidos da *Madde* e, claro, o boneco do Capitão América do Lorenzo e uma foto nossa com M&M. Tudo queimado.

Seguro firme. Engulo o choro e continuo olhando tudo o que foi destruído pelo fogo. Sinto a mão de Lorenzo no meu ombro e me viro para ele.

— Está tudo bem?

— Sim, estou. Vamos dar um jeito nisso tudo.

— É, vamos dar. — Ele acaricia meus cabelos e beija de leve a ponta do meu nariz. — Quer sair daqui?

— Quero. — Mal falo e ele já me arrasta para fora. Caminhamos para o elevador e eu me recuso a olhar para os lados. O choro está entalado na garganta. Nesse instante, um homem de terno, creio que o segurança, vem até a gente.

— A imprensa está aí fora. — ele fala comigo. — Ficaram sabendo que você está aqui.

— Ah... tudo bem.

— Tudo bem, não. — Lorenzo interrompe — Ela não vai falar nada. Pode reforçar lá embaixo para gente sair?

— Claro. — o segurança fala e já se vira conversando em um aparelhinho parecido com telefone.

Eu nem discuto com ele, estou em choque total para poder responder perguntas invasivas. Respiro fundo e sinto meu olhar vazio mirar uma parede.

— E Beth? Notícias sobre ela?

— Está bem encercada. Depois dos depoimentos de Olivia, Simone e o seu, a polícia conseguiu imagens da câmera de segurança e identificou o comparsa de Beth.

— Ai, meu Deus! Era um dos funcionários, não é?

— Sim, um dos seguranças. Ela atraiu o cara para o mal. Ele não tinha passagem pela polícia e nenhum antecedente, foi na conversa da Beth.

— Nunca achei que as coisas chegassem a esse ponto. — Eu o abraço e Lorenzo se apressa em apertar seus braços ao redor do meu corpo. — Meu Deus! Estou em frangalhos.

Não me julguem por ter chorado. Beth fez o inferno na minha vida muitas vezes. Enquanto
NACIONAIS - ACHERON

Lorenzo me abraçava e acalentava meu choro compulsivo, no meio do salão destruído, eu pensei em tudo o que perdi e como tudo poderia ter sido diferente.

Beth foi a irmã que não tive e de verdade eu a adorava muito. Era minha confidente, melhor amiga, era tudo para mim. Chorei por ela ter se virado de forma mesquinha contra mim, por ela ter tentado destruir o sonho de nós duas, que é a *Madde*, por ter perdido Lorenzo por causa dela e com todo esse pranto, coloquei para fora toda a dor que senti desde quando as portas do elevador se abriram e eu vi toda a destruição causada por ela.

Jamais vou comemorar a ruína dela, mas jamais esquecerei que ela poderia estar ao meu lado em cada conquista, nossa, juntas., mas preferiu a ganância e a inveja contra alguém que sempre a amou com sinceridade.

QUARENTA E NOVE

ANGELINA

Semanas se passaram e as coisas foram colocadas no eixo de uma forma especial e automática. Foram dias de preparação para nosso casamento. Desde que Lorenzo e eu anunciamos o noivado, nossas famílias começaram a planejar tudo. Mas para nós dois o maior preparo era o psicológico, por tudo o que tinha acontecido, pelo nosso trauma do passado e por agora estarmos de braços abertos para uma nova vida. Mandeí fazer um vestido idêntico ao que usei anos antes quando quase me casei. Decidi não vestir o mesmo que eu tinha guardado esse tempo todo.

No pequeno palco, dei uma volta e me vi em frente ao espelho, em um vestido princesa de renda e organza, com um belo busto trabalhado à mão com pedrarias e renda, eu estava no auge novamente. Não no auge do sucesso, mas no auge da minha vida. Melhor que sete anos atrás. Por que agora sei que sou mais forte, Lorenzo e eu estamos blindados e mais maduros. E há algo muito mais

forte que nós dois juntos, essa pequena vida crescendo dentro de mim.

À minha frente, com lágrimas nos olhos, minha mãe, Vilma e Lourdes sorriam encantadas. Emocionei-me na mesma hora, Kate e Olivia me aplaudem. Hoje é a última prova do vestido, amanhã já é o casamento. Estou na minha empresa, vestindo algo que eu desenhei.

— Meu Deus! Está lindo demais. — Olivia veio correndo ajustar a calda do vestido assim que recebi o abraço de minha mãe e de Vilma.

— Dá vontade de casar também. — Kate fala, com a mão no coração, sorrindo sonhadora.

— O mais importante você já tem, o noivo.

— E quem disse que aquele traste mexicano é meu noivo? — Ela rebateu.

— Mexicano? — Rio.

— Kate! Não acredito que ainda está dando o gelo educativo no Amadeo. — Olivia indaga com
NACIONAIS - ACHERON

as mãos na cintura, olhando-a de semblante carregado.

— Oly, deixa eu educar meu boy da minha maneira. Estou dando corda aos poucos.

— Sei. Dando a corda e outra coisa né, safada? — murmuro sem desviar meus olhos do espelho à minha frente.

— O que posso fazer? — Ela olha para os lados vendo se minha mãe, Vilma e Lourdes estão escutando. — O desgraçado é gostoso com força e ainda fica falando uma coisas que me levam à loucura.

— Que coisas? — Interessada, Olivia quer saber.

— Tipo, palavrões. É tão fofo ouvi-lo falar palavrão.

— Ele fala *carajo*? — indago. Antes de ela responder, completo: — Lorenzo fala de vez em quando.

— Sim, fala. “Carajo, su culo, mi polla”...

— Polla? — Olivia ri.

— É, pau, rola. Semana passada, eu não o deixei entrar no quarto e ele ficou batendo na porta e falando bem de mansinho: “*Kate, mi hermosa rubia, vamos a joder com mucho cariño.*” Abri a porta na mesma hora, pois ele falando em espanhol me derrete.

— Traduza. — Olivia pede.

— Kate, minha loira linda, vamos foder com muito carinho... algo assim.

— E esse é seu gelo educativo? Aceitar assim logo de cara?

— Nas safadezas da vida não tem como dar gelo, né? Ainda mais se tratando de um espanhol que dança *Passodoble* e me chama de *rubia*.

— Não se preocupe, Kate. Te entendemos, não é, Angel? — Olivia diz cochichando, pois minha mãe, Vilma e Lourdes voltam para perto da
NACIONAIS - ACHERON

gente.

— Oh, e como entendemos! — Concorde. — Amo meu exemplar de espanhol legítimo.

Lorenzo e eu nos separamos esses três últimos dias antes do casamento. Está sendo difícil? Sim, mas será maravilhoso quando estivermos juntos de novo. Nós nos encontramos durante o dia, mas dormimos cada um em seu apartamento. Só mesmo para ter uma sensação boa de noite de núpcias. Quando terminamos com a prova do meu vestido, minha mãe foi embora com Lourdes e Vilma, nós três voamos para encontrarmos Lorenzo e os rapazes que estarão na loja de roupas masculinas para fazer a última prova de roupas do noivo e padrinhos.

Eu estava meio trêmula, pois tudo estava acontecendo exatamente como um déjà-vu. A merda de um déjà-vu que me fazia sofrer toda vez que me levava sete anos atrás quando estávamos experimentando nossas roupas de noivos.

Cheguei na loja e Lorenzo já estava com

Romeo. Ambos sentados numa boa, no andar de cima da luxuosa loja que é parceira da *Mademoiselle*. Romeo com uma taça de champanhe e Lorenzo digitando algo no celular, enquanto sorria ouvindo a conversa das belas jovens atendentes.

— Oi. — Eu digo assim que entramos. Eles levantam os olhos para nós. Um bando de mulheres chegando apressadas, quase um arrastão. Kate faz pose de intrigada olhando em volta possivelmente procurando Amadeo, eu sorrio simpática para as jovens e Olivia vai dar um beijinho em Romeo. Ele tenta fazê-la sentar no braço da poltrona em que ele está, mas ela nega, bate na mão dele e se afasta um pouco.

— Vocês demoraram. — Sentado, Lorenzo me puxa e beija meu ventre.

— Vestir uma noiva requer calma. — Kate explica e ainda olhando para os lados indaga: — Cadê o fulaninho?

— Com Magno. — Lorenzo responde — As

duas putas não se largam, devem tá chegando por aí.

— E então? Vamos nos vestir? — Romeo levanta. — Tempo é dinheiro para mim.

— Senta. — Olivia dá um empurrãozinho nele. — O noivo primeiro.

— Aqui está. — Sem que ninguém pedisse, a atendente traz o traje em uma capa e me entrega.

— Obrigada. — Estendo em seguida para Lorenzo. — É seu momento.

Enquanto Lorenzo vai para o provador, sentamo-nos e minutos depois Magno e Amadeo entram, sorridentes e de cabelos molhados. Kate já tá com cara de doida.

— Chegamos. — Magno acena para o povo. Amadeo também cumprimenta a todos e se vira para Kate.

— Olá, *rubia*.

— Meu nome é Catherine. — Ela resmunga de cara amarrada. — Por que não atendeu uma das minhas nove ligações?

— Estava resolvendo uns problemas...

— Resolveram dar uma refrescada antes de vir? — Romeo questiona, acenando com um gesto do queixo para o cabelo molhado de Magno.

— Demos uma passadinha numa sauna que conheço. Lugar secreto. — Dá um sorriso orgulhoso, enquanto Amadeo arregala os olhos.

— *¡Madre de Dios! Que maricón boca grande.*

— Boca, entre outros atributos. — Magno não perde a chance de piscar para uma das atendedoras que sorri discretamente.

Enquanto Amadeo tenta se explicar para Kate e Magno vai azarar a atendente, eu corro para o provador. Abro e Lorenzo já vestiu a camisa, a calça, e está ajeitando a gravata.

— Está lindo. — Sorrio encantada. Ele sorri de volta me olhando pelo espelho.

— Sempre estou. — Vangloria-se — Gostoso pra cacete. Sortuda.

Rindo, entrego a ele o colete, ajudo a vestir o terno por cima e quando ele se vira para olhar no espelho, tenho vontade de chorar. Tudo está acontecendo tão rápido e perfeito que até tenho medo de algo ocorrer. Respiro fundo, afastando as paranoias de minha cabeça e saímos do provador para mostrar a todos a roupa. Estou mais feliz que ele, meu maxilar dói de tanto que já sorri.

Depois, com os quatro homens vestidos nos trajes, Olivia, Kate e eu nos afastamos um pouco para admirá-los. Ficaram perfeitos, eles sempre ficam, perfeitos juntos. Será o melhor altar de casamento que já se viu. Da outra vez estavam apenas Magno e Romeo, agora teremos um Lafaiette a mais no altar, Amadeo. A triste nostalgia me deixou e agora eu sorrio muito eufórica com Olivia e Kate assistindo a interação dos quatro homens. Olivia ajeita a gravata do

Romeo, seus olhos parecem faróis de tão brilhantes, apaixonadíssima.

— Só falta o piranho de esquina. — Lorenzo dá um cutucão em Magno e eu dou outro nele para ficar parado enquanto eu ajeito a barra da calça dele, que pela minha impressão, está um pouco grande.

— Só falta o quê? — Magno tira os olhos de seu reflexo no espelho e olha torto.

— Uma companhia.

— Já vem com essa pica de novo? Não no meu rabo. — Ele volta a encarar seu reflexo no espelho — Tenho *unicabocetofobia*.

— O quê? — Romeo dá uma risada. — Que porra é essa?

— Tenho fobia de comer uma boceta só pelo resto da vida. Ou sei lá até quando um casamento dura.

— Dura até que tenha respeito um pelo outro,
NACIONAIS - ACHERON

Magno. — Eu falo mais alto do que deveria. Ele me olha, faz uma careta e encosta em Lorenzo para cochichar:

— Achei que duraria enquanto tivesse putaria conjugal. Um casamento com respeito mas sem sexo, você já tem com Vilma.

Lorenzo começa a rir, mas eu olho feio para ele e ele fecha a cara para Magno.

— Respeite a Vilma. — Lorenzo repreende Magno.

— Você nunca sentiu nada mesmo por alguém a ponto de querer se unir e...

— Escuta. — Magno, já um pouco irritado, interrompe Olivia: — Deixem-me, é escolha minha, relacionamento é algo quase impossível para minha vida. É como um cara tentar mexer o pau sem piscar o cu. Simplesmente, não dá.

Romeo franze o cenho e olha para Lorenzo e Amadeo que se olham também, todos com cara de intrigados. As meninas e eu nos olhamos, Kate está

NACIONAIS - ACHERON

chocada.

— Como assim? — Amadeo já está pasmo — Não dá para mexer...

— Sim. É uma ligação estranha. — Magno se vira para explicar para a plateia — Cu e pau ligados intimamente. Aquela história de que “amigo de cu é rola” tem embasamento verídico.

Ele termina de falar e eu me assusto com o berro que Kate deu. A risada dela contagia Olivia e eu, simplesmente me curvo e coloco a mão no peito enquanto rio imaginando a situação. Olivia está rosada com a mão na boca.

— Hoje tu não me escapa — Entre o riso, Kate aponta para Amadeo — Vou querer conferir isso de perto. Ah, mas se vou

— Também estou curiosa. — Limpo minhas lágrimas do riso.

Os quatro ficam calados, ali de pé, um olhando para o outro como se analisassem algo.

— Aaah, vá se danar! — Ainda rindo, Kate pega a bolsa dela na poltrona — Não acredito que eles estão nesse momento tentando mexer o pau sem piscar o cu. — Continua rindo e caminha para a porta. — Vou lá pra baixo, senão eu mijo nas pernas.

Rindo, Olivia e eu a seguimos, ainda podemos ouvir o diálogo deles. Lorenzo fala:

— Cara, que sinistro. Não dá mesmo.

— Com treinamento, consegue. — Romeo desmente. — Eu quase consegui, agora.

— Tá treinando *el culo*, Romeo?

— Eles são lindos e perfeitos até abrirem a boca. — Olivia diz, enquanto descemos as escadas e podemos ouvir as gargalhadas masculinas vindas lá de cima.



Hoje, dia do casamento, minhas madrinhas e eu estamos nos preparando. Estou nervosa, já gritei

comigo mesma, chorei, fiz duzentas ligações para Lorenzo. Estou morta de medo, suando por todos os poros e precisei tomar uma banda de calmante.

— Meu Deus! Desse jeito não tem maquiagem que aguente. — O maquiador vem enxugar minha testa. — Acalme-se, mulher, está derretendo.

Ignoro-o e olho para Olivia.

— Oly, e as flores?

— Estão ótimas. Nenhuma murcha.

— E os convidados?

— Já estão acomodados. Angelina, tudo está em ordem. Temos os promotores de evento cuidando de tudo. Romeo e seu pai estão lá fora recebendo os convidados, está tudo em ordem.

— Tome isso, querida, está bem forte, vai te acalmar.

Recebo a taça de suco de maracujá que Vilma estende para mim, agradeço e bebo tudo de uma
NACIONAIS - ACHERON

vez.

— Tudo vai dar certo, Angel, fique calma. —
Minha mãe diz ao meu lado.

— Ele já está lá? Alguém vai lá e diga que
estou aqui. Lorenzo deve estar em pânico.

— Ele está bem. — Vilma diz. — Acabei de ir
até lá. Já tomou uma banda de calmante e tomou
uma taça de suco.

— É. A gente só não vai dopar vocês porque
precisam dizer o “sim”. — Kate bate palminhas e
todo mundo riu.

— Obrigada por toda ajuda, apoio e por
estarem fazendo meu dia ficar mais especial. —
Agradeço às duas e a Simone que será minha
madrinha junto com Magno.

— Acabei de vir da ala masculina e estou
morta, viado! — Olhamos para a porta que acaba
de abrir e Valmir, que trabalha na *Madde*, entra
todo empolgado. — Beatriz, minha diva máster, me
sirva-me um pouco desse suco. — Ele se senta e
NACIONAIS - ACHERON

pede a à minha mãe. — Lafaiettes bundudos mexem comigo de verdade. — Rindo, minha mãe o serve e Valmir levanta a taça: — Um brinde à pequena rainha da moda e dona daquele corpão dentro do traje de noivo. Tô com uma inveja da senhora... — Todas na sala aplaudem rindo pela cena dele e eu faço um cumprimento de agradecimento.



LORENZO

Olho para a pedra azul brilhando na minha abotoadura. Depois de anos, hoje eu decidi usá-la. Ela representa muito para minha família, é o que representa o nome Lafaiette. Romeo quase nunca tira o anel dele do dedo, Magno sempre usa seu broche em ocasiões especiais. Noites no clube, por exemplo. E eu mantinha a minha joia de família guardada, pois não me sentia enquadrado nisso tudo. Mas agora as coisas mudaram. Agora eu reconheço meu lugar no mundo e sei que faço parte de uma família que está ao meu lado, não por pena, mas pelo mesmo amor que sinto por eles.

Ouço uma gracinha de Amadeo e finjo sorrir. Na verdade, estou aqui quase caindo em óbito, pois mil sentimentos se apossaram de mim e está sendo muito difícil controlá-los. O casamento está sendo no mesmo lugar de sete anos atrás. E isso é o que me deixa mais agitado. É como estar novamente vivendo tudo aquilo.

Doutor Estevão está lá fora junto com os convidados. Ele já veio aqui me ver, conversou comigo e mesmo assim estou desestruturado. Olhando pela janela, vejo as pessoas espalhadas pelo belo jardim todo florido e com uma bela decoração de flores naturais. Angelina escolheu se casar a à tarde, hoje o dia está com um clima bom e o sol está quase se pondo.

— Está de boa? — Romeo toca no meu ombro e eu me viro para olhá-lo.

— Mais ou menos. Como estão todos lá embaixo?

— Está tudo em ordem. Acho que todos já chegaram, daqui a cinco minutos nos

posicionaremos.

— O cu não passa wifi. — murmuro, ajeitando minha gravata que parece estar me enforcando. Romeo toma da minha mão e ajeita corretamente.

— Chega de piração. Hoje é outro dia, não tem nada a ver com o passado. Angelina não vai fugir, ela tá carregando um filho seu.

Assinto confiante e usando as palavras dele para tentar relaxar. Ele me puxa, me dá um breve abraço e fala:

— Boa sorte.

— Obrigado. — Dou um tapinha nas costas dele e me afasto.

— Ei, poderiam esperar o cara dizer: “pode beijar a noiva” antes de ficarem aí se atracando. — Magno olha para mim e Romeo. — Tudo limpo?

— Tudo. Está na hora.

— Na hora de sermos coniventes com a prisão

do nosso pobre irmãozinho. — Romeo ri, bate no ombro dele e caminhamos para nos juntarmos aos outros.

Eu cumprimento alguns convidados, aceno para outros e vou para o local marcado para eu ficar. Meu coração pulsa tão forte no meus tímpanos que não consigo escutar nada e minha visão não vê nada. Eu apenas faço tudo que me dizem. Vilma me leva até o altar, logo depois da entrada dos casais: Romeo e Olivia, Kate e Amadeo, Magno e Simone.

E quando a marcha nupcial começa a tocar, eu sinto uma aflição absurda. É como um gatilho que faz tudo voltar com força total, todas as merdas do passado: minhas noites insones, meus medos, minhas dores, minha tristeza profunda. Então olho para doutor Estevão na primeira fila e ele faz um gesto para eu respirar fundo. Sinto a mão de Vilma segurar de leve a minha, olho para ela, está sorrindo com lágrimas nos olhos. Vejo ao meu redor que todos estão aqui apoiando Angelina e eu, que o passado não é nada mais que uma lembrança dolorosa que será enterrado com essa nova

lembrança de hoje.

Então ela aparece lá na ponta da passarela com Eric. Meu coração se enche de muita paixão e eu dou um passo e mais dois para recebê-la. Angel sorri muito, focada apenas em mim. Seus olhos tem lágrimas, como os meus. Sei que sofremos muito esses sete anos, mas de alguma forma, agora com ela vindo ao meu encontro, com uma vida crescendo dentro de seu ventre, tenho certeza que estamos mais maduros e aptos a fazer dar certo.

Cumprimento Eric, recebo Angelina da mão dele e ela sussurra:

— Lá vamos nós, até que enfim.

Beijo sua testa.

— Por Deus. Até que enfim.

— O cara tá chorando, mano. — Isso foi Magno que disse quando eu chorei mesmo ao ouvir Angelina recitar os votos. Mas não qualquer voto, foi o que ela escreveu sete anos antes. Minha garganta travou.

NACIONAIS - ACHERON

— Pode parecer cedo demais. — Ela começou. — Mas existe tempo para ser feliz? Podemos estar nos amando daqui cinco anos, ou podemos estar nos matando de ódio. Mesmo que for de ódio, eu quero estar ainda sentindo algo por você. Você é apenas um garoto doido lá do subúrbio e eu, a garota bizarra da cidade. Hoje não quero pensar em tempo, Lorenzo, vou prometer ser fiel a você, te respeitar, estar ao seu lado na alegria e na tristeza, sem tempo ou limite. Como diz a música de Legião Urbana, temos nosso próprio tempo.

Quando ela colocou a aliança no meu dedo, eu estava inflado do tanto de emoção que senti. E incrivelmente soterrou qualquer merda ruim do passado que eu ainda carregava. Eu não escrevi meu próprio voto. Mas peguei a aliança, segurei a mão dela e olhando para seus olhos, cantei:

— “Das lembranças que eu trago na vida você é a saudade que eu gosto de ter... só assim sinto você bem perto de mim... Outra vez.” — Em seguida, com a voz recuperada, falei: — Angelina, aceite esse anel como prova do meu amor, minha

fidelidade e meu comprometimento com o nosso próprio tempo. Prometo ser fiel, te respeitar e estar ao seu lado na alegria e na tristeza, sempre.

— Com o poder a mim investido, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Nós nos beijamos ao som dos aplausos.

CINQUENTA

ANGELINA

Algum tempo depois...

É um menino. Por um momento, devido à minha comilança sem tamanho, eu jurava que fossem dois. Mas graças a Deus, o exame mostrou apenas um malvadinho. Eu fiquei muito feliz com a notícia, não mais que Lorenzo, claro. Talvez depois tenhamos uma menina. Mas agora, secretamente, eu queria bem no fundo, que fosse mesmo um menino.

Lorenzo passou o inferno com o pai. Ele tem medo do que pode acontecer com o filho dele, tem medo de algo dar errado e ele machucar nosso filho, como o pai dele fez. E eu torci, até pedi a Deus, que a gente tivesse um menino, para que Lorenzo pudesse dar ao filho e ensinar tudo o que ele gostaria de receber e aprender do pai. Menina seria ótimo, eu quero, sim, ter uma menina, mas aos poucos ela iria crescendo e se voltando mais para o lado de meninas, ficando mais próxima de mim.

Escolhendo assuntos de garotas.

Lorenzo chamou os irmãos para jantar na casa dele e anunciamos a todos que seria um menino. Mais feliz que Lorenzo, ficou o Magno que brindou a mais um puto da família Lafayette. Eu apenas ri. Olivia me tranquilizou e disse que Magno fala isso do Gael também.

Kate se firmou mesmo entre a gente. Sim, depois de tantas idas e vindas com Amadeo, eles se acertaram e de vizinho, ele passou a ser namorado oficial dela e já foram à Espanha ver os pais dele.

— *Y si el niño gusta de la moda?* — Amadeo interrompeu a comemoração de Magno.

— O quê? — Lorenzo parou com o copo quase perto da boca.

— Seguir os gostos da mãe. — Amadeo esclareceu.

— Olha, essa é uma coisa que não tinha pensado. — Olivia fica interessada. — O Gael também pode querer...

NACIONAIS - ACHERON

— Não coloca meu filho no rolo. — Romeo adverte.

— Cara, para de ser estraga prazeres. — Magno esbravejou com Amadeo. — Um Lafaiette costureiro? Nem parece que você é um de nós.

— Ainda mais sendo filho do Caballero. — Lorenzo concorda com Magno.

— Olha o machismo reinando... — Kate murmura já ficando indignada. — O menino será o que ele quiser, não pode?

— Sim, pode. — Lorenzo concorda. — E sei que ele não vai querer encostar na *Mademoiselle*.

— Você quis encostar e ainda tomou tudo para você. — Kate alfineta. — Por que seu filho também não pode querer ficar no lugar da mãe?

— Uhhhhhuu! — Olivia e eu vibramos com a tirada que Lorenzo levou.

— Por que ele já vai ter a Orfeu para herdar. — Magno rebate Kate e ela revira os olhos. —
NACIONAIS - ACHERON

Estamos aqui brindando mais um macho para a família, o futuro dele ainda não importa.

— Falando assim, até parece que um dia vai colocar um macho no mundo. — Eu não pude perder a oportunidade de provocar, Magno me olha indiferente.

— Talvez. Mas saiba que se eu fizer um, não vai ter pra mais ninguém. Pra filho de ninguém. O cara será da maior patente que existe, de deixar qualquer garotinha de queixo no chão. Se for para eu reproduzir, será um melhor que eu.

— Cuidado com a língua. — Olivia adverte. — Pode vir o contrário. Uma menina daquelas cheia de si, poderosa que coloque qualquer marmanjo no chão.

— Fique tranquila, cunhada. Sei o que estou dizendo, a fábrica aqui só tem botão de testosterona. Agora voltamos ao brinde, mais um Lafayette que vem aí para o meu pelotão de elite.

Só os homens levantam os copos. Kate, Olivia, Vilma e eu ficamos olhando a infantilidade

NACIONAIS - ACHERON

deles que estão de cerveja em punho e sorriso nas caras.

— Já tem nome para o guri, Lorevaldo? — Magno pergunta. Parece que a noite é dele e ele que conduz tudo.

Ao meu lado, Lorenzo me olha.

— Acho que será Nicolas. Estamos decidindo.

— Oh, que lindo! — Vilma junta as mãos e os olhos brilham. — Nicolas Lafaiette. Tem que ser esse nome.

— Nicolas Velasco Lafaiette. — Eu acrescento e Vilma assente com um leve sorriso. Quero mostrar que o filho será também meu, estão aqui comemorando o nascimento de um Lafaiette como se Lorenzo tivesse feito sozinho.

— Nicolas é bom. — Olivia diz — Queria colocar Nicolau no meu, mas Romeo achou por bem não fazer isso.

— Por causa da piadinha do “Nicolau, chupa NACIONAIS - ACHERON

meu pau”)? — Magno questiona. Romeo assente e ele prossegue: — Pensei nisso na hora que falou o nome.

— Se bem que um Lafaiette pode chamar Paulindo que ninguém vai zoar. — Todos nós olhamos para Romeo. Acho que só os homens entenderam por que estão rindo e tocando os copos de cerveja.

— Afinal, seria um Pau Lindo Lafaiette. — Magno concorda e então percebo o trocadilho.

E pensar que esses caras serão os modelos de figura masculina para meu filho. Não tem mesmo jeito dele escapar, se tornará como os tios e o pai. Mas não tenho medo, apesar de infantilidade, ao menos são pessoas de bem.

As meninas e eu ficamos assistindo-os brindarem enquanto eu saboreio uma taça de suco e cada uma delas uma taça de vinho.



Os dias se arrastaram, transformaram-se em

semanas e as semanas em meses. Beth continua presa, não conseguiu liberdade provisória, pois tem perigo de fuga e pode representar perigo a outras pessoas. A *Madde* estava progredindo, já tinha sido reformada, Lorenzo e eu anunciamos tudo que viria. A ala masculina e a de roupas íntimas. A mídia e o mercado ficaram em euforia.

Eu já estava enorme e me recusava a sair sempre de casa, com oito meses, era difícil até me locomover. Eu ficava a maior parte do tempo no meu apartamento, pois no de Lorenzo tem escada para ir para o quarto e meus pés estavam parecendo duas jacas de tão inchados.

— Só quero poder segurá-lo no colo logo. — murmurei, deitada com a cabeça no colo de Lorenzo. Os dedos dele fazendo cafuné nos meus cabelos, enquanto assistimos TV.

— Será logo. Mal posso esperar também.

— Já está tudo bem? Conformou-se mais em ser pai?

— Como não me conformar? Mal podemos

NACIONAIS - ACHERON

entrar nos closets dos dois apartamentos com tanta coisa que você comprou. Um bebê precisa de tudo aquilo? É fralda pra caralho.

— Sim. E eu não queria amontoar no quartinho dele.

— Nos quatinhos dele. — ele me corrige rindo.

— Nosso malvadinho é o único bebê que tem dois quartos. Um na casa do pai, um na casa da mãe e os pais vivem juntos.

— Ele é especial. Nosso malvadinho terá dois quartos, três avós, contando com Lourdes, um tio depravado e será herdeiro duplo.

— Verdade. — Eu levanto a cabeça olhando para ele. — Ele herdará a Orfeu junto com os primos e a Madde sozinho.

— Está vendo? Quem é o filho de Magno perto do nosso poderoso chafinho?

Eu dou uma gargalhada e volto a deitar no
NACIONAIS - ACHERON

colo dele. Lorenzo abaixa e me dá um beijinho nos lábios. Depois afasta um pouco e sorrindo diz:

— Você está muito gorda, quase nem consegui me curvar para te beijar.

Dou um tapa nele e tento me levantar. Lorenzo não deixa.

— Seu ridículo. — Já ficou ouriçada de raiva.

— Sua tolona. Tolona no sentido de ser uma completa tola e não de ser tola grandona. — Ele explica antes de outro tapa e eu acabo rindo.

— Besta.

— Bestona. — Torna a se curvar e me dá mais um beijo. — Te amo mesmo estando do tamanho de uma geladeira.

— Para, Lorenzo! Já estou traumatizada! — Choramingo.

— Quem é a barrigona maior e mais linda do mundo?

PERIGOSAS

Não tem jeito, acabo rindo, mesmo com raiva.

NACIONAIS - ACHERON

CINQUENTA E UM

LORENZO

Eu não tive uma reação de desespero, suor frio ou pavor quando o Nicolas veio ao mundo. Eu tinha empurrado um calmante goela adentro, então estava de boa lá ao lado de Angelina segurando a mão dela e sorrindo como se tivesse uma câmera apontando para mim e para a foto. Estava bem chapado parecendo um besta sorrindo para médicos e enfermeiros. E quando por acaso um olhava para mim, eu dava um sinal de joia com o dedo e dizia coisas como: "E aí? Tudo joia com você?" Ou então "pois não?"

Quando ouvi o choro do bebê, sorri preguiçosamente para Angelina e me levantei para olhar.

Se fosse em meu estado normal, eu nem mesmo tinha me sentado, acho que nem estaria nessa sala ou aqui no hospital, e sim por aí dirigindo sem rumo, morrendo de aflição,

NACIONAIS - ACHERON

preocupação, pavor.

Mesmo com meu corpo fortemente estabilizado pelo tranquilizante que doutor Estevão me deu, uma emoção forte bateu em mim quando vi o bebê. Uma emoção que jamais senti em toda minha vida, algo diferente, não era apenas alegria, não era apenas estar feliz, era algo tão forte que me fez esquecer meus problemas, fez-me ter foco apenas nessa pequena vida, um forte sentimento de muito amor e proteção.

Juntei-me a Angelina quando uma enfermeira colocou o bebê enroladinho nos braços dela. Angel estava chorando e rindo, ficamos ali, rindo como bobos para nosso malvadinho. Indiferente aos pais corujas, ele parou de chorar e ficou quietinho, de olhinhos fechados, tão pequenino, cabelos negros e fartos, ainda úmidos.

Pequenino no sentido de ser um bebê, pois em relação aos outros, ele era enorme. Meu primogênito nasceu com quatro quilos e cem. Por isso, Angelina estava comendo feito uma condenada.

Minha vida passou a ter um novo sentido a partir daquele dia.



Nosso primeiro mês como pais foi um desastre organizado. Estávamos loucos, pirados, entretanto muito felizes. Aprendemos a organizar nossa agenda com base na agenda de Nicolas que com um mês já comandava tudo. Eu e Angelina nos revezávamos à noite. Se eu não fizesse isso, não ajudasse, ela acabaria pirando de vez. Acontece que nosso malvadinho, é mesmo um malvadinho. À noite, o povo só dorme se ele dormir. Não achava que bebê atingia esse timbre de berro.

— Volte a dormir. — Ela dizia quando eu levantava para ficar com ele e ela dormir um pouco nas noites em que ele tinha insônia e queria ficar só no colo. Se colocasse no berço, a confusão estava armada.

— Papai vai tirar dois por cento de sua herança se não dormir agora. — Eu ameacei, mas não teve jeito. Ele apenas me encarava indiferente, com seus grandes olhos azuis atentos.

Olhei para Angelina, enquanto estava no meio do quarto ameaçando baixinho nosso bebê. Ela estava deitada sorrindo para mim.

— O que foi?

— Vocês dois se dão muito bem. E olha que você não queria...

— Deus me livre de ter ficado sem conhecer esse boca grande — Interrompi-a — O cara só sabe comer e berrar.

— Acho que puxou você. — ela alfinetou.

— Comer e berrar não é comigo e você sabe quem tem essas características, meu amor. — corrigi. Angelina sentou na cama, calçou as pantufas e veio para perto de mim.

— Vamos à cozinha? Falar de comer me deu fome.

— São duas da manhã.

— Dane-se. Aproveitar e ver se sobrou o
NACIONAIS - ACHERON

calmante natural que Vilma fez para o bebê.

O calmante natural nada mais é que suco bem concentrado de maracujá. Tem que dar uns dois ml e às vezes dá certo. Os médicos recomendam que até os seis meses, o bebê deve tomar apenas leite materno, mas Vilma disse que não tem nada a ver. Que aos três meses, Magno já não aceitava mais peito e queria leite de vaca, que tinha mais sustância. Fico me perguntando como ele deixou de mamar tão cedo e hoje vive a vida atrás de peitos. Romeo foi o que mais demorou no peito. Um ano e oito meses.

Um detalhe curioso sobre Nicolas, o bárbaro. Quando estiver com ele no colo, a pessoa não pode sentar. Tem que ficar de pé. Angelina se apressa em medir um pouquinho do suco concentrado em uma mamadeira pequenina, entrega-me para eu lhe dar e vai procurar algo para ela comer.

— Calma, rapaz, não engole minha mão. — murmurei ao me deparar com tanta voracidade e acabou dando certo. Depois que ela comeu, eu comi alguma coisa também, fomos para o quarto e

logo percebi que o sono bateu nele como uma martelada. Angelina deitou-se e ficou olhando para mim, de pé balançando-o suavemente.

Como se fosse um duelo, ele me encarava, os olhinhos quase fechando de sono, pescando descaradamente, mas não dava o braço a torcer.

— Durma, senão vou tomar sua parte na *Mademoiselle*.

— Deserde ele logo, amor. — Angelina sugeriu, rindo.

Mas não precisou ser tão radical. Ele sucumbiu ao sono. Outra coisa sobre bebês, têm que aprender a jogar o jogo deles. Não deve, quando ele acabar de dormir, correr e sentar ou colocá-lo no berço. Ele saberá que está sendo passado pra trás e acordará. Precisa ficar algum tempo, uns bons dez minutos, com ele dormindo como se nada tivesse acontecido. E quando ele der os primeiros sinais de sono pesado, como bracinho mole ou chupeta escorregando da boca entreaberta, aí pode colocar no berço. Pelo menos com esse é

assim que funciona.

Hoje, ele já está com três meses. Não está mais com aquelas putarias de ficar noites acordado. E não preciso mais ameaçar tirar dois por cento da herança dele.

Vimos, ou melhor, doutor Estevão disse que não é bom para o bebê ter dois lares, ainda mais com os pais vivendo juntos. Nem eu e nem Angel queremos desfazer dos nossos apartamentos, mas será necessário conforme ele for crescendo, sem falar que nos casamos, podem vir mais malvadinhos por aí. Então estou agora reformando a casa que era dos meus pais para morar com minha família.

É uma grande ironia. A casa que eu nunca queria, a casa da qual eu fui expulso uma vez, e que me trouxe tanta mágoa, agora está ganhando novas cores, novos móveis, nova repaginação e será um lugar em que recriarei minha história. Não poderia ser melhor, dar aquela casa ao meu filho e possíveis futuros filhos um lar agradável e feliz. Como nunca tive.

Ainda vai demorar um pouco, uns meses e, até lá, viveremos nosso mundinho itinerante, indo de uma casa para outra.



— No fim, isso será como aquelas novelas com mil crianças. — Angel diz ao meu lado, no carro. Atrás, Nicolas dorme na cadeirinha. Rio para ela. Acabamos de vir da casa de Romeo. Ele deu um jantar para dizer que o bebê que Olivia espera é uma menina e se chamará Laura.

Eles também vão subir ao altar daqui a uns dois meses. O Gael já começou a caminhar e tenta falar as primeiras palavras. Esperto que dói. Um dia desses, Olivia riu de chorar, pois Magno estava com ele no colo e falou:

— Titio, fala xoxota.

E o bebê animado, mais que depressa, respondeu: "totota".

Foi uma das primeiras palavras depois de mamá e papá. Romeo, o besta, queria mandar

anunciar que o filho dele falou "papai". Nem posso julgar, pois não vejo a hora do meu falar.

— Falta a Kate. — Eu digo a Angelina.

— Esquece. Você viu a Kate, ela quer curtir com o namorado dela. Mas falta o Magno.

— Só se a camisinha estourar e mesmo tomando pílula, a mulher engravidar. Sem falar que Magno quer fazer vasectomia.

— Sério? — ela me olha meio chocada.

— É. Só tá criando coragem, pois na mente pequena dele, acha que vai perder a masculinidade.

— Nossa. Que vergonhoso! E o caso dele lá com aquela famosa?

— Do mesmo jeito. Aquele vexame que saiu nos jornais, os dois pagando mico.

— Desculpe — Angelina me olha segurando o riso — Foi engraçado.

— É, eu sei. Coisa do Magno e ela também não é flor que se cheire.

Chegamos em casa, colocamos Nick no berço, pegamos um vinho e corremos para a banheira. Agora não é apenas o som com uma boa música, tem babá eletrônica ali do lado. Ficamos loucos por momentos assim, só nossos. Às vezes pedimos a uma das avós para ficar com Nick para Angel e eu nos encontrarmos.

Ela se recosta em mim, dentro da banheira e eu começo a massagear seus ombros.

— Ah! Que relaxante.

— Está tensa demais. Tem que tirar um tempo da empresa.

— Tenho mesmo, — incrivelmente, ela concorda — quero viajar e ficar em um lugar distante com meu marido e meu filho. Só nós três.

— Então vamos marcar logo o destino, antes que você mude de ideia. Também preciso. — Escorrego as mãos para os seios dela e seguro os
NACIONAIS - ACHERON

dois. Meu pau sobe imediatamente. Esses dias nosso sexo tem sido na correria, na sala dela, na empresa, no sofá aqui do meu apartamento ou do dela, na cozinha, às vezes nem tiramos as roupas. Nick, o fiscal de foda, parece que pressente quando os pais estão na safadeza. Já dá o berro dele.

Faz isso com o papai não, meu filho. Sempre quem acaba na pior sou eu. A música termina e começa um modão. *“Doente de amor, procurei remédio na vida noturna...”*

— Ah, não, Lorenzo. Tira isso.

— Não, deixa.

— Senão perco o tesão. — Ela adverte e eu ergo o braço para mudar a música. A próxima começa e ficamos nos olhando sorrindo, apesar de ser das antigas.

— Parece que foi ontem que Lucas chegou me dando aquelas malditas ordens. — Ela comenta, nostálgica.

— Já faz mais de um ano e ainda quero fazer
NACIONAIS - ACHERON

de tudo para te retribuir. Fui um escroto.

— Já retribuiu e muito, meu amor. Só pelo fato de estamos crescendo juntos, como uma nova família e crescendo como pessoas... amadurecendo.

— E tem essa cola para nos deixar mais juntos, uma cola em forma de pirralho que não deixa a gente trepar nem dormir em paz, mas que amamos mais que a nós mesmos. Nosso bem maior.

— Sim. Nosso bem maior.

Ela vira o pescoço para trás e me beija. Afastamos um pouco para nos olharmos. Sorrimos com os olhos. Os olhos azuis de Angelina que sempre me encantaram desde a primeira vez quando ela os abriu lá naquele sofá do *Búfalo*.

— Você me faz rir, garota da cidade. — sussurro uma das frases que lhe disse quando nos conhecemos.

— Costumam falar isso de mim, garoto do subúrbio. — Ela responde. Nós nos beijamos de
NACIONAIS - ACHERON

novo e viramos o rosto ao mesmo tempo para a caixa acústica que toca a música que decidimos deixar. E então, começamos a cantar juntos o refrão, que se enquadra perfeitamente em toda nossa história. Desde o dia em que acompanhei aquela garota rica e esnobe até o carro dela estacionado na rua do *Búfalo*.

"Tentei te esquecer..."

Não deu.

Pensei que fosse mais forte que esse amor.

Oh, minha paixão!

Sou teu.

*Por mais que eu queira disfarçar como
estou...*

O meu coração, se nega a aceitar...

Passa o tempo e eu não esqueço de te amar."

"Tentei te esquecer" — Mato Grosso e

PERIGOSAS

Matias

NACIONAIS - ACHERON

EPÍLOGO

MAGNO

Meus irmãos ficam numa zoação do cacete, dizendo que estou correndo atrás de mulher. Vim para a Espanha representando a empresa e claro, dar uma passadinha no teatro onde teria uma apresentação da violoncelista mais popular do momento. Que se foda o que eles acham.

Quem me julgar merece um tiro na cara, pois tenho certeza que muito marmanjo corre atrás de jogador de futebol, pra tirar foto e baba-ovo. Por que não posso ir assistir uma apresentação da dona de parte das minhas punhetas? Quando tenho punhetas, lógico, pois isso acontece mais raramente do que chuva no deserto. Afinal, sou o Rei de Copas, boceta não me falta.

Abre brevemente um parágrafo para explicação. A violoncelista em questão, é Lavínia Torres. Brasileira e muito famosa mundo afora. Eu a conheci pouco mais de um ano, quando estava sem o que fazer. Abri o *Youtube* de boa e a vi em

uma daquelas propagandas filhas da puta que tem que esperar cinco segundos para pular e começar o vídeo. Mas eu não pulei os cinco segundos, deixei o vídeo todo, pois aquela morena me deixou de pau duro instantaneamente sem nem ter feito menção de tirar a roupa. Apenas estava lá tocando violoncelo.

Agora, deixei meus irmãos lá no Brasil, um deles, o Romeo, acabou de encontrar seu grande amor e está alucinado. Virou pai de família. O outro foi para o ninho da serpente cutucar com vara curta e acabou capturado. Dei todo tipo de conselho para Lorenzo não ir mexer com a víbora, mas ele está seguindo seus instintos mais conhecidos como fracasso do Lorevaldo.

Vim ao teatro com Amadeo que veio resolver uns problemas aqui na Espanha. Eu e ele nos desentendemos por causa da Kate, mas já está tudo certo. A música que Lavínia Torres tocava era *Take me to Church*, algo como: "Leve-me à igreja". Já conhecia essa música e por me considerar um pecador inveterado, eu a tinha como trilha sonora para mim mesmo, o amante que leva à loucura mulheres de sorte. Não canso de me gabar que sou,

sim, o cara, sou, sim, o comedor supremo, sou, sim, o magnânimo.

Nunca pedi remissão para as coisas que muitos julgavam ser politicamente incorretas. Foi dessa música que peguei uma frase e fiz dela minha frase de vida:

*"Minha igreja não oferece absolvição,
Ela só me diz, Louve entre quatro paredes"*

Acredito em sentir e dar prazer. Acredito nas minhas próprias ideias sobre fatos cotidianos da sociedade e se não gostar, suma da minha frente. Boceta, como, de todas que vierem, mas aguentar conversinha, não é comigo. Por isso, que muitos caras transam com babás e empregadas. Elas são perfeitas. Cuidam de sua casa, de seus filhos, na cama dão mais que a esposa, em qualquer posição e nem vão ficar de *mimimi* fingindo indisposição. Entendam que isso para o cara é apenas sexo. Ele não vai trocar de mulher, vai seguir com sua vida, com sua esposa e sua família. Eu não desprezo as mulheres, eu as amo, só me considero diferente por saber colocar cada uma em seu devido lugar.

Agora estou sentado no meio de uma seletiva plateia, no meu smoking, olhando para a mulher que tira de um violoncelo, uma melodia chocante, arrepiante, não consigo nem piscar. A violoncelista toca justamente a música a que me referi. Nunca nos vimos, ou melhor, ela nunca me viu, mas eu a conheço. Conheço cada ponto dessa mulher. Esse rosto expressivo, essa pele morena cor de jambo, seus belos cabelos negros — agora presos em um arrumado penteado — e seu talento único. Ela é a estrela desse espetáculo, toca a música numa clareza vibrante, sendo acompanhada por um piano e violinos. Ela é única, a expressão dela ao arrancar cada nota. É perfeita! Ela incorpora a música, domina cada nota. Eu vim aqui, à Espanha, só para assistir a isso.

E quando ela termina a música, levanta-se numa elegância magnífica expondo seu belo corpo forrado por um longo e elegante vestido, eu fico estremecido. A plateia toda ergue-se ovacionando-a, mas eu fico ali, sentado, perplexo, deliciando-me e imaginando mil coisas que jamais poderei fazer com ela.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

CONTINUA EM AMANTE SECRETO

SINOPSE

Lavínia sempre foi mente aberta, ainda mais para o sexo e acaba aceitando uma proposta do seu noivo que é um voyeur para que ela tenha relação com outro homem, enquanto ele assiste. Mas, ao conhecer o homem que será seu parceiro naquela noite, ela fica embasbacada com a bela visão.

Ela não sabe e nem quer saber nada sobre o belo e instigante homem que a leva a altos níveis de prazer, afinal, ela não quer ligação alguma com outro; ele é apenas seu amante secreto, nomeado por ela como Tanque de Guerra e nada mais que isso. Nada mais fora daquele clube.

E não, nesse caso, regras não eram para serem quebradas.

[1] Quinn, Julia. O Duque e Eu. Editora Arqueiro, 2013

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON